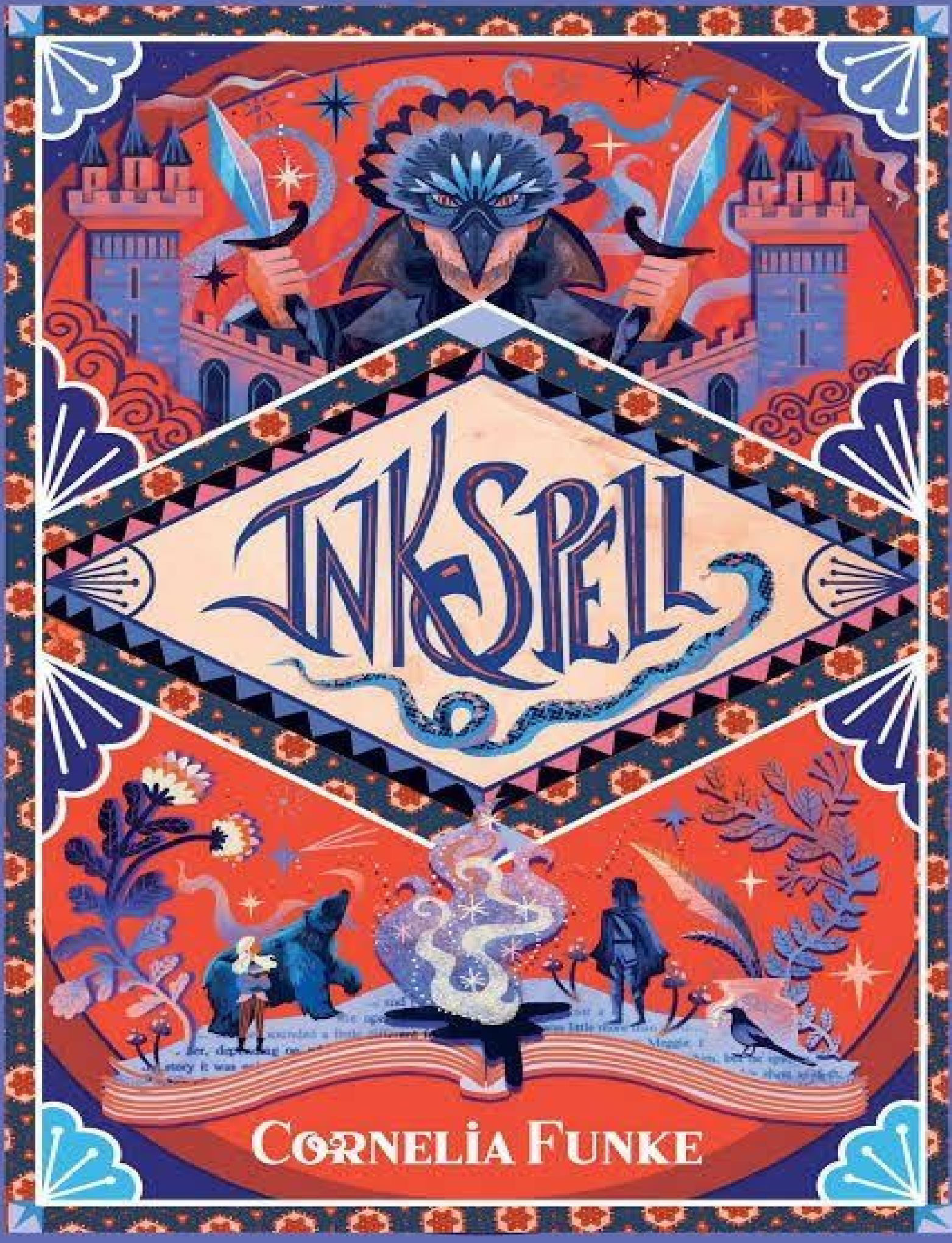

INKSPELL
CORNELIA FUNKE

SANGUE DE TINTA



CORNELIA FUNKE

SANGUE DE TINTA

Ilustrações
Cornelia Funke

Tradução
Sonali Bertuol

CIA. DAS LETRAS

Agradecimentos

Ainda existe em alguns leitores a falsa crença de que um livro está pronto quando a última palavra foi escrita. Mas por que então demora ainda quase um ano até que um manuscrito se torne um livro? Porque precisa ser editado, ilustrado, corrigido, impresso, encadernado... Um livro não é de maneira alguma apenas a obra do autor, ele seria algo bastante defeituoso e não muito apresentável sem a ajuda de muitas outras pessoas, às quais eu gostaria de agradecer aqui.

Meu primeiro agradecimento é para minha editora Ursula Heckel. Também desta vez ela foi a primeira que precisou abrir caminho na pilha de folhas que entreguei. Duas pastas grossas repletas de páginas cheias de texto impresso! E, em cada página, era preciso procurar erros, contradições, inadequações de linguagem — sem se deixar envolver totalmente pela história.

Meu segundo agradecimento é para a produtora da editora Cecilie Dressler, Martina Petersen, que faz seu trabalho com paixão e conhecimento. Os problemas de elaboração da capa de Coração de tinta e Sangue de tinta não teriam sido solucionados sem a sua ajuda. E desta vez ela também conseguiu dar a forma de livro que eu imaginei para as minhas histórias. Muito, muito obrigada.

Meu terceiro obrigada é para uma encadernadora; Anke Metz me contou tudo o que eu precisava saber sobre a arte da restauração de livros. E, quando a história finalmente estava escrita, ela examinou mais uma vez as partes que tratavam da arte que ela exerce há tantos anos de forma magistral. Mo e eu agradecemos, muitas, muitas vezes!

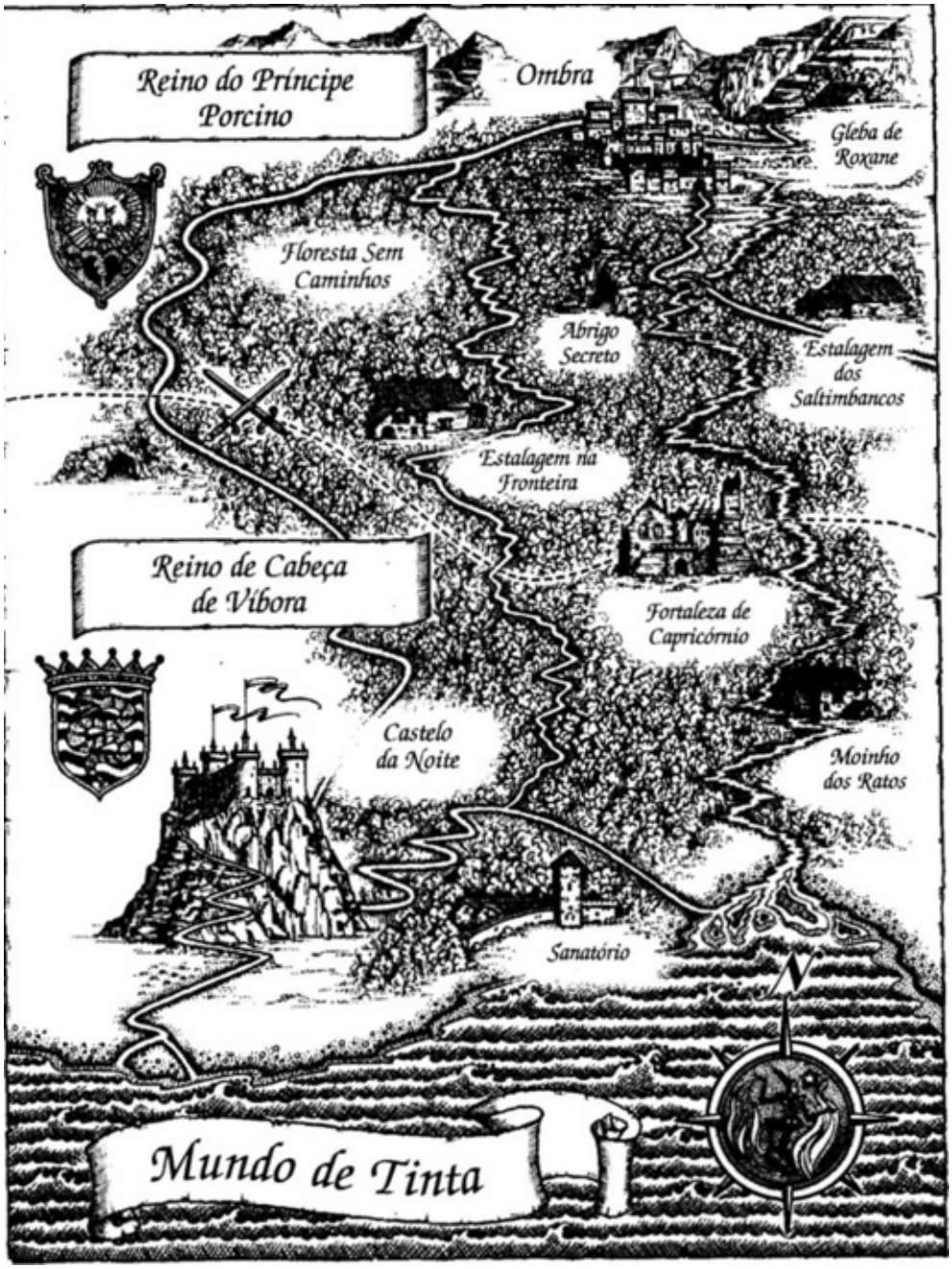
Existem ainda várias outras pessoas a quem devo agradecer — Katja Muissus, por exemplo, que configurou visualmente os anúncios da editora Cecilie Dressler para o meu livro, que ficaram lindíssimos; os revisores Jutta Kirchner e Udo Bender, que sacrificaram muitas horas para, com rigor e conhecimento especializado, encontrar os possíveis últimos erros de composição; gráficos, encadernadores e, sobretudo, todos os funcionários da editora Cecilie Dressler, ainda que seus nomes não estejam listados aqui, pois para isso seria necessário outro livro.

Mas depois que o livro está pronto, o trabalho ainda não acabou — agradeço muito a Frauke Wedler-Zinn, que faz dos extenuantes trabalhos de imprensa um prazer, a Judith Kaiser, que levará os livros às livrarias.

E ao último, mas sem dúvida não menos importante, elo da cadeia: um grande muito obrigada de tinta preta a todos os livreiros que levam este livro para o lugar onde somente então ele começa a respirar — as mãos do leitor!

Saudações...

de Los Angeles, Cornelia Funke


Reino do Príncipe Porcino
Ombra
Gleba de Roxane
Floresta Sem Caminhos
Abrigo Secreto
Estalagem dos Saltimbancos
Estalagem na Fronteira
Reino de Cabeça de Víbora
Fortaleza de Capricórnio
Castelo da Noite
Moinho dos Ratos
Sanatório
N
Mundo de Tinta

1. Palavras sob medida

Linha por linha

Meu deserto particular

Linha por linha

Meu paraíso

Marie Luise Kaschnitz, *Um poema Anoitecia, e Orfeu ainda não estava lá*.

O coração de Farid batia acelerado, como sempre acontecia quando o dia o deixava sozinho com a escuridão. Maldito Cabeça de Queijo! Onde ele havia se enfiado? Nas árvores, os pássaros já silenciavam, como que sufocados pela noite que se aproximava, e as montanhas ao redor tingiam-se de negro, como se o sol poente as tivesse chamuscado. Logo todo o mundo estaria escuro, negro como o breu, até mesmo a relva sob os pés descalços de Farid, e os espíritos começariam a sussurrar. Farid conhecia apenas um lugar em que se sentia a salvo deles: perto de Dedo Empoeirado, perto a ponto de sentir seu calor. Dedo Empoeirado não temia a noite, ele a amava.

— O que foi? Está ouvindo as vozes novamente? — ele perguntou quando Farid se aproximou. — Quantas vezes vou ter que repetir? Neste mundo não há espíritos. É uma das poucas vantagens que ele tem.

Ele estava encostado num carvalho, parado, os olhos atentos à estrada deserta. Um pouco mais acima, um lampião iluminava o asfalto rachado, ali onde as casas se curvavam diante das montanhas escuras, menos de uma dúzia, grudadas umas nas outras, como se temessem a noite feito Farid. A casa em que Cabeça de Queijo morava era a primeira. Atrás de uma das janelas, uma luz estava acesa. Agora já fazia mais de uma hora que Dedo Empoeirado olhava para lá. Farid tentara várias vezes também ficar ali imóvel, mas seus membros simplesmente não queriam ficar quietos por tanto tempo.

— Vou subir para ver onde ele está.

— Vai nada! — O rosto de Dedo Empoeirado continuava impassível, como sempre, mas sua voz o denunciava. Farid percebeu nela a impaciência... e a esperança, que simplesmente não queria morrer, embora ele tivesse se decepcionado tantas vezes. — Tem certeza de que ele disse "sexta-feira"?

— Tenho! E hoje é sexta-feira, certo?

Dedo Empoeirado apenas confirmou com a cabeça e afastou do rosto uma mecha de seus cabelos compridos até os ombros. Farid havia tentado deixar os seus crescerem também, mas eles se encrespavam e arrepiavam, tão rebeldes que ele acabou por cortá-los curtos com a faca novamente.

— Sexta-feira, na parte baixa da aldeia, às quatro horas, foi o que ele disse. Enquanto seu cão nojento rosnava para mim como se não tivesse apetite para outra coisa a não ser um garoto moreno de carne firme! — O vento acariciou Farid por baixo de seu pulôver fino, e ele esfregou os braços com frio. Quatro horas... Farid praguejou em voz baixa e olhou para o céu. Mesmo sem relógio ele sabia que já era tarde. — Escute, ele quer nos fazer esperar, aquele cretino

metido!

A boca estreita de Dedo Empoeirado esticou-se num sorriso. Tornava-se cada vez mais fácil para Farid fazê-lo sorrir. Talvez por isso ele tivesse prometido levar Farid com ele, caso Cabeça de Queijo realmente o mandasse de volta. De volta para seu mundo, criado com papel e tinta de impressão e com as palavras de um velho homem.

"Que nada!", pensou Farid. "Por que justamente esse Orfeu faria aquilo que os outros não conseguiram?" Haviam sido tantos os que tinham tentado... Gago, Vista de Ouro, Língua de Corvo... Todos vigaristas que levaram seu dinheiro...

Atrás da janela de Orfeu a luz se apagou, e Dedo Empoeirado endireitou-se bruscamente. Uma porta bateu. Passos começaram a se aproximar na escuridão, passos apressados, irregulares. Então Orfeu apareceu sob a luz do lampião solitário — Cabeça de Queijo, como Farid o batizara em segredo, por causa de sua pele clara e porque, no sol, suava como um pedaço de queijo. Ofegante, ele descia a ladeira íngreme; ao lado dele, seu cão Cérbero, feio como uma hiena. Quando avistou Dedo Empoeirado na beira da estrada, parou e acenou com um sorriso largo.

Farid segurou o braço de Dedo Empoeirado.

— Olhe que sorriso idiota. Falso como ouro de gato! — ele sussurrou. — Como você pode confiar nele?

— Quem disse que confio? O que há com você? Por que está tão irrequieto? Será que prefere ficar por aqui? Automóveis, imagens que correm, música enlatada, luz que expulsa a noite... — Dedo Empoeirado subiu no muro baixo, da altura dos seus joelhos, que beirava a estrada.

— Você gosta de tudo isso. E vai se aborrecer lá aonde quero ir.

O que ele estava dizendo? Como se não soubesse muito bem que Farid só desejava uma coisa: ficar com ele. Irritado, Farid quis responder, porém um estalido seco como o de botas pisando num galho o fez se virar bruscamente.

Dedo Empoeirado também ouvira. Ele parou e escutou. Mas entre as árvores não se enxergava nada, apenas os galhos movimentavam-se com o vento, e uma mariposa, pálida como um fantasma, voou no rosto de Farid.

— Desculpem! Estou um pouco atrasado! — Orfeu exclamou de longe.

Farid ainda não conseguia compreender que uma voz como aquela pudesse sair de tal boca. Eles tinham ouvido falar daquela voz em algumas aldeias, e Dedo Empoeirado imediatamente começara a procurar, mas somente haviam encontrado Orfeu na semana anterior, numa livraria, lendo contos de fadas para um grupo de crianças, das quais aparentemente nenhuma notara o anão que de repente surgira atrás de uma das estantes cheias de livros velhos e gastos. Mas Dedo Empoeirado vira, pegara Orfeu no momento em que ele ia entrar em seu automóvel, e finalmente lhe mostrara o livro, o livro que Farid amaldiçoara mais do que qualquer outro objeto.

— Oh, sim, conheço esse livro! — sussurrara Orfeu. — E você — ele acrescentara quase com devoção e olhara para Dedo Empoeirado como se quisesse examinar melhor as cicatrizes em sua face —, você eu também conheço. Você é o melhor dele. Dedo Empoeirado! O cuspidor de fogo! Quem foi que o leu para cá, para a mais triste de todas as histórias? Não diga nada! Você quer voltar, não é? Mas não consegue encontrar a porta, a porta entre as letras! Não tem problema. Posso fazer uma nova para você, com palavras sob

medida! Por um preço camarada. Caso seja realmente quem estou pensando!

Preço camarada! Uma ova. Eles tiveram que lhe prometer quase todo seu dinheiro e, ainda por cima, esperar por ele horas a fio naquele lugar amaldiçoado, naquela noite que ventava e cheirava a espíritos.

— Você está com a marta? — Orfeu apontou a lanterna para a mochila de Dedo Empoeirado. — Você sabe que Cérbero não gosta dela.

— Não, ela está por aí arrumando alguma coisa para comer. — O olhar de Dedo Empoeirado voltou-se para o livro que Orfeu segurava debaixo do braço. — E então? Você está... pronto?

— Mas é claro! — O cão arreganhou os dentes e fixou o olhar em Farid. — No começo, as palavras estavam um pouco rebeldes. Talvez porque eu estivesse muito agitado. Como já lhe disse no nosso primeiro encontro, este livro — Orfeu passou a mão na capa — era o meu preferido quando criança. Com onze anos, eu o li pela última vez. Ele foi roubado da acanhada biblioteca da qual eu sempre o emprestava. Infelizmente, eu era muito covarde para roubar, porém nunca mais me esqueci do livro. Ele me ensinou para sempre que com palavras é muito fácil escapar deste mundo! Que se encontram amigos entre as páginas, amigos maravilhosos! Amigos como você, cuspidor de fogo, gigantes, fadas!... Sabe o quanto chorei por você quando li sobre a sua morte? Mas você está vivo e tudo vai dar certo! Você vai recontar a história...

— Eu? — interrompeu-o Dedo Empoeirado com um sorriso sarcástico. — Não, acredite, são outros que fazem isso.

— Bem, talvez! — Orfeu pigarreou como se estivesse constrangido por ter revelado tanto a respeito de seus sentimentos. — Seja lá como for, é muito chato

eu não poder ir com você — ele disse enquanto se dirigia com seu passo desengonçado para o muro na beira da estrada. — O leitor tem que ficar, é a regra. Tentei de tudo para eu mesmo entrar num livro, mas simplesmente não funciona — com um suspiro, ele parou, pôs a mão sob seu casaco mal-ajambrado e tirou de dentro uma folha de papel. — Bem, aqui está o que você encomendou — ele disse para Dedo Empoeirado. — Palavras maravilhosas apenas para você, uma rua de palavras que o levará diretamente para casa. Aqui está, leia!

Hesitante, Dedo Empoeirado pegou o papel. Ele estava coberto de letras miúdas, inclinadas, entrelaçadas como num bordado. Dedo Empoeirado passou o dedo pelas palavras como se antes precisasse mostrá-las a seus olhos, enquanto Orfeu o observava como um garotinho que espera o professor dar a nota.

Quando Dedo Empoeirado finalmente ergueu a cabeça novamente, sua voz soou surpresa.

— Você escreve muito bem! Magníficas palavras...

Cabeça de Queijo ficou vermelho como se alguém tivesse derramado suco de amora em seu rosto.

— Fico feliz que tenha gostado!

— Sim, gostei muito! Tudo conforme lhe descrevi. Só que soa um pouco melhor.

Com um sorriso encabulado, Orfeu tomou de volta o papel das mãos de Dedo Empoeirado.

— Não posso prometer que a hora do dia será a mesma — ele disse abafando a voz. — As leis da minha arte são difíceis de penetrar, mas, acredite, ninguém sabe mais sobre elas do que eu! Por exemplo, só se deve alterar ou prosseguir a trama de um livro usando as mesmas palavras que se encontram nele. Com um excesso de palavras estranhas, não acontece nada ou então acontece alguma coisa que não se pretendia! Talvez seja diferente quando é o próprio autor que...

— Por todas as fadas, dentro de você há mais palavras do que em toda uma biblioteca! — Dedo Empoeirado interrompeu-o impaciente. — Que tal se agora você simplesmente lesse?

Orfeu calou-se abruptamente, como se tivesse engolido a própria língua.

— Claro — ele disse com uma voz ligeiramente magoada. — Você verá. Com a minha ajuda, o livro vai recebê-lo de volta como a um filho perdido. Ele vai absorvê-lo como o papel a tinta!

Dedo Empoeirado apenas assentiu com a cabeça e olhou para a estrada deserta. Farid sentia como ele gostaria de acreditar em Cabeça de Queijo e o medo que tinha de se decepcionar novamente.

— E eu? — Farid se pôs bem perto dele. — Ele também escreveu algo sobre mim, não é? Você conferiu?

Orfeu lançou-lhe um olhar pouco amistoso.

— Meu Deus! — ele disse em tom sarcástico para Dedo Empoeirado. — O

garoto parece realmente amarrado em você! Onde o apanhou? Na beira de alguma estrada?

— Não exatamente — respondeu Dedo Empoeirado. — Quem o colheu da sua história foi o mesmo homem que também me fez esse favor.

— O tal... Língua Encantada? — Orfeu pronunciou o nome em tom depreciativo, como se não acreditasse que alguém o pudesse merecer.

— Sim, é esse o seu nome. Como você sabe disso? — a surpresa na voz de Dedo Empoeirado era evidente.

O cão farejou os dedos nus dos pés de Farid, e Orfeu sacudiu os ombros.

— Mais cedo ou mais tarde a gente acaba ouvindo falar de todos que são capazes de dar vida às palavras.

— Ah, é? — a voz de Dedo Empoeirado soou incrédula, mas ele não fez mais perguntas. Apenas olhou para o papel que estava coberto com a letra miúda de Orfeu. Cabeça de Queijo, porém, ainda olhava para Farid.

— De que livro você vem? — ele perguntou. — E por que não quer voltar para sua história em vez de ir para a dele, onde você não tem nada que procurar?

— O que você tem a ver com isso? — respondeu Farid em tom hostil. Gostava cada vez menos de Cabeça de Queijo. Ele era muito curioso e muito esperto, esperto demais.

Dedo Empoeirado, porém, apenas riu baixinho.

— Para a história dele? Não, Farid não tem um pingo de saudades de casa. O garoto troca de história como uma cobra troca de pele. — Farid quase ouviu algo como admiração na voz de Dedo Empoeirado.

— Não diga! — Orfeu olhou novamente para Farid com tanto desdém que o garoto teria chutado seus joelhos desengonçados se aquele cão do inferno, que ainda o encarava com seus olhos famintos, não estivesse lá. — Muito bem — disse Orfeu enquanto se sentava no muro. — Assim mesmo devo adverti-lo! Ler você de volta será uma bagatela, mas o garoto não tem nada que procurar na sua história! Não posso mencionar o nome dele. Fala-se apenas de um garoto, como você viu. Não posso garantir que funcione. E mesmo que funcione, provavelmente ele só criará confusão. Talvez até lhe dê azar!

Do que estava falando aquele sujeito maldito? Farid olhou para Dedo Empoeirado. "Por favor!", ele pensou. "Oh, por favor! Não o escute! Leve-me com você!"

Dedo Empoeirado retribuiu seu olhar. E sorriu.

— Azar? — ele disse, e em sua voz se ouvia que ninguém precisava lhe ensinar nada sobre azar. — Nada disso. O garoto me dá sorte. Além do mais, ele é um cuspidor de fogo bastante bom. Ele vai comigo. E este aqui também. — Antes que Orfeu entendesse a que ele se referia, Dedo Empoeirado pegou o livro que Cabeça de Queijo havia posto ao seu lado, em cima do muro. — Você não precisa mais dele, e eu dormirei consideravelmente mais tranquilo se ele estiver em meu poder.

— Mas... — Orfeu olhou para ele espantado. — Mas eu lhe disse que é o meu livro favorito! Eu realmente gostaria de ficar com ele.

— Pois é, eu também — Dedo Empoeirado apenas retrucou e passou o livro para Farid. — Tome. Cuide bem dele.

Farid apertou-o contra o peito e assentiu com a cabeça. — Gwin — ele disse. — Ainda temos que chamar Gwin. — Mas, quando ele tirou um pedaço de pão seco do bolso da calça e ia chamar Gwin, Dedo Empoeirado tapou sua boca com a mão.

— Gwin fica! — ele disse. Se ele tivesse declarado que queria deixar para trás seu braço direito, Farid não teria olhado para ele tão incrédulo.

— Por que está me olhando assim? Vamos caçar uma outra marta lá do outro lado, uma que não morda tanto.

— Bem, pelo menos quanto a isso você está sendo sensato. Do que ele estava falando?

Mas Dedo Empoeirado evitou o olhar indagador de Farid. — Agora comece a ler de uma vez! — ele disse rispidamente para Orfeu. — Ou vamos ficar aqui até o sol nascer?

Orfeu olhou para ele por um momento, como se ainda quisesse dizer alguma coisa. Mas então ele pigarreou. — Está bem — ele disse.

— Você tem razão. Dez anos na história errada é um tempo longo. Vamos ler.

Palavras.

Palavras encheram a noite como o perfume de flores invisíveis. Palavras sob medida, retiradas do livro que Farid segurava firmemente e ordenadas com um novo sentido pelas mãos pálidas de Orfeu. Elas falavam de um outro mundo, um mundo cheio de espanto e maravilha. E Farid escutou e esqueceu o tempo. Ele nem mesmo sentia mais que existia tal coisa. Havia somente a voz de Orfeu, que não combinava com a boca de onde saía. Ela fazia tudo desaparecer, a estrada esburacada e as casas pobres no seu final, o lampião, o muro no qual Orfeu estava sentado, sim, até mesmo a lua sobre as árvores escuras. E o ar de repente tinha um cheiro estranho e doce...

"Ele é capaz", pensou Farid, "ele é realmente capaz", e a voz de Orfeu o deixava cego e surdo para tudo que não consistisse em letras. Quando Cabeça de Queijo se calou de repente, ele olhou confuso ao seu redor, entorpecido pela melodia das palavras. Como as casas podiam ainda estar lá, assim como o lampião enferrujado pelo vento e pela chuva? Orfeu também estava lá com seu cão infernal.

Apenas uma pessoa tinha partido. Dedo Empoeirado.

Farid, porém, continuava naquela mesma estrada deserta. No mundo errado.



2. Ouro de gato

Um facínora como Joe — isto estava totalmente claro para eles — devia ter vendido sua alma ao Diabo, e intrometer-se numa luta com tais poderes realmente poderia ser catastrófico.

Mark Twain, *As aventuras de* Tom *Sawyer* — Não! — Farid ouviu o horror em sua própria voz. — Não! O que você fez? Onde ele está?

Orfeu ergueu-se do muro com um ar afetado, o maldito papel ainda na mão, e sorriu.

— Em casa. Onde mais?

— Como assim? E eu? Continue a ler! Vamos, leia!

Tudo desapareceu atrás do véu de lágrimas. Ele estava sozinho, outra vez sozinho, como sempre fora antes de encontrar Dedo Empoeirado. Farid começou a tremer, tanto que nem notou Orfeu tirar o livro de suas mãos.

— E mais uma vez ficou provado! — ele o ouviu murmurar. — Faço jus ao meu nome. Sou o mestre de todas as palavras, das escritas e das faladas. Ninguém pode se comparar a mim.

— O mestre? Do que está falando? — Farid gritou tão alto que até mesmo o

cão se abaixou. — Se você entende tanto do seu ofício, como é que ainda estou aqui? Vamos, leia novamente! E me devolva o livro!

Ele foi pegá-lo, mas Orfeu esquivou-se com uma desenvoltura espantosa.

— O livro? Por que eu deveria dá-lo a você? Provavelmente você nem sabe ler. Vou lhe contar um segredo! Se eu quisesse enviá-lo com ele, agora você estaria lá, mas você não tem nada para procurar na história dele, por isso simplesmente não li as frases sobre você. Entendeu? E agora dê o fora daqui antes que eu mande meu cão atacá-lo. Garotos como você o apedrejaram quando era filhote e, desde então, ele adora caçar gente do seu tipo!

— Seu filho do cão! Seu mentiroso! Trapaceiro! — A voz de Farid soou esganiçada.

E ele já não sabia? Ele já não tinha dito para Dedo Empoeirado? Cabeça de Queijo era falso como ouro de gato. Alguma coisa se enfiou por entre suas pernas, peluda e com um focinho redondo, com uns chifrinhos minúsculos entre as orelhas. A marta. "Ele se foi, Gwin", pensou Farid. "Dedo Empoeirado se foi. Nunca mais o veremos!"

O cão Cérbero abaixou sua cabeça bestial e deu um passo hesitante em direção à marta, mas Gwin arreganhou seus dentes pontudos como agulhas, e o bicho gigantesco recuou seu focinho, atônito.

Seu medo encorajou Farid.

— Me dê logo, vamos! — ele arremeteu seu punho magro contra o peito de Orfeu. — O papel e o livro! Ou eu o abro ao meio como uma carpa. Ah, se abro!

— Como ele não conseguia parar de soluçar, as frases não soaram tão impressionantes como era sua intenção.

Orfeu deu umas batidinhas na cabeça de seu cão, enquanto enfiava o livro no cós da calça.

— Oh, agora estamos morrendo de medo, não é, Cérbero? Gwin agarrou-se à perna de Farid. Sua cauda oscilava agitada para lá e para cá. Farid pensou que o cão fosse o motivo, até mesmo quando a marta pulou para a rua e desapareceu entre as árvores do outro lado. "Cego e surdo!", ele depois ficaria repetindo para si mesmo. "Você foi cego e surdo, Farid."

Orfeu, porém, sorria, como quem sabe um pouco mais do que seu interlocutor.

— Sabe, meu jovem amigo — ele disse — realmente levei um susto terrível quando Dedo Empoeirado quis o livro de volta. Felizmente, ele o deu a você, do contrário eu não poderia fazer mais nada por ele. Já foi muito difícil dissuadir meus clientes de matá-lo sem mais nem menos, mas isso eles tiveram que me prometer. Só fiz o papel de isca com uma condição... a isca para o livro, pois é dele que se trata aqui, caso ainda não tenha entendido. Trata-se apenas do livro, e de nada mais. Sim, prometeram não encostar num só fio de cabelo de Dedo Empoeirado, mas quanto a você ninguém falou nada.

Antes que compreendesse de quem Cabeça de Queijo estava falando, Farid sentiu a lâmina em seu pescoço, afiada como capim e mais fria do que a névoa entre as árvores.

— Ora, ora, quem temos aqui? — cochichou em seu ouvido uma voz jamais esquecida. — A última vez que o vi, você não estava com Língua Encantada?

Pelo que sei, apesar disso você ajudou Dedo Empoeirado a roubar o livro dele, não é? Ah, mas você é mesmo um cara legal. — A lâmina cortou a pele de Farid, e o hálito de hortelã roçou seu rosto. Se ele não tivesse reconhecido Basta pela voz, teria sido pelo hálito. Uma navalha e algumas folhas de hortelã, Basta sempre tinha ambos consigo. Ele mastigava as folhas e cuspia os restos aos pés das pessoas. Era perigoso como um cão raivoso e nenhum grande exemplo de astúcia, mas como chegara até ali? Como os encontrara?

— Hein, o que você acha da minha nova navalha? — ele ronronou no ouvido de Farid. — Eu queria tanto mostrá-la também ao cuspidor de fogo, só que esse Orfeu tem um fraco por ele. Mas o que importa? Vou encontrar Dedo Empoeirado novamente. Ele, Língua Encantada e sua filha bruxa. Todos eles vão me pagar...

— Pelo quê? — Farid indignou-se. — Porque o salvaram de Sombra?

Basta, porém, pressionou ainda mais a lâmina contra seu pescoço.

— Salvaram? Eles me deram azar, nada mais do que azar!

— Pelo amor de Deus, recolha essa navalha! — interveio Orfeu com voz enojada. — E só um garoto. Deixe-o ir. Estou com o livro, como combinamos, portanto...

— Deixá-lo ir? — Basta desatou a rir, mas o riso ficou entalado em sua garganta. Um rugido selvagem soou na mata atrás deles e o cão ergueu as orelhas. Basta virou-se de supetão. — Diabos, o que foi isso? Maldito idiota! O que você deixou escapar do livro?

Farid não quis saber. Ele sentiu Basta afrouxar o aperto por um instante. Foi o suficiente. Ele o mordeu tão forte na mão que sentiu gosto de sangue.

Basta gritou e deixou a navalha cair.

Farid puxou seu cotovelo de volta e arremeteu-o contra o peito magro de Basta. E desatou a correr. Mas esqueceu completamente o muro na beira da estrada. Ele tropeçou e caiu tão violentamente de joelhos que ficou sem ar. Quando se recompôs, viu o papel no asfalto, a folha de papel que havia levado Dedo Empoeirado dali. O vento devia tê-la impelido para a estrada. Com dedos ágeis, ele a apanhou. "Por isso simplesmente não li as frases sobre você. Entendeu?", a voz de Orfeu ressoava em sua cabeça. Farid segurou a folha de papel contra o peito e correu, atravessou a estrada em direção às árvores, que esperavam escuras do outro lado. Atrás dele, Cérbero rosnava e latia, até que, de repente, ele ganiu. Mais uma vez, ouviu-se um rugido, tão feroz que Farid correu ainda mais depressa. Orfeu gritou, o medo tomou sua voz feia e estridente. Basta praguejou, e então o rugido soou novamente, selvagem como o das grandes feras existentes no antigo mundo de Farid.

"Não olhar para trás!", ele pensou. "Corram, corram!", ordenou a suas pernas. "Deixem a fera devorar o cão dos infernos, tomara que ela devore todos, Basta e Cabeça de Queijo também, apenas corram!" As folhas secas embaixo das árvores estavam úmidas e abafavam o barulho de seus passos, mas o chão estava escorregadio e o fez resvalar na encosta íngreme. Desesperado, ele procurou apoio num tronco de árvore, agarrou-se trêmulo a ele e escutou na noite. E se Basta o ouvisse ofegar?

Um soluço escapou de seu peito. Ele tapou a boca com a mão. O livro, Basta estava com o livro! Se Dedo Empoeirado não tivesse lhe pedido para tomar conta dele... E agora como ele poderia encontrá-lo novamente? Farid passou a mão sobre a folha de papel com as palavras de Orfeu que ele ainda segurava contra o peito. Ela estava úmida e suja, e era sua única esperança.

— Ei, seu cretino dentuço! — a voz de Basta soou no silêncio da noite. — Pode correr, que o alcançarei assim mesmo, está me ouvindo? Você, o cuspidor de fogo. Língua Encantada com sua linda filhinha e o velho que escreveu aquelas malditas palavras! Vou matar todos vocês. Um por um! Do mesmo modo que acabei de estripar a fera que saiu do livro.

Farid mal se atrevia a respirar. "Continue!", pensou. "Vamos! Adiante. Basta não pode vê-lo!" Trêmulo, tateou na noite até o próximo tronco, procurou apoio e agradeceu ao vento por bater nas folhas e encobrir o ruído de seus passos com seu rumorejar. "Quantas vezes vou ter que repetir? Neste mundo não há espíritos. É uma das poucas vantagens que ele tem." Ele ouviu a voz de Dedo Empoeirado, como se o amigo estivesse atrás dele. Farid repetia as palavras para si mesmo, diversas vezes, enquanto as lágrimas escorriam em seu rosto e os espinhos cortavam seus pés. Não há espíritos, não há espíritos!

Um galho bateu em seu rosto tão violentamente que ele quase gritou. Eles o seguiam? Não se ouvia nada, apenas o vento. Ele perdeu o equilíbrio e escorregou pela encosta abaixo. As urtigas queimavam suas pernas, bardanas enroscavam-se em seus cabelos. E algo pulou em cima dele, peludo e quente, encostou o focinho em seu rosto.

— Gwin? — Farid apalpou a pequena cabeça. Sim, ali estavam eles, os chifrinhos. Ele pressionou o rosto contra o pelo macio da marta.

— Basta voltou, Gwin! — ele sussurrou. — E está com o livro! E se Orfeu o ler para dentro? Em algum momento, com certeza ele voltará, você também acha, não é? E agora, como vamos advertir Dedo Empoeirado?

Por duas vezes, Farid deu novamente na estrada que descia a encosta, mas

não teve coragem de segui-la e preferiu avançar em meio aos arbustos espinhentos. Logo começou a sentir dor a cada respiração, mas não parou. Apenas quando os primeiros raios de sol o tocaram através das árvores e Basta ainda não aparecera atrás dele, Farid soube que havia escapado.

"E agora?", ele pensou ao se deitar na relva seca. "E agora?" De repente ele se lembrou de uma outra voz, a voz que o trouxera àquele mundo. Língua Encantada. É claro. Somente ele poderia ajudá-lo, ele ou sua filha. Meggie. Estavam morando com a devoradora de livros, Farid estivera lá uma vez com Dedo Empoeirado. Era um longo caminho, especialmente com os pés cheios de cortes, mas ele precisava chegar lá antes de Basta...



3. O regresso de Dedo Empoeirado

— O que é isto — disse o leopardo —, tão incrivelmente escuro e, ao mesmo tempo, tão cheio de pedacinhos de luz?

Rudyard Kipling, *Como o leopardo adquiriu suas pintas* Por um instante, Dedo Empoeirado teve a sensação de que nunca estivera ausente, como se tudo tivesse sido um sonho ruim, e as lembranças desse sonho apenas um gosto insosso na língua, uma sombra no coração, nada mais... De repente, tudo estava ali outra vez, os sons, tão familiares e nunca esquecidos, os cheiros, os troncos das árvores, sarapintados pela luz da manhã, as sombras das folhas em seu rosto. Algumas tingiam-se de cores, como teriam feito no outro mundo, ali também começava o outono, mas o ar ainda estava ameno. Ele cheirava a frutas passadas, a flores murchas, milhares delas, cujo perfume entorpecia os sentidos — flores brancas como cera brilhando na sombra das árvores, estrelas azuis em caules delgados, tão delicadas que ele refreava seus passos para não esmagá-las com os pés. Carvalhos, plátanos, magnólias ao seu redor... e que alto se erguiam no céu! Ele quase esquecera quão grande podia ser uma árvore, quão grosso e alto o seu tronco, a copa tão ampla que todo um exército de cavaleiros poderia se abrigar ali. As florestas no outro mundo eram extremamente jovens. Elas sempre o faziam parecer velho, tão terrivelmente velho que os anos o cobriam como fuligem. Ali ele era jovem novamente, não muito mais velho do que os cogumelos entre as raízes, não muito maior do que cardos e urtigas.

Mas onde estava o garoto?

Dedo Empoeirado procurou por ele ao seu redor, chamou seu nome, repetidas vezes.

— Farid! — nos últimos meses, esse nome tornara-se quase tão familiar como o seu próprio. Mas ninguém respondeu. Apenas sua própria voz ecoou entre as árvores.

Então acontecera realmente. O garoto ficara lá. O que ele faria agora tão sozinho? "E agora?", pensou Dedo Empoeirado enquanto o procurava, em vão, ao seu redor uma última vez. "Ele vai se dar muito melhor do que você. O barulho, a velocidade, as multidões, afinal, ele ama tudo isso. Além do mais, você lhe ensinou bastante, ele brinca com o fogo quase tão bem quanto você. Sim, o garoto vai se dar muito bem." Contudo, por um momento, a alegria murchou no peito de Dedo Empoeirado como uma das flores a seus pés, e a luz da manhã que acabara de lhe dar as boas-vindas pareceu pálida e sem vida. O outro mundo o enganara novamente. Sim, ele realmente o deixara partir depois de todos aqueles anos, mas ficara com a única coisa com a qual seu coração se importava.

"Bem, e que lição você tira disso mais uma vez?", ele pensou ao se ajoelhar na relva úmida de orvalho. "É melhor guardar seu coração para si, Dedo Empoeirado." Ele ergueu uma folha que reluzia vermelha como fogo no musgo escuro. Não havia daquelas folhas no outro mundo, havia? O que estava acontecendo com ele? Irritado, ele se pôs de pé novamente. "Ei, Dedo Empoeirado! Você está de volta! De volta!", ele ralhou consigo mesmo. "Esqueça o garoto. É verdade, você o perdeu, mas em compensação tem o seu mundo de volta, um mundo inteiro. Você o tem de volta. Acredite! Acredite de uma vez!"

Se não tivesse sido tão difícil... Era muito mais fácil acreditar em azar do que em sorte. Ele precisou pegar cada flor, tocar em cada árvore, esmagar a terra entre os dedos e sentir a primeira picada de mosquito até conseguir acreditar.

Sim, ele estava de volta. Ele estava realmente de volta. Finalmente. E de repente a felicidade lhe subiu à cabeça como um copo de vinho forte. Até

mesmo a lembrança de Farid já não atrapalhava mais. O pesadelo que durara dez anos havia acabado. Como ele se sentia leve, leve como uma das folhas que choviam feito ouro das árvores.

Feliz.

Lembre-se, Dedo Empoeirado, é essa a sensação. Felicidade.

De fato, Orfeu o lera exatamente no local que ele lhe descrevera. Ali ficava a lagoa, cintilante entre as pedras brancas acinzentadas e cercada de oleandros floridos, e a apenas poucos metros da margem estava o plátano no qual se encontravam os ninhos dos elfos de fogo. Os ninhos pareciam estar colados no tronco claro ainda mais próximos uns dos outros do que ele se lembrava. Um olho menos experiente os teria tomado por ninhos de abelhas, mas eles eram menores e um pouco mais claros, quase tão claros quanto a casca que se soltava do tronco alto.

Dedo Empoeirado olhou à sua volta e respirou novamente o ar do qual sentira falta durante dez anos. Aromas quase esquecidos misturavam-se a outros que o outro mundo também conhecia. As árvores à beira da lagoa também podiam ser encontradas lá, embora fossem menores e muito mais jovens: eucaliptos e bétulas estendiam seus galhos sobre a água, como se quisessem refrescar suas folhas. Com cautela, Dedo Empoeirado abriu caminho através deles até a margem. Uma tartaruga se pôs em fuga lentamente quando a sombra dele incidiu em seu casco. Numa pedra, um sapo lançou sua língua para fora e engoliu um elfo de fogo. Enxames deles voavam sobre a água com seu zumbido estridente, que sempre soava furioso.

Estava na hora de roubá-los.

Dedo Empoeirado ajoelhou-se numa das pedras úmidas. Algo estalou atrás dele e, por um momento, ele se surpreendeu à procura do cabelo escuro de Farid e da cabeça chifruda de Gwin, mas era apenas um lagarto que saíra do meio das folhas e subia numa pedra para se deitar ao sol outonal.

— Tonto! — ele murmurou ao se inclinar para a frente. — Esqueça o garoto e, quanto à marta, ela com certeza não sente sua falta. Além disso, você tem bons motivos para deixá-la para trás. Melhores, impossível.

Seu reflexo tremulava na água escura. O rosto era o mesmo. As cicatrizes ainda estavam lá, como não poderia deixar de ser, mas pelo menos não haviam surgido novas lesões, nenhum nariz amassado, nenhuma perna dura (como acontecera com Cockerell), tudo estava em seu lugar. Até mesmo sua voz continuava lá... Aquele Orfeu parecia realmente entender de seu ofício.

Dedo Empoeirado curvou-se ainda mais sobre a água. Onde estavam elas? As fadas azuis esqueciam todos os rostos, muitas vezes em questão de minutos. Será que as ninfas também? Dez anos era um longo tempo, mas será que elas contavam os anos?

A água moveu-se e seu reflexo misturou-se com um outro rosto. Olhos de sapo olhavam para ele de um rosto quase humano, os longos cabelos flutuavam na água como relva, igualmente verdes e finos. Dedo Empoeirado tirou sua mão da água fria e uma outra mão emergiu, fina e delicada, quase como a de uma criança, com escamas tão pequeninas que mal se enxergavam. Um dedo úmido, frio como a água da qual ele saíra, tocou seu rosto ao longo das cicatrizes.

— Pois é, o meu rosto é inesquecível, não é? — Dedo Empoeirado falou tão baixo que sua voz era pouco mais do que um sussurro. Ninfas não gostam de vozes altas. — Então você se lembra das cicatrizes. E também se lembra do que eu sempre pedia a vocês quando vinha aqui?

Os olhos de sapo olharam para ele, dourado e negro, então a ninfa desapareceu, afundou como se não tivesse passado de uma miragem. Alguns instantes depois, três delas emergiram na superfície escura. Ombros pálidos como pétalas de lírio brilhavam sob a superfície, caudas de peixe, cobertas de escamas coloridas como a barriga de uma perca, serpenteavam, quase invisíveis, no fundo da lagoa.

Os minúsculos insetos que dançavam sobre a água picaram impiedosamente o rosto e os braços de Dedo Empoeirado como se estivessem ali apenas à sua espera, mas ele quase não sentia. As ninfas não o haviam esquecido, nem seu rosto nem aquilo que ele precisava obter delas para evocar o fogo.

Elas puseram suas mãos para fora da água. Minúsculas bolhinhas de ar subiram à superfície fazendo-as rir silenciosamente, como tudo nelas. Elas tomaram suas mãos entre as delas e esfregaram seus braços, o rosto e o pescoço nu até sua pele ficar quase tão fria como a delas e coberta com a mesma lama fina que protegia suas escamas.

Tão repentinamente como chegaram, elas desapareceram. Seus rostos mergulharam no escuro da lagoa e, como todas as outras vezes, Dedo Empoeirado teria pensado que havia sido um sonho, não fosse a sensação de frio em sua pele e o brilho em suas mãos e braços.

— Obrigado! — ele sussurrou, embora apenas seu próprio reflexo tremulasse na água.

Então ele se ergueu, embrenhou-se pelos oleandros ao redor da margem e andou em direção à árvore do fogo. Se estivesse ali, Farid estaria saltitando como um potro na relva úmida...

Teias de aranha, úmidas de orvalho, grudaram na roupa de Dedo Empoeirado quando ele parou diante do plátano. Os ninhos inferiores estavam tão baixos que ele pôde confortavelmente alcançar com a mão um dos orifícios de entrada. Furiosos, os primeiros elfos voaram em sua direção quando ele enfiou seus dedos umedecidos pelas ninfas dentro do ninho, mas ele os acalmou com um assobio suave. Quando se encontrava o tom certo, logo a frenética agitação dos elfos tornava-se um voo cambaleante, e seus próprios zunidos e imprecações ficavam sonolentos, até que eles pousavam nos braços do invasor com seus minúsculos corpinhos quentes, que queimavam a pele. Embora doesse muito, ele não podia recuar nem espantá-los, os dedos deviam penetrar mais profundamente no ninho até encontrar o que buscava ali: o seu mel de fogo. Abelhas picam. Elfos de fogo queimam formando buracos na pele, se as ninfas não a preparassem antes. E, mesmo com essa proteção, era aconselhável não ser muito ávido ao roubá-los. Se alguém levasse demais, eles voavam em seu rosto, queimavam-lhe a pele e o cabelo e não deixavam o ladrão ir embora antes de vê-lo se contorcer de dor ao pé de sua árvore.

Dedo Empoeirado, porém, nunca foi tão ávido a ponto de aborrecê-los. Furtou do ninho apenas um grumo, um pouco maior do que a unha de seu polegar, ele não precisava de mais para o começo. Continuou a assobiar em voz baixa enquanto numa folha embrulhava seu pegajoso butim.

Os elfos de fogo reanimaram-se assim que ele parou de assobiar. Eles voavam cada vez mais depressa em volta de Dedo Empoeirado, mais e mais depressa, e suas vozes cresciam como zunidos furiosos de zangões. Mas não o atacaram. Não se podia olhar para eles — era preciso agir como se não se notasse sua presença ao se virar e se afastar dali lentamente, muito lentamente.

Voaram em volta de Dedo Empoeirado ainda um bom tempo, mas finalmente ficaram para trás, e ele seguiu o estreito riacho que nascia na lagoa das ninfas e continuava adiante, serpenteando em meio aos salgueiros, amieiros e juncos.

Ele sabia para onde o riacho o conduziria: para fora da Floresta Sem Caminhos, na qual dificilmente encontraria pessoas como ele, em direção ao norte, para a região da floresta que pertencia aos homens, onde a madeira tombava, vitima dos machados, tão depressa que a maior parte das árvores morria antes que sua sombra pudesse oferecer proteção a um único cavaleiro. O riacho o conduziria através do vale que lentamente se alargava, por entre colinas nas quais jamais um homem pisara, pois lá viviam gigantes, ursos e criaturas às quais ainda ninguém havia dado um nome. Em algum momento, nas encostas, apareceria a primeira cabana de carvoeiro, a primeira mancha descalvada no denso verde, e Dedo Empoeirado iria rever não apenas as fadas e as ninfas, mas também, ele esperava, algumas pessoas que não via fazia muito tempo.

Ele se abaixou quando ao longe, entre duas árvores, surgiu um lobo sonolento. Imóvel, esperou até o focinho cinzento desaparecer. Sim, ursos e lobos, ele precisava aprender novamente a escutar seus passos, a pressentir que estavam por perto antes que o vissem, sem esquecer dos grandes felinos selvagens, sarapintados como troncos de árvores à luz do sol, e das serpentes, verdes como as folhas entre as quais gostavam tanto de se esconder. Elas desciam dos galhos, mais silenciosas do que a mão de Dedo Empoeirado ao tirar uma folha do ombro. Felizmente, os gigantes ficavam a maior parte do tempo em suas colinas, aonde ninguém se atrevia a ir. Somente no inverno desciam algumas vezes. Mas havia ainda outras criaturas, seres que não eram tão afáveis como as ninfas e que não podiam ser acalmados com um assobio como os elfos de fogo. Quase sempre permaneciam invisíveis, bem escondidos em meio aos troncos e às folhas, mas mesmo assim eram perigosos: homens-árvore, elfos negros, demônios noturnos... De vez em quando alguns deles se aventuravam até as cabanas dos carvoeiros.

— Um pouco mais de cuidado! — sussurrou Dedo Empoeirado. Você não quer que seu primeiro dia em casa seja também o último, não é?

A euforia com seu regresso pouco a pouco arrefeceu, e ele pôde pensar com

mais clareza novamente. A alegria, porém, permaneceu em seu coração, suave e morna como a penugem de um filhote de passarinho.

Na margem de um riacho, ele tirou as roupas, lavou do corpo a lama das ninfas, a fuligem dos elfos de fogo e a sujeira do outro mundo. Então vestiu as roupas que não usava havia dez anos. Cuidara delas com esmero, mas no tecido negro havia alguns furos feitos por traças, e as mangas já estavam puídas quando deixou de vesti-las no outro mundo. Tudo era preto c vermelho, as cores dos cuspidores de fogo, da mesma forma que os equilibristas se vestiam com o azul do céu. Ele passou a mão sobre o tecido áspero, vestiu o gibão de mangas largas e jogou o manto sobre os ombros. Felizmente, tudo ainda servia; era uma brincadeira cara mandar confeccionar roupas novas, até mesmo como faziam os saltimbancos, que entregavam as roupas velhas ao alfaiate para que as remontasse.

Quando anoiteceu, ele procurou um lugar seguro para dormir. Final mente, subiu num carvalho tombado, cujo torrão em volta das raízes subia tão alto que funcionava perfeitamente bem. Era como uma muralha de terra e, mesmo assim, continuava agarrado ao solo, como se simplesmente não quisesse largar a vida. A copa da árvore caída acabara de brotar embora não alcançasse mais o céu, e sim a terra. Dedo Empoeirado escalou habilidosamente o imponente tronco, cravando os dedos na casca áspera.

Quando estava no alto, entre as raízes que se lançavam para o céu como se lá pudessem encontrar alimento, algumas fadas, que deviam estar ali em busca de material para reformar seus ninhos, levantaram voo reclamando e praguejando. Claro, o outono estava chegando e, com ele, o tempo de construir um abrigo que resistisse melhor às intempéries. As fadas azuis não faziam grande esforço para construir ninhos na primavera, porém, assim que a primeira folha se coloria, elas começavam a reformá-los e a estofá-los com pelos de animais e penas de pássaros, teciam mais ramos e galhos nas paredes e vedavam-nas com musgo e cuspe de fada.

Duas das minúsculas criaturas não fugiram quando o viram. Cobiçosas, fitaram seus cabelos ruivos como o pelo de uma raposa, enquanto a luz do crepúsculo, que incidia através das copas das árvores, tingia suas asas de vermelho.

— Ah, sim, é claro! — Dedo Empoeirado riu baixinho. — Vocês querem um pouco do meu cabelo para seus ninhos.

Com a faca, ele cortou uma mecha. Com suas mãozinhas diminutas, uma das fadas a pegou e saiu voando apressada, levando consigo o feixe de cabelo. A outra, tão minúscula que devia ter acabado de sair de seu ovo branco como madrepérola, seguiu-a. Ele sentira falta delas, as atrevidas criaturinhas azuis, muita falta.

Abaixo dele, a noite espalhava-se entre as árvores, embora, acima dele, o sol poente ainda colorisse as copas, vermelhas como azedinhas num campo no verão. Logo as fadas dormiriam em seus ninhos, os ratos e coelhos em suas tocas, os lagartos, com o frio da noite, ficariam com os membros rígidos e os predadores começariam a se preparar, com seus olhos como luzes amarelas na noite negra. "Bem, tomara que eles não estejam com apetite para um cuspidor de fogo", pensou Dedo Empoeirado ao estender as pernas no tronco tombado. Ele enfiou a faca na casca quebradiça bem ao seu lado, tirou dos ombros o manto que não usava havia dez anos e observou as folhas que iam ficando cada vez mais escuras. Uma coruja lançou-se de um outro carvalho e voou dali, quase nada além de uma sombra entre os galhos. Quando o dia se apagou, em seu sono uma árvore murmurou palavras que nenhum ouvido humano entendia.

Dedo Empoeirado fechou os olhos e escutou.

Ele estava em casa novamente.

4. A filha de Língua Encantada

Existia então apenas um mundo que sonhava com outros mundos?

Philip Pullman, *A faca sutil* Meggie detestava brigar com Mo. Tudo nela tremia depois da briga, e nada podia consolá-la, nem os abraços de sua mãe, nem as balas de alcaçuz que Elinor lhe enfiava nos bolsos quando suas vozes alteradas chegavam até a biblioteca, nem Darius, que em tais casos acreditava nos efeitos miraculosos de leite quente adoçado com mel.

Nada.

Aquela vez fora especialmente ruim, pois na verdade Mo fora até ela somente para se despedir. Um novo trabalho o esperava, alguns livros doentes, velhos e preciosos demais para serem enviados até ele. Antigamente Meggie teria ido com o pai, mas dessa vez ela decidira ficar com Elinor e a mãe.

Por que ele tivera que entrar em seu quarto justamente quando ela estava lendo seus cadernos mais uma vez?

Nos últimos tempos, eles haviam brigado muitas vezes por causa desses cadernos, embora Mo detestasse brigar tanto quanto ela. Quase sempre desaparecia na oficina que Elinor mandara construir para ele atrás da casa até que, em algum momento, quando não agüentava mais sentir raiva dele, Meggie ia até lá. Mo nunca erguia a cabeça quando ela se enfiava pela porta, e Meggie sentava-se ao lado dele sem dizer uma palavra, na cadeira que sempre esperava

por ela, e assistia ao seu trabalho, como já fazia quando ainda nem sabia ler. Ela adorava observar suas mãos quando elas libertavam um livro de um vestido esfarrapado, separavam páginas manchadas, desfaziam os fios que costuravam um bloco avariado do livro, ou então quando punham de molho um antigo papel de trapos ainda em branco para remendar uma folha carcomida. Não demorava muito para que Mo se virasse e lhe perguntasse alguma coisa: se ela gostava da cor do linho que ele havia escolhido para uma capa, se ela também não achava que a massa de papel que ele havia preparado para os remendos ficara muito escura. Era o jeito de Mo pedir desculpas: "Não vamos mais brigar Meggie, vamos esquecer o que dissemos...".

Mas naquele dia não foi assim. Porque ele não desaparecera em seu ateliê, mas saíra de casa, para se encontrar com algum colecionador, de cujos tesouros impressos ele trataria de prolongar a vida. Dessa vez ele não iria procurá-la levando, como presente de reconciliação, um livro descoberto em algum sebo, ou um marcador enfeitado com penas de um gaio que encontrara no jardim de Elinor...

Por que ela não estava lendo um livro quando ele entrou em seu quarto?

— Céus, Meggie, será que você não pensa em outra coisa além desses cadernos? — ele a repreendera, como em todas as outras vezes nos últimos meses que a encontrara daquele jeito no quarto: deitada no tapete, surda e cega para tudo ao seu redor, os olhos grudados nas letras com as quais ela havia anotado o que Resa lhe contara sobre o que vivera "lá", como Mo costumava dizer com voz amarga.

Lá.

O Mundo de Tinta era como Meggie havia batizado o lugar do qual Mo falava com tanto desdém, e sua mãe, às vezes, com nostalgia... O Mundo de

Tinta, assim chamado de acordo com o livro que versava sobre o lugar: Coração de tinta. O livro se fora, mas as lembranças de sua mãe eram vivas como se não tivesse se passado um só dia desde que estivera lá. Naquele mundo de papel e tinta de impressão, em que havia fadas e príncipes, ninfas, elfos de fogo e árvores que pareciam tocar o céu.

Por inúmeros dias e noites, Meggie sentara-se ao lado da mãe e anotara o que ela lhe contava com os dedos. Resa deixara sua voz no Mundo de Tinta, de forma que narrava para sua filha sobre aqueles anos com lápis e papel ou com as mãos. Os terríveis anos maravilhosos, como ela os chamava. Às vezes, ela também desenhava o que vira com seus olhos, mas não podia mais descrever com sua língua: fadas, pássaros, flores estranhas, sugeridos no papel com poucos traços e, ao mesmo tempo, tão reais que Meggie quase acreditava tê-los visto também.

No começo, o próprio Mo confeccionava os cadernos em que Meggie registrava as lembranças de Resa, um mais bonito do que o outro. Mas, em algum momento, Meggie percebeu o quão preocupado ele a observava quando ela os folheava, totalmente absorta nas imagens e nas palavras. Evidentemente, ela entendia seu desconforto, afinal de contas aquele mundo de papel e letras roubara sua mulher durante muitos anos. Como ele poderia gostar de que sua filha quase não pensasse em outra coisa? Sim, Meggie entendia Mo muito bem, mas, apesar disso, não podia fazer o que ele pedia: fechar os cadernos e esquecer o Mundo de Tinta por um tempo.

Talvez seu anseio por esse mundo não fosse tão grande se todas as fadas e os anões ainda estivessem por perto, todas as estranhas criaturas que eles haviam trazido da malfadada aldeia de Capricórnio. Mas nenhuma delas vivia mais no jardim de Elinor. Os ninhos de fadas vazios ainda estavam presos nas árvores, as tocas que os anões haviam cavado também ainda existiam, mas seus moradores haviam desaparecido. No começo, Elinor pensara que haviam partido, que tivessem sido roubados ou coisa parecida. Mas então encontraram as cinzas. Finas como poeira, elas cobriam o gramado do jardim, do mesmo tom cinzento

de Sombra, de quem haviam surgido os estranhos hóspedes de Elinor naquela época. E Meggie compreendera que da morte não havia regresso, nem mesmo para criaturas que haviam sido criadas somente com palavras.

Elinor, porém, não conseguia se conformar com essa ideia. Desafiadora e totalmente desesperada, voltara à aldeia de Capricórnio, para lá encontrar ruas desertas, casas incendiadas e nem um único ser vivente. "Sabe, Elinor", dissera Mo quando ela regressara com os olhos inchados de tanto chorar, "eu temia algo assim. Nunca consegui acreditar de verdade que existissem palavras capazes de trazer os mortos de volta. E, além disso, se você for sincera, há de admitir que eles não combinam com esse mundo." "De jeito nenhum!", foi só o que Elinor respondeu.

Nas semanas seguintes, ao entrar de mansinho à noite na biblioteca para pegar um livro, algumas vezes Meggie ouvia soluços vindos do quarto de Elinor. Desde então, muitos meses haviam se passado, já fazia quase um ano que todos viviam juntos na grande casa, e Meggie tinha a sensação de que Elinor gostava de não viver mais sozinha com seus livros. Ela havia deixado para eles os cômodos mais bonitos. (Em compensação, a coleção de livros escolares antigos de Elinor e alguns poetas que haviam caído em desgraça com ela tiveram que se acomodar no sótão.) Da janela de Meggie, avistavam-se as montanhas coroadas de neve, e do quarto de seus pais via-se o lago, cujas águas cintilantes tantas vezes haviam atraído as fadas.

Nunca antes Mo havia saído sem mais nem menos. Sem uma palavra de despedida. Sem fazer as pazes...

"Talvez eu devesse ir lá para baixo e ajudar Darius na biblioteca!", pensou Meggie sentada em seu quarto, enxugando as lágrimas do rosto, Ela nunca chorava durante uma briga com Mo, as lágrimas sempre vinham depois... E, quando via os olhos dela inchados, ele sempre parecia se sentir terrivelmente culpado.

Na certa, todos tinham ouvido a briga! Darius já devia ter preparado o leite com mel, e Elinor começaria a praguejar assim que enfiasse a cabeça pela porta da cozinha, contra Mo e os homens em geral. Não, era melhor ficar em seu quarto.

Ah, Mo. Ele havia arrancado de sua mão o caderno que ela estava lendo e o levara consigo. Justamente o caderno em que ela havia reunido ideias para uma história, começos que nunca haviam dado em nada, palavras iniciais, frases riscadas, todas as suas tentativas frustradas... Como ele pudera simplesmente pegá-lo? Ela não queria que Mo o lesse, que visse como ela tentava em vão juntar as palavras que ele lia com tanta facilidade e tanto vigor. Sim, Meggie podia anotar o que sua mãe contava, podia encher páginas e páginas com o que Resa descrevia. Mas, quando tentava inventar algo com elas, uma história que tivesse sua própria vida, simplesmente não lhe ocorria nada. As palavras pareciam desaparecer de sua cabeça, como flocos de neve dos quais nada restava além de uma mancha úmida na pele quando se estendia a mão para pegá-los.

Alguém bateu na porta de Meggie. - Entre! — ela soluçou e procurou no bolso da calça um daqueles antiquados lenços de pano que Elinor lhe dera de presente. ("Eles pertenceram à minha irmã. Seu nome começava com M como o seu. Está bordado no canto inferior, está vendo? Achei melhor você ficar com eles antes que as traças os devorem.") Sua mãe assomou a cabeça pela porta.

Meggie tentou um sorriso, mas fracassou totalmente.

— Posso entrar? — Os dedos de Resa desenhavam as palavras no ar mais depressa do que Darius as pronunciava, e Meggie assentiu com a cabeça. Ela dominava a linguagem de sinais de sua mãe quase tão naturalmente como as letras do alfabeto, melhor do que Mo e Darius e muito melhor do que Elinor, que, muitas vezes, quando os dedos de Resa falavam muito depressa, chamava

Meggie desesperada.

Resa fechou a porta atrás de si e sentou-se no batente da janela. Meggie sempre chamava sua mãe pelo nome, talvez porque durante dez anos não houvesse tido mãe, talvez, porém, pelo mesmo motivo insondável pelo qual seu pai sempre fora apenas Mo para ela.

Meggie reconheceu imediatamente o caderno que Resa pôs em seu colo. Era o mesmo que Mo havia levado.

— Estava na frente da sua porta — disseram as mãos de sua mãe.

Meggie passou a mão sobre a capa ornamentada. Então Mo o trouxera de volta. Por que não entrara? Por ainda estar muito furioso ou porque sentia muito?

— Ele quer que eu leve os cadernos para o sótão. Pelo menos por um tempo. — De repente, Meggie sentiu-se muito pequena e ao mesmo tempo bem crescida. — Talvez eu deva me transformar num homem de vidro, ele disse, ou pintar a pele de azul, pois, pelo jeito, minha mulher e minha filha se interessam mais por fadas e homens de vidro do que por mim.

Resa sorriu e passou a ponta do dedo indicador no nariz de Meggie.

— Claro, eu sei, ele não pensa isso de verdade! Mas fica tão furioso cada vez que me vê com os cadernos...

Resa olhou para o jardim pela janela aberta. O jardim de Elinor era tão

grande que não se via nem o começo nem o fim, apenas grandes árvores e azaléias, tão antigas que cercavam a casa de Elinor como uma floresta sempre-verde. Bem embaixo da janela de Meggie havia um pequeno gramado, que acabava num caminhozinho de cascalho, em cuja beira havia um banco. Meggie ainda se lembrava bem da noite em que se sentara ali e assistira a Dedo Empoeirado cuspir fogo.

Ainda naquela tarde, o jardineiro sempre ranzinza de Elinor varrera as folhas secas do gramado. No meio dele, ainda se via a mancha deixada pela fogueira onde os homens de Capricórnio queimaram os mais belos livros de Elinor. O jardineiro sempre tentava convencer Elinor a plantar alguma coisa ali ou a semear nova grama, mas Elinor sempre sacudia energicamente a cabeça.

— Desde quando se planta grama num túmulo? — ela respondera rispidamente da última vez que ele havia perguntado, e também ordenara que deixasse crescer a aquileia que desde o incêndio brotava abundantemente em volta da terra preta queimada pelo fogo como se, com suas pencas de florzinhas achatadas, quisesse lembrar a noite em que os filhos de papel e tinta de Elinor haviam sido devorados pelas chamas.

O sol se punha atrás das montanhas próximas, vermelho como se quisesse lembrar do fogo já extinto, e uma lufada do vento frio que soprava lá fora entrou e fez Resa ter calafrios.

Meggie fechou a janela. O ventou impeliu algumas pétalas murchas de rosa contra a vidraça. Amarelas-claras e translúcidas, ficaram grudadas no vidro.

— Mas não quero brigar com Mo, não mesmo — ela murmurou. Antigamente, eu nunca brigava com Mo, bem, quase nunca...

— Talvez ele tenha razão.

Sua mãe pôs o cabelo para trás. Ele era tão longo quanto o de Meggie, porém mais escuro, como se uma sombra tivesse caído sobre ele. Quase sempre, Resa o mantinha preso com uma fivela. Meggie também passara a usar o cabelo dessa maneira com frequência e, às vezes, quando se observava no espelho de seu armário, parecia-lhe que estava vendo não a si mesma mas a um retrato de sua mãe mais jovem. "Mais um ano e ela vai passar você", dizia Mo de vez em quando, para irritar Resa; Darius, com seus olhos míopes, já confundira Meggie com sua mãe algumas vezes.

Resa passou o dedo indicador no vidro da janela como se desenhasse as pétalas de rosa que estavam grudadas nele. Então suas mãos começaram a falar novamente, hesitantes, como às vezes também fazem os lábios: - Entendo seu pai, Meggie — ela disse. — Às vezes, também penso que nós duas falamos muito sobre esse outro mundo. Eu mesma não entendo por que sempre recomeço com isso. E sempre conto sobre o que era bonito, e não sobre as outras coisas: sobre ficar trancada, as punições de Mortola, o quanto me doíam os joelhos e as mãos por causa do trabalho, a ponto de eu não conseguir dormir... todas as crueldades que vi... Já contei sobre uma das criadas que morreu de medo porque um demônio noturno entrou na nossa câmara?

— Já! — Meggie andou até junto dela, mas as mãos de sua mãe se calaram. Elas ainda estavam ásperas por todos os anos em que fora uma criada, primeiro de Mortola, depois de Capricórnio. — Você já me contou tudo — disse Meggie —, inclusive as coisas ruins, mas Mo não quer acreditar!

— Porque ele sente que, apesar disso, só sonhamos com o maravilhoso. Como se eu tivesse tido muito dele. — Resa sacudiu a cabeça. Seus dedos calaram-se novamente por um bom tempo, antes que ela os deixasse continuar a falar. — Eram apenas segundos, minutos... às vezes uma hora inteira quando tínhamos permissão de ir à floresta colher para Mortola as plantas que ela usava

em suas beberagens.

— Mas também houve os anos em que você foi livre! Os anos em que você se disfarçou e trabalhou como escriba nos mercados. — Disfarçada de homem... Não havia nada que Meggie tivesse imaginado mais vezes do que esta cena: sua mãe, os cabelos curtos, a túnica escura de um escriba, os dedos manchados de tinta e a mais bela caligrafia que se podia encontrar no Mundo de Tinta. Assim Resa havia lhe contado. Assim ela havia ganhado seu pão, num mundo que não abria caminhos para as mulheres. Meggie teria gostado de ouvir a história mais uma vez naquele momento, apesar de seu fim triste, pois a seguir começaram os anos ruins. Mas também neles não aconteceram coisas maravilhosas? Como a grande festa no castelo do Príncipe Porcino, para a qual Mortola levara também suas criadas, a festa na qual Resa vira o Príncipe Porcino, o Príncipe Negro e seu urso e Dançarino das Nuvens, o equilibrista...

Resa, porém, não viera para contar tudo de novo. E, quando seus dedos voltaram a falar, fizeram-no mais lentamente do que antes.

— Esqueça o Mundo de Tinta, Meggie — ela disse. — Vamos esquecê-lo nós duas, pelo menos por um tempo. Pelo seu pai... e por você mesma. Senão, em algum momento, você vai ficar cega para a beleza que a cerca aqui. — E mais uma vez ela olhou para fora, para o crepúsculo que se iniciava. — Afinal, já lhe contei tudo — disseram suas mãos. — Tudo o que você me perguntou.

Sim, isso ela fizera. E Meggie fizera suas perguntas, milhares e milhares delas. Você alguma vez viu um gigante? Que roupas você usava? Como era a fortaleza na floresta para qual Mortola a levou e esse príncipe do qual você falou, o Príncipe Porcino, o castelo dele era grande e suntuoso como o Castelo da Noite? Conte sobre o seu filho, Cosme, o Belo, e sobre Cabeça de Víbora e seus soldados encouraçados. Era mesmo tudo de prata em seu castelo? Qual é o tamanho do urso que o Príncipe Negro tem sempre consigo, e as árvores, elas realmente podem falar? E como é a velha que todos chamavam de Urtiga? Ela

voa mesmo?

Resa respondera a todas essas perguntas da melhor maneira possível, mas mesmo mil respostas não bastam para resumir dez anos, e algumas perguntas Meggie nunca fizera. Sobre Dedo Empoeirado, por exemplo, ela nunca perguntara nada. Apesar disso, Resa contara sobre ele: que seu nome continuava conhecido por todos no Mundo de Tinta ainda muitos anos depois de ele ter desaparecido, que o chamavam de Dançarino do fogo e que, por isso, Resa o reconhecera imediatamente quando o encontrara pela primeira vez neste mundo...

Havia mais uma pergunta que, embora lhe passasse com frequência pela cabeça, Meggie não fazia, e Resa tampouco poderia ter respondido: como estava Fenoglio, o autor do livro que sugara para dentro de suas páginas primeiro a mãe de Meggie e, no final, até mesmo seu criador?

Agora, mais de um ano se passara desde que a voz de Meggie capturara Fenoglio com suas próprias palavras e que ele desaparecera entre essas palavras como se o tivessem digerido. Às vezes, em sonhos, Meggie via seu rosto enrugado, mas não sabia se ele parecia alegre ou triste. De qualquer forma, isso nunca fora fácil de definir no rosto de tartaruga de Fenoglio. Uma noite, quando ela acordara assustada de um desses sonhos e não conseguira mais dormir, ela havia começado a pôr no papel uma história na qual Fenoglio tentava escrever sua volta para casa e para junto de seus netos na aldeia em que Meggie o encontrara pela primeira vez. Mas ela não passara das três primeiras frases, como em todas as outras histórias que começara.

Meggie folheou o caderno que Mo havia tirado dela, e fechou-o novamente.

Resa pôs a mão debaixo do queixo de sua filha e olhou em seus olhos.

— Não fique zangada com ele.

— Não estou mais zangada! E Mo sabe disso. Quanto tempo ele vai ficar fora?

— Dez dias, talvez mais.

Dez dias! Meggie olhou para a estante ao lado de sua cama. Ali estavam eles, cuidadosamente enfileirados: os Cadernos Malditos, como ela os havia batizado em segredo, preenchidos com as histórias de Resa, com homens de vidro e ninfas, elfos de fogo, demônios da noite, Damas Brancas e todos os outros seres estranhos que sua mãe lhe descrevera.

— Está bem. Vou telefonar para ele e dizer que, quando voltar, poderá fazer um baú para meus cadernos. Mas ficarei com a chave.

Resa deu um beijo em sua testa. Então passou com cuidado a palma da mão sobre o caderno no colo de Meggie.

— Existe alguém que faça encadernações mais bonitas que seu pai? — perguntaram seus dedos.

Com um sorriso, Meggie sacudiu a cabeça.

— Não — ela sussurrou. — Nem neste nem em nenhum outro mundo.

Quando Resa desceu para ajudar Darius e Elinor com o jantar, Meggie continuou sentada à janela para observar como o jardim de Elinor se enchia de sombras. Quando um esquilo com sua espessa cauda erguida passou pela grama, ela se lembrou de Gwin, a marta domesticada de Dedo Empoeirado. Era estranha a sensação de que agora ela entendia a melancolia que tantas vezes via no rosto marcado por cicatrizes de seu dono.

Sim, talvez Mo tivesse mesmo razão. Ela pensava demais no mundo de Dedo Empoeirado, realmente demais. E ela até mesmo já não lera em voz alta algumas das histórias de Resa, embora soubesse de que maneira perigosa sua voz podia se combinar com as letras? E — para ser bem sincera, tão sincera como raramente se é — ela não havia nutrido secretamente a esperança de que as palavras a levassem para lá? O que Mo faria se soubesse dessas tentativas? Ele teria enterrado os cadernos no jardim, ou então os jogado no mar, como de vez em quando falava para os gatos que entravam em sua oficina?

Isso mesmo. "Vou trancá-los com chave!", pensou Meggie, enquanto lá fora apareciam as primeiras estrelas. Assim que Mo tivesse construído um novo baú para eles. O baú de madeira que Mo fizera para os seus livros preferidos já estava atulhado. Ele era vermelho, vermelho como papoula, Mo acabara de retocar a pintura. O baú para os cadernos deveria receber uma outra cor, de preferência verde como a Floresta Sem Caminhos, que Resa descrevera tantas vezes. Os guardas do castelo do Príncipe Porcino também não usavam mantos verdes?

Uma mariposa voou de encontro à janela e lembrou Meggie das fadas de pele azul e da mais bela história que Resa havia contado sobre as fadas: como elas haviam curado o rosto de Dedo Empoeirado depois de Basta cortá-lo, em agradecimento pelas muitas vezes que ele libertara suas irmãs das gaiolas em que os comerciantes as trancavam para vendê-las como amuletos nos mercados. Para isso, ele penetrara nas profundezas da Floresta Sem Caminhos... Chega!

Meggie apoiou a testa na vidraça fria.

Chega.

"Vou levar todos eles para o escritório de Mo", ela pensou, "agora mesmo." E, quando ele voltar, vou lhe pedir que faça um novo caderno para mim, para preencher com histórias sobre este mundo. Ela já havia começado algumas: sobre o jardim de Elinor e sua biblioteca, sobre o castelo lá embaixo no lago. Antigamente, salteadores haviam se instalado ali, Elinor lhe contara sobre eles, do jeito que ela sempre contava suas histórias, com tantos detalhes sangrentos que Darius esquecia a classificação dos livros, e seus olhos se arregalavam de horror atrás das grossas lentes de seus óculos.

— Meggie, hora do jantar!

A voz de Elinor ecoou através da escadaria. Ela tinha uma voz muito forte. "Mais alta do que a sirene do Titanic", Mo sempre dizia. Meggie desceu do batente da janela.

— Já vou! — ela gritou no corredor.

Então ela correu de volta para o seu quarto, tirou os cadernos da estante, um por um, até seus braços quase não poderem mais carregar a pilha, e equilibrou-os pelo corredor até o quarto que Mo usava como escritório. O aposento já fora o quarto de dormir de Meggie, ali ela pernoitara quando fizera uma parada com Mo e Dedo Empoeirado na casa de Elinor, mas da janela somente se via a área coberta de cascalho na frente da casa, pinheiros, uma grande castanheira e a perua cinza de Elinor, que ficava ali chovesse ou fizesse sol, pois Elinor era da

opinião de que mimar os carros com garagem só servia para fazê-los enferrujar mais depressa. Quando, porém, eles decidiram se mudar definitivamente para a casa de Elinor, Meggie quisera uma janela da qual pudesse ver o jardim. E assim Mo acomodou seus papéis, cercados pela coleção de antigos guias de viagem de Elinor, no quarto em que Meggie dormira naquela ocasião em que ainda não havia estado na aldeia de Capricórnio, quando ainda não tinha mãe, quando quase nunca brigava com Mo...

— Meggie, onde você está afinal? — a voz de Elinor soou impaciente. Nos últimos tempos, ela sempre tinha dores nas pernas, mas não queria ir ao médico. ("Ir ao médico fazer o quê?", era seu único comentário. "Por acaso já descobriram um comprimido contra a velhice?") — Já vou descer! — gritou Meggie enquanto punha cuidadosamente os cadernos na escrivaninha de Mo. Dois deles escorregaram da pilha e quase bateram no vaso com flores de outono que sua mãe pusera diante da janela. Meggie conseguiu pegá-lo antes que a água caísse em cima de contas e notas de postos de gasolina. Assim estava ela, ainda com o vaso na mão, os dedos grudentos do pólen que caíra das flores, quando viu a figura entre as árvores, no ponto em que o caminho começava a subir da estrada. Seu coração começou a bater tão depressa que o vaso quase escorregou novamente de sua mão.

Agora estava comprovado: Mo tinha razão. "Meggie, tire esses livros da cabeça ou logo você não vai mais conseguir diferenciar entre sua imaginação e a realidade!" Quantas vezes ele não dissera isso para ela? E agora estava acontecendo. Ela não tinha acabado de pensar em Dedo Empoeirado? E agora via alguém lá fora na noite, exatamente como o vira esperar diante da casa dela naquela época, imóvel, como a figura lá embaixo...

— Meggie, com mil raios, quantas vezes vou ter que chamar? — Elinor ofegava por causa dos muitos degraus. — O que você está fazendo aí parada com se tivesse criado raízes? Não vai me... quem diabos está aí?

— Você também está vendo? — Meggie ficou tão aliviada que quase abraçou Elinor.

— É claro.

A figura se moveu. Depressa, ela correu pelo cascalho claro. Seus pés estavam descalços.

— Mas é aquele garoto! — a voz de Elinor soou incrédula. — Aquele que ajudou o comedor de fósforos a roubar o livro do seu pai. Ah, mas ele tem muito topete para aparecer aqui. Ele parece bastante acabado. Será que acha que vou deixá-lo entrar? É possível que o devorador de Fósforos também esteja aí.

Com uma expressão preocupada, Elinor aproximou-se mais da janela, mas Meggie já estava na porta. Ela desceu a escada aos saltos e correu pelo saguão de entrada. Sua mãe vinha pelo corredor que dava na cozinha.

— Resa! — exclamou Meggie. — Farid está aqui. Farid!



5. Farid

— Ele era teimoso como uma mula, astuto como um macaco e ágil como uma lebre.

Louis Pergaud, *A guerra dos botões* Resa levou Farid para a cozinha e, antes de mais nada, tratou de seus pés. Eles estavam com um aspecto terrível, cortados e ensanguentados. Enquanto Resa os limpava e cobria com ataduras, Farid começou a contar, a língua pesada de tanto cansaço.

Meggie esforçou-se ao máximo para não olhar demais para ele. Farid ainda era um pouco mais alto do que ela, embora Meggie tivesse crescido bastante desde a última vez em que haviam se visto... Ela não se esquecera de seu rosto nem do dia em que Mo o lera de sua história. Livro das mil e uma noites. Ela não conhecia outro garoto com olhos tão bonitos, quase como os de uma menina, e negros como seus cabelos, que ele agora usava mais curtos do que naquela época; isso o fazia parecer mais adulto. Farid. Meggie sentiu como sua língua saboreava o nome. E desviou rapidamente o olhar quando ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

Elinor também olhava fixamente para ele, sem se envergonhar por isso, da mesma maneira hostil com que havia encarado Dedo Empoeirado quando ele se sentara em sua cozinha e alimentara sua marta com pão e presunto. A Farid ela sequer permitira entrar na casa com a marta. "Ai de você se ela comer um só passarinho no meu jardim!", ela dissera quando Gwin saíra correndo pelo cascalho claro, e trancara a porta atrás dela, como se a marta pudesse abrir portas fechadas com a mesma facilidade de seu dono.

Farid brincava como uma caixinha de fósforos enquanto contava sua história.

— Olha só para isso! — sussurrou Elinor para Meggie. — Exatamente como o devorador de fósforos. Você também não acha que os dois se parecem?

Mas Meggie não respondeu. Não queria perder uma palavra do que Farid tinha para contar. Queria ouvir tudo sobre o regresso de Dedo Empoeirado ao seu mundo, sobre o outro leitor e seu cão dos infernos, a lera que rugia, que talvez fosse um dos grandes felinos da Floresta Sem Caminhos e aquilo que Basta havia gritado para Farid na noite: "Pode correr, que o alcançarei assim mesmo, está me ouvindo? Você, o cuspidor de fogo. Língua Encantada com sua linda filhinha e o velho que escreveu aquelas malditas palavras! Vou matar todos vocês. Um por um!".

Enquanto Farid falava, o olhar de Resa voltava sempre para a folha de papel que ele havia posto em cima da mesa da cozinha. Ela olhava para o papel sujo com se tivesse medo dele; como se as palavras que havia ali também pudessem arrastá-la novamente. Arrastá-la para o Mundo de Tinta. Quando Farid repetiu a ameaça gritada por Basta, ela pôs o braço em volta de Meggie e estreitou-a junto a si. Darius, que o tempo todo se manteve sentado em silêncio ao lado de Elinor, enterrou o rosto nas mãos.

Farid não desperdiçou muitas palavras para contar como chegara até a casa de Elinor com os pés descalços e sangrando. Quando Meggie perguntou, apenas murmurou algo sobre um caminhão que lhe dera carona. Ele terminou seu relato de forma abrupta, como se de repente não tivesse mais palavras, e, quando se calou, fez-se um grande silêncio na cozinha espaçosa.

Farid trouxera um hóspede invisível. O medo.

— Darius, faça mais café! — ordenou Elinor enquanto olhava com ar sombrio para a mesa, à qual ninguém dava atenção. — Este aqui está frio como gelo.

Darius imediatamente se pôs a trabalhar, ligeiro como um esquilo de óculos, e Elinor olhava para Farid com um olhar gélido, como se ele fosse o grande culpado pelas más notícias que trouxera. Meggie ainda se lembrava muito bem do efeito intimidador que antigamente aquele olhar tinha sobre ela. "A mulher com os olhos de pedra", era como ela batizara Elinor em segredo. Algumas vezes, o nome ainda servia.

— Mas que historinha escabrosa! — esbravejou Elinor, enquanto Resa levantava-se para ajudar Darius. Pelo jeito, o relato de Farid o deixara tão nervoso que ele não conseguia medir corretamente a quantidade de pó de café. Quando Resa tirou delicadamente a colher de medida de sua mão, ele estava começando a contar pela terceira vez as colheradas que despejava no filtro de café.

— Então Basta está de volta com uma navalha novinha em folha e a boca cheia de folhas de hortelã, suponho. Com todos os demônios! — Elinor gostava de praguejar quando estava preocupada ou irritada. — Como se já não bastasse acordar uma a cada três noites banhada de suor porque vi aquele rosto em sonho, isso sem falar da navalha. Mas vamos tentar ficar calmos! E o seguinte: Basta de fato sabe onde moro, mas ele está procurando por vocês e não por mim. Portanto, na verdade, aqui vocês deveriam estar seguros como no colo de Abraão. Afinal, muito dificilmente ele saberia que se mudaram para cá, certo?

Triunfante, como se essa sua constatação fosse a ideia redentora, ela olhou para Meggie e Resa.

Mas Meggie fez o rosto de Elinor se fechar de novo num instante.

— Mas Farid sabia — ela observou.

— É verdade! — resmungou Elinor ao dirigir novamente seu olhar para Farid. — Você sabia. Como?

Sua voz soou tão cortante que Farid involuntariamente encolheu a cabeça.

— Uma velha nos contou — ele respondeu com voz insegura. — Nós tínhamos voltado para a aldeia de Capricórnio. Depois que as fadas que Dedo Empoeirado havia pegado simplesmente se transformaram em cinzas. Ele queria ver se isso também tinha acontecido aos outros. Toda a aldeia estava vazia, não havia vivalma, nem mesmo um cão sem dono. Somente cinzas, cinzas por toda a parte. Então tentamos saber na aldeia vizinha o que exatamente havia acontecido e... bem, então ouvimos que uma mulher gorda tinha estado lá e balbuciado alguma coisa sobre as fadas mortas e que pelo menos as pessoas que tinham ido morar com ela felizmente não haviam morrido...

Elinor abaixou o olhar com um ar arrependido e catou algumas migalhas de seu prato.

— Droga — ela murmurou. — Certo. Talvez eu tenha falado um pouco demais na loja da qual telefonei para vocês. Eu estava tão confusa quando saí da aldeia abandonada! Como eu podia imaginar que aquela mexeriqueira iria falar de mim justamente para o devorador de fósforos? Desde quando mulheres idosas conversam com alguém como ele?

"Ou com alguém como Basta", acrescentou Meggie em pensamento. Farid, porém, apenas deu de ombros, e começou a mancar, com seus pés enfaixados

para lá e para cá, na cozinha de Elinor.

— De qualquer forma, Dedo Empoeirado já havia imaginado que vocês todos estavam aqui — ele disse. Uma vez, chegamos a vir até aqui, pois ele queria ver se ela estava bem. — Ele apontou para Resa com a cabeça.

Elinor bufou com desdém.

— Ah, é mesmo? Que gentil da parte dele.

Ela jamais gostara de Dedo Empoeirado, e o fato de ele ter roubado o livro de Mo antes de desaparecer não havia exatamente diminuído sua antipatia. Resa, porém, sorriu com as palavras de Farid, embora tentasse esconder isso de Elinor. Meggie lembrava-se exatamente da manhã em que Darius levara para sua mãe aquele estranho ramalhete que ele havia encontrado na porta da casa: uma vela, alguns lápis e uma caixinha de fósforos, amarrados junto com verônicas azuis. Meggie soubera imediatamente de quem ele vinha. E Resa também.

— Bem! — disse Elinor ao tamborilar no prato com o cabo de sua faca. — Estou realmente feliz que o devorador de fósforos tenha voltado para o seu lugar. Quando penso que ele andou rondando minha casa à noite! Pena que não tenha levado Basta consigo.

Basta. Quando Elinor pronunciou o nome, Resa ergueu-se abruptamente de sua cadeira, andou depressa até o corredor e voltou com o telefone. Ela o estendeu para que Meggie o pegasse e, com a outra mão, começou a gesticular tão agitada que até mesmo Meggie teve que se esforçar para ler os sinais que ela desenhava no ar. Mas finalmente entendeu.

Ela devia telefonar para Mo. Claro.

Demorou uma eternidade até ele atender. Provavelmente porque estava trabalhando. Quando viajava, Mo trabalhava até tarde da noite para poder voltar depressa para casa.

— Meggie? — Sua voz soou espantada. Talvez ele imaginasse que ela estivesse ligando por causa da briga, mas agora quem estava preocupado com uma briguinha boba?

Levou um bom tempo até Mo entender o que queriam dizer as palavras afoitas de Meggie.

— Devagar, Meggie! — ele repetiu várias vezes. — Devagar. — Mas Isso era mais fácil falar do que fazer, quando o coração batia até no pescoço e Basta talvez já estivesse espreitando no portão do jardim de Elinor. Meggie não teve coragem sequer para levar o pensamento até o fim.

Mo, ao contrário, permaneceu estranhamente calmo. Quase como se já esperasse que o passado viesse apanhá-lo mais uma vez. "As histórias nunca têm fim, Meggie", ele lhe dissera uma vez, "embora os livros gostem de nos enganar a esse respeito. As histórias sempre continuam, não terminam com a última frase, assim como não começam com a primeira."

— Elinor ligou o alarme? — ele perguntou.

— Ligou.

— Ela avisou a polícia?

— Não. Ela disse que, de qualquer forma, não acreditariam nela.

— Diga a ela que ligue assim mesmo. E que faça uma descrição de Basta. Vocês ainda são capazes de descrevê-lo, não é?

Que pergunta! Meggie tentara esquecer o rosto de Basta mas parecia que ele ficaria gravado em sua memória, com a nitidez de uma fotografia, pelo resto da sua vida.

— Preste atenção, Meggie! — Talvez Mo não estivesse tão calmo como aparentava. Sua voz soara diferente do que de costume. — Voltarei ainda esta noite. Diga isso a Elinor e à sua mãe. O mais tardar amanhã de manhã estarei na porta de casa. Tranquem tudo e mantenham as janelas fechadas, entendeu?

Meggie fez que sim com a cabeça, esquecendo-se de que Mo não podia ver através do telefone.

— Meggie?

— Sim, entendi — Meggie tentou soar tranquila, corajosa. Mesmo não se sentindo assim. Ela estava com medo, e que medo.

— Até amanhã, Meggie!

Ela percebeu na sua voz que ele partiria imediatamente. E, de repente, quando viu em pensamento a estrada à noite, a longa estrada, teve um novo e terrível pensamento.

— Você está louco? — ela exclamou. — Mo! E se Basta estiver espreitando em algum lugar?

Mas seu pai já havia desligado.

Elinor decidiu alojar Farid no mesmo lugar em que Dedo Empoeirado dormira: a câmara no sótão, onde as pilhas de caixas de livros ao redor do estreito estrado eram tão altas que qualquer um que dormisse ali certamente sonharia estar sendo massacrado por papel impresso. Meggie ficou encarregada de mostrar o caminho a Farid. Quando ela lhe desejou uma boa noite, ele apenas mexeu a cabeça com um ar ausente. Ele parecia perdido, ali daquele jeito sentado na beira do estreito colchão, quase tão perdido como no dia em que Mo o lera da sua história para a igreja de Capricórnio, um garoto magro sem nome e com um turbante nos cabelos negros.

Naquela noite, antes de ir dormir, Elinor verificou mais uma vez se o sistema de alarme estava realmente ligado. Darius, por sua vez, pegou a espingarda com a qual Elinor de vez em quando atirava para o alto, quando apanhava algum gato espreitando embaixo dos ninhos de pássaro em seu jardim. Vestido com o roupão cor de laranja grande demais com que Elinor lhe presenteara na última festa de Natal, Darius sentou-se na poltrona do saguão de entrada, a espingarda no colo, e, com ar decidido, lixou o olhar na porta. Mas, quando Elinor foi verificar o alarme pela segunda vez, ele já dormia profundamente.

Meggie ainda não se deitara. Ela olhou para as estantes nas quais seus cadernos haviam estado até aquela tarde, passou a mão sobre as prateleiras vazias e, finalmente, ajoelhou-se diante do baú vermelho que havia muito tempo

Mo fizera para seus livros favoritos. Fazia meses que ela não o abria. Não cabia nem mais um só livro ali dentro, e agora ele estava pesado demais para carregar em viagens. Por isso, Elinor lhe dera a estante para os novos livros favoritos. Ela ficava ao lado da cama, tinha portas envidraçadas e entalhes que serpenteavam ao redor da madeira escura como se ela não tivesse se esquecido de que fora viva um dia. As prateleiras atrás do vidro estavam cheias novamente, afinal agora não só Mo mas também Resa e Elinor lhe davam livros. O próprio Darius de vez em quando lhe trazia um. Os amigos antigos, porém, os amigos livros que Meggie já tivera antes de se mudar para a casa de Elinor, continuavam a morar no baú e, quando ela abria a pesada tampa, era como se vozes quase esquecidas viessem ao seu encontro, como se rostos familiares olhassem para ela. Como estavam desgastados, lidos e relidos... "Não é estranho como um livro fica mais grosso depois de ser lido várias vezes?", perguntara Mo quando, no último aniversário de Meggie, mais uma vez haviam visto juntos todos os seus velhos conhecidos. "Como se a cada vez ficasse algo grudado entre suas páginas. Sensações, pensamentos, ruídos, cheiros... E então, quando folheia novamente o livro depois de muitos anos, você descobre a si mesmo ali, um pouco mais novo, um pouco diferente, como se o livro tivesse guardado você, como uma flor prensada, estranha e familiar ao mesmo tempo."

Um pouco mais novo, sim. Meggie pegou um dos livros que estavam por cima e começou a folheá-lo. Ela o lera pelo menos uma dúzia de vezes. Ali estava a cena de que ela mais gostava quando tinha oito anos, e aquela outra ela havia sublinhado quando tinha dez, com um lápis vermelho, pois achara muito linda. Ela passou o dedo sobre as linhas tortas — naquela época não havia Resa, Elinor, Darius, apenas Mo... Não havia saudades de fadas azuis, lembranças de um rosto marcado por cicatrizes, uma marta com chifres e um garoto que andava o tempo todo descalço, nem Basta e sua navalha. Uma outra Meggie lera o livro, uma Meggie tão diferente... E ela ficaria entre as suas páginas, guardada como um suvenir.

Com um suspiro, Meggie fechou o livro novamente e o pôs de volta com os outros. No quarto ao lado, ela ouvia sua mãe andar de um lado para o outro. Será que, assim como Meggie, ela não conseguia parar de pensar na ameaça que Basta fizera a Farid? "Preciso falar com ela", pensou Meggie. "Se ficarmos

juntas talvez o medo seja menos ruim." Mas os passos de Resa silenciaram bem na hora em que ela se levantou, e tudo ficou quieto no quarto ao lado, quieto como o sono. Talvez dormir não fosse má ideia. Mo certamente não chegaria antes apenas porque Meggie estava acordada esperando por ele. Se pelo menos ela pudesse telefonar para Mo, mas ele sempre se esquecia de ligar o celular.

Meggie fechou a tampa de seu baú com extremo cuidado, como se o barulho pudesse acordar Resa novamente, e apagou as velas que acendia todas as noites, embora inúmeras vezes Elinor já a tivesse proibido de fazer isso. Justamente quando ela tirava a blusa, alguém bateu à sua porta, bem baixinho. Meggie abriu pensando que encontraria sua mãe na porta, porque na verdade ela não conseguia dormir, mas era Farid. Farid que ficou vermelho escarlate quando viu que ela estava apenas de sutiã. Ele balbuciou um pedido de desculpas e, antes que Meggie pudesse responder, saiu dali mancando com seus pés enfaixados. Ela se esqueceu de vestir novamente a blusa antes de ir atrás dele.

— O que foi? — ela perguntou preocupada enquanto fazia um sinal para ele voltar para o quarto dela. — Você ouviu alguma coisa lá embaixo?

Mas Farid sacudiu a cabeça. Ele segurava na mão a folha de papel, a passagem de volta de Dedo Empoeirado, como Elinor sarcasticamente a batizara. Hesitante, ele seguiu Meggie até o quarto. Lá dentro, olhou ao seu redor como alguém que não se sente bem em lugares fechados. Era provável que, desde que desaparecera com Dedo Empoeirado sem deixar pistas, ele tivesse passado a maior parte dos dias e das noites ao ar livre.

— Desculpe! — ele balbuciou enquanto olhava para os dedos de seu pé. Dois dos curativos de Resa já estavam se soltando. — Já está tarde, muito tarde, mas... — pela primeira vez olhou nos olhos de Meggie e ficou vermelho. — Orfeu disse que não leu tudo — ele prosseguiu com voz hesitante. — Ele simplesmente deixou de lado as palavras que teriam me levado para o outro lado. Fez isso de propósito, mas preciso advertir Dedo Empoeirado, por isso...

— Por isso o quê? — Meggie arrastou para perto dele a cadeira de sua escrivaninha, e ela mesma se sentou no batente da janela. Farid sentou-se na cadeira tão hesitante quanto ao entrar no quarto.

— Você precisa me ler para lá também, por favor! — Mais uma vez, ele estendeu-lhe o papel sujo, com uma expressão tão suplicante em seus olhos negros, que Meggie não sabia como retribuir o olhar. Que cílios longos e espessos ele tinha, os dela nem de longe eram tão bonitos. — Por favor! Sei que você é capaz! — ele balbuciou. — Naquela vez... na noite na aldeia de Capricórnio... eu me lembro perfeitamente, e você não tinha nada além de uma folha como esta!

Aquela vez na aldeia de Capricórnio. O coração de Meggie ainda batia acelerado quando ela se lembrava da noite da qual Farid falara. A noite em que ela lera Sombra e não conseguira fazê-lo matar Capricórnio, até que Mo o fizera em seu lugar.

— Orfeu escreveu as palavras, foi ele mesmo quem disse. Ele só deixou de ler a minha parte, mas as palavras estão aqui, no papel! É claro que meu nome não está, senão não funcionaria. — Farid falava cada vez mais depressa. — Orfeu disse que este é o segredo: na medida do possível, usar somente palavras que aparecem no livro cuja história se quer mudar.

- Ele disse isso? — O coração de Meggie falhou, como se tivesse tropeçado nas palavras de Farid. "Usar somente palavras que aparecem no livro..." Era por isso que ela não conseguira trazer nada, absolutamente nada das histórias de Resa? Porque usara palavras que não existiam em *Coração de tinta?* Ou era porque não conhecia o suficiente da arte da escrita?

Disse. Orfeu acha que sabe muito sobre como se deve ler. — Farid cuspiu o nome como um caroço de ameixa. — Mas ele nem chega aos pés de você ou de seu pai, se quer saber a minha opinião.

"Pode ser", pensou Meggie, "mas leu Dedo Empoeirado de volta. E escreveu ele mesmo as palavras para isso. Nem eu nem Mo teríamos conseguido." Ela pegou da mão dele a folha com as linhas escritas por Orfeu. A letra era difícil de decifrar, mas era uma bela caligrafia, estranhamente entrelaçada e com bastante personalidade.

— Em que ponto exatamente Dedo Empoeirado desapareceu? Farid sacudiu os ombros.

— Não sei — ele murmurou envergonhado.

Claro, ela esquecera. Ele não sabia ler. Meggie seguiu com o dedo a primeira frase: "Dedo Empoeirado regressou num dia que cheirava a cogumelos e frutas silvestres".

Pensativa, ela deixou cair a folha.

— Não funciona — ela disse. — Nem ao menos temos o livro. Como pode funcionar sem o livro?

— Mas Orfeu também não tinha! Dedo Empoeirado pegou o livro antes de ele ler o papel. — Farid arrastou a cadeira para trás e se pôs ao lado dela. Sua proximidade deixou Meggie perturbada, ela não queria saber por quê.

— Não pode ser! — ela murmurou.

Mas Dedo Empoeirado se fora. Algumas linhas manuscritas haviam aberto a porta entre as letras, à qual Mo tanto batera em vão. E não fora Fenoglio, o autor do livro quem escrevera as frases, e sim um estranho... Um estranho com um nome misterioso. Orfeu.

Meggie sabia mais do que a maioria das pessoas sobre o que esperava atrás das palavras. Ela própria abrira portas, atraíra seres viventes para fora de velhas páginas amareladas e estivera presente quando seu pai lera e trouxera, de um conto árabe, o garoto que estava ao seu lado. Mas aquele Orfeu parecia saber mais, muito mais do que ela, até mesmo mais do que Mo, que Farid continuava a chamar de Língua Encantada... e de repente Meggie sentiu medo das palavras naquela folha de papel suja. Ela a colocou em cima de sua escrivaninha, como se tivesse queimado os dedos com o papel.

— Por favor! Tente pelo menos! — A voz de Farid soou quase suplicante. — E se Orfeu já tiver lido Basta para o outro mundo? Dedo Empoeirado precisa saber que os dois estão mancomunados! Ele acha que está seguro contra Basta no seu mundo.

Meggie continuava com o olhar fixo nas palavras de Orfeu. Eram belas palavras, encantadoramente belas. Meggie percebeu que sua língua queria sentir o gosto delas. Mais um pouco e ela teria começado a lê-las. Assustada, tapou a boca com a mão.

Orfeu.

Evidentemente ela conhecia o nome da história que o envolvia como uma trama de flores e espinhos. Elinor lhe dera o livro que a contava da forma mais

bela.

Por ti, Orfeu, lamentam, cheios de dor, os pássaros, Os bandos selvagens, a rocha firme e por ti lamenta A floresta, que tantas vezes seguiu tua canção. A árvore despe suas folhas e , a copa desnuda, chora por ti.

Ela olhou para Farid com um ar indagador: — Quantos anos ele tem?

- Orfeu? — Farid sacudiu os ombros. — Vinte, vinte e cinco, sei lá. É difícil dizer. Ele tem cara de criança.

Tão jovem. As palavras no papel não soavam como as de um homem jovem. Soavam como se soubessem de muitas coisas.

Por favor! — Farid ainda olhava para ela. — Você vai tentar, não vai?

Meggie olhou para fora. Pensou nos ninhos de fadas vazios, nos homenzinhos de vidro desaparecidos e em algo que Dedo Empoeirado lhe dissera havia muito tempo. "Às vezes, de manhã bem cedinho, quando eu ia para o poço me lavar, havia umas fadinhas minúsculas voando sobre a água, só um pouco maiores do que as libélulas de vocês e azuis como violetas. Elas não eram muito gentis, mas à noite brilhavam como vagalumes."

Está bem — ela disse — e parecia que era outra pessoa que respondia a Farid. — Está bem, vou tentar. Mas antes os seus pés precisam melhorar. O mundo sobre o qual minha mãe conta não é um mundo onde se possa andar com os pés machucados.

Besteira, está tudo em ordem com meus pés! — Farid começou a andar para lá e para cá no tapete macio, como se dessa forma pudesse provar o que estava dizendo. — Por mim, pode tentar agora mesmo! Mas Meggie sacudiu a cabeça.

— Não! — ela disse decidida. — Primeiro preciso treinar para ler com fluência. Com manuscritos não é fácil, além disso este está borrado em alguns pontos, acho melhor eu copiá-lo. Esse Orfeu não mentiu. Ele escreveu algo sobre você, mas não estou muito certa de que seja suficiente. Além disso — ela tentou soar casual quando prosseguiu — se eu tentar, vou querer ir junto.

— O quê?

— Isso mesmo! Por que não? — Meggie não pôde evitar que sua voz denunciasse o quanto o olhar espantado dele a magoava.

Farid não respondeu.

Será que ele não entendia que ela também queria ver tudo aquilo sobre o que sua mãe e Dedo Empoeirado haviam contado, a voz comovida pelas saudades: os enxames de fadas sobre a relva, as árvores, tão altas que faziam pensar que as nuvens iriam se enroscar em seus galhos, a Floresta Sem Caminhos, os saltimbancos, o castelo do Príncipe Porcino e as torres de prata do Castelo da Noite, o mercado em Ombra, o fogo que sabia dançar, as lagoas sussurrantes, com rostos de ninfas que olhavam para fora...

Não, Farid não entendia. Ele nunca ansiara por um mundo totalmente diferente nem sentira a saudade que dilacerava o coração de Dedo Empoeirado. Farid queria apenas uma coisa: encontrar Dedo Empoeirado, adverti-lo contra Basta e estar com ele novamente. Farid era a sombra de Dedo Empoeirado. Era esse o papel que ele queria desempenhar, não importava em que história.

— Esqueça! Você não pode ir junto! — Sem olhar para ela, Farid voltou de um salto para a cadeira que Meggie lhe oferecera, sentou-se e arrancou de seus pés o esparadrapo que Resa havia colado com tanto cuidado. — Ninguém pode ler a si mesmo para dentro de um livro. Nem Orfeu! Ele próprio contou para Dedo Empoeirado que já tentara diversas vezes, mas simplesmente não funcionara.

— Ah, é? — Meggie tentou soar mais segura do que se sentia. — Você mesmo disse que leio melhor do que Orfeu. Talvez eu realmente possa! "Embora não escreva tão bem quanto ele", ela acrescentou em pensamento.

Farid lançou-lhe um olhar preocupado enquanto enfiava os esparadrapos no bolso de sua calça.

— Mas lá é perigoso — ele disse. — Especialmente para uma m... ele não pronunciou a palavra. Em vez disso, começou a examinar seus dedos feridos.

Bobo. Meggie sentiu a irritação como um gosto amargo na boca. O que ele estava pensando? Certamente ela sabia muito mais do que ele sobre o mundo para o qual o leria.

— Sei que é perigoso — ela disse exaltada. — E vou junto ou então não leio. Pense bem. E agora me deixe sozinha. Preciso refletir.

Farid lançou um último olhar para a folha de papel com as palavras de Orfeu antes de sair pela porta.

— Quando você vai querer tentar? — ele perguntou antes de pisar novamente no corredor. — Amanhã?

— Talvez — Meggie limitou-se a responder.

Então ela fechou a porta atrás dele e ficou sozinha com as letras de Orfeu.



6. A estalagem dos saltimbancos

—Obrigada — disse Lucy, abrindo a caixa de fósforos e tirando um palito de dentro. — Atenção, todos! — ela exclamou. Sua voz soou alto. — ATENÇÃO! ISTO É UM ADEUS, MÁS RECORDAÇÕES!

Philip Ridley, *Dakota Pink* Dedo Empoeirado precisou de dois dias inteiros para sair da Floresta Sem Caminhos. Ele encontrou poucas pessoas, alguns carvoeiros pretejados de fuligem, um caçador maltrapilho, dois coelhos sobre os ombros e a fome estampada no rosto, e uma legião de guarda-caças principescos armados até os dentes, que provavelmente procuravam algum pobre diabo que havia abatido uma corça para dar de comer a seus filhos. Nenhum deles viu Dedo Empoeirado. Ele sabia como se fazer invisível e, somente na segunda noite, quando ouviu uma matilha de lobos uivar na colina próxima, arriscou evocar o fogo.

O fogo. Tão diferente naquele mundo. Como faria bem ouvir novamente sua voz crepitante. E poder responder a ela. Dedo Empoeirado recolheu um pouco da lenha seca que havia no chão por toda a parte, em meio a flores de cera e pés de tomilho, retirou o mel que havia roubado dos elfos das folhas que o mantinham úmido e maleável, e pôs um minúsculo pedacinho dele na boca. Quanto medo tivera ao experimentar o mel pela primeira vez! Medo de que seu precioso butim lhe queimasse a língua, a ponto de lhe tirar a voz. Mas suas preocupações haviam sido em vão. O mel ardia na língua como carvão em brasa, mas a dor passava, e quem a suportasse por tempo suficiente poderia falar com o fogo, mesmo se tivesse apenas uma língua humana. Cinco, seis meses, às vezes quase um ano, por todo esse tempo durava o efeito de um minúsculo pedacinho. Bastava um leve sussurrar na linguagem das chamas, um estalar de dedos e as fagulhas brotavam da madeira, seca ou úmida, ou mesmo da pedra.

No começo, o fogo subiu dos galhos mais hesitante do que antigamente. Como se tivesse esquecido o timbre de sua voz, como se não pudesse acreditar que ele estava de volta. Mas então começou a sussurrar e a lhe dar boas-vindas, cada vez mais animado, até que Dedo Empoeirado precisou conter as chamas que subiam desenfreadas; ele imitou seu crepitar e o fogo curvou-se como um felino selvagem que se agacha ronronando quando o acariciamos com cautela na medida certa.

Enquanto o fogo devorava a madeira e seu brilho mantinha os lobos a distância, Dedo Empoeirado lembrou se novamente do garoto. Ele não conseguia contar as noites em que tivera que descrever para Farid como o logo falava para ele, que só conhecia chamas mudas e rabugentas.

— Pois é, quem diria! — murmurou ao esquentar os dedos nas brasas adormecidas. — Você ainda sente a falta dele!

E ficou contente ao pensar que pelo menos a marta ainda estava com o garoto para ajudá-lo contra os espíritos que ele via por toda parte.

Sim, Dedo Empoeirado sentia falta de Farid. Mas havia outros de quem ele sentira falta durante dez anos, tanto que seu coração ainda estava partido de tanta saudade. Por causa deles, seus passos foram se tornando cada vez mais impacientes à medida que se aproximavam do limite da floresta e daquilo que esperava depois dela — o mundo dos homens. Sim, não era apenas a saudade das fadas, dos homens de vidro e das ninfas que o torturava no outro mundo. Havia também algumas pessoas das quais ele sentira falta, não muitas, mas por serem poucas a falta era ainda maior.

Como ele se esforçara em tentar esquecê-las desde o dia em que, quase morto de fome, na porta de Língua Encantada, ouvira daquele que o arrancara de seu mundo que não haveria retorno para ele... Sim, naquele momento ele

entendera que precisaria escolher. "Esqueça-os, Dedo Empoeirado!" Quantas vezes ele não dissera isso a si mesmo... "Ou vai enlouquecer por tê-los perdido." Mas seu coração simplesmente não obedecera. Lembranças, tão doces e tão amargas... Durante todos aqueles anos, elas o devoraram e o alimentaram ao mesmo tempo. Até que, em algum momento, começaram a empalidecer, ficaram indefinidas, nebulosas, nada além de uma dor que logo se espanta porque corta o coração. Afinal, de que adiantava se lembrar de algo que se perdeu?

"É melhor também não lembrar agora!", Dedo Empoeirado disse a si mesmo enquanto ao seu redor as árvores eram cada vez mais jovens e o teto de folhas em cima dele cada vez mais ralo. Dez anos são um longo tempo, durante o qual alguém pode se perder. Agora havia cada vez mais cabanas de carvoeiros entre as árvores, mas Dedo Empoeirado não deixou que os Homens Pretos o vissem. Quem não era da floresta falava deles com desprezo, porque os carvoeiros viviam mais fundo na floresta do que a maior parte deles havia ousado entrar. Artesãos, camponeses, comerciantes e príncipes, todos precisavam do carvão, mas não gostavam de ver em suas cidades e aldeias aqueles que o queimavam para eles. Dedo Empoeirado gostava dos carvoeiros. Sabiam quase tanto quanto ele sobre a floresta, ainda que hostilizassem as árvores dia a dia. Por inúmeras vezes, Dedo Empoeirado se sentara com eles ao redor de suas fogueiras e ouvira suas histórias, mas, depois de todos aqueles anos, ele queria ouvir outras histórias, histórias sobre o que se passara fora da floresta, e estas só podiam ser ouvidas num lugar: numa das estalagens que havia ao longo da estrada.

Dedo Empoeirado tinha em mente uma estalagem bem definida. Ela ficava no limite norte da floresta, exatamente no ponto em que a estrada surgia entre as árvores e começava a serpentear, subindo as colinas e passando por algumas glebas de terra abandonadas, até chegar ao portão de Ombra, a cidade sobre cujos telhados o castelo do Príncipe Porcino lançava sua sombra.

As estalagens que ficavam fora das cidades, à beira da estrada, sempre haviam sido ponto de encontro de saltimbancos. Ali eles eram contratados por ricos negociantes, mercadores e artesãos para casamentos e enterros, para festas

que celebravam o feliz regresso de um viajante ou o nascimento de uma criança. Por algumas moedas, os saltimbancos forneciam música, comédias burlescas e acrobacias, distração para os grandes e pequenos pesares e, se Dedo Empoeirado quisesse saber o que se passara em todos aqueles anos em que estivera fora, o melhor a fazer era perguntar ao Povo Colorido. Os saltimbancos eram o jornal daquele mundo. Ninguém sabia melhor o que acontecia do que aqueles que nunca tinham paradeiro fixo.

"Quem sabe", pensou Dedo Empoeirado ao deixar para trás as últimas árvores, "se eu tiver sorte, talvez até encontre velhos conhecidos."

A estrada estava enlamaçada e coberta de poças. As rodas das carroças haviam deixado sulcos profundos na terra, e as marcas dos cascos de mulas e cavalos estavam cobertas pela água da chuva. Naquela estação do ano, às vezes chovia o dia inteiro, como na véspera, em que ele ficara contente de estar sob as árvores, cujas folhas interceptavam a água antes que o encharcasse. A noite havia sido fria, suas roupas estavam úmidas e endurecidas, apesar do fogo ao lado do qual ele dormira, e era bom que o céu estivesse limpo, ainda que alguns farrapos de nuvens flutuassem acima das colinas.

Felizmente, ele encontrara algumas moedas em suas roupas velhas. Para alguns pratos de sopa, deveriam bastar. Dedo Empoeirado não trouxera nada do outro mundo. O que ele faria ali com aquele papel impresso que era usado para pagar tudo? Ali no seu mundo, onde apenas valiam o ouro, a prata e o cobre tilintante, se possível com a efígie do respectivo príncipe? Assim que gastasse as moedas, ele teria que procurar uma praça de mercado, em Ombra ou em outro lugar.

A estalagem que ele tinha em mente não havia mudado muito nos últimos anos, nem para melhor nem para pior. Continuava tão simples quanto antes, com suas poucas janelas que não passavam de buracos na parede de pedra cinzenta. No mundo que o hospedara até três dias antes, provavelmente nenhum hóspede

jamais pisara uma soleira tão suja, mas aquela ali era a estalagem do último abrigo antes da floresta, a última chance de uma comida quente e um lugar para dormir que não estivesse úmido de orvalho e de chuva... "E os novos viajantes ainda recebem grátis alguns piolhos e percevejos!", pensou Dedo Empoeirado ao abrir a porta.

Dentro da estalagem, estava tão escuro que primeiro seus olhos tiveram que se habituar à penumbra. O outro mundo os acostumara mal, com todas as suas luzes e seus brilhos, que faziam até a noite parecer dia. Ele havia habituado seus olhos a que tudo fosse claramente identificável e à luz, algo que podia ligar e desligar, disponível a qualquer momento. Mas agora tinham que se readequar a um mundo de penumbra e de sombras, de noites longas, negras como o carvão, a casas onde se barrava o sol, porque muitas vezes ele esquentava demais.

A única luz que havia no interior da estalagem vinha dos poucos raios de sol que entravam pelas janelas. A poeira dançava ali como um enxame de minúsculas fadinhas. Na lareira, ardia um fogo sob um caldeirão preto lodo amassado. O cheiro que ele espalhava não era especialmente atraente, mesmo para o estômago vazio de Dedo Empoeirado, mas isso não o surpreendeu. Aquela estalagem nunca tivera um dono que entendesse de cozinha. Ao lado do caldeirão, havia uma menina de pouco mais de dez anos, que mexia com um bastão o que quer que se cozinhasse ali. Havia talvez trinta pessoas sentadas nos bancos rústicos, fumando, murmurando, bebendo.

Dedo Empoeirado andou lentamente até um lugar vazio e sentou-se. Discretamente, olhou ao seu redor à procura de um rosto que lhe parecesse conhecido, de um par de calças coloridas, como somente os saltimbancos usavam. Um alaudista estava sentado à janela e conversava com um homem muito mais bem-vestido do que ele, talvez um rico comerciante. Evidentemente, nenhum pobre camponês poderia se permitir contratar um músico ambulante. Se um camponês quisesse música em seu casamento, ele mesmo teria que tocar a rabeca. Nem mesmo os dois pífaros que estavam sentados à janela ele poderia pagar. Na mesa ao lado, um grupo de atores discutia alto, provavelmente pelo

melhor papel numa peça. Um deles ainda usava a máscara atrás da qual se escondia nas praças dos mercados. Estranho como um duende, ele estava sentado entre os outros, mas, com ou sem máscaras, eram todos estranhos, cantassem ou dançassem, cuspissem fogo ou encenassem histórias vulgares num tablado de madeira. O mesmo valia para os que viajavam com eles: barbeiros cirurgiões, remendadores de ossos, cortadores de pedras, milagreiros, para os quais os artistas atraíam a clientela.

Rostos velhos, rostos jovens, felizes e infelizes, havia de tudo um pouco naquele local enfumaçado, mas nenhum pareceu familiar a Dedo Empoeirado. Ele também era observado, sentia, mas já estava acostumado a isso. Seu rosto com cicatrizes atraía olhares de todos os lados, e as roupas que ele usava faziam o resto: a vestimenta dos cuspidores de fogo, negra como fuligem, vermelha como as chamas que os outros temiam e com as quais ele brincava. Por um momento, ele se sentiu estranhamente alheio no meio de toda aquela movimentação que antes lhe era familiar, como se ainda carregasse o outro mundo, de forma claramente visível, todos os anos, os anos infindavelmente longos que haviam se passado desde que Língua Encantada o arrancara de sua história e lhe roubara sua vida, sem querer, como quem ao passar esmaga a casa de um caracol.

— Olhe aqui para mim!

Uma mão pesada pousou em seu ombro, e um homem se abaixou e olhou para o seu rosto. Seus cabelos eram grisalhos, o rosto redondo e sem barba, e ele ficava de pé com tão pouca firmeza que Dedo Empoeirado por um momento pensou que estivesse bêbado.

— Ora, se eu não conheço esse rosto! — ele exclamou então com um ar incrédulo enquanto o segurava tão firmemente pelos ombros, como se quisesse verificar se Dedo Empoeirado era de carne e osso realmente.

De onde você veio, seu velho devorador de fogo, diretamente do Reino dos Mortos? O que aconteceu, as fadas o ressuscitaram novamente? Elas sempre foram loucas por você, aqueles diabinhos azuis.

Alguns homens se viraram para eles, mas o barulho no local escuro e abafado era tão grande que muitos não notaram o que se passava ao redor.

— Bailarino das Nuvens! — Dedo Empoeirado ergueu-se e abraçou o outro. — Como você está?

— Ah! Já estava achando que havia se esquecido de mim! — Bailarino das Nuvens abriu um sorriso largo e deixou à mostra seus grandes dentes amarelados.

Oh, não, Dedo Empoeirado não o esquecera, muito embora tivesse tentado, assim como aos outros de quem sentia falta. Bailarino das Nuvens, o melhor equilibrista que já havia passeado entre os telhados daquele mundo. Dedo Empoeirado reconhecera-o de imediato, apesar dos cabelos que haviam ficado grisalhos e da perna esquerda, que ele abria para o lado de forma tão estranhamente rígida.

— Venha comigo. Precisamos festejar. Não é todo dia que se reencontra um amigo morto.

Impaciente, ele levou Dedo Empoeirado até um banco sob uma das janelas pelas quais entrava um pouco da luz do sol. Então ele acenou para a menina que ainda mexia no caldeirão e pediu duas canecas de vinho. Por um momento, a pequena olhou fascinada para as cicatrizes de Dedo Empoeirado, depois

disparou para o balcão, atrás do qual um homem gordo observava seus fregueses com um olhar sem brilho.

— Você parece estar bem! — observou Bailarino das Nuvens. — Bem alimentado, sem cabelos brancos, quase sem furos na roupa. Até os dentes você parece ter todos. Por onde andou? Talvez eu deva ir para esse lugar, parece que se leva uma boa vida por lá.

Esqueça. Aqui é melhor — Dedo Empoeirado tirou os cabelos da testa e olhou ao seu redor. — Chega de falar de mim. Como você tem passado? Estou vendo que pode se permitir tomar vinho, mas seus cabelos estão grisalhos e sua perna esquerda... Pois é, a perna...

A menina trouxe o vinho. Enquanto Bailarino das Nuvens procurava em seu bolso pela moeda adequada, ela olhou novamente para Dedo Empoeirado com tanta curiosidade que ele juntou as pontas dos dedos umas nas outras e murmurou algumas palavras na linguagem do fogo. Ele esticou o dedo indicador, sorriu para ela e assoprou suavemente a ponta do dedo. Uma chama diminuta, fraca demais para fazer fogo, mas suficientemente luminosa para se refletir nos olhos da menina, subiu de sua unha e cuspiu faíscas douradas na mesa suja. A menina ficou ali como que enfeitiçada, até que Dedo Empoeirado apagou a chama com um sopro e mergulhou o dedo na caneca de vinho que Bailarino das Nuvens lhe estendeu.

— Estou vendo que ainda gosta de brincar com o fogo — disse Bailarino das Nuvens, enquanto a menina lançava um olhar preocupado para o estalajadeiro gordo e voltava depressa para o caldeirão. — Bem, as minhas brincadeiras já se acabaram.

— O que aconteceu?

— Caí da corda. Não sou mais um bailarino das nuvens. Um comerciante, de quem devo ter desviado demais a atenção da clientela, jogou-me um repolho. Posso me dar por feliz por ter caído em cima da tenda de um vendedor de tecidos. Assim, só quebrei a perna e algumas costelas, mas não o pescoço.

Dedo Empoeirado olhou para ele pensativo.

— Do que você vive desde que não pôde mais subir na corda? Bailarino das Nuvens deu de ombros.

— Você pode não acreditar, mas ainda sou muito bom a pé. Até mesmo posso cavalgar com essa perna, se houver um cavalo, é claro. Ganho o meu pão como mensageiro, embora ainda goste de me juntar aos saltimbancos, ouvir suas histórias e me sentar com eles ao redor da fogueira. Mas o que me dá de comer agora são as letras, mesmo sem saber ler. Cartas de ameaça, de súplicas, cartas de amor, contratos de compra e venda, testamentos, eu transporto tudo o que cabe num pedaço de pergaminho ou papel. Inclusive palavras faladas, segredadas em meu ouvido, levo em confiança de um lugar para outro. Não vivo mal, embora, para dizer a verdade, eu não seja o mensageiro mais rápido que se pode pagar. Mas comigo todos sabem que a carta realmente chega às mãos daquele a quem se destina. E isso é difícil de encontrar.

Dedo Empoeirado não tinha dúvidas. *Por algumas moedas de ouro, pode-se até mesmo ler a correspondência dos príncipes.* Já em seu tempo se dizia assim. Apenas era preciso conhecer alguém que soubesse falsificar um lacre rompido.

— E os outros? — Dedo Empoeirado olhou para os pífaros perto da janela. — O que andam fazendo?

Bailarino das Nuvens tomou um gole de vinho e fez uma careta.

— Eca! Eu devia ter pedido mel também. Os outros, bem — ele esfregou a perna dura — alguns estão mortos, outros simplesmente desapareceram, como você. Ali, bem atrás daquele camponês que está olhando melancólico para o seu copo — ele apontou com a cabeça para o balcão —, ali está nosso velho amigo Pássaro Tisnado, o riso tatuado no rosto e de longe o pior de todos os cuspidores de fogo, embora ainda tente fervorosamente imitá-lo e desesperado procure a razão pela qual o fogo gosta mais de dançar para você do que para ele.

— Ele nunca vai descobrir.

Dedo Empoeirado olhou discretamente na direção do outro cuspidor de fogo. Pelo que ele se lembrava, Pássaro Tisnado sabia fazer malabarismos com as tochas em chamas com uma habilidade realmente respeitável, mas o fogo não dançava com ele. Ele era como um apaixonado sem esperanças, cuja escolhida o desprezara repetidas vezes. Havia muito tempo, Dedo Empoeirado cedera-lhe um pouco de mel de fogo, porque ficara com pena dele em seus esforços infrutíferos, mas, mesmo assim, Pássaro Tisnado não compreendera o que lhe diziam as chamas.

— Dizem que ele agora está trabalhando com aquele pozinho dos alquimistas — sussurrou Bailarino das Nuvens por cima da mesa —, uma brincadeira cara, se quer saber. É tão comum o fogo mordê-lo que suas mãos e seus braços já estão todos vermelhos. Apenas em seu rosto Pássaro Tisnado não o deixa tocar. Antes de começar a apresentação, ele o besunta até brilhar como toucinho.

— Ele continua a beber depois de cada apresentação?

— Depois da apresentação, antes da apresentação, mas apesar disso ainda é um sujeito bonito, não acha?

Sim, ele era, com seu rosto amigável, sempre sorridente. Pássaro Tisnado era um dos artistas de rua que viviam do olhar das outras pessoas, das risadas e dos aplausos e de que elas parassem para vê-lo. Também agora estava divertindo os que se encontravam com ele junto ao balcão. Dedo Empoeirado deu-lhe as costas, não queria ver a antiga admiração, nem a inveja em seus olhos. Pássaro Tisnado não estava entre aqueles de quem sentira falta.

— Não pense que os tempos ficaram mais fáceis para o Povo Colorido — sussurrou Bailarino das Nuvens do outro lado da mesa. — Desde a morte de Cosme, o Príncipe Porcino nos deixa ir aos mercados apenas em dias de festa e, ao castelo, no máximo quando seu neto faz um escarcéu exigindo um artista. Um sujeitinho nada simpático, que já dá ordens para os criados e os ameaça com o chicote e com a canga, mas que gosta do Povo Colorido.

— Cosme, o Belo, está morto? — Dedo Empoeirado quase engasgou com o vinho ácido.

— Está — Bailarino das Nuvens debruçou-se sobre a mesa, como se fosse deselegante falar muito alto sobre morte e desgraça. Ele partiu há cerca de um ano, belo como um anjo, para provar sua coragem principesca e para combater os incendiários que estavam acovilhados na floresta. Talvez você se lembre ainda do seu chefe, Capricórnio.

Dedo Empoeirado teve que sorrir.

— Oh, sim, eu me lembro dele — disse em voz baixa.

— Ele desapareceu mais ou menos na mesma época que você, mas o bando continuou ativo. Raposa Vermelha tornou-se o novo líder. Nenhuma aldeia, nenhuma gleba de nenhum camponês estava a salvo deles deste lado da floresta. Cosme, então, partiu, para pôr fim ao horror. Desbaratou o bando, mas ele próprio não voltou e, desde então, seu pai, que antes gostava tanto de comer que três aldeias poderiam ser alimentadas com seu café da manhã, também é chamado de Príncipe dos Suspiros. Pois é a única coisa que o Príncipe Porcino ainda faz.

Dedo Empoeirado estendeu o dedo na poeira que dançava no sol acima dele.

— O Príncipe dos Suspiros! — murmurou. — Sei, sei. E o que faz o ilustríssimo senhor do outro lado da floresta?

— Cabeça de Víbora? — Bailarino das Nuvens olhou preocupado ao seu redor. — Pois é, esse infelizmente não morreu. Ainda se acha o dono do mundo, manda cegar todos os camponeses que seus guarda-caças apanham com um coelho na floresta, escraviza quem não paga impostos e manda seus servos escavarem a terra em busca de prata até cuspirem sangue. As forcas diante de seu castelo estão sempre cheias, e o que ele mais gosta é quando um par de calças coloridas está pendurado lá em cima.

Apesar disso, quase ninguém fala mal dele, pois seus espiões são mais numerosos do que as pulgas nesta estalagem e ele os paga bem. Mas a morte — acrescentou Bailarino das Nuvens em voz baixa — não pode ser subornada, e Cabeça de Víbora está ficando velho. Dizem que ultimamente está com muito medo das Damas Brancas e da morte, tanto que se ajoelha à noite e se põe a uivar como um cão açoitado. Dizem que seus cozinheiros preparam para ele toda manhã um pudim de sangue de vitela, porque isso o manteria jovem, e que ele

guarda sob o travesseiro o osso do dedo de um enforcado, para protegê-lo das Damas Brancas. Ele se casou quatro vezes nos últimos sete anos. Suas mulheres são cada vez mais jovens e, assim mesmo, nenhuma lhe deu o que deseja mais ardentemente.

— Cabeça de Víbora ainda não tem um filho? Bailarino das Nuvens sacudiu a cabeça.

— Não, mas, apesar disso, seu neto vai nos governar um dia, pois a velha raposa casou uma de suas filhas (Violante, que todos chamam apenas de a Feia) com Cosme, o Belo, e ela teve um filho dele antes que ele partisse para a morte. Dizem que seu pai a tornou atraente para o Príncipe Porcino como noiva de seu filho dando a Violante um precioso manuscrito como dote, e junto com ele o melhor iluminador de livros da sua corte. Sim, antigamente o Príncipe Porcino era capaz de se entusiasmar por papel escrito da mesma forma que por boa comida, mas agora seus magníficos livros estão mofando! Ele não se interessa por mais nada, muito menos por seus súditos. Dizem as más-línguas que era exatamente esse o plano de Cabeça de Víbora. Ele próprio teria providenciado que seu genro não retornasse da fortaleza de Capricórnio, para que seu neto pudesse subir ao trono depois da morte do Príncipe Porcino.

— E as más-línguas devem estar certas.

Dedo Empoeirado correu os olhos pelos homens que se apinhavam no local abafado. Comerciantes, barbeiros cirurgiões, aprendizes, saltimbancos com mangas remendadas, todos que ganhavam a vida oferecendo seus serviços de lugar em lugar. Um tinha consigo um duende, que estava sentado no chão ao lado dele com uma expressão infeliz. Muitos davam a impressão de não saberem como pagariam o vinho que bebiam. Rostos felizes, livres de preocupação, doença, amargura, eram poucos. Ele esperava outra coisa? Esperava que a infelicidade tivesse fugido dali enquanto ele estivera fora? Não. Voltar era tudo que ele esperara durante dez anos, não para o paraíso, apenas para casa. O peixe

não queria sempre voltar para a água mesmo sabendo que as percas o esperavam ali?

Um bêbado cambaleou de encontro à mesa e quase derrubou o vinho ácido. Dedo Empoeirado segurou a jarra.

— E o que aconteceu com os homens de Capricórnio, Raposa Vermelha e todos os outros? Estão todos mortos?

— Você está sonhando? — Bailarino das Nuvens deu uma risada amarga. — Todos os incendiários que escaparam ao ataque de Cosme foram recebidos de braços abertos no Castelo da Noite. Cabeça de Víbora fez de Raposa de Fogo o seu arauto, e também Pífaro, o velho músico de Capricórnio, agora canta suas canções sombrias no castelo de torres de prata. Ele se veste de seda e veludo e tem os bolsos cheios de ouro.

— Pífaro ainda existe? — Dedo Empoeirado passou a mão no rosto. — Céus, você não tem nada agradável para me contar? Algo que me faça realmente ficar feliz de estar aqui outra vez?

Bailarino das Nuvens riu tão alto que Pássaro Tisnado virou-se e olhou para ele.

— A melhor novidade é que você está de volta! — ele disse. — Sentimos sua falta, Mestre do Fogo! Dizem que, desde que você nos abandonou tão infielmente, as fadas suspiram quando dançam à noite, e antes de ir dormir o Príncipe Negro ainda conta a seu urso histórias sobre você.

— O Príncipe Negro ainda existe? Que bom! — Aliviado, Dedo Empoeirado

tomou um gole de sua caneca, embora o vinho realmente tivesse um gosto horrível. Ele não tivera coragem de perguntar sobre o Príncipe Negro com medo de descobrir algo semelhante ao que soubera sobre Cosme.

— Oh, sim, ele vai muito bem! — Bailarino das Nuvens começou a falar mais alto quando dois comerciantes começaram a brigar na mesa ao lado. — Ainda o mesmo sujeito preto como breu, rápido com a língua e mais rápido ainda com as facas, que nunca viaja sem o seu urso.

Dedo Empoeirado sorriu. Sim, aquela era realmente uma boa notícia. O Príncipe Negro... Domador de ursos, atirador de facas. Provavelmente ainda comprando brigas do mesmo jeito. Dedo Empoeirado o conhecia desde que os dois eram crianças, órfãos, sem um lar. Com onze anos, foram presos juntos, na canga, lá no outro lado da floresta, onde ambos haviam nascido, depois passaram dois dias fedendo a legumes podres.

Bailarino das Nuvens examinou seu rosto.

— E então? — perguntou. — Quando vai fazer finalmente a pergunta que quer fazer desde que bati em seu ombro? Pergunte! Antes que eu fique bêbado demais para responder.

Dedo Empoeirado não pôde evitar, teve que rir. Bailarino das Nuvens sempre entendera muito da arte de enxergar o coração dos outros, mesmo que, com seu rosto redondo, não o demonstrasse.

— Está bem, então. O que hei de fazer... Como ela está?

— Até que enfim! — Bailarino das Nuvens sorriu satisfeito consigo mesmo,

deixando à mostra dois dentes faltando. — Bem, antes de mais nada... ela continua belíssima. Agora vive numa casa, não canta mais, não dança mais, não usa saias coloridas, e seus cabelos ficam presos como os de uma camponesa. Ela ocupa uma gleba lá em cima na colina, atrás do castelo, um pedaço de terra suficiente para cultivar as ervas que os barbeiros compram. Até mesmo Urtiga compra dela. Ela vive às vezes bem, às vezes mal, e assim vai criando seus filhos.

Dedo Empoeirado tentou parecer indiferente, mas viu no olhar de Bailarino das Nuvens que não conseguira.

— E o mercador de especiarias que andava sempre em volta dela?

— O que poderia ser? Ele foi embora há alguns anos, deve viver em alguma grande casa à beira-mar e estar um pouco mais rico a cada saco de pimenta que seus barcos trazem.

— Então ela não casou com ele?

— Não. Ela escolheu um outro.

— Um outro?...

Dedo Empoeirado mais uma vez tentou soar indiferente. Novamente sem sucesso.

Bailarino das Nuvens divertiu-se em deixá-lo na incerteza por um tempo,

então prosseguiu: — Sim, um outro. Pobre coitado, morreu logo, mas ela teve um filho dele, um menino.

Dedo Empoeirado ficou calado e escutou seu próprio coração batendo.

— E as meninas?

— Oh, as meninas. Pois é... Quem será o pai? — Bailarino das Nuvens sorriu novamente como um garotinho que conseguira pregar uma peça em alguém. — Brianna já está tão bonita quanto sua mãe. Embora tenha herdado a cor do seu cabelo, meu amigo.

— E Rosana, a mais nova?

Seus cabelos eram negros, como os de sua mãe. O sorriso no rosto de Bailarino das Nuvens extinguiu-se como se Dedo Empoeirado o tivesse apagado.

— A pequena morreu — ele disse em voz baixa. — Uma febre. Dois invernos depois de você partir. Muitos morreram por causa dela. Nem mesmo Urtiga foi capaz de ajudá-los.

Dedo Empoeirado começou a desenhar, com o dedo indicador molhado de vinho, linhas úmidas cintilantes na mesa. Ele a perdera. Em dez anos, podia-se perder alguma coisa. Por um momento, tentou desesperadamente se lembrar do rosto de Rosana, um rosto tão pequeno, mas a lembrança se esvaneceu, como se ele tivesse se esforçado por tempo demais para esquecê-la.

Bailarino das Nuvens ficou um bom tempo calado com ele em meio ao barulho da estalagem. Então se ergueu lenta e desajeitadamente. Não era fácil se levantar daquele banco baixo com uma perna dura.

— Preciso ir, meu amigo — ele disse. — Ainda tenho três cartas para entregar, duas delas lá em cima em Ombra. Quero chegar ao portão antes de escurecer, senão os guardas vão novamente querer se divertir não me deixando entrar.

Dedo Empoeirado continuava desenhando linhas na mesa escura. "Dois invernos depois que você partiu." As palavras queimavam feito urtiga em sua cabeça.

— Onde os outros estão armando as tendas agora?

— Bem diante dos muros de Ombra. O querido neto de nosso príncipe logo comemorará seu aniversário. Nesse dia, todos os artistas e saltimbancos serão bem-vindos ao castelo.

Dedo Empoeirado assentiu sem levantar a cabeça.

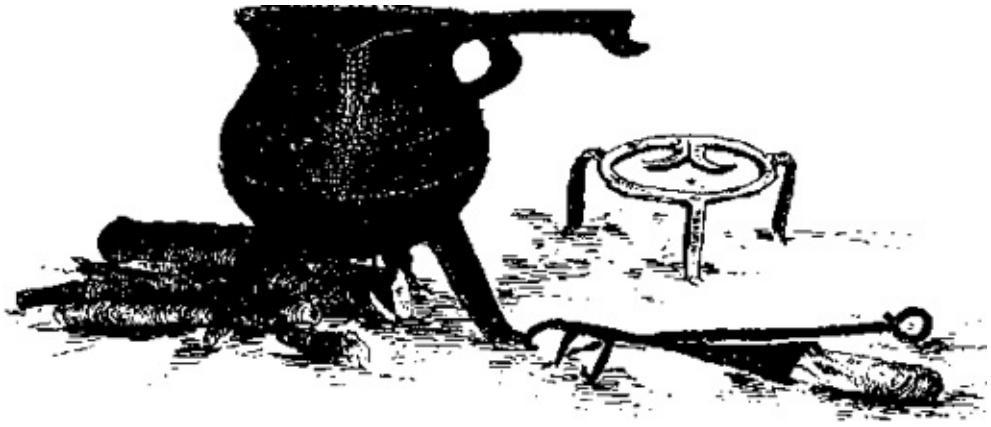
— Vamos ver. Quem sabe apareço por lá.

Então se ergueu de maneira abrupta do banco duro. A menina na lareira olhou para ele. Sua filha mais nova teria mais ou menos aquela idade agora, se a febre não a tivesse levado. Junto com Bailarino das Nuvens, abriu caminho até a porta entre os bancos e cadeiras lotados. Lá fora ainda era um belo dia ensolarado de outono, vestido de folhas coloridas como um saltimbanco.

— Vamos juntos para Ombra! — Bailarino das Nuvens pôs a mão em seu ombro. — Meu cavalo pode levar dois, e lá sempre se arranja um lugar para dormir.

Mas Dedo Empoeirado balançou a cabeça.

— Mais tarde — disse e olhou para a estrada enlamaçada. — Agora está na hora de eu fazer uma visita.



7. A decisão de Meggie

A ideia ainda brilhava, irreal como uma bolha de sabão, e Lyra não ousou examiná-la muito de perto para que não estourasse. Mas estava familiarizada com ideias daquele tipo, e assim ela a deixou brilhar, desviou o olhar e pensou em outra coisa.

Philip Pullman, *A bússola de ouro* Mo chegou quando estavam tomando o café da manhã, e Resa beijou-o como se ele tivesse estado fora durante semanas. Meggie também o abraçou mais forte do que de costume, aliviada por ele ter voltado são e salvo, mas evitou olhá-lo muito diretamente nos olhos. Mo a conhecia bem. Teria percebido sua consciência pesada de imediato. E a consciência de Meggie estava muito pesada.

A razão era a folha de papel que se encontrava lá em cima com seu material escolar, inteiramente escrita, com sua letra, mas com as palavras de outra pessoa. Meggie levara horas para copiar as palavras de Orfeu. A cada vez que errava, recomeçava do começo, por receio de que um único erro pudesse estragar tudo. Ela acrescentara apenas três palavras, no trecho em que se falava de um garoto, às frases que Orfeu não havia lido. £ uma menina, ela inserira ali. Três palavras discretas, totalmente cotidianas, tão cotidianas que era muito provável que se encontrassem em algum lugar nas páginas de Coração de tinta. Meggie não poderia verificar, pois o único exemplar do livro de que ela teria precisado para isso estava com Basta. Basta... Só o som de seu nome fazia Meggie lembrar-se de dias negros e noites mais ainda, negros de medo.

Mo trouxera-lhe um presente de reconciliação, como sempre fazia quando brigavam: um caderno de anotações, confeccionado por ele próprio, do tamanho exato para o bolso do casaco, com uma capa de papel marmorizado. Mo sabia o quanto Meggie gostava desse tipo de papel, ela tinha nove anos quando Mo a ensinara a misturar as cores. A consciência pesada mordeu seu coração quando ele pôs o livro em cima de seu prato e, por um instante, ela quis lhe contar tudo, como sempre fazia. Mas um olhar de Farid a deteve. "Não, Meggie!", dizia seu olhar, "ele não vai deixá-la ir, nunca." Assim, ela não contou, deu um beijo em Mo, murmurou "obrigada" e calou-se, com a cabeça abaixada às pressas, a língua pesada das palavras que não dissera.

Felizmente, ninguém percebeu sua expressão aflita. Os outros também ainda estavam preocupados com as novidades sobre Basta. Elinor fora até a polícia como Mo aconselhara, mas a visita tivera sobre seu humor efeitos bem diferentes de uma melhora.

— Exatamente como eu tinha previsto — ela reclamou ao cutucar o queijo com a faca como se fosse ele o culpado pelo aborrecimento. — Não acreditaram numa só palavra do que contei, os cabeças ocas. Algumas ovelhas de uniforme teriam me dado mais atenção. Vocês sabem que não gosto de cães, mas talvez devesse arrumar alguns... Algumas dessas gigantescas feras pretas, que trucidassem Basta assim que ele se atravesse a passar pelo portão do meu jardim. Dobstermann, isso. Dobstermann! Não são esses os cães que devoram as pessoas?

— Você quer dizer dobermann. — Mo piscou para Meggie por cima da mesa.

Isso cortou o coração dela. Ele havia piscado para ela, sua filha traiçoeira, que planejava partir para um lugar em que ele provavelmente não poderia segui-

la. Talvez sua mãe a entendesse, mas Mo? Não. Mo, não. jamais.

Meggie mordeu os lábios com tanta força que doeram, e Elinor continuava a falar agitada.

— Eu poderia contratar um vigia. Esse tipo de coisa existe, certo? Um com uma pistola, ah, que nada, ele vai é estar armado até os dentes, punhal, espingarda, sei lá mais o quê, e será tão grande, que só de olhar para ele o coração negro de Basta vai parar. O que vocês acham?

Meggie percebeu o esforço de Mo para conter o riso.

— O que acho? Parece que você andou lendo romances policiais demais, Elinor.

Ora, li vários romances policiais mesmo — respondeu ofendida. São bastante instrutivos quando não se tem muito contato com criminosos. Além disso, não consigo esquecer a navalha de Basta em sua garganta.

— Nem eu, pode acreditar. — Meggie viu como a mão de Mo foi até seu pescoço, como se por um momento ele tivesse sentido novamente a lâmina afiada em sua pele. — Apesar disso, acho que vocês estão se preocupando em vão. No caminho, tive bastante tempo para refletir, e não consigo acreditar que Basta se dê ao trabalho de vir até aqui só para se vingar. Vingar-se de quê? De que o tenhamos salvado do Sombra de Capricórnio? Não. Ele já se fez ler de volta. De volta para o livro. Basta não tem pelo nosso mundo nem a metade do entusiasmo que tinha Capricórnio. Alguma coisa aqui o deixava muito nervoso.

E com isso ele passou geleia em seu pão com queijo. Elinor o observou,

como sempre, com asco, e Mo ignorou seu olhar de reprovação. Como sempre.

— E o que você diz das ameaças que ele gritou para o garoto?

— Bem, ele estava com raiva porque Farid tinha escapado, o que mais poderia ser? Acho que não preciso lhe explicar que Basta costuma dizer essas coisas quando está com raiva. Só estou espantado de que ele tenha sido esperto o suficiente para descobrir que Dedo Empoeirado estava com o livro. E eu também gostaria de saber onde encontrou esse Orfeu. De qualquer forma, ele parece entender muito mais do que eu de leitura.

— Bobagem! — a voz de Elinor soou irritada, mas também aliviada. — A única que entende tanto quanto você é sua filha.

Mo sorriu para Meggie e pôs mais uma fatia de queijo em cima da geleia.

— Muito lisonjeiro, obrigado. Mas seja lá como for, nosso amigo amante de navalhas chamado Basta se foi! E tomara que tenha levado junto o maldito livro para que a história possa ter um fim para sempre. Elinor não precisa mais tremer de susto a cada vez que ouve um barulho no jardim à noite, e Darius não precisa mais sonhar com a navalha de Basta. Isso significa que, na verdade, Farid nos trouxe uma notícia muito boa! Espero que tenham agradecido bastante a ele.

Farid sorriu encabulado, quando Mo ergueu um brinde ao garoto com a xícara de café, mas Meggie viu a apreensão em seus olhos negros. Se Mo estivesse certo, Basta e Dedo Empoeirado agora estavam no mesmo lugar. E todos haviam se convencido facilmente demais de que Mo tinha razão. Podia-se ver o alívio estampado no rosto de Darius e de Elinor, e Resa pusera os braços em volta do pescoço de Mo e sorria como se tudo estivesse bem outra vez.

Elinor começou a interrogar Mo sobre os livros que ele abandonara de forma tão vergonhosa por causa do telefonema de Meggie. E Darius tentou explicar a Resa o sistema com o qual estava pensando em reorganizar a biblioteca de Elinor. Farid, porém, olhava para seu prato vazio. E provavelmente via na porcelana branca a navalha de Basta no rosto de Dedo Empoeirado.

Basta. O nome ficara entalado na garganta de Meggie como uma pedra. E ela só conseguia pensar numa coisa: se Mo estivesse certo, Basta agora se encontrava onde ela logo pretendia estar. No Mundo de Tinta.

Naquela mesma noite, ela iria tentar, com sua voz e as palavras de Orfeu, abrir um caminho através da selva de letras para dentro da Floresta Sem Caminhos. Farid insistira para que não esperassem mais. Ele estava louco de preocupação com Dedo Empoeirado. E as palavras de Mo certamente nada haviam alterado quanto a isso. "Por favor, Meggie!", ele havia suplicado tantas vezes. "Por favor, leia!"

Meggie olhou para Mo. Ele sussurrou algo para Resa e ela riu. Apenas quando ela ria é que se ouvia sua voz. Mo envolveu-a com seu braço e procurou Meggie com o olhar. Se a cama dela estivesse vazia amanhã cedo, não pareceria mais tão despreocupado como agora. Ele ficaria zangado ou apenas triste? Resa riu quando ele representou, para ela e Elinor, o espanto do colecionador cujos livros ele abandonara tão vergonhosamente por causa do telefonema de Meggie, e Meggie também não conteve o riso quando ele imitou a voz do pobre coitado. Pelo jeito, o cliente de Mo era muito gordo e ofegante.

Somente Elinor não riu.

Não acho que isso seja engraçado, Mortimer — ela observou em tom

cortante. — Eu provavelmente o teria fuzilado se você simplesmente tivesse dado no pé, deixando meus pobres livros doentes e manchados. Sim, provavelmente.

Mo lançou para Meggie um olhar de cumplicidade, como fazia a cada vez que Elinor entoava, para ele ou para Meggie, discursos sobre o tratamento correto de livros ou sobre as regras de sua biblioteca.

"Ah, Mo, se você soubesse", pensou Meggie e teve a sensação de que no próximo instante ele leria o segredo em sua testa. De repente, ela empurrou sua cadeira para trás, murmurou alguma coisa como "Estou sem fome" e foi para a biblioteca de Elinor. Para onde mais? Sempre que queria escapar de seus próprios pensamentos, Meggie procurava ajuda nos livros. Ela haveria de encontrar algum que a distraísse, até que finalmente a noite caísse e todos fossem dormir, sem fazer ideia...

Não se podia notar na biblioteca de Elinor que, menos de um ano antes, havia apenas um galo vermelho morto pendurado na frente das estantes, ao passo que seus mais belos livros ardiam em chamas lá fora no gramado. O vidro que Elinor enchera com um pouco das cinzas ainda estava ao lado de sua cama.

Meggie passou o dedo indicador nas lombadas dos livros. Como as teclas de um piano, eles se enfileiravam novamente nas estantes. Algumas prateleiras ainda estavam vazias, mas Elinor e Darius nunca se cansavam de viajar para substituir os tesouros perdidos por novos livros, igualmente maravilhosos.

Orfeu. Onde estava a história de Orfeu?

Meggie aproximou-se da estante em que gregos e romanos sussurravam suas histórias, quando a porta da biblioteca se abriu atrás dela e Mo entrou.

— Resa disse que você guardou no seu quarto a folha de papel que Farid trouxe. Você me mostra? — ele tentou soar tão ingênuo como se perguntasse sobre o tempo, mas nunca conseguia fingir muito bem. Nisso Mo era tão ruim quanto em mentir.

— Por quê? — Meggie encostou-se nos livros de Elinor como se pudessem lhe dar apoio moral.

— Por quê? Porque sou curioso, esqueceu? Além disso — ele olhou para as lombadas como se nelas pudesse encontrar as palavras certas —, além disso, acho que seria melhor queimar o papel.

— Queimar? — Meggie olhou para ele estupefata. — Por quê?

— Certo, já sei, isso soa como se eu estivesse vendo fantasmas. — Ele tirou um livro da estante, abriu-o e começou a folheá-lo com ar distraído. — Mas esse papel, Meggie... para mim é como uma porta aberta, uma porta que é melhor fecharmos para sempre. Antes que Farid ainda tente desaparecer nesta história maldita.

— E daí? — Meggie não pôde evitar que sua voz soasse ríspida. Como se ela falasse com um estranho. — Por que você não entende isso? Ele apenas quer encontrar Dedo Empoeirado! Para adverti-lo sobre Basta.

Mo fechou o livro que havia retirado da estante e o pôs de volta em seu lugar.

— Isso é o que ele diz. Mas e se Dedo Empoeirado simplesmente não o quiser, se ele o tiver deixado para trás mais uma vez? Você se surpreenderia?

Não, ela não se surpreenderia. Meggie ficou calada. Estava tudo tão silencioso entre os livros, tão terrivelmente silencioso no meio de tantas palavras.

— Eu sei, Meggie — disse Mo finalmente com voz baixa. — Sei que você acha que o mundo que esse livro descreve é decisivamente mais emocionante do que este. Conheço essa sensação. Eu mesmo muitas vezes me imaginei dentro dos meus livros favoritos. Mas nós dois sabemos que a sensação é bem diferente quando a imaginação vira realidade. Você pensa que esse Mundo de Tinta é como que encantado, um mundo só de maravilhas, mas, acredite, eu soube por sua mãe de muitas coisas que você não gostaria nem um pouco de saber. Ele é cruel e perigoso, cheio de escuridão e violência, governado pela força e não por leis.

Ele olhou para ela, procurou em seu rosto pela aprovação que sempre encontrava nele, mas desta vez não a encontrou.

— Farid vem de um mundo desses — disse Meggie. — E ele não escolheu entrar nesta história. Você o trouxe para cá.

Ela se arrependeu de suas palavras no mesmo instante. Mo afastou-se como se ela tivesse batido nele.

— Pois bem. É verdade, você tem razão — ele disse ao voltar para a porta. — E eu não queria brigar com você de novo. Mas também não quero que essa folha de papel fique em seu quarto. Devolva-a para Farid. Senão, quem sabe, talvez amanhã cedo haja um gigante sentado em sua cama.

Ele estava tentando fazê-la rir, era claro, ele não podia suportar que estivessem falando um com o outro daquela maneira novamente. Ele parecia aflito. E cansado.

- Você sabe muito bem que isso não pode acontecer — disse Meggie. Por que você sempre tem essas preocupações? Simplesmente nada sai das letras, a não ser que seja chamado. Ninguém sabe disso melhor do que você!

A mão dele ainda estava na maçaneta.

Certo — ele disse. — Você deve estar realmente certa. Mas sabe de uma coisa? Às vezes eu gostaria de equipar todos os livros deste mundo com uma fechadura. E quanto a esse livro muito especial... agora eu estaria feliz se Capricórnio naquela época tivesse queimado também o último exemplar. Esse livro só atrai desgraças, Meggie, nada além de desgraças. Mesmo que você não queira acreditar em mim.

Então ele fechou a porta da biblioteca atrás de si.

Meggie ficou imóvel, até os passos de Mo silenciarem. Ela foi até uma das janelas que dava para o jardim, mas, quando Mo finalmente desceu pelo caminho que conduzia à sua oficina, ele não olhou para a casa. Resa estava com ele. Ela colocara o braço em seu ombro, e sua outra mão desenhava palavras, mas Meggie não conseguiu reconhecer quais. Será que estavam falando dela?

As vezes era uma sensação estranha, de repente, em vez de só ter um pai, ter um pai e uma mãe, que falavam um com o outro sem que ela estivesse presente. Mo foi sozinho para a oficina, e Resa voltou para a casa com passos lentos. Ela

acenou para Meggie quando a viu à janela, e Meggie acenou de volta.

Uma sensação estranha...

Meggie ficou ainda um bom tempo entre os livros de Elinor, folheando ora um, ora outro, em busca de frases que encobrissem seus próprios pensamentos. Mas as letras não passavam de letras, não formaram nem imagens nem palavras, e finalmente Meggie foi para o jardim, deitou-se na grama e olhou para a oficina atrás de cujas janelas ela via Mo trabalhar.

Não posso fazer isso, ela pensou, enquanto o vento soprava as folhas das árvores e as carregava consigo como um brinquedo colorido. "Não. Não vai dar certo! Vão morrer de preocupação e Mo nunca mais falará uma palavra comigo, nunca mais."

Sim, Meggie pensou em tudo isso, pensou muitas vezes. E ao mesmo tempo sabia, bem no fundo, em seu íntimo, que sua decisão já estava tomada.



8. A mulher saltimbanco

Deve viajar um saltimbanco, É antiga forma de vida, Por isso soa em seu canto Um certo tom de despedida. Voltarei um dia por sorte? Isso, meu amor, não sei não, As vezes, a pesada mão da morte Apanha a rosa ainda em botão.

Elimar von Monsterberg, *O saltimbanco* Amanhecia quando Dedo Empoeirado chegou à gleba que Bailarino das Nuvens lhe descrevera. Ela ficava na face sul de uma encosta, cercada por oliveiras. A terra, dissera Bailarino das Nuvens, era pobre e pedregosa, mas as ervas que Roxane cultivava gostavam disso. A casa ficava isolada, não havia por perto uma aldeia que a protegesse, apenas um muro, que mal chegava à altura do peito, e um portão de madeira. Ao longe, podiam-se ver os telhados de Ombra, as torres do castelo, que se elevavam muito acima das casas, e a estrada que serpenteava em direção ao portão da cidade. Tão perto e ao mesmo tempo tão longe para se refugiar caso salteadores ou soldados, voltando para casa de alguma guerra, achassem uma boa ideia saquear a gleba solitária, habitada apenas por uma mulher e duas crianças.

"Talvez ela tenha pelo menos um criado", pensou Dedo Empoeirado ao parar atrás de alguns pés de giesta. Os galhos dos arbustos o escondiam, mas ele podia ver livremente a casa.

Era uma casa pequena, como a maioria das casas de camponeses, não tão pobre como muitas delas, mas também não muito melhor. Toda a casa caberia mais de uma dúzia de vezes numa das salas em que Roxane dançava e cantava antigamente. O próprio Cabeça de Víbora a convidara para seu castelo apesar de seu desprezo pelo Povo Colorido, pois naquela época todos queriam vê-la e ouvi-la. Ricos comerciantes, o moleiro lá embaixo no rio, o mercador de

especiarias, que lhe enviara presentes por mais de um ano... Tantos a queriam ter por esposa, cobriam-na com joias e vestidos magníficos, ofereciam-lhe moradia em suas casas, certamente todas maiores do que aquela em que ela morava agora. Mas Roxane ficara com o Povo Colorido, ela não estava entre as mulheres saltimbancos que vendiam sua voz e seu corpo a um senhor por um pouco de segurança e morada fixa...

Em algum momento, porém, a vida errante tornara-se penosa também para Roxane, ela desejara um lar para si e para seus filhos, pois nenhuma lei protegia os que viviam nas ruas. A lei não valia para o Povo Colorido nem para os mendigos e salteadores. Quem assaltasse um saltimbanco não corria o risco de sofrer punição. Quem violentasse uma mulher saltimbanco poderia voltar sem impedimentos para sua morada fixa, e quem matasse um artista ambulante não precisava temer o carrasco. À sua viúva, como vingança, cabia uma só coisa: espancar a sombra do assassino, nada além de sua sombra, que o sol lançava contra o muro da cidade, e era a viúva quem pagava o sepultamento. Sim, o Povo Colorido era livre como um pássaro, como se dizia, o que também significava que vivia à margem da lei. Os mesmos que os chamavam de chamarizes do diabo deixavam que os fizessem rir, ouviam suas histórias e canções, assistiam a seus malabarismos, e à noite fechavam todas as portas para eles. Assim, o Povo Colorido tinha que viver fora das cidades e aldeias, fora da proteção dos muros, sempre em peregrinação, invejado por sua liberdade e desprezado por servir a muitos senhores em troca de dinheiro e pão.

Não existiam muitos saltimbancos que houvessem largado a estrada, a estrada e os caminhos isolados. Mas, ao que tudo indicava, Roxane conseguira.

Junto à casa, havia um estábulo, um celeiro, uma casinha com um forno a lenha, entre eles um pátio com uma fonte no meio, um jardim, cercado para que as galinhas e as cabras não destruíssem as mudas e, atrás, na encosta, cerca de uma dúzia de canteiros cultivados. Em alguns deles, a colheita já fora concluída, em outros as ervas estavam altas, cheias e pesadas das próprias sementes. O cheiro que o vento levou até Dedo Empoeirado dava ao ar matinal um gosto

amargo e doce ao mesmo tempo.

Roxane estava ajoelhada no canteiro mais afastado, cercada por pés de Unho, confrei e malva selvagem. Ela parecia já estar trabalhando havia algum tempo, embora a névoa matutina ainda pairasse entre as árvores próximas. Um menino, talvez de sete, oito anos, estava em pé ao seu lado. Roxane falava com ele, ria. Quantas vezes Dedo Empoeirado não evocara seu rosto na memória, cada parte dele, sua boca, seus olhos, a testa alta. A cada ano ele precisava se esforçar mais, a cada ano a imagem ia ficando menos definida, por mais desesperadamente que tentasse se lembrar com exatidão. O tempo apagara seu rosto, cobrira-o de pó.

Dedo Empoeirado deu um passo para frente, e dois para trás. Por duas vezes, ele quis se virar, sair dali de mansinho, tão silenciosamente como chegara, mas ficou. Um vento soprou através dos pés de giesta, bateu em suas costas como se quisesse animá-lo, e Dedo Empoeirado criou coragem, abriu caminho entre os galhos e se pôs a andar em direção à casa e aos canteiros.

O menino foi o primeiro a vê-lo e, na grama alta ao lado do estábulo, um ganso se ergueu e saiu grasnando e batendo asas na direção de Dedo Empoeirado. Não era permitido aos camponeses terem cães, isso era privilégio dos príncipes, mas um ganso também era um vigia confiável, e não menos amedrontador. Dedo Empoeirado, porém, soube se esquivar de bico escancarado e acariciou o pescoço branco do furioso guardião, até que ele dobrou as asas como um vestido recém-passado a ferro e voltou, com seus passos desengonçados, para seu lugar na relva.

Roxane havia se levantado. Limpou as mãos sujas de terra em seu vestido e olhou para ele, somente olhou para ele. Ela havia prendido seus cabelos no alto como uma camponesa, mas ainda deviam ser tão compridos e cheios como antigamente, e igualmente negros, a não ser por algumas mechas cinzentas. Seu vestido era marrom como a terra na qual eslava ajoelhada, não era mais colorido como as saias que antes costumava usar. Seu rosto, porém, ainda era tão familiar

a Dedo Empoeirado quanto a visão do céu, mais familiar do que sua própria imagem no espelho.

O menino pegou o ancinho que estava ao seu lado no chão. Ele o segurou com uma expressão hostil e decidida, como se estivesse acostumado a defender sua mãe contra forasteiros esquisitos. "Menino inteligente", pensou Dedo Empoeirado, "não confia em ninguém, muito menos num rosto cheio de cicatrizes que de repente sai de trás de uma moita."

O que ele diria se ela perguntasse onde estivera?

Roxane sussurrou algo para o menino, e ele deixou cair o ancinho, hesitante, os olhos ainda desconfiados.

Dez anos.

Ele costumava se ausentar com frequência, na floresta, nas cidades costeiras, viajando entre as aldeias solitárias espalhadas pelas colinas, como uma raposa que apenas aparecia nas terras dos humanos porque seu estômago roncava. "Seu coração é andarilho", Roxane sempre dizia. As vezes, ele precisava procurá-la, porque ela seguira viagem com os outros saltimbancos. Durante um tempo, viveram juntos na floresta, numa cabana abandonada pelos carvoeiros, depois novamente numa tenda, cercados por outros saltimbancos. Eles até mesmo haviam passado todo um inverno entre os sólidos muros de Ombra. Era sempre ele quem queria seguir caminho e, quando sua primeira filha nascera, era cada vez mais freqüente que Roxane quisesse ficar em algum lugar razoavelmente conhecido, com outras mulheres saltimbancos, perto de muros que os protegessem, ele seguia sozinho. Mas ele sempre retornava, para ela e para as crianças, para a grande contrariedade dos homens ricos que a cortejavam e queriam fazer dela uma mulher respeitável.

O que ela imaginara durante os dez anos em que ele havia estado longe? Ela havia suposto, como Bailarino das Nuvens, que ele estivesse morto? Ou pensara que ele havia simplesmente partido, sem uma palavra, sem despedida?

No rosto de Roxane, ele não encontrou a resposta. Sobressalto, perturbação foi o que viu, raiva, amor talvez. Talvez. Ela sussurrou algo para o garoto, pegou sua mão e levou-o consigo. Andavam lentamente, como se seus pés os impedissem de ir mais depressa. Ele gostaria muito de correr até ela, a cada passo deixando um ano para trás, mas sua coragem se esgotara. Como que enraizado, ficou ali parado vendo-a se aproximar, depois de todos aqueles anos, todos aqueles anos para os quais ele não tinha explicação, a não ser uma na qual ela não acreditaria.

Não havia mais muitos passos entre eles quando Roxane parou. Ela pôs o braço sobre o ombro do menino, mas ele o retirou. Evidentemente. Ele não queria que o braço de sua mãe o lembrasse do quanto ainda era jovem.

Como ele esticava o queixo para frente, orgulhoso! Fora isso o que primeiro lhe chamara a atenção em Roxane: o orgulho. Ele sorriu com a lembrança, mas abaixou a cabeça para que ela não visse.

— Parece que ainda nenhum animal é capaz de resistir a você. Até agora, meus gansos afugentaram todos.

Quando Roxane falava não havia nada especial em sua voz, nada da força e da beleza que ela desenvolvia ao cantar.

— É verdade, quanto a isso nada mudou — ele disse. — Nem mesmo depois

de tantos anos.

E de repente, enquanto olhava para ela, ele teve por fim a sensação totalmente real de ter voltado para casa. A sensação era tão forte que seus joelhos amoleceram. Como estava feliz por revê-la, tão terrivelmente, assustadoramente feliz. "Pergunte!", ele pensou. "Pergunte-me onde estive." Embora não soubesse como poderia explicar.

Mas ela apenas disse:

— Parece que você passou bem lá onde estava.

Não é o que parece — ele retrucou. — Não fiquei lá por minha vontade.

Roxane examinou seu rosto, como se tivesse esquecido como era, e acariciou os cabelos do menino. Eram tão negros como os dela, mas os olhos eram de um outro. Eles olhavam com repulsa para Dedo Empoeirado.

Dedo Empoeirado esfregou uma mão na outra e sussurrou palavras na língua do fogo para seus dedos, até que começou a chover faíscas do meio deles. E, quando elas caíram no chão de pedra, brotaram flores, flores vermelhas, cada pétala uma língua de fogo.

O menino olhou para ele com uma mistura de fascínio e medo. Finalmente se agachou ao lado delas e estendeu a mão em direção às flores de logo.

- Cuidado! — advertiu Dedo Empoeirado. Mas já era tarde. Envergonhado, o

menino pôs as pontas dos dedos queimadas na boca.

Então o fogo também continua a lhe obedecer — disse Roxane, pela primeira vez ele pensou ver algo como um sorriso em seus olhos. Você parece estar com fome. Venha. E sem dizer mais uma palavra, ele se pôs a andar em direção à casa. O menino ainda olhava para as flores de fogo.

Ouvi dizer que você cultiva plantas para os curandeiros — Dedo Empoeirado parou na porta indeciso.

É verdade, até Urtiga compra de mim. Urtiga, pequenina como uma mulher do musgo, sempre de mau humor e taciturna como um mendigo a quem se cortara a língua. Mas não havia melhor curandeira naquele mundo.

Ela ainda mora na velha caverna dos ursos na beira da floresta? — Dedo Empoeirado passou hesitante pela porta. Era tão baixa que ele teve que abaixar a cabeça. O cheiro de pão fresco penetrou em seu nariz.

Roxane pôs um filão de pão sobre a mesa, providenciou queijo, azeite, azeitonas.

— Ainda. Mas raramente está lá. Ela está cada vez mais esquisita, perambula pela floresta, fala com as árvores e consigo mesma, procura plantas que ainda não conhece. Às vezes fica semanas sem aparecer, então as pessoas me procuram mais. Urtiga me ensinou algumas coisas nos últimos anos. — Roxane não olhou para ele ao dizer isso. — Ela me ensinou como cultivar nos canteiros ervas que só crescem na floresta. Trevo-borboleta, folha-de-sino, anêmonas vermelhas, de cujas flores os elfos de fogo fazem seu mel.

— Eu não fazia ideia de que essas anêmonas também eram usadas para curar.

— E não são. Eu as plantei porque elas me fazem lembrar de alguém. — Desta vez ela olhou para ele.

Dedo Empoeirado estendeu a mão para um ramo de ervas que estava pendurado no teto, e esfregou os brotos secos entre os dedos: flores de alfazema, esconderijo para víboras e úteis quando estas picam alguém.

— Provavelmente as ervas apenas crescem aqui porque você canta para elas — ele disse. — Antigamente não diziam sempre que quando Roxane cantava até mesmo as pedras davam flor?

Roxane cortou um pedaço do pão, encheu uma tigela de azeite.

— Eu canto somente para elas — disse. — E para meu filho. — Ela lhe passou o pão. — Coma. Assei ontem. — Ela deu as costas para ele e andou até a janela.

Dedo Empoeirado olhou discretamente à sua volta, enquanto embebia um pedaço de pão no azeite. Dois colchões de palha e algumas cobertas em cima, um banco, uma cadeira, uma mesa, jarras, cestas, garrafas e canecas, maços de ervas secas sob o teto, enfileirados lado a lado, do mesmo modo como ficavam pendurados na caverna de Urtiga, e uma arca, estranhamente luxuosa para um lugar de resto tão simples. Dedo Empoeirado ainda se lembrava bem do mercador de tecidos que presenteara Roxane com a arca. Seus criados tiveram dificuldades para carregá-la. Estava atulhada de vestidos de seda bordados com pérolas, as mangas cobertas de rendas. Será que eles ainda estavam na arca? Nunca usados, inúteis para o trabalho na lavoura.

— A primeira vez que procurei Urtiga foi quando Rosana ficou doente. — Roxane não se virou para ele ao falar. — Eu não sabia nada, nem mesmo como se faz para baixar a febre. Urtiga me mostrou tudo que sabia, mas no caso da nossa filha nada adiantou. Então cavalguei com ela até o Mocho, e a febre subia mais e mais. Eu a levei para a floresta, para as fadas, mas não me ajudaram. Talvez tivessem ajudado se fosse você, mas você não estava lá.

Dedo Empoeirado viu como ela passava as costas da mão nos olhos.

- Bailarino das Nuvens me contou.

Ele sabia que eram as palavras erradas, mas simplesmente não encontrou melhores.

Roxane apenas assentiu com a cabeça e passou novamente a mão nos olhos.

- Dizem que podemos ver aqueles que amamos mesmo depois da morte — ela disse baixinho. — Que eles vêm nos visitar durante a noite eu pelo menos em sonhos, que as saudades os trazem de volta, mesmo que por pouco tempo... Rosana não veio. Procurei mulheres que afirmavam poder falar com os mortos. Queimei ervas cujo aroma deveria evocá-la, e passei noites em claro na esperança de que ela voltasse pelo menos uma vez... Mas é tudo mentira. Não há caminho de volta. Ou será que você esteve lá e o encontrou?

Com os mortos? Não — Dedo Empoeirado sacudiu a cabeça com um sorriso triste. — Não, não fui tão longe assim. Mas pode estar certa de que mesmo lá eu teria procurado um caminho para voltar para você...

Ela o encarou com um olhar longo. Mais ninguém olhara para ele daquele jeito. E ele procurou novamente por palavras, as palavras que poderiam explicar onde ele estivera, mas não havia.

Quando Rosana morreu — a língua de Roxane pareceu atemorizar-se diante da palavra, como se ela pudesse matar sua filha mais uma vez. Quando ela morreu e a segurei nos braços, jurei uma coisa a mim mesma: jurei que nunca, nunca mais seria tão impotente quando a morte quisesse levar a quem amo. Desde então aprendi muitas coisas. Talvez hoje eu pudesse curá-la, mas também pode ser que não.

Novamente ela olhou para ele, e, quando retribuiu o olhar, ele não tentou esconder sua dor, como gostava tanto de fazer.

— Onde você a enterrou?

Ela apontou com a cabeça para fora.

— Atrás da casa. Ali onde ela costumava brincar.

Ele se virou para a porta aberta, queria pelo menos ver a terra sob a qual ela jazia, mas Roxane o deteve.

— Onde você esteve? — ela sussurrou e encostou a testa em seu peito.

Ele passou a mão nos cabelos dela, nas mechas finas e cinzentas que

entremeavam o negro como fios de uma teia, e enterrou o rosto neles. Ela continuava a misturar laranja azeda na água com que enxaguava seus cabelos. O cheiro trouxe de volta tantas recordações que ele ficou tonto.

— Era muito longe — disse. — Eu estava terrivelmente longe. — E simplesmente ficou ali e segurou-a nos braços, sem poder acreditar que ela estava ali novamente de verdade, não apenas como lembrança, borrada e imprecisa, mas em carne e osso... E não o mandara embora.

Quanto tempo os dois ficaram ali, ele não saberia dizer.

— E a mais velha? Como vai Brianna? — ele perguntou em algum momento.

— Ela vive no castelo, já faz quatro anos. É aia de Violante, a nora do príncipe, a quem todos chamam de a Feia. — Ela se soltou dos braços dele, passou a mão nos cabelos presos. — Brianna canta para a Feia, cuida de seu filho mimado e lê para ela em voz alta. Violante é louca por livros, mas seus olhos não são bons e ela não pode ler, sem falar que precisa fazer isso às escondidas, porque o príncipe não aprova que as mulheres leiam.

— Mas Brianna sabe ler?

— Sabe, e ensinei também ao meu filho.

— Como ele se chama?

— Jehan. Como seu pai.

Roxane aproximou-se da mesa e passou a mão nas flores que estavam em cima dela.

— Eu o conheci?

— Não. Ele me deixou esta terra e seu filho. Os incendiários atearam fogo ao nosso celeiro, ele entrou lá para salvar os animais, e o fogo o devorou. Não é estranho que alguém ame dois homens, e o fogo proteja um deles mas mate o outro? — ela ficou um longo tempo calada antes de voltar a falar. — Na época, Raposa Vermelha chefiava os Dedos de Fogo.

Com ele, era quase pior do que com Capricórnio. Basta e Capricórnio desapareceram na mesma época que você, sabia disso?

— Ouvi falar — ele murmurou e não conseguiu desviar o olhar dela.

Como ela era bela. Tão maravilhosamente bela. Quase doía olhar para ela. Quando ela se aproximou dele novamente, cada movimento seu o lembrou do dia em que a vira dançar pela primeira vez.

— As fadas realmente fizeram um bom trabalho — ela disse baixinho ao passar a mão em seu rosto. — Se não soubesse, eu diria que alguém pintou as cicatrizes em seu rosto com uma ponta de prata.

— Essa foi uma bela mentira — ele retrucou também em voz baixa.

Ninguém sabia melhor do que Roxane de onde vinham as cicatrizes.

Ambos jamais se esqueceriam do dia em que Cabeça de Víbora ordenara a ela que dançasse e cantasse diante dele. Capricórnio também estava lá, com Basta e todos os outros Dedos de Fogo, e Basta olhara para Roxane como um gato para um passarinho apetitoso. Ele a perseguira, dia após dia, prometera-lhe ouro e joias, ameaçara-a e bajulara-a e quando, apesar disso, ela o rejeitara, repetidas vezes, quando estavam sozinhos e diante de outros, Basta mandara investigar quem era o homem pelo qual fora preterido. Ele emboscara Dedo Empoeirado no caminho para se encontrar com Roxane, com dois ajudantes, que o seguraram enquanto Basta cortava seu rosto.

— Depois que seu marido morreu, você não se casou novamente? "Seu bobo idiota", ele pensou, "você está com ciúmes de um morto."

Não. O único homem neste sítio é Jehan. O menino apareceu tão de repente como se estivesse escutando atrás da porta, apenas esperando que seu nome fosse finalmente pronunciado. Calado, passou na frente de Dedo Empoeirado e sentou-se no banco. As flores ficaram maiores — ele disse. Você queimou os dedos nelas? Só um pouquinho. Roxane passou para ele uma jarra com água fria.

Tome, ponha os dedos aqui dentro. Se não adiantar, quebro um ovo para você. Contra queimaduras, nada melhor do que um pouco de clara de ovo.

Obediente, Jehan enfiou o dedo na jarra, sem desviar o olhar de Dedo Empoeirado.

— Ele nunca se queima? — O menino perguntou para sua mãe. Roxane teve que rir.

— Não, nunca. O fogo o ama. Lambe seus dedos e o beija. Jehan olhou para Dedo Empoeirado como se Roxane lhe tivesse revelado que em suas veias não corria sangue humano, e sim de fadas.

— Cuidado, ela está zombando de você! — disse Dedo Empoeirado. — É claro que ele me morde também.

— As cicatrizes no seu rosto... elas não são de fogo.

— Não. — Dedo Empoeirado pegou mais um pedaço de pão. — Essa Violante... — ele disse. — Bailarino das Nuvens me contou que o pai dela é Cabeça de Víbora. Ela odeia tanto os saltimbancos quanto ele?

— Não. — Roxane passou a mão nos cabelos negros de Jehan. — Se Violante odeia alguma coisa, é o pai dela. Ela tinha sete anos quando ele a mandou para cá. Com doze, ela casou com Cosme, seis anos depois ficou viúva. Agora ela está lá, no castelo do sogro tentando fazer o que o luto dele pelo filho o impede de fazer: cuidar de seus súditos. Violante tem compaixão pelos fracos. Mendigos, aleijados, viúvas com crianças famintas, camponeses que não podem pagar os impostos, todos a procuram. Mas Violante é uma mulher. O pouquinho de poder que ela tem vem do medo que todos têm do pai dela, mesmo deste lado da floresta.

— Brianna gosta de ficar no castelo — Jehan secou o dedo molhado na calça e observou preocupado as pontas avermelhadas.

Roxane mergulhou novamente seus dedos na água fria.

— É verdade, infelizmente — ela disse. — Nossa filha gosta de usar os vestidos que Violante não quer mais, dormir numa cama macia com dossel e de receber elogios de pessoas refinadas. Mas eu não gosto, e ela sabe disso.

— Às vezes, a Feia manda me buscar! — O orgulho na voz de Jehan era evidente. — Para eu brincar com o filho dela. Jacopo perturba Brianna quando ela lê, e também ninguém mais quer brincar com ele, porque Jacopo sempre começa a gritar quando alguém luta com ele. E, quando perde, diz que vai mandar cortar a cabeça de quem ganhou.

— Você o deixa brincar com um infantezinho mimado? — Dedo Empoeirado lançou um olhar preocupado para Roxane. — Príncipes nunca são amigos, não importa que idade tenham. Você se esqueceu disso? O mesmo vale para suas filhas, ainda mais quando têm Cabeça de Víbora como pai.

Roxane passou por ele sem dizer uma palavra.

— A mim você não precisa lembrar como são os príncipes — ela disse. — Sua filha tem quinze anos, não liga mais para os meus conselhos, mas, quem sabe, talvez escute o pai dela, embora já faça dez anos que não o vê. Domingo que vem, o Príncipe Porcino festejará o aniversário de seu neto. Vá lá se quiser. Um bom cuspidor de fogo certamente será bem-vindo, depois de tantos anos tendo só Pássaro Tisnado para entretê-los. Ela parou diante da porta aberta. — Venha, Jehan! — disse. — Os seus dedos não parecem mais estar tão ruins, e ainda há muito trabalho para fazer.

O menino obedeceu sem protestar. Na porta, lançou um último olhar curioso para Dedo Empoeirado, então saiu em disparada, e Dedo Empoeirado ficou sozinho na pequena casa. Observou as panelas ao lado do fogo, as gamelas de

madeira, a roca de fiar no canto e a arca que falava do passado de Roxane. Sim, era uma casa simples, não muito maior do que uma choupana de carvoeiro, mas era um lar, o que Roxane sempre desejara. I Ia nunca gostara de ter somente o céu acima dela à noite. Mesmo quando ele mandava o fogo fazer para ela flores que vigiavam seu sono.

9. Meggie lê

Todos os livros possuem alma. A alma de quem o escreveu, e a alma dos que o leram, que viveram e sonharam com ele.

Carlos Ruiz Zafón, *A sombra do vento* Quando a casa de Elinor ficou totalmente em silêncio, o jardim iluminado pela luz clara do luar, Meggie pôs o vestido que Resa costurara para ela. Já fazia alguns meses que ela perguntara à sua mãe que tipo de roupa as mulheres usavam no Mundo de Tinta. "Quais mulheres?", perguntara Resa. "Camponesas? Saltimbancos? Princesas? Criadas?" "O que você usava?", Meggie perguntara de volta, e Resa fora com Darius até a cidade mais próxima comprar tecido, um tecido simples, azul-escuro, bastante rústico. Então ela pedira a Elinor que pegasse no porão a velha máquina de costura. "Era um vestido como este que eu usava quando vivia como criada de Capricórnio na fortaleza", ela explicara enquanto Meggie enfiava pela cabeça o vestido já pronto. "Para uma camponesa, seria fino demais, mas para a empregada de um homem rico era bom o suficiente, e Mortola fazia questão de que nos vestíssemos somente um pouco pior do que as criadas dos príncipes, ainda que servíssemos meramente a um bando de incendiários."

Meggie se pôs diante do espelho de seu armário e examinou seu reflexo no vidro opaco. Ela pareceu a si mesma curiosamente estranha. No Mundo de Tinta, ela também seria uma estranha, um vestido não conseguiria alterar esse fato. "Estranha, como Dedo Empoeirado era aqui", ela pensou, e lembrou-se da infelicidade em seus olhos. "Besteira!", ela pensou irritada e pôs para trás seus cabelos lisos. Afinal não pretendo ficar dez anos por lá.

O vestido já estava um pouco curto nas mangas, e no busto também estava apertado. "Meu Deus do céu, Meggie!", dissera Elinor quando percebera que o peito de Meggie não era mais plano como a capa de um livro. "Agora acabou definitivamente a época de Píppi Meialonga, não é?"

Para Farid, não haviam encontrado nada adequado para vestir, nem no sótão, nem nas arcas de roupas do porão, que cheiravam a naftalina e a fumaça de cigarro, mas isso não parecia preocupar Farid nem um pouco.

— Ah, deixe pra lá. Se tudo der certo, no começo estaremos na floresta — ele apenas dissera. — Lá certamente ninguém estará interessado nas minhas calças e, assim que chegarmos a uma cidade, roubarei alguma coisa para mim.

Para Farid, tudo era sempre muito fácil. A consciência pesada de Meggie por causa de Mo e Resa era tão incompreensível para ele quanto a preocupação com a roupa adequada.

— Como assim? — ele simplesmente perguntara e olhara para ela com ar desentendido quando ela lhe confessara que quase não conseguia olhar nos olhos de seu pai e de sua mãe depois que decidira ir com ele.

Você tem treze anos! De qualquer forma, logo iriam querer que você se casasse, certo?

— Casar? — Meggie sentiu o sangue subir à sua face. Mas também por que ela tinha que falar sobre isso justamente com um garoto que vinha do Livro das mil e uma noites, de uma história na qual as mulheres eram criadas ou escravas, ou viviam num harém?

— Além disso — acrescentara Farid, ignorando gentilmente que ela ainda estava vermelha —, você não pretende ficar muito tempo mesmo, não é?

Não, não pretendia. Ela queria saborear, cheirar, sentir o Mundo de Tinta, ver fadas e príncipes, c então voltar para casa, para junto de Mo e Resa, de Elinor e Darius. Contudo, havia uma única dificuldade: talvez as palavras de Orfeu os levassem para a história de Dedo Empoeirado, mas com certeza não os trariam de volta. Apenas uma pessoa poderia escrever sua volta: Fenoglio, o criador do mundo em que desejavam entrar, inventor de homens de vidro e de fadas de pele azul, de Dedo Empoeirado, mas também de Basta. Sim, somente Fenoglio poderia ajudá-la a regressar. Cada vez que pensava nisso, Meggie perdia a coragem e cogitava voltar atrás, riscar as três palavras que havia acrescentado às de Orfeu: *e uma garota*...

E se ela não encontrasse Fenoglio, e se ele não estivesse mais em sua própria história? "Ah, que ideia! Ele tem que estar lá!", ela dizia a si mesma a cada vez que a insegurança fazia seu coração bater mais depressa. "Ele simplesmente não pode ter escrito a própria volta, não sem um leitor!" Mas e se Fenoglio tivesse encontrado outro leitor, alguém como Orfeu ou Darius? O dom não parecia ser tão exclusivo, como ela e Mo inicialmente haviam pensado.

"Não. Ele ainda está lá! Com toda certeza!", pensou Meggie, e leu pela centésima vez a carta de despedida a seus pais. Ela mesma não sabia por que havia utilizado justamente o papel que ela e Mo haviam confeccionado juntos. Isso certamente não o deixaria muito mais tranquilo.

Querido Mo! Querida Resa! (Meggie sabia as palavras de cor.) Por favor, não fiquem preocupados. Farid precisa encontrar Dedo Empoeirado para adverti-lo contra Basta, e irei com ele. Não pretendo ficar muito tempo por lá, apenas quero ver a Floresta Sem Caminhos e o Príncipe Porcino, Cosme, o Belo, e

talvez também ainda o Príncipe Negro e seu urso. Quero rever as fadas e os homenzinhos de vidro e... Fenoglio. Ele vai escrever minha volta. Vocês sabem que ele pode fazer isso. Não se preocupem. Capricórnio não está mais lá.

Até breve, mil beijos para vocês, Meggie.

P.S.: vou trazer um livro para você, Mo, lá deve haver livros maravilhosos, manuscritos cheios de figuras, como os que Elinor tem em suas vitrines. Só que muito mais bonitos. Por favor, não fique zangado.

Meggie rasgara e reescrevera a carta três vezes, mas mesmo assim ela não havia soado melhor. Afinal, não existiam palavras que impedissem Mo de ficar furioso e Resa de chorar de preocupação, como no dia em que ela voltara da escola duas horas mais tarde do que de costume. Ela pôs a carta em seu travesseiro (ali certamente não deixariam de vê-la) e se colocou diante do espelho novamente. "Meggie, o que você está fazendo?", ela pensou. "O que você está fazendo?" Mas o espelho não respondeu.

Quando ela abriu a porta de seu quarto para Farid pouco antes da meia-noite, ele se espantou ao ver seu vestido.

— Não tenho sapatos que combinem. Mas por sorte ele é bem comprido e quase não dá para ver as botas, não é?

Farid apenas assentiu com a cabeça.

— É bonito — ele murmurou encabulado.

Quando ele entrou no quarto, Meggie trancou a porta e tirou a chave da fechadura para que ela pudesse ser aberta pelo lado de fora. Elinor linha uma chave substituta, provavelmente não iriam encontrá-la logo, mas Darius saberia onde estava. Mais uma vez, ela olhou para a carta em seu travesseiro...

Farid carregava nos ombros a mochila que encontrara no sótão de Elinor. "Sim, ele pode ficar com ela", dissera Elinor quando Meggie lhe perguntara. "Aquela coisa pertenceu a um tio horroroso que eu tinha. O garoto pode pôr a marta dentro dela sem problemas. Gostei da ideia."

A marta! O coração de Meggie deu um salto.

Farid não sabia por que Dedo Empoeirado havia deixado a marta, e Meggie não havia lhe explicado. Embora ela conhecesse muito bem a razão. Afinal de contas, fora ela mesma quem contara a Dedo Empoeirado sobre o papel que a marta teria em sua história. Que ele morreria por causa de Gwin, uma morte ruim, sangrenta, caso o que Fenoglio escrevera se realizasse.

Mas Farid apenas sacudiu a cabeça aflito quando ela perguntou por Gwin.

Fugiu! — ele disse. — Eu o amarrei no jardim, porque a devoradora de livros ficou buzinando em meus ouvidos por causa dos seus pássaros, mas ele roeu a corda. Eu o procurei por toda parte, mas simplesmente não consegui descobrir onde se enfiou! Marta esperta!

Ela terá que ficar mesmo — disse Meggie. — Orfeu não escreveu nada sobre uma marta. Resa vai tomar conta dela. Ela gosta de Gwin.

Farid assentiu e olhou com um ar infeliz para a janela, mas não contentou.

A Floresta Sem Caminhos. Era para lá que as palavras de Orfeu os levariam. Farid sabia para onde se dirigiria depois: para Ombra, onde ficava o castelo do Príncipe Porcino. E era justamente ali que Meggie esperava encontrar Fenoglio. Ele lhe contara muitas coisas sobre Ombra, naqueles dias em que os dois haviam sido prisioneiros de Capricórnio. "Pois é, se eu pudesse escolher um lugar no Mundo de Tinta", ele sussurrara uma noite para Meggie quando os dois não conseguiam dormir, porque lá fora os homens de Capricórnio atiravam nos gatos da rua, "eu escolheria Ombra. Afinal, o Príncipe Porcino é um grande amigo dos livros, o que não se pode dizer de seu antagonista, Cabeça de Víbora. Sim, Ombra certamente seria um bom lugar para um escritor viver. Uma câmara em algum sótão, talvez na viela dos sapateiros ou dos seleiros, onde o cheiro não é tão ruim, um homenzinho de vidro para apontar as penas para mim, algumas fadas sobre minha cama, e da minha janela eu poderia ver as vielas, toda vida movimentada..."

— O que pretende levar? — a voz de Farid despertou Meggie de seus pensamentos. — Você sabe que não podemos carregar muita coisa.

— É claro que sei. — "O que ele estava pensando? Que ela precisava de uma dúzia de vestidos porque era uma menina? Ela levaria apenas a velha sacola de couro, que Mo sempre usava nas viagens quando Meggie era ainda bem pequena. A sacola a lembraria dele e, da mesma forma que seu vestido, não chamaria muita atenção no Mundo de Tinta. Já as coisas que ela pusera dentro, sim, caso alguém chegasse a vê-las: uma escova do mesmo plástico denunciador que os botões do casaco de lã que ela levava, alguns lápis, um canivete, uma foto de seus pais e uma de Elinor. O que ela demorou mais para decidir foi que livro deveria levar. Partir sem um livro lhe pareceria como viajar sem roupa, mas não podia ser pesado, portanto, somente poderia ser um livro de bolso. "Livros em trajes de banho", era como Mo os chamava, "malvestidos em qualquer ocasião, mas práticos em viagens." Elinor não tinha um único livro de bolso em suas estantes, mas Meggie tinha alguns. No final, ela se decidiu por um que Resa lhe dera, uma coletânea de contos que se passavam no lago à beira do qual ficava a casa de Elinor. Assim, ela levaria consigo um pedacinho de seu lar, pois era isso

que a casa de Elinor se tornara para ela, seu lar. Mais do que qualquer outro lugar já havia sido. E, quem sabe, talvez Fenoglio aproveitasse as palavras para enviá-la de volta, de volta para a *sua* história.

Farid se aproximara da janela. Ela estava aberta e um ar frio penetrou no quarto. Ele moveu as cortinas que Resa havia costurado e fez Meggie tiritar em seu novo vestido. As noites ainda estavam amenas, mas que estação do ano a esperaria no Mundo de Tinta? Talvez fosse inverno lá...

— Eu deveria pelo menos me despedir de Gwin — murmurou Farid. Gwin! — Ele chamou na noite e estalou a língua.

Depressa, Meggie puxou-o da janela.

— Pare com isso! — ela o repreendeu. — Quer acordar todo mundo? Escute mais uma vez: Gwin ficará bem aqui. Provavelmente já encontrou uma das martas fêmeas que perambulam por aí. Elinor está sempre com medo de que elas comam o rouxinol que à noite canta na sua janela.

Farid parecia se sentir absolutamente miserável, mas se afastou da janela.

— Por que você deixou a janela aberta? — ele perguntou. — E se Basta... — ele não disse a frase até o fim.

— O alarme de Elinor também funciona com a janela aberta — Meggie limitou-se a responder ao guardar na sacola o caderno que Mo lhe dera. Havia um motivo pelo qual ela não queria fechar a janela. Uma noite, num hotel à beira-mar, não muito longe da aldeia de Capricórnio, ela convencera Mo a ler um poema para ela. Era sobre um pássaro da lua, que dormia ao vento, com

cheiro de hortelã. Na manhã seguinte, o pássaro voara contra a janela do quarto, e Meggie não esquecera como ele sempre voltava e batia de novo a cabeça contra o vidro, muitas e muitas vezes. Não, a janela tinha que ficar aberta.

- É melhor nos sentarmos no sofá, bem perto um do outro — ela disse. — E ponha a mochila nas costas.

Farid obedeceu. Ele se sentou no sofá, tão hesitante quanto fizera com a cadeira. Era um sofá velho, felpudo, com franjas e botões no tecido verde desbotado e esgarçado. "Para você ter um lugar aconchegante para ler", dissera Elinor quando mandara Darius acomodá-lo em seu quarto. O que ela diria ao notar que Meggie se fora? Elinor entenderia? "Provavelmente vai começar a praguejar", pensou Meggie ao se ajoelhar ao lado de sua pasta escolar. "E então ela dirá: 'Mas que droga, por que aquela tolinha não me levou junto?'" Sim, era o que Elinor diria. Meggie já sentia saudades, mas tentou não pensar mais nela, nem em Elinor, nem em Resa, nem em Mo. Sobretudo não em Mo, do contrário imaginaria seu rosto ao encontrar a carta... Não!

Rapidamente, ela enfiou a mão dentro da pasta e pegou seu livro de geografia. A folha que Farid trouxera estava ao lado da cópia feita por Meggie, mas ela pegou apenas a folha com sua própria letra. Farid deslizou para o lado quando ela se sentou junto dele e, por um instante, ela pensou ver em seus olhos algo que poderia ser medo.

— O que foi? Mudou de ideia?

— Não! É que... Com você nunca aconteceu, não é?

— O quê? — pela primeira vez Meggie notou que ele já tinha alguns tufos de barba. Eles pareciam estranhos em seu rosto de menino.

— Sabe... o que aconteceu com Darius.

Ah, isso. Ele estava com medo de que pudesse chegar ao mundo de Dedo Empoeirado com o rosto deformado, com uma perna dura ou mudo como Resa.

— Não, claro que não! — Meggie não pôde evitar que sua voz soasse ofendida. Muito embora... Como ela poderia realmente ter certeza de que Fenoglio chegara ileso ao outro lado? Fenoglio, o soldadinho de chumbo... afinal ela nunca mais voltara a ver aqueles que enviara através das letras. Apenas os que haviam saído delas! "Não importa! Não pense demais, Meggie. Leia ou você vai acabar perdendo a coragem, antes de sentir na língua a primeira palavra..."

Farid pigarreou, como se ele, e não ela, devesse ler.

O que ela ainda estava esperando? Que Mo batesse em sua porta e ficasse espantado por estar trancada? Já havia tempo estava tudo quieto no quarto ao lado. Seus pais estavam dormindo. "Não pense neles, Meggie! Não pense em Mo. Em Resa ou Elinor, apenas nas palavras... e no lugar para onde elas a levarão. Cheio de maravilhas e aventuras."

Meggie olhou para as letras, pretas e belas. Ela procurou o sabor da primeira sílaba em sua língua, tentou imaginar o mundo sobre o qual as palavras sussurravam, as árvores, os pássaros, o céu desconhecido... E então, com o coração sobressaltado, começou a ler. Seu coração batia quase tão forte como naquela noite em que ela precisou usar a voz para matar. Mas dessa vez tinha que fazer muito menos. Ela precisava somente abrir uma porta, nada além de uma porta entre as letras, exatamente do tamanho suficiente para ela e Farid...

Um cheiro fresco penetrou em seu nariz, de milhares e milhares de folhas. Então tudo desapareceu, sua escrivaninha, o abajur ao lado dela e a janela aberta. A última coisa que Meggie viu foi Gwin, sentado no batente, farejando o ar e olhando para ela.



10. O Mundo de Tinta

Dessa maneira drástica, os três, em seu medo, sentiram a diferença entre uma ilha apenas imaginada e a mesma ilha, quando ela se torna realidade.

James M. Barrie, *Peter Pan* Estava claro. A luz do sol escoava através de inúmeras folhas. Sombras dançavam numa lagoa próxima, e um enxame de elfos vermelhos zumbia sobre a água escura.

"Eu sou capaz!" Este foi o primeiro pensamento de Meggie quando sentiu que as palavras realmente a tinham deixado passar, que ela não estava mais na casa de Elinor, mas num outro lugar, totalmente diferente. "Eu sou capaz. De ler a mim mesma para dentro de um livro, a mim mesma." Sim, ela realmente se enfiara por entre as palavras, como já fizera tantas vezes em pensamento. Mas agora ela não precisaria entrar na pele de uma personagem sobre a qual o livro falasse. Não, ela seria ela mesma, com seu próprio papel. Meggie. Nem mesmo Orfeu conseguira isso. Ele lera Dedo Empoeirado de volta para casa, mas não a si mesmo. Ninguém além dela conseguira isso até então, nem Orfeu, nem Darius, nem Mo.

Mo.

Meggie olhou ao seu redor, quase como se esperasse que ele estivesse atrás dela, como sempre acontecia em lugares desconhecidos, porém, ali estava somente Farid, que olhava para todos os lados tão assombrado quanto ela.

A casa de Elinor estava longe, muito longe. Seus pais estavam longe. E não

havia um caminho que a levasse de volta.

O medo de repente inundou Meggie por dentro, como uma água escura e salobra. Ela se sentia perdida, tão perdida, sentia em seus braços e pernas. Ela não pertencia àquele lugar! O que fizera? olhou para o papel em sua mão, tão inútil agora, uma isca que ela engolira, e a história de Fenoglio a havia capturado. A sensação de triunfo que no instante anterior a inebriara havia desaparecido como se nunca a tivesse sentido. O medo a apagara, o medo de ter cometido um erro terrível e irreparável. Meggie tentou desesperadamente encontrar alguma outra sensação em seu coração, mas não havia nada nele, nem mesmo t curiosidade pelo mundo que a cercava. Voltar, apenas voltar! Era tudo em que ela conseguia pensar.

Farid, porém, virou-se para ela e sorriu. - Veja essas árvores, Meggie! — disse. — Elas realmente crescem até o céu. Olhe!

Farid passou os dedos em seu próprio rosto, apalpou seu nariz, sua boca, olhou para baixo e, quando verificou que continuava a ser ele mesmo, aparentemente sem qualquer lesão, começou a pular para lá e para cá feito um gafanhoto. Equilibrou-se nas raízes sinuosas das árvores, que corriam como serpentes pelo musgo denso e macio que cobria o chão, pulou de uma raiz para outra e rodopiou dando risadas, de braços abertos, até que ficou tonto e cambaleou de encontro à árvore mais próxima. Ainda rindo, apoiou as costas no tronco que cinco homens adultos com os braços estendidos não conseguiriam abraçar e olhou para o alto, para a trama de ramos e galhos acima de sua cabeça.

Você conseguiu, Meggie! — ele exclamou. — Você conseguiu! Está ouvindo, Cabeça de Queijo? — gritou no meio das árvores. — Ela é capaz! Com as suas palavras. Aquilo que você tentou milhares de vezes! Ela é capaz, e você não! — Ele riu novamente, alegre e despreocupado como uma criancinha. Até notar que Meggie estava totalmente quieta.

O que você tem? — ele perguntou e apontou com uma expressão horrorizada para a boca de Meggie. — Por acaso você perdeu...

...a voz como sua mãe? Ela perdera? A língua pesou em sua boca, mas as palavras saíram.

Não, não, estou bem.

Farid sorriu aliviado. Sua tranquilidade atenuou o medo de Meggie e, pela primeira vez, ela olhou realmente ao seu redor. Encontravam-se num vale, largo e coberto por densa floresta, entre colinas em cujas encostas as árvores estavam tão próximas umas das outras que suas copas se entrelaçavam. Castanheiras e carvalhos, mais abaixo freixos e álamos, que misturavam suas folhas com a ramagem prateada de salgueiros. A Floresta Sem Caminhos merecia seu nome. Ela parecia não ter começo nem fim, como um oceano verde no qual é tão fácil se afogar quanto nas ondas do mar.

— Não é incrível? Não é incrivelmente maravilhoso? — Farid ria tão espalhafatosamente que um animal, invisível entre tantas folhas, começou a rosnar para eles do alto. — Dedo Empoeirado descreveu para mim, mas é ainda muito mais bonito. Como pode haver tantos tipos de folhas? E olha só todas essas flores e essas frutas! Aqui não morreremos de fome! — Farid colheu uma frutinha redonda de cor preta azulada e, após cheirá-la, enfiou-a na boca. — Uma vez, conheci um velho — ele disse ao limpar os lábios do sumo da frutinha — que à noite, ao redor do fogo, contava histórias sobre o paraíso. Era exatamente assim que ele descrevia: tapetes de musgos, lagos frescos, flores e frutas doces por toda parte, árvores que sobem até o céu, e em cima da gente as vozes das folhas falando com o vento. Você está ouvindo?

Sim, Meggie estava ouvindo. E ela estava vendo elfos, enxames deles, seres minúsculos de pele vermelha. Elfos de fogo. Resa havia contado sobre eles. Como mosquitos, voavam sobre uma lagoa, na qual a poucos passos de distância se espelhavam os ramos das árvores. Arbustos floridos de vermelho a cercavam, a água estava coberta por suas flores murchas.

Meggie não encontrou fadas azuis, mas viu borboletas, abelhas, pássaros, teias de aranha ainda prateadas de orvalho, embora o sol já estivesse alto, lagartos, coelhos... Ouviu sussurros e crepitações, batidas, estalidos e chiados ao seu redor, arrulhos, silvos, trinados. Aquele mundo parecia explodir de tanta vida e, ao mesmo tempo, parecia tão tranquilo, tão maravilhosamente tranquilo como se não existisse tempo, como se cada momento não tivesse começo nem fim.

— Você acha que ele também esteve aqui? — Farid olhou nostálgico ao redor, como se esperasse que, no instante seguinte, Dedo Empoeirado aparecesse entre as árvores. — É claro. Orfeu deve tê-lo lido nesse mesmo lugar, não é? Ele falou da lagoa, dos elfos vermelhos e daquela árvore ali atrás, aquela com a casca clara onde ficam os ninhos. "É preciso seguir um riacho", disse, "em direção ao norte, pois no sul reina Cabeça de Víbora, ali você já estará pendurado numa forca antes que consiga dizer o próprio nome." É melhor eu dar uma olhada de cima!

Ágil como um esquilo, ele subiu numa árvore jovem e, antes que Meggie pudesse se dar conta, equilibrou-se por uma trepadeira velha e lenhosa até a copa de uma árvore gigante.

O que você está fazendo? — ela gritou. Mais do alto se vê ainda mais! Era quase impossível distinguir Farid entre os galhos. Meggie dobrou a folha de papel com as palavras de Orfeu e guardou-a em sua sacola. Ela não queria mais ver aquelas letras, elas eram para ela como besouros venenosos, como a garrafinha de Alice no país das maravilhas dizendo "Beba me!". Seus dedos tocaram o caderno com capa de papel marmorizado e, de repente, seus olhos se

encheram de lágrimas.

Quando avistar uma cabana de carvoeiro, Dedo Empoeirado disse, aí você saberá que a Floresta Sem Caminhos ficou para trás — a voz de Farid soou como a voz de um pássaro exótico. — Guardei bem cada palavra que ele disse. Isso mesmo, se eu quiser, as palavras ficam grudadas na minha memória como moscas na resina. Não preciso de papel para guardá-las, não, não. Você só precisa achar os carvoeiros e as manchas negras que eles queimam no pelo da floresta, aí você saberá que o mundo dos homens não está mais longe. Ele disse isso. E siga o riacho. Ele vai levá-lo para o norte, isso mesmo, é para o norte que você deve ir, até que, em algum momento, na encosta leste de uma colina, bem no alto sobre um rio, você verá o castelo do Príncipe Porcino, cinzento como um ninho de vespas e, ao redor dele, a cidade em cuja praça do mercado se pode cuspir o fogo bem alto para o céu...

Meggie ajoelhou-se entre as flores, violetas e campânulas lilases, a maior parte delas começando a murchar, mas ainda exalando seu perfume, tão doce que a deixou tonta. Uma vespa zunia entre elas; ou apenas parecia uma vespa? Quanto Fenoglio havia observado sua própria realidade e quando havia inventado? Tudo parecia tão familiar e estranho ao mesmo tempo.

Não é uma sorte eu ter pedido para ele descrever tudo tão bem para mim? — Meggie olhou para o pés descalços de Farid. Eles balançavam lá em cima no meio das folhas, numa altura que lhe causava vertigens. Muitas vezes, à noite, Dedo Empoeirado não conseguia dormir, ele tinha modo dos seus sonhos. Eu o acordava quando eram ruins, então nos sentávamos perto do fogo, e eu perguntava tudo a ele. Disso eu entendo. Sou mestre em perguntas. Ah, isso sou.

Meggie teve que rir do orgulho na voz dele. Ela olhou para o teto de folhas. As folhas coloridas eram cada vez mais numerosas, como no jardim de Elinor. Os dois mundos respiravam no mesmo compasso? Será que isso acontecia desde sempre ou as duas histórias apenas haviam se ligado de forma inseparável no dia

em que Mo fizera Capricórnio, Basta e Dedo Empoeirado trocarem uma pela outra? Ela provavelmente nunca teria a resposta, pois quem poderia conhecê-la?

Sob um arbusto espinhento e pesado de tantas frutinhas escuras, algo se mexeu com um estalido. Lobos e ursos, felinos de pelo malhado, Resa também lhe falara deles. Involuntariamente Meggie deu um passo para trás, mas seu vestido ficou preso num pé de cardo, alto e branco das próprias sementes.

— Farid? — ela chamou e ficou irritada com o medo em sua voz. — Farid!

Mas ele pareceu não ouvi-la. Continuava tagarelando lá em cima, instalado entre os galhos, despreocupado como um pássaro ao sol, ao passo que ela estava perdida no meio das sombras, sombras que se moviam, que tinham olhos, rugiam... Aquilo ali era uma serpente? Ela puxou seu vestido com tanta força que o rasgou e cambaleou para trás até que suas costas bateram no tronco áspero de um carvalho. A serpente escapuliu bem depressa, como se ver Meggie também tivesse infundido nela um medo terrível, mas sob o arbusto alguma coisa ainda se mexia, até que finalmente, entre os galhos espinhentos, assomou uma cabeça, com chifrinhos minúsculos entre as orelhas.

— Não! — sussurrou Meggie. — Oh, não!

Gwin olhava para ela, quase com reprovação, como se a culpasse por seu pelo estar cheio de pequenos espinhos.

Lá em cima, ela ainda ouvia claramente a voz de Farid. Pelo jeito, ele estava finalmente descendo de seu mirante.

— Nenhuma cabana, nem castelo, nada! — ele exclamou. — Vai levar

alguns dias para sairmos desta floresta. Mas era exatamente assim que Dedo Empoeirado queria. Ele queria um tempo aqui. Acho que quase sentia mais saudades das árvores e das fadas do que das pessoas. Bem, não sei como você está, as árvores são bonitas, muito bonitas, mas eu gostaria de ver o castelo, os outros saltimbancos e os encouraçados...

Ele caiu de um pulo na relva, saiu saltitando numa perna só pelo tapete de flores azuis e deu um grito de alegria quando viu a marta.

— Gwin! Ah, eu sabia que você tinha me ouvido. Venha, seu filho de um diabo com uma cobra! Nossa, Dedo Empoeirado não vai acreditar que trouxemos seu velho amigo para ele, não é?

"E, não vai mesmo!", pensou Meggie. "Os seus joelhos vão amolecer, de tão sufocado que vai ficar."

A marta pulou nos joelhos de Farid quando ele se agachou na grama e lambeu seu queixo carinhosamente. Todos os outros ela mordia, até mesmo Dedo Empoeirado, mas com Farid ela se comportava como um gatinho.

— Enxote-o, Farid! — a voz de Meggie saiu mais cortante do que ela pretendia.

— Enxotá-lo? — Farid riu. — Do que você está falando? Está ouvindo, Gwin? O que você fez para ela? Acaso pôs um rato morto em cima dos seus preciosos livros?

— Enxote-o, sim, foi o que eu disse! Gwin sabe se virar sozinho, você sabe disso! Por favor! — ela se sentou quando viu como Farid lhe olhava estupefato.

Farid se levantou, a marta no braço. A expressão em seu rosto era hostil como ela nunca vira antes. Gwin pulou em seu ombro e olhou para Meggie como se tivesse entendido cada palavra. Bem, ela teria que lhe contar então. Mas como?

— Dedo Empoeirado não lhe contou, não é?

— O quê? — Ele olhou para Meggie como se quisesse bater nela. Acima deles, o vento soprava através do teto de folhas como um sussurro ameaçador.

— Se você não enxotar Gwin — disse Meggie, embora cada palavra lhe custasse um esforço —, Dedo Empoeirado é quem vai fazer isso. E vai mandar você ir junto.

A marta continuava a olhar para ela.

- Por que ele faria isso? Você não gosta de Gwin, é só isso! Você jamais gostou de Dedo Empoeirado, nem de Gwin.

- Isso não é verdade! Você não entende nada! — a voz de Meggie soou alta e estridente. — Ele morre por causa de Gwin! Dedo Empoeirado morre, foi o que Fenoglio escreveu! Talvez a história tenha se modificado, talvez exista uma nova história e tudo o que está no livro não passe de um monte de letras mortas, mas...

Meggie não teve coragem de dizer o resto. Farid sacudia a cabeça sem parar, como se as palavras de Meggie estivessem cravadas dentro dela como agulhas, e doessem.

— Ele morre? — Sua voz era quase inaudível. — Morre no livro? Como ele estava perdido, ali parado, ainda com a marta no ombro.

Olhou apavorado para as árvores ao seu redor, como se todas elas não tivessem outro propósito a não ser matar Dedo Empoeirado.

— Mas... se soubesse disso — ele balbuciou — eu teria rasgado aquela maldita folha de papel de Cabeça de Queijo! Eu nunca teria permitido que ele lesse Dedo Empoeirado de volta!

Meggie apenas ficou olhando para ele. O que ela poderia dizer?

— Quem o mata? Basta?

Em cima deles, dois esquilos corriam para lá e para cá, o pelo salpicado de branco como se alguém tivesse borrifado tinta nele. A marta quis ir atrás deles, mas Farid segurou-a pelo rabo.

— Um dos homens de Capricórnio, Fenoglio não escreveu mais nada!

— Mas estão todos mortos!

— Isso não sabemos — Meggie gostaria muito de consolá-lo, mas não sabia como. — E se todos ainda viverem aqui? E mesmo se não viverem. Mo e Darius não leram todos para lá, alguns com certeza ainda ficaram por aqui. É assim que está no livro, e Dedo Empoeirado sabe disso. Por isso é que deixou a marta para

trás.

— É verdade, ele fez isso — Farid olhou à sua volta como se procurasse uma saída, algum caminho pelo qual pudesse mandar a marta de volta. Gwin encostou o focinho em seu rosto, e Meggie viu as lágrimas no rosto do garoto.

— Espere aqui! — ele disse, virou-se de repente e saiu andando dali com a marta. Apenas alguns passos, e a floresta o engoliu como um sapo a uma mosca, como a coruja a um rato, e Meggie ficou ali, totalmente sozinha, no meio de flores, algumas das quais também cresciam no jardim de Elinor. Mas ali não era o jardim de Elinor. Não era nem o mesmo mundo. E, dessa vez, ela não podia simplesmente fechar o livro para voltar a seu quarto, ao sofá que cheirava tanto a Elinor. O mundo atrás das letras era grande, ela já não sabia disso? Grande o suficiente para alguém se perder ali para sempre... E apenas uma pessoa poderia escrever o caminho de volta para ela: um velho homem do qual Meggie não conhecia o paradeiro naquele mundo criado por ele. Um homem que ela nem ao menos sabia se ainda estava vivo. Aquele mundo poderia viver se seu criador estivesse morto? Por que não? Qual é o livro que deixa de existir apenas porque seu autor morreu?

"O que foi que eu fiz", pensou Meggie enquanto esperava Farid voltar. "Mo, o que foi que eu fiz? Você não pode vir me buscar?"

11. Falta

— Acordei e soube que ele se fora. Soube imediatamente que ele se fora. Quando amamos alguém, sabemos essas coisas.

David Almond, *Skellig* Mo soube imediatamente que Meggie se fora. Soube no momento em que bateu na porta e nada além de silêncio foi a resposta. Resa estava com Elinor lá embaixo pondo a mesa para o café da manhã. O tilintar dos pratos chegava até o andar de cima, mas ele mal ouvia, apenas ficou ali parado, diante da porta fechada, escutando seu próprio coração.

— Meggie?

Ele abaixou a maçaneta, mas a porta estava trancada. Meggie nunca usava a chave, nunca.

Seu coração batia como se quisesse sufocá-lo. O silêncio atrás da porta soou terrivelmente familiar. Fora exatamente assim que ele entrara em seus ouvidos naquela vez em que ele chamara o nome de Resa, muitas e muitas vezes. Tivera que esperar dez anos por uma resposta.

Não, de novo não. Deus, por favor, de novo não. Não Meggie.

Parecia ouvir o livro sussurrar atrás da porta, a maldita história de Fenoglio. Pensou ouvir as páginas se agitarem, ávidas como dentes brancos.

— Mortimer? — Elinor estava atrás dele. — Os ovos vão esfriar. Onde vocês estão? Céus! — ela olhou preocupada para o rosto dele, segurou sua mão. — O que há? Você está pálido como a morte.

— Você tem uma chave reserva da porta de Meggie, Elinor?

Ela entendeu imediatamente. Sim, também adivinhou o que havia acontecido atrás da porta trancada, provavelmente durante a noite, enquanto todos dormiam. Apertou a mão dele. Então virou-se sem dizer nada e desceu depressa a escada. Mo, porém, encostou-se na porta fechada, ouviu Elinor chamar Darius, como ela praguejava enquanto procurava a chave, e olhou para os livros que se enfileiravam nas estantes de Elinor ao longo de todo o corredor. Resa subiu a escada correndo, com o rosto pálido. Ela perguntou o que havia acontecido, suas mãos voavam como asas de pássaros espantados. Mas o que ele poderia responder? Você não é capaz de imaginar? Você que contou tantas coisas para ela?

Ele abaixou a maçaneta mais uma vez, como se isso pudesse mudar alguma coisa. Meggie havia coberto toda a porta com citações. Agora elas lhe pareciam fórmulas mágicas, escritas com mão de criança sobre a pintura branca. "Levem-me para um outro mundo! Vamos! Sei que vocês podem. Meu pai me mostrou como." Estranho que um coração simplesmente não parasse de bater quando doía tanto. Mas também não parara dez anos antes, naquele dia em que as palavras engoliram Resa.

Elinor puxou-o para o lado, ela segurava a chave nos dedos trêmulos e enfiou-a impaciente na fechadura. Em tom zangado, chamou Meggie pelo nome — como se já não soubesse que somente uma coisa a esperava atrás da porta: o silêncio, como naquela noite que ensinara a Mo o medo da própria voz.

Ele entrou no quarto vazio por último, hesitante. No travesseiro de Meggie havia uma carta. "Querido Mo..." Ele não continuou a ler, não quis saber das palavras que apenas despedaçariam seu coração. Quando Resa pegou a carta, ele olhou ao seu redor — à procura de uma outra folha de papel, a folha que o garoto trouxera, mas não a viu em lugar nenhum. "Claro que não, seu tonto!", ele disse a si mesmo. Ela levou a folha, afinal devia estar com ela na mão quando leu. Somente anos depois, ele viria a saber, por Meggie, que a folha de Orfeu ainda estava em seu quarto, dentro de um livro, onde mais? Seu livro de geografia. E se ele a tivesse encontrado? Ele poderia ter seguido Meggie? Não, provavelmente não. Para ele, a história previra um outro caminho, um caminho mais árduo e sombrio.

Talvez ela só tenha saído com o garoto! Meninas da idade dela fazem essas coisas. Não que eu entenda alguma coisa disso, mas...

A voz de Elinor soou como se estivesse longe dele. Como resposta, Resa apenas estendeu para ela a carta que estava no travesseiro.

Meggie se fora.

Ele não tinha mais filha.

Ela voltaria como a mãe? Pescada de volta do mar de palavras por alguma voz? E quando? Depois de dez anos como Resa? Então ela seria adulta e ele talvez nem mesmo a reconhecesse. Tudo ficou borrado diante de seus olhos, o material escolar de Meggie em cima da mesa diante da janela, suas roupas cuidadosamente penduradas no encosto da cadeira, como se ela realmente pretendesse voltar, seus bichos de pelúcia ao lado da cama, embora já fizesse muito tempo que Meggie não precisava mais da ajuda deles para dormir, os rostos felpudos carecas de tantos beijos. Resa começou a chorar, sem voz, a mão tapando a boca muda. Mo queria consolá-la, mas como, com tamanho desespero

em seu coração?

Ele se virou, afastou Darius, que havia parado na porta aberta com um olhar triste de coruja, e subiu para o escritório, onde os malditos cadernos ainda estavam empilhados entre seus documentos. Varreu-os de cima da mesa, um por um, como se assim pudesse calar as palavras, todas as malditas palavras que haviam enfeitiçado sua filha, atraída para longe como pelo flautista do conto de fadas, para um lugar onde antes ele já não pudera seguir Resa. Para Mo, era como se sonhasse novamente o mesmo sonho ruim, só que dessa vez nem ao menos tinha o livro em cujas páginas poderia procurar Meggie.

Mais tarde, ao se perguntar como havia suportado o resto daquele dia sem enlouquecer, ele não saberia responder. Apenas se lembraria de que vagueara durante horas pelo jardim de Elinor, como se ali pudesse encontrar Meggie, em algum lugar embaixo de uma velha árvore sob a qual ela gostava tanto de ler. Quando escureceu e ele se pôs em busca de Resa, encontrou-a no quarto de Meggie. Ela estava sentada na cama vazia e olhava para três criaturinhas que voavam em círculos sob o teto como se buscassem nele a porta pela qual haviam chegado. Meggie havia deixado a janela aberta, mas elas não voaram para fora, talvez porque a noite estranha e negra lhes causasse medo.

— Elfos de fogo — disseram as mãos de Resa quando ele se sentou ao lado dela, você precisa espantá-los se pousarem na sua pele, senão queimam você.

Elfos de fogo. Mo se lembrava de ter lido sobre eles. No livro, parecia haver somente aquele livro no mundo.

— Por que são três? — ele perguntou. — Um para Meggie, outro para o garoto...

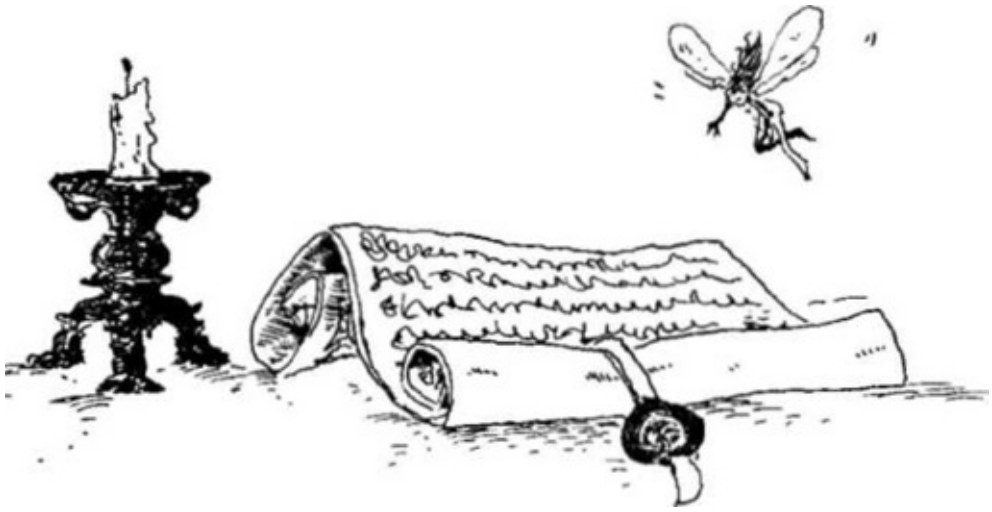
— Acho que a marta também se foi — disseram as mãos de Resa. Mo quase desatou a rir. Pobre Dedo Empoeirado, pelo jeito não conseguira espantar o azar. Mas Mo não conseguia sentir compaixão por ele. Não desta vez. Sem ele, não haveria as palavras na folha de papel, e sem elas Mo ainda teria uma filha.

— Você acha que pelo menos ela está gostando de estar lá? — ele perguntou e pôs a cabeça no colo de Resa. — Você também acabou gostando, não foi? Pelo menos foi o que sempre disse a ela.

— Sinto muito — disseram suas mãos. — Muito mesmo. Mas ele segurou os dedos dela.

— O que você está dizendo? — ele disse baixinho. — Fui eu quem trouxe este maldito livro para casa, já esqueceu?

E então os dois se calaram. Olharam para os pobres elfos perdidos e se calaram. Em algum momento, os três acabaram voando para fora, para a noite estranha. Quando seus minúsculos corpinhos vermelhos desapareceram na amplidão escura como fagulhas se extinguindo, Mo se perguntou se Meggie também estaria vagando por uma noite igualmente negra. O pensamento seguiu-o em sonhos tenebrosos.



12. Visitas indesejadas

Vocês, que têm coração — ele observou em certo momento

— possuem algo para guiá-los e por isso não precisam fazer nada errado. Eu vivo sem coração [...], portanto, preciso ser muito cuidadoso.

L. Frank Baum, *O mágico de Oz*

No dia em que Meggie desapareceu, o silêncio voltou a morar na casa de Elinor, só que tinha um gosto diferente do que nos dias em que os livros de Elinor eram os únicos habitantes de sua casa. O silêncio que agora preenchia os corredores e quartos tinha gosto de tristeza. Resa chorava muito, e Mortimer ficava calado, como se o papel e a tinta não tivessem engolido somente sua filha, mas também todas as palavras deste mundo. Ele passava muito tempo em sua oficina, comia pouco, quase não dormia. No terceiro dia, Darius procurou Elinor preocupado, para lhe contar que Mo estava empacotando suas ferramentas.

Quando Elinor chegou à oficina, esbaforida, porque Darius a arrastara atrás de si com muita pressa, Mortimer jogava displicentemente numa caixa os carimbos de ouro, que ele costumava segurar na mão com muito cuidado, como se fossem de vidro.

— O que diabos você está fazendo? — ela perguntou em tom enérgico.

— Ora, o que será? — ele devolveu a pergunta e começou a remover sua

prensa. — Vou procurar outra profissão. Não vou mais encostar em livros, devem ser amaldiçoados. Vou deixar que outros escutem suas histórias e remendem suas roupas. Não quero mais saber disso.

Quando Elinor quis chamar Resa para ajudá-la, ele apenas sacudiu a cabeça.

— Bem, claro, é compreensível que ambos estejam um caco! — observou Elinor ao partilhar com Darius mais um café da manhã solitário.

Mas como Meggie pôde fazer isso com eles? O que ela tinha na cabeça para partir o coração de seus pobres pais? Ou queria provar de uma vez por todas que os livros são uma coisa perigosa?

Darius calou-se em resposta, assim como fizera durante todos aqueles tristes dias.

— Pelo amor de Deus, ninguém fala nesta casa, todos se calam como peixes — repreendeu-o Elinor. — Precisamos fazer alguma coisa para trazer de volta a desmiolada dessa menina. Qualquer coisa. Céus, não pode ser tão difícil. Afinal de contas, debaixo deste teto moram duas línguas encantadas!

Darius olhou para ela apavorado e engasgou com o chá. Fazia tanto tempo que não usava mais o seu dom, que devia ser para ele como um sonho ruim do qual não queria ser lembrado.

— Está bem, está bem, você não precisa ler — Elinor tranquilizou-o com um tom rude. Céus, aqueles olhos assustados de coruja. Ela sentiu vontade de sacudi-lo. — Mortimer pode fazer isso! Mas o que ele poderia ler? Pense, Darius! Precisa ser algo sobre o Mundo de Tinta ou sobre o nosso mundo, se

quisermos trazê-la de volta? Ah, estou completamente confusa. Talvez possamos escrever alguma coisa, algo do gênero: "Era uma vez uma mulher rabugenta de meia-idade chamada Elinor, que amava apenas seus livros, até que um dia sua sobrinha mudou-se para sua casa com seu marido e sua filha. Elinor gostou disso, mas um dia a menina partiu numa viagem, muito, mas muito idiota, e Elinor jurou que daria todos os seus livros se a menina simplesmente voltasse. Ela começou a empacotá-los em grandes caixas e, quando punha o último dentro de uma delas, Meggie apareceu na sua frente...".

Meu Deus, não faça essa cara de dó! — ela censurou Darius. — Pelo menos, estou tentando! E você não para de repetir: "Mortimer é um mestre, só precisa de algumas palavras!". Darius ajeitou os óculos.

Sim, apenas algumas palavras — ele disse com voz suave e insegura. Mas precisam ser palavras que descrevam todo um mundo, Elinor. É preciso que saia música das palavras. Elas têm que estar muito bem tecidas, numa trama bem fechada, para que a voz não se perca através dela.

Ah, que nada! — respondeu Elinor rudemente, embora soubesse que ele estava certo. Uma vez Mortimer tentara lhe explicar quase da mesma maneira o grande enigma por que nem toda a história ganhava vida. Mas ela não queria ouvir isso, não agora. "Maldita seja você, Elinor!", ela pensou. "Maldita, maldita, maldita, por todas as noites que passou com aquela menina boba imaginando como seria bom viver em outro mundo, entre fadas, duendes e homens de vidro." Haviam sido muitas noites, muitas e muitas, e quantas vezes não debochara de Mortimer quando ele enfiava a cabeça pela porta e perguntava se elas não gostariam excepcionalmente de conversar sobre outra coisa que não florestas sem caminhos e fadas azuis?

"Bem, pelo menos Meggie sabe tudo o que precisa saber sobre esse mundo", pensou Elinor enquanto enxugava as lágrimas de seu rosto. "Sabe que precisa tomar cuidado com Cabeça de Víbora e seus cavaleiros encouraçados, que não

deve ir muito longe na floresta, senão provavelmente será devorada, estraçalhada ou pisoteada. E que é melhor não olhar para cima quando passar por uma forca. Sabe que precisa se curvar quando um príncipe passar a cavalo, e que pode usar seus cabelos soltos porque ainda é só uma menina..." Mas que droga, ali estavam as lágrimas novamente! Elinor enxugou-as com uma ponta da sua blusa quando soou a campainha.

Muitos anos depois, ela ainda se amaldiçoaria pela estupidez de não ter sequer espiado pela janelinha com grades antes de abrir a porta. Evidentemente, ela pensara que Resa ou Mortimer estavam do outro lado. Evidentemente. Estúpida Elinor. Estúpida, ah, mas que estúpida. Só percebeu seu erro depois de abrir a porta e o estranho estar diante dela.

Ele não era muito alto e parecia um tanto superalimentado, tinha pele pálida e cabelos loiros também pálidos. Os olhos atrás dos óculos sem armação pareciam ligeiramente espantados, quase inocentes como os de uma criança. Ele abriu a boca quando Elinor pôs a cabeça para fora, mas ela lhe cortou a palavra.

— Como o senhor entrou aqui? — ela disse rispidamente. — Esta é uma propriedade privada. O senhor não leu a placa lá embaixo na estrada?

Ele entrara com um automóvel. Mas que atrevido o mentecapto, simplesmente invadira seu terreno. Elinor viu o veículo estacionado ao lado de sua perua, um automóvel azul-escuro todo empoeirado. No assento do passageiro, parecia haver um cão gigantesco. Mais essa. — Oh, li sim, é claro! — O sorriso do estranho era tão inocente que combinava com seu rosto infantil. — Sim, de fato, a placa está bem visível, e peço mil desculpas, senhora Loredan, pela minha invasão tão repentina e sem anúncio prévio.

"Céus", Elinor perdeu a fala. Cara de Lua tinha uma voz quase tão bonita quanto Mortimer, grave e sedosa como uma almofada. Ela combinava tão pouco

com seu rosto redondo e seus olhos infantis, que quase parecia que o estranho havia engolido seu verdadeiro dono e, dessa maneira, se apropriado de sua voz.

— O senhor pode deixar para lá as suas desculpas! — disse Elinor rispidamente, depois de se recompor da surpresa. — Simplesmente desapareça.

E com isso quis fechar novamente a porta, mas o estranho apenas sorriu mais uma vez (um sorriso que não pareceu mais tão inocente) e travou a porta com o sapato. Um sapato marrom, empoeirado, — Desculpe, senhora Loredan — ele disse com voz suave. — Estou aqui por causa de um livro. Um livro realmente singular. Evidentemente, ouvi dizer que a senhora dispõe de uma biblioteca notável, mas posso lhe assegurar que ainda falta este exemplar em sua coleção.

Elinor reconheceu de imediato o livro que ele tirou do paletó de linho claro todo amarrotado. Como não reconheceria? Era o único livro que fazia seu coração bater mais forte não por causa de seu conteúdo ou por ser especialmente bonito ou valioso. Não. Aquele livro fazia o coração de Elinor bater mais depressa apenas por um motivo: ela o temia como a um animal feroz.

- Onde o senhor arranjou esse livro? — Ela mesma deu a resposta, Infelizmente tarde demais. De repente, totalmente de repente, veio-lhe a lembrança da história que o garoto contara. — Orfeu! — sussurrou, e quis gritar, tão alto que Mortimer pudesse ouvi-la de sua oficina, mas antes que ela pudesse emitir qualquer som, surgiu, ágil como um lagarto, um homem de trás dos pés de azaléia ao lado da porta e tapou sua boca com a mão.

E então, devoradora de livros? — ele ronronou em seu ouvido. Quantas vezes Elinor ouvira aquela voz em seus sonhos e quanto lhe faltara o ar a cada vez! À luz clara do dia, o efeito não era menos ruim. Basta empurrou-a com brutalidade de volta para dentro da casa. Obviamente, ele segurava sua navalha. Seria mais fácil Elinor imaginar Basta sem nariz do que sem ela. Orfeu virou-se

e acenou para o carro invasor. Um homem em forma de armário saiu de dentro dele, contornou sem pressa o automóvel e abriu a porta de trás. Uma velha mulher pôs os pés para fora e apoiou-se em seu braço. Mortola.

Outra visita assídua nos pesadelos de Elinor. As pernas da velha estavam volumosamente enfaixadas sob as meias escuras, e ela apoiava-se numa bengala, enquanto andava, de braço dado com o homem-armário, em direção à casa de Elinor. Com passos mancos e uma expressão furiosamente decidida, ela entrou no vestíbulo como quem toma posse de toda a casa, e o olhar que lançou para Elinor era tão declaradamente hostil, que seus joelhos amoleceram, embora ela fizesse todo esforço possível para ocultar seu medo. Milhares de recordações horríveis vieram-lhe à mente, recordações de uma jaula, que cheirava à carne crua, de um lugar iluminado por faróis ofuscantes, e medo, um medo terrível...

Basta fechou a porta atrás de Mortola. Ele não mudara: o mesmo rosto estreito, a mesma mania de apertar os olhos e, como não poderia deixar de ser, um amuleto pendurado em volta do pescoço, proteção contra o azar que Basta farejava debaixo de cada escada e atrás de cada arbusto.

— Onde estão os outros? — Mortola perguntou rispidamente para Elinor, enquanto o homem-armário olhava ao seu redor com ar aparvalhado. A visão de tantos livros parecia impressioná-lo imensamente. Ele devia estar se perguntando para que raios alguém precisava de tal quantidade.

— Os outros? Não sei de quem a senhora está falando — Elinor achou que sua voz soou espantosamente firme para uma mulher que estava semimorta de medo.

Com um ar agressivo, Mortola esticou seu queixo pequeno e redondo para a frente.

— Sabe muito bem, sim. Estou falando de Língua Encantada, de sua filha bruxa e da criada que ele chama de esposa. Devo mandar Basta incendiar alguns livros ou você os chamará para nós de boa vontade?

"Basta? Basta tem medo de fogo!", Elinor quis retrucar, mas achou melhor não. Não era difícil encostar um palito de fósforo num livro. O próprio Basta, que tinha tanto medo do fogo, certamente executaria com prazer essa pequena tarefa, e o homem-armário não parecia inteligente o suficiente para ter medo de alguma coisa. "Preciso simplesmente segurá-los aqui!", pensou Elinor. "Afinal não sabem da oficina no jardim nem de Darius."

— Elinor? — No mesmo instante, ela ouviu Darius chamar. Antes que pudesse responder, a mão de Basta já tapava sua boca novamente. Ela ouviu Darius aproximando-se pelo corredor, com seus passos sempre apressados. — Elinor? — ele chamou mais uma vez. Então seus passos silenciaram, tão abruptamente quanto sua voz.

— Surpresa! — ronronou Basta. — Gostou, Língua Travada? Alguns velhos amigos estão aqui para lhe fazer uma visita.

A mão esquerda de Basta estava enfaixada. Elinor somente notou quando ele tirou os dedos de sua boca e ela se lembrou da criatura dos rugidos que, segundo o relato de Farid, saíra da história em troca de Dedo Empoeirado. "Que pena que ela não comeu mais do nosso amigo da navalha!", ela pensou.

— Basta! — A voz de Darius era pouco mais que um sussurro.

- Sim, Basta! Eu teria vindo antes, acredite, mas eles me enfiaram por um

tempo na prisão, por causa de uma coisinha de muitos anos atrás. Mal Capricórnio havia desaparecido, todos se encheram de coragem, todos os que não podiam abrir a boca de medo. Mas o que importa? No final, acabaram me fazendo um favor, pois adivinha quem mandaram um dia para a mesma cela em que eu estava? Ainda não consegui arrancar dele o seu nome verdadeiro, portanto, vamos chamá-lo pelo mesmo nome com que ele se batizou: Orfeu! — Basta bateu com tanta força nas costas do mencionado, que este cambaleou para a frente. — Sim, o bom Orfeu!

Hasta pôs a mão em seu ombro. — De fato, o diabo teve uma boa ideia quando fez justamente dele o meu companheiro de cela. Ou quem sabe a nossa história sentiu tanta falta de nós que o enviou? Seja como for, tivemos bons momentos, não é?

Orfeu não olhou para Basta. Encabulado, ajeitou o paletó e voltou-se para as estantes de livros de Elinor.

Mas que diabos, olhem só pra ele! — Basta deu-lhe uma dura cotovelada nas costelas. — Quantas vezes já lhe expliquei que não é preciso se envergonhar por causa da prisão, já que ela é muito mais confortável do que as masmorras que temos lá em nossa terra. Vamos, conte a eles como eu soube dos seus dons inestimáveis. Conte-lhes como o apanhei à noite lendo esse cão estúpido de um livro! Estava lendo um cão! No lugar dele, evidentemente eu teria tido uma ideia melhor...

Basta deu uma risada maliciosa, e Orfeu ajeitou a gravata com dedos ágeis.

— Cérbero ainda está no automóvel — ele disse a Mortola. — Ele não gosta de ficar lá. Devemos trazê-lo de uma vez!

O homem-armário dirigiu-se para a porta, aparentemente, no que dizia respeito a animais, ele tinha um coração mole, mas Mortola acenou impaciente para que voltasse.

— O cão fica onde está. Não suporto aquele animal! — Com o cenho franzido, ela olhou à sua volta no vestíbulo de Elinor. — Para falar a verdade, imaginei que sua casa fosse maior — ela observou fingindo decepção. — Pensei que você fosse rica.

— Mas ela é! — Basta pôs o braço em volta do pescoço de Orfeu de forma tão brusca, que os óculos caíram de seu rosto. — Só que gasta tudo com livros. Quanto será que nos daria pelo livro que pegamos de Dedo Empoeirado? O que você acha? — ele beliscou Orfeu nas bochechas redondas. — Pois é. Nosso amigo aqui foi uma bela isca para o devorador de fogo. Ele parece um sapo-boi, mas nem mesmo as palavras obedecem mais a Língua Encantada do que a ele, de Darius é melhor nem falar. Pergunte a Dedo Empoeirado! Orfeu mandou-o para casa como se não houvesse nada mais fácil no mundo. Não que o devorador de fogo...

— Cale a boca. Basta! — Mortola interrompeu-o rudemente. — Você sempre gostou demais de ouvir a própria voz. E então! — Impaciente, ela bateu com a bengala no piso de mármore do qual Elinor tinha tanto orgulho. — Onde estão? Onde estão os outros? Não perguntarei outra vez!

"Vamos lá, senhora Loredan!", pensou Elinor. "Minta! Depressa!" Mas ainda nem havia aberto a boca quando ouviu a chave na fechadura. "Não! Não, Mortimer!", implorou em pensamento. "Fique onde está! Volte com Resa para a oficina! Tranquem-se lá, mas, por favor, não entrem justamente agora!"

Obviamente suas súplicas de nada adiantaram. Mortimer abriu a fechadura, entrou, o braço no ombro de Resa, e parou de repente quando viu Orfeu. Antes

que ele entendesse inteiramente o que estava acontecendo, o homem-armário, a um sinal de Mortola, fechou a porta atrás dele.

— Olá, Língua Encantada! — disse Basta com voz ameaçadoramente suave, enquanto abria a navalha diante do rosto de Mortimer. — E esta aqui não é a nossa bela e muda Resa? Esplêndido! Dois coelhos com uma só cajadada. Falta apenas a pequena bruxa.

Elinor viu como Mortimer fechou os olhos por um momento, como se esperasse que Basta e Mortola tivessem desaparecido quando os abrisse novamente. Mas é lógico que não foi assim.

— Chame-a! — ordenou Mortola, e seus olhos fitavam Mo tão cheios de ódio, que Elinor teve medo.

— Quem? — ele perguntou sem tirar os olhos de Basta.

— Não se faça de mais bobo do que é! — ralhou Mortola. — Ou você prefere que eu deixe Basta fazer no rosto da sua mulher o mesmo desenho com que ele enfeitou o do cuspidor de fogo?

Basta passou carinhosamente o polegar na lâmina brilhante.

— Se com a palavra bruxa você se refere à minha filha — respondeu Mo com voz abafada —, ela não está aqui.

— Ah, é? — com seu andar manco, Mortola foi até ele. — Tome cuidado.

Minhas pernas estão doendo dessa viagem interminável até aqui, o que não me deixa especialmente tolerante.

— Ela não está aqui! — repetiu Mortimer. — Meggie foi embora com o garoto do qual vocês roubaram o livro. Ele pediu que ela o levasse a Dedo Empoeirado, e ela fez isso, e foi com ele.

Mortola apertou os olhos com ar de incredulidade.

— Absurdo! — ela exclamou. — Como ela pode ter feito isso sem o livro?

Mas Elinor viu a dúvida em seu rosto. Mortimer sacudiu os ombros.

— O garoto tinha uma folha de papel manuscrita, a folha que, segundo ele afirmou, enviou Dedo Empoeirado para o outro lado.

— Mas isso é impossível! — Orfeu olhou para ele assombrado. — O senhor afirma seriamente que sua filha leu a si mesma para dentro da história com minhas palavras? |

Ah, então o senhor é o tal Orfeu? — O olhar com que Mo o fitou não era muito amigável. — Ao senhor, então, devo agradecer o fato de não ter mais filha.

Orfeu ajeitou os óculos e devolveu o olhar com a mesma animosidade, Então, de repente, virou-se para Mortola.

Esse é Língua Encantada? — ele perguntou. — Está mentindo! Tenho certeza! Ninguém pode ler a si próprio para dentro de uma história. Nem ele, nem sua filha, nem mais ninguém. Eu mesmo já tentei centenas de vezes. É impossível!

— Pois é — disse Mo com voz cansada. — Eu também pensava exatamente assim há quatro dias.

Mortola olhou fixamente para ele. Então fez um sinal para Basta.

— Prenda-os no porão! — ela ordenou. — Depois procurem a garota. Vasculhem toda a casa.

13. Fenoglio

— Eu me exercito em lembrar, Nain — eu disse. — Em escrever, em ler e em lembrar.

— E é o que deveria Jazer! — disse Nain em tom áspero.

— Sabe o que acontece cada vez que você escreve algo? Cada vez que você dá nome a alguma coisa? Você tira dela a sua força.

Kevin Crossley-Holland, *Artur. A pedra de ver* Depois que escurecia, em Ombra não era fácil passar pelos guardas no portão da cidade, mas Fenoglio conhecia todos eles. O brutamontes que naquela noite estendeu sua lança diante dele já lhe encomendara alguns poemas de amor — com os quais obtivera grande sucesso, conforme ele relatara a Fenoglio —, e pelo jeito o idiota ainda continuaria a precisar de seus serviços.

- Mas volte antes da meia-noite, escrevinhador! — grunhiu o feio sujeito antes de deixá-lo passar. — Depois Furão me substituirá, e ele não está interessado nos seus poemas, embora sua ilustre amada saiba ler.

Obrigado pelo aviso! — disse Fenoglio e deu um sorriso falso para o paspalho ao avançar pelo portão. Como se ele não soubesse que com o Furão não se podia brincar! Seu estômago doía até hoje quando ele se lembrava de como aquele narigudo cravara o cabo da lança em sua barriga daquela vez em que tentara passar por ele com algumas palavras bem escolhidas. Não, Furão não se deixava subornar com poemas nem com outros presentes escritos. Furão

queria ouro, e ouro Fenoglio não tinha muito, pelo menos não o suficiente para desperdiçá-lo com um guarda no portão da cidade.

Antes da meia-noite! — ele repetiu com seus botões enquanto tropicava pela trilha abaixo. — Como se a essa hora os saltimbancos não estivessem apenas acabando de acordar!

O filho de sua senhoria carregava o archote para ele à sua frente. Ivo, de nove anos de idade, insaciavelmente curioso por todas as maravilhas de seu mundo. A cada vez, ele disputava com sua irmã a honra de carregar o archote para Fenoglio, quando este visitava os saltimbancos. Fenoglio pagava algumas moedas por semana para a mãe de Ivo por uma câmara em seu sótão. Em troca, Minerva também lavava e cozinhava para ele, e remendava suas roupas. Em compensação, Fenoglio contava histórias para seus filhos antes de irem dormir, e, com toda paciência, ouvia-a contar como às vezes seu marido podia ser cabeça dura. Sim, ele tivera sorte, realmente.

O menino ia saltitante à sua frente, cada vez mais impaciente. Ele mal podia esperar para chegar às tendas coloridas, ao lugar onde a música e o clarão das fogueiras se espalhavam entre as árvores. Ele sempre olhava para trás, com ar de reprovação, como se Fenoglio demorasse propositalmente. Em que ele estava pensando? Que um velho podia ser tão rápido como um gafanhoto?

Ali, onde o chão era tão pedregoso que nada queria crescer, o Povo Colorido montara seu acampamento, atrás das cabanas dos camponeses que cultivavam as terras do Príncipe Porcino. Desde que o príncipe de Ombra não quisera mais ouvir suas peças e canções, eles vinham menos vezes do que antes, mas felizmente o neto do príncipe não queria festejar seu aniversário sem os saltimbancos, e assim, no domingo, finalmente afluiriam outra vez no portão da cidade: cuspidores de fogo e equilibristas, domadores e atiradores de facas, atores, comediantes e um ou outro músico que cantaria uma canção da autoria de Fenoglio.

Sim, Fenoglio gostava de escrever para o Povo Colorido: canções irreverentes, canções melancólicas, histórias para rir ou chorar, conforme sua vontade no momento. Com isso não era possível ganhar mais do que umas moedas de cobre. Os saltimbancos tinham os bolsos vazios. Se quisesse fazer suas palavras valerem ouro, tinha que escrever para o príncipe ou para um rico mercador. Mas quando queria que as palavras fizessem dançar e arrancassem sorrisos, que elas contassem sobre camponeses e salteadores, sobre o povo simples que não morava em castelos nem comia em tigelas douradas, ele escrevia para os saltimbancos.

Levou certo tempo até ele ser admitido entre suas tendas, foi somente depois de muitos cantores começarem a cantar suas canções e de suas crianças perguntarem sobre suas histórias, que não o mandaram mais embora. Agora até mesmo o líder deles o convidava para sentar junto à sua fogueira. Como naquela noite.

Príncipe Negro era como o chamavam, embora em suas veias não corresse uma só gota de sangue azul. O Príncipe Negro cuidava bem de seus súditos coloridos, que já pela segunda vez o haviam elegido seu líder. De onde vinha todo o ouro que ele distribuía generosamente entre os doentes e inválidos, todos preferiam não perguntar, mas de uma coisa Fenoglio sabia: ele o havia inventado.

"Sim! Sim, eu criei todos eles!", ele pensou enquanto a música soava cada vez mais nítida na noite. O Príncipe Negro e seu urso domesticado, que o seguia como um cão, Bailarino das Nuvens, que infelizmente caíra da corda bamba, e ainda muitos outros, até mesmo os dois príncipes, que acreditavam ditar as regras naquele mundo. Fenoglio ainda não vira todas as suas criaturas, porém, a cada vez que uma delas aparecia em carne e osso diante dele, seu coração batia mais forte, embora nem sempre se lembrasse se realmente havia saído de sua pena ou se tinha vindo de algum outro lugar...

Lá estavam finalmente as tendas, coloridas como flores desgrenhadas na noite negra. Ivo começou a andar tão depressa que quase tropeçou nos próprios pés. Um garoto sujo, os cabelos eriçados como o pelo de um gato sem dono, veio pulando numa perna só em sua direção. Ele sorriu para Ivo com ar provocador, e saiu andando com as mãos no chão e os pés para o ar. Meu Deus, essas crianças saltimbancos se dobram e se espicham como se não tivessem ossos no corpo.

Está bem, pode ir! — resmungou Fenoglio quando Ivo olhou para ele suplicante. O archote não era mais necessário. Logo ali ardiam outras tochas entre as tendas, muitas das quais não passavam de panos sujos estendidos com cordas entre as árvores. Com um suspiro de satisfação, Fenoglio olhou ao seu redor enquanto o garoto disparava dali. Fora exatamente assim que ele havia imaginado o Mundo de Tinta quando o descrevera: colorido e ruidoso, cheio de vida. O ar tinha cheiro de fumaça, de carne assada, de tomilho e alecrim, cavalos, cachorros e roupas sujas, pinhas e madeira queimada. Oh, ele amava aquilo! Amava O rebuliço, amava até mesmo a sujeira, amava o fato de a vida acontecer diante de seu nariz e não atrás de portas fechadas. Naquele mundo, podia-se aprender tudo — como o ferreiro moldava uma foice, o tintureiro preparava suas cores, o curtidor raspava o couro e o sapateiro o cortava para fazer seus sapatos. Lá nada acontecia entre paredes sem janelas. Na estrada, nas ruas, no mercado ou, como ali, entre tendas pobres, tudo ficava à vista, e ele, Fenoglio, ainda curioso como um menino, podia ver, embora o mau cheiro dos ácidos dos curtumes e dos extratos dos tintureiros algumas vezes o deixassem sem ar. Sim, ele gostava de seu mundo. Gostava muito, embora fosse obrigado a reconhecer que nem tudo estava acontecendo como ele havia planejado, absolutamente.

"A culpa é minha. Eu deveria ter escrito uma continuação!", pensou Fenoglio ao abrir caminho em meio à multidão. "Eu ainda poderia escrevê-la, aqui e agora. E mudar tudo, bastava ter um leitor! Obviamente, procurara por uma língua encantada, mas em vão. Nenhuma Meggie, nenhum Mortimer, nem mesmo um desastrado como aquele Darius.

A Fenoglio, portanto, restava apenas o papel do poeta, que escrevia palavras bonitas sem com isso viver de forma especialmente opulenta, ao passo que os dois príncipes que ele criara governavam seu mundo de mal a pior. Era irritante, muito irritante!

Sobretudo um deles o preocupava: Cabeça de Víbora.

Ele vivia ao sul da floresta, elevado sobre o mar, no trono de prata do Castelo da Noite. Não era má personagem, não, realmente não. Um cão sanguinário, mas, afinal de contas, os vilões é que dão todo o tempero ao prato da história. Quando mantidos sob controle. Com essa finalidade, Fenoglio antagonizara Cabeça de Víbora com o Príncipe Porcino, que preferia rir das comédias toscas dos saltimbancos a guerrear, e seu magnífico filho, Cosme, o Belo. Quem poderia esperar que ele fosse simplesmente morrer, e seu pai, depois disso, minguar de tristeza, como um bolo tirado do forno antes do tempo?

"A culpa não é minha!" Quantas vezes Fenoglio não dissera isso a si mesmo! "As ideias não são minhas, a culpa não é minha!" Mas assim mesmo acontecera. Como se algum escrevinhador diabólico tivesse assumido a tarefa de continuar a contar a história e deixado a ele, Fenoglio, o criador daquele mundo, somente o papel do pobre poeta!

"Ah, mas agora chega! Realmente pobre você não é, Fenoglio!", ele pensou quando parou junto a um saltimbanco que, sentado entre as tendas, cantava uma de suas canções. Não, ele não era pobre. O Príncipe Porcino só queria ouvir suas canções de lamento sobre seu falecido filho, e Balbulus, o melhor iluminador de que se tinha notícia, registrava de próprio punho nos mais caros pergaminhos as histórias que ele escrevia para Jacopo, o neto principesco. Não, na verdade, as coisas não iam tão mal assim!

Além disso, na língua de um saltimbanco, suas palavras pareciam mais bem guardadas do que se estivessem prensadas entre páginas de livros, onde empoeiravam. Livres como pássaros, sim, era assim que desejava suas palavras! Elas eram poderosas demais para serem deixadas na forma impressa para um cabeça de vento qualquer fazer com elas sabe-se lá o quê. Desse ponto de vista, era tranquilizador que não houvesse livros impressos naquele mundo. Ali eram escritos a mão, o que os tomava tão caros, que apenas os príncipes podiam tê-los. Os demais precisavam armazenar as palavras na cabeça ou escutá-las dos lábios de saltimbancos.

Um menininho puxou a manga de Fenoglio. Sua bata estava furada, o nariz escorrendo.

— Tecelão da Tinta! — Ele puxou uma máscara de trás da cabeça, como os atores a usavam, e colocou-a depressa diante dos olhos. Havia penas coladas no couro quebradiço, ocres e azuis. — Quem sou eu?

— Hum! — Fenoglio franziu a testa enrugada, como se precisasse fazer um grande esforço para pensar.

A boca atrás da máscara fez uma careta de decepção.

— Gaio! Gaio, é claro!

— É claro! — Fenoglio beliscou o narizinho vermelho.

— Hoje você conta uma história nova dele? For favor!

— Talvez! Devo admitir que imagino a máscara dele um pouco mais vistosa do que a sua. O que você acha? Não deveria pôr mais algumas penas nela?

O menino tirou a máscara da cabeça e olhou para ela descontente.

— Elas não são nada fáceis de encontrar.

— Dê uma olhada lá embaixo no rio. Ali os gaios estão seguros dos gatos que perambulam por aí. — Ele quis prosseguir, mas o menino o deteve. Crianças saltimbancos tinham mãozinhas fortes, embora fossem bem magras.

— Só uma história. Por favor, Tecelão da Tinta!

Mais dois moleques apareceram ao lado dele, uma menina e um menino. Olhavam cheios de expectativas para Fenoglio. Sim, a história de Gaio... Suas histórias de salteadores sempre foram muito boas, lá no outro mundo seus netos também as adoravam. Mas as histórias de salteadores que ele criava ali saíam ainda melhores. Agora já se ouvia por toda parte: *As incríveis façanhas do mais intrépido de todos os salteadores, o nobre e destemido Gaio.* Fenoglio lembrava-se ainda muito bem da noite em que o inventara. Ao escrever, sua mão tremia de ira. "Cabeça de Víbora prendeu mais um saltimbanco", o Príncipe Negro lhe contara naquela noite, "Desta vez pegaram Torto. Eles o enforcaram por volta de meio-dia."

Torto: uma de suas personagens! Um sujeito inofensivo, que conseguia plantar bananeira por mais tempo que qualquer outro. "Quem esse príncipe pensa que é?", gritara Fenoglio naquela noite, como se Cabeça de Víbora pudesse ouvi-lo. "Neste mundo, *eu* sou o senhor da vida e da morte, apenas eu, Fenoglio!" E as palavras haviam fluido sobre o papel, furiosas e arrebatadas, como o salteador que ele inventara naquela noite. Gaio era tudo o que Fenoglio gostaria de ter sido

em seu mundo: livre como um pássaro, não se submetia a nenhum senhor, era corajoso, nobre (às vezes também engraçado), roubava dos ricos, dava aos pobres, protegia os fracos da tirania dos fortes num mundo em que não havia leis para isso...

Fenoglio sentiu mais um puxão na manga.

— Por favor, Tecelão da Tinta! Só *uma* história! — O menino era mesmo perseverante, um ouvinte apaixonado. Provavelmente um dia seria um saltimbanco famoso. — Dizem que Gaio roubou o amuleto de Cabeça de Víbora! — sussurrou o garotinho. — O osso do dedo de um enforcado, que o protege contra as Damas Brancas. Dizem que agora Gaio o usa em seu próprio pescoço.

— É mesmo? — Fenoglio ergueu as sobrancelhas. Isso sempre parecia surtir efeito, de tão espessas c espevitadas que eram.

— Bem, ouvi uma coisa ainda mais audaciosa, mas agora, antes de mais nada, preciso falar com o Príncipe Negro.

— Ah, por favor, Tecelão da Tinta! — Eles se penduraram em suas mangas, quase arrancaram as fitas caras que ele mandara costurar no tecido rústico por algumas moedas, para não parecer tão miserável como os escribas que ganhavam seu pão redigindo cartas e testamentos nos mercados.

— Não! — disse em tom severo, enquanto libertava suas mangas. — Talvez mais tarde. E agora sumam!

O menino de nariz escorrendo olhou para ele com olhos tão tristes, que por

um momento Fenoglio se lembrou de seus netos. Pippo fazia sempre aquela cara quando lhe trazia um livro e o colocava em seu colo com ar de súplica.

"Crianças!", pensou Fenoglio ao se dirigir à fogueira junto à qual distinguira o Príncipe Negro. "São iguais em toda parte. Uns bichinhos ávidos e curiosos, mas os melhores ouvintes, não importa em que mundo. Realmente, os melhores."



14. Príncipe Negro

— Então os ursos conseguem Jazer sua própria alma... — disse Lyra. Havia tantas coisas do mundo das quais ela nada sabia.

Philip Pullman, *A bússola de ouro* O Príncipe Negro não estava sozinho. Obviamente não. Como sempre, seu urso estava com ele. Como uma sombra felpuda, estava sentado atrás de seu dono, junto ao fogo. Fenoglio ainda se lembrava precisamente da frase com a qual havia criado o Príncipe Negro. Logo no começo de Coração de tinta, segundo capítulo. Fenoglio murmurou para si mesmo as palavras enquanto andava até ele: "Um garoto órfão, a pele quase tão negra quanto os cabelos crespos, tão rápido com as facas quanto com a língua, sempre disposto a proteger aqueles a quem amava — fossem suas duas irmãs mais novas, um urso maltratado ou Dedo Empoeirado, seu bom amigo, seu melhor amigo..."

"...que todavia teria tido uma morte extremamente dramática, se meus desígnios tivessem se cumprido!", acrescentou Fenoglio em voz baixa ao acenar para o Príncipe Negro. "Mas disso felizmente meu amigo negro não sabe, do contrário eu não seria bem-vindo à sua fogueira!"

O Príncipe Negro respondeu ao seu aceno. Ele provavelmente pensava que era chamado de Príncipe Negro por causa da cor de sua pele, mas Fenoglio é quem sabia a verdade. Ele roubara o nome para sua personagem de um livro de

histórias de seu velho mundo. Um famoso cavaleiro assim fora chamado outrora, filho de um rei e, além disso, um grande salteador. Será que ele teria gostado de que um atirador de facas levasse o seu nome, um rei dos saltimbancos? "Bem, se não gostasse, também não poderia fazer nada", pensou Fenoglio, "pois sua história já chegou ao fim."

À esquerda do príncipe, estava sentado o miserável incompetente de um barbeiro cirurgião que quase quebrara o queixo de Fenoglio ao lhe arrancar um dente, e à sua direita estava Pássaro Tisnado, um cuspidor de logo deplorável, que entendia da sua profissão tanto quanto o barbeiro de arrancar dentes. Quanto ao barbeiro, Fenoglio não estava muito certo, mas Pássaro Tisnado não era absolutamente sua invenção. "Sabe lá Deus de onde veio!" Quem o via cuspir fogo, tão desastrado e cheio de medo das chamas, lembrava-se imediatamente de um outro nome: Dedo Empoeirado, Dançarino do Fogo, o domador das chamas...

O urso rugiu quando Fenoglio se sentou diante do fogo ao lado de seu dono e observou-o com olhinhos amarelos como se quisesse verificar quanta carne ainda havia para roer em ossos tão velhos. "A culpa é toda sua", pensou Fenoglio, "por que você tinha que pôr um urso domesticado ao lado cio Príncipe Negro? Um cão também teria funcionado." Os comerciantes do mercado contavam a quem quisesse ouvir que o urso era uma pessoa amaldiçoada, enfeitiçada por fadas ou duendes (por quem exatamente, eles não haviam entrado em acordo), mas também sobre isso Fenoglio estava mais bem informado. O urso era um urso, um verdadeiro urso, que tinha o Príncipe Negro em alta conta porque, havia muitos anos, ele o libertara de uma argola no nariz e de seu antigo dono, que batia nele com uma vara de espinhos para fazê-lo dançar nos mercados.

Em volta do fogo, com o Príncipe Negro, estavam sentados mais seis homens, dos quais Fenoglio apenas conhecia dois. Um deles era um ator, Fenoglio sempre esquecia seu nome. O outro era um homem de ferro, que ganhava seu pão rompendo correntes, erguendo adultos no ar e entortando barras

de ferro nos mercados. Todos se calaram quando Fenoglio se juntou a eles. Ele era tolerado, mas ainda não era um deles.

Apenas o Príncipe Negro sorriu para ele.

— Ah, Tecelão da Tinta! — ele disse. — Está nos trazendo uma nova canção sobre Gaio?

Fenoglio pegou a caneca com hidromel, que um dos homens lhe estendeu a um sinal do Príncipe Negro, e agachou-se na terra pedregosa. Seus velhos membros não conseguiam encontrar nenhum gosto em se sentar no chão, mesmo numa noite amena como aquela, mas os saltimbancos não eram amigos de cadeiras ou de outras acomodações para sentar.

— Na verdade, estou aqui para lhe dar isso — disse e pôs a mão sob sua túnica. Olhou ao seu redor antes de entregar ao Príncipe Negro a carta lacrada, mas, com toda aquela gente ali, quase não se podia ver se alguém que não pertencesse ao Povo Colorido o observava. O Príncipe Negro recebeu a carta assentindo com a cabeça e a guardou sob o seu cinto.

— Obrigado! — disse.

— Não por isso! — respondeu Fenoglio e tentou não prestar muita atenção ao mau hálito do urso. O Príncipe Negro não sabia escrever, assim como a maioria de seus súditos coloridos, mas Fenoglio fazia isso para ele com prazer, sobretudo quando se tratava de uma peça como aquela. A carta era destinada a um dos guarda-caças do Príncipe Porcino. Já por duas vezes, seus homens haviam atacado mulheres saltimbancos e seus filhos na estrada. Ninguém se importava com isso, nem o Príncipe Porcino em seu luto nem os homens que deveriam fazer justiça em seu lugar, pois se tratava de saltimbancos. Portanto,

seu líder cuidaria disso. Logo na próxima noite o homem encontraria a carta de Fenoglio na soleira de sua porta. O que estava escrito nela não o deixaria mais dormir em paz e, esperava-se, o faria manter distância de saias coloridas no futuro. Fenoglio estava especialmente orgulhoso de suas cartas de ameaça, quase tão orgulhoso como de suas canções de salteadores.

— Já ouviu a última notícia, Tecelão da Tinta? — o Príncipe Negro acariciou o urso em seu focinho preto. — Cabeça de Víbora anunciou uma recompensa por Gaio.

— Gaio? — Fenoglio engasgou com a bebida, e o barbeiro bateu com tanta força em suas costas, que derrubou a bebida quente em seus dedos. — Bem, isso não é mau! — exclamou quando voltou a respirar. — E agora quem vai querer afirmar que as palavras não passam de eco e fumaça? Bem, Víbora pode procurar bastante por esse salteador!

O modo como o olhavam. Como se soubessem mais do que ele. Mas o quê?

— Ainda não soube, Tecelão da Tinta? — disse Pássaro Tisnado em voz baixa. — Parece que as suas canções estão se tornando realidade! Dois coletores de impostos de Cabeça de Víbora já foram assaltados por um homem com uma máscara de pássaro, e um de seus guarda-caças, conhecido por se divertir com todo tipo de atrocidades, foi encontrado morto na floresta, com uma pena na boca. Adivinha de que pássaro?

Fenoglio lançou um olhar incrédulo para o Príncipe Negro, mas este apenas olhou para o fogo e mexeu nas brasas com uma vara.

— Mas... mas isso é maravilhoso! — exclamou Fenoglio e baixou rapidamente a voz quando viu como os outros olhavam preocupados para os

lados. — Mas que notícias maravilhosas! — prosseguiu com voz mais baixa. — Não importa o que aconteça, escreverei uma nova canção! Proponham alguma coisa! Vamos! Qual será a próxima proeza de Gaio?

O Príncipe Negro sorriu, mas o barbeiro olhou para Fenoglio com desprezo.

— Você fala como se tudo fosse um jogo, Tecelão da Tinta! — disse. — Você se senta em sua câmara e põe algumas palavras no papel, mas quem quer que esteja fazendo o papel do seu salteador está arriscando o pescoço, pois com certeza não é feito de palavras, e sim de carne e osso.

— Sim, mas ninguém conhece o seu rosto, pois Gaio usa máscara. Como Cabeça de Víbora pode saber que rosto procurar? Uma máscara assim é algo muito prático. Qualquer um pode usá-la. — Era o ator quem dizia isso, Baptista. Claro, era esse o seu nome. "Eu o inventei?", perguntou-se Fenoglio. Não importava. Ninguém entendia mais de máscaras do que Baptista, talvez porque seu rosto fosse deformado por cicatrizes de varíola. Muitos atores pediam-lhe para confeccionar risadas ou choros de couro para o rosto deles.

— Sim, mas nas canções ele é descrito de uma forma bem exata. — Pássaro Tisnado lançou um olhar penetrante para Fenoglio.

— É verdade! — Baptista ergueu-se de um salto, pôs a mão em seu cinto encardido, como se houvesse ali uma espada, espreitou ao seu redor como se procurasse um inimigo. — Ele deve ser alto. Isso não é de admirar. Quase sempre é o que se diz dos heróis. — Baptista começou a andar para lá e para cá na ponta dos pés. — Seus cabelos — ele passou a mão na cabeça — são escuros, escuros como o pelo de uma toupeira. Se acreditarmos nas canções. Isso não é comum. A maioria dos heróis tem cabelos dourados, não importa o que se imagina por isso. Não sabemos nada sobre sua origem, mas certamente — Baptista fez uma pose elegante — corre em suas veias o mais puro sangue azul.

Senão como ele poderia ser tão nobre e corajoso?

— Engano seu! — interrompeu Fenoglio. — Gaio é um homem do povo. Que tipo de salteador seria alguém que nasceu num castelo?

— Falou o poeta! — Baptista fez como se limpasse o refinamento da testa com a mão. Os outros homens riram. — Vamos ao rosto por trás da máscara. — Baptista passou os dedos sobre seu rosto marcado. — Obviamente ele é bonito e elegante, e branco como marfim! As canções não dizem nada a respeito, mas todos sabemos que essa cor de pele é obrigatória nos heróis. Com o perdão de Vossa Alteza! — acrescentou e se curvou zombeteiro diante do Príncipe Negro.

— Ora, ora, por favor, não tenho nada contra — disse o Príncipe Negro serenamente.

— Não se esqueça da cicatriz! — disse Pássaro Tisnado. — A cicatriz em seu braço esquerdo, onde os cães o morderam. Ela aparece em todas as canções. Vamos lá, arregacem as mangas. Deixem-me ver se acaso Gaio não está sentado entre nós — ele olhou ao seu redor com um ar desafiador, mas apenas o homem de ferro ergueu as mangas. Os outros ficaram calados.

O Príncipe Negro pôs seus cabelos longos para trás. Ele tinha três facas no cinto. Os saltimbancos eram proibidos de portar armas, mesmo aquele a quem chamavam de seu rei, mas por que respeitariam leis que não os protegiam? Ele era capaz de acertar o olho de uma libélula, era o que se dizia sobre as habilidades do Príncipe Negro no arremesso de facas. Exatamente como Fenoglio escrevera em seu livro.

— Seja lá qual for a aparência daquele que faz minhas canções virarem fatos, bebo a ele. Cabeça de Víbora pode procurar quanto quiser pelo homem que

descrevi, que nunca vai encontrá-lo! — Fenoglio ergueu um brinde ao grupo. Ele se sentia magnífico, como que inebriado, e aquilo certamente não vinha do hidromel vagabundo. "Está vendo? Quem diria, não, Fenoglio?", pensou. "Você escreve e a coisa acontece! Mesmo sem leitor..."

Mas o homem de ferro estragou seu humor.

— Para falar a verdade, Tecelão da Tinta, não estou com vontade de festejar — resmungou. — Dizem que Cabeça de Víbora ultimamente está pagando com boa prata pela língua de qualquer saltimbanco que cante canções que zombem dele. Dizem até que já tem uma coleção delas.

— A língua? — Fenoglio tateou a sua involuntariamente. — E as minhas canções também estão incluídas?

Ninguém respondeu. Os homens ficaram calados. Numa tenda atrás deles, soava o canto de uma mulher, uma canção de ninar, tão pacífica e doce, como se viesse de um outro mundo, de um mundo com o qual apenas se podia sonhar.

— Sempre digo para os meu súditos coloridos: não se aproximem do Castelo da Noite! — Príncipe Negro pôs na boca do urso um pedaço de carne gotejante de gordura, limpou a faca em sua calça e guardou-a de volta no cinto. — Digo a eles que Cabeça de Víbora nos considera alimento para os corvos! Mas, desde que o Príncipe Porcino preferiu chorar a rir, todos estão com a barriga e os bolsos vazios. Isso os leva para o outro lado. Há muitos comerciantes ricos do outro lado da floresta.

Que diabos. Fenoglio esfregou os joelhos doloridos. Para onde fora seu bom humor? Evaporara como o perfume de uma flor que alguém esmaga. Contrafeito, tomou mais um gole de hidromel. Novamente, as crianças

aproximaram-se dele, imploraram uma história, mas Fenoglio as mandou embora. Não lhe vinham ideias quando estava de mau humor.

Há mais uma coisa — disse o Príncipe Negro. — Hoje na floresta, o homem de ferro encontrou uma garota e um garoto. Eles contaram uma história estranha: que Basta, o capanga de Capricórnio, teria voltado e que eles estariam aqui para advertir um velho amigo meu, Dedo Empoeirado. Com certeza você já ouviu falar dele.

— Hum Fenoglio engasgou com o vinho, tamanha foi sua surpresa. Dedo Empoeirado. Sim, claro, o cuspidor de fogo.

O melhor que já existiu. — Príncipe Negro lançou um rápido olhar para Pássaro Tisnado, mas este estava mostrando um dente inflamado ao barbeiro. Todos o consideravam morto — Príncipe Negro prosseguiu em voz baixa. Ninguém ouviu falar dele nos últimos dez anos. Existem milhares de histórias sobre como e onde ele morreu, porém felizmente parece que são todas falsas. Mas os dois não estão apenas à procura de Dedo Empoeirado. A garota perguntou também por um velho homem, um escritor com cara de tartaruga. Será que a descrição combina com você?

Fenoglio não encontrou uma palavra em sua cabeça que servisse de resposta. Príncipe Negro pegou o seu braço e ajudou-o a se levantar.

— Venha comigo! — disse enquanto atrás deles o urso se pôs sobre as quatro patas com um rugido. — Ambos estavam quase mortos de fome, contaram algo sobre terem estado no fundo da Floresta Sem Caminhos. As mulheres estão dando comida para eles agora.

Uma garota e um garoto... Dedo Empoeirado... Os pensamentos de Fenoglio

se atropelavam, mas infelizmente sua cabeça não estava a mais fresca do mundo depois de duas canecas de vinho.

Sob uma tília, no fim do acampamento, havia mais de uma dúzia de crianças sentadas na grama. Duas mulheres lhes serviam sopa. Ávidas, as crianças tomavam o caldo em tigelas de madeira que elas punham em suas mãos sujas.

— Veja só quantos elas reuniram novamente — sussurrou Príncipe Negro a Fenoglio. — Ainda vamos todos morrer de fome por causa do coração mole de nossas mulheres.

Fenoglio apenas concordou com a cabeça, enquanto observava os rostos magros. Ele sabia muito bem que muitas vezes era o próprio Príncipe Negro quem recolhia as crianças com fome. Se elas não se revelassem muito inábeis em fazer malabarismos, plantar bananeira ou alguma outra forma de exibição que arrancasse das pessoas um sorriso do rosto e algumas moedas do bolso, o Povo Colorido as levava consigo, de mercado em mercado, de cidade em cidade.

— Ali estão os dois — Príncipe Negro apontou para duas cabeças, que se curvavam especialmente fundo sobre as tigelas. Quando Fenoglio se aproximou, a garota ergueu a cabeça como se ele tivesse chamado seu nome. Incrédula, ela olhou para o escritor, e deixou cair a colher.

Meggie.

Fenoglio correspondeu tão assombrado ao seu olhar que ela começou a rir. Sim, era ela realmente. Ele se lembrava muito bem daquele sorriso, embora não tivesse havido muitas ocasiões para sorrir, naqueles dias, na casa de Capricórnio.

Ela se levantou de um salto, abriu caminho entre as outras crianças e abraçou-o.

— Ah, eu sabia que você ainda estava aqui! — ela exclamou entre o riso e o choro. — Mas você tinha mesmo que pôr lobos na sua história? E os demônios da noite e os capuzes vermelhos? Eles jogaram pedras em Farid e tocaram nossos rostos com suas garras compridas. Felizmente Farid conseguiu fazer fogo, mas...

Fenoglio abriu a boca e a fechou novamente sem saber o que dizer. Por sua cabeça passavam mil perguntas. Como haviam chegado ali? O que acontecera com Dedo Empoeirado? Onde estava o pai de Meggie? E o que ocorrera com Capricórnio? Ele estava morto? O plano que haviam elaborado funcionara? Se funcionara, como Basta ainda podia estar vivo? Como zunidos de insetos, uma pergunta se sobrepunha à outra, e Fenoglio não se atrevia a fazer nenhuma delas, e a seu lado o Príncipe Negro não tirava os olhos dele.

— Estou vendo que você conhece os dois — observou.

Fenoglio apenas assentiu com a cabeça. De onde conhecia o garoto que antes estava sentado ao lado de Meggie? Não fora junto com Dedo Empoeirado que ele o vira, naquele dia memorável em que, pela primeira vez, esteve frente a frente com uma de suas criaturas?

— Hum, os dois são... meus parentes — gaguejou. Mas que mentira lastimável para um criador de histórias!

O deboche brilhava nos olhos do Príncipe Negro.

— Parentes... sei, sei. Devo dizer que os dois não se parecem com você.

Meggie tirou o braço do pescoço de Fenoglio e olhou para o Príncipe Negro.

— Meggie — disse Fenoglio —, queria lhe apresentar o Príncipe Negro.

O Príncipe Negro curvou-se diante dela com um sorriso.

— O Príncipe Negro! — Meggie repetiu seu nome quase com devoção. — E este é o seu urso! Farid, venha. Veja só!

"Farid, é claro." Agora Fenoglio se lembrava. Meggie falara dele muitas vezes. O garoto se levantou, mas não sem antes tomar bem depressa o resto de sua sopa diretamente da tigela. A uma distância segura do urso, parou atrás de Meggie.

— Ela quis vir de qualquer jeito! — ele disse e limpou a boca lambuzada com a manga. — Realmente! Eu não queria trazê-la aqui, mas ela é teimosa como uma mula.

Meggie quis responder a isso com algo não muito gentil, mas Fenoglio pôs o braço em seu ombro.

— Meu caro rapaz — ele disse. — Você não pode imaginar como estou feliz por Meggie estar aqui! Eu até poderia dizer que ela é a única coisa que faltava neste mundo para completar minha felicidade!

Rapidamente, ele se despediu do Príncipe Negro levando Meggie e Farid consigo.

— Venham! — sussurrou enquanto abriam caminho por entre as lendas. — Temos muito que conversar, infinitamente muito, mas é melhor fazermos isso na minha câmara, sem ouvidos estranhos que nos escutem. De qualquer forma, já é tarde, e o guarda no portão só nos deixa entrar de novo na cidade até a meia-noite.

Meggie apenas assentiu com a cabeça e observou com olhos espantados o movimento ao seu redor, mas Farid tirou seu braço bruscamente da mão de Fenoglio.

— Não, não posso ir com vocês. Preciso procurar Dedo Empoeirado!

Fenoglio olhou para ele estupefato. Era realmente verdade: Dedo Empoeirado estava...

— Sim, ele voltou — disse Meggie. — As mulheres disseram que Farid talvez possa encontrá-lo com a mulher saltimbanco com que ele vivia antigamente. Ela tem uma gleba de terra lá em cima na colina.

— Mulher saltimbanco? — Fenoglio olhou na direção para a qual o dedo de Meggie apontava. A colina da qual ela falava era um vulto escuro na noite enluarada. Claro! Roxane. Ele se lembrava. Será que ela era realmente tão bela como ele descrevera?

Impaciente, o garoto mexia os pés sem sair do lugar.

— Preciso ir — disse para Meggie. — Onde posso encontrá-la?

— Na viela dos sapateiros e dos seleiros — respondeu Fenoglio em seu lugar. — É só perguntar pela casa de Minerva.

Farid assentiu, ele ainda olhava para Meggie.

— Não é uma boa ideia sair à noite por aí — disse Fenoglio, embora tivesse a sensação de que o garoto não estava interessado em seus conselhos. — As estradas aqui não são propriamente seguras. Salteadores, vagabundos...

— Sei me defender — Farid tirou uma faca do cinto. — Cuide-se.

Ele apertou a mão de Meggie, então virou-se de repente e desapareceu entre os saltimbancos. Não passou despercebido a Fenoglio que Meggie ainda tenha se virado algumas vezes para segui-lo com o olhar.

— Céus, o pobre sujeito — resmungou ao espantar algumas crianças do caminho, que novamente o assediavam por uma história. — Ele está apaixonado por você, não?

— Pare com isso! — Meggie soltou sua mão da dele, mas ele a fizera sorrir.

— Está bem, vou fechar meu bico! O seu pai sabe que você está aqui?

Aquela fora a pergunta errada. A consciência pesada estava estampada em sua testa.

— Oh, meu Deus! Bem, você vai me contar tudo. Como chegou aqui, o que significa essa história sobre Basta e Dedo Empoeirado, simplesmente tudo! Você cresceu! Ou eu é que encolhi? Meu Deus, Meggie, como estou contente por você estar aqui! Agora vamos retomar as rédeas desta história! Com as minhas palavras e a sua voz...

— Retomar as rédeas? O que você quer dizer com isso? — ela examinou seu rosto desconfiada. Exatamente como fizera muitas vezes naquela época, em que haviam sido prisioneiros de Capricórnio, a testa Franzida, os olhos tão límpidos, como se pudessem olhar diretamente em seu coração. Mas aquele não era um lugar para explicações.

— Depois! — sussurrou Fenoglio e puxou-a adiante. — Depois, Meggie. Aqui existem ouvidos demais. Mas que droga, onde se enfiou o meu carregador de archotes?



15. Ruídos estranhos na noite estranha

Como o mundo está tão quieto, E, ao crepúsculo, um manto, Tão íntimo e acolhedor!

Como uma câmara tranquila, Onde podeis dormir e esquecer Todos os dissabores do dia.

Matthias Claudius, *Canção noturna* Mais tarde, quando tentasse se lembrar de como havia chegado à câmara de Fenoglio, Meggie encontraria em sua memória apenas algumas imagens embaçadas. Um guarda que estendeu sua lança diante deles e que, quando reconheceu Fenoglio, os deixou passar de mau humor, vielas escuras, pelas quais seguiam atrás de um menino com um archote, e então uma escada íngreme que subia ao longo de uma parede cinzenta e rangia a seus pés. Ela estava tão tonta de cansaço quando subiu os degraus atrás de Fenoglio que ele segurou seu braço algumas vezes preocupado.

— Acho melhor contarmos amanhã um para o outro o que nós dois passamos desde a última vez que nos vimos — disse enquanto a puxava para dentro de sua câmara. — Pedirei a Minerva que arrume mais um colchão para você, mas esta noite você dormirá na minha cama. Três dias c três noites na Floresta Sem Caminhos. Com todas as tintas, acho que eu simplesmente teria morrido de tanto medo!

— Farid tinha sua faca — murmurou Meggie. A faca de fato a tranquilizara

durante a noite, quando estavam em cima das árvores e ouviam rosnados e o barulho de patas raspando lá embaixo. Farid mantinha-a sempre à mão. — E, quando viu os espíritos — ela contou sonolenta enquanto Fenoglio acendia uma lanterna —, ele fez fogo.

— Espíritos? Neste mundo não há espíritos, pelo menos não que eu tenha posto nele. O que vocês comeram todos esses dias?

Meggie arrastou-se até a cama. Ela parecia bastante convidativa, embora consistisse apenas num colchão de palha e em alguns cobertores rústicos.

— Frutas silvestres — ela murmurou. — Muitas frutas, o pão que trouxemos da cozinha de Elinor e coelhos, que Farid caçou.

— Meu Deus do céu! — Fenoglio sacudiu a cabeça incrédulo. Era realmente bom rever seu rosto enrugado, mas agora tudo que Meggie queria era dormir. Ela tirou as botas, enfiou-se sob os cobertores ásperos e esticou as pernas doloridas.

— Como você teve a ideia maluca de ler os dois para o meio da Floresta Sem Caminhos? Por que não para cá? Dedo Empoeirado deve ter contado ao garoto algumas coisas sobre este mundo.

— Foram as palavras de Orfeu. — Meggie teve que bocejar. — Só tínhamos as palavras de Orfeu, e ele tinha lido Dedo Empoeirado para a floresta.

— É claro. Isso se parece com ele. — Ela sentiu como Fenoglio puxava os cobertores até debaixo de seu queixo. — É melhor eu não perguntar agora de que Orfeu você está falando. Amanhã continuaremos a conversar. Durma bem. E bem-vinda ao meu mundo!

Meggie precisou se esforçar para abrir os olhos novamente.

— Onde você vai dormir?

— Oh, não se preocupe. Lá embaixo na casa de Minerva, todas as noites alguns parentes se enfiam discretamente na cama junto com eles, um a mais não vai fazer diferença. Acredite, a gente se acostuma depressa a ter menos conforto. Apenas espero que o marido de Minerva não ronque tão alto quanto ela diz.

Então ele fechou a porta atrás de si, e Meggie o ouviu xingar baixinho enquanto descia a íngreme escada de madeira. Acima dela, ratos raspavam as patas nas vigas (ela supunha que fossem ratos), e pela única janela entravam as vozes das sentinelas do muro da cidade, que ficava perto dali. Meggie fechou os olhos. Seus pés doíam, e em seus ouvidos ainda soava a música do acampamento dos saltimbancos. "Príncipe Negro", ela pensou. "Vi o Príncipe Negro... e o portão da cidade de Ombra... e ouvi as árvores da Floresta Sem Caminhos cochicharem umas com as outras." Se pelo menos ela pudesse contar tudo isso para Resa ou Elinor. Ou para Mo. Mas Mo certamente nunca mais iria querer ouvir uma só palavra sobre o Mundo de Tinta.

Meggie esfregou os olhos cansados. Em cima da cama, havia ninhos de fadas pendurados nas vigas do telhado, exatamente como Fenoglio sempre desejara, mas atrás dos orifícios de entrada nada se movia. A câmara do sótão de Fenoglio era um pouco maior do que o quarto em que ele e Meggie haviam vivido como prisioneiros de Capricórnio. Além da cama, que ele lhe cedera tão generosamente, havia uma arca de madeira, um banco e uma escrivaninha de madeira escura, brilhante e enfeitada com entalhes. Ela não combinava com o resto da mobília, o banco rústico, a arca simples. Parecia ter se extraviado ali, vinda de uma outra história, assim como Meggie. Havia uma jarra de cerâmica em cima dela com um molho de penas, dois tinteiros...

Fenoglio parecia feliz, sim, realmente.

Meggie passou o braço no rosto cansado. O vestido que Resa costurara para ela ainda tinha o cheiro de sua mãe. E da Floresta Sem Caminhos. Meggie pôs a mão na sacola de couro que ela quase perdera duas vezes na floresta e tirou de dentro o caderno que Mo lhe dera. Na capa de papel marmorizado, misturavam-se azul noturno e verde pavão, as cores preferidas de Mo. Em lugares estranhos, faz bem ter seus próprios livros. Mo lhe dissera isso muitas vezes, mas será que ele também pensara em lugares como aquele? No segundo dia na floresta, Meggie tentara ler o livro que havia trazido, enquanto Farid caçava um coelho. Ela não saíra da primeira página e, no final, esquecera o livro, largado à margem de um riacho, sobre o qual pairavam bandos de fadas azuis. A fome de histórias cessava quando se estava dentro de uma? Ou ela estava simplesmente exausta? "Eu deveria pelo menos anotar o que aconteceu até agora", pensou e passou a mão mais uma vez na capa do caderno, mas o cansaço e o sono entorpeciam sua cabeça e seus membros. "Amanhã", ela pensou. "Amanhã direi a Fenoglio que quero que ele me escreva de volta. Vi as fadas, até mesmo os elfos de fogo, a Floresta Sem Caminhos e Ombra. Sim, afinal de contas, ele vai precisar de alguns dias para encontrar as palavras certas...!" Acima dela, algo farfalhou num dos ninhos de fadas. Mas nenhum rosto azul assomou para fora.

Estava frio na câmara, e tudo era estranho, muito estranho. Meggie estava acostumada a estar em lugares estranhos. Afinal, Mo sempre a levara com ele quando precisava viajar para cuidar de livros doentes, mas em todos aqueles lugares ela sempre pudera contar com uma coisa: a presença do pai. Sempre. Meggie pressionou o rosto contra o rústico colchão dc palha. Sentia falta de sua mãe e de Elinor e Darius, mas de quem mais sentia falta era de Mo, como uma pontada em seu coração. Amor e consciência pesada, aquela era uma mistura ruim. Se ele simplesmente tivesse vindo com ela! Ele lhe mostrara tanto de seu mundo, como ela gostaria de fazer o mesmo por ele naquele mundo. Ela sabia que Mo teria gostado: os elfos de fogo, as árvores sussurrantes e o acampamento dos saltimbancos...

Oh, sim, ela sentia falta de Mo.

E Fenoglio? Ele sentia falta de alguém? Será que ele não tinha saudades de casa, da aldeia onde morava, de seus filhos, amigos, vizinhos? E de seus netos, com os quais tantas vezes Meggie fizera estripulias pela casa? "Amanhã lhe mostrarei tudo!", ele sussurrara enquanto se apressavam atrás do menino que carregava na frente deles o archote quase apagado, e a voz de Fenoglio soara orgulhosa como a de um príncipe que anunciava ao seu hóspede que iria lhe mostrar seu principado no dia seguinte. "Andar pelas ruas à noite não é bem-visto pelos guardas", ele acrescentara, e de fato estava quieto entre as casas estreitas, coladas umas às outras. Elas lembravam tanto a aldeia de Capricórnio que Meggie quase esperou encontrar um dos casacos-pretos em alguma esquina, encostado numa parede, a espingarda na mão. Mas encontraram apenas alguns porcos, grunhindo soltos pelas ruas estreitas e íngremes, e um homem maltrapilho que varria o lixo jogado entre as casas e o recolhia numa carroça que ele mesmo puxava, "Com o tempo você se acostuma com o mau cheiro", Fenoglio havia sussurrado, quando Meggie tapara o nariz. "Fique feliz por eu não morar com um tintureiro ou lá em cima nos curtumes. Nem eu me acostumei a esses odores." Não, Fenoglio não sentia falta de nada, Meggie podia ter certeza. E por que sentiria? Aquele era o seu mundo, que havia saído de sua cabeça e que lhe era familiar como seus próprios pensamentos.

Meggie escutou na noite. Havia mais um ruído, além do farfalhar dos ralos: um ronco fininho. Parecia vir da escrivaninha. Ela tirou o cobertor e andou de mansinho até lá. Um homenzinho de vidro dormia entre a jarra com as penas, a cabeça sobre uma almofadinha minúscula. Seus membros transparentes estavam manchados de tinta, provavelmente ele apontava as penas, embebia-as nos tinteiros bojudos, espalhava areia sobre a tinta úmida... exatamente como Fenoglio sempre desejara. E os ninhos de fada sobre sua cama, eles realmente traziam sorte e bons sonhos? Meggie pensou ver um pouco de pó de fada na escrivaninha. Pensativa, passou os dedos em cima dele, observou o pó cintilante que grudou na ponta de seus dedos e passou-o na testa. Será que o pó de fada também era bom contra saudades?

Sim, ela ainda sentia saudades de casa. Toda aquela beleza ao seu redor, e ela não podia deixar de pensar na casa de Elinor, na oficina de Mo... Que coração bobo o seu. Ele não batia mais depressa todas as vezes que Resa lhe contava sobre o Mundo de Tinta? E agora, que ela estava ali, realmente ali, ele parecia não saber o que sentir. "É porque eles não estão aqui!", alguma coisa sussurrou dentro dela, como se o seu coração quisesse se defender. "E porque todos eles não estão aqui."

Se pelo menos Farid tivesse ficado com ela...

Como ela o invejava por sua capacidade de saltar de um mundo a outro como se trocasse de camisa. A única saudade que ele parecia conhecer era a do rosto marcado por cicatrizes de Dedo Empoeirado.

Meggie foi até a janela. Havia apenas um pedaço de tecido pendurado na frente dela. Meggie afastou-o para o lado e olhou para a rua lá embaixo. O catador de lixo maltrapilho passava com sua carroça. Com sua carga pesada e fétida, ele quase atolou entre as casas. Quase todas as janelas do outro lado da rua estavam escuras, apenas atrás de uma delas ardia uma vela e o choro de uma criança ecoava na noite. Os telhados se enfileiravam como os gomos de uma pinha, e acima deles, no céu estrelado, erguiam-se os vultos escuros dos muros e das torres do castelo.

O castelo do Príncipe Porcino. Resa descrevera-o bem. A lua clara pairava acima das ameias cinzentas e orlava de prata as ameias e os guardas que andavam em cima do muro. Parecia ser a mesma lua que nascia e se punha nas montanhas atrás da casa de Elinor. "Amanhã o Príncipe Porcino dará uma festa para o seu neto malcriado", contara Fenoglio. "E preciso levar uma nova canção para o castelo. Vou levá-la comigo, só precisamos arranjar um vestido limpo, mas Minerva tem três filhas. Com elas, encontraremos um vestido para você."

Meggie lançou um último olhar para o homenzinho de vidro e voltou para a cama sob os ninhos de fada. "Depois da festa", ela pensou ao despir o vestido sujo e entrar novamente debaixo dos cobertores, "logo depois da festa, pedirei a Fenoglio que me escreva de volta para casa." Quando fechou os olhos, viu novamente os enxames de fadas que voaram ao seu redor na penumbra verde da Floresta Sem Caminhos e puxaram seus cabelos até Farid começar a jogar pinhas em sua direção. Ela ouviu as árvores sussurrarem, com vozes que pareciam ser metade terra, metade ar, lembrou-se dos rostos escamosos que vira nas águas de lagoas escuras, do Príncipe Negro e seu urso...

Sob a cama algo farfalhou, e alguma coisa roçou seu braço. Sonolenta, Meggie espantou-a. "Tomara que Mo não esteja tão furioso", ela ainda pensou antes de adormecer e sonhar com o jardim de Elinor. Ou era a Floresta Sem Caminhos?



16. Apenas uma mentira

O cobertor estava lá, mas foi o abraço do garoto que o cobriu e o aqueceu.

Jerry Spinelli, *O maníaco Magee* Farid logo percebeu que Fenoglio tinha razão. Fora uma estupidez simplesmente sair desabalado no meio da noite. Embora nenhum salteador o tivesse atacado na escuridão, embora nem mesmo uma raposa tivesse cruzado seu caminho enquanto subia a colina enluarada que os saltimbancos haviam descrito, como ele iria descobrir qual das glebas que ficam entre as árvores enegrecidas pela noite era a que estava procurando? Todas pareciam iguais, com suas casas de pedras cinzentas, pouco maiores que uma choupana, cercadas por oliveiras, um poço, às vezes um cercado para o gado, alguns canteiros estreitos... Nada se mexia nas glebas. Seus moradores dormiam, esgotados pelo trabalho e, a cada muro e a cada portão por onde Farid passava, suas esperanças diminuíam. De repente, pela primeira vez, ele se sentiu perdido naquele mundo estranho, e já pensava em se encolher debaixo de uma árvore para dormir quando viu o fogo.

Ele ardia no alto da encosta, vermelho, como uma flor de hibisco que se abre e, ao desabrochar, murcha novamente. Farid apertou o passo, subiu depressa a encosta, o olhar atento ao ponto em que vira a flor de fogo. Dedo Empoeirado! Novamente, surgiu um clarão entre as árvores, desta vez amarelo enxofre, brilhante como a luz do sol. Só podia ser ele! Quem mais faria o fogo dançar na noite?

Farid começou a correr tão depressa que logo ficou sem fôlego. Encontrou um caminho que subia serpenteando pela encosta entre tocos de árvores recém-derrubadas. O caminho era pedregoso e estava úmido do orvalho, mas seus pés descalços gostaram de não ter que andar sobre o tomilho espinhento por um

tempo. Ali mais uma flor vermelha na escuridão. Acima dele, uma casa surgiu na escuridão. Atrás dela, a colina continuava a subir, os canteiros, cercados por pedras amontoadas, lançavam-se como degraus pela encosta acima. A casa em si era tão pobre e austera como as outras. O caminho terminava num portão simples e num muro de pedras chatas, que chegava à altura do peito de Farid. Quando ele parou atrás do portão, um ganso veio batendo as asas e gritando em sua direção, mas Farid não lhe deu atenção. Havia encontrado o que estava procurando.

Dedo Empoeirado estava no pátio fazendo flores de fogo desabrocharem em pleno ar. Elas brotavam a um estalar de dedos, abriam suas pétalas de chamas, murchavam, lançavam caules de ouro incandescente e floriam novamente. O fogo parecia vir do nada, Dedo Empoeirado evocava-o apenas com as mãos ou com a voz, atiçava-o com nada além de seu hálito, sem tochas ou uma garrafa com cujo conteúdo enchesse a boca; Farid não viu ali nada daquilo que ele utilizava no outro mundo. Simplesmente estava ali e ateava fogo na noite. Sempre novas flores rodopiavam ao seu redor numa dança frenética, cuspiam fagulhas a seus pés como sementes douradas, até envolvê-lo num mar de fogo.

Farid já pudera observar muitas vezes como o rosto de Dedo Empoeirado parecia sereno quando ele brincava com o fogo, mas nunca antes o vira tão feliz. Simplesmente feliz... O ganso ainda grasnava, mas Dedo Empoeirado parecia não ouvi-lo. Somente quando Farid abriu o portão e ele começou a gritar mais alto, foi que Dedo Empoeirado se virou. E as flores de fogo se apagaram, como se a noite as tivesse esmagado com dedos negros, assim como a felicidade do rosto de Dedo Empoeirado.

Diante da porta da casa, uma mulher se ergueu, provavelmente estava sentada na soleira. Havia também um menino ali, só então Farid o notou. Seu olhar seguiu-o quando ele começou a atravessar o pátio. Dedo Empoeirado, porém, continuava no mesmo lugar. Apenas olhou em sua direção, e a seus pés as fagulhas se extinguiam até não sobrar nada além de um brilho vermelho.

Farid procurou por um sinal de boas-vindas no rosto familiar, por um esboço de sorriso, mas não viu nada além de espanto e perplexidade, Finalmente Farid perdeu a coragem e parou, o coração tremendo em seu peito como se sentisse frio.

— Farid?

Dedo Empoeirado começou a andar em sua direção. A mulher seguiu-o, ela era muito bonita, mas Farid não prestou atenção nela. Dedo Empoeirado usava as roupas que sempre carregava consigo no outro mundo, mas nunca usava. Preto e vermelho... Sem ousar olhar em seus olhos quando ele parou a um passo de distância, Farid abaixou a cabeça e olhou para os dedos de seus pés. Talvez Dedo Empoeirado nunca tivesse tido a intenção de levá-lo. Talvez tivesse combinado com Cabeça de Queijo para que ele não lesse as últimas frases, e agora estivesse furioso, porque assim mesmo Farid o seguira de um mundo para o outro... Será que Dedo Empoeirado iria bater nele? Até então nunca fizera isso (bem, uma vez, quase, quando Farid pusera fogo na cauda de Gwin sem querer).

— Como eu pude acreditar que alguma coisa seria capaz de impedi-lo de vir atrás de mim? — Farid sentiu Dedo Empoeirado pôr a mão em seu queixo e, quando ergueu o olhar, finalmente encontrou o que esperava nos olhos do outro: alegria. — Onde você se meteu? Eu o chamei pelo menos uma dúzia de vezes, eu o procurei... os elfos de fogo devem ter me tomado por um louco!

Como Dedo Empoeirado olhava preocupado para seu rosto, como se não tivesse certeza de que nada havia se alterado. Fazia tão bem sentir sua preocupação. Farid poderia ter dançado de alegria, assim como o fogo fizera para Dedo Empoeirado.

— Bem, parece que você está igualzinho! — finalmente concluiu. — Um malandrinho magro e moreno. Mas espere aí, você está tão calado!

Será que sua voz ficou para trás? Farid sorriu.

— Não, está tudo em ordem! — disse com um rápido olhar para a mulher, que ainda estava atrás de Dedo Empoeirado. — Mas não foi Cabeça de Queijo quem me enviou para cá. Ele simplesmente parou de ler assim que você se foi! Foi Meggie quem me leu para cá, com as palavras de Orfeu!

— Meggie? A filha de Língua Encantada?

— Sim! Mas e você? Também está tudo em ordem, certo?

Dedo Empoeirado moveu os lábios no sorriso sarcástico que Farid conhecia tão bem.

— Bem, as cicatrizes ainda estão aqui, como você pode ver, mas não ocorreu nenhum outro dano, caso você se refira a isso.

Ele se virou e olhou para a mulher, de um jeito que não agradou nada a Farid.

Seus cabelos estavam presos e seus olhos eram quase tão escuros como os dele. Ela era realmente muito bonita, embora já fosse velha, bem, pelo menos mais velha do que ele, de qualquer forma Farid não gostou dela. Não gostou dela nem do menino. Afinal de contas, não viera a outro mundo atrás de Dedo Empoeirado para ter que dividi-lo com outros.

A mulher se pôs ao lado de Dedo Empoeirado e pousou a mão em seu

ombro.

— Quem é? — ela perguntou e lançou para Farid um olhar tão desdenhoso como o que ele lhe lançara. — Um dos seus mil segredos? Um filho do qual eu não sei?

Farid sentiu o sangue subir ao seu rosto. Filho de Dedo Empoeirado. A ideia lhe agradou. Discretamente, ele olhou para o menino estranho. Quem era o pai *dele?*

— Meu filho? — Dedo Empoeirado passou a mão carinhosamente no rosto de Roxane. — Cada ideia que você tem. Não, Farid é um cuspidor de fogo. Ele ficou um tempo comigo como aprendiz e, desde então, acha que não sei me virar sem ele. Assim, está firmemente decidido a me seguir por toda parte, mesmo que o caminho seja tão longo.

— Ah, nada disso! — a voz de Farid soou mais irritada do que pretendia. — Estou aqui para adverti-lo! Mas posso ir embora se quiser.

— Está bem, está bem! — Dedo Empoeirado segurou firmemente seu braço quando Farid se virou. — Céus, eu tinha esquecido como você se ofende fácil. Me advertir? Contra o quê?

— Contra Basta.

A mulher pôs a mão na boca quando ele pronunciou o nome, e Farid começou a contar, relatou tudo o que havia acontecido desde que Dedo Empoeirado desaparecera, lá na estrada solitária nas montanhas, como se nunca houvesse existido. Quando terminou, Dedo Empoeirado apenas perguntou: —

Então Basta está com o livro?

Farid enfiou os dedos dos pés na terra dura e assentiu com a cabeça.

— Está — murmurou envergonhado. — Pôs a navalha no meu pescoço, o que eu podia fazer?

— Basta? — A mulher pegou a mão de Dedo Empoeirado. — Ele ainda está vivo?

Dedo Empoeirado apenas assentiu com a cabeça. Então olhou novamente para Farid.

Você acha que ela está aqui? Você acha que Orfeu o leu para cá? Farid ergueu os ombros desconcertado.

Não sei! Quando escapei dele, Basta gritou atrás de mim que também se vingaria de Língua Encantada. Mas Língua Encantada não acredita nisso, ele disse que Basta só estava furioso...

Dedo Empoeirado olhou para o portão, que ainda estava aberto. É verdade, Basta fala muito quando está furioso — murmurou, então suspirou e pisou em algumas fagulhas que ainda ardiam na terra à sua frente.

Más notícias — murmurou. — Nada além de más notícias. Agora só falta você ter trazido Gwin.

Que bom que estava escuro. No escuro, é muito mais difícil pegar uma mentira do que de dia. Farid fez todo o esforço que conseguiu para soar espantado.

Gwin? Não, não, não o trouxe. Você tinha dito para ele ficar lá. Além disso, Meggie me proibiu.

Garota esperta! — o suspiro de alívio de Dedo Empoeirado ecoou dentro do coração de Farid.

Você deixou a marta? — A mulher sacudiu a cabeça espantada. Sempre pensei que você gostasse mais daquele monstrinho do que de qualquer outro ser vivo.

Você sabe como meu coração é infiel — retrucou Dedo Empoeirado, mas a despreocupação em sua voz não enganou nem mesmo a Farid.

Você está com fome? — perguntou Dedo Empoeirado. — Há quanto tempo está aqui?

Farid pigarreou. A mentira sobre Gwin era como um espinho na garganta. — Há quatro dias — exclamou. — Os saltimbancos nos deram algo para comer, mas ainda estou com fome.

- Nós? — de repente a voz de Dedo Empoeirado soou desconfiada. Meggie, a filha de Língua Encantada. Ela veio comigo. Ela está aqui? — Dedo Empoeirado olhou para ele estupefato. então gemeu e tirou os cabelos da testa. — Bem, o pai dela vai adorar. E sua mãe, nem se fale. Será que você não trouxe mais alguém? Farid sacudiu a cabeça. Onde ela está agora?

Com o velho! — Farid apontou com a cabeça na direção da qual viera. Ele mora perto do castelo. Nós o encontramos no acampamento dos saltimbancos. Meggie ficou muito contente, queria procurá-lo de qualquer maneira, para ele enviá-la de volta. Acho que ela está com saudades de casa...

— O velho? De quem diabos você está falando agora?

— Ora, o escritor! Aquele com cara de tartaruga, você já sabe, aquele do qual você fugiu aquela vez...

— Já sei, já sei. — Dedo Empoeirado pôs a mão em sua boca como se não quisesse ouvir mais uma palavra, e olhou na direção onde, em algum lugar, na escuridão, se escondiam os muros de Ombra. — Céus, isto está ficando cada vez melhor...

— Isso é... isso é mais uma notícia ruim? — Farid quase não se atreveu a perguntar.

Dedo Empoeirado virou o rosto, mas Farid pôde ver seu sorriso mesmo assim.

— Sem dúvida ele disse. — Provavelmente, jamais existiu um garoto que tenha trazido tantas más notícias de uma só vez. E ainda no meio da noite, para completar. O que se faz com tais mensageiros? O que se costuma fazer com portadores de más notícias, Roxane?

Roxane. Então era esse o seu nome. Por um momento, Farid pensou que ela

iria propor mandá-lo embora. Mas então ela sacudiu os ombros.

— Costuma-se dar a eles o que comer, o que mais? — ela disse. Embora este aqui não me pareça tão faminto assim.

17. Um presente para Capricórnio

— Se ele era inimigo do meu pai, posso confiar nele ainda menos! — exclamou a garota, agora realmente assustada.

— O senhor não quer falar com ele, Major Heyward, para que eu ouça a sua voz? Pode ser uma tolice, mas o senhor já deve ter ouvido muitas vezes que eu acredito na importância da voz humana.

James Fenimore Cooper, *O último dos moicanos* Veio a noite, veio a madrugada, e ninguém para abrir a porta do porão de Elinor. Emudecidos, eles estavam sentados entre extratos de tomate, raviólis enlatados e as outras provisões empilhadas nas estantes à sua volta, e tentavam não ver o medo no rosto do outro.

— Bem, tão grande assim a minha casa também não é! — Elinor disse em algum momento no silêncio. — Já deu tempo para esse tapado do Basta perceber que Meggie realmente não está aqui.

Ninguém disse nada. Resa agarrou-se a Mortimer, como se dessa maneira pudesse protegê-lo da navalha de Basta, e Darius limpou pela centésima vez seus óculos impecáveis. Quando finalmente os passos se aproximaram da porta, o relógio de Elinor estava parado. Lembranças inundavam sua mente cansada

enquanto ela se erguia custosamente do galão de azeite de oliva onde estava sentada, lembranças de paredes sem janela e de palha mofada. Seu porão era uma cela mais confortável do que os cubículos de Capricórnio, para não falar da cripta nos subterrâneos de sua igreja, mas o homem que abria a porta era o mesmo, e Basta não infundia menos medo em Elinor por ela estar em sua casa.

Da última vez que ela o vira, ele próprio era um prisioneiro, que havia sido trancafiado numa jaula de canil por seu ardorosamente venerado amo. Ele havia se esquecido disso? Como Mortola o convencera a servi-la novamente apesar disso? Elinor não teve a estúpida ideia de perguntar a Basta. Ela própria se deu a resposta: porque um cão precisa de um dono.

Basta estava com o homem-armário quando foi buscá-los. Afinal, eram quatro, e com certeza Basta ainda se lembrava bem do dia em que Dedo Empoeirado escapara dele.

— Pois é, Língua Encantada, sinto muito, mas demorou um pouco mais — ele disse com sua voz de gato enquanto empurrava Mortimer pelo corredor da biblioteca de Elinor. — Mas Mortola simplesmente não conseguia decidir como será a sua vingança, agora que sua filha bruxa, pelo jeito, realmente se mandou daqui.

— E então? O que ela decidiu? — Elinor perguntou, embora tivesse medo da resposta. E tudo o que Basta queria era lhe dar essa resposta.

— Bem, no começo, ela pensou em matá-los a tiros e depois jogá-los no lago, embora tivéssemos dito a ela que bastaria enterrá-los lá fora em algum lugar debaixo dos arbustos. Mas então ela achou que seria muito benevolente deixá-los morrer com a consciência de que a pequena bruxa havia escapado. Realmente, essa ideia não agradou nem um pouco a Mortola.

— Ah, é? Nem um pouco? — O medo tomava as pernas de Elinor tão pesadas que ela parou, até que o homem-armário, impaciente, empurrou-a para a frente, mas, antes que ela pudesse perguntar o que Mortola havia planejado em lugar de matá-los a tiros, Basta abriu a porta da biblioteca e mandou-os entrar com uma mesura debochada.

Mortola estava instalada na poltrona preferida de Elinor. A poucos passos dela, no chão, estava deitado um cão com olhos remelentos e uma cabeça larga o suficiente para apoiar um prato em cima dela. Suas patas da frente estavam enfaixadas como as pernas de Mortola, e também em sua barriga havia um curativo. Um cão! Em sua biblioteca! Elinor apertou os lábios. "Provavelmente esta é a última coisa com que você deve se preocupar no momento, Elinor!", disse a si mesma. "Portanto, é melhor simplesmente ignorá-lo."

A bengala de Mortola estava apoiada numa das vitrines nas quais Elinor guardava seus livros mais preciosos. Cara de Lua estava ao lado da velha. Orfeu. O que o paspalho tinha na cabeça para adotar aquele nome, ou será que seus pais o haviam chamado assim seriamente? De qualquer maneira, parecia que ele também havia passado uma noite sem dormir como eles, o que encheu Elinor de maldosa satisfação.

— Meu filho sempre dizia que a vingança é um prato mais saboroso quando se come frio — disse Mortola observando com ar de satisfação os rostos cansados de seus prisioneiros. Confesso que ontem eu não estava muito propensa a seguir esse conselho. Preferia vê-los mortos imediatamente, mas o desaparecimento da pequena bruxa me proporcionou tempo para refletir, e assim decidi adiar um pouco mais minha vingança, para poder saboreá-la mais fria e melhor.

— Oh, ouçam só isso! — murmurou Elinor, o que lhe rendeu um cutucão de

Basta com o cano da espingarda. Mortola, porém, dirigiu seu olhar de pássaro para Mortimer. Ela não parecia ver mais ninguém, nem Resa, nem Darius, nem Elinor, somente ele.

— Língua Encantada! — ela pronunciou o nome com a voz cheia de desprezo. — Quantos você já matou com sua voz aveludada? Uma dúzia? Cockerell, Nariz Chato e, finalmente, para coroar a sua arte, meu filho. — A amargura na voz de Mortola soava fresca como se Capricórnio não tivesse morrido havia mais de um ano, e sim na noite anterior. — Você morrerá por tê-lo matado. Você morrerá, tanto quanto eu estou sentada aqui, e eu assistirei a isso, assim como assisti à morte do meu filho. Mas, como sei por experiência própria que não há nada, neste ou em qualquer outro mundo, que doa mais do que a morte de um filho, quero que você assista à morte da sua filha antes de chegar a sua própria vez.

Mortimer ficou ali parado sem mover um músculo da face. Em geral, seus sentimentos se estampavam em sua testa, mas naquele momento nem mesmo Elinor saberia dizer o que se passava em seu interior.

— Ela se foi, Mortola — ele disse com voz rouca. — Meggie se foi e acho que você não pode trazê-la de volta, senão você já teria feito isso, não é?

— E quem está falando em trazer de volta? — os lábios estreitos de Mortola se esticaram num sorriso sem alegria. — Você acha que pretendo ficar mais tempo em seu mundo idiota, agora que tenho o livro? Para quê? Não, iremos para o meu mundo atrás da sua filha. Lá Basta a apanhará como a um passarinho. E então darei vocês dois de presente ao meu filho. Haverá uma festa, Língua Encantada, mas desta vez Capricórnio não morrerá. Não mesmo. Ele se sentará ao meu lado e segurará minha mão, e a morte apanhará primeiro a sua filha e depois você. É assim que será!

Elinor olhou para Darius e encontrou em seu rosto o mesmo espanto incrédulo que ela também sentia.

Mortola, porém, sorria com ar de superioridade.

— Por que estão me olhando assim? Acham que Capricórnio está morto? — a voz de Mortola soou quase esganiçada. — Tolice. Sim, ele morreu aqui, mas o que isso quer dizer? Este mundo é uma piada, uma palhaçada como as comédias que os saltimbancos apresentam nos mercados. No nosso, no verdadeiro mundo, Capricórnio ainda está vivo. Somente por isso peguei de volta o livro do devorador de fogo. Foi a pequena bruxa quem disse, naquela noite em que vocês o mataram: ele sempre existirá enquanto o livro existir. Sei que ela falava do devorador de fogo, mas o que vale para ele, vale também para o meu filho! Todos ainda estão lá, Capricórnio e Nariz Chato, Cockerell e Sombra!

Triunfante, ela olhou para eles, um por um, mas todos se calaram. Exceto Mortimer.

— Isso não faz sentido, Mortola! — ele disse. — E ninguém sabe disso melhor do que você. Você mesma estava no Mundo de Tinta quando Capricórnio desapareceu de lá, junto com Basta e Dedo Empoeirado.

— Ele estava viajando, e daí? — a voz de Mortola ficou estridente. — E não voltou, mas isso não quer dizer nada. Meu filho precisava viajar o tempo todo por causa dos negócios. As vezes, quando precisava de seus serviços, Cabeça de Víbora enviava seus mensageiros no meio da noite, então, na manhã seguinte, ele partia. Mas agora ele está de volta. E está esperando que eu leve para ele os seus assassinos, em sua fortaleza na Floresta Sem Caminhos.

Elinor sentiu uma vontade louca extravagante de rir, mas o medo comprimiu

sua garganta. "Não há dúvida!", ela pensou. "A velha ficou maluca! Infelizmente isso não a deixou menos perigosa."

— Orfeu! — Mortola fez um gesto impaciente chamando Cara de Lua para seu lado.

Com lentidão exagerada, como se quisesse provar que não obedecia a suas ordens de forma tão solícita quanto Basta, ele andou até ela e, ainda enquanto andava, tirou uma folha de papel do bolso interno de seu paletó. Com um ar de importância, ele desdobrou-a e colocou-a sobre a vitrine em que estava apoiada a bengala de Mortola. Ofegante, o cão seguiu cada um de seus movimentos.

— Não será fácil! — observou Orfeu ao se curvar sobre o cachorro e dar tapinhas carinhosos em sua cabeça feia. — Nunca tentei ler tantos de uma só vez para o outro lado. Talvez seja melhor tentarmos um de cada vez...

— Não! — Mortola interrompeu-o rudemente. Não, você nos lerá todos juntos como combinamos.

Orfeu sacudiu os ombros.

— Está bem, como você quiser. Como eu já disse, é arriscado, pois...

— Cale a boca! Não quero ouvir isso. — Mortola cravou os dedos nodosos nos braços da poltrona. ("Nunca mais vou poder me sentar nessa poltrona sem me lembrar dela", pensou Elinor.) — Posso lembrá-lo da cela cuja porta somente se abriu porque paguei por isso? Uma palavra minha e você volta exatamente para o mesmo lugar, sem livros e sem uma folha de papel. Acredite, tratarei disso se falhar. Afinal de contas, você leu o devorador de fogo para o outro lado

sem grande esforço, segundo o que Basta contou.

— Sim, mas aquilo foi fácil, muito fácil! Foi como pôr uma coisa de volta em seu lugar. — Orfeu olhou absorto para a janela de Elinor, como se estivesse vendo Dedo Empoeirado desaparecer lá fora no gramado. Ele franziu a testa quando se voltou para Mortola. — O caso dele é diferente! — disse, apontando para Mortimer. — Não é a sua história. Ele não faz parte do livro.

— A filha dele também não fazia. Você quer dizer que ela lê melhor do que você?

— E claro que não! — Orfeu empertigou-se. — Ninguém sabe ler melhor do que eu. Já não provei isso? Não foi você mesma quem disse que Dedo Empoeirado procurou durante dez anos por alguém que o lesse de volta?

— Está bem, já chega. Pare de falar. — Mortola pegou sua bengala e levantou-se custosamente. — Não seria divertido se em nosso lugar saísse das letras um felino feroz como o que veio em troca do cuspidor de fogo? A mão de Basta ainda não sarou, e olha que ele tinha a navalha e o cão para ajudar — Com um olhar maldoso, ela se virou para Elinor e Darius.

Elinor deu um passo à frente, apesar da espingarda de Basta.

— Mas o que isso significa? Eu também vou, é claro. Mortola ergueu as sobrancelhas fingindo espanto.

— Não diga? E quem você acha que decide isso? O que eu faria lá com você? Ou com o tonto incompetente do Darius? Meu filho certamente não teria nada contra dá-los de comida para Sombra, mas não quero complicar as coisas

para Orfeu. — Com sua bengala, ela apontou para Mortimer. — Levaremos Língua Encantada! Mais ninguém.

Resa agarrou o braço de Mortimer. Com um sorriso, Mortola andou até ela.

— Pois é, minha pombinha muda, você também fica! — ela disse e deu um forte beliscão em sua bochecha. — Vai doer se eu tirá-lo de você novamente, não é? Agora que você acabou de tê-lo de volta. Depois de tantos anos...

Mortola fez um sinal para Basta e ele puxou o braço de Resa com brutalidade. Ela resistiu, continuou a se agarrar a Mortimer com uma expressão tão desesperada no rosto que cortou o coração de Elinor. Mas, quando Elinor quis se aproximar para ajudá-la, o homem-armário se pôs em seu caminho. E Mo tirou a mão de Resa delicadamente de seu braço.

— Tudo bem — ele disse. — Afinal de contas, sou o único da família que ainda não esteve no Mundo de Tinta. E prometo que não voltarei sem Meggie.

— Certo, porque você não voltará de nenhuma maneira! — zombou Basta ao empurrar Resa brutalmente em direção a Elinor.

E Mortola ainda sorria. Como Elinor gostaria de esbofeteá-la. "Faça alguma coisa, Elinor!", ela pensou. Mas o que podia fazer? Segurar Mortimer? Rasgar a folha de papel que Cara de Lua alisava sobre sua vitrine com tanto cuidado?

— Bem, podemos começar de uma vez por todas? — perguntou Orfeu e lambeu os lábios, como se mal pudesse esperar para demonstrar sua arte novamente.

— Claro. — Mortola apoiou-se pesadamente em sua bengala e, com um gesto, chamou Basta ao seu lado.

Orfeu lançou um olhar desconfiado para ele.

— Você cuidará para que ele deixe Dedo Empoeirado em paz, certo? — disse para Mortola. — Você prometeu!

Basta passou o dedo no pescoço e piscou para ele.

— Você viu isso? — a bela voz de Orfeu soou estridente. — Vocês prometeram! Foi minha única condição. Vocês deixarão Dedo Empoeirado em paz, ou não lerei uma única palavra!

— Está bem, está bem, não fique gritando assim, senão estraga sua voz — respondeu Mortola impaciente. — Já temos Língua Encantada. Não tenho mais nenhum interesse naquele devorador de fogo miserável. Leia de uma vez!

— Ei, esperem! — era a primeira vez que Elinor ouvia a voz do homem-armário. Era uma voz estranha para um homem de seu tamanho, com se um elefante falasse com uma voz de grilo. — O que faço com os outros quando vocês se forem?

— Sei lá! — Mortola sacudiu os ombros. — Deixe que sejam devorados pelo que virá em nosso lugar. Faça da gorda sua criada e mande Darius limpar suas botas. O que quiser... Para mim, tanto faz. Comece a ler de uma vez!

Orfeu obedeceu.

Ele andou até a vitrine, onde a folha com suas palavras esperava, pigarreou e ajeitou os óculos...

— A fortaleza de Capricórnio ficava no ponto da floresta em que se encontravam as primeiras pegadas dos gigantes — as palavras saíam de seus lábios como música. *— Já fazia tempo que não se via mais um deles por lá, mas outros seres, mais ameaçadores do que eles, vagueavam à noite ao redor dos muros — demônios noturnos e capuzes vermelhos. Tão cruéis quanto os homens que haviam erguido a fortaleza. Ela era feita de pedras cinzentas, cinzentas como a encosta rochosa na qual se apoiava...*

"Faça alguma coisa!", pensou Elinor. "Faça alguma coisa, agora ou nunca, arranque a folha de papel da mão de Cara de Lua, tire a bengala da velha..." Mas não conseguiu mover um dedo.

Que voz! E a magia das palavras — como elas penetravam em seu cérebro e a deixavam sonolenta de encantamento. Quando Orfeu leu sobre salsaparrilha e flores de tamarisco, Elinor pensou sentir seu cheiro. Ele realmente lia tão bem quanto Mortimer! Esse foi o único pensamento autônomo que se formou em sua cabeça. Os demais também não estavam muito bem, todos olhavam fixamente para os lábios de Orfeu, como se mal pudessem esperar pela próxima palavra: Darius, Basta, o homem-armário, o próprio Mortimer, sim, até mesmo a gralha. Imóveis, escutavam, enredados pelo som das palavras. Só uma pessoa se moveu. Resa. Elinor viu como ela se debatia contra o encantamento como em águas profundas, como se punha atrás de Mortimer e o envolvia com seus braços.

E então todos desapareceram, Basta, a gralha, Mortimer e Resa.



18. A vingança de Mortola

No me atrevo, no me atrevo a escribirlo, si te mueres.

Pablo Neruda, *La muerta*

Foi como se uma imagem, transparente como um vitral, se sobrepusesse ao que Resa estava vendo: a biblioteca de Elinor, as lombadas dos livros, uma ao lado da outra, tão cuidadosamente ordenadas por Darius. Tudo isso ficou embaçado, e uma outra imagem ficou mais nítida. Pedras engoliram os livros; muros, negros de fuligem, substituíram as estantes. A relva brotou do assoalho de madeira de Elinor, e o teto, de reboco branco, cedeu lugar a um céu coberto por nuvens escuras.

Os braços de Resa ainda estavam em volta de Mo. Ele foi a única coisa que não sumiu, e ela não o largou, por medo de perdê-lo novamente, como já acontecera uma vez. Havia muito tempo.

Resa? — Ela viu o pavor em seus olhos quando ele se virou e compreendeu que também viera. Depressa, ela tapou a boca dele com a mão. À sua esquerda, madressilvas trepavam no muro enegrecido. Mo estendeu a mão até as folhas, como se seus dedos precisassem sentir o que seus olhos já viam. Resa lembrou-se de que ela fizera o mesmo da outra vez, que também tocara em tudo,

espantada de que o mundo atrás das letras fosse tão real.

Se não tivesse ouvido as palavras dos lábios de Orfeu, Resa não teria reconhecido o lugar para onde Mortola lhe ordenara que os lesse. A fortaleza de Capricórnio estava muito diferente da última vez que ela estivera em seu pátio. Naquela época, havia homens por toda parte, homens armados, nas escadas, diante do portão e no muro. Ali onde havia apenas vigas carbonizadas, ficava a casa do forno, e mais adiante, ao lado da escada, ela e as demais criadas costumavam bater o pó das tapeçarias com as quais, em ocasiões especiais, Mortola mandava enfeitar as paredes das salas frias.

As salas não existiam mais. As paredes da fortaleza haviam desmoronado e estavam enegrecidas pelo fogo. A fuligem cobria as pedras como se alguém as tivesse pintado com um pincel preto, no pátio outrora tão frio cresciam aquileias. A aquileia gostava de terra queimada, crescia por toda parte e, no local onde antigamente havia uma estreita escada que conduzia à torre de vigia, a floresta invadira o covil de Capricórnio. Árvores jovens lançavam suas raízes entre as ruínas, como se apenas tivessem esperado para reconquistar o espaço que as casas dos homens haviam tomado para si.... Cardos cresciam nas aberturas vazias das janelas, o musgo cobria as escadas destruídas, e a hera espalhava-se até os restos de madeira que haviam sido as forcas de Capricórnio. Resa vira muitos homens pendurados ali.

— Mas o que é isso? — a voz de Mortola ecoou dos muros mortos. O que significam essas ruínas lastimáveis? Esta não é a fortaleza do meu filho!

Resa chegou ainda mais perto de Mo. Ele ainda estava como que entorpecido, como se esperasse pelo momento em que acordaria e, em vez de pedras, veria novamente os livros de Elinor. Resa sabia muito bem como ele se sentia. Para ela, a segunda vez não era tão ruim. Afinal, agora ela não estava sozinha e sabia o que acontecera, mas Mo parecia ter se esquecido de tudo — Mortola, Basta, e por que haviam sido levados para aquele lugar.

Resa, porém, não esquecera e, com o coração sobressaltado, observava como Mortola se arrastava em meio à aquileia em direção aos muros carbonizados e tocava as pedras, como se passasse os dedos no rosto de seu filho morto.

— Arrancarei com as minhas próprias mãos a língua desse Orfeu e lhe servirei polvilhada com dedaleira como refeição! — ela vociferou.

Isso aqui é a fortaleza do meu filho? Nunca! — Sua cabeça se movia freneticamente como a de um pássaro enquanto ela olhava ao seu redor.

Basta estava parado, a espingarda apontada para Mo e Resa, e se mantinha calado.

— Diga alguma coisa! — a gralha ralhou com ele. — Diga alguma coisa, seu cabeça oca.

Basta abaixou-se e recolheu um elmo enferrujado do chão a seus pés.

— Dizer o quê? — ele resmungou jogando o elmo de volta na relva com ar sombrio e dando um chute que o fez rolar e tilintar até bater contra o muro. — E claro que é a nossa fortaleza, ou você também não viu o Capricórnio ali na parede? Até mesmo os diabos estão aqui, apesar de estarem com uma coroa de hera, e ali também está um dos olhos que Estripador pintou nas pedras com tanto gosto.

Mortola olhou para o olho vermelho para o qual o dedo de Basta apontava. Então ela mancou até as ruínas do portão de madeira, despedaçado e arrancado

das dobradiças, que mal se podia ver entre arbustos altos de amoras silvestres e urtigas. Calada, parou ali e ficou olhando ao seu redor.

Mo, porém, havia finalmente voltado a si.

— Do que ela está falando? — ele sussurrou para Resa. — Onde estamos? Isso aqui era o esconderijo de Capricórnio?

Resa apenas assentiu. A gralha, porém, virou-se ao ouvir sua voz e olhou fixamente para ele. Então ela andou até ele, cambaleando, como se sentisse tonturas.

— Sim, esta é a sua fortaleza, mas ele não está aqui! — ela disse com voz ameaçadoramente baixa. — Meu filho não está aqui. Portanto, Basta linha razão. Ele está morto, aqui *e* no outro mundo, morto e por quem? Por sua voz, sua maldita voz!

O rosto de Mortola estava tão cheio de ódio que Resa quis recuar involuntariamente, para algum lugar onde estivesse a salvo daquele olhar. Mas atrás deles não havia nada além do muro coberto de fuligem, no qual ainda sobressaía a figura de um Capricórnio, os olhos vermelhos, os chifres em chamas.

— Língua Encantada! — Mortola cuspiu a palavra como se fosse veneno. — Língua Assassina combinaria mais com você. Sua filhinha não teve coragem de pronunciar as palavras para matar o meu filho, mas você teve. *Você não hesitou nem um instante!* — Sua voz era pouco mais do que um sussurro quando prosseguiu. — Ainda o vejo diante de mim como se tivesse sido ontem à noite, como você tirou a folha das mãos dela e empurrou-a para o lado. E então as palavras vieram da sua boca, melodiosas como tudo o que você pronuncia, e,

quando você terminou, meu filho estava morto no chão. — Por um momento, ela pôs os dedos nos lábios como se precisasse reprimir os soluços. Quando deixou cair a mão novamente, seus lábios ainda tremiam.

— Co... mo... po... de... ser? — ela prosseguiu com voz trêmula. Diga-me: como isso é possível? Ele não pertencia àquele mundo, ao seu falso mundo. Como pôde morrer lá? Você o atraiu para lá com sua língua demoníaca apenas para matá-lo? — e mais uma vez ela se virou, olhou para os muros queimados, os magros punhos cerrados.

Basta abaixou-se novamente. Dessa vez ergueu a ponta de uma seta.

— Eu gostaria realmente de saber o que aconteceu aqui! — ele murmurou. — Eu sempre disse que Capricórnio não estava mais aqui, mas onde estão os outros? Raposa Vermelha, Comedor de Piche, Corcunda, Pífaro e Estripador... estão todos mortos? Ou estarão nas masmorras do Príncipe Porcino? — Inquieto, ele olhou para Mortola. — O que faremos se todos eles não estiverem mais aqui, diga! — a voz de Basta soou como a de um menino com medo do escuro. — Vamos morar numa caverna feito duendes, até que os lobos nos encontrem? Você se esqueceu dos lobos? E os demônios noturnos, os elfos de fogo, e todas as criaturas que rondam por aí... Não me esqueci deles, mas você quis voltar de qualquer maneira para este maldito lugar, onde atrás de cada árvore há três espíritos espreitando! — Ele pegou o amuleto que trazia pendurado no pescoço, mas Mortola não se dignou a lançar-lhe um só olhar.

— Ah, cale a boca! — ela disse com uma voz tão cortante que Basta encolheu a cabeça. — Quantas vezes vou ter que lhe explicar que não é preciso ter medo de espíritos? E quanto aos lobos, é para isso que você tem a sua navalha, não é? Vamos nos arranjar. Nós nos arranjamos também no mundo deles, e neste aqui sabemos nos virar muito melhor. Além disso, aqui temos um amigo poderoso, já se esqueceu? Faremos uma visita a ele, sim, é o que faremos. Mas antes preciso resolver uma coisa, algo que eu já deveria ter feito há muito

tempo. — E novamente ela olhou para Mo. E para mais ninguém.

Então ela se virou, andou com passos firmes até Basta e tirou a espingarda de sua mão.

Resa segurou o braço de Mo. Ela tentou puxá-lo para o lado, mas Mortola atirou depressa demais. A gralha tinha alguma prática com a espingarda. Ela já atirara muitas vezes em pássaros que bicavam as sementes de seus canteiros, naquela época, no pátio da casa de Capricórnio.

O sangue se espalhou na camisa de Mo como uma flor desabrochando, vermelho púrpura. Resa ouviu a si mesma gritar quando ele caiu e ficou no chão imóvel, e a grama ao seu redor se tingia, tão vermelha como sua camisa. Ela se ajoelhou, debruçou-se sobre ele e pressionou a mão na ferida, como se pudesse deter o sangue, todo o sangue que estava levando embora a vida de Mo.

— Vamos, Basta! — ela ouviu Mortola dizer. — Temos um longo caminho pela frente, já está na hora de arrumarmos um abrigo antes que chegue a noite. Esta floresta não é um lugar agradável no escuro.

— Você pretende deixá-la aqui? — era a voz de Basta.

— Sim, por que não? Sei que você sempre gostou dela, mas os lobos vão cuidar deles. O sangue fresco os atrairá.

O sangue. Ele jorrava ainda tão depressa, e o rosto de Mo estava branco como neve.

— Não. Por favor, não! — sussurrou Resa. Sua voz. Ela pôs os dedos nos lábios trêmulos.

— Ora, vejam só! A mudinha pode falar novamente! — a voz sarcástica de Basta quase não penetrou seus ouvidos atordoados. — Pena que ele não possa mais ouvi-la, não é mesmo? Adeus, Resa!

Ela não se virou. Nem quando os passos silenciaram.

— Não! — ela apenas ouvia a si mesma repetir. — Não! — Como uma prece. Ela arrancou um pedaço do tecido de seu vestido (se pelo menos seus dedos não tremessem tanto) e pressionou o pano sobre a ferida. Suas mãos estavam molhadas de sangue e de lágrimas. "Resa!", ralhou consigo mesma, "lágrimas não o ajudam em nada. Procure se lembrar! O que os homens de Capricórnio faziam quando estavam feridos?" Eles cauterizavam as feridas, mas ela não queria pensar nisso. Havia uma planta, uma planta com folhas felpudas, com flores lilases, campânulas minúsculas, nas quais os zangões pousavam com seus zunidos. Resa procurou ao seu redor através do véu de suas lágrimas, como se esperasse por um milagre...

Entre os galhos da madressilva, voavam duas fadas de pele azul. Se estivesse ali agora, Dedo Empoeirado saberia como atraí-las, com certeza.

Ele as teria chamado com voz suave e as convenceria a lhe dar um pouco dc sua saliva ou do pó prateado que elas sacudiam dos cabelos.

Ela ouviu novamente seus soluços. Com os dedos molhados de sangue, tirou o cabelo de Mo da testa, chamou-o pelo nome, ele não podia estar morto, não agora, depois de todos esses anos...

Mais uma vez, e outra, ela chamou seu nome, pôs os dedos em seus lábios, sentiu sua respiração superficial e irregular, custosa, com se houvesse alguém sentado em seu peito. "A Morte", ela pensou, "a Morte..."

Um ruído a fez estremecer, passos sobre as folhas macias. Mortola havia mudado de ideia? Mandara Basta para buscá-la? Ou já eram os lobos que chegavam? Se pelo menos ela tivesse um canivete. Mo sempre carregava um consigo. Depressa, procurou nos bolsos da calça dele, tateou à procura do cabo brilhante.

Os passos se aproximavam. Sim, eram passos, sem dúvida, passos de uma pessoa. E então de repente tudo ficou em silêncio, um silêncio ameaçador. Resa sentiu o canivete entre os dedos. Depressa, tirou-o do bolso de Mo e destravou-o. Quase não se atreveu, mas finalmente criou coragem e se virou.

Uma velha mulher estava onde antigamente era o portão de Capricórnio. Parecia pequena como uma criança entre as pilastras, que ainda estavam em pé. Carregava um saco nas costas, e seu vestido dava a impressão de ter sido tecido com urtigas. Sua pele era morena de sol, e seu rosto, enrugado como a casca de uma árvore. Seus cabelos grisalhos eram curtos como o pelo de uma marta, e neles havia folhas e bardanas.

Sem dizer uma palavra, ela andou até Resa. Seus pés estavam descalços, mas as urtigas e os cardos que cresciam no pátio da fortaleza em ruínas pareciam não incomodá-la. Com o rosto impassível, empurrou Resa para o lado e debruçou-se sobre Mo. Com gestos frios, removeu os panos ensanguentados que Resa ainda pressionava sobre o ferimento.

— Nunca vi uma ferida como esta — ela observou com uma voz rouca,

como se não fosse usada com frequência. — Qual foi a causa?

— Uma espingarda — respondeu Resa. Era uma sensação estranha voltar a usar a língua para falar em vez das mãos.

— Uma espingarda? — a velha olhou para ela, sacudiu a cabeça e debruçou-se novamente sobre Mo. — Uma espingarda. O que será isso agora? — murmurou ao tocar a ferida com seus dedos escuros. — É, inventam novas armas mais depressa do que um cuco sai da casca, e só posso imaginar como vou remendar o que eles rasgam e cortam. — Ela pôs o ouvido no peito de Mo, escutou e se ergueu novamente com um suspiro. — Você tem uma anágua debaixo do vestido? — perguntou em tom rude sem olhar para Resa. — Tire-a e rasgue-a, preciso de tiras compridas. — Então pôs a mão dentro da bolsa de couro que trazia no cinto, tirou de dentro dela um pequeno frasco e embebeu com o conteúdo uma das tiras de tecido que Resa lhe estendeu. — Pressione sobre a ferida! — disse e pôs o tecido na mão de Resa. — A ferida é grave. Talvez eu precise cortá-la ou queimá-la, mas não aqui. Nós duas não conseguiremos carregá-lo sozinhas, mas não muito longe daqui tem um abrigo dos saltimbancos, para os seus velhos e doentes. Talvez lá eu encontre ajuda. — Ela pôs uma atadura no ferimento com dedos tão ágeis como se nunca fizesse outra coisa. — Mantenha-o aquecido! — disse ao se erguer e jogar o saco nas costas. Então apanhou o canivete que Resa deixara cair na relva. — Mantenha isso com você. Tentarei voltar antes dos lobos. E, se aparecer alguma Dama Branca, não deixe que ela olhe para ele nem diga o seu nome.

Então ela se foi, tão repentinamente como chegara. E Resa ficou ali ajoelhada no pátio da fortaleza de Capricórnio, com a mão pressionando a atadura encharcada de sangue e escutando a respiração de Mo.

— Você está ouvindo? Minha voz voltou — ela sussurrou. — Como se estivesse esperando aqui por você. — Mas Mo não se mexeu. E seu rosto estava totalmente pálido, como se as pedras e a grama tivessem bebido todo o seu

sangue.

Resa não sabia quanto tempo havia se passado quando ouviu sussurros atrás de si, incompreensíveis e suaves como chuva. Quando se virou, lá estava ela, sobre a escada destruída, uma Dama Branca, difusa como um reflexo na água. Resa sabia muito bem o que sua presença significava. Muitas e muitas vezes ela havia contado a Mo sobre as Damas Brancas. Somente uma coisa as atraía mais depressa do que o sangue aos lobos: o falhar da respiração, um coração batendo cada vez mais devagar...

— Cale-se! — Resa gritou para a figura pálida, enquanto se debruçava protegendo o rosto de Mo. — Suma daqui e não se atreva a olhar para ele. Ele não irá com você, não hoje! — Elas sussurram o seu nome quando querem levá-lo, Dedo Empoeirado lhe contara. "Mas não sabem o nome de Mo", pensou Resa. "Não podem saber, porque ele não é daqui!" Assim mesmo, ela manteve os ouvidos dele tapados.

O sol começou a se pôr. Inabalável, ele caía atrás das árvores. Escureceu entre os muros carbonizados, e a figura pálida na escada ficou cada vez mais nítida. Imóvel, ela ficou ali, à espera.



19. Manhã de aniversário

— Não, não deixarei esta cidade sem uma ferida na alma... São demasiados os fragmentos de meu espírito que espalhei por essas ruas, e numerosos demais os filhos de meus anseios que andam nus por essas colinas.

Khalil Gibran, O *profeta*

Meggie acordou sobressaltada. Ela tivera um sonho, um sonho ruim, mas não lembrava de seu conteúdo. Apenas o medo ainda estava ali, como uma pontada no coração. O barulho penetrava seus ouvidos, gritos e gargalhadas, vozes de crianças, cães latindo, porcos grunhindo, marteladas, serras trabalhando. Ela sentiu a luz do sol em seu rosto, e o ar que seu nariz respirava cheirava a esterco e a pão recém-saído do forno. Onde ela estava? Somente quando viu Fenoglio sentado à sua escrivaninha, ela se lembrou: Ombra. Estava em Ombra.

— Bom dia! — Pelo jeito Fenoglio dormira magnificamente. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo e com o mundo. Bem, quem mais deveria estar satisfeito com ele se não aquele que o havia criado? Ao lado de Fenoglio estava o homem de vidro, que Meggie vira dormir ao lado da jarra de penas na noite anterior.

— Quartzo Rosa, cumprimente a nossa hóspede! — disse Fenoglio. O

pequeno homem de vidro fez uma reverência com o corpo rígido na direção de Meggie, pegou a pena gotejante, limpou-a num pedaço de tecido e a pôs de volta na jarra junto com as outras. Então se debruçou sobre o que Fenoglio escrevera.

— Ah. Para variar, nada de uma canção nova sobre esse Gaio! — ele observou em tom mordaz. — O senhor levará isso para o castelo?

— Mas é claro! — respondeu Fenoglio de cima para baixo. — E agora cuide de uma vez para que a tinta não borre.

O homenzinho torceu o nariz, como se tal coisa nunca tivesse acontecido com ele, pôs as duas mãos dentro do pote de areia que estava ao lado das penas e espalhou, com destreza e energia, os finos grãos sobre o pergaminho recém-escrito.

— Quartzo Rosa, quantas vezes terei que lhe dizer? — ralhou Fenoglio. — Você joga areia demais com muito impulso, assim tudo fica borrado.

O homem de vidro bateu alguns grãos de areia das mãos e cruzou os braços com ar ofendido.

— Pode fazer melhor você mesmo! — Sua voz lembrou Meggie do barulho de alguém batendo com as unhas num copo de vidro. — Sim, realmente, isso eu gostaria de ver! — disse em tom cortante e olhou para os dedos grossos de Fenoglio com tal desprezo que Meggie teve que rir.

— Eu também! — ela disse enquanto enfiava o vestido pela cabeça. Algumas flores secas da Floresta Sem Caminhos ainda estavam grudadas nele, e Meggie pensou em Farid. Será que ele havia encontrado Dedo Empoeirado?

— Ouviu o que ela disse? — Quartzo Rosa lançou um olhar amistoso para Meggie. — Ela parece uma garota inteligente.

— Oh, sim, Meggie é muito inteligente — respondeu Fenoglio. - Nós dois já passamos poucas e boas juntos. Devo somente a ela o fato de estar aqui e ter que explicar a um homem de vidro como se joga areia na tinta.

Quartzo Rosa lançou um olhar curioso para Meggie, mas não perguntou o que significava o comentário enigmático de Fenoglio.

Meggie foi até a escrivaninha e olhou para o velho homem por cima do ombro.

— A sua letra ficou mais legível — observou.

— Oh, muito obrigado — murmurou Fenoglio. — Você deve saber do que está falando. Mas está vendo esse P borrado?

— O senhor quer mesmo seriamente pôr a culpa em mim? — disse Quartzo Rosa com sua voz sonora. — Nesse caso, essa foi a última coisa que fiz como seu cuidador de penas e vou procurar um emprego com um escriba que não me obrigue a trabalhar antes do café da manhã.

— Está bem, está bem, não vou culpá-lo. Eu borrei o P, ninguém mais! — Fenoglio piscou para Meggie. — Ele se ofende facilmente — segredou para ela. — Seu orgulho é tão frágil quanto seus membros.

O homenzinho de vidro virou de costas sem dizer uma palavra, pegou na mão o tecido com que havia limpado a pena, e começou a limpar de seu braço uma mancha de tinta ainda fresca. Seus membros não eram inteiramente desprovidos de cor, como os dos homens e das mulheres de vidro do jardim de Elinor. Tudo nela era de um rosa delicado, como as flores de rosa-canina. Somente seus cabelos eram um pouco mais escuros.

— Você não disse nada sobre a nova canção — observou Fenoglio.

— É excelente, não é mesmo?

— Ela não é má! — retrucou Quartzo Rosa sem se virar e começou a polir seus pés.

— Não é má? É uma obra-prima, seu borra-tintas cor de verme!

— Fenoglio bateu com tanta força na escrivaninha que o homem de vidro caiu de costas como um besouro. — Hoje mesmo irei ao mercado e comprarei um novo homem de vidro, um que saiba reconhecer essas coisas e também saiba apreciar as minhas canções de salteadores! — Abriu um estojo comprido e tirou de dentro uma barra dc lacre. — Pelo menos desta vez você não se esqueceu de providenciar o fogo para o lacre! — resmungou.

Quartzo Rosa tirou bruscamente a barra de lacre da mão de Fenoglio e segurou-a na chama da vela que estava ao lado da jarra de penas. Com o rosto impassível, pressionou a ponta derretida no rolo de pergaminho, abanou algumas vezes com sua mão de vidro a marca vermelha e com olhar desafiador passou-a para Fenoglio; e este, com ar de importância, pressionou o anel que trazia no

dedo médio no lacre úmido.

— F de Fenoglio, F de fantasia, F de fabuloso — proclamou. — Prontinho!

— F de fome seria mais adequado — disse Quartzo Rosa, mas Fenoglio ignorou o comentário.

— O que você achou da canção para o Príncipe Porcino? — perguntou a Meggie.

— Eu... não consegui ler nada por causa da discussão de vocês — ela respondeu evasivamente. Meggie não queria piorar ainda mais o humor de Fenoglio dizendo-lhe que os versos lhe pareciam conhecidos. — Por que o Príncipe Porcino quer um poema tão triste?

— Porque seu filho está morto — respondeu Fenoglio. — Uma canção triste após a outra, é tudo o que ele quer ouvir depois que Cosme morreu. Já estou cheio! — com um suspiro, ele pôs o pergaminho na escrivaninha e andou até a arca que ficava atrás da janela.

— Cosme? Cosme, o Belo está morto? — Meggie não pôde ocultar sua decepção. Resa lhe falara tanto do filho do Príncipe Porcino: que todos que o conheciam o amavam, que o próprio Cabeça de Víbora o temia, que seus camponeses levavam seus filhos doentes até ele porque acreditavam que alguém tão lindo como um anjo poderia curar qualquer doença...

Fenoglio suspirou.

— Sim, é terrível. Uma amarga lição! Esta história não é mais a minha história! Ela faz o que quer!

— Ai, ai, ai! Vai começar tudo de novo! — gemeu Quartzo Rosa. A sua história. Nunca vou entender essa baboseira. Talvez o senhor realmente devesse dar uma passada num barbeiro, para curar sua cabeça doente.

— Meu caro Quartzo Rosa — Fenoglio respondeu —, essa baboseira, como você chama, é simplesmente grande demais para a sua cabecinha transparente. Mas, acredite, Meggie sabe muito bem do que estou falando! — Com ar descontente, ele abriu a arca e tirou de dentro um traje longo azul-escuro. — Eu deveria mandar fazer um novo — ele murmurou. — Sim, realmente deveria. Isso não é um traje para um homem cujas palavras são cantadas aos quatro ventos e ao qual o Príncipe Porcino pede que vista em palavras a dor que sente pelo filho! Olhe só esta manga! Buracos, buracos por toda parte. As traças estavam aí dentro, apesar dos ramos de lavanda de Minerva.

— Para um poeta pobre, dá para o gasto! — observou sobriamente o homem de vidro.

Fenoglio pôs o traje de volta na arca e deixou a tampa cair com um baque surdo.

— Qualquer hora dessas — disse — vou jogar algo realmente duro em você!

Quartzo Rosa não pareceu muito preocupado com a ameaça. Os dois continuaram com as picuinhas, sobre isso e aquilo, pareciam estar num jogo entre eles, esquecendo completamente de Meggie. Ela foi até a janela, afastou de lado o tecido diante dela e olhou para fora. O dia seria ensolarado, embora a névoa ainda pairasse sobre as colinas ao redor. Em qual delas viveria a mulher

saltimbanco em cuja casa Farid queria procurar por Dedo Empoeirado? Ela havia esquecido. Farid voltaria caso realmente encontrasse Dedo Empoeirado ou simplesmente partiria com ele, como fizera da última vez, e esqueceria que ela estava ali? Meggie tentou não pensar muito em que sentimento aquela ideia despertava dentro dela. Em seu coração, já reinava tanta desordem que ela gostaria de pedir um espelho a Fenoglio para ver a si mesma por um momento, seu rosto familiar em meio a todas as coisas estranhas que a cercavam, em meio a todas as coisas estranhas que aconteciam em seu coração. Mas, em vez disso, ela deixou seu olhar correr pelas colinas enevoadas.

Até onde iria o mundo de Fenoglio? Apenas exatamente até onde ele imaginara? "Interessante", ele sussurrara quando Basta os seqüestrara e levara para a aldeia de Capricórnio. "Sabe que este lugar é realmente muito parecido com um dos cenários que inventei para *Coração de tinta?"* Naquela ocasião ele devia estar se referindo a Ombra.

As colinas ao redor realmente se pareciam com aquelas através das quais Meggie fugira com Mo e Elinor, quando Dedo Empoeirado os havia libertado dos cubículos onde Capricórnio os aprisionara, apenas com a diferença de que estas pareciam ainda mais verdes, caso isso fosse possível, mais encantadas, como se cada folha fizesse pressentir que sob as árvores moravam fadas e elfos de fogo. E as casas e as ruas que se viam da janela de Fenoglio poderiam ser as da aldeia de Capricórnio, não fossem tão coloridas e barulhentas.

— Veja só a multidão, hoje todos querem ir ao castelo — disse Fenoglio atrás dela. — Mercadores ambulantes, camponeses, artesãos, ricos comerciantes e mendigos, todos irão até lá para festejar o aniversário e ganhar ou gastar algumas moedas, para se divertir e sobretudo para ver os poderosos senhores.

Meggie olhou para os muros do castelo. Quase ameaçadores, eles se erguiam sobre os telhados vermelhos cor de ferrugem. Nas torres, bandeiras negras tremulavam ao vento.

— Quanto tempo faz que Cosme morreu?

— Quase um ano. Eu tinha acabado de me mudar para esta câmara. Como você pode imaginar, a sua voz me plantou exatamente no lugar de onde arrancou Sombra da história: em plena fortaleza de Capricórnio. Felizmente, ali reinava uma confusão dos diabos, porque o monstro havia desaparecido, e nenhum dos Dedos de Fogo notou o velho homem que de repente estava lá no meio com cara de pateta. Passei alguns dias terríveis na floresta, infelizmente não tive nenhum acompanhante esperto como você, que soubesse usar uma faca, caçar coelhos e fazer fogo com alguns galhos secos. Em compensação, no final, o próprio Príncipe Porcino me recolheu, imagine a minha cara quando ele de repente apareceu na minha frente! Entre os homens que estavam com ele, nenhum me pareceu conhecido, mas confesso que tenho apenas uma lembrança nebulosa das personagens menos importantes da minha história, isso quando tenho alguma lembrança... Bem, seja lá como for... um deles me trouxe para lembra, maltrapilho e sem um tostão no bolso, como eu estava. Felizmente eu tinha um anel, que consegui penhorar. Um ourives me deu por ele o suficiente para alugar um quarto na casa de Minerva, e tudo parecia ir bem. Sim, realmente, quase fabuloso. Histórias e mais histórias me vinham à mente, como havia muito não acontecia, as palavras fluíam em profusão, mas mal eu havia feito um nome com as primeiras canções, escritas para o Príncipe Porcino, mal os saltimbancos finalmente apreciavam os meus versos, Raposa Vermelha incendiou algumas glebas lá embaixo no rio, e Cosme partiu para desbaratar o bando definitivamente. "Ótimo!", pensei. "Por que não?" Eu podia imaginar que ele se deixaria matar? Eu tinha planos tão esplêndidos para ele! Ele se tornaria realmente um grande príncipe, uma dádiva para seus súditos, e finalmente levaria a minha história para um bom final, libertando de Cabeça de Víbora todo este mundo. Mas, em vez disso, ele se deixou matar por um bando de incendiários na Floresta Sem Caminhos! — Fenoglio suspirou. — No começo, o seu pai não quis acreditar na sua morte. O rosto de Cosme estava queimado, como o de todos os demais que foram trazidos de volta. O fogo fizera um bom trabalho, mas como depois de meses ele não havia voltado... — Fenoglio suspirou novamente e pôs a mão dentro da arca em que estava seu traje de gala roído pelas traças. Ele estendeu a Meggie duas meias compridas de lã, ligas de

couro e um vestido de um tecido azul-escuro desbotado. — Receio que ficará grande demais, é da segunda filha de Minerva disse. — Mas este que você está usando precisa ser lavado urgentemente. As meias você prende com as ligas, é um pouco desconfortável, mas logo se acostumará. Meu Deus, você realmente cresceu, Meggie — disse e virou de costas enquanto ela se trocava. — Quartzo Rosa, vire-se também.

Realmente, o vestido não serviu muito bem, e Meggie estava quase contente por Fenoglio não ter um espelho. Em casa, ela observava com frequência seu reflexo no espelho. Era tão estranho assistir a como o próprio corpo se transformava. Como se ela fosse uma borboleta saindo do casulo.

— Pronto? — Fenoglio perguntou e virou-se. — Está vendo? Até que ficou bem, embora, na verdade, uma garota tão bela merecesse um vestido mais bonito. — Com um suspiro, olhou para si mesmo. — Bem, acho melhor eu ficar como estou, pelo menos este traje não tem furos. Mas o que importa? Hoje o castelo estará fervilhando de saltimbancos e gente fina, e ninguém prestará atenção em nós dois.

— Dois? O que significa isso? — Quartzo Rosa pôs de lado a lâmina com a qual apontava uma pena. — Não estão pensando em me levar?

— Você ficou louco? Para que eu o traga de volta em pedacinhos? Não. Além disso, você teria que ouvir o poema ruim que estou levando para o Príncipe Porcino.

Quartzo Rosa ainda resmungava quando Fenoglio fechou a porta atrás de si. A escada de madeira, que Meggie quase não conseguira subir de cansaço na noite anterior, dava num pátio cercado por casas, em que chiqueiros de porcos disputavam espaço com barracas de madeira e canteiros de legumes. Um fio d'água serpenteava em meio a tudo aquilo, duas crianças espantavam um porco

dos canteiros, e uma mulher com um bebê no braço alimentava um bando de galinhas magras.

— Que bela manhã, não é mesmo, Minerva? — exclamou Fenoglio enquanto Meggie o seguia hesitante pelos últimos degraus da escada.

Minerva foi até o pé da escada. Uma menina de uns seis anos agarrou-se à sua saia e olhou desconfiada para Meggie. Insegura, ela parou. "Talvez dê para perceber!", pensou. "Talvez dê para perceber que não pertenço a este lugar..."

— Cuidado! — a menina gritou, mas, antes que Meggie compreendesse, alguma coisa puxou o seu cabelo. A menina jogou terra, e uma fada saiu esbravejando com as mãos vazias.

— Céus, afinal, de onde você vem? — perguntou Minerva ao puxar Meggie da escada. — Acaso lá não existem fadas? Elas são loucas por cabelos de gente, ainda mais tão bonitos como os seus. Se não prender os cabelos, logo ficará careca. Além disso, você já é velha demais para usá-los soltos, ou quer que os outros pensem que é uma mulher saltimbanco?

Minerva era baixa e atarracada, um pouco mais alta do que Meggie.

— Meu Deus, você é mesmo magricela! — ela disse. — O vestido quase escorrega dos ombros. Vou ajustá-lo para você hoje à noite. Ela tomou café da manhã? — perguntou e sacudiu a cabeça quando viu o rosto surpreso de Fenoglio. — Deus do céu, você não se esqueceu de dar algo para a menina comer, não é?

Fenoglio ergueu as mãos embaraçado.

— Sou um homem velho, Minerva! — exclamou. — Esqueço essas coisas! Mas o que está acontecendo esta manhã? Eu estava realmente com o melhor humor, mas só ouço censuras e reclamações. Quartzo Rosa também quase me enlouqueceu.

Como resposta, Minerva apenas pôs o bebê em seu braço, e levou Meggie consigo.

— Que bebê é este? — exclamou Fenoglio ao seguir atrás dela. — Já não há crianças suficientes por aqui?

O bebê estudou seu rosto seriamente, como se procurasse algo interessante, e finalmente pegou seu nariz.

— E da minha filha mais velha — foi só o que Minerva respondeu. Você já o viu algumas vezes. Anda tão esquecido assim que é melhor eu lhe apresentar novamente os meus filhos?

Despina e Ivo, era como se chamavam os filhos de Minerva. O menino havia carregado o archote para Fenoglio na noite anterior, ele sorriu para Meggie quando ela entrou com sua mãe na cozinha.

Minerva obrigou Meggie a comer uma tigela de polenta e duas fatias de pão com uma pasta que tinha cheiro de azeitonas. O leite que ela lhe empurrou era tão gordo que a língua de Meggie pareceu felpuda depois do primeiro gole. Enquanto ela comia, Minerva prendeu seus cabelos. Meggie quase não reconheceu a si mesma, quando ela lhe deu uma bacia para que visse seu reflexo.

— Onde arranjou essas botas? — perguntou Ivo. Sua irmã ainda observava Meggie como um bicho estranho que havia se extraviado em sua cozinha.

— Meggie vem de muito longe — explicou Fenoglio, que fora atrás deles até a cozinha e notara seu constrangimento. — De muito longe. Lá até mesmo existem homens com três pernas e outros com o nariz no queixo.

As crianças olharam primeiro para ele e depois para Meggie.

— Pare com isso, o que você está falando agora? — Minerva deu um tapinha em sua nuca. — Eles acreditam em cada palavra que você diz. Um dia desses, vão acabar pondo o pé na estrada para procurar todos os lugares malucos que você inventa, e vou ficar aqui sem as crianças.

Meggie engasgou com o leite gordo. Ela havia se esquecido completamente das saudades de casa, mas as palavras de Minerva as trouxeram de volta, junto com a consciência pesada. Se estava contando direito, já fazia cinco dias que partira.

— Você e suas histórias! — Minerva empurrou uma caneca de leite para Fenoglio. — Já não bastam as histórias de salteadores que você vive contando? Sabe o que Ivo me disse ontem? "Quando crescer, vou me juntar aos salteadores! Vou ser como Gaio!" O que você está fazendo? Por mim, você pode contar a eles sobre Cosme, sobre os gigantes ou sobre o Príncipe Negro e seu urso, mas nem uma palavra mais sobre esse salteador, entendido?

— Está bem, está bem, nem uma palavra mais — resmungou Fenoglio. — Mas não me culpe se o menino aprender uma das canções sobre ele por aí. Todos

estão cantando.

Meggie não entendeu nada do que eles diziam, mas, de qualquer forma, seus pensamentos já estavam no castelo. Resa havia lhe contado que os ninhos de pássaros ficavam tão próximos uns dos outros no muro que seu canto às vezes encobria a música dos saltimbancos. Ela contara que as fadas também faziam seus ninhos lá, e eram cinzentas como as pedras dos muros, porque se alimentavam demais de comida de gente, em vez de comerem flores e frutas como suas irmãs selvagens. E que, nos jardins do Pátio Interno, havia árvores que só cresciam nas profundezas da Floresta Sem Caminhos, árvores cujas folhas murmuravam ao vento como um coro de vozes humanas e que, nas noites sem luar, falavam do futuro, mas ninguém entendia suas palavras.

— Quer mais alguma coisa?

Meggie despertou sobressaltada de seus pensamentos.

— Com todas as tintas! — Fenoglio levantou-se e devolveu o bebê para Minerva. — Está querendo engordá-la para que o vestido sirva? Temos que ir ou perderemos a metade da festa. O Príncipe Porcino me pediu que lhe entregasse a canção antes do meio-dia. E você sabe que ele não gosta nem um pouco quando a gente se atrasa.

— Não, não sei nada disso — retrucou Minerva mal-humorada enquanto Fenoglio puxava Meggie da mesa. — Porque não entro e saio do castelo como você. O que você compôs desta vez para o alto senhor, mais uma canção fúnebre?

— Sim, também acho chato, mas ele paga bem. Você preferiria que eu logo ficasse sem uma moeda no bolso e que você precisasse procurar um novo

inquilino?

— Está bem, está bem — resmungou Minerva ao tirar de cima da mesa as tigelas vazias deixadas pelas crianças. — Sabe de uma coisa? Esse príncipe ainda vai morrer de tanto suspirar e se lamentar, então Cabeça de Víbora vai mandar seus encouraçados. Eles vão se espalhar por aqui como moscas na bosta fresca, com o pretexto de proteger o pobre neto órfão de seu senhor.

Fenoglio virou-se tão bruscamente que quase derrubou Meggie.

— Não, Minerva, não! — disse determinado. — Isso não vai acontecer. Não, enquanto eu viver, o que espero que ainda demore muito tempo!

— Ah, é? — Minerva tirou o dedo de seu filho do pote de manteiga. E como pretende impedir? Com as suas canções de salteadores? Você acha que algum imbecil com uma máscara de penas bancando o herói porque ouviu demais as suas canções poderá manter os encouraçados longe da nossa cidade? Heróis terminam na forca, Fenoglio — ela prosseguiu baixando a voz, e Meggie sentiu o medo atrás do seu sarcasmo. — Nas suas canções, talvez aconteça de alguma outra maneira, mas na vida real eles são enforcados. Nem as mais belas palavras mudarão isso.

As duas crianças olharam inquietas para sua mãe, e Minerva passou a mão em seus cabelos como se com isso pudesse apagar as próprias palavras.

Fenoglio, porém, sacudiu os ombros.

— Ah, que nada, você vê tudo negro demais! — ele disse. — Você subestima as palavras, acredite! Elas são muito poderosas, mais poderosas do que você

pensa. Pergunte a Meggie!

Mas antes que Minerva pudesse fazer isso, ele já havia puxado Meggie para fora.

— Ivo, Despina, querem vir junto? — ele gritou para as crianças. - Trarei os dois de volta sãos e salvos, como sempre! — exclamou quando Minerva pôs a cabeça para fora da porta, preocupada. — Os melhores saltimbancos de toda a região estarão hoje no castelo, virão de muito longe. Essas crianças não podem perder!

A torrente de pessoas arrastou-os assim que pisaram na rua. Elas vinham de todos os lados — camponeses com suas roupas pobres; mendigos; mulheres com crianças; e homens cuja riqueza não se mostrava somente no fausto de suas mangas bordadas, mas sobretudo nos criados que abriam rudemente um caminho para eles em meio à multidão. Cavaleiros conduziam seus cavalos em meio a toda aquela gente, sem olhar para aqueles que impeliam contra as paredes. Liteiras entalavam entre tantos corpos, por mais que seus carregadores xingassem e praguejassem.

— Diabos, isso é pior do que os dias de mercado! — exclamou Fenoglio para Meggie por cima das cabeças. Ivo deslizava, lépido como um peixe, por entre as pessoas que se apinhavam, mas Despina parecia tão assustada que Fenoglio finalmente a ergueu sobre seus ombros, antes que ela fosse esmagada entre cestas e barrigas. O coração de Meggie também batia mais depressa com todo aquele rebuliço, todos os puxões e empurrões, os mil cheiros, todas as vozes que preenchiam o ar.

— Meggie, olhe para isso! Não é magnífico? — exclamou Fenoglio cheio de orgulho.

Sim, era magnífico. Era como Meggie imaginara, em todas as noites em que Resa havia lhe contado sobre o Mundo de Tinta. Seus sentidos estavam como que entorpecidos. Olhos, ouvidos... não conseguiam captar um décimo do que acontecia ao seu redor. De algum lugar, soavam música, tambores, guizos, trompetes... Então a rua se abriu e cuspiu todos eles diante dos muros do castelo. Altos e imponentes, eles se erguiam entre as casas, como se tivessem sido construídos por pessoas maiores do que aquelas que agora se apinhavam em direção ao castelo. Havia guardas armados diante do portão, a manhã pálida se espelhava em seus elmos. Seus mantos eram de um verde-escuro, assim como as túnicas que usavam sobre as cotas de malha. Ambos ostentavam o brasão do Príncipe Porcino — Resa o descrevera para Meggie: um leão num fundo verde, envolto por rosas brancas —, mas o brasão havia sido alterado. O leão vertia lágrimas prateadas, e as rosas se enroscavam em volta de um coração partido.

Os guardas deixavam passar a maioria dos que chegavam, apenas de vez em quando empurravam de volta alguém com o cabo da lança ou com os punhos enluvados. Ninguém parecia se importar com isso, tudo impelia a ir adiante, e finalmente Meggie também se encontrou na sombra de muros com um metro de espessura. Evidentemente, ela já estivera em castelos, com Mo, mas era uma sensação totalmente diferente passar por guardas armados de lanças em vez de passar por lojinhas de cartões-postais.

Os muros pareciam muito mais ameaçadores e sombrios. "Vejam!", pareciam dizer, "como vocês são pequenos, impotentes e frágeis."

Fenoglio não parecia sentir o mesmo, ele estava radiante como uma criança na véspera de Natal. Não prestava atenção nas grades levadiças sobre suas cabeças nem nas portinholas através das quais se podia derramar piche quente em visitantes indesejados. Meggie, por sua vez, olhou involuntariamente para cima quando passaram por elas e se perguntou quanto tempo teriam as marcas de piche na madeira carcomida. Mas, finalmente, acima dela apareceu novamente o céu aberto, azul e claro, como que varrido para o aniversário principesco. E

Meggie estava no Pátio Externo do castelo de Ombra.



20. Visita do lado errado da floresta

As trevas sempre tiveram a sua parte. Sem elas, quem iria saber quando andamos na luz? Só quando as ambições se tornam grandiosas demais é que elas precisam ser contestadas, disciplinadas e às vezes, se necessário, derrubadas por algum tempo. Depois elas se erguem de novo, como deve ser.

Clive Barker, *Abarat*

A primeira coisa que os olhos de Meggie procuraram foram os ninhos de pássaros dos quais Resa havia falado e, de fato, ali estavam eles, colados no muro, logo abaixo das ameias, como se o muro tivesse contraído pústulas. Pássaros de peito amarelo disparavam dos orifícios. Como flocos dourados dançando ao sol, fora a descrição de Resa, e ela tinha razão. O céu sobre Meggie parecia coberto de ouro rodopiante, tudo em homenagem ao aniversário principesco. Cada vez mais pessoas eram despejadas pelo portão, embora o pátio já estivesse fervilhando de gente. Barracas haviam sido montadas entre os muros, diante dos estábulos e das cabanas nas quais moravam os ferreiros, estribeiros e todos os demais que viviam e trabalhavam no castelo. Naquele dia, em que o Príncipe Porcino convidava seus súditos a comemorar com ele o aniversário de seu neto e herdeiro do trono, havia comida e bebida de graça. "Muito generoso, não?", Mo provavelmente teria sussurrado. "Comida e bebida que vêm das suas lavouras, obtidas com o trabalho das suas mãos." Mo não gostava muito de castelos. Mas o mundo de Fenoglio estava organizado assim: a terra na qual os camponeses trabalhavam arduamente pertencia aos príncipes, portanto, a estes também cabia boa parte da colheita, e os príncipes se vestiam de seda e veludo, ao passo que seus camponeses usavam túnicas remendadas que pinicavam a pele.

Despina agarrou firmemente o pescoço de Fenoglio com seus braços quando eles passaram pelos guardas do portão mas, ao ver os primeiros saltimbancos, ela escorregou depressa de suas costas.

No alto, entre as ameias, um deles havia estendido sua corda e andava ágil como uma aranha num fio de sua teia. Suas roupas eram azuis como o céu acima dele, pois o azul era a cor dos equilibristas — também isso Meggie aprendera com sua mãe. Se ao menos Resa estivesse ali! Por toda parte entre as barracas, lá estava ele, o Povo Colorido: pífaros e malabaristas, atiradores de facas, homens de ferro, domadores, contorcionistas, atores e bufões. Logo em frente ao muro, Meggie vira um cuspidor de fogo, de preto e vermelho, como era sua roupa típica, e por um momento ela pensou que fosse Dedo Empoeirado, mas, quando se virou, percebeu que se tratava de um desconhecido sem cicatrizes no rosto, e o sorriso com o qual ele se curvou diante de seu público era bem diferente do de Dedo Empoeirado.

"Mas ele deve estar aqui hoje, se realmente voltou!", pensou Meggie ao olhar ao seu redor, decepcionada. Como se não soubesse: era de Farid que sentia falta. E se Dedo Empoeirado não estivesse ali, ela procuraria em vão por Farid.

— Venha, Meggie! — Despina pronunciou seu nome como se sua língua ainda precisasse se acostumar ao som. Ela puxou Meggie até uma barraca onde havia bolos gotejantes de mel. Mesmo naquele dia os bolos não eram de graça. Os comerciantes que os ofereciam vigiavam sua mercadoria com um ar rabugento, mas felizmente Fenoglio tinha algumas moedas consigo. Os dedinhos de Despina estavam lambuzados quando puxaram novamente a mão de Meggie. Ela olhava em volta com os olhos arregalados e parava a toda hora, mas Fenoglio a fez prosseguir com gestos impacientes, e eles passaram por uma tribuna de madeira que, enfeitada com flores e ramos sempre-verdes, erguia-se atrás das barracas. As mesmas bandeiras negras, que tremulavam em cima das ameias e torres, também estavam hasteadas aqui, à direita e à esquerda de três poltronas elevadas, cujos encostos estavam bordados com o brasão do leão chorando.

— Para que três poltronas, eu me pergunto — sussurrou Fenoglio para Meggie ao empurrá-la adiante com as crianças. — O próprio Príncipe Porcino não dará as caras, de qualquer forma. Vamos, já estamos atrasados. — Com passos decididos, ele deu as costas ao movimento do Pátio Externo, e abriu caminho em direção ao segundo círculo de muros do castelo. O portão ao qual ele se dirigia não era tão grande quanto o primeiro, mas também parecia intimidador, assim como os guardas, que cruzaram as lanças quando Fenoglio se aproximou. — Como se não me conhecessem! — cochichou irritado com Meggie. — Mas toda vez é o mesmo jogo. Anuncie ao Príncipe Porcino que Fenoglio, o poeta, está aqui! — disse erguendo a voz, enquanto as duas crianças se apertavam ao seu lado e observavam as lanças, como se procurassem por sangue seco em suas pontas.

— O Príncipe Porcino o espera? — O guarda que perguntou ainda parecia muito jovem, pelo que se podia perceber de seu rosto sob o elmo.

— Mas é claro! — respondeu Fenoglio irritado. — E se ele tiver que esperar mais, porei a culpa em você, Anselmo. E, quando precisar de mais algumas belas palavras minhas, como no mês passado — o guarda lançou à outra sentinela um olhar nervoso, mas agiu como se não ouvisse e olhou para o equilibrista no alto —, então — Fenoglio terminou sua frase com voz baixa — eu o deixarei esperar exatamente como está fazendo comigo. Sou um homem velho e realmente tenho coisas melhores para fazer do que ficar aqui plantado como um dois de paus diante da sua lança.

O que se podia ver do rosto de Anselmo estava tão vermelho quanto o vinho azedo que Fenoglio havia bebido na fogueira dos saltimbancos. Apesar disso, ele não afastou a lança.

— Peço que compreenda, Tecelão da Tinta, temos visita — ele disse

baixando a voz.

— Visita? Do que você está falando?

Mas Anselmo não deu mais atenção a Fenoglio.

O portão atrás dele se abriu, rangendo, como se tivesse dificuldades em suportar o próprio peso. Meggie puxou Despina para o lado, Fenoglio segurou a mão de Ivo. No Pátio Externo, soldados chegavam a cavalo, cavaleiros encouraçados, de mantos cinza prateado, assim como suas grevas; e o brasão que traziam no peito não era o do Príncipe Porcino. Preparando o bote, uma víbora erguia o seu corpo, e Meggie reconheceu imediatamente o brasão de Cabeça de Víbora.

Nada mais se mexeu e um silêncio sepulcral se espalhou no Pátio Externo. Os equilibristas foram esquecidos, até mesmo o equilibrista azul lá em cima na sua corda. Todos olhavam para os encouraçados. As mães seguravam seus filhos firmemente e os homens encolhiam a cabeça, mesmo os que vestiam roupas suntuosas. Resa descrevera com exatidão o brasão de Cabeça de Víbora, ela o vira de perto muitas vezes. Enviados do Castelo da Noite, eram hóspedes bem-vindos da fortaleza de Capricórnio. Algumas glebas, sussurrava-se na época em que os homens de Capricórnio as incendiavam, haviam ardido por ordem de Víbora.

Meggie estreitou firmemente Despina junto a si quando os encouraçados passaram à sua frente. Seus peitorais brilhavam ao sol, dizia-se que nem mesmo a seta de metal de uma besta poderia penetrá-los, o que falar então da simples flecha de um homem pobre? Dois homens iam na frente, um deles encouraçado como os que o seguiam, os cabelos ruivos alaranjados e um manto feito de rabos de raposa; o outro com um traje verde entretecido de prata que teria honrado a qualquer príncipe. Contudo, não era o traje a primeira coisa que se notava nele,

mas seu nariz, que não era, como o dos demais, de carne e osso, e sim de prata.

— Olhe só que parelha! — Fenoglio sussurrou para Meggie enquanto os dois cavalgavam lado a lado em meio à multidão silenciosa. — Ambos invenção minha e ambos ex-homens de Capricórnio. Sua mãe deve ter lhe falado deles. Raposa Vermelha era antigamente o braço direito de Capricórnio, Pífaro seu artista da corte. O nariz de prata, porém, não foi ideia minha. Tampouco o fato de terem escapado quando Cosme e seus soldados atacaram a fortaleza de Capricórnio e de agora servirem a Cabeça de Víbora.

Ainda reinava uma quietude fantasmagórica no pátio. Apenas se ouviam o tropel dos cascos, o resfolegar dos cavalos, o tilintar das armaduras, armas e esporas, estranhamente alto, como se os ruídos pairassem como pássaros entre os muros.

O próprio Cabeça de Víbora era um dos últimos na cavalgada. Contudo, era inconfundível. "Ele parece um açougueiro", contara Resa. "Um açougueiro em roupas de príncipe, cujo prazer em matar está escrito em seu rosto asqueroso." O cavalo em que estava montado, branco e pesado como seu dono, desaparecia quase por completo sob uma capa na qual o único desenho era o brasão com a víbora. O próprio Cabeça de Víbora usava um traje negro, bordado com flores de prata, a boca estranhamente pequena, uma fenda sem lábios em seu rosto grosseiro, sem barba. Tudo nele parecia pesado e carnudo, braços e pernas, a nuca massuda, o nariz largo. Ele não usava joias como os súditos mais ricos do Príncipe Porcino que estavam no pátio, nenhuma corrente pesada em volta no pescoço, nenhum anel com pedra preciosa nos dedos gordos. Somente em suas narinas brilhavam pedras preciosas, vermelhas como gotas de sangue, e no dedo médio na mão esquerda ele usava sobre a luva o anel de prata com que lacrava suas sentenças de morte. Seus olhos, estreitos sob as pálpebras enrugadas como as de uma salamandra, moviam-se inquietos pelo pátio. Pareciam aderir por um instante em tudo o que pousavam, como a língua grudenta de um lagarto: nos saltimbancos, no equilibrista sobre a sua cabeça, nos ricos comerciantes que esperavam ao lado da tribuna vazia e enfeitada com flores e que inclinavam a

cabeça submissos quando seu olhar os alcançava. Nada, absolutamente nada, parecia escapar àqueles olhos de salamandra: nenhuma criança, que se agarrava amedrontada à saia de sua mãe, nenhuma mulher bonita, nenhum homem que o observasse com olhos hostis. E, assim mesmo, ele freou seu cavalo apenas diante de um deles.

— Ora, vejam, o rei dos saltimbancos! A última vez que o vi, sua cabeça estava numa canga, no pátio do meu castelo. Quando nos fará uma nova visita? — A voz de Cabeça de Víbora ecoou por todo o pátio silencioso. Soava muito grave, como se viesse do mais sombrio interior de seu corpo massudo. Involuntariamente, Meggie chegou mais perto de Fenoglio. O Príncipe Negro, porém, fez uma mesura, tão profunda que teve um efeito de zombaria.

— Sinto muito — ele respondeu alto a ponto de todos escutarem. — Mas o urso não gostou da sua hospitalidade. A canga, ele disse, era muito estreita para o seu pescoço.

Meggie viu como a boca de Cabeça de Víbora se esticou num sorriso perverso.

— Bem, para a sua próxima visita eu poderia preparar uma corda do tamanho exato e uma forca de carvalho que agüente até mesmo um urso tão gordo quanto o seu — ele disse.

O Príncipe Negro virou-se para o seu urso e fingiu que conversava com ele.

— Sinto muito — ele disse, enquanto o urso punha as patas em volta de seu pescoço com um grunhido. — O urso disse que ama o sul, mas a sombra de Vossa Alteza é simplesmente escura demais, e ele gostaria de ir quando Gaio também lhe der a honra.

Um burburinho correu entre a multidão, e silenciou quando Cabeça de Víbora se virou e fez seu olhar de salamandra correr por aqueles que estavam à sua volta.

— Além disso — prosseguiu o Príncipe Negro em voz alta — o urso também gostaria de saber por que Vossa Alteza não faz Pífaro trotar atrás de vosso cavalo, como se deve fazer com um saltimbanco tão manso como ele.

Pífaro virou seu cavalo, mas, antes que pudesse avançar em direção ao Príncipe Negro, Cabeça de Víbora ergueu a mão.

— Mandarei avisá-lo tão logo Gaio seja meu hóspede! — ele disse quando o homem de nariz de prata voltava relutante para o seu lugar.

- Não vai demorar muito, acredite. Já encomendei as forcas.

Então esporeou seu cavalo, e os encouraçados se puseram em marcha novamente. Pareceu decorrer uma eternidade até o último deles desaparecer através do portão.

— Sim, pode ir cavalgando! — sussurrou Fenoglio enquanto o pátio do castelo lentamente voltava a se encher de sons alegres. — Ele olha ao redor como se tudo aqui logo fosse lhe pertencer, ele acha que pode se espalhar no meu mundo como uma chaga e desempenhar um papel que não lhe atribuí...

A lança do guarda o fez se calar repentinamente.

— Pode entrar agora, poeta! — disse Anselmo. — Ande logo!

— Ande logo? — indignou-se Fenoglio. — É assim que se fala com o poeta da corte? Escute! É melhor vocês ficarem aqui — disse para as duas crianças. — Não comam doces demais. Não cheguem muito perto do cuspidor de fogo, porque ele é um desastrado, e deixem o urso do Príncipe Negro em paz. Entendido?

Os dois fizeram que sim, e correram para a barraca de doces mais próxima. Fenoglio, porém, pegou a mão de Meggie e passou com ela de cabeça erguida diante dos guardas.

— Fenoglio! — ela perguntou com voz baixa quando o portão se fechou atrás deles e o barulho do Pátio Externo diminuiu. — Quem é Gaio?

Estava frio atrás do grande portão, como se o inverno tivesse feito um ninho ali. Árvores faziam sombra num pátio amplo, o ar tinha cheiro de rosas e de flores cujo nome Meggie não conhecia, e numa fonte de pedra, redonda como a lua, espelhava-se uma parte do castelo onde vivia o Príncipe Porcino.

— Ah, ele não existe! — limitou-se a responder Fenoglio enquanto fazia um sinal impaciente para Meggie o seguir. — Mas lhe explicarei mais tarde. Agora venha, temos que entregar finalmente os meus versos para o Príncipe Porcino, senão logo, logo, não serei mais poeta da corte.

21. O Príncipe dos Suspiros

Ele não podia dizer "Eu não gosto" para o rei. Senão como ele faria para ganhar seu pão?

"O rei na cesta", conto popular italiano As janelas do salão em que Príncipe Porcino recebeu Fenoglio estavam cobertas com panos negros. O cheiro era como o de uma cripta; flores secas e pavios queimados. As velas ardiam diante de estátuas que mostravam sempre o mesmo rosto, ora até que bem retratado, ora nem tanto. "Cosme, o Belo!", pensou Meggie. Ele a observava do alto, com seus inúmeros olhos de mármore, enquanto ela caminhava ao lado de Fenoglio em direção a seu pai.

Duas poltronas de encosto alto ladeavam o trono onde estava sentado o Príncipe Porcino. Na poltrona ao seu lado esquerdo, sobre o tecido verde-escuro repousava apenas um elmo, enfeitado com penas de pavão, o metal polido com tal brilho que era como se esperasse por seu dono. Na poltrona da esquerda, estava sentado um menino de cinco, talvez seis anos, que usava um gibão de brocado preto, com tantas pérolas bordadas que parecia estar coberto de lágrimas. Devia ser o aniversariante. Jacopo, neto do Príncipe Porcino, mas também neto de Cabeça de Víbora.

O menino parecia entediado. Inquieto, balançava as pernas, como se apenas a muito custo conseguisse impedi-las de correr para fora, para onde estavam os

saltimbancos, os bolos e a poltrona que esperava por ele na tribuna enfeitada com rosas e salsaparrilhas. Já seu avô não parecia ter qualquer intenção de se erguer novamente. Inerte como uma boneca, estava sentado ali, em seus trajes largos demais, como que paralisado pelos olhos de seu falecido filho. Não muito alto, mas gordo como dois homens, assim Resa o descrevera: difícil de ser visto sem algo para comer entre os dedos rechonchudos, sempre um pouco ofegante por causa do peso que suas pernas tinham que carregar, mas sempre de ótimo humor.

O príncipe que Meggie via sentado na penumbra de seu castelo não lembrava em nada essa descrição. Seu rosto era pálido e sua pele enrugada, como se em outros tempos tivesse pertencido a um homem maior. O sofrimento derretera a banha de seus membros e paralisara seu rosto — rígido, parecia ter congelado no dia em que haviam lhe dado a notícia da morte de Cosme. E em seus olhos ainda se via o horror, a perplexidade, perante o que a vida lhe fizera.

Além do neto e dos guardas, que estavam no fundo em silêncio, havia duas mulheres com o Príncipe Porcino. Uma delas mantinha a cabeça baixa, humilde, como uma criada, embora usasse um vestido que seria apropriado também a uma princesa. A outra estava em pé entre o Príncipe e a cadeira vazia com o elmo enfeitado com penas. "Violante!", pensou Meggie. "Filha de Cabeça de Víbora e viúva de Cosme." Sim, devia ser ela, a Feia, como todos a chamavam. Fenoglio havia contado a Meggie sobre ela e havia enfatizado que, embora proviesse de sua lavra, sempre fora pensada como personagem secundária: a filha infeliz de uma mãe infeliz e de um pai muito ruim. "Uma ideia estapafúrdia fazer dela a esposa de Cosme, o Belo", dissera Fenoglio. "Mas é o que digo, essa história enlouqueceu!"

Violante usava preto como o filho e o sogro. Seu vestido também estava bordado com lágrimas de pérolas, mas nela o precioso brilho caía especialmente bem. Seu rosto dava a impressão de ter sido desenhado com um lápis claro num pedaço de papel manchado, e a seda escura tornava-o ainda mais discreto. Naquele rosto, só uma coisa chamava a atenção: a mancha de cor violeta, grande

como uma papoula, que desfigurava a face esquerda.

Quando Meggie começou a atravessar com Fenoglio o escuro salão, Violante estava curvada sobre seu sogro e falava com ele em voz baixa. O Príncipe Porcino não modificou a expressão, mas finalmente assentiu com a cabeça, e o menino desceu de sua cadeira aliviado.

Fenoglio fez um sinal para Meggie parar. Com a cabeça respeitosamente baixa, ele deu um passo para o lado e discretamente indicou a Meggie que o imitasse. Violante inclinou a cabeça para Fenoglio quando passou ereta por ele, mas para Meggie sequer olhou. Tampouco deu atenção às imagens de pedra de seu falecido marido. A Feia parecia ter pressa de deixar o escuro salão, quase tanta pressa quanto seu filho. A criada, que a seguia, passou tão perto de Meggie que seu vestido quase a tocou, Ela não parecia ser muito mais velha do que Meggie. Seus cabelos tinham um brilho avermelhado, como se refletissem o fogo, e ela os usava soltos, como naquele mundo, na verdade, apenas as mulheres saltimbancos costumavam fazer. Meggie nunca vira cabelos tão bonitos.

— Você chegou muito tarde, Fenoglio! — disse o Príncipe Porcino, assim que as portas se fecharam atrás das mulheres e de seu neto. Sua voz ainda soava abafada como a de um homem muito gordo. — As palavras o abandonaram?

— Elas apenas me abandonarão quando minha respiração cessar, meu príncipe — respondeu Fenoglio com uma mesura. Meggie não sabia se devia imitá-lo. Finalmente ela se decidiu por dobrar um dos joelhos, numa mesura meio desajeitada.

De perto, o Príncipe Porcino parecia ainda mais frágil. Sua pele lembrava folhas murchas; e o branco de seus olhos, papel amarelecido.

— Quem é a garota? — ele perguntou e examinou-a com um olhar mudo. — Sua criada? Para amante é muito nova, não?

Meggie sentiu o sangue lhe subir à face.

— Alteza, mas que ideia! — negou Fenoglio e pôs o braço no ombro dc Meggie. — Esta é minha neta, está comigo em visita a Ombra. Meu filho espera que eu encontre um marido para ela, e onde se poderia procurar melhor do que na festa maravilhosa que o senhor está dando hoje?

O rubor no rosto de Meggie ficou ainda mais intenso, mas ela se obrigou a sorrir.

— Ah, você tem um filho? — Na voz do triste príncipe soou tamanha inveja, como se ele não tolerasse em nenhum de seus súditos a felicidade de ter um filho vivo. — Não é inteligente deixar os filhos irem para muito longe — ele murmurou sem tirar os olhos de Meggie. — O risco de não voltarem é simplesmente grande demais!

Meggie não sabia para onde olhar.

— Voltarei logo — ela disse. — Meu pai sabe disso. — "Espero", ela acrescentou em pensamento.

— Sim, sim, é claro. Ela voltará. Na hora certa. — A voz de Fenoglio soou impaciente. — Mas vamos ao motivo de minha visita. — Ele tirou do cinto o rolo de pergaminho que Quartzo Rosa havia lacrado com tanto esmero e subiu,

com a cabeça respeitosamente abaixada, os degraus em direção à poltrona principesca. O Príncipe Porcino parecia sentir dores. Apertou os lábios quando se inclinou para receber o pergaminho, e havia suor em sua testa, embora estivesse frio no salão. Meggie lembrou-se das palavras de Minerva: "Esse príncipe ainda vai morrer de tanto suspirar e se lamentar". Fenoglio parecia pensar o mesmo.

Está se sentindo mal, meu príncipe? — perguntou preocupado.

Na verdade estou! — exclamou o Príncipe Porcino irritado. — E infelizmente Cabeça de Víbora também percebeu isso hoje. — Com um suspiro, ele se recostou e deu uma batida ao lado de sua poltrona. — Tullio!

Um criado, também vestido de preto como o Príncipe Porcino, assomou repentinamente de trás da poltrona. Sua aparência seria a de um homem muito baixinho, não fossem os finos pelos em seu rosto e em suas mãos. Tullio lembrou Meggie dos duendes no jardim de Elinor, que haviam se transformado em cinzas, embora se parecesse muito mais com um homem.

— Traga-me um saltimbanco que saiba ler! — ordenou o Príncipe Porcino. — Ele deve declamar para mim o poema de Fenoglio.

E Tullio saiu em disparada, diligente como um cãozinho.

O senhor chamou Urtiga, como o aconselhei? — a voz de Fenoglio soou penetrante, mas o Príncipe Porcino apenas fez um gesto de recusa.

Urtiga? Para quê? Ela não viria e, se viesse, provavelmente seria para me envenenar, porque mandei derrubar alguns carvalhos para o ataúde do meu filho.

O que posso fazer se ela gosta mais de falar com as árvores do que com as pessoas? Ninguém pode me ajudar, nem Urtiga, nem todos os barbeiros cirurgiões, cortadores de pedras e remendadores de ossos, cujas beberagens de cheiro nauseabundo eu já bebi. Ainda não nasceu uma erva contra o desgosto. — Seus dedos tremiam quando rompeu o lacre de Fenoglio e, no escuro salão, tudo ficou tão silencioso enquanto ele lia,que Meggie ouvia as chamas das velas crepitarem e consumirem os pavios.

Quase sem emitir som, o Príncipe Porcino movia os lábios. Enquanto seus olhos turvos seguiam as palavras de Fenoglio, Meggie o ouvia sussurrar: "Nunca mais ele despertará, oh, nunca mais!". Ela olhou discretamente para Fenoglio. Ele enrubesceu com a consciência pesada quando notou o olhar dela. Sim, ele havia roubado as palavras. E com certeza de nenhum poeta daquele mundo.

O Príncipe Porcino ergueu a cabeça e enxugou uma lágrima de seus olhos opacos.

— Belas palavras, Fenoglio — ele disse com voz amargurada. — Sim, você realmente entende do que faz. Mas quando será que finalmente um de vocês, poetas, encontrará as palavras que abrirão a porta através da qual a morte nos carrega?

Fenoglio olhou para as estátuas. Ele as observou absorto como se as visse pela primeira vez.

— Lamento, mas essas palavras não existem, meu príncipe — ele disse. — A morte é o grande silêncio. Diante da porta que ela fecha atrás de nós, até mesmo os poetas não têm palavras. Se Vossa Alteza agora me conceder o obséquio de me desculpar, os filhos da minha senhoria esperam lá fora e, se não os apanhar logo, provavelmente fugirão com os saltimbancos, pois todas as crianças sonham em domesticar ursos e dançar sobre uma corda estendida entre o céu e o inferno.

— Sim, pode ir. Vá! — disse o Príncipe Porcino, fazendo um gesto cansado com suas mãos cheia de anéis. — Mandarei avisá-lo quando quiser mais das suas palavras. São um veneno com gosto bom, pois apenas elas fazem até mesmo a dor adquirir um sabor agridoce por alguns momentos.

"Nunca mais ele despertará, oh, nunca mais!... Elinor com certeza saberia de quem são esses versos", pensou Meggie ao se retirar com Fenoglio da sala sombria. Sob suas botas crepitavam as ervas que haviam sido espalhadas no chão do salão. Seu cheiro pairava no ar frio, como se o triste príncipe quisesse se lembrar do mundo que o esperava do lado de fora. Mas talvez elas apenas o lembrassem das flores que enfeitavam o túmulo de Cosme.

Na porta, Tullio vinha ao seu encontro com o saltimbanco. Ele ia na frente, saltando e dando piruetas, como um animal adestrado mas desajeitado. Tinha guizos no cinto e, nas costas, carregava um alaúde. Era um tipo alto e magro, de boca descontente e roupas tão coloridas que a cauda de um pavão empalideceria ao seu lado.

— Esse sujeito sabe ler? — cochichou Fenoglio a Meggie ao empurrá-la atrás da porta. — Acho que é só um boato. Além disso, seu canto é tão harmonioso como o crocitar de um corvo. Vamos dar o fora daqui, antes que ele mastigue meus pobres versos com seus dentes de cavalo!

22. Dez anos

O tempo é um cavalo que corre no coração, Um cavalo sem cavaleiro numa estrada à noite A mente fica sentada escutando e ouve-o passar.

Wallace Stevens, *Todos os prelúdios para a felicidade* Dedo Empoeirado estava encostado no muro do castelo, atrás das barracas entre as quais a multidão se apinhava. O cheiro de mel e de castanhas quentes penetrava seu nariz e no alto, acima dele, numa corda, equilibrava-se o saltimbanco cuja figura azul de longe o fazia lembrar tanto de Bailarino das Nuvens. Ele segurava um bastão comprido, onde pousavam passarinhos vermelhos como gotas de sangue e, a cada vez que o equilibrista mudava de direção (tão ágil, como se no mundo não houvesse nada mais natural do que andar numa corda bamba), os passarinhos levantavam voo e o rodeavam com seus trinados estridentes. A marta no ombro de Dedo Empoeirado olhava para eles e lambia o focinho redondo. Ela era ainda bem jovem, menor e mais delicada do que Gwin, mordia muito menos e, o que era mais importante, não tinha medo do fogo. Com ar distraído, Dedo Empoeirado acariciou sua cabeça com chifres. Já pouco depois de sua chegada à gleba de Roxane, ele a capturara atrás do galinheiro quando tentava caçar uma galinha. Sorrateiro foi como ele a batizou, pois o bichinho gostava de se aproximar furtivamente e então pular em cima dele tão de repente que quase o derrubava. "Você ficou louco?", perguntara a si mesmo, quando a atraíra com um ovo fresco. "É uma marta. Como você pode saber se para a Morte não é indiferente o nome que ela tenha?" Mas assim mesmo ficara com ela. Talvez ele tivesse deixado todo o seu medo no outro mundo, o medo, a solidão, a infelicidade...

Sorrateiro aprendia depressa, pulava entre as chamas como se nunca tivesse feito outra coisa. Seria fácil ganhar algumas moedas com ele nos mercados, com ele e com o garoto.

A marta enterrou o focinho no rosto de Dedo Empoeirado. Diante da tribuna vazia, que ainda esperava pelo aniversariante, alguns acrobatas faziam uma torre humana. Farid tentara convencer Dedo Empoeirado a oferecer algo de sua arte também, mas ele não estava com nenhuma vontade de ser observado. Ele próprio queria olhar, saciar-se de tudo aquilo de que sentira falta por tanto tempo. Por isso usava as roupas que Roxane lhe dera e que haviam pertencido ao seu falecido marido. Pelo jeito, os dois eram quase do mesmo tamanho, pobre diabo! Nem Orfeu nem Língua Encantada poderiam enviá-lo de volta de onde estava.

"Por que, para variar, não ganha *você* o dinheiro hoje?", dissera a Farid. De tanto orgulho o garoto ficara primeiro vermelho como um tomate e depois branco como giz, e se lançara em meio à multidão. Ele aprendia depressa. Apenas um pedacinho do mel quente e Farid já saíra falando com as chamas, como se tivesse nascido com as palavras na boca. Evidentemente, quando o garoto estalava os dedos, elas não brotavam da terra tão obedientes como a ele, Dedo Empoeirado, mas, quando Farid falava baixinho com o fogo, este já respondia ao garoto — condescendente, zombeteiro, mas respondia.

"E ele é seu filho, sim!", dissera Roxane quando, de manhã cedo, Farid, praguejando, puxara um balde de água do poço para esfriar os dedos queimados. "Não é não!", respondera Dedo Empoeirado, e vira em seus olhos que ela não acreditava.

Antes de partirem para o castelo, ele ainda treinara alguns números com Farid e Jehan assistira a eles. Mas, quando Dedo Empoeirado acenara para que Jehan se aproximasse mais, o menino saíra correndo. Farid começara a zombar dele por isso, mas Dedo Empoeirado tapara sua boca. "O fogo devorou o pai dele, você esqueceu?", sussurrara, e Farid abaixara a cabeça envergonhado.

Como ele estava orgulhoso agora, entre os outros saltimbancos. Dedo

Empoeirado enfiou-se por entre as barracas para poder vê-lo melhor. Ele havia tirado a camisa, como Dedo Empoeirado às vezes também fazia, o tecido em chamas era mais perigoso do que uma queimadura diretamente na pele, e era fácil proteger o corpo com gordura contra as labaredas. O garoto estava se saindo bem, tão bem que até mesmo os comerciantes olhavam para ele, tão encantados que Dedo Empoeirado poderia libertar algumas fadas das gaiolas onde eles as prendiam a fim de vendê-las como amuleto para algum idiota. "Não admira que Roxane suspeite que você seja o pai dele", pensou, "seu peito fica estufado de orgulho quando o vê se apresentar." Ao lado de Farid, alguns palhaços contavam suas piadas grotescas para o público; à sua direita, o Príncipe Negro destacava-se com seu urso, e, ainda assim, cada vez mais gente se aglomerava em frente ao garoto que estava ali brincando tão à vontade com o fogo. Dedo Empoeirado observou como Pássaro Tisnado pôs no chão seus archotes e olhou com inveja para Farid. Ele continuava tão ruim como dez anos antes.

Farid curvou-se, e uma chuva de moedas caiu no pote de madeira que Roxane lhe dera. Orgulhoso, olhou para Dedo Empoeirado. Aquele garoto tinha fome de elogios como um cão de ossos e, quando Dedo Empoeirado bateu palmas, ele corou de felicidade. Como ainda era criança, embora havia alguns meses os primeiros tufos de barba já tivessem despontado em seu queixo!

Dedo Empoeirado passou por dois camponeses que barganhavam alguns leitões, quando o portão do Pátio Interno se abriu novamente, agora não mais para Cabeça de Víbora, como da última vez, quando ele conseguira se esconder dos olhares investigadores de Pífaro atrás de uma barraca de doces. Não. Ao que tudo indicava, agora finalmente era o aniversariante que comparecia à sua própria festa, e a mãe acompanhava o menino, junto com sua aia. Como seu tolo coração começou a bater mais depressa! "Ela tem os cabelos da cor dos seus", dissera Roxane, "e os meus olhos".

Os pífaros principescos causaram grande efeito. Orgulhosos como gaios, lançavam suas fanfarras pelo ar. Os saltimbancos livres torciam o nariz para os

que vendiam sua arte a um único senhor. Em compensação, estes eram mais bem-vestidos: não usavam o colorido de retalhos como os seus colegas da rua, mas as cores de seu príncipe. Para os pífaros do Príncipe Porcino, isso significava verde e dourado.

Sua nora usava preto. Cosme, o Belo, morrera havia menos de um ano, mas certamente já haviam se apresentado alguns pretendentes à jovem viúva, apesar da mancha, escura como uma queimadura, que enfeava seu rosto. A multidão apinhou-se ao redor da tribuna assim que Violante se sentou em seu lugar com seu filho. Dedo Empoeirado teve que subir num barril vazio, para, atrás de tantas cabeças e tantos corpos, conseguir lançar um olhar à sua aia.

Brianna estava atrás do menino. O vestido que usava a fazia parecer bastante adulta, entretanto, Dedo Empoeirado ainda assim distinguiu em seu rosto os traços da menininha que tentava tirar a tocha acesa de sua mão, ou que batia os pés furiosa quando ele não permitia que ela pusesse a mão nas fagulhas que ele fazia chover do céu.

Dez anos. Dez anos passados na história errada. Dez anos nos quais a morte levara uma das suas filhas, nada deixando além de lembranças, pálidas e indefinidas, como se ela nunca tivesse existido; e a outra crescera, tantos anos, rira e chorara, sem que ele estivesse por perto. "Hipócrita!", disse a si mesmo, sem conseguir desviar o olhar do rosto de Brianna. "Agora você vai querer se convencer de que foi um pai fiel e atencioso antes que Língua Encantada o levasse para sua história?"

O filho de Cosme ria alto. Alvoroçado, apontava, ora para um, ora para outro saltimbanco e pegava as flores que as mulheres saltimbancos jogavam para ele. Quantos anos ele teria? Cinco? Seis?

Era essa a idade de Brianna quando Língua Encantada o arrancara dali. Ela

alcançava a altura de seu cotovelo, e era tão leve que ele quase não sentia quando a carregava nas costas. Quando ele se esquecia do tempo mais uma vez e ficava fora durante várias semanas, em lugares cujo nome ela nunca tinha ouvido, Brianna batia nele com seu pequenos punhos e jogava no chão a seus pés os presentes que ele trazia. Então, na noite seguinte, ela saía furtivamente da cama para pegá-los: fitas coloridas, macias como o pelo de coelhos, flores de tecido que ela podia pôr no cabelo, pequenos apitos com os quais podia imitar as vozes de uma cotovia ou de uma coruja.

Ela nunca lhe contava, claro que não, ela era orgulhosa, mais orgulhosa do que sua mãe, mas ele sempre soubera onde ela escondia os presentes: numa sacola entre seus vestidos. Será que ela ainda a tinha?

Sim, ela guardava seus presentes, mas, quando Dedo Empoeirado ficava muito tempo fora, jamais conseguira arrancar um sorriso de seu rosto. Sempre quem conseguia isso era o fogo e, por um momento, por um momento tentador, ele teve gana de se lançar no meio da multidão embasbacada, juntar-se aos artistas que apresentavam seus números para o neto do Príncipe Porcino e evocar o fogo, apenas para sua filha. Mas parou, invisível entre todas as outras pessoas, observou como ela passava a palma da mão nos cabelos, da mesma forma que sua mãe fazia tantas vezes, como ela coçava o nariz discretamente e se movia de um pé para o outro, como se na verdade preferisse dançar lá embaixo em vez de ficar ali tão cerimoniosa.

— Morda-o, urso! Morda-o agora mesmo! Ele realmente voltou, mas você acha que ele deu as caras para um velho amigo?

Dedo Empoeirado virou-se, tão de repente que quase caiu do barril sobre o qual ainda estava. O Príncipe Negro olhava de baixo para ele, o urso atrás de si. Dedo Empoeirado tinha esperanças de encontrá-lo ali, cercado de estranhos, em vez de no acampamento dos saltimbancos, onde havia gente demais que perguntaria onde ele estivera... Os dois se conheciam desde que tinham a idade

do principezinho que estava lá em cima em seu trono, ambos eram filhos de saltimbancos, órfãos, precocemente adultos, e Dedo Empoeirado sentira quase tanta falta daquele rosto negro quanto do de Roxane.

— Ele vai me morder de verdade se eu descer do barril?

O Príncipe Negro riu. Sua risada ainda soava tão despreocupada como antigamente.

— Talvez. Afinal, ele percebe que realmente fiquei muito chateado por você ainda não ter aparecido. Além disso, na última vez que se encontraram, você não queimou o pelo dele?

Sorrateiro encolheu-se no ombro de Dedo Empoeirado quando seu dono pulou do barril, e começou a chiar agitado em seu ouvido.

— Não se preocupe, o urso não come um bicho como você! — Dedo Empoeirado sussurrou para ele, e abraçou o Príncipe Negro tão apertado como se com um abraço fosse possível compensar dez anos.

— Você continua com mais cheiro de urso do que de gente.

— E você com cheiro de fogo. Mas agora me diga: por onde andou? — O Príncipe Negro afastou Dedo Empoeirado à distância de seus braços esticados e examinou-o, como se pudesse ler em sua testa tudo o que se passara durante sua ausência. — Os incendiários não o enforcaram como afirmam alguns, você parece saudável demais para isso. E a outra história, que Cabeça de Víbora o aprisionou na mais úmidas das suas masmorras? Ou será que você, como se canta em algumas canções, se transformou numa árvore por um tempo, numa

árvore com folhas de fogo, no fundo da Floresta Sem Caminhos?

Dedo Empoeirado sorriu.

— Disso eu teria gostado. Mas, confie em mim, na verdadeira história nem mesmo você acreditaria.

Um burburinho correu pela multidão. Dedo Empoeirado espiou por cima das cabeças e viu como Farid recebia os aplausos com o rosto vermelho escarlate. O filho da Feia batia palmas tão entusiasmado que quase caiu da poltrona. Farid, porém, procurava pelo rosto de Dedo Empoeirado na multidão. Ele sorriu para o garoto, e sentiu como o Príncipe Negro o observava pensativo.

— Esse garoto é realmente seu? — disse. — Não, não se preocupe, não farei mais perguntas. Sei que você gosta de ter seus segredos. Isso não deve ter mudado muito. Mas, apesar disso, algum dia gostaria de ouvir a história da qual você falou. E você também fica nos devendo uma apresentação. Todos precisamos de algo para nos animar um pouco. Os tempos andam difíceis, especialmente deste lado da floresta, embora hoje não pareça...

— Sim, também já ouvi dizer. E, ao que tudo indica, Cabeça de Víbora ainda o ama do mesmo jeito. O que você fez para ele ameaçá-lo com a forca? O seu urso pegou um de seus corços? — Dedo Empoeirado acariciou Sorrateiro em seu pelo desgrenhado. A marta não tirava os olhos do urso.

— Oh, acredite. Víbora não tem noção da metade das coisas que apronto, senão eu já estaria pendurado nas ameias do Castelo da Noite há muito tempo.

— Ah, é? — Em cima deles, o equilibrista estava agachado em sua corda,

em meio aos seus pássaros, e arrastava as pernas como se não estivesse interessado na multidão embaixo dele. — Príncipe Negro, não estou gostando da expressão em seus olhos — disse Dedo Empoeirado ao olhar para o saltimbanco no alto. — Não provoque Cabeça de Víbora ainda mais, senão ele mandará caçá-lo, como já fez com muitos outros. Então você não estará mais seguro nem mesmo deste lado da floresta!

Alguém puxou sua manga. Dedo Empoeirado virou-se bruscamente, e Farid recuou assustado.

— Desculpe! — balbuciou e cumprimentou o Príncipe Negro com a cabeça, inseguro. — Meggie está aqui. Com Fenoglio! — Ele estava agitado como se tivesse encontrado o Príncipe Porcino em pessoa.

— Onde? Dedo Empoeirado olhou ao seu redor, mas Farid olhava apenas para o urso, que pousara carinhosamente o focinho na cabeça do Príncipe Negro. Este sorriu e empurrou o focinho do urso para o lado.

— Ali, logo abaixo da tribuna!

Dedo Empoeirado olhou na direção que Farid apontou. De fato, ali estava o velho, duas crianças ao seu lado, como naquele dia em que o vira pela primeira vez. A filha de Língua Encantada estava ao seu lado. Ela crescera, e estava ainda mais parecida com sua mãe. Dedo Empoeirado praguejou baixinho. O que queriam ali, em sua história? Não tinham nada que fazer ali, assim como ele na história deles. "Ah, é?", zombou uma voz em seu interior. "Parece que o velho não pensa assim. Você já esqueceu que ele afirma ser o criador de tudo isto aqui?"

— Não quero vê-lo — ele disse para Farid. — Esse velho atrai azar e coisas

piores, lembre-se bem disso.

— O garoto está falando do Tecelão da Tinta? — O Príncipe Negro chegou tão perto de Dedo Empoeirado que a marta rosnou. — O que você tem contra o velho? Ele escreve boas canções.

— Também escreve outras coisas. — "Sabe lá o que já escreveu sobre você!", acrescentou Dedo Empoeirado em pensamento. "Algumas palavras bem combinadas e você está morto, Príncipe Negro."

Farid continuava a olhar na direção da garota.

— E Meggie? Você também não quer vê-la? — sua voz soou rouca de decepção. — Ela perguntou por você.

— Dê lembranças a Meggie. Ela vai entender. Agora vá! Estou vendo em sua cara que você ainda está apaixonado por ela. Como foi mesmo que você descreveu naquela época os olhos dela? Pedacinhos do céu?

Farid ficou vermelho escarlate.

— Pare com isso! — disse zangado.

Mas Dedo Empoeirado pegou-o pelos ombros e virou-o.

— Vá! — disse. — Vá e cumprimente-a por mim. Mas diga-lhe que não se

atreva a pôr meu nome em sua língua enfeitiçada, entendido?

Farid lançou ao urso um último olhar, assentiu com a cabeça e saiu andando devagar em direção à garota, exageradamente devagar, como se quisesse provar que não tinha muita pressa em voltar para ela. Ela também se empenhava em não olhar demais na direção dele, enquanto puxava as mangas do vestido encabulada. Ela parecia ser daquele mundo, uma criada de uma casa não especialmente rica, a filha de um camponês ou artesão talvez. Bem, seu pai era um artesão, não era? Ainda que com um talento especial. Talvez ela parecesse um pouco desinibida demais. Ali as garotas não eram assim, mantinham a cabeça baixa e muitas vezes já estavam casadas naquela idade. Será que sua filha pensava nisso? Roxane não lhe contara nada.

— O garoto é bom. Já é melhor do que Pássaro Tisnado. — O Príncipe Negro estendeu a mão para a marta, e tirou-a de volta quando Sorrateiro arreganhou seus dentinhos.

— Isso não é muito difícil — Dedo Empoeirado deixou seu olhar ir até Fenoglio. Tecelão da Tinta, então era assim que o chamavam. Como ele parecia satisfeito, o homem que havia escrito a sua morte. Uma punhalada em suas costas, tão profunda que atingiria seu coração, era o que o velho previra para ele. Dedo Empoeirado pôs a mão involuntariamente entre as omoplatas. Sim. Sim, em algum momento ele finalmente as lera, as palavras mortais de Fenoglio, uma noite, no outro mundo, uma das noites em que não conseguia dormir e tentava evocar o rosto de Roxane em sua memória. "Você não pode voltar!" Ele sempre ouvia de novo a voz de Meggie dizendo essas palavras. "É um dos homens de Capricórnio, alguém que ainda está esperando por você, sim. Querem matar Gwin e você tenta ajudá-lo, e por isso matam você!" Com os dedos trêmulos, ele tirara o livro de sua mochila, abrira-o e procurara por sua morte nas páginas. E lera, muitas e muitas vezes, o que estava ali, em preto no branco. Depois disso, decidira deixar Gwin para trás caso de fato conseguisse voltar... Dedo Empoeirado acariciou a cauda felpuda de Sorrateiro. Não, realmente não devia ter sido inteligente de sua parte capturar mais uma marta.

— O que foi? De repente você fez uma cara estranha, como se o carrasco o tivesse chamado.

— O Príncipe Negro pôs o braço em seu ombro enquanto o urso cheirava curioso a mochila de Dedo Empoeirado.

— O garoto deve ter lhe contado que os recolhemos na floresta, não é? Ele estava terrivelmente agitado e afirmou que estava aqui para adverti-lo. Quando disse contra quem, alguns de meus homens puseram as mãos em seus punhais.

Basta. Dedo Empoeirado passou o dedo em sua face marcada por cicatrizes.

— Sim, provavelmente ele também voltou.

— Junto com seu amo?

— Não, Capricórnio morreu. Eu o vi morrer.

O Príncipe Negro pôs a mão na boca de seu urso e coçou sua língua.

— Essa é uma boa notícia. Também não haveria mais muita coisa pela qual ele poderia voltar, apenas algumas paredes demolidas pelo fogo. A única que de vez em quando anda por lá é Urtiga. Ela jura que em nenhum outro lugar se encontra melhor aquileia do que na fortaleza dos incendiários.

Dedo Empoeirado viu como Fenoglio olhava em sua direção. Meggie também olhava para ele. Rapidamente virou de costas para eles.

— Agora temos um abrigo lá por perto, você conhece, nas antigas cavernas dos duendes — prosseguiu o Príncipe Negro baixando a voz. — Desde que Cosme desbaratou os incendiários, as cavernas voltaram a ser um bom alojamento. Apenas os saltimbancos sabem desse lugar. Velhos, inválidos, aleijados, mulheres que estão fartas de viver nas ruas com seus filhos, todos podem descansar lá por um tempo. Sabe de uma coisa? O Abrigo Secreto seria um bom lugar para você me contar a sua história! Essa na qual é tão difícil de acreditar. Vou lá com frequência por causa do urso, ele fica rabugento quando passa muito tempo entre muros firmes. Roxane pode lhe explicar o caminho, agora ela já conhece a floresta quase tão bem quanto você.

— Conheço as velhas cavernas dos duendes — disse Dedo Empoeirado. Ele se escondera lá dos homens de Capricórnio algumas vezes. Mas não estava muito certo se realmente queria contar ao Príncipe Negro sobre os seus últimos dez anos.

— Seis tochas! — Farid estava ao seu lado novamente. Ele limpava a fuligem dos dedos nas calças. — Joguei com seis tochas e não deixei cair nenhuma. Acho que gostaram.

Dedo Empoeirado reprimiu um sorriso.

— Provavelmente.

Dois saltimbancos haviam puxado o Príncipe Negro de lado. Dedo Empoeirado não tinha certeza se os conhecia e, por precaução, virou de costas.

— Sabia que todos estão falando de você? — os olhos de Farid estavam redondos como moedas de tão agitado que ele estava. — Todos estão dizendo que você voltou. E acho que alguns o reconheceram.

— Ah, é? — Dedo Empoeirado olhou incomodado ao seu redor. Sua filha ainda estava atrás da poltrona do pequeno príncipe. Ele não contara a Farid nada sobre ela. Bastava o ciúme que ele sentia por causa de Roxane.

— Estão dizendo que nunca houve um cuspidor de fogo como você!

Aquele outro ali adiante, que chamam de Pássaro Tisnado — Farid pôs um pedaço de pão na boca de Sorrateiro —, me perguntou por você, mas eu não sabia se você queria encontrá-lo. Ele disse que o conhece. É verdade?

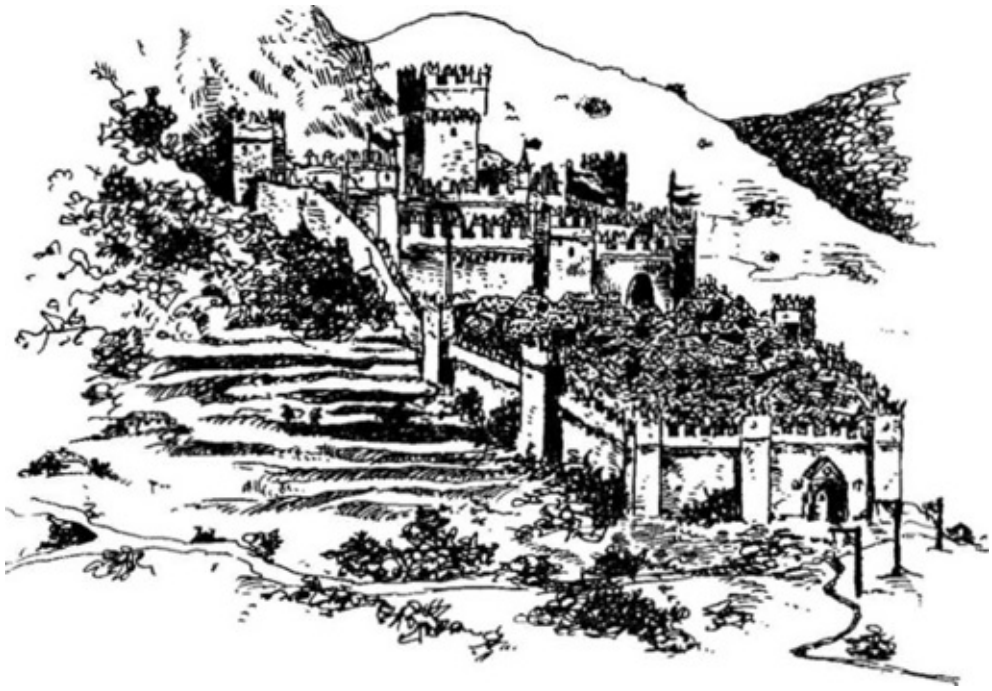
— Sim, mas não quero encontrá-lo. — Dedo Empoeirado se virou. O equilibrista já havia descido de sua corda. Bailarino das Nuvens falava com ele e apontava na direção de Dedo Empoeirado. Estava na hora de dar o fora. Ele gostaria de rever a todos, mas não naquele dia, não ali...

— Já estou satisfeito — disse a Farid. — Fique aqui e ganhe mais algumas moedas para nós. Estarei na casa de Roxane se quiser me encontrar.

Na tribuna, a Feia estendeu um saco bordado de ouro a seu filho. O pequeno pôs sua mão roliça dentro dele e jogou algumas moedas para os saltimbancos. Rapidamente, eles se curvaram e as apanharam do chão. Dedo Empoeirado, porém, lançou um último olhar para o Príncipe Negro e saiu dali.

O que Roxane diria quando soubesse que ele não havia trocado uma só palavra com sua filha?

Ele conhecia a resposta. Ela riria. Roxane sabia muito bem como às vezes ele era covarde.



23. Frias e brancas

Sou como um ferreiro, que martela noite e dia

Só assim posso transformar a dor

Num adorno dourado, delicado como a asa de uma cigarra.

Xi Murong, *O valor da poesia*

Lá estavam elas novamente. Mo sentiu quando se aproximaram, ele as via mesmo com os olhos fechados — as Damas Brancas. O rosto pálido, o olhar frio e sem cor. Era tudo em que o mundo ainda consistia: sombras brancas na escuridão e a dor em seu peito, dor vermelha. Cada respiração a trazia de volta. Respirar. Algum dia isso não fora fácil e simples? Se sua memória não estivesse falhando, havia sido mesmo fácil um dia. Agora era difícil, tão difícil como se já o tivessem sepultado, jogado terra sobre seu peito, sobre a dor que queimava e latejava. Ele não conseguia se mover. Seu corpo era inútil, uma prisão que ardia como se em chamas. Ele queria abrir os olhos, mas suas pálpebras pareciam de pedra. Estava tudo perdido. Restavam somente palavras: dor, medo, morte. Palavras brancas. Sem cor, sem vida. Apenas a dor era vermelha.

"Será isso a morte?", pensou Mo. Aquele nada, preenchido por sombras pálidas? As vezes, ele pensava sentir os dedos das Damas Brancas apertando seu peito dolorido, como se quisessem esmagar seu coração. Ele sentia o hálito delas em seu rosto quente e as ouvia sussurrar um nome, mas era um nome que ele não conhecia. "Gaio", sussurravam.

Suas vozes pareciam feitas de uma gélida nostalgia, nada além de nostalgia.

— É muito fácil — sussurravam. — Você nem precisa abrir os olhos. Não haverá mais dor nem escuridão. Levante-se, está na hora — elas sussurravam e enfiavam seus dedos brancos entre os dele, tão incrivelmente frios em sua pele ardente.

Mas a outra voz não o deixava ir. Indefinida, quase imperceptível, como se viesse de uma distância longínqua, ela abria um caminho em meio aos sussurros. Soava estranha, quase desafinada entre as sombras sussurrantes. "Cale-se!", ele queria lhe dizer com sua língua de pedra. "Cale-se, por favor, deixe-me ir!" Era somente ela que o mantinha preso dentro da casa em chamas que era o seu corpo. Mas a voz continuava a falar.

Ele conhecia aquela voz, mas de onde? Não conseguia se lembrar. I azia muito tempo que a ouvira pela última vez, muito tempo...



24. No porão de Elinor

As estantes de livros envergam, altas, com mil almas adormecidas.

Quietude, esperanças — A cada vez que abro um livro, uma alma desperta.

Xi Chuan, *Livros* "Eu devia ter mobiliado meu porão com um pouco mais de conforto", pensou Elinor enquanto observava Darius encher os colchões de ar que ele encontrara atrás das estantes de mantimentos. Por outro lado, como ela poderia adivinhar que em um dia fatídico precisaria dormir em seu porão, enquanto um quatro-olhos com cara de lua se instalaria em sua maravilhosa biblioteca com um cachorro babão e brincaria de dono da casa? Aquele cão dos infernos quase comera a fada que havia aparecido com as palavras de Orfeu. Uma fada azul e uma cotovia, voando em pânico contra a vidraça, fora tudo o que saíra, em troca de quatro pessoas! "Viram só?", proclamara Orfeu, triunfante. "Dois por quatro! Cada vez saem menos. E, em algum momento, com certeza, conseguirei que não saia ninguém." Sujeitinho ordinário e, ainda por cima, convencido! Como se alguém estivesse interessado em quem viera. Resa e Mortimer haviam partido! E Mortola e Basta...

"Depressa, Elinor, pense em outra coisa!"

Se pelo menos ela pudesse ter esperanças de que num futuro próximo alguém medianamente útil batesse em sua porta! Mas tal visitante era mais do que improvável. Ela nunca fora muito sociável, muito menos depois que Darius assumira os cuidados com seus livros e que Mo, Resa e Meggie haviam se mudado para lá. Para que ela precisaria de mais companhia?

Seu nariz começou a coçar suspeitosamente. "Pensamento errado!", ela advertiu a si mesma, como se nas últimas horas tivesse pensado em qualquer outra coisa. "Eles estão bem!", não parava de repetir a si mesma. "Você teria sentido se alguma coisa tivesse acontecido a eles." Não era assim que acontecia em muitas histórias? As pessoas não sentiam uma espécie de pontada no peito quando acontecia algo a quem amavam?

Darius sorriu tímido para ela, enquanto seu pé pisava incansavelmente no fole. O colchão de ar já parecia uma lagarta, uma gigantesca lagarta pisoteada. Como ela iria dormir naquilo? Ia logo escorregar e cair no chão frio de cimento.

— Darius! — disse. — Temos que fazer alguma coisa! Não podemos simplesmente nos deixar ficar trancados aqui, enquanto Mortola...

Oh, Deus, como a velha bruxa havia olhado para Mortimer. "Não pense nisso, Elinor! Simplesmente não pense nisso. Nem em Basta nem em sua espingarda. Nem em Meggie, que está vagando totalmente só na Floresta Sem Caminhos. Sim, com certeza ela está sozinha! O garoto já deve ter sido pisoteado por um gigante..." Que bom que Darius não sabia das ideias bobas que se atropelavam em sua cabeça, a ponto de trazer lágrimas ao seu nariz a toda hora...

— Darius! — Elinor sussurrou, pois certamente o homem-armário estava de guarda na porta. — Darius, tudo depende de você! Você precisa lê-los de volta!

Darius sacudiu a cabeça tão energicamente que os óculos quase escorregaram de seu rosto.

— Não! — sua voz soou trêmula, uma folha ao vento, e seu pé começou a bombear novamente, como se não houvesse nada mais urgente do que aquele maldito colchão. Então parou de repente e escondeu o rosto com as mãos. — Você sabe o que acontece! — Elinor ouviu-o dizer com voz abafada. — Você sabe o que acontece com eles quando estou com medo.

Elinor suspirou.

Sim, ela sabia. Rostos achatados, pernas duras, uma voz perdida... e não havia dúvidas de que ele estava com medo. Provavelmente mais do que ela, pois Darius conhecia Mortola e Basta havia muito mais tempo.

— Está bem, está bem. Você tem razão — ela murmurou e começou a arrumar algumas latas de conservas com ar distraído: molho de tomate, ravióli (nada especialmente saboroso), feijões vermelhos. Mortimer adorava feijões vermelhos. Lá vinha novamente a coceira em seu nariz.

— Bem! — ela disse e virou-se decidida. — Então esse Orfeu terá que fazê-lo. — Como sua voz parecia contida e ponderada. Sim, ela era uma atriz talentosa. Já uma vez ela notara isso, naquele dia, na igreja de Capricórnio, quando também tudo parecia perdido... Se ela se lembrava bem, naquela ocasião as coisas até pareciam um pouco mais tenebrosas. Darius olhou para ela sem compreender.

— Não me olhe desse jeito, pelo amor de Deus! — sussurrou. — Eu também ainda não sei como vou convencê-lo a fazer isso. Ainda não.

Ela começou a andar para lá e para cá, entre as estantes, entre latas e vidros.

— Ele é vaidoso, Darius! — ela disse. — Muito vaidoso. Você viu como ficou vermelho quando compreendeu que Meggie conseguiu o que ele tentou em vão durante anos? Certamente vai se perguntar — ela parou de repente e olhou para Darius — como ela conseguiu isso.

Darius parou de bombear.

— Sim, mas para isso Meggie deveria estar aqui. Os dois se olharam.

— É o que faremos, Darius! — sussurrou Elinor. — Faremos Orfeu trazer Meggie de volta, e então ela lerá Resa e Mortimer de volta, com as mesmas palavras que ele utilizar para ela! Assim deverá funcionar! Isso mesmo! — ela começou a andar novamente de um lado para o outro, para lá e para cá, como a pantera no poema de que tanto gostava... só que seu olhar já não tinha mais esperanças. Ela teria de ser hábil. Aquele Orfeu era inteligente. "Você também é inteligente", disse Elinor a si mesma. "Simplesmente tente!"

Ela não pôde evitar, e teve que pensar novamente em como Mortola havia olhado para Mortimer. E se fosse tarde demais, e se...? Ah, que ideia!

Elinor esticou o queixo para a frente, encolheu os ombros e marchou com passos decididos até a porta do porão. Com a palma da mão, ela bateu no metal pintado de branco.

— Ei! — ela exclamou. — Ei, homem-armário! Abra! Preciso falar com esse Orfeu! Imediatamente!

Mas atrás da porta nada se moveu, e Elinor deixou sua mão cair novamente. Por um momento, passou por sua cabeça a horripilante ideia de que os dois

haviam ido embora e os deixado ali, trancados... "E aqui embaixo não há nem mesmo um abridor de latas!", pensou Elinor. Que morte ridícula. De fome entre pilhas de enlatados. Ela estava justamente erguendo as duas mãos para martelar novamente na porta, quando ouviu passos do lado de fora. Passos que se afastavam, subindo a escada que levava do porão para o vestíbulo.

— Ei! — ela gritou tão alto que Darius levou um susto atrás dela. — Ei, espere, seu armário! Abra! Preciso falar com Orfeu!

Mas atrás da porta o silêncio continuou. Elinor caiu de joelhos diante dela. Ela sentiu como Darius se pôs atrás dela e pousou hesitante a mão em seu ombro.

— Ele voltará — ele disse em voz baixa. — Pelo menos ainda estão aqui, não é?

Então ele voltou para o colchão de ar.

Elinor, porém, ficou ali sentada, as costas apoiadas na porta fria, escutando o silêncio. Nem mesmo os pássaros se ouviam ali, nem o menor estrilar de um grilo. "Meggie os trará de volta", ela pensou. "Meggie os trará de volta! Mas e se seus pais já... ?"

"Pensamento errado, Elinor. Pensamento errado."

Ela fechou os olhos e ouviu Darius recomeçar a bombear.

"Eu teria sentido", ela pensou. "Sim, eu teria sentido se algo tivesse acontecido a eles. É assim que acontece em todas as histórias e simplesmente não é possível que *todas* estejam mentindo!"

25. O abrigo na floresta

Pensei que o tique do relógio dizia para a gente Estou tão doente, tão doente, tão doente; Ó morte, venha rápido, rápido, imediatamente.

Frances Cornford, *O relógio* Resa não sabia quanto tempo passara ali, na escura penumbra da caverna que os saltimbancos usavam como dormitório, simplesmente sentada, segurando a mão de Mo. Uma das mulheres saltimbancos trazia-lhe o que comer e, de vez em quando, uma das crianças entrava de mansinho, encostava-se na parede da caverna e ficava escutando o que ela contava a Mo em voz baixa — sobre Meggie e Elinor, sobre Darius, sobre a biblioteca e os livros e a sua oficina, onde ele os curava, de doenças e feridas, tão graves quanto a dele... Que estranhas deviam soar suas histórias para os saltimbancos, histórias de um outro mundo, nunca visto. E que estranho também devia lhes parecer ouvi-la falar com alguém que jazia imóvel, os olhos fechados, como se não fosse abri-los nunca mais.

Acompanhada de três homens, a velha voltara à fortaleza de Capricórnio justamente quando surgia na escada a quinta Dama Branca. O caminho não fora muito longo. Resa vira algumas sentinelas entre as árvores quando entraram na caverna. Velhos e aleijados, mulheres com crianças pequenas eram a quem protegiam — mas pelo visto também àqueles que iam até ali apenas para descansar da vida turbulenta das ruas.

— Do Príncipe Negro — respondera um dos homens que haviam trazido Mo para o abrigo quando Resa lhe perguntara de onde vinham a comida e a roupa para toda aquela gente. E quando ela perguntou a que príncipe ele se referia, ele apenas pusera uma pedra negra em sua mão como resposta.

Urtiga era como a chamavam, a velha que aparecera tão repentinamente no portão da fortaleza de Capricórnio. Todos a tratavam com respeito, mas um pouco de medo certamente também estava em jogo. Resa tivera que ajudá-la a cauterizar o ferimento de Mo. A lembrança ainda lhe causava náuseas. Depois ela ajudara a velha a costurar a ferida e gravara todas as suas recomendações. "Se daqui a três dias ele ainda estiver respirando, talvez viva", dissera antes de deixá-los novamente sozinhos, na caverna que os protegia dos animais selvagens, do sol e da chuva, mas não do medo e dos pensamentos negros do desespero.

Três dias. Lá fora ficou escuro e novamente claro, claro e outra vez escuro, e a cada vez que Urtiga voltava ali e se curvava sobre Mo, Resa procurava desesperadamente por algum sinal de esperança em seu rosto, mas ela continuava impassível. Passaram-se os dias e Mo ainda respirava, mas simplesmente não queria abrir os olhos.

A caverna cheirava a cogumelos, a comida preferida dos duendes; era provável que antigamente o local tivesse sido habitado por todo um bando deles. Agora o cheiro de cogumelos misturava-se ao das folhas secas. Elas haviam sido espalhadas no chão da caverna pelos saltimbancos, folhas e ervas aromáticas. Tomilho, olmeira, aspérula... Resa esfregou as folhas secas entre os dedos enquanto estava ali sentada e umedecia a testa de Mo, que fazia muito tempo não esfriava, estava sempre quente, tão quente... O aroma do tomilho a fez lembrar de uma história sobre fadas que ele lera em voz alta para ela, num tempo infinitamente distante, quando ele ainda não sabia que sua voz era capaz de atrair das letras alguém como Capricórnio. "Nunca leve tomilho selvagem para dentro de casa", dizia a história, "ele traz infortúnio." Resa jogou fora os talos duros e limpou o cheiro dos dedos em seu vestido.

Uma das mulheres trouxe-lhe comida novamente e sentou-se por um tempo ao seu lado, em silêncio, como se quisesse transmitir algum consolo com sua presença. Logo depois, também chegaram três homens, mas ficaram na entrada da caverna, apenas observando Resa e Mo de longe. Eles cochichavam enquanto

olhavam em sua direção.

— Não somos bem-vindos aqui? — perguntou Resa a Urtiga numa de suas visitas silenciosas. — Acho que estão falando de nós.

— Deixe que falem! — respondeu simplesmente a velha. — Eu disse a eles que vocês foram assaltados por bandoleiros, mas evidentemente não ficaram satisfeitos. Uma mulher bonita, um homem com um estranho ferimento, de onde eles vêm? O que aconteceu? São curiosos. E você, se for esperta, não vai deixar que gente demais veja a cicatriz no braço dele.

— Por quê? — Resa olhou para ela sem compreender.

A velha a investigou com os olhos, como se quisesse ver dentro de seu coração.

— Bem, se você realmente não sabe, é melhor deixar as coisas como estão — disse finalmente. — E deixe que falem. Eles não têm muito mais para fazer. Alguns vêm para cá para esperar a morte, outros para que a vida finalmente comece, e outros ainda vivem somente das histórias que lhes contam. Equilibristas, cuspidores de fogo, camponeses, príncipes são todos iguais, carne e sangue e um coração, que, sabem, algum dia vai parar de bater.

Cuspidores de fogo. O coração de Resa deu um salto quando Urtiga pronunciou a palavra. Por que ela não havia pensado nisso antes?

— Por favor — ela disse quando a velha mulher já estava de volta na entrada da caverna. — Você deve conhecer muitos saltimbancos. Existe um entre eles que se chama Dedo Empoeirado?

Urtiga virou-se lentamente, como se primeiro precisasse decidir se queria responder.

— Dedo Empoeirado? — ela repetiu mal-humorada. — Vai ser difícil encontrar um saltimbanco que não o conheça, mas já faz anos que ninguém o vê. Embora haja boatos de que ele voltou...

"Sim, voltou", pensou Resa, "e vai me ajudar, como eu o ajudei no outro mundo."

— Preciso enviar um recado para ele! — ela própria ouviu o quão desesperada soou sua voz. — Por favor.

Urtiga mediu-a com o olhar, sem mover um músculo de seu rosto moreno.

— Bailarino das Nuvens está aqui — ela disse finalmente. — Ele está com dores na perna de novo, mas assim que melhorar partirá outra vez. Pergunte se ele pode tentar achá-lo para você e levar sua mensagem.

Então ela se foi. Bailarino das Nuvens.

Lá fora anoiteceu mais uma vez e, com a escuridão, homens, crianças c mulheres entraram na caverna e deitaram-se nas folhas secas para dormir, longe deles, como se a imobilidade de Mo fosse algo contagioso. Uma das mulheres trouxe-lhe um archote. Ele pintava sombras tremulantes nas paredes de pedra, sombras que faziam caretas e tocavam com dedos negros o rosto pálido de Mo. O fogo não afastara as Damas Brancas, embora se dissesse que elas o cobiçavam

e temiam ao mesmo tempo. Elas sempre voltavam à caverna como reflexos pálidos, os rostos feitos de névoa. Aproximavam-se e depois desapareciam, provavelmente espantadas pelo cheiro acre das ervas que Urtiga havia espalhado em volta do leito de Mo. "Isso as manterá afastadas", dissera a velha mulher, "mas assim mesmo você precisa ficar atenta."

Uma das crianças chorou durante o sono. Sua mãe acariciou seus cabelos, e Resa pensou em Meggie. Será que ela estava sozinha ou o garoto ainda estava com ela? Ela estava feliz, triste, doente, saudável? Quantas vezes se fizera essas perguntas, como se esperasse que, em algum momento, alguém lhe desse uma resposta.

Uma mulher trouxe-lhe água fresca. Agradecida, Resa sorriu para ela e perguntou por Bailarino das Nuvens.

— Esse aí prefere dormir ao ar livre — ela disse e apontou para fora.

Resa não vira mais Damas Brancas, mas assim mesmo acordou uma das mulheres que haviam se oferecido para revezar com ela durante a noite. Depois, passou sobre os saltimbancos que estavam dormindo e saiu da caverna.

A lua, mais clara do que todos os archotes, brilhava através do denso teto de folhas. Alguns homens estavam sentados ao redor de uma fogueira. Hesitante, Resa andou em sua direção, com um vestido que não tinha nada a ver com aquele lugar, que, mesmo para uma mulher saltimbanco, terminava muito acima dos calcanhares e, além disso, estava rasgado...

Os homens olharam para ela, desconfiados e curiosos ao mesmo tempo.

— Algum de vocês é Bailarino das Nuvens?

Um homem baixo, magro, sem dentes e provavelmente não tão velho quanto aparentava cutucou com o cotovelo o saltimbanco que estava ao seu lado.

— Por que a pergunta? — O rosto era amistoso, porém alerta.

— Urtiga disse que talvez você possa entregar um bilhete para mim.

— Um bilhete? Para quem? — Ele estendeu a perna esquerda e esfregou o joelho como se sentisse dor.

— Para um cuspidor de fogo. Seu nome é Dedo Empoeirado. Seu rosto...

Bailarino das Nuvens passou o dedo em seu próprio rosto.

— … três cicatrizes, eu sei. O que você quer dele?

— Eu gostaria que entregasse isso a ele!

Resa ajoelhou-se ao lado do fogo e pôs a mão no bolso de seu vestido. Ela sempre tinha consigo um lápis e algum papel, haviam substituído sua língua durante anos. Agora sua voz havia voltado, mas, para uma mensagem a Dedo Empoeirado, uma língua de madeira era mais útil. Com os dedos trêmulos, Resa começou a escrever, sem dar atenção aos olhares desconfiados que acompanhavam sua mão, como se ela estivesse fazendo algo proibido.

— Ela sabe escrever — observou o homem desdentado.

A desaprovação em sua voz era evidente. Já fazia tempo, muito tempo, que Resa costumava se sentar nos mercados das cidades do outro lado da floresta, vestida como um homem, os cabelos curtos, pois não havia encontrado outro meio de ganhar seu pão que não fosse a escrita, um ofício proibido para as mulheres naquele mundo. A pena era a escravidão, e ela se tornara uma escrava, uma das escravas de Mortola. Fora a gralha quem descobrira seu disfarce e, como recompensa, pudera levá-la consigo, para a fortaleza de Capricórnio.

— Dedo Empoeirado não poderá ler isso — observou Bailarino das Nuvens com voz calma.

— Poderá sim. Eu o ensinei a ler.

Que olhares desconfiados lançavam em sua direção. Letras. Riscos misteriosos, ferramentas dos ricos, que não haviam sido pensadas para os saltimbancos e muito menos para as mulheres...

Apenas Bailarino das Nuvens sorriu.

— Ora, essa. Dedo Empoeirado sabe ler — ele disse em voz baixa. — Muito bem, mas eu não. Portanto, é melhor me dizer o que escreveu, para que eu também possa transmitir as palavras caso o seu papel se perca.

É fácil isso acontecer com palavras escritas, muito mais fácil do que com aquelas que a gente guarda na cabeça.

Resa olhou para o rosto de Bailarino das Nuvens. "Você confia cedo demais nas pessoas..." Quantas vezes Dedo Empoeirado não lhe dissera isso, mas que escolha ela tinha? Com voz baixa, ela repetiu o que havia escrito: "Caro Dedo Empoeirado, estou com Mo no abrigo dos saltimbancos, no fundo da Floresta Sem Caminhos. Mortola e Basta nos trouxeram para cá, e Mortola" — sua voz falhou ao pronunciar essa frase — "e Mortola atirou em Mo. Meggie também está aqui, não sei onde, mas, por favor, procure-a e traga-a até mim! Proteja-a, como você tentou fazer comigo. Mas tome cuidado com Basta! Resa".

— Mortola? Não era esse o nome da velha que morava com os incendiários? — O saltimbanco que perguntou isso não tinha a mão direita. Um ladrão. Por um pão, perdia-se a mão esquerda; por um pedaço de carne, a direita.

— Isso mesmo, dizem que ela já envenenou mais homens do que os fios de cabelo de Cabeça de Víbora. — Bailarino das Nuvens empurrou uma acha de lenha de volta para o fogo. — E naquela época Basta cortou o rosto de Dedo Empoeirado. Ele não vai gostar de ouvir os dois nomes.

— Mas Basta está morto — retrucou o saltimbanco desdentado. — E dizem o mesmo da velha!

— Isso é o que contam para as crianças — disse um deles, e virou de costas para Resa. — Para que elas durmam melhor. Alguém como Mortola não morre. Apenas faz morrer.

"Não vão me ajudar", pensou Resa. "Não depois de terem ouvido os dois nomes." O único que parecia um pouco amistoso era um homem que estava vestido com o vermelho e negro dos cuspidores de fogo. Bailarino das Nuvens, porém, ainda olhava para Resa como se não soubesse o que pensar dela, dela e

de sua mensagem. Mas então, finalmente, ele pegou o papel de seus dedos sem dizer nada e colocou-o na bolsa que trazia no cinto.

— Está bem, transmitirei sua mensagem a Dedo Empoeirado — ele disse. — Sei onde ele está.

Ele ajudaria. Resa mal podia acreditar.

— Muito obrigada. — Cambaleante de cansaço, ela se levantou. — Quando você acha que ele receberá a mensagem?

Bailarino das Nuvens passou a mão em seu joelho.

— Antes a minha perna precisa melhorar.

— Claro — Resa engoliu as palavras que queriam implorar para que se apressasse. Era melhor não insistir, do contrário ele poderia mudar de ideia, então quem iria procurar Dedo Empoeirado para ela? Uma acha estalou na fogueira e cuspiu faíscas a seus pés. — Não tenho nada com que possa lhe pagar — ela disse — mas talvez aceite isso.

Ela tirou a aliança do dedo e estendeu-a para Bailarino das Nuvens. O homem desdentado lançou um olhar cobiçoso para o anel de ouro, como se tivesse vontade de esticar sua mão para pegá-lo, mas Bailarino das Nuvens sacudiu a cabeça.

— Não, esqueça isso — disse. — Seu marido está doente, e desfazer-se da

aliança de casamento dá azar, não é?

Azar. Depressa, Resa pôs o anel de volta no dedo.

— Sim — ela murmurou. — Sim, você tem razão. Agradeço muito. Agradeço muito mesmo!

Ela se virou.

— Ei, você! — O saltimbanco que havia virado de costas olhava para ela. Só tinha dois dedos na mão direita. — O seu marido... ele tem cabelos escuros. Escuros como o pelo de uma toupeira. E ele é alto, muito alto.

Confusa, Resa olhou para ele.

— Sim?

— E então a cicatriz. Exatamente no lugar onde dizem as canções. Eu vi. Todo mundo sabe como ela foi feita: os cães de Cabeça de Víbora o morderam, quando ele foi caçar perto do Castelo da Noite e abateu um cervo, um dos cervos brancos que só Cabeça de Víbora em pessoa pode matar.

Do que ele estava falando? Resa lembrou-se das palavras de Urtiga: "E você, se for esperta, não deixe que gente demais veja a cicatriz no braço dele".

O desdentado riu.

— Escutem só Dois Dedos. Ele acha que Gaio está deitado lá dentro na caverna. Desde quando você acredita nas histórias que contam para as crianças? Ele também está usando a máscara de penas?

Resa sentiu como o cuspidor de fogo a observava pensativo.

— Não sei do que vocês estão falando — ela disse. — Não conheço nenhum Gaio.

— Ah, não? — Dois Dedos pegou o alaúde que estava ao seu lado na relva. Resa nunca ouvira a canção que ele começou a cantar em voz baixa: *Da escura floresta, vem a esperança certeira, os príncipes já estão abalados.*

Seu cabelo é preto como o pelo da toupeira, ele deixa os tiranos irados.

Esconde seu rosto com a pena que empresta do alegre gaio.

Os assassinos enfim condena, os espiões logra sem ensaio.

Rouba sua caça, pega o couro; leva suas bolsas, e cheias de ouro.

Mas quando é amaldiçoado, desaparece, vira uma sombra, e sempre em vão é procurado.

O modo como olhavam para ela. Resa deu um passo para trás.

— Preciso voltar para o meu marido — ela disse. — Essa canção... não tem nada a ver com ele, acreditem.

Ela sentiu os olhares em suas costas ao caminhar para a caverna. "Esqueça-os, Resa!", pensou. "Dedo Empoeirado receberá sua mensagem, e isso é o que importa."

A mulher que havia ficado em seu lugar levantou-se sem dizer nada e deitou-se novamente com os outros. Resa estava tão exausta que cambaleou quando se ajoelhou no chão coberto de folhas. Mais uma vez, seus olhos se encheram de lágrimas. Ela as enxugou com a manga, encostou o rosto no tecido que tinha um cheiro familiar... da casa de Elinor... do velho sofá onde se sentara com Meggie e lhe contara sobre aquele mundo. Começou a soluçar, tão alto que temeu ter acordado alguém. Assustada, tapou a boca com a mão.

— Resa? — Era pouco mais do que um sussurro.

Ela ergueu a cabeça. Mo estava olhando para ela. Ele estava olhando para ela.

— Ouvi a sua voz — ele murmurou.

Ela não sabia o que deveria fazer, se rir ou chorar. Então se debruçou sobre ele, cobriu seu rosto de beijos. E fez ambas as coisas.



26. O plano de Fenoglio

Deem-me um pedaço de papel e um instrumento para escrever, e eu mudarei o mundo.

Friedrich Nietzsche

Dois dias haviam se passado desde a festa no castelo, dois dias em que Fenoglio se dedicara a mostrar a Meggie cada canto de Ombra.

— Hoje — ele disse depois do café da manhã na casa de Minerva, antes de saírem —, hoje vou lhe mostrar o rio. É uma descida íngreme, um tanto incômoda para os meus velhos ossos, mas não há lugar mais tranquilo para conversar. Além disso, se tivermos sorte, você poderá ver algumas ninfas.

Meggie gostaria de ver uma ninfa. Na Floresta Sem Caminhos, ela só vira uma única, numa lagoa turva e, assim que o reflexo de Meggie aparecera na água, ela fugira depressa. Mas sobre o que Fenoglio queria falar com tranquilidade? A resposta não era difícil.

O que ele queria que ela lesse dessa vez? Quem ela deveria ler? E de onde? De uma outra história também escrita por Fenoglio? O caminho pelo qual desciam serpenteava por campos íngremes, nos quais os camponeses trabalhavam ao sol da manhã, os corpos curvados sobre a terra. Que penoso devia ser arrancar da terra pedregosa o suficiente para resistir ao inverno. E todos os comensais clandestinos que se lançavam sobre as escassas provisões: ratos, insetos, vermes, carunchos. A vida era tão mais difícil no mundo de

Fenoglio, e mesmo assim Meggie tinha a sensação de que, a cada novo dia, sua história ia tecendo um feitiço em volta de seu coração, pegajoso como uma teia de aranha e, ao mesmo tempo, sedutoramente belo...

Tudo ao seu redor já lhe parecia completamente real. Suas saudades de casa haviam quase desaparecido.

— Venha! — A voz de Fenoglio despertou-a de seus pensamentos. Diante deles estava o rio, brilhando ao sol, a margem orlada pelas flores murchas que flutuavam na superfície. Fenoglio pegou sua mão e conduziu-a entre as grandes pedras que havia na margem. Esperançosa, Meggie inclinou-se sobre a água que corria lentamente, mas não conseguiu ver nenhuma ninfa.

— Oh, elas são tímidas. Gente demais! — com ar de reprovação, Fenoglio apontou para as mulheres que lavavam roupa a poucos passos deles. Ele fez sinal a Meggie para seguirem adiante, até que as vozes sumiram e tudo o que se ouvia era o rumorejar da água. Atrás deles, contra o azul pálido do céu, erguiam-se os telhados e as torres de Ombra. As casas espremiam-se entre os muros da cidade como pássaros num ninho apertado e, acima delas, tremulavam as bandeiras pretas do castelo, como se quisessem escrever no céu a tristeza do Príncipe Porcino.

Meggie subiu numa pedra plana que se aprofundava dentro da água. O rio não era largo, mas parecia ser fundo, a água era mais escura do que as sombras na outra margem.

— Está vendo alguma? — Fenoglio quase escorregou da pedra úmida quando se juntou a ela. Meggie sacudiu a cabeça. — O que há com você? — Fenoglio a conhecia bem, dos dias e das noites que haviam passado juntos na casa de Capricórnio. — Está com saudades de casa novamente?

— Não, não. — Meggie ajoelhou-se e mergulhou os dedos na água gelada. — Tive aquele sonho de novo.

No dia anterior, Fenoglio havia lhe mostrado a viela dos padeiros, as casas em que moravam os comerciantes de especiarias e de tecidos, e cada carranca, cada flor, cada friso ricamente ornamentado com que os habilidosos escultores de Ombra haviam enfeitado as casas da cidade. Fenoglio parecia considerar tudo aquilo sua legítima criação, a julgar pelo orgulho com que conduzia Meggie por todos os cantos da cidade, mesmo os mais escondidos. "Bem, nem todos", admitira, quando ela quis puxá-lo para uma viela que ainda não tinham visto. "Evidentemente, Ombra também tem seu lado feio, por que iríamos incomodar sua bela cabecinha com isso?"

Já estava escuro quando voltaram para a câmara no sótão de Minerva, e Fenoglio brigara com Quartzo Rosa, porque o homenzinho havia borrifado tinta nas fadas. Embora os dois elevassem cada vez mais a voz, Meggie acabara adormecendo, debaixo da janela, no colchão de palha que Minerva mandara carregar para ela pela escada íngreme, e de repente aparecera aquele vermelho, um vermelho apagado, como um brilho úmido, e seu coração começara a bater cada vez mais depressa, mais e mais, até que as fortes batidas a despertaram do sono...

— Ali, veja! — Fenoglio pegou seu braço.

Escamas coloridas brilhavam sob a pele úmida do rio. Num primeiro momento, Meggie tomou-a por uma folha, mas então ela viu os olhos, olhos que olhavam para ela, tão semelhantes a olhos humanos e ao mesmo tempo tão diferentes, pois não havia branco neles. Os braços da ninfa pareciam frágeis e delicados, quase translúcidos. Mais um olhar, e então a cauda coberta de escamas bateu na água, e nada mais havia para ver, apenas um cardume de

peixes que deslizava pela corrente, prateado como gosma de caracol, e um enxame de elfos de fogo, como os que ela vira com Farid na floresta. Farid... ele fizera uma flor de fogo brotar a seus pés, somente para ela. Dedo Empoeirado realmente havia lhe ensinado muito, coisas maravilhosas...

— Acho que é sempre o mesmo sonho, mas não consigo me lembrar. Só do medo... como se algo terrível tivesse acontecido! — ela se virou para Fenoglio. — Você acredita nisso?

— Besteira! — Fenoglio espantou o pensamento como a um inseto inconveniente. — O culpado pelo seu sonho ruim é Quartzo Rosa. As fadas devem ter pousado em sua testa essa noite, porque ele as irritou! Essas criaturinhas são vingativas e, infelizmente, para elas não faz a menor diferença em quem se vingam.

— Ah...

Meggie mergulhou os dedos no rio novamente. A água estava tão fria que a fez tremer. Ouviu as mulheres que lavavam roupa rirem, e um elfo de fogo pousou em seu braço. Olhos de inseto olhavam para ela de um rosto humano. Depressa Meggie espantou a minúscula criatura.

— Muito sábia — observou Fenoglio. — Você precisa tomar cuidado com os elfos de fogo. Queimam a sua pele.

— Eu sei, Resa me contou sobre eles.

Meggie seguiu o elfo com o olhar. Em seu braço, no lugar onde ele pousara, ardia uma mancha vermelha.

— São uma invenção minha — declarou Fenoglio orgulhoso. — Produzem um mel que toma quem o consumir capaz de falar com o fogo. É muito cobiçado entre os cuspidores de fogo, mas os elfos atacam todos os que se aproximam dos seus ninhos, e quase ninguém sabe como fazer para roubar o mel sem adquirir terríveis queimaduras em troca. Se não me falha a memória, Dedo Empoeirado deve ser o único.

Meggie apenas assentiu com a cabeça. Não prestara muita atenção.

— Sobre o que você queria falar comigo? Quer que eu leia alguma coisa, não é?

Algumas flores murchas passaram, levadas pela corrente, vermelhas como sangue seco, e o coração de Meggie começou a bater tão forte que ela pôs a mão no peito. O que estava acontecendo com ela?

Fenoglio desamarrou a bolsa de seu cinto e despejou uma pedra vermelha achatada na palma da mão.

— Não é magnífica? — perguntou. — Eu a comprei esta manhã, você ainda estava dormindo. ÉE um berilo, uma pedra de leitura. É usada como óculos.

— Eu sei. E daí? — Meggie passou a ponta dos dedos sobre a pedra lisa. Mo tinha várias delas. Ficavam no peitoril da janela de sua oficina.

— E daí? Não seja tão impaciente! Violante é quase tão cega quanto uma toupeira, e o seu encantador filhinho roubou-lhe sua antiga pedra de leitura. Daí

que providenciei uma nova (embora isso tenha quase me arruinado). Em troca, ela ficará tão gentilmente agradecida que nos contará algumas coisas sobre seu falecido esposo! Eu sei, inventei Cosme, mas já faz muito tempo que escrevi sobre ele. Para ser sincero, não me lembro muito bem, além disso... quem pode dizer o quanto ele mudou desde que esta história meteu na cabeça de continuar a se contar sozinha!

Um mau pressentimento moveu-se dentro de Meggie. Não, ele não podia estar pensando naquilo. Nem mesmo Fenoglio teria uma ideia como aquela. Ou teria?

— Escute, Meggie! — Ele baixou a voz, como se as mulheres que lavavam roupa acima no rio, apesar de tudo, pudessem ouvi-lo. — Nós dois traremos Cosme de volta!

Meggie levantou-se tão abruptamente que quase escorregou e caiu no rio.

— Você está louco. Completamente louco! Cosme está morto!

— Alguém pode provar isso? — O sorriso de Fenoglio não lhe agradou nem um pouco. — Já lhe contei, seu corpo foi queimado a ponto de não poder ser reconhecido. Seu próprio pai não tinha certeza de que era realmente Cosme! Somente após meio ano mandou sepultar o morto no sarcófago que estava destinado a seu filho.

— Mas era Cosme, não era?

— Quem pode afirmar? Foi um massacre terrível. Dizem que os incendiários haviam armazenado um certo pó de alquimia em sua fortaleza. Raposa Vermelha

explodiu-o para escapar. As chamas atingiram Cosme e a maior parte de seus homens, os muros desabaram sobre eles, e mais tarde ninguém sabia dizer quem eram os mortos encontrados sob os escombros.

Meggie ficou horrorizada. Fenoglio parecia gostar de tudo aquilo. Era difícil acreditar em como ele parecia satisfeito.

— Era ele, com certeza, você sabe disso! — Meggie baixou a voz num sussurro. — Fenoglio! Não podemos trazer os mortos de volta!

— Eu sei, eu sei, talvez não. — Em sua voz soou o mais profundo pesar. — Muito embora... os mortos também não voltaram quando você chamou Sombra?

— Não! Todos se tomaram cinzas novamente! Em poucos dias. Elinor chorou amargamente. Ela voltou à aldeia de Capricórnio, embora Mo tenha tentado dissuadi-la, e lá também não havia ninguém. Todos haviam desaparecido. Para sempre.

— Hum. — Fenoglio olhou para suas mãos. Elas pareciam as mãos de um camponês ou de um artesão, e não mãos que somente manejavam uma pena. — Então não, tudo bem! — ele murmurou. — Talvez seja melhor assim. Como uma história vai funcionar se a qualquer momento qualquer um pode retornar da morte? Isso causaria uma confusão sem remédio e arruinaria todo o suspense! Não. Você tem razão. Os mortos devem continuar mortos. E é por isso que não traremos Cosme de volta, somente alguém com a sua aparência!

— ... sua aparência? Você está louco! — sussurrou Meggie. — Completamente louco!

Mas essa opinião não pareceu impressionar Fenoglio minimamente.

— E daí? Todos os escritores são loucos! Acredite, escolherei minhas palavras com tanto cuidado, mas tanto cuidado, que o nosso Cosme, embora novinho em folha, terá a firme convicção de que ele é o antigo. Você entendeu, Meggie? Mesmo que seja apenas um sósia, ele não precisa saber disso. Não pode saber disso. O que você me diz?

Meggie apenas sacudiu a cabeça. Ela não fora para aquele mundo para mudá-lo. Ela somente queria vê-lo!

— Meggie! — Fenoglio pôs a mão em seu ombro. — Você viu o Príncipe Porcino. Qualquer dia desses ele pode morrer. E o será de todos nós, então? Cabeça de Víbora não manda apenas enforcar saltimbancos! Ele manda cegar seus camponeses porque caçaram um coelho na floresta. Faz as crianças trabalharem em suas minas de prata até ficarem cegas e curvadas, e seu novo arauto é Raposa Vermelha, incendiário e assassino!

— Ah, é? E quem o inventou assim? Você! — Irritada, Meggie tirou a mão dele de seu ombro. — Você sempre teve um fraco por seus vilões!

— Bem, pode ser. — Fenoglio apenas sacudiu os ombros como se fosse algo contra o qual ele era totalmente impotente. — Mas o que quer que eu faça? Quem deseja ler uma história sobre dois príncipes gentis e amáveis que reinam sobre um bando ridículo de súditos totalmente felizes? Que tipo de história seria essa?

Meggie inclinou-se sobre o rio e pescou uma das flores vermelhas.

— Você gosta de inventá-los! — ela disse baixinho. — Todos esses monstros!

Quanto a isso, o próprio Fenoglio nada tinha a retrucar. Os dois ficaram calados, enquanto mais adiante no rio as mulheres estendiam suas roupas para secar nas pedras. O sol ainda estava quente, apesar das flores murchas que a corrente arrastava incansavelmente para a margem.

Foi Fenoglio quem finalmente rompeu o silêncio.

— Por favor, Meggie! — ele disse. — Só mais esta vez. Se você me ajudar a retomar as rédeas dessa história, escreverei palavras maravilhosas para enviar você de volta para casa, não importa quando queira ir! E se acaso mudar de ideia, por gostar mais do meu mundo, então trarei o seu pai para *cá*... e a sua mãe... e até mesmo a devoradora de livros, embora ache que ela é uma péssima pessoa pelo que você me contou!

Meggie teve que sorrir. "Sim, Elinor gostaria daqui", pensou. "E Resa certamente também gostaria de voltar para cá mais uma vez. Mas Mo não. Jamais."

Ela se ergueu de repente e alisou o vestido. Então olhou para o castelo e imaginou como seria se quem reinasse lá fosse Cabeça de Víbora com seu olhar de salamandra. E ela já nem gostara muito do Príncipe Porcino.

— Meggie, acredite em mim — disse Fenoglio. — Você faria realmente uma boa ação. Devolveria um filho ao seu pai, o marido a uma mulher, um pai a um filho, certo, ele não é uma criança especialmente amável, mas mesmo assim! E você ajudaria a atrapalhar os planos de Cabeça de Víbora. Vai me dizer que isso não é nobre? Por favor, Meggie! — olhou para ela quase suplicante. — Ajude-

me. Esta ainda é a minha história! Acredite, sei o que é melhor para ela! Empreste-me sua voz, só mais uma vez!

Empreste-me sua voz... Meggie ainda olhava para o castelo, mas já não via as bandeiras, e sim Sombra e Capricórnio deitados mortos no chão.

— Está bem, vou pensar — ela disse. — Mas agora Farid está esperando por mim.

Fenoglio olhou tão espantado para ela como se de repente tivessem crescido asas em suas costas.

— É mesmo? Ele está esperando? — A reprovação em sua voz era evidente. — Mas eu queria levá-la ao castelo, para dar a pedra para a Feia. Queria que você ouvisse o que ela vai contar sobre Cosme...

— Prometi a Farid!

Eles haviam combinado diante do portão da cidade para que Farid não precisasse passar pelos guardas.

— Prometeu? E daí? Você não seria a primeira garota que deixaria um pretendente esperando.

— Ele não é meu pretendente.

— Então melhor ainda! Afinal, como seu pai não está aqui, devo cuidar de você! — Fenoglio olhou para ela com ar rabugento. — Você cresceu! Aqui as garotas casam com a sua idade. Sim, não me olhe dessa maneira! A segunda filha de Minerva está casada há cinco meses, e acabou de fazer catorze anos. Que idade tem esse garoto? Quinze? Dezesseis?

Meggie não respondeu. Simplesmente lhe deu as costas.



27. Violante

Já no dia seguinte, minha avó começou a me contar histórias.

Na verdade, ela fazia isso para nós dois esquecermos nossa grande tristeza.

Roald Dahl, *As bruxas* Fenoglio simplesmente convenceu Farid a ir com eles ao castelo.

— Ótimo, isso vem bem a calhar! — sussurrou para Meggie. — Ele pode entreter aquele infante mimado para que possamos fazer Violante falar com todo o sossego.

Naquela manhã, o Pátio Externo do castelo parecia abandonado. Apenas alguns galhos secos e bolinhos pisados ainda lembravam a festa que havia acontecido ali. Criados, ferreiros, estribeiros, todos já tinham retomado seu trabalho, mas um silêncio opressivo parecia pairar entre os muros. Os guardas deixaram-nos passar sem fazer perguntas quando reconheceram Fenoglio e, sob as árvores do Pátio Interno, um grupo de homens em trajes cinzentos veio ao seu encontro.

— Barbeiros! — murmurou Fenoglio preocupado enquanto os seguia com o olhar. — E em número mais do que suficiente para curar ou matar uma dúzia de homens. Isso não é nada bom.

O criado que interceptou Fenoglio diante da sala do trono estava pálido e

parecia não ter dormido o suficiente. O Príncipe Porcino, ele sussurrou para Fenoglio, recolhera-se em seu leito já durante a festa de seu neto, e desde então não se levantara novamente. Não comia nem bebia mais e enviara um mensageiro ao escultor que trabalhava em seu sarcófago, para que o instasse a se apressar.

Apesar disso, puderam visitar Violante. O Príncipe Porcino não queria ver sua nora nem seu neto. Até mesmo os barbeiros ele havia dispensado. Somente Tullio, seu pajem de rosto peludo, era tolerado perto dele.

— Ela está de novo onde não tem permissão para ficar! — O criado sussurrou, como se o príncipe doente o pudesse ouvir de seus aposentos, enquanto os conduzia pelo castelo. Em cada corredor, uma estátua de Cosme olhava de cima para eles. Desde que Meggie tomara conhecimento dos planos de Fenoglio, seus olhos de pedra a inquietavam ainda mais.

— Todas têm o mesmo rosto — Farid sussurrou para ela, mas antes que Meggie pudesse lhe explicar por que era assim, o criado fez um sinal para que subissem por uma escada em espiral.

— Balbulus continua se fazendo pagar muito bem para deixar Violante entrar na biblioteca? — perguntou Fenoglio com voz baixa, quando seu guia parou diante de uma porta adornada com letras de latão.

— A pobre já lhe entregou quase todas as suas joias — sussurrou o criado em resposta. — Também não admira, ele veio do Castelo da Noite. Todos os que vêm do outro lado da floresta são gananciosos, todo mundo sabe disso. Com exceção da senhora.

— Entre! — exclamou uma voz mal-humorada quando ele bateu. A sala em

que entraram era tão clara que, depois de tantas escadas e tantos corredores escuros, Meggie precisou piscar os olhos. Através de janelas altas, a luz do dia incidia sobre uma série de púlpitos de escrita adornados com ricos entalhes. O homem que estava diante do maior deles não era jovem nem velho, tinha cabelos pretos e olhos castanhos que não pareceram nada simpáticos quando ele se virou para os visitantes.

— Ah, o Tecelão da Tinta! — ele disse e pôs de lado contrafeito a pata de coelho que segurava na mão.

Meggie sabia para que ela servia, Mo já lhe explicara muitas e muitas vezes. O pergaminho ficava maleável quando era raspado com uma pata de coelho. E ao lado estavam os pigmentos, cujos nomes Mo sempre tinha que repetir. "Diga os nomes das cores mais uma vez!" Quantas vezes ela não o importunara com esse pedido, porque não conseguia se cansar da sua sonoridade: ouro-pigmento, azul de lápis-lazúli, violeta e verde malaquita. "Como elas ainda brilham tanto, Mo?", ela perguntara. "São tão velhas! Do que são feitas?" E Mo lhe explicara como eram produzidos todos aqueles pigmentos maravilhosos, que, mesmo depois de centenas de anos, ainda brilhavam como se tivessem sido roubados do arco-íris, porque as páginas do livro os protegiam da luz e do ar. Que, para o verde malaquita, maceravam-se as pétalas da íris selvagem e as misturavam ao óxido de chumbo amarelo, que o vermelho era feito de moluscos e piolhos.. . Quantas vezes não haviam olhado juntos as imagens num dos magníficos manuscritos que Mo precisara libertar da sujeira de muitos anos. "Veja só que gavinhas delicadas!", ele dizia então. "Você consegue imaginar quão finos os pincéis e as penas tinham que ser para pintar algo assim, Meggie?" Quantas vezes ele não se queixara de que não existia mais quem soubesse fabricar aquelas ferramentas? Ferramentas que agora ela via com seus próprios olhos: penas finas como fios de cabelo e pincéis minúsculos, todo um feixe deles num jarro vitrificado, pincéis capazes de fixar flores e rostos do tamanho da cabeça de um alfinete no pergaminho e no papel umedecido com um pouco de goma arábica para que o pigmento aderisse melhor. Seus dedos comichavam querendo tirar um deles do feixe e levá-lo, para Mo... "Ao menos para isso ele deveria vir!", ela pensou. "Para estar nesta sala."

A oficina de um iluminador... O mundo de Fenoglio parecia duas, três vezes mais maravilhoso. "Elinor daria seus dois dedos mindinhos para estar aqui", pensou Meggie e fez menção de se aproximar de um dos púlpitos para observar tudo mais de perto, pincéis, tintas, pergaminho, mas Fenoglio a segurou.

— Balbulus! — ele esboçou uma mesura. — Como está se sentindo o nosso mestre hoje? — Era impossível não perceber o sarcasmo em sua voz.

— Tecelão da Tinta está à procura da senhora Violante — declarou o criado com voz arrastada.

Balbulus apontou para uma porta às suas costas.

— Bem, o senhor sabe onde fica a biblioteca. Talvez fosse melhor mudar seu nome para "câmara dos tesouros esquecidos". — Ele sibilava ligeiramente. Sua língua batia contra os dentes, como se não houvesse espaço suficiente em sua boca. — Nesse momento, Violante está admirando o meu mais recente trabalho, isto é, o que ela consegue entender dele. E a minha cópia das histórias que o senhor escreveu para o filho dela. Devo admitir que preferia ter usado o pergaminho para outros textos, mas Violante insistiu.

— Bem, é realmente uma pena que tenha que desperdiçar sua arte com tais bagatelas — retrucou Fenoglio, sem lançar um único olhar ao trabalho que Balbulus acabara de pousar sobre o púlpito à sua frente.

Farid também não parecia interessado na imagem. Ele olhou para a janela, através da qual o azul do céu brilhava mais do que todos os pigmentos nas cerdas dos finos pincéis. Meggie, porém, queria ver o quanto Balbulus entendia

de sua arte, se fazia jus à sua postura tão arrogante. Discretamente, ela deu um passo para a frente. Viu uma imagem, cuja margem era adornada em folha de ouro, onde se viam um castelo entre colinas verdes, uma floresta, cavaleiros suntuosamente paramentados entre as árvores, fadas voando ao redor e um cervo branco pondo-se em fuga. Nunca antes Meggie vira uma pintura como aquela. Brilhava como vidro colorido, como uma janela no pergaminho. Como ela gostaria de ter se debruçado sobre o pergaminho para observar os rostos, a cerca, as flores e as nuvens, porém Balbulus lançou-lhe um olhar tão gélido que ela recuou enrubescida.

— O poema que o senhor trouxe ontem — disse Balbulus com voz entediada enquanto se debruçava novamente sobre o seu trabalho — era bom. O senhor deveria escrever mais vezes coisas desse tipo, mas sei que prefere criar histórias para crianças ou canções para o Povo Colorido. Por quê? Para que o vento cante as suas palavras? Palavras faladas não vivem muito mais do que um inseto! Apenas a palavra escrita vive para sempre.

— Para sempre? — Fenoglio pronunciou essas palavras como se não houvesse nada mais ridículo no mundo. — Nada dura para sempre. E nada melhor pode acontecer às palavras do que serem cantadas por um saltimbanco! Sim, é verdade, elas se alteram quando isso acontece, a cada vez são cantadas de uma maneira diferente, mas isso não é maravilhoso? Uma história que sempre está com roupa nova quando se volta a ouvi-la, existe algo melhor? Uma história que cresce e dá flores como algo vivo! Veja, por outro lado, as que são impressas nos livros... Bem, talvez vivam mais, porém apenas respiram quando alguém abre o livro. Elas são som prensado entre folhas de papel, e somente uma voz as desperta novamente para a vida! Então soltam faíscas, Balbulus! Elas se tornam livres como pássaros e saem voando pelo mundo. Sim. Talvez você tenha razão, o papel as torna imortais. Ah, mas por que deveria me preocupar com isso? Acaso continuarei a viver junto com as minhas palavras, cuidadosamente prensado entre as páginas de um livro? Absolutamente! Não somos imortais, e isso nem mesmo as mais belas palavras podem mudar. Ou podem?

Balbulus o escutara com o rosto impassível.

— Que modo incomum de ver as coisas, Tecelão da Tinta! — ele disse. — Eu, da minha parte, dou grande importância à imortalidade do meu trabalho, e muito pouca aos saltimbancos. Mas por que não vai ver Violante agora? Creio que não demora ela terá que ouvir as queixas de algum camponês ou as lamúrias de algum comerciante sobre os salteadores que tornam as estradas inseguras. Atualmente está quase impossível obter um pergaminho de qualidade aceitável. São roubados e depois oferecidos nos mercados por preços obscenos! O senhor faz alguma ideia de quantas cabras é preciso matar para copiar uma das suas histórias?

— Aproximadamente uma para cada página dupla — disse Meggie e recebeu mais um olhar glacial de Balbulus.

— Garota sabida — ele disse, num tom que fez suas palavras soarem mais como uma ofensa do que como um elogio. — E por quê? Porque os imbecis desses pastores conduzem seus rebanhos por moitas e arbustos espinhosos sem pensar que alguém precisa da sua pele para escrever!

— Pois é, é o que sempre digo — disse Fenoglio ao empurrar Meggie para a porta da biblioteca. — Papel, Balbulus. Papel é o material do futuro.

— Papel! — Balbulus bufou com desdém. — Céus, Tecelão da Tinta, o senhor é ainda mais louco do que eu pensava.

Meggie já visitara com Mo um sem-número de bibliotecas. Muitas eram maiores, mas talvez nenhuma delas fosse tão bonita quanto à do Príncipe Porcino. Ainda se podia notar que antigamente ela fora o local preferido de seu dono. Ali havia apenas um busto branco, em pedra, de Cosme, e alguém

colocara rosas diante dele. As tapeçarias que enfeitavam as paredes eram mais bonitas do que as da sala do trono, os candelabros mais pesados, as cores mais quentes, e Meggie vira o suficiente na oficina de Balbulus para ter uma noção dos tesouros que havia ao seu redor. Presos por correntes, estavam nas estantes, não como na biblioteca de Elinor, com as lombadas lado a lado, mas com o corte para a frente, pois era ali que o título se encontrava. Diante das estantes, havia fileiras de púlpitos, provavelmente reservados às mais recentes preciosidades. Acorrentados como seus irmãos nas estantes, os livros ficavam em cima deles, trancados, para que nem um só raio de luz incidisse sobre as pinturas de Balbulus e, além disso, as janelas da biblioteca estavam cobertas por pesadas cortinas. Ao que tudo indicava, o Príncipe Porcino sabia como a luz do sol gostava de devorar livros. Apenas duas janelas deixavam entrar a luz nociva. Diante de uma delas, estava a Feia, tão profundamente debruçada sobre um livro que quase encostava o nariz em suas páginas.

— Balbulus está cada vez melhor, Brianna — ela disse.

— Ele é ganancioso! Uma pérola para deixá-la entrar na biblioteca de seu sogro! — sua aia estava à outra janela, o olhar voltado para fora, enquanto o filho de Violante puxava sua mão.

— Brianna! — ele resmungou. — Venha. Está chato aqui. Venha comigo para o pátio. Você prometeu.

— Com as pérolas, Balbulus pode comprar mais tintas! Com o que mais ele poderia fazê-lo? Neste castelo apenas se gasta ouro para estátuas de um morto. — Violante assustou-se quando Fenoglio bateu a porta atrás de si. Com um sentimento de culpa, ela escondeu o livro nas costas. Somente quando viu quem estava na sua frente, seu rosto se descontraiu.

— Fenoglio! — disse e tirou os cabelos castanhos da testa. — O senhor

precisa me assustar dessa maneira? — A mancha em seu rosto parecia a marca de uma pegada.

Com um sorriso, Fenoglio pôs a mão no cinto.

— Trouxe-lhe uma coisa.

Ávidos, os dedos de Violante envolveram a pedra. Suas mãos eram pequenas e roliças como as de uma criança. Depressa, ela abriu novamente o livro que havia escondido atrás das costas e segurou o berilo diante de um dos olhos.

— Brianna, venha, senão vou dizer para eles cortarem seus cabelos!

— Jacopo agarrou o cabelo da aia e puxou-o com tanta força que ela gritou. — Meu avô também faz assim. Ele deixa as mulheres saltimbancos carecas e também as mulheres que moram na floresta. Ele disse que à noite elas se transformam em coruja e gritam nas janelas até a pessoa que está dentro da casa morrer na sua cama.

— Não me olhe assim! — sussurrou Fenoglio para Meggie. — Não fui eu que inventei o pestinha. Ei, Jacopo! — Ele deu uma cotovelada encorajadora em Farid, enquanto Brianna ainda tentava soltar seus cabelos dos pequenos dedinhos. — Trouxe alguém para brincar com você.

Jacopo soltou os cabelos de Brianna e olhou para Farid sem entusiasmo.

— Ele não tem espada — observou.

— Uma espada! E quem precisa disso? — Fenoglio torceu o nariz.

— Farid é um cuspidor de fogo.

Brianna ergueu a cabeça e olhou para Farid. Jacopo, porém, ainda parecia pouco entusiasmado.

— Oh, esta pedra é maravilhosa! — murmurou sua mãe. — A minha antiga nem chegava aos pés desta. Posso enxergar todas, Brianna, todas as letras! Já lhe contei que a minha mãe me ensinou a ler inventando uma pequena canção para cada letra? — Com voz baixa, começou a cantar. — "O bufão bicou um bom bocado do B..." Já naquela época eu não enxergava muito bem, mas ela as escrevia para mim bem grandes no chão, desenhava cada uma com pétalas de flores ou pedrinhas. "A, B, C, um saltimbanco que lê."

— Não — respondeu Brianna. — A senhora não contou. Jacopo ainda olhava para Farid.

— Ele estava na minha festa! — exclamou. — Ele fez malabarismos com as tochas.

— Aquilo não foi nada. Uma brincadeira para crianças. — Farid observou-o com ar tão desdenhoso como se não fosse Jacopo, mas ele próprio o filho do soberano. — Sei fazer muitas outras coisas, mas acho que você é pequeno demais para elas.

Meggie viu como Brianna escondeu um sorriso quando soltou a fivela de

seus cabelos louros avermelhados e prendeu-os novamente. Ela fez isso com gestos muito graciosos. Farid observou-a, e Meggie apanhou a si mesma com o desejo de ter cabelos tão bonitos quanto os dela, embora não estivesse muito certa de que conseguiria enfiá-los num prendedor com tanta elegância. Felizmente, Jacopo atraiu novamente a atenção de Farid para si cruzando os braços com um pigarro. Provavelmente era uma atitude que imitava de seu avô.

— Mostre para mim ou mandarei açoitá-lo. — As palavras soaram ridículas, ditas por uma voz tão infantil, mas ao mesmo tempo mais assustadoras do que se tivessem saído da boca de um adulto.

— Oh, é claro — O rosto de Farid não revelava qualquer inquietação. Aparentemente, tomara emprestadas algumas maneiras de Dedo Empoeirado. — E o que acha que posso fazer com você depois?

Com isso, Jacopo perdeu a fala, mas justamente quando ia buscar o apoio de sua mãe, Farid estendeu-lhe a mão.

— Tudo bem, venha.

Jacopo hesitou e, por um momento, Meggie sentiu-se tentada a pegar a mão de Farid e segui-lo até o pátio, em vez de ficar ali ouvindo Fenoglio buscar vestígios de um morto. Mas Jacopo foi mais rápido. Bem apertados, seus dedos curtos e pálidos se fecharam em tomo da mão morena de Farid e, quando chegou à porta e se virou mais uma vez, seu rosto era o rosto feliz de um garotinho como qualquer outro.

— Ele vai me mostrar, ouviu? — disse orgulhoso, mas sua mãe sequer ergueu o olhar.

— Oh, essa pedra é maravilhosa — ela apenas sussurrou. — Se não fosse vermelha e eu tivesse uma para cada olho...

— Bem, estou trabalhando numa solução, mas infelizmente ainda não encontrei o vidreiro adequado. — Fenoglio sentou-se numa das cadeiras convidativas que havia entre os púlpitos. O estofamento ainda ostentava o antigo brasão, do leão que não chorava e, em algumas delas, o couro estava tão gasto que denunciava claramente todas as horas que o Príncipe Porcino havia passado ali, antes que o luto lhe tirasse a alegria que seus livros lhe davam.

— Vidreiro? Para quê? — Violante olhou para Fenoglio através do berilo. Dava quase a impressão de que ela tinha um olho de fogo.

— É possível lapidar o vidro de tal forma que ele faça seus olhos enxergarem melhor, muito melhor do que com uma pedra. Mas nenhum vidreiro de Ombra entende do que estou falando!

— É verdade, neste lugar apenas os cortadores de pedra têm algum valor! Balbulus sempre afirma que não existe um encadernador decente ao norte da Floresta Sem Caminhos.

"Eu saberia de um muito bom", pensou Meggie e por um momento desejou tão ardentemente que Mo estivesse ali que até doeu. A Feia, porém, voltou a olhar para o seu livro.

— No reino do meu pai há bons vidreiros — ela disse sem erguer o olhar. — Ele mandou fechar algumas janelas de seu castelo com vidro. Para isso, precisou vender cem camponeses como mercenários. — Ela parecia considerar o preço

mais do que razoável.

"Acho que não gosto dela", pensou Meggie e começou a andar de uma mesa para outra. As capas dos livros que estavam em cima deles eram magníficas, e como ela gostaria de pegar um deles e esconder sob o seu vestido, para poder admirá-lo com calma na câmara de Fenoglio, porém os grampos nas extremidades das correntes estavam firmemente presos às capas de madeira dos livros.

— Pode olhar com calma! — a Feia lhe disse tão repentinamente que Meggie levou um susto.

Violante ainda segurava a pedra vermelha diante do olho, ela fez Meggie lembrar dos rubis nas narinas de Cabeça de Víbora. Violante provavelmente tinha mais do pai do que ela própria sabia.

— Obrigada — murmurou Meggie, e abriu um deles.

Ela se lembrou do dia em que Mo havia lhe mostrado um livro como aquele. "Abra-o, Meggie", ele dissera e lhe entregara um livro cujas capas de madeira estavam presas por dois fechos de latão. Ela olhara para ele sem saber o que fazer, então Mo piscara para ela e batera com o punho tão firmemente na borda entre os dois fechos que eles se abriram como duas pequenas bocas, liberando o livro.

O livro que Meggie abrira dessa maneira na biblioteca do Príncipe Porcino não mostrava sinais de idade como o outro. Nem uma só mancha de mofo estragava o pergaminho, nenhum besouro, nenhuma traça o devorara, como ela já vira nos manuscritos que Mo restaurava. Os anos não eram indulgentes com o pergaminho e com o papel, um livro tinha muitos inimigos, e o tempo fazia seu

corpo murchar como o de uma pessoa. "Pelo que se vê, Meggie", Mo sempre dizia, "um livro é uma coisa viva!" Se ela pudesse lhe mostrar somente aquele!

Com grande cuidado, ela folheou as páginas, mas não estava totalmente concentrada, pois o vento soprava a voz de Farid para dentro, como um suvenir de um outro mundo. Meggie escutou o que se passava lá fora enquanto prendia novamente os fechos do livro. Fenoglio e Violante ainda falavam sobre maus encadernadores, ambos não lhe davam atenção e Meggie se aproximou de uma das janelas e espiou através da cortina. Seu olhar encontrou um jardim cercado por muros, canteiros cobertos por flores como que por uma espuma colorida, e Farid, que estava em pé entre eles e fazia as chamas lamberem seu braço nu, exatamente como Dedo Empoeirado havia feito da primeira vez que Meggie vira uma apresentação sua como cuspidor de fogo, naquela noite no jardim de Elinor. Antes que ele a traísse...

Jacopo ria alegremente. Ele aplaudia — e quase caiu para trás assustado quando Farid fez os archotes girarem como rodas de fogo. Meggie teve que rir. Realmente, Dedo Empoeirado havia lhe ensinado muito, embora Farid ainda não cuspisse o fogo tão alto quanto seu mestre.

— Livros? Não, como lhe disse, Cosme nunca vinha aqui! — A voz de Violante de repente soou mais incisiva e Meggie se virou. — Ele não via nada nos livros, adorava cães, boas botas, um cavalo veloz... Havia dias em que gostava até mesmo de seu filho. Mas não quero falar sobre Cosme.

Novamente ouviram-se risadas do lado de fora. Brianna também se aproximou da janela. — O garoto é um cuspidor de fogo muito bom — disse.

— É mesmo? — Sua senhora lançou-lhe um olhar míope. — Pensei que não gostasse de cuspidores de fogo. Você sempre diz que não valem nada.

— Este é bom. Muito melhor do que Pássaro Tisnado. — A voz de Brianna estava embargada. — Já na festa me chamou a atenção.

— Violante! — Fenoglio soou impaciente. — Podemos esquecer o garoto que cospe fogo por um momento? Cosme não gostava de livros, tudo bem, isso acontece, mas certamente você deve ter alguma coisa a mais para me contar sobre ele!

— Para quê? — a Feia pôs novamente o berilo diante do olho. — Deixe Cosme descansar finalmente, ele está morto! Os mortos não querem ficar entre nós. Por que ninguém entende isso? Se acaso o senhor queria ouvir um segredo sobre ele, ele não tinha nenhum! Podia falar sobre armas durante horas. Gostava de cuspidores de fogo, de atiradores de facas e de cavalgadas noturnas. Fazia lhe mostrarem como se forja uma espada, e lutava por horas a fio com os guardas lá embaixo no pátio, até que dominasse cada finta tão bem quanto eles, mas, quando ouvia as canções dos trovadores, começava a bocejar na primeira estrofe. Ele não teria gostado das canções que o senhor escreveu sobre ele. Talvez tivesse gostado das canções sobre os salteadores, mas o fato de que as palavras podem ser como música, de que fazem seu coração bater mais depressa... isso ele simplesmente ignorava! Até mesmo uma execução o interessava mais do que palavras, embora ele nunca as tenha apreciado tanto quanto meu pai.

— E mesmo? — a voz de Fenoglio soou surpresa, mas absolutamente não decepcionada. — Cavalgadas noturnas — murmurou. — Cavalos velozes. Sim, por que não?

A Feia não lhe deu atenção.

— Brianna! — ela disse. — Pegue este livro. Se eu elogiar Balbulus por seu

novo livro, talvez ele nos deixe ficar um pouco mais.

Sua aia pegou o livro com uma expressão distante no rosto e voltou para a janela.

— Mas o povo gostava dele, não é? — Fenoglio levantara-se da cadeira. — Cosme era bom para eles, os camponeses, os pobres... os saltimbancos...

Violante passou a mão na mancha em sua face.

— Sim, todos gostavam dele. Era tão belo que as pessoas simplesmente não podiam deixar de gostar dele. Mas quanto aos camponeses... — cansada, ela esfregou os olhos míopes. — Sabe o que Cosme sempre dizia sobre eles? "Por que são tão feios? Roupas feias, rostos feios"... Quando o procuravam com suas contendas, ele realmente se esforçava para ser justo, mas ficava muito aborrecido. Todas as vezes ele mal podia esperar a hora de sair da sala e encontrar os soldados de seu pai, seu cavalo e seus cães...

Fenoglio ficou calado. Seu rosto mostrava tanta perplexidade que Meggie quase sentiu pena. "Será que ele não vai mais querer que eu leia", ela pensou e, por um estranho momento, sentiu algo quase como decepção.

— Brianna, venha! — ordenou a Feia, mas sua aia não se mexeu. Ela estava com o olhar fixo no pátio, como se nunca em sua vida tivesse visto um cuspidor de fogo.

Violante franziu o cenho e andou até ela.

— O que você está olhando aí desse jeito? — ela perguntou e apertou os olhos míopes para olhar para fora.

— Ele... faz flores com o fogo — balbuciou Brianna. — No começo, são como brotos dourados, e então florescem, como flores de verdade. Só vi isso uma vez... quando eu era bem pequena...

— Muito bonito. Mas agora venha.

A Feia virou-se e andou em direção à porta. Ela tinha um jeito estranho de andar, com a cabeça um pouco abaixada, mas o corpo totalmente ereto. Brianna lançou um último olhar para fora, antes de ir depressa atrás dela.

Balbulus triturava os pigmentos quando entraram em sua oficina, azul para o céu, marrom avermelhado e umbra para a terra. Violante sussurrou-lhe alguma coisa. Provavelmente ela o adulava. Ela apontava para o livro que Brianna carregava.

— Eu me despeço aqui, Alteza! — disse Fenoglio.

— Está bem, pode ir! — ela respondeu. — Mas da próxima vez que me visitar, não me faça mais perguntas sobre meu falecido marido, e sim traga-me uma das canções que o senhor escreve para os saltimbancos! Gosto muito delas, sobretudo aquelas sobre o salteador que aborrece o meu pai. Como ele se chama mesmo? Ah, sim, Gaio.

Fenoglio ficou levemente pálido sob a pele queimada de sol.

— O que... o que a faz pensar que essas canções são de minha autoria?

A Feia riu.

— Oh, o senhor se esqueceu? Sou a filha de Cabeça de Víbora e evidentemente tenho meus espiões! Acaso teme que eu conte a meu pai quem é o autor? Não se preocupe, somente falamos o estritamente necessário um com o outro. Além disso, ele está mais interessado naquilo de que tratam as canções do que em quem as escreveu. Apesar disso, se estivesse em seu lugar, eu permaneceria deste lado da floresta por um tempo.

Fenoglio fez uma mesura com um sorriso aflito.

— Seguirei seu conselho, Alteza — ele disse.

A porta adornada bateu pesadamente quando ele a fechou atrás de si.

— Droga! — murmurou Fenoglio. — Droga, droga.

— O que foi? — Meggie olhou para ele preocupada. — Foi o que ela disse sobre Cosme?

— Não, não! Se Violante sabe quem escreve as canções sobre Gaio, Cabeça de Víbora também sabe. Ele tem bem mais espiões do que ela, e se ele não ficar por muito mais tempo do seu lado da floresta? Bem, está na hora de fazer alguma coisa...

— Meggie — ele sussurrou ao descerem a íngreme escada em espiral. — Eu já disse a você que usei alguém como modelo para Gaio. Será que você adivinha quem era? — Ela olhou para ele curiosa. — Você sabe, gosto de usar pessoas reais como modelos para as minhas personagens — sussurrou em tom de cumplicidade. — Não são todos os escritores que fazem isso, mas sei por experiência que isso simplesmente as torna mais vivas! Fisionomias, gestos, uma atitude corporal, a voz, talvez uma marca de nascença ou uma cicatriz. Roubo um pouco daqui, um tanto dali, e logo elas começam a respirar, até que cada um que ouça ou leia sobre elas ache possível conseguir tocá-las com a mão. Para Gaio não havia muitos em cogitação. Ele não podia ser muito velho, nem muito jovem, gordo ou baixo obviamente também não, os heróis nunca são baixos, gordos ou feios, talvez na realidade sim, mas nunca nas histórias... Não, Gaio precisava ser alto e imponente, alguém de quem as pessoas gostassem...

Fenoglio calou-se. Passos desciam a escada, passos apressados, e, nos degraus grosseiramente entalhados, acima deles, apareceu Brianna.

— Perdão! — ela disse e olhou ao seu redor com um sentimento de culpa, com se tivesse saído de onde estava sem que sua senhora soubesse.

— Mas esse garoto, vocês sabem com quem ele aprendeu a jogar com o fogo daquela maneira? — Ela olhou para Fenoglio, como se tudo o que desejasse fosse saber a resposta e, ao mesmo tempo, não tivesse maior medo de outra coisa. — O senhor sabe? — perguntou mais uma vez.

— O senhor sabe o seu nome?

— Dedo Empoeirado — respondeu Meggie no lugar de Fenoglio.

— Dedo Empoeirado lhe ensinou.

E somente quando disse o nome pela segunda vez, ela soube de quem o rosto de Brianna e o brilho vermelho em seus cabelos a faziam lembrar.



28. As palavras erradas

Se só tão pouco te resta de mim: Meus cabelos ruivos, riso em desvario, Morre o que mais eu tinha, bom ou ruim, Tal uma flor murcha à deriva no rio.

François Villon, *A balada do pequeno Florestan* Dedo Empoeirado acabara de enxotar Sorrateiro do galinheiro de Roxane quando viu Brianna chegar a cavalo. A visão quase fez seu coração parar. Ela parecia a filha de um rico comerciante naquele vestido. Desde quando criadas usavam aquelas roupas? E o cavalo em que estava montada, então? Ele não combinava com o lugar, nem seus arreios preciosos, a sela com adornos dourados e o pelo negro como o breu, que brilhava tanto como se três estribeiros tivessem se ocupado um dia inteiro apenas em escová-lo. Um soldado a acompanhava, ele usava as cores do Príncipe Porcino. Com o rosto impassível, ele olhou para a casa simples e os canteiros na encosta. Brianna, porém, olhou para Dedo Empoeirado. Ela ergueu o queixo, exatamente como sua mãe fazia tantas vezes, ajeitou a fivela no cabelo, e olhou para ele.

Se pelo menos ele pudesse se tornar invisível! Como era hostil seu olhar, ao mesmo tempo adulto e de uma criança magoada. Ela era tão parecida com a mãe. O soldado ajudou-a a apear, levou seu cavalo para beber água no poço e agiu como se não tivesse olhos nem ouvidos.

Roxane saiu da casa. Parecia tão surpresa quanto ele com a visita.

— Por que você não me disse que ele voltou? — Brianna gritou com ela.

Roxane abriu a boca e fechou-a novamente.

"Agora diga alguma coisa, Dedo Empoeirado." A marta pulou de seu ombro e desapareceu atrás do galinheiro.

— Pedi a ela que não contasse — como sua voz soou rouca. — Achei que seria melhor eu mesmo lhe contar. "Mas seu pai é um covarde", acrescentou, "e tem medo da própria filha."

Como ela parecia furiosa. Exatamente como nos velhos tempos. Só que agora estava grande demais para bater nele.

— Vi aquele garoto — ela disse. — Ele estava na festa e hoje cuspiu fogo para Jacopo. Fez tudo igualzinho a você.

Dedo Empoeirado viu Farid surgir atrás de Roxane. Parou atrás dela, mas Jehan passou por ele e seguiu. Jehan lançou um olhar preocupado para o soldado, então correu até sua irmã.

— Onde você arranjou o cavalo? — ele perguntou.

— Violante me deu. Em agradecimento por levá-la aos saltimbancos junto comigo à noite.

— Você a leva junto? — Roxane soou preocupada.

— Por que não? Ela adora! E o Príncipe Negro permitiu. — Brianna não olhou para ela.

Farid aproximou-se lentamente de Dedo Empoeirado.

— O que ela quer aqui? — ele sussurrou. — É a aia da Feia.

— Ela é também minha filha — respondeu Dedo Empoeirado. Farid olhou incrédulo para Brianna, mas ela não lhe deu atenção.

Estava ali por causa de seu pai.

— Dez anos! — ela disse em tom de acusação. — Você ficou fora dez anos e agora volta assim simplesmente? Todos disseram que você estava morto! Que Cabeça de Víbora o deixara apodrecer em suas masmorras! Que os incendiários o haviam levado para ele, porque você não quis revelar todos os seus segredos!

— Contei os segredos para eles — disse Dedo Empoeirado com voz calma. — Quase todos. "E com isso incendiaram um outro mundo", ele acrescentou em pensamento. "Um outro mundo, que não tinha uma porta pela qual eu pudesse voltar."

— Sonhei com você! — A voz de Brianna soou tão alta que seu cavalo se assustou. — Sonhei que os encouraçados o amarravam num poste e o queimavam! Eu sentia o cheiro da fumaça e ouvia como você tentava falar com o fogo, mas ele não lhe obedecia e as chamas o devoravam. Quase todas as noites eu tinha esse sonho! Até hoje. Eu tive medo de dormir durante dez anos, e agora você está aí, são e salvo, como se nada tivesse acontecido! Onde você estava?

Dedo Empoeirado olhou para Roxane, e viu a mesma pergunta em seus olhos.

— Não pude voltar — ele disse. — Não pude. Eu tentei. Acredite.

As palavras erradas. Mesmo sendo a mais pura verdade, soavam como mentira. Ele não soubera sempre disso? As palavras não servem para nada. Sim, às vezes soavam magníficas, mas o deixavam na mão assim que ele realmente precisasse delas. Dedo Empoeirado nunca encontrava as certas, nunca, mas onde mais procurá-las? Seu coração era mudo como um peixe, por mais que a língua se esforçasse para lhe dar uma voz.

Brianna virou de costas para ele e escondeu o rosto na crina de seu cavalo, enquanto o soldado continuava junto ao poço agindo como se fosse ar, nada mais do que ar.

Ar, sim, era o que ele gostaria de ser agora, pensou Dedo Empoeirado.

— É realmente verdade! Ele não podia voltar! — Farid se pôs na frente dele como se precisasse protegê-lo. — Não havia um caminho! É exatamente como ele diz! Ele estava num outro mundo. Um mundo tão verdadeiro como este. Existem muitos, realmente muitos mundos, todos são diferentes, e estão escritos nos livros!

Brianna virou-se para ele.

— Acaso pareço ainda uma menininha que acredita em contos de fada? —

perguntou em tom desdenhoso. — Antigamente, quando ele ficava fora por muito tempo, e de manhã a minha mãe aparecia com olhos vermelhos de tanto chorar, os outros saltimbancos também me contavam histórias sobre ele. Que ele falava com as fadas, que estivera entre os gigantes, que procurava no fundo do mar um fogo que nem a água podia apagar. Já nessa época eu não acreditava nas histórias, mas gostava delas. Agora não gosto mais. Não sou mais criança. Já faz tempo. Ajude-me a montar! — gritou para o soldado.

Ele obedeceu calado. Jehan olhava para a espada pendurada em seu cinto.

— Fique para comer! — disse Roxane.

Mas Brianna apenas sacudiu a cabeça e virou seu cavalo sem dizer mais nada. O soldado piscou para Jehan, que ainda não tirara os olhos de sua espada. Então, partiram em seus cavalos, que pareciam grandes demais para a trilha de pedras que conduzia à gleba de Roxane.

Roxane levou Jehan consigo para dentro de casa, mas Dedo Empoeirado ficou diante do galinheiro até que os dois cavaleiros desapareceram entre as colinas.

A voz de Farid tremia de revolta, quando ele finalmente rompeu o silêncio.

— Você realmente não podia voltar!

— Não... mas você tem que admitir que a sua história não soou muito plausível.

— Não importa! Foi exatamente assim!

Dedo Empoeirado sacudiu os ombros e olhou para a direção em que sua filha desaparecera.

— Às vezes eu mesmo penso que sonhei tudo isso — murmurou. Atrás dele uma galinha cacarejou.

— Droga, onde se enfiou Sorrateiro?

Com um palavrão, Dedo Empoeirado abriu a porta do galinheiro. Uma galinha branca saiu voando de dentro dele, uma outra estava imóvel na palha, as penas ensanguentadas. Ao lado, estava sentada uma marta.

— Sorrateiro! — disse Dedo Empoeirado entre os dentes. — Mas que droga, já não lhe disse para deixar as galinhas em paz?

A marta olhou para ele.

Havia penas grudadas em seu focinho ensanguentado. A marta espreguiçou-se, ergueu a cauda espessa e andou até Dedo Empoeirado. Como um gato, enroscou-se em suas pernas.

— Mas olha só quem está aqui! — sussurrou Dedo Empoeirado. — Olá, Gwin.

Sua morte estava de volta.

29. Novos senhores

Sorrindo o déspota se despede, Pois sua morte a tirania não impede.

Os escravos só mudam de patrão, Sem jamais findar-se a opressão.

Heinrich Heine, *O rei David* O Príncipe Porcino morreu menos de um dia após Meggie ter ido ao castelo com Fenoglio. Morreu ao amanhecer, e três dias depois os encouraçados entraram em Ombra. Meggie estava com Minerva no mercado quando eles chegaram. Depois da morte de seu sogro, Violante mandara dobrar o número de sentinelas no portão, mas os encouraçados eram tão numerosos que os guardas os deixaram entrar na cidade sem oferecer resistência. Pífaro ia à frente em seu cavalo, o nariz de prata como um bico de pássaro em seu rosto, brilhante como se tivesse sido polido especialmente para a ocasião. As estreitas vielas ecoavam o resfolegar dos cavalos, e o mercado ficou em silêncio quando os cavaleiros em armaduras passaram entre as casas. A gritaria dos comerciantes, as vozes das mulheres que se apinhavam entre as barracas, tudo silenciou quando Pífaro puxou as rédeas de seu cavalo e olhou para a multidão com desprezo.

— Abram caminho! — ele gritou. Sua voz soou estranhamente abafada, mas não podia ser diferente para um homem sem nariz. — Abram caminho para o emissário de Cabeça de Víbora. Estamos aqui para prestar as últimas honras ao falecido soberano e saudar seu neto como seu sucessor.

O silêncio persistiu, mas então uma voz se ergueu: — Quarta-feira é dia de mercado nas ruas de Ombra, sempre foi, mas, se os digníssimos senhores apearem, poderão passar sem problemas!

Pífaro procurou o dono daquela voz entre os rostos que olhavam para ele, no entanto a multidão o escondeu. E, na praça do mercado, ergueu-se um burburinho de aprovação.

— Ah, então é assim! — exclamou Pífaro em meio ao tumulto de vozes. — Vocês acham que atravessamos essa maldita floresta para descer dos cavalos e nos misturar a uma cambada de camponeses fedorentos? Mal o gato morreu, os ratos já estão dançando em cima da mesa. Mas tenho novidades para vocês. Há novamente um gato em sua lastimável cidade, e ele tem garras mais afiadas do que o antigo!

Sem mais uma palavra, virou-se na sela, ergueu a mão vestida com luva preta e fez um sinal para seus cavaleiros. Então avançou sobre a multidão.

O silêncio que se estendera pesado como chumbo sobre o mercado rompeu-se como um lenço, e gritos ergueram-se entre as casas. Cada vez surgiam mais cavaleiros, blindados como lagartos de ferro, os elmos tão afundados no rosto que apenas se viam bocas e olhos entre o protetor para o nariz e a borda do elmo. Esporas retiniam, graves, peitorais tão polidos que os rostos aterrorizados se refletiam neles. Minerva tirou seus filhos do caminho, Despina tropeçou e Meggie quis ajudá-la, mas perdeu o equilíbrio e caiu em cima de alguns pés de couve. Um homem desconhecido ergueu-a do chão, antes que Pífaro a pisoteasse. Meggie ouviu seu cavalo bufar acima dela, sentiu as esporas brilhantes tocarem seu ombro. Debaixo da barraca derrubada de um ceramista, ela se pôs em segurança, embora tenha cortado as mãos nos cacos. Trêmula, ficou ali agachada, entre pratos estilhaçados, barris arrebentados e sacos estourados, assistindo, impotente, à menor sorte daqueles que caíam entre os cascos. Em outros, os cavaleiros davam golpes com o joelho ou com o cabo de suas lanças. Os cavalos assustados empinavam e destroçavam jarros e cabeças.

Depois, tão repentinamente como haviam chegado, eles se foram. Apenas ainda se ouvia o tropel desenfreado dos cavalos subindo a rua para o castelo. E a praça do mercado ficou para trás, como se tivesse sido açoitada por um vento, um vento mau, que quebrava tanto jarros quanto ossos. O ar cheirava a medo quando Meggie saiu de debaixo dos barris. Lavradores juntavam seus legumes pisoteados, mães enxugavam as lágrimas do rosto de seus filhos e o sangue de seus joelhos, mulheres estavam paradas diante dos cacos da louça que queriam comprar, e novamente o mercado estava calmo. Tão calmo. As vozes que maldiziam os cavaleiros xingavam baixo. Mesmo o choro era baixo, o choro e os gemidos. Minerva aproximou-se de Meggie preocupada, Despina e Ivo soluçavam ao seu lado.

— Pois é. Acho que temos um novo soberano — ela disse com amargura ao ajudar Meggie a se pôr de pé. — Você pode levar as crianças para casa? Vou ficar aqui e ver em que posso ajudar. Com certeza deve haver alguns ossos quebrados, mas por sorte sempre há alguns barbeiros no mercado.

Meggie apenas assentiu com a cabeça. Não sabia o que estava sentindo. Medo? Raiva? Desespero? Parecia não haver palavras que descrevessem o estado de seu coração. Calada, pegou Despina e Ivo pelas mãos e se pôs a caminho de casa. Seus joelhos doíam e ela mancava, mas assim mesmo percorreu tão depressa as vielas que as crianças mal conseguiam acompanhar seu passo.

— Agora! — foi o que ela disse quando entrou na câmara de Fenoglio. — Deixe-me ler agora. Imediatamente. — Sua voz tremia e ela precisou se apoiar na parede fria, pois os seus joelhos doloridos também tremiam. Tudo nela tremia, por dentro e por fora.

— O que aconteceu? — Fenoglio estava sentado à sua escrivaninha. O pergaminho à sua frente estava quase todo preenchido por letras. Ao lado dele, em pé, Quartzo Rosa segurava na mão uma pena gotejante, e olhava para

Meggie boquiaberto.

— Temos que agir agora! — ela exclamou. — Agora! Eles entraram com os cavalos no meio da cidade, no meio das pessoas!

— Ah, os encouraçados chegaram. Eu disse a você que devíamos nos apressar. Quem era o líder? Raposa Vermelha?

— Não, era Pífaro — Meggie andou até a cama e sentou-se. De repente restara apenas o medo, como se ela estivesse novamente ajoelhada entre as barracas destruídas, como se sua raiva tivesse sufocado. — São tantos! — sussurrou. — É tarde demais! O que Cosme poderá fazer contra eles?

— Bem, deixe que eu me preocupe com isso! — Fenoglio tirou a pena da mão do homenzinho de vidro e voltou a escrever. — O Príncipe Porcino também tem muitos soldados, e eles seguirão Cosme, assim que ele estiver aqui novamente. É claro que teria sido melhor se você o tivesse lido quando o pai dele ainda estava vivo. O Príncipe Porcino foi um tanto precipitado em morrer, mas isso não pode mais ser alterado! Outras coisas, sim.

Com o cenho franzido, ele leu o que escrevera, riscou mais uma palavra, acrescentou outra, e fez um sinal para o homenzinho de vidro.

— Areia, Quartzo Rosa, ande logo!

Meggie ergueu o vestido e examinou seus joelhos esfolados. Um deles estava inchado.

— Mas você tem certeza de que com Cosme realmente as coisas vão melhorar? — ela perguntou baixinho. — Pelo que a Feia contou sobre ele, não parece.

— Mas é claro, tudo vai melhorar! Mas que pergunta é essa? Cosme é do bem. Sempre foi do bem, não importa o que Violante conte. Além disso, você lerá uma nova versão dele. Uma versão melhorada, por assim dizer.

— Mas... por que precisa ser um príncipe? — Meggie passou a manga pelos olhos molhados de lágrimas. Ela ainda ouvia o retinir das armaduras, o bufar e o relinchar dos cavalos, e os gritos, os gritos daqueles que não tinham armaduras.

— O que pode haver melhor do que um príncipe que faz o que queremos? — Fenoglio pegou mais uma folha de pergaminho. — Apenas mais algumas linhas — ele murmurou. — Não falta muito. Oh, maldição, odeio escrever em pergaminho. Espero que tenha encomendado mais papel, Quartzo Rosa!

— Evidentemente, já faz tempo — retrucou o homenzinho de vidro com ar ofendido. — Mas já faz tempo que não há entregas, afinal o moinho de papel fica do outro lado da floresta.

— Eu sei, eu sei, infelizmente — Fenoglio torceu o nariz. — Isso não é nada prático. Realmente.

— Fenoglio, escute! Por que em vez de Cosme não lemos esse salteador? — Meggie abaixou novamente o vestido. — Você sabe, o salteador das suas canções! Gaio!

Fenoglio deu uma gargalhada.

— Gaio? Oh, meu Deus! Bem que eu gostaria de ver a cara dele, Meggie! Mas, falando sério, não! Não, não! Um salteador não se presta a governar! Robin Wood também não se tornou rei! Eles são bons para semear a inquietação, mais nada. Nem mesmo o Príncipe Negro poderia se sentar no trono do Príncipe Porcino. Este mundo é governado por príncipes, não por salteadores, saltimbancos ou camponeses. Foi assim que o organizei. Precisamos de um príncipe, acredite.

Quartzo Rosa apontou uma nova pena, embebeu-a na tinta, e Fenoglio começou a escrever outra vez.

— Sim! — Meggie o ouviu sussurrar. — Sim, isso soará de forma fantástica quando você ler. Cabeça dc Víbora se surpreenderá. Se ele acha que pode se espalhar no meu mundo como lhe der na telha, está redondamente enganado. Vai desempenhar o papel que eu lhe atribuí, nenhum outro!

Meggie ergueu-se da cama e arrastou-se até a janela. Começara a chover novamente, o céu chorava tão silenciosamente quanto as pessoas no mercado. E, no alto do castelo, já fora hasteada a bandeira de Cabeça de Víbora.

30. Cosme

— Sim — retrucou Abhorsen. — Sou um nigromante, mas não um nigromante comum. Enquanto os outros despertam mortos, eu os levo para o descanso eterno.

Garth Nix, *Sabriel* Estava escuro quando Fenoglio finalmente pôs a pena de lado. A rua, lá embaixo, estava quieta. Durante o dia inteiro estivera quieta, como se todos tivessem se refugiado em casa feito ratos se escondendo da raposa.

— Acabou? — perguntou Meggie quando Fenoglio se encostou na cadeira e esfregou os olhos cansados. Sua voz soou fraca e temerosa, e não como se fosse capaz de ressuscitar um príncipe, mas de qualquer forma ela já fizera surgir um monstro das palavras de Fenoglio. Ainda que fizesse muito tempo, e tivesse sido Mo quem lera as últimas palavras.

Mo. Desde o que havia acontecido no mercado, ela sentia ainda mais a sua falta.

— Sim, terminei! — Fenoglio soou quase tão satisfeito consigo mesmo quanto na aldeia de Capricórnio, quando ele e Meggie haviam se unido pela primeira vez para alterar sua história. Daquela vez, ela tivera um final feliz, mas agora... Agora eles mesmos estavam na história. Isso tornava as palavras de Fenoglio mais fortes ou mais fracas? Meggie lhe contara sobre a regra de Orfeu, de que era melhor empregar apenas palavras que já apareciam na história, mas Fenoglio apenas fizera um gesto de desprezo. — Besteira. Lembre-se do soldadinho de chumbo para o qual escrevemos um final feliz. Por acaso naquela

época verifiquei se estava usando apenas palavras da história? Não. Talvez essa regra valha para gente como esse Orfeu, que tem o topete de se intrometer na história dos outros, mas não para um autor que quer alterar sua própria história!

Tomara.

Fenoglio riscara muitas palavras, mas sua letra ficara realmente mais legível. Os olhos de Meggie correram ao longo das linhas. Sim, dessa vez eram palavras do próprio Fenoglio, não palavras roubadas de um outro autor...

— Está bom ou...

Ele molhou um pedaço de pão na sopa que Minerva lhe trouxera horas antes, e olhou para Meggie com grande expectativa. Evidentemente a sopa já estava fria, nenhum dos dois conseguira pensar em comer. Apenas Quartzo Rosa tomara um pouco dela. Todo o seu corpo tingira-se da cor da sopa, até que Fenoglio arrancou a minúscula colherzinha de sua mão e perguntou se ele queria se matar.

— Quartzo Rosa! Pare com isso! — ele disse em tom severo também agora, quando o homenzinho de vidro estendeu um dedo transparente para o seu prato. — Não é não! Você sabe que não tolera comida de seres humanos. Quer que o leve de novo para o barbeiro que da última vez quase quebrou seu nariz?

— É tão monótono sempre comer areia! — resmungou o pequeno homem de vidro, recolhendo o dedo com ar ofendido. — E a que você me traz não é especialmente saborosa.

— Sujeitinho ingrato! — protestou Fenoglio. — Eu a pego do rio, bem do

fundo. Da última vez, as ninfas se divertiram me dando caldos. Quase me afoguei por sua causa.

O homenzinho não pareceu se impressionar com isso. Com ar ofendido, ele se sentou ao lado da jarra de penas e fechou os olhos como se estivesse dormindo.

— Já perdi dois deles, mortos dessa maneira! — Fenoglio cochichou com Meggie. — Eles simplesmente não conseguem tirar o dedinho da nossa comida. Tolas criaturas.

Meggie, porém, escutava-o apenas com meio ouvido. Ela sentou-se na cama com o pergaminho e leu mais uma vez, palavra por palavra. O vento impelia a chuva para dentro da câmara, como se quisesse lembrá-la de uma outra noite: a noite em que ela ouvira falar pela primeira vez do livro de Fenoglio e na qual Dedo Empoeirado ficara lá fora na chuva... Dedo Empoeirado parecera feliz no pátio do castelo. Fenoglio também estava feliz, assim como Farid e Minerva, com seus filhos... Assim deveria continuar. "Lerei por todos eles!", pensou Meggie. Pelos saltimbancos, para que Cabeça de Víbora não os enforque por causa de uma canção, e pelos camponeses no mercado, cujos legumes foram pisoteados pelos cavalos. E quanto a Feia? Violante ficaria mais feliz se de repente tivesse um marido novamente? Ela perceberia que era um outro Cosme? Para o Príncipe Porcino, as palavras chegariam tarde demais. Nunca saberia do retorno de seu filho.

— Vamos, diga alguma coisa! — A voz de Fenoglio soou insegura.

— Será que você não gostou?

— Gostei, gostei sim. É muito bonito. O alívio espalhou-se em seu rosto.

— E então, o que ainda está esperando?

— Essa parte da mancha no rosto dela, não sei... soa como feitiçaria.

— Ah, que nada. Acho romântico, e não pode fazer mal algum.

— Está bem, se você acha. E a sua história. — Meggie sacudiu os ombros. — Mas tem mais uma coisa. Quem vai desaparecer em troca dele?

Fenoglio empalideceu.

— Céus! Eu tinha esquecido completamente. Quartzo Rosa, esconda-se no seu ninho! — ele ordenou ao homenzinho de vidro. — Felizmente as fadas não estão aqui.

— Mas isso não adianta nada — disse Meggie baixinho, enquanto Quartzo Rosa se içava para o ninho de fadas abandonado no qual costumava se recolher quando estava amuado e, às vezes, onde também dormia.

— Esconder-se não adianta nada.

Na rua soou o ruído de cascos. Um dos encouraçados passou a galope. Ao que tudo indicava, Pífaro não queria deixar os habitantes de Ombra esquecerem quem era seu novo soberano nem mesmo durante o sono.

— Está vendo? Isso é um sinal! — Fenoglio sussurrou para Meggie.

— Se ele desaparecer não se perde nada. Além disso, como é que você sabe que realmente alguém precisa desaparecer? Isso pelo jeito acontece apenas quando se traz alguém que deixa em sua história uma lacuna que precisa ser preenchida. Nosso novo Cosme não tem *uma* história própria! Ele nascerá hoje, aqui e agora, destas palavras!

Sim. Talvez ele tivesse razão.

O tropel dos cascos misturou-se ao som da voz de Meggie.

— *A noite estava quieta em Ombra, tão quieta* — ela leu. — *Os ferimentos que os encouraçados haviam causado ainda não estavam curados, alguns nunca estariam.* — E de repente ela não pensou mais no medo que sentira naquela manhã, mas apenas na raiva, na raiva dos homens que se vestiam com suas armaduras e golpeavam as costas de mulheres e crianças com sapatos pontudos de ferro. A raiva tornou sua voz vigorosa e cheia, capaz de despertar a vida. — *Portas e janelas estavam trancadas e, atrás delas, as crianças choravam baixinho como se o medo mantivesse fechadas também suas bocas, e seus pais fitavam a noite e perguntavam-se temerosos o quão negro seria o futuro sob o novo soberano. Mas, de repente, o tropel de cascos ecoou pela viela dos sapateiros e dos seleiros...* — Como as palavras vinham facilmente. Elas fluíam pela língua de Meggie como se tivessem esperado para serem lidas, para despertarem para a vida justamente naquela noite. — *Todos acorreram às janelas. Tomados pelo medo, olharam para fora na expectativa de ver um dos encouraçados ou até mesmo Pífaro com seu nariz de prata. Mas não era nem um nem outro quem vinha em direção ao castelo, e sim alguém cuja visão lhes era absolutamente familiar, e mesmo assim os fez empalidecer. O homem que cavalgava pela cidade desperta tinha o rosto de seu falecido soberano, Cosme, o Belo, que havia muito repousava em sua sepultura. Montado num cavalo branco, seu sósia vinha subindo pela rua, e era tão belo como contavam as*

canções sobre Cosme. Ele atravessou o portão da cidade, sobre o qual tremulava a bandeira de Cabeça de Víbora, e freou seu cavalo no silencioso pátio noturno. Para todos que o viram à luz da lua, altivo em seu cavalo branco, foi como se Cosme não tivesse morrido. Então o pranto teve fim, o pranto e o medo. O povo de Ombra festejou, e as pessoas vinham das aldeias mais distantes para ver aquele que tinha o rosto de um morto, c sussurravam: "Cosme voltou. Cosme, o Belo. Voltou para assumir o lugar de seu pai e proteger Ombra contra Cabeça de Víbora". E assim aconteceu. O redentor subiu ao trono e a mancha no rosto da Feia empalideceu. Cosme, o Belo, porém, mandou chamar o poeta da corte de seu pai para ouvir seu conselho, pois haviam lhe falado de sua sagacidade, e teve início uma grande era.

Meggie deixou o pergaminho cair. *Uma grande era...*

Fenoglio correu até a janela. Meggie também ouvira: tropel de cascos. Mas não se levantou.

— Deve ser ele! — sussurrou Fenoglio. — Ele está chegando, oh, Meggie, ele está chegando! Ouça!

Mas Meggie ainda estava sentada e olhava para as palavras escritas em seu colo. Parecia que elas respiravam. Carne de papel, sangue de tinta... De repente, ela estava cansada, tão cansada que o caminho até a janela lhe pareceu muito longo. Ela se sentia como uma criança que fora sozinha até o porão e então ficara com medo. Se pelo menos Mo estivesse lá...

— Logo! Logo ele deve passar por aqui! — Fenoglio inclinou-se na janela a ponto de quase cair de cabeça na rua. Pelo menos ele estava lá, e não havia desaparecido como daquela vez em que ela evocara Sombra. "Mas para onde ele iria?", pensou Meggie. Parecia existir apenas uma história, aquela história, a história de Fenoglio. E ela parecia não ter começo nem fim.

— Meggie! Venha! — agitado, Fenoglio acenou para que ela se aproximasse. — Sua leitura foi maravilhosa, absolutamente maravilhosa! Mas isso você deve saber. Algumas frases não estavam entre as minhas melhores, aqui e ali tinha alguma coisa truncada, um pouco mais de cor não teria ido mal, mas e daí? Funcionou! Definitivamente funcionou!

Batidas.

Alguém batia à porta. Quartzo Rosa espiou de seu ninho preocupado, e Fenoglio virou-se, assustado e irritado ao mesmo tempo.

— Meggie? — sussurrou uma voz. — Meggie você está aí? Era a voz de Farid.

— Mas o que ele quer aqui? — Fenoglio disse irritado. — Mande-o embora! Agora realmente não precisamos dele. Oh, ali! Ah vem ele! Meggie você é uma maga.

O som dos cascos se elevou. Mas Meggie não foi para a janela. Ela correu para a porta. Farid estava lá, com expressão aflita. Quase dava a impressão de ter chorado.

— Gwin. Meggie... Gwin está aqui de novo — ele balbuciou. — Não entendo como me achou! Até joguei pedras nele.

— Meggie! — a voz de Fenoglio soou mais do que irritada. — Onde você está?

Sem dizer nada, ela pegou a mão de Farid e puxou-o consigo para a janela. Um cavalo branco subia a rua. Seu cavaleiro tinha cabelos pretos, e seu rosto era tão jovem e belo como o das estátuas no castelo. Apenas os olhos não eram brancos como pedra, e sim escuros, como seus cabelos, e vivazes. Ele olhou ao redor como se acabasse de acordar de um sonho, um sonho que não combinava muito bem com o que ele via.

— Cosme! — sussurrou Farid estupefato. — O Cosme que está morto.

— Não é bem assim — sussurrou Fenoglio. — Em primeiro lugar, ele não está morto, como não deve ser difícil perceber e, em segundo, este não é *o* Cosme. É um novo Cosme, um Cosme novinho em folha, que Meggie e eu criamos juntos. Evidentemente, ninguém mais vai notar, ninguém além de nós.

— Nem sua mulher?

— Bem, pode ser que ela note! Mas o que importa? Ela quase não põe o pé para fora do castelo.

Cosme freou seu cavalo a menos de um metro da casa de Minerva. Meggie recuou involuntariamente da janela.

— E ele próprio? — ela sussurrou. — Quem ele acha que é?

— Que pergunta! Cosme, evidentemente! — respondeu Fenoglio impaciente. — Não comece a me confundir, pelo amor de Deus. Apenas demos um jeito para que a história continuasse como planejei inicialmente. Nada mais, nada menos!

Cosme virou-se na sela e olhou para baixo, para a estreita rua que subira, como se tivesse perdido algo e não lembrasse o que era. Então estalou a língua e seu cavalo prosseguiu, passando pela oficina do marido de Minerva e pela estreita casa em que morava o barbeiro sobre cuja arte de arrancar os dentes Fenoglio se queixava com tanta frequência.

— Isso não é bom — Farid afastou-se da janela como se o próprio diabo tivesse passado à sua frente. — Chamar os mortos atrai a desgraça.

— Eu já disse que ele não estava morto! — gritou Fenoglio. — Quantas vezes terei que explicar? Ele nasceu hoje, das minhas palavras e da voz de Meggie, portanto pare de falar besteiras. Afinal o que você quer aqui? Desde quando garotas decentes recebem visitas no meio da noite?

O rosto de Farid se fechou. Então ele se virou sem dizer nada e andou em direção à porta.

— Deixe-o em paz! Ele pode me visitar quando quiser! — Meggie ralhou com Fenoglio.

A escada estava escorregadia por causa da chuva e ela apenas alcançou Farid nos últimos degraus. Ele parecia muito triste.

— O que você contou para Dedo Empoeirado? Que Gwin correu atrás de nós?

— Não, não tive coragem — Farid encostou-se na parede da casa e fechou os

olhos. — Você tinha que ter visto a cara dele quando viu a marta. Você acha que agora ele vai morrer, Meggie?

Ela estendeu a mão e passou-a no rosto do garoto. Ele realmente havia chorado. Ela sentiu as lágrimas que haviam secado em sua pele.

— Cabeça de Queijo disse! — Farid quase não conseguia ouvir as palavras que balbuciava. — Ele disse que eu traria azar para ele.

- Do que você está falando? Dedo Empoeirado pode ficar feliz por ter você.

Farid ergueu o olhar para o céu. A chuva ainda caía.

— Tenho que voltar — ele disse. — Vim para isso. Para dizer a você que, por enquanto, preciso ficar com ele. Preciso cuidar dele, entende? Simplesmente não vou mais arredar o pé do seu lado, e assim nada vai acontecer. *Você* pode me visitar no sítio de Roxane! Ficamos a maior parte do tempo lá. Dedo Empoeirado é completamente louco por ela, quase não sai do seu lado. Roxane para cá, Roxane para lá... — Era impossível não notar o ciúme em sua voz.

Meggie sabia o que ele estava sentindo. Ela ainda se lembrava bem das primeiras semanas na casa de Elinor, da confusão em seu coração, quando Mo saía para passear com Resa durante horas sem ao menos lhe perguntar se ela queria ir junto, da sensação de estar diante de uma porta fechada e atrás dela ouvir a risada de seu pai, que não era para ela, mas para sua mãe. "O que você está olhando?", perguntara Elinor quando a apanhara uma vez observando os dois no jardim. "Metade do coração dele ainda pertence a você. Isso não é suficiente?" Meggie ficara tão envergonhada. Farid pelo menos tinha ciúmes de uma estranha, no caso dela era de sua própria mãe...

— Por favor, Meggie! Preciso ficar com ele. Se não, quem vai cuidar dele? Roxane? Ela não sabe nada sobre a marta, e de qualquer forma...

Meggie virou a cabeça para que ele não visse sua decepção. Maldito Gwin. Ela desenhou pequenos círculos com o dedo do pé sobre a terra molhada de chuva.

— Você vai, não é? — Farid pegou suas mãos. — Nos canteiros de Roxane, crescem as plantas mais estranhas, ela tem um ganso que acha que é um cão, e um velho cavalo. Jehan, que é seu filho, afirma que no estábulo mora um lincheto, não faço ideia do que seja. Jehan diz que é preciso soltar puns para espantá-lo. Pois é, Jehan é ainda bastante criança, mas acho que você gostaria dele...

— Ele é filho de Dedo Empoeirado? — Meggie pôs os cabelos para trás da orelha e tentou sorrir.

— Não, mas sabe de uma coisa? Roxane acha que *eu* sou. Imagine só! Por favor, Meggie! Vá à casa de Roxane, está bem? — pegou-a pelos ombros e beijou-a, na boca. Sua pele estava molhada de chuva. Ela não recuou, e ele segurou o rosto dela com as mãos e a beijou de novo, na testa, no nariz e na boca novamente. — Você vem, não é? Está prometido! — ele sussurrou.

Então Farid saiu, com o mesmo andar ágil que tinha desde o dia em que Meggie o vira pela primeira vez.

— Você tem que ir! — ele exclamou mais uma vez antes de desaparecer pela escura passagem que levava para a rua. — Talvez você possa ficar um tempo

conosco, comigo e com Dedo Empoeirado! Esse velho aí é louco. Não se fala com os mortos!

Então ele se foi, e Meggie encostou-se na parede da casa de Minerva, exatamente no local em que Farid estivera havia pouco. Ela passou os dedos em sua boca, como se quisesse se certificar de que o beijo de Farid não a havia alterado.

— Meggie? — Fenoglio estava lá em cima da escada, um lampião na mão. — O que você está fazendo aí embaixo? O garoto já foi? O que ele queria aqui? Ele está aí embaixo no escuro com você?

Meggie não respondeu. Não queria falar com ninguém. Queria ouvir o que dizia seu coração atrapalhado.



31. Elinor

Então leia de uma edição querida Um poema que você escolher

e veja a rima do tal poeta

na sua bela voz renascer

E a noite será tomada pela música E os problemas que infestam o dia Juntarão suas tralhas, feito os árabes Para em silêncio sumir na noite vazia Henry Wadsworth Longfellow, O dia está feito Elinor passou alguns dias e noites ruins em seu porão. Pela manhã e ao final da tarde, o homem-armário lhes levava comida, pelo menos ela supunha que fosse manhã e final da tarde, partindo do pressuposto de que o relógio de pulso de Darius ainda funcionava corretamente. Quando o brutamontes aparecera pela primeira vez com pão e uma garrafa de água, ela jogara a garrafa de plástico em sua cabeça. Isto é, ela tentou, mas o colosso conseguiu se esquivar e a garrafa estourou contra a parede.

— Nunca mais, Darius! — sussurrou Elinor, depois que o homem-armário os trancou novamente debochando deles com um grunhido. — Nunca mais deixaria que me prendessem, jurei a mim mesma aquela vez naquela jaula fétida, enquanto esses incendiários raspavam suas espingardas pela grade e jogavam pontas de cigarro acesas na minha cara. E agora? Agora estou aqui trancada em

meu próprio porão!

Na primeira noite, ela se levantou do colchão de ar, sentindo dores em todos os ossos, e começou a jogar latas de conserva contra a parede. Darius ficou ali encolhido, em cima do cobertor que ele havia estendido sobre as almofadas dos bancos do jardim, assistindo a tudo com os olhos arregalados. Na tarde do segundo dia (ou era o terceiro?), Elinor começou a quebrar vidros e desatou a chorar quando cortou os dedos nos cacos. Darius estava justamente catando o vidro quebrado quando o homem-armário chegou para buscá-la.

Darius quis ir atrás dela, mas o homem-armário deu um empurrão tão violento em seu peito franzino que ele tropeçou e caiu entre azeitonas, tomates cozidos e tudo o mais que havia nos vidros que Elinor quebrara.

— Seu desgraçado duma figa! — ela xingou o colosso, mas ele apenas sorriu, satisfeito como uma criança que derrubou uma torre de blocos de madeira, e começou a assobiar baixinho ao conduzi-la à biblioteca. "Pois é, quem disse que pessoas ruins não podem ser felizes?", Elinor pensou quando ele abriu a porta e fez um sinal com a cabeça para ela entrar.

Sua biblioteca oferecia uma visão terrível. Os copos e pratos sujos que havia por toda parte — no peitoril da janela, no tapete, até mesmo sobre as vitrines em que ficavam seus tesouros mais preciosos — não eram o pior. Não. O pior eram seus livros! Quase nenhum estava no lugar. Estavam empilhados no chão, entre canecas sujas de café, diante das janelas. Alguns até mesmo estavam abertos, as lombadas para cima, Elinor não podia nem olhar para eles! Aquele demônio não sabia que dessa maneira se quebra o pescoço dos livros?

Caso soubesse, não se importava nem um pouco. Orfeu estava sentado na poltrona preferida de Elinor, e, ao seu lado, o cão medonho, que segurava entre as patas algo que se parecia suspeitosamente com um tamanco de jardinagem.

Seu dono havia posto as pernas pesadas em cima de um dos braços da poltrona e segurava na mão um livro sobre fadas maravilhosamente ilustrado, que Elinor tinha adquirido havia somente dois meses num leilão, por tanto dinheiro que Darius cobrira o rosto com a mãos.

— Este — ela disse com voz trêmula — é um livro muito, muito valioso.

Orfeu virou a cabeça para ela e sorriu. Era o sorriso de uma criança travessa.

— Eu sei! — disse com sua voz aveludada. — A senhora possui muitos, realmente muitos livros valiosos, senhora Loredan.

— É verdade — respondeu Elinor friamente. — E por isso não os empilho como caixas de ovos ou fatias de queijo. Cada um tem seu lugar.

Essa observação fez Orfeu abrir ainda mais o sorriso. Ele fechou o livro, depois de fazer uma orelha para marcar a página. Elinor respirou fundo.

— Livros não são vasos de cristal, minha cara — disse Orfeu enquanto se endireitava na poltrona. — Não são tão frágeis nem tão decorativos. São livros! Seu conteúdo é o que importa, e este não escapa quando são empilhados. — Ele passou a palma da mão em seus cabelos lisos, como se estivesse preocupado que a risca tivesse se desfeito. — Açúcar disse que a senhora queria falar comigo?

Elinor lançou um olhar incrédulo para o homem-armário.

— Açúcar?

O gigante sorriu mostrando uma coleção tão extraordinária de dentes ruins que Elinor não precisou mais perguntar pela razão de seu apelido.

— Sim, é verdade. Há dias quero falar com o senhor. Exijo que nos deixe, a mim e ao meu bibliotecário, sair do porão! Não suporto mais ter que urinar num balde em minha própria casa e não saber se é dia ou noite. Exijo que traga de volta minha sobrinha e seu marido, que correm grande perigo por sua culpa, e exijo que tire seus dedos gordos de meus livros de uma vez por todas, caramba!

Elinor fechou a boca, e amaldiçoou a si mesma com todos os xingamentos que lhe vinham à mente. Oh, não! O que Darius vivia lhe dizendo? O que ela já havia dito a si mesma centenas de vezes, enquanto estava deitada naquele colchão de ar horroroso? Controle-se, Elinor, seja esperta, dome sua língua... tudo em vão. Ela explodira como um balão cheio demais.

Orfeu ainda estava sentado, as pernas cruzadas, com aquele sorriso insolente no rosto.

— É provável que eu possa trazê-los de volta. Sim, é provável! — ele disse ao acariciar a cabeça repugnante de seu cão. — Mas por que o faria?

— Ele passou seu grosso dedo indicador sobre a capa do livro, do qual havia acabado de dobrar uma página de forma tão cruel. — É uma bela capa, não é? Talvez meio piegas, além disso imagino as fadas um pouco diferentes, mas assim mesmo...

— Sim, é bonito, eu sei, mas não estou interessada em sua capa agora! — Elinor tentou não falar alto, mas simplesmente não conseguiu.

— Se o senhor pode trazer os dois de volta, então, com mil raios, faça isso de uma vez! Antes que seja tarde demais. A velha quer matá-los, o senhor não ouviu quando ela disse isso? Quer matar Mortimer!

Com ar de indiferença, Orfeu ajeitou a gravata amarrotada.

— Bem, ele matou o filho de Mortola, até onde entendi. Olho por olho, dente por dente, como se diz num outro livro que não é totalmente desconhecido.

— O filho dela era um assassino! — Elinor fechou os punhos. Ela queria se lançar em cima daquela cara de lua, arrancar o livro das suas mãos, que pareciam tão suaves e brancas como se não tivessem feito outra coisa em toda sua vida a não ser folhear as páginas de livros, mas Açúcar se pôs em seu caminho.

— Eu sei, eu sei. — Orfeu deu um suspiro profundo. — Sei tudo sobre Capricórnio. Li inúmeras vezes o livro que conta a sua história e devo lhe dizer que ele era um vilão muito bom, um dos melhores que já encontrei no reino das letras. Então, se quer saber minha opinião, simplesmente matar alguém como ele... é um pequeno crime. Embora eu fique contente por Dedo Empoeirado.

Oh, se ela ao menos pudesse esmurrá-lo, só uma vez, acabar com aquele nariz largo, com aquela boca sorridente!

— Capricórnio mandou seqüestrar Mortimer! Prendeu sua filha e manteve sua mulher prisioneira durante anos! — As lágrimas subiram aos olhos de Elinor, lágrimas de raiva e impotência. — Por favor! Senhor Orfeu ou seja lá como se chame! — Ela empregou todas as suas forças e todo o seu autocontrole para soar minimamente gentil. — Por favor! Traga os dois de volta, e já que

estará com a mão na massa, traga Meggie também, antes que ela seja pisoteada por um gigante ou espetada por uma lança.

Orfeu recostou-se na poltrona e examinou-a como a uma pintura num cavalete. Com que naturalidade ele havia se apropriado de sua poltrona, como se Elinor nunca tivesse se sentado nela, com Meggie ao seu lado, ou, como muito tempo antes, com Resa em seu colo, quando ela era um tiquinho de gente. Elinor engoliu sua raiva. "Controle-se!", ordenou a si mesma ao fixar o olhar no rosto pálido com óculos de Orfeu. "Controle-se. Por Mortimer, por Resa e por Meggie."

Orfeu pigarreou.

— Portanto, não sei o que há com a senhora — ele disse observando suas unhas, roídas como as de um garotinho. — Invejo os três!

Por um momento, Elinor não compreendeu do que ele falava. Somente quando ele prosseguiu, ficou claro para ela.

— De onde a senhora tirou a ideia de que eles querem voltar? — ele perguntou baixinho. — Se eu estivesse lá, não voltaria jamais! Não existe outro lugar neste mundo em que eu tenha tido tanto desejo de estar do que a colina sobre a qual fica o castelo do Príncipe Porcino. Por vezes sem conta, passeei pelo mercado de Ombra, olhei para as torres lá no alto, para as bandeiras com o leão no meio. Imaginei como seria percorrer a Floresta Sem Caminhos e observar como Dedo Empoeirado roubava o mel dos elfos de fogo. Imaginei a mulher saltimbanco pela qual ele se apaixonou, Roxane. Estive na fortaleza de Capricórnio e cheirei a poção que Mortola preparava com acônito e cicuta. O castelo de Cabeça de Víbora ainda hoje aparece com frequência em meus sonhos, às vezes estou numa das masmorras, outras vezes entro sorrateiramente com Dedo Empoeirado pelo portão, olho para as cabeças dos saltimbancos que

Cabeça de Víbora mandou exibir porque haviam cantado a canção errada... Por todas as letras do mundo! Quando Mortola me disse o seu nome, pensei que ela estivesse louca. Tudo bem, ela e Basta eram parecidos com as personagens que afirmavam ser, mas podia mesmo ser verdade que alguém os tivesse trazido de meu livro preferido? Existia de fato outra pessoa com a capacidade de ler como eu? Somente quando Dedo Empoeirado veio falar comigo, naquela biblioteca mal sortida e com cheiro de mofo, eu acreditei. Oh, meu Deus, como meu coração bateu quando vi o seu rosto com as três cicatrizes pálidas que Basta havia deixado nele! Batia mais forte do que no dia em que beijei uma menina pela primeira vez. Era ele realmente, o triste herói do meu livro preferido. E o fiz desaparecer novamente dentro dele. Mas e quanto a mim mesmo? Impossível. — Ele deu uma gargalhada, amarga e triste. — Só espero que Dedo Empoeirado não tenha que morrer como o cretino do autor previu. Mas não! Está tudo bem com ele, tenho certeza, afinal Capricórnio está morto e Basta é um covarde. A senhora sabia que escrevi para esse Fenoglio quando tinha doze anos de idade dizendo que ele precisava alterar sua história ou pelo menos escrever uma continuação na qual Dedo Empoeirado retornasse? Ele nunca me respondeu, nem *Coração de tinta* teve continuação. Pois é.

— Orfeu deu um suspiro profundo.

Dedo Empoeirado, Dedo Empoeirado... Elinor apertou os lábios. Quem estava interessado em saber como ia o devorador de fósforos? "Calma, Elinor, não vá explodir novamente, desta vez você precisa agir com astúcia, com astúcia e ponderação. Não será fácil, mas..."

— Escute. Se o senhor deseja tanto se enfiar dentro desse livro...

— Ela conseguiu finalmente que sua voz soasse como se o assunto do qual falava não fosse especialmente importante. — Por que simplesmente não traz Meggie de volta? Meggie sabe como ler a si própria para dentro de uma história. Ela fez isso! Certamente poderá lhe explicar como se faz, ou até mesmo ler o

senhor para lá!

O rosto redondo de Orfeu se fechou tão abruptamente que Elinor soube no mesmo instante que havia cometido um grave erro. Como pudera esquecer que ele era um sujeitinho metido e vaidoso?

— Ninguém — Orfeu disse baixinho, enquanto se levantava de forma ameaçadoramente lenta de sua poltrona —, ninguém precisa me explicar a arte de ler. Muito menos uma garotinha!

"Agora ele vai enviá-la imediatamente de volta para o porão!", pensou Elinor. "E agora? Procure, Elinor, procure em sua cabeça tola pela resposta certa! Vamos logo! Alguma coisa tem que lhe ocorrer!"

— É claro que não! — ela balbuciou. — O senhor foi o único capaz de ler Dedo Empoeirado de volta. O único. Mas...

— Sem mas. Preste atenção. — Orfeu fez uma pose como se fosse começar a cantar uma ária num palco e pegou de cima da poltrona o livro que havia largado ali tão displicentemente. Ele o abriu exatamente onde a orelha estragava a página cor de creme, passou a ponta dos dedos nos lábios como se precisasse amaciá-los para que as palavras não grudassem neles, e então ela encheu novamente a biblioteca de Elinor: sua voz encantadora, que não combinava nem um pouco com seu aspecto exterior. Orfeu lia como se deixasse sua comida preferida desmanchar dentro da boca, prazerosamente, ávido pelo som das letras, pérolas em sua língua, sementes-palavras das quais ele fazia a vida brotar.

Sim, talvez ele fosse realmente o maior mestre de sua arte. Porque a praticava com paixão absoluta.

— Existe uma história sobre um pastor, Tudur von Llangollen, que um dia encontrou um bando de fadas dançando à melodia de uma minúscula rabeca. — Um delicado som agudo ecoou atrás de Elinor, ela olhou para todos os lados, mas não viu ninguém além de Açúcar, que escutava a voz de Orfeu com uma expressão de perplexidade. *— Tudur tentou resistir às cordas enfeitiçadas, mas finalmente jogou sua boina para o ar, exclamou "Vamos lá, comece a tocar, seu velho diabo!" e juntou-se à dança frenética.*

O som foi ficando cada vez mais agudo e, desta vez, quando se virou, Elinor viu um homem em sua biblioteca, cercado de pequenas criaturas vestidas de folhas, que dançavam de pés descalços como um urso amestrado, e a um passo de distância um ser minúsculo com uma campânula na cabeça tocava uma rabeca, não muito maior do que uma bolota de carvalho.

— Imediatamente surgiram alguns chifres na cabeça do tocador de rabeca e um rabo apareceu sob o seu manto! — Orfeu inflou a voz até ela quase parecer um canto. — As criaturas transformaram-se em bodes, cães, gatos e raposas, que se punham a girar em círculos com Tudur numa dança louca e estonteante.

Elinor tapou a boca com a mão. Ali estavam eles, surgiam de trás da poltrona, pulavam sobre as pilhas de livros, dançavam sobre as páginas abertas com cascos sujos. O cão deu um salto e começou a latir para eles.

— Pare! — gritou Elinor para Orfeu. — Pare imediatamente. Com um sorriso triunfante, ele fechou o livro.

— Enxote-os para o jardim! — ordenou a Açúcar, que estava ali em pé como que petrificado. Aturdido, ele cambaleou até a porta, abriu-a e deixou sair todo o bando que dançava ao som da rabeca, de chiados, latidos, balidos para o corredor

de Elinor, passar em frente ao seu quarto de dormir, até que o barulho pouco a pouco foi silenciando.

— Ninguém — repetiu Orfeu, e não se via mais nenhum vestígio de um sorriso em seu rosto —, ninguém explica nada a Orfeu sobre a arte de ler. A senhora percebeu? Ninguém desapareceu! Talvez algumas traças, caso exista algo assim em sua biblioteca, talvez algumas moscas...

— Talvez alguns motoristas na estrada — acrescentou Elinor com voz rouca, infelizmente sem conseguir ocultar que estava impressionada.

— Talvez — disse Orfeu e sacudiu seus ombros roliços com ar indiferente. — Isso não afetaria em nada a minha maestria, não é? E agora espero que a senhora entenda alguma coisa da arte de cozinhar, pois estou completamente farto da gororoba de Açúcar. E estou com fome. Sempre fico com fome depois que leio.

— Cozinhar? — Elinor quase sufocou de raiva. — O senhor quer me fazer de sua cozinheira em minha própria casa?

— Ora, mas é claro. Seja útil. Ou a senhora quer que Açúcar chegue à conclusão de que a senhora e seu amigo gago são totalmente desnecessários? Ele já está bastante aborrecido porque não encontrou nada de valor para roubar em sua casa. Não, realmente não queremos que ele tenha ideias bobas, não é?

Elinor respirou profundamente e tentou ignorar a tremedeira em seus joelhos.

— Não, não queremos — ela disse, virou-se e foi para a cozinha.

32. O homem errado

— Ela pôs a erva curativa em sua boca, ele logo adormeceu. Ela cobriu-o com cuidado. Ele dormiu o dia inteiro...

Dieter Kühn, P*ercival de Wolfram von Eschenbach* A caverna, a não ser por Resa e Mo, estava vazia quando eles chegaram. Duas mulheres e quatros homens. Dois dos homens eram do grupo que estava sentado em volta da fogueira com Bailarino das Nuvens: Pássaro Tisnado, o cuspidor de fogo e Dois Dedos. À luz do dia seu rosto não parecia mais amigável, e os outros também pareciam tão hostis que Resa involuntariamente chegou mais perto de Mo.

Apenas Pássaro Tisnado parecia constrangido.

Mo dormia seu inquieto sono febril que agora já durava mais de um dia inteiro e que fazia Urtiga sacudir a cabeça de preocupação. Os seis pararam a apenas poucos passos de distância. Impediam que Resa visse a luz do dia, que vinha de fora da caverna.

Uma das mulheres deu um passo adiante. Não era especialmente velha, mas seus dedos eram curvos como as garras de um pássaro.

— Ele precisa ir embora! — ela disse. — Ainda hoje. Não é um de nós, nem você.

— Como assim? — A voz de Resa tremia, por mais que ela se esforçasse por

fazê-la soar tranquila. — Ele não pode ir embora, ainda está muito fraco.

Se pelo menos Urtiga estivesse lá! Mas ela se fora, depois de murmurar alguma coisa sobre crianças doentes e uma raiz que talvez pudesse espantar a febre. Na presença de Urtiga, os seis teriam tido medo, medo, respeito, vergonha, ao passo que ela própria era apenas uma estranha para os saltimbancos, uma estranha desesperada com um marido doente, com risco de morte, ainda que nenhum deles fizesse ideia do *quão* estranhos eles eram naquele mundo.

— As crianças... você precisa entender! — A outra mulher era ainda bastante jovem, e estava grávida. Com um gesto protetor, pusera a mão na barriga. — Alguém como ele põe nossas crianças em perigo, e Martha tem razão, vocês nem mesmo são um de nós. Este é o único lugar em que nos deixam ficar. Ninguém nos persegue até aqui, mas se ouvirem que Gaio está aqui, não teremos mais o nosso abrigo. Eles dirão que o escondemos.

— Mas ele não é Gaio! Eu já disse isso a vocês. E quem são "eles"? Mo sussurrou algo em sua febre, suas mãos agarraram o braço de Resa.

Ela o tranquilizou passando a mão em sua testa e forçou-o a beber um gole da infusão que Urtiga havia preparado. Os visitantes assistiram a isso calados.

— Como se você não soubesse! — disse um dos homens, um homem alto e magro, acometido por uma tosse seca. — Cabeça de Víbora está procurando por ele e enviará os encouraçados para cá. Mandará enforcar todos nós porque o escondemos aqui.

— Escutem mais uma vez! — Resa pegou a mão de Mo, segurou-a com firmeza. — Ele não é um salteador ou quem quer que seja das histórias de vocês!

Estamos aqui somente há alguns dias! Meu marido encaderna livros, este é o seu ofício, nada mais!

O modo como olhavam para ela!

— Poucas vezes ouvi uma mentira pior do que essa! — Dois Dedos torceu a boca. Sua voz era feia. A julgar pela roupa de retalhos coloridos, ele era um dos que encenavam comédias nos mercados, vulgares e espalhafatosas, fazendo os espectadores rirem até arrancar toda a tristeza de seu coração. — O que um encadernador tem a procurar na antiga fortaleza de Capricórnio, em plena Floresta Sem Caminhos? Ninguém vai até lá por vontade própria, por causa das Damas Brancas e outras criaturas horripilantes que vagueiam entre as ruínas. E Mortola, o que ela teria para tratar com um encadernador? Por que ela dispararia nele com uma arma enfeitiçada, da qual ninguém nunca ouviu falar?

Os outros assentiram com a cabeça, e deram mais um passo em direção a Mo. O que ela deveria fazer? O que poderia dizer? De que adiantava ter voz se ninguém a escutava? "Não se importe por não poder falar", Dedo Empoeirado sempre lhe dizia. "As pessoas não escutam mesmo, não é?"

Talvez ela pudesse pedir ajuda, mas quem viria? Bailarino das Nuvens partira com Urtiga bem cedo pela manhã, quando as folhas ainda tinham o brilho vermelho do sol que se erguia, e as mulheres que levavam comida para Resa e às vezes revezavam com ela ao lado de Mo, para que ela pudesse dormir algumas horas, tinham ido com as crianças até o rio que ficava ali perto, para lavar roupa. Lá fora havia apenas alguns velhos, homens que estavam fartos de toda gente e apenas esperavam a morte. Não ajudariam muito.

— Nós não o entregaremos a Cabeça de Víbora. Apenas o levaremos de volta para o lugar onde Urtiga os encontrou. A maldita fortaleza. — Era de novo o homem que tossia. Um corvo estava pousado em seu ombro. Resa conhecia

aqueles corvos, do tempo em que se sentava nos mercados e escrevia cartas e documentos. Seus donos treinavam-nos para roubar algumas moedas a mais, enquanto eles próprios faziam suas apresentações.

— As canções dizem que Gaio protege o Povo Colorido — prosseguiu o dono do corvo. — E aqueles que ele teria matado ameaçavam nossas mulheres e nossos filhos. Sabemos apreciar isso e todos nós já cantamos as canções que falam dele, mas não deixaremos que nos enforquem por sua causa.

Eles já haviam decidido. Levariam Mo dali. Resa queria protestar, mas simplesmente não tinha mais forças.

— Ele não resistirá se vocês o levarem de volta! — sua voz era pouco mais do que um sussurro.

Não estavam interessados, Resa viu em seus olhos. "Mas, também, como estariam?", pensou. O que ela faria se as crianças lá fora fossem os seus filhos? Lembrou-se de uma visita de Cabeça de Víbora à fortaleza de Capricórnio, para assistir à execução de um inimigo comum. Aquele dia ela soube como era um homem que tinha prazer em causar sofrimento a outros.

A mulher com os dedos curvos ajoelhou-se ao lado de Mo e arregaçou sua manga, antes que Resa pudesse impedir.

— Aqui, estão vendo? — disse triunfante. — Ele tem a cicatriz, exatamente como descrevem as canções, onde os cães de Cabeça de Víbora o morderam.

Resa empurrou-a de volta com tanta força, que ela caiu aos pés dos outros.

— Os cães não eram dc Cabeça de Víbora. Eram de Basta!

O nome fez todos estremecerem. Mas assim mesmo não foram embora. Pássaro Tisnado ajudou a mulher a se pôr de pé, e Dois Dedos aproximou-se de Mo.

— Vamos! — ele disse para os outros. — Vamos erguê-lo. Todos se puseram ao lado de Mo. Somente o cuspidor de fogo hesitou.

— Por favor! Acreditem em mim! — Resa empurrou as mãos de volta. — Como podem pensar que estou enganando vocês? Que forma seria essa de agradecer pela sua ajuda?

Ninguém lhe deu atenção. Dois Dedos tirou de cima de Mo o cobertor que Urtiga lhe dera. A noite, fazia frio na caverna.

— Ora, vejam só! Nossos hóspedes estão recebendo visitas. Isso é realmente gentil.

O modo como todos se viraram! Como crianças que foram apanhadas fazendo uma travessura. Havia um homem na entrada da caverna. Por um momento, Resa pensou que fosse Dedo Empoeirado, e perguntou-se confusa como seria possível que Bailarino das Nuvens o tivesse trazido tão depressa. Mas então ela viu que o homem para o qual todos olhavam com tanta culpa era negro. Tudo nele era negro, seus cabelos longos, sua pele, seus olhos, até mesmo suas roupas. E ao lado dele, quase uma cabeça mais alto, tão negro como seu dono, estava um urso.

— Estes devem ser os visitantes dos quais Urtiga me falou, não é? — O urso ergueu a cabeça com um grunhido e seguiu seu dono pela caverna. — Ela afirma conhecer um velho e bom amigo meu. Dedo Empoeirado. Evidentemente todos vocês já ouviram falar dele, não é mesmo? E é claro que sabem que os amigos dele são meus amigos também. É claro que o mesmo vale para os seus inimigos.

Os seis dispersaram-se atrapalhados, quase solícitos, como se quisessem liberar a visão de Resa para o estranho. E o cuspidor de fogo riu nervoso.

— Que surpresa, Príncipe Negro. O que o traz aqui?

— Oh, várias coisas. Por que não há sentinelas lá fora? Vocês acham que os duendes não apreciam mais as nossas provisões?

Ele se aproximou lentamente de Resa e de Mo enquanto seu urso se punha de quatro e ia atrás dele, bufando como se a estreita caverna não o agradasse. Eles o haviam chamado de príncipe. Claro! O Príncipe Negro! Ela ouvira seu nome no mercado de Ombra, das criadas na fortaleza de Capricórnio, e até mesmo dos próprios homens de Capricórnio. Contudo, naquela época em que a história de Fenoglio a engolira pela primeira vez, ela nunca chegara a vê-lo. Ele era um atirador de facas, domador de ursos... e amigo de Dedo Empoeirado desde que os dois ainda eram mais novos do que Meggie.

Os outros se afastaram quando o Príncipe Negro chegou com seu urso, mas ele não lhes deu atenção. Olhou para Resa. Havia três facas em seu cinto com bordados coloridos, brilhantes e estreitas, embora a nenhum saltimbanco fosse permitido portar armas. "Para que possam espetá-los sem inconvenientes!", zombara muitas vezes Dedo Empoeirado.

— Bem-vindos ao Abrigo Secreto — disse o Príncipe Negro, enquanto seu olhar dirigia-se à atadura ensanguentada de Mo. — Os amigos de Dedo Empoeirado são sempre bem-vindos aqui, embora às vezes não pareça. — Ele lançou um olhar zombeteiro para os que estavam em volta. Apenas Dois Dedos revidou o olhar, relutante, mas depois também abaixou a cabeça.

O Príncipe Negro, porém, olhou novamente para Resa.

— De onde você conhece Dedo Empoeirado?

O que ela deveria responder? De um outro mundo? O urso começou a cheirar o pão que estava ao lado dela. O bafo quente do predador a fez sentir um arrepio. "Diga a verdade, Resa", ela pensou. "Afinal você não precisa dizer em que mundo aconteceu."

— Fui criada dos incendiários, durante alguns anos — ela disse. — Fugi, mas uma cobra me mordeu. Dedo Empoeirado foi quem me encontrou e me ajudou. Sem ele, eu teria morrido. "Ele me escondeu", acrescentou em pensamento, "mas logo me encontraram, Basta e os outros, e quase o mataram de pancadas."

— O que aconteceu com o seu marido? Ouvi dizer que ele não é um de nós. — Os olhos negros investigavam o rosto dela. Pareciam experientes em descobrir mentiras.

— Ela afirma que ele é encadernador, mas sabemos que não! — Dois Dedos cuspiu com desdém.

— O que vocês sabem? — O Príncipe Negro olhou para eles, e todos se calaram.

— Ele é encadernador! Tragam papel, cola e couro e ele lhes provará quando estiver melhor. — "Não chore, Resa. Você já chorou o suficiente nos últimos dias."

O homem magro tossiu novamente.

— Muito bem, vocês a ouviram. — O Príncipe Negro se agachou no chão ao lado dela. — Os dois ficam aqui até Dedo Empoeirado chegar para confirmar a sua história. Vai nos dizer se ele é apenas um encadernador inofensivo ou esse salteador sobre o qual vocês não param de tagarelar. Dedo Empoeirado o conhece, o seu marido, ou não?

— Oh, sim — respondeu Resa baixinho. — Ele o conhece, há mais tempo do que a mim.

Mo virou a cabeça. Sussurrou o nome de Meggie.

— Meggie? É este o seu nome? — o Príncipe Negro empurrou o nariz de seu urso quando ele começou a cheirar o pão novamente.

— É o nome da nossa filha.

— Vocês têm uma filha? Que idade ela tem? — O urso deitou-se de costas e

deixou-se acariciar na barriga como um cão.

— Treze.

— Treze? Quase a mesma idade da filha de Dedo Empoeirado. Filha de Dedo Empoeirado? Ele nunca lhe falara sobre uma filha.

— O que vocês estão fazendo aí parados? — o Príncipe Negro ralhou.

— Tragam água fresca! Não estão vendo que ele está com febre?

Ambas as mulheres saíram depressa, aliviadas, como pareceu a Resa, por terem um pretexto para deixar a caverna. Os homens, porém, ficaram hesitantes.

— E se for ele, Príncipe Negro? — perguntou o homem magro.

— E se Cabeça de Víbora ficar sabendo antes que Dedo Empoeirado chegue aqui? — ele tossia tão forte que pôs a mão no peito.

— Se ele for quem? Gaio? Besteira! Gaio provavelmente não existe. E mesmo que exista! Desde quando entregamos aqueles que estão do nosso lado? E se a canção for verdadeira, se ele proteger as mulheres, os filhos de vocês?...

— As canções não são verdadeiras. — As sobrancelhas de Dois Dedos eram tão escuras como se ele as tivesse enegrecido com carvão. — Ele não deve ser melhor do que qualquer outro salteador, um assassino ávido por ouro, nada

mais...

— Talvez sim, mas talvez não — respondeu o Príncipe Negro. — Estou vendo apenas um homem ferido e uma mulher pedindo ajuda.

Os homens se calaram. Porém os olhares que lançavam para Mo ainda eram hostis.

— Agora saiam. Sumam daqui! — exclamou o Príncipe Negro. — Como querem que ele melhore se olham para ele desse jeito? Ou vocês acham que sua mulher está interessada na desagradável companhia de vocês? Façam alguma coisa útil, há bastante trabalho lá fora.

Eles realmente se foram. Carrancudos, saíram com passos arrastados, como homens que não haviam concretizado o intento pelo qual estavam ali.

— Ele não é Gaio! — Resa sussurrou depois que se foram.

— Suponho que não — O Príncipe Negro acariciou as orelhas redondas de seu urso. — Mas temo que os que estão lá fora estejam convencidos do contrário. E Víbora ofereceu uma recompensa alta pela cabeça de Gaio.

— Uma recompensa? — Resa olhou para a entrada da caverna. Dois dos homens ainda estavam na frente dela. — Eles voltarão — sussurrou.

— E tentarão levá-lo de todo jeito.

Mas o Príncipe Negro sacudiu a cabeça.

— Não enquanto eu estiver aqui. E ficarei até Dedo Empoeirado chegar. Urtiga disse que você enviou uma mensagem para ele, portanto, logo deve estar aqui para dizer aos outros que você não está mentindo. Certo?

As mulheres voltaram carregando uma vasilha com água. Resa mergulhou um retalho de tecido dentro dela e esfriou a testa de Mo. A mulher grávida debruçou-se sobre ela e pôs algumas flores secas no seu colo.

— Tome — sussurrou-lhe. — Ponha sobre o coração dele, traz sorte.

Resa sentiu na mão as pétalas secas como palha.

— Eles o obedecem — ela disse depois que as mulheres saíram novamente. — Por quê?

— Porque me elegeram seu rei — respondeu o Príncipe Negro.

— E porque sou um atirador de facas muito bom.

33. Morte-de-fada

E olhar tudo isso à distância: homens e mulheres, homens, homens, mulheres e crianças, diferentes e coloridas.

Rainer Maria Rilke, *Infância* No começo, Dedo Empoeirado não quis acreditar em Farid quando ele contou-lhe o que tinha visto e ouvido na câmara de Fenoglio. Não, tão louco assim, a ponto de se intrometer nos domínios da Morte, o velho não podia ser. Mas depois, ainda no mesmo dia, algumas mulheres que compravam ervas com Roxane contaram o mesmo que o garoto: que Cosme, o Belo, estava de volta, que ressurgira dos mortos.

— As mulheres dizem que as Damas Brancas ficaram tão apaixonadas por Cosme que finalmente o deixaram partir — disse Roxane. — E os homens dizem que ele se escondeu de sua esposa feia por um tempo.

Histórias malucas, mas nem a metade tão malucas quanto a verdade, pensou Dedo Empoeirado.

Sobre Brianna as mulheres não souberam dizer nada. Não lhe agradava nem um pouco que ela estivesse no castelo. Ninguém sabia o que poderia acontecer no instante seguinte. Diziam que Pífaro ainda estava em Ombra, com meia dúzia de encouraçados. Os demais, Cosme expulsara da cidade. Do lado de fora dos muros, esperavam a chegada de seu senhor. Era o que se ouvia por toda a parte: Cabeça de Víbora viria em pessoa, para ver o príncipe ressuscitado. Não admitiria facilmente que Cosme usurpasse o trono de seu neto.

— Eu mesma cavalgarei até lá e verei como ela está — disse Roxane. Você provavelmente não conseguirá sequer passar pelo portão externo. Mas há uma coisa que você pode fazer para mim.

As mulheres não tinham ido até lá somente por causa das ervas e dos mexericos sobre Cosme. Levavam uma encomenda para Roxane, de Urtiga, que estava em Ombra com os tintureiros para tratar de duas crianças doentes. Ela precisava de uma raiz de morte-de-fada, um tratamento perigoso que tanto curava quanto matava. Quem era o pobre diabo para o qual pedira a raiz, a velha não dissera.

— Para algum ferido no Abrigo Secreto, Urtiga pretende voltar ainda hoje. E tem mais uma coisa... Bailarino das Nuvens veio com ela e diz que tem uma mensagem para você.

— Uma mensagem?

— Sim. De uma mulher.

Roxane olhou para ele por um momento, então entrou na casa para pegar a raiz.

— Você vai para Ombra? — Farid apareceu tão repentinamente atrás de Dedo Empoeirado que ele levou um susto.

— Sim, Roxane vai até o castelo — disse. — E você fica aqui cuidando de Jehan.

— E quem cuida de você?

— De mim?

— É, de você. — O modo como Farid olhava para ele. Sim, dele e da marta. — Para que não aconteça — Farid falou tão baixinho que Dedo Empoeirado quase não entendeu. — O que está no livro.

— Ah, isso. — Como o garoto o encarava preocupado. Como se no próximo instante pudesse cair morto. Dedo Empoeirado teve que reprimir um sorriso, embora se tratasse de sua morte. — Meggie lhe contou?

Farid fez que sim.

— Bem, esqueça isso, está me ouvindo? As palavras estão escritas. Talvez se realizem, talvez não.

Mas Farid sacudiu a cabeça, tão energicamente que os cabelos negros caíram em sua testa.

— Não! — ele disse. — Não, elas não se realizarão! Eu juro. Juro pelo gênios que uivam à noite no deserto e pelos espíritos que devoram os mortos, juro por tudo que temo!

Dedo Empoeirado olhou para ele pensativo.

— Garoto maluco! — ele disse. — Mas gostei do juramento. É melhor deixarmos Gwin aqui para que você possa detê-lo.

Gwin não gostou da ideia. Mordeu a mão de Dedo Empoeirado quando ele o prendeu à corrente, tentou arranhar seus dedos e rosnou ainda mais furioso quando Sorrateiro se enfiou na mochila.

— Você vai levar a nova marta e deixar a velha na corrente? — perguntou Roxane quando lhe trouxe a erva para Urtiga.

— Sim. Porque alguém disse que ela me traz azar.

— Desde quando você acredita nessas coisas? Sim, desde quando?

"Desde que encontrei um velho que afirma ter inventado a você e a mim", pensou Dedo Empoeirado. Gwin ainda rosnava, Dedo Empoeirado nunca vira a marta tão furiosa. Sem dizer uma palavra, soltou novamente a corrente de sua coleira. E ignorou o olhar horrorizado de Farid.

Durante todo o caminho para Ombra, Gwin ficou no ombro de Farid, como se quisesse mostrar a Dedo Empoeirado que ainda não o perdoara. E assim que Sorrateiro pôs o nariz para fora da mochila, Gwin arreganhou os dentes e rosnou tão ameaçadoramente que Farid tapou sua boca algumas vezes.

As forcas diante do portão da cidade estavam vazias, apenas alguns corvos estavam pousados nas vigas. A Feia era ainda quem julgava em Ombra, apesar do regresso de Cosme, como já fazia quando o Príncipe Porcino era vivo. E ela não gostava muito de enforcamentos, talvez porque, quando criança, tivesse visto homens demais balançando numa corda, com línguas azuis e rostos

inchados.

— Escute — disse Dedo Empoeirado para Farid quando pararam entre as forcas. — Enquanto levo a raiz para Urtiga e pergunto a Bailarino das Nuvens pela mensagem, você vai buscar Meggie. Preciso falar com ela.

Farid ficou vermelho, mas assentiu. Dedo Empoeirado olhou para o seu rosto com ar zombeteiro.

— O que foi? Naquela noite em que você esteve com ela aconteceu alguma coisa além do regresso de Cosme do reino dos mortos?

— Isso não é da sua conta! — respondeu Farid ainda mais vermelho. Praguejando, um camponês conduzia uma carroça carregada com barris em direção ao portão da cidade. Os bois bloquearam a passagem e as sentinelas pegaram as rédeas impacientes.

Dedo Empoeirado aproveitou a oportunidade e passou discretamente com Farid.

— Traga Meggie mesmo assim — disse quando se separaram do outro lado do portão. — Mas não vá se perder por aí de tanto amor.

Dedo Empoeirado seguiu o garoto com o olhar até ele desaparecer entre as casas. Não admirava que Roxane o tomasse por seu filho. Às vezes, ele suspeitava que seu coração fizesse o mesmo.



34. A mensagem de Bailarino das Nuvens

Sim, minha amada, Nosso mundo está sangrando De mais dor do que somente a dor do amor.

Faiz Ahmend Faiz, *O amor que um dia lhe dei* Não devia haver pior cheiro no mundo do que o das cubas dos tintureiros. Dedo Empoeirado sentiu o odor corrosivo já ao entrar na viela em que os ferreiros faziam seu trabalho. Os que moldavam panelas, os que forjavam ferraduras, e ali, do outro lado, os armeiros, que tinham mais prestígio que seus companheiros de ofício e a presunção correspondente. O barulho dos martelos malhando o ferro incandescente era quase tão ruim quanto o cheiro que chegava da ruela dos tintureiros. Suas casas pobres ficavam no canto mais afastado de Ombra. Nenhuma cidade tolerava suas cubas fétidas perto dos melhores quarteirões. Mas justamente quando Dedo Empoeirado se dirigia ao portão que separava sua rua do resto da cidade, um homem que saía de uma das oficinas de armas esbarrou nele.

Pífaro. Seria impossível não o reconhecer com seu nariz de prata, embora Dedo Empoeirado ainda se lembrasse dos dias em que em seu lugar havia um nariz de carne e osso. "Mas que sorte você tem, Dedo Empoeirado!", pensou enquanto virava a cabeça e tentava passar depressa pelo trovador de Capricórnio. "De todos os homens deste mundo, foi aparecer em seu caminho justamente esse facínora!" Ele chegou a ter esperanças de que Pífaro não tivesse percebido com quem topara, mas, quando pensou ter passado por ele, Nariz de Prata agarrou seu braço e o virou.

— Dedo Empoeirado! — ele disse com sua voz abafada, que em outros tempos soava tão diferente. Ela sempre fazia Dedo Empoeirado lembrar-se de bolos doces demais. Era a voz que Capricórnio mais gostava de ouvir, e o

mesmo se aplicava às canções que ele cantava. Pífaro escrevia canções maravilhosas sobre incêndios e assassinatos, canções tão maravilhosas que quase faziam acreditar não haver ocupação mais nobre do que torcer pescoços. Seriam as mesmas canções que ele cantava para Cabeça de Víbora ou seriam elas tecidas de modo grosseiro demais para os salões de prata do Castelo da Noite?

— Mas, ora, vejam só! Quase chego a acreditar que agora todos estão voltando da morte — disse Pífaro, enquanto os dois encouraçados que o acompanhavam lançavam olhares desejosos para as armas que estavam expostas do lado de fora das oficinas dos ferreiros. — Na verdade, pensei que Basta já há alguns anos o tivesse mandado para baixo da terra depois de cortá-lo em fatias. Sabia que ele também voltou? Ele e a velha, Mortola, você deve se lembrar dela. Cabeça de Víbora os acolheu com grande alegria. Bem, você sabe, ele sempre apreciou a arte culinária mortal da velha.

Dedo Empoeirado ocultou por trás de um sorriso o medo que se espalhou em seu coração.

— Pífaro, olhe só — ele disse. — O novo nariz combina bem com você, muito mais do que o antigo. Ele diz a todos quem é o seu novo amo e que ele pertence a um saltimbanco que pode ser comprado com prata.

Os olhos de Pífaro não haviam mudado. Azul acinzentado era a sua cor, como o céu num dia de chuva, e o encaravam tão fixamente como os olhos de um pássaro. Dedo Empoeirado soube por Roxane como ele havia perdido seu nariz. Um homem cortara-o porque Pífaro seduzira sua filha com as canções sombrias que cantava.

— Você ainda tem uma língua perigosamente afiada, Dedo Empoeirado — ele disse. — Está na hora de alguém finalmente livrá-lo dela. Já não tentaram fazer isso uma vez e você somente escapou porque o Príncipe Negro e o seu urso

o protegeram? Os dois ainda continuam tomando conta de você? Não estou vendo ninguém por aqui. — Ele olhou ao redor.

Dedo Empoeirado lançou um breve olhar para os dois encouraçados. Ambos eram pelo menos uma cabeça mais altos do que ele. "O que Farid diria se me visse agora?", pensou. "Que eu deveria tê-lo mantido ao meu lado para que pudesse cumprir seu juramento?" Pífaro tinha uma espada, como era de esperar, sua mão já estava no punho. Ao que tudo indicava, ele se importava tanto quanto o Príncipe Negro com a lei que proibia os saltimbancos do uso de armas. "Que bom que os ferreiros estão martelando alto", pensou Dedo Empoeirado. "Senão certamente daria para ouvir como meu coração está batendo de medo."

— Preciso ir — disse no tom mais indiferente que conseguiu. — Mande lembranças a Basta por mim quando o vir, e essa história de enterrar ele ainda pode compensar. — Dedo Empoeirado se virou (valia a pena tentar), mas Pífaro segurou seu braço.

— É claro, aí está também sua marta! — disse em tom de deboche.

Dedo Empoeirado sentiu o focinho úmido de Sorrateiro em seu ouvido. "Esta marta não é Gwin", tentou tranquilizar seu coração em disparada. "Não é Gwin. Mas Fenoglio havia mencionado o seu nome quando encenou sua morte?" Por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar. "Pedirei a Basta que me devolva mais uma vez o livro para que eu possa verificar", pensou com amargura. Com um movimento de mão, mandou Sorrateiro de volta para dentro da mochila. Melhor não pensar nisso.

Pífaro ainda segurava o seu braço. Ele usava luvas de couro claro, com finos pespontos, como as de uma mulher.

— Logo Cabeça de Víbora estará aqui — sussurrou para Dedo Empoeirado. — A notícia de seu genro estranhamente redespertado para a vida não lhe agradou nem um pouco. Ele considera tudo isso uma farsa lastimável para usurpar o trono de seu neto indefeso.

Quatro guardas desciam a rua, guardas com as cores do Príncipe Porcino. As cores de Cosme. Nunca Dedo Empoeirado ficou tão feliz com a presença de homens armados.

Pífaro soltou seu braço.

— Voltaremos a nos ver — sussurrou com sua voz sem nariz.

— Provavelmente — limitou-se a responder Dedo Empoeirado. Então abriu caminho entre alguns garotos maltrapilhos que estavam diante de uma espada com olhos arregalados, passou à frente de uma mulher que trazia sua panela furada para um ferreiro, e desapareceu pelo portão dos tintureiros.

Ninguém o seguiu. Ninguém mais o pegou pelo braço e o puxou para trás. "Dedo Empoeirado, você tem muitos inimigos!", pensou e somente começou a andar mais devagar quando chegou às grandes cubas das quais subiam os vapores dos banhos fétidos de tingimento. Mas o mau cheiro também pairava sobre o riacho que conduzia os líquidos malcheirosos por baixo dos muros da cidade e os levava até o rio. Não admirava que apenas se podiam ver ninfas no rio acima do ponto em que o riacho desembocava.

Na porta da segunda casa à que Dedo Empoeirado bateu, ele soube onde poderia encontrar Urtiga. A mulher para cuja casa lhe enviaram tinha olhos vermelhos de chorar e uma criança pequena nos braços. Sem dizer uma palavra, fez um sinal para que ele entrasse na casa, caso se quisesse chamá-la de casa.

Urtiga estava curvada sobre uma menina, as faces vermelhas, os olhos vidrados. Quando notou a presença de Dedo Empoeirado, ela se ergueu com ar mal-humorado.

— Roxane me pediu que lhe entregasse isso!

Ela lançou um breve olhar para a raiz, apertou os lábios estreitos e assentiu com a cabeça.

— O que tem a menina? — ele perguntou. A mãe havia se deitado na cama novamente.

Urtiga sacudiu os ombros. Ela parecia vestir a mesma roupa verde-musgo de dez anos antes. E pelo jeito também não o suportava mais do que antigamente.

— Uma febre ruim, mas sobreviverá — ela respondeu. — Nem a metade tão ruim do que aquela da qual morreu sua filha... enquanto o pai dava um giro pelo mundo! — Ela o encarou enquanto dizia isso, como se quisesse se assegurar de que suas palavras haviam doído, mas Dedo Empoeirado sabia como esconder a dor. Entendia disso quase tanto quanto de seus jogos com fogo.

— A raiz é perigosa — ele disse.

— Você acha que precisa me explicar? — A velha olhou para ele irritada, como se tivesse sido insultada. — A ferida que ela deve fechar também. Ele é forte, senão já estaria morto.

— Eu o conheço?

— Você conhece a mulher dele.

Do que a velha estava falando? Dedo Empoeirado olhou para a criança doente. Seu rosto pequeno estava vermelho de febre.

— Ouvi dizer que Roxane o admitiu novamente em sua cama — disse Urtiga. — Diga-lhe que ela é mais boba do que eu pensava. E agora vá para trás da casa. Bailarino das Nuvens está lá, ele pode lhe contar mais sobre a mulher. Ela enviou um recado para você.

*

Bailarino das Nuvens estava ao lado de um mirrado arbusto de oleandro que crescia entre as cabanas dos tintureiros.

— A pobre criança, você viu? — perguntou quando Dedo Empoeirado andava em sua direção. — Simplesmente não aguento olhar quando elas estão doentes. E as mães... de onde tiram tantas lágrimas para chorar? Ainda me lembro quando Roxane — interrompeu-se bruscamente. — Desculpe — murmurou e enfiou a mão sob sua túnica imunda. — Esqueci totalmente de que ela também era sua filha. Tome, isto é para você. — Tirou uma folha de papel de debaixo da túnica, um papel lilás muito fino, como nunca vira antes naquele mundo. — Uma mulher me deu isso para que lhe entregasse. Urtiga a encontrou na floresta, junto com o marido, na antiga fortaleza de Capricórnio, e levou-os para o Abrigo Secreto. O homem tem um ferimento realmente grave.

Hesitante, Dedo Empoeirado desdobrou o papel. Ele reconheceu a letra imediatamente.

— Ela disse que o conhece. Eu lhe disse que você não sabe ler, mas...

— Sei ler — interrompeu-o Dedo Empoeirado. — Ela me ensinou. "Como ela chegou aqui?" Era a única coisa em que Dedo Empoeirado conseguia pensar enquanto as letras escritas por Resa dançavam diante de seus olhos. O papel estava tão amassado que era difícil decifrar as palavras. Não que em geral fosse fácil...

— É verdade, ela também disse isso. "Eu o ensinei." — Bailarino das Nuvens olhou curioso para ele. — De onde você conhece essa mulher?

— É uma longa história. — Ele pôs o papel em sua mochila. — Preciso ir — disse.

— Voltaremos ainda esta noite, Urtiga e eu! — exclamou Bailarino das Nuvens atrás dele. — Devo dizer alguma coisa à mulher?

— Sim. Diga que lhe levarei sua filha.

Os soldados de Cosme ainda estavam na rua dos ferreiros. Examinavam uma espada, de preço exorbitante para um simples soldado. Nenhum sinal de Pífaro. Tiras de pano coloridas penduradas nas janelas caíam sobre a rua, Ombra festejava o retomo de seu príncipe morto. Mas Dedo Empoeirado não estava com ânimo para comemorações. As palavras pesavam em sua mochila. Ainda que precisasse admitir que estava cheio de amarga satisfação por saber que Língua Encantada tivera naquele mundo ainda menos sorte do que lhe coubera

no dele. Agora ele sabia como era estar dentro da história errada? Ou não tivera tempo para sentir qualquer coisa antes que Mortola atirasse nele?

Na viela que levava para o castelo, a multidão se apinhava como num dia de mercado. Dedo Empoeirado olhou para as torres, onde as bandeiras negras ainda estavam hasteadas. O que Brianna pensaria a respeito de o marido de sua senhora estar de volta? "Mesmo que você perguntasse, ela não diria!", pensou ao dirigir-se novamente para o portão. Estava na hora de partir. Antes que encontrasse novamente Pífaro em seu caminho. Ou mesmo o seu senhor...

Meggie já esperava com Farid embaixo das forcas vazias. O garoto sussurrou alguma coisa em seu ouvido e ela riu. "Com todos os fogos!", pensou Dedo Empoeirado. "Veja como os dois parecem felizes, e você precisa ser novamente o portador de más notícias. Por que sempre você? Muito simples", ele mesmo respondeu. "Porque elas combinam mais com o seu rosto do que as boas notícias."

35. Remédio de tinta

A lembrança de meu pai está embrulhada num papel claro, como um pão que se leva para o trabalho Assim como um mágico tira lenços e coelhos de seu chapéu, de seu corpo franzino ele tirava amor.

Yehuda Amichai, *Meu pai* Meggie parou de rir assim que viu Dedo Empoeirado andando em sua direção. Por que seu rosto estava tão sério? Farid dissera que ele estava feliz. Era por tê-la visto que ficara tão mal-humorado? Estava zangado porque ela o seguira em sua história e com sua presença o lembrava de todos os anos que certamente queria esquecer? "Sobre o que ele quer falar comigo?", ela perguntara a Farid. "Provavelmente sobre Fenoglio", ele respondera. "E sobre Cosme. Quer saber o que o velho pretende!" Como se ela pudesse dizer isso a Dedo Empoeirado...

Quando ele parou na sua frente, não havia em seu rosto nenhum vestígio do sorriso sobre cujo significado ela se perguntara tantas vezes.

— Olá, Meggie — ele disse.

Em sua mochila, uma marta piscou os olhos sonolenta, mas não era Gwin. Este estava nos ombros de Farid e mostrou os dentes quando o focinho de seu semelhante apareceu sobre o ombro de Dedo Empoeirado.

— Olá — ela respondeu encabulada. — Como vai?

Era estranho revê-lo. Ela sentia alegria e desconfiança ao mesmo tempo.

Atrás deles, pessoas afluíam ao portão da cidade num movimento incessante; camponeses, comerciantes, saltimbancos, mendigos, todos que tinham ouvido falar do regresso de Cosme. As notícias corriam depressa naquele mundo, embora não houvesse telefone nem jornal, e apenas os ricos escrevessem cartas.

— Bem. Realmente bem!

Agora ele sorria, e absolutamente não da forma tão enigmática como costumava fazer. Sim, Farid não mentira. Dedo Empoeirado estava feliz. Parecia quase encabulado com isso. Seu rosto parecia muito mais jovem apesar das cicatrizes, mas então, de repente, ele ficou sério de novo. A outra marta pulou no chão, quando seu dono tirou a mochila do ombro e tirou de dentro dela uma folha de papel.

— Na verdade, eu queria falar com você sobre Cosme, nosso príncipe que tão surpreendentemente regressou da morte — ele disse ao desdobrar o papel amarrotado. — Mas agora acho que devo lhe mostrar isso antes.

Perplexa, Meggie pegou o papel. Quando viu a letra, olhou espantada para Dedo Empoeirado. Como ele havia obtido uma carta de sua mãe? Ali, naquele mundo?

Mas Dedo Empoeirado apenas disse: — Leia.

E Meggie leu. As palavras envolveram seu pescoço como uma serpente, que apertava mais e mais, até que ela quase não podia mais respirar.

— O que foi? — perguntou Farid inquieto. — O que está escrito? Ele olhou para Dedo Empoeirado, mas não obteve resposta. Meggie, porém, continuava a olhar para as palavras de Resa.

— Mortola... atirou em Mo?

Atrás deles a multidão se apinhava para ver Cosme, o novo Cosme, mas que interesse havia nisso? Nada mais a interessava. Ela só queira saber de uma coisa.

— Como assim? — olhou desesperada para Dedo Empoeirado. — Como vieram até aqui? E como está Mo? Ele não está mal, está?

Dedo Empoeirado desviou o olhar.

— Só sei o que está aí — ele disse. — Que Mortola atirou em seu pai, que Resa está com ele no Abrigo Secreto e me pediu que a procurasse. Um amigo trouxe o bilhete. Ele voltará ainda esta noite para o Abrigo Secreto, junto com Urtiga. Ela...

— Urtiga? Resa me contou sobre ela! — Meggie interrompeu-o. — Ela é uma curandeira, uma curandeira muito boa ... Vai curar Mo, não vai?

— Claro — disse Dedo Empoeirado, ainda sem olhar para ela. O olhar de

Farid passou aflito dele para Meggie.

— Mortola atirou em Língua Encantada? — ele balbuciou. — Então a raiz é para ele! Mas você disse que é uma raiz perigosa!

Dedo Empoeirado lançou-lhe um olhar de advertência, e Farid calou-se.

— Perigosa? — sussurrou Meggie. — O que é perigosa?

— Nada, absolutamente nada. Eu a levarei até eles. Agora mesmo.

— Dedo Empoeirado jogou sua mochila nas costas. — Vá até Fenoglio e diga-lhe que você vai ficar fora por alguns dias. Diga que Farid e eu estaremos com você. É provável que isso não o tranquilize muito, mas que diferença faz? Não conte a ele para onde vamos nem por quê! As notícias correm depressa por estas colinas, e é melhor — acrescentou baixando a voz — que Mortola não saiba que seu pai ainda está vivo. O Abrigo Secreto onde ele está é conhecido apenas por saltimbancos, todos prestam um juramento de não revelar a localização a quem não seja um de nós. Mas assim mesmo...

— ... juramentos são quebrados! — Meggie concluiu sua frase.

— É você quem diz. — Dedo Empoeirado olhou para o portão da cidade. — Vá agora, mas se apresse de qualquer forma. Diga para o velho que há uma mulher saltimbanco na colina, ele...

— Ele sabe quem é Roxane — Meggie o interrompeu.

— É claro! — Desta vez o sorriso de Dedo Empoeirado foi amargo.

— Sempre esqueço que ele sabe tudo sobre mim. Bem, diga a ele para avisar Roxane de que precisarei ficar fora por alguns dias. E que cuide da minha filha. Ele deve saber quem ela é, certo?

Meggie apenas assentiu com a cabeça.

— Muito bem — prosseguiu Dedo Empoeirado. — Então diga mais uma coisa para o velho: diga que se uma única das suas malditas palavras for responsável por que algo ruim aconteça a Brianna, ele se arrependerá amargamente de ter criado alguém capaz de evocar o fogo.

— Eu direi! — Meggie sussurrou.

Então ela se foi, abrindo caminho em meio à multidão que, assim como ela, queria entrar na cidade. "Mo!", ela pensou. "Mortola atirou em Mo." E seu sonho voltou, seu sonho vermelho.

Fenoglio estava à janela quando Meggie entrou esbaforida em sua câmara.

— Céus, mas que cara é essa? — ele perguntou. — Não disse a você para não sair com todo esse povo se apinhando pelas ruas? Mas basta esse garoto assobiar e você já sai correndo como um cãozinho amestrado!

— Pare com isso! — Meggie falou em tom tão rude que Fenoglio de fato se

calou. — Você precisa escrever algo. Depressa, por favor!

Ela o arrastou para a mesa, na qual Quartzo Rosa roncava baixinho, — Escrever? O quê? — Atônito, Fenoglio deixou-se sentar na cadeira.

— Meu pai — Meggie gaguejou enquanto retirava da jarra uma das penas recém-apontadas. — Ele está aqui, mas Mortola atirou nele. Ele está mal! Dedo Empoeirado não quis me dizer, mas vi pelo jeito dele, então, por favor, escreva algo, qualquer coisa que o faça sarar. Ele está na floresta, num abrigo secreto dos saltimbancos. Depressa, por favor!

Fenoglio olhou para ela estupefato.

— Um tiro, em seu pai? E ele está aqui? Por quê? Não estou entendendo!

— Você não precisa entender! — exclamou Meggie desesperada. — Você somente precisa ajudá-lo. Dedo Empoeirado vai me levar até ele. E vou ler a cura para ele, entendeu? Ele agora está na sua história, você pode até mesmo ressuscitar os mortos, por que não poderia curar um ferimento também? Por favor!

Ela embebeu a pena na tinta e pôs na mão dele.

— Céus, Meggie! — murmurou Fenoglio. — Isto é ruim, mas... por mais que eu queira, não sei o que escrever. Nem mesmo sei onde ele está. Se eu pelo menos soubesse como é o lugar...

Meggie olhava para ele. E de repente jorraram as lágrimas que ela havia segurado o tempo todo.

— Por favor! — ela sussurrou. — Tente simplesmente! Dedo Empoeirado está esperando. Ele está esperando do outro lado do portão.

Fenoglio olhou para ela, e tirou suavemente a pena da mão dela.

— Vou tentar — ele disse baixinho. — Você tem razão, esta é a minha história. Em outro mundo, eu não poderia ajudá-lo, mas aqui talvez realmente funcione...

— Vá para a janela! — ordenou ele quando ela lhe trazia duas folhas de pergaminho. — Olhe para fora, observe as pessoas ou os pássaros no céu, distraia-se de alguma maneira. Só não olhe para mim, senão não consigo escrever.

Meggie obedeceu. Ela viu Minerva e seus filhos lá embaixo na multidão e a mulher que morava na casa em frente, porcos grunhindo que abriam caminho no meio das pessoas, soldados com o brasão do Príncipe Porcino no peito e, ao mesmo tempo, não viu nada disso de verdade. Apenas ouvia Fenoglio embeber a pena no tinteiro, raspar com ela o pergaminho, parar e continuar. "Por favor!", ela pensou. "Por favor, faça-o achar as palavras certas. Por favor." A pena se calou, por um tempo dolorosamente longo, e lá embaixo na rua um mendigo tirava uma criança de seu caminho com a muleta. O tempo se expandiu, lentamente, como uma sombra que se estende. Nas ruas, as pessoas se aglomeravam, um cão latiu para um outro, o som de trombetas veio do castelo por cima dos telhados.

Meggie não saberia dizer quanto tempo se passara quando Fenoglio pôs a

pena de lado com um suspiro. Quartzo Rosa ainda roncava, estendido como uma régua atrás do pote de areia. Fenoglio pôs a mão dentro dele e polvilhou a tinta úmida.

— Você teve alguma ideia? — perguntou Meggie aflita.

— Sim, sim, mas não me pergunte se foi a ideia certa.

Ele lhe deu o pergaminho e os olhos dela voaram sobre as palavras. Não eram muitas, mas caso fossem as palavras certas, eram mais do que suficientes.

— Eu não o inventei, Meggie! — disse Fenoglio com voz suave. — Seu pai não é uma das minhas personagens, como Cosme, Dedo Empoeirado ou Capricórnio. Ele não é daqui. Portanto, é bom não criar muitas expectativas, entende?

Meggie assentiu com a cabeça enquanto enrolava o pergaminho.

— Dedo Empoeirado disse para você tomar conta da filha dele enquanto ele estiver fora.

— Filha? Dedo Empoeirado tem uma filha? Escrevi isso? Ah, sim, não eram até mesmo duas?

— Uma de qualquer forma você conhece. E Brianna, a aia da Feia.

— Brianna? — Fenoglio olhou para ela espantado.

— Sim. — Meggie pegou a sacola de couro que trouxera do outro mundo e andou em direção à porta. — Cuide dela. Ele me pediu que lhe dissesse isso e que, se não o fizer, você vai se arrepender de ter criado alguém capaz de evocar o fogo.

— Ele disse isso? Fenoglio arrastou sua cadeira para trás e riu.

— Sabe de uma coisa? Gosto cada vez mais dele. Acho que vou escrever outra história sobre Dedo Empoeirado, em que ele é o herói e não...

— ... morre? — Meggie abriu a porta. — Direi a ele, mas acho que Dedo Empoeirado não está louco para se encontrar mais uma vez enfiado numa das suas histórias.

— Mas agora ele está enfiado nela. Até mesmo voltou para ela por vontade própria! — Fenoglio exclamou enquanto ela descia a escada em disparada. — Estamos todos enfiados nela, até o pescoço! Quando você volta? Quero lhe apresentar Cosme!

Mas Meggie não respondeu. Como ela poderia saber quando voltaria?

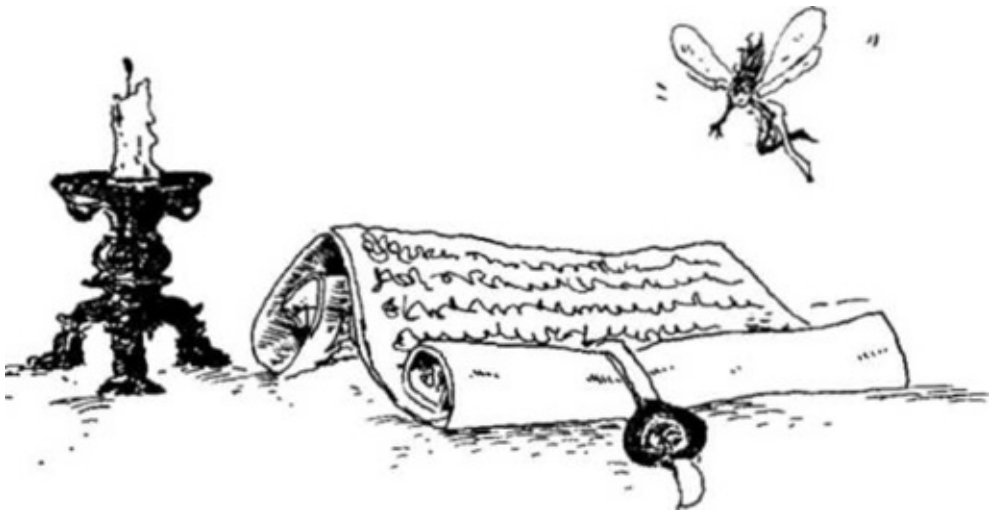
— Quanta rapidez! — disse Dedo Empoeirado quando ela surgiu de novo na frente dele, completamente sem fôlego, e pôs o pergaminho em sua sacola. — Para que esse pergaminho? Por acaso o velho lhe deu uma das suas canções como farnel?

— Mais ou menos — respondeu Meggie.

— Bem, contanto que o meu nome não esteja nela — disse Dedo Empoeirado e se pôs a andar em direção à estrada.

— É longe? — gritou Meggie apressando o passo atrás dele e de Farid.

— A noite estaremos lá — disse Dedo Empoeirado por cima do ombro.



36. Gritos

Quieto ver la sed adentro de las sílabas: quiero tocar el fuego en el sonido: quiero sentir la oscuridad del grito.

Quiero palabras ásperas como piedras vírgenes.

Pablo Neruda, *Verbo* As Damas Brancas ainda estavam lá. Resa parecia não vê-las mais, no entanto Mo as sentia, como sombras na luz do sol. Ele não comentou nada. Ela parecia tão cansada. E a única coisa que a mantinha em pé era a esperança de que Dedo Empoeirado chegasse logo. Com Meggie.

— Ele vai encontrá-la, você vai ver — Resa repetia baixinho em seu ouvido, quando ele tremia de febre.

Como ela podia ter tanta certeza? Como se Dedo Empoeirado nunca os tivesse abandonado, nunca tivesse roubado o livro, nunca os tivesse traído... Meggie. O desejo de vê-la mais uma vez ainda era mais forte do que as tentações e os sussurros das Damas Brancas, mais fortes do que a dor em seu peito... E quem poderia dizer, quem sabe aquela maldita história não daria mesmo uma virada para o bem? Embora Mo se lembrasse muito bem da predileção de Fenoglio por viradas ruins.

— Conte como é lá fora — ele sussurrava de vez em quando para Resa. — É muito absurdo estar num outro mundo e não ver nada dele além de uma caverna.

E Resa descrevia o que ele não podia ver: as árvores, muito maiores c mais velhas do que qualquer uma que ele já vira, as fadas, como enxames de mosquitos nos galhos, os homens de vidro nas samambaias altas e os horrores da noite que não tinham nome. Uma vez ela pegou uma fada, Dedo Empoeirado lhe ensinara como fazer, e levou para ele. Ela segurou a pequena criatura entre as mãos em concha e a pôs bem perto do ouvido dele, para que ele pudesse ouvir sua voz sussurrante e revoltada.

Tudo parecia tão real, embora ele repetisse a si mesmo que tudo era apenas de tinta e de papel. O chão duro no qual estava deitado, as folhas secas que crepitavam quando, em meio à febre, ele se virava para lá e para cá, o bafo quente do urso e o Príncipe Negro, que ele encontrara pela última vez nas páginas de um livro. Agora, ele vinha se sentar ao seu lado, esfriava sua testa, falava baixinho com Resa. Ou tudo não passava de delírio?

A morte também parecia verdadeira naquele mundo de tinta. Muito verdadeira. Era estranho encontrá-la ali num mundo que provinha de um livro. Mas ainda que a morte consistisse apenas de palavras, ainda que talvez não passasse de uma combinação de letras, seu corpo a sentia como real. Seu coração sentia o medo; sua carne, a dor. As Damas Brancas ainda estavam lá, embora Resa não as visse. Mo as sentia ao seu lado, todos os minutos, todas as horas, todos os dias e todas as noites. Os anjos da morte de Fenoglio. Será que elas tornavam a morte mais fácil do que no mundo do qual ele vinha? Não. Nada podia torná-la mais fácil. Ela significava perder o que se amava. Isso era a morte. Tanto ali quanto lá.

Lá fora estava claro quando Mo ouviu os primeiros gritos. Primeiro, pensou que a febre o acometia novamente. Mas então viu no rosto de Resa que ela também ouvira: o retinir de armas e gritos, gritos de pavor...

Gritos de morte. Mo tentou se erguer, mas a dor pulou em cima dele como um animal cravando os dentes em seu peito. Ele viu o Príncipe Negro com a

espada em punho diante da caverna, viu como Resa se ergueu de um salto. A febre fez seu rosto desaparecer, mas em compensação Mo viu de repente uma outra imagem: viu Meggie sentada na cozinha de Fenoglio olhando terrificada para o velho homem, enquanto ele lhe contava cheio de orgulho como a morte de Dedo Empoeirado lhe saíra bem. Oh, sim, Fenoglio gostava de cenas tristes. E talvez tivesse acabado de escrever mais uma.

— Resa! — Mo amaldiçoou sua língua pesada de febre. — Esconda-se em algum lugar na floresta.

Mas ela ficou com ele, como sempre fizera. Com exceção do dia em que sua própria voz a havia mandado embora.



37. Sangue na palha

Duendes escavam a terra, dríades entoam canções nas árvores. Estes seriam os milagres mais evidentes da leitura, mas atrás deles é que está o verdadeiro milagre: que nas histórias as palavras possam ordenar às coisas que elas sejam.

Francis Spufford, *A criança que os livros construíram* Com Farid, muitas vezes Meggie sentira medo na Floresta Sem Caminhos, mas com Dedo Empoeirado era diferente. Era como se as árvores murmurassem mais alto quando ele passava, como se os arbustos estendessem os galhos em sua direção. As fadas pousavam em sua mochila como borboletas numa flor, puxavam seu cabelo até que ele as espantava, falavam com ele. Outros seres também surgiam e desapareciam, seres cujos nomes Meggie não conhecia das histórias de Resa, nem de qualquer outra, alguns não eram mais que dois olhos entre as árvores.

Dedo Empoeirado guiava-os resoluto, como se visse o caminho à sua frente marcado com uma fita vermelha. Ele nem ao menos parava para descansar, guiava-os sempre adiante, morro acima, morro a baixo, horas a fio, cada vez mais fundo na floresta. E mais longe dos homens. Quando ele finalmente parou, as pernas de Meggie tremiam de cansaço. A tarde já devia estar acabando. Dedo Empoeirado passou a mão nos galhos quebrados de um arbusto, agachou-se, examinou o solo úmido e ergueu um punhado de frutinhas pisoteadas.

— O que é isto? — perguntou Farid preocupado.

— Pés demais, e sobretudo botas demais.

Dedo Empoeirado praguejou baixinho e começou a andar mais depressa. Botas demais... Meggie compreendeu a que ele se referia quando o Abrigo Secreto apareceu entre as árvores. Ela viu tendas derrubadas, uma fogueira pisoteada...

— Fiquem aqui! — ordenou Dedo Empoeirado, e dessa vez eles obedeceram. Cheios de medo, observaram como ele saiu da proteção das árvores, olhou ao redor, ergueu os panos das tendas, tocou nas cinzas frias e virou dois corpos, que jaziam imóveis ao lado da fogueira. Meggie quis ir atrás dele quando viu os mortos, mas Farid segurou-a com firmeza. Quando Dedo Empoeirado desapareceu dentro de uma caverna e saiu com o rosto pálido, Meggie soltou-se e correu até ele.

— Onde estão meus pais? Eles estão lá dentro? — ela recuou assustada quando seu pé topou em outro morto.

— Não, não há mais ninguém. Mas encontrei isso aqui. — Dedo Empoeirado estendeu-lhe uma tira de tecido.

Resa tinha um vestido com a mesma estampa. O tecido estava sujo de sangue.

— Você reconhece isso? Meggie fez que sim.

— Então os seus pais estiveram aqui realmente. O sangue deve ser do seu pai. — Dedo Empoeirado passou a mão no rosto. — Talvez alguém tenha escapado. Alguém que possa nos contar o que se passou aqui. Vou dar uma olhada. Farid!

Farid correu para o seu lado. Meggie quis passar pelos dois, mas Dedo Empoeirado a segurou.

— Meggie, escute! — ele disse e pôs a mão em seu ombro. — É bom que seus pais não estejam aqui. Provavelmente isso significa que ainda estão vivos. Na caverna, há um leito, onde sua mãe deve ter cuidado do seu pai. Além disso, encontrei pegadas de urso, isso significa que o Príncipe Negro esteve aqui. Talvez tenha sido ele o alvo disso tudo, embora eu não saiba por que nesse caso eles teriam levado os outros... não entendo.

Ele recomendou a Meggie que ficasse na caverna, antes de partir com Farid para procurar sobreviventes. A entrada da caverna era tão alta e larga que um homem podia ficar em pé ali. A cavidade que se escondia atrás dela avançava profundamente na montanha. O chão estava salpicado com folhas secas, cobertores e leitos de palha enfileiravam-se, alguns menores, feitos para uma criança. Não era difícil distinguir onde Mo havia se deitado. Ali a palha estava manchada de sangue, assim como o cobertor ao lado. Uma vasilha com água, um copo de madeira, derrubado, e um ramalhete de flores secas. Meggie ergueu-o e passou os dedos nas pétalas das flores. Ela se abaixou e olhou para a palha ensanguentada. O pergaminho de Fenoglio pressionava seu peito, mas Mo não estava lá. Como as palavras de Fenoglio poderiam ajudá-lo?

"Tente!", algo sussurrou dentro dela. "Você não sabe o quanto as palavras são poderosas neste mundo. Afinal, ele é feito delas!"

Ela ouviu passos atrás de si. Farid e Dedo Empoeirado estavam de volta. Dedo Empoeirado segurava uma criança nos braços, uma menina pequena. Com os olhos arregalados, ela olhou para Meggie, como se estivesse num sonho ruim, do qual simplesmente não conseguia acordar.

— Comigo ela não quis falar, mas felizmente Farid parece mais confiável —

disse Dedo Empoeirado ao pôr cuidadosamente a criança em pé. — Ela contou que se chama Lianna e tem cinco anos. E que eram muitos homens, homens prateados com espadas e serpentes no peito. Nenhuma grande surpresa, eu diria. Ao que tudo indica, mataram as sentinelas e alguns que se defenderam, e levaram o resto, inclusive mulheres e crianças. Os feridos — ele lançou um breve olhar para Meggie — aparentemente foram carregados numa carroça. Não havia ninguém a cavalo. A menina ainda está aqui apenas porque sua mãe lhe disse para se esconder entre as árvores.

Gwin entrou correndo na caverna, seguido de Sorrateiro. A menina levou um susto quando a marta subiu pelo corpo de Dedo Empoeirado. Depois, observou fascinada como Farid a tirou dos ombros de Dedo Empoeirado e a pôs em seu próprio colo.

— Pergunte a ela se havia mais crianças — disse baixinho Dedo Empoeirado.

Farid ergueu cinco dedos e mostrou-os à menina.

— Quantas crianças, Lianna?

A menina olhou para ele, tocou no primeiro dedo de Farid, depois no segundo, depois no terceiro.

— Meise. Fabio. Tinka — ela sussurrou.

Hesitante, Lianna pôs a mão na espessa cauda de Gwin, mas Dedo Empoeirado segurou seus dedos.

— É melhor não fazer isso! — disse delicadamente. — Ele morde. Tente a outra marta.

— Meggie? — Farid se pôs ao seu lado.

Mas Meggie não respondeu. Ela envolvia os joelhos com os braços e pressionava o rosto contra o vestido. Não queria mais ver a caverna. Não queria ver mais nada do mundo de Fenoglio, nem mesmo Farid ou Dedo Empoeirado ou a menina que, como ela, também não sabia onde estavam seus pais. Ela queria se sentar na biblioteca de Elinor, na grande poltrona em que Elinor gostava tanto de ler, e ver Mo aparecer na porta e perguntar que livro era aquele em seu colo. Mas Mo não estava lá, talvez ele tivesse ido embora para sempre, e a história de Fenoglio os segurasse a todos com braços negros de tinta e lhe sussurrasse coisas terríveis, sobre homens armados, que seqüestravam crianças, velhos e doentes... mães e pais.

— Logo Urtiga estará aqui com Bailarino das Nuvens — ouviu Dedo Empoeirado dizer. — Ela se encarregará da criança.

— E nós? — perguntou Farid.

— Eu irei atrás deles — disse Dedo Empoeirado. — Para descobrir quantos ainda estão vivos e para onde estão sendo levados. Embora eu possa imaginar.

Meggie ergueu a cabeça.

— Para o Castelo da Noite.

— Na mosca!

A menina pôs a mão em Sorrateiro. Ela ainda era pequena o suficiente para esquecer sua tristeza ao acariciar o pelo de um animal. Meggie a invejou por isso.

— Como assim *você* irá atrás deles? — Farid espantou Gwin de seu colo e levantou-se.

— Exatamente isso — O rosto de Dedo Empoeirado o rejeitava como uma porta fechada. — *Eu* vou atrás deles, e vocês esperam aqui por Bailarino das Nuvens e Urtiga. Digam-lhes que tentarei seguir os rastros deles e que Bailarino das Nuvens deve levá-los de volta para Ombra. Com sua perna dura, de qualquer forma, ele não será rápido o bastante para ir atrás de mim. Chegando lá, contem a Roxane o que aconteceu para que ela não pense que fui embora novamente. Meggie ficará com Fenoglio.

Seu rosto estava sereno, como sempre que ele olhava para ela, porém Meggie viu em seus olhos tudo o que ela própria também sentia: medo, preocupação, raiva... raiva impotente.

— Mas nós temos que ajudá-los! — a voz de Farid tremia.

— Como? Talvez o Príncipe Negro pudesse salvá-los, mas, ao que tudo indica, ele também foi levado, e eu não saberia de mais ninguém que arriscaria seu pescoço por alguns saltimbancos.

— E o salteador de que todos falam, Gaio?

— Ele não existe. — A voz de Meggie quase não passava de um sussurro. — Fenoglio o inventou.

— É mesmo? — Dedo Empoeirado olhou para ela pensativo. — Não é o que se diz por aí, mas tudo bem... Assim que chegarem a Ombra, Bailarino das Nuvens deve procurar os saltimbancos e contar o que aconteceu. Eu sei que o Príncipe Negro tem os seus homens, homens fiéis a ele e certamente bem armados também, mas não faço ideia de onde se encontram. Talvez entre os saltimbancos alguém saiba. Ou o próprio Bailarino das Nuvens. Ele deve mandar avisá-los de alguma maneira. Do outro lado da floresta, existe um moinho, o Moinho dos Ratos é como é chamado, ninguém sabe por quê, mas ele sempre foi um dos poucos lugares ao sul da floresta que pode ser usado como ponto de encontro ou para trocar notícias sem que o Cabeça de Víbora tome conhecimento imediatamente. O moleiro é tão rico que não teme nem mesmo os encouraçados. Portanto, quem quiser me encontrar ou tiver alguma ideia de como podemos ajudar os prisioneiros, deve mandar notícias para lá. De tempos em tempos, eu me informarei. Entendido?

Meggie assentiu com a cabeça.

— O Moinho dos Ratos — ela repetiu baixinho, sem conseguir tirar os olhos da palha ensanguentada.

— Perfeito, Meggie pode resolver tudo isso, mas vou com você. — A voz de Farid soou tão desafiadora que a menina, ainda calada, ajoelhada no chão ao lado de Meggie, segurou a mão dela apreensiva.

— Ouça bem: não me venha de novo com essa história de que precisa cuidar

de mim! — A voz de Dedo Empoeirado soou cortante, e Farid baixou o olhar. — Irei sozinho e ponto final. Você cuida de Meggie e da menina até que Urtiga chegue. Então vocês irão para Ombra com Bailarino das Nuvens.

— Não!

Meggie viu as lágrimas nos olhos de Farid, mas Dedo Empoeirado não disse mais nada e começou a andar em direção à entrada da caverna. Gwin disparou na frente dele.

— Se escurecer antes de eles chegarem — ele ainda disse para Farid por cima do ombro —, façam fogo. Não por causa dos soldados. Mas porque os lobos e os demônios noturnos estão sempre com fome. Eles, da sua carne; elas, do seu medo.

Então ele se foi, e Farid ficou ali parado, os olhos marejados de lágrimas.

— Patife miserável! — ele sussurrou. — Maldito filho de um cão! Mas ele vai ver só. Vou atrás dele. Vou cuidar dele! Eu jurei. — De repente, ele se ajoelhou diante de Meggie e segurou sua mão. — Você vai para Ombra, está bem? Por favor. Preciso ir atrás dele, você entende, não é?

Meggie não respondeu. Também o que ela deveria dizer? Que não queria voltar, assim como ele? Ele apenas teria tentado dissuadi-la. Sorrateiro passou pelas pernas de Farid, então disparou para fora. A menina correu atrás da marta, mas parou na entrada da caverna — uma pequena criatura perdida, totalmente só. "Como eu", pensou Meggie.

Sem olhar para Farid, ela tirou o pergaminho de Fenoglio do cinto. Era difícil

distinguir as letras na penumbra que dominava a caverna.

— O que é isso? — Farid se levantou.

— Palavras. Nada além de palavras, mas é melhor do que nada.

— Espere! Vou iluminar para você.

Farid esfregou as pontas dos dedos umas nas outras e sussurrou alguma coisa, até que surgiu uma pequena chama na unha de seu polegar. Ele soprou suavemente a minúscula chama, até ela ficar do tamanho da chama de uma vela, e manteve seu polegar no alto, sobre o pergaminho. A luz bruxuleante fez as letras brilharem como se Quartzo Rosa tivesse acabado de escrever por cima delas com tinta fresca.

"Em vão!", algo sussurrou dentro dela. "Estas palavras serão em vão! Mo se foi, provavelmente não está mais vivo. Fique quieta!", ergueu-se a voz dentro de Meggie. "Não quero ouvir nada. Não há mais nada que eu possa fazer, absolutamente nada." Ela pegou o cobertor sujo de sangue, pôs o pergaminho em cima dele e passou os dedos nos lábios. Na entrada da caverna, a menina ainda esperava que sua mãe regressasse.

— Leia, Meggie! — Farid balançou a cabeça encorajando-a.

E ela leu, os dedos agarrados ao cobertor com o sangue ressecado de Mo.

— *Mortimer sentia dor...* — Meggie pensou senti-la também, em cada letra

em sua língua, em cada palavra que saía de seus lábios. — *A ferida ardia. Ardia como o ódio nos olhos de Mortola, quando ela atirara nele. Talvez fosse esse ódio que estivesse sugando a vida de dentro dele, deixando-o cada vez mais fraco. Ele sentia o próprio sangue na pele, úmido e quente. Ele sentia como a morte o tocava. Porém, de súbito, sentiu mais uma presença ali: palavras. Palavras que aliviavam a dor, esfriavam sua testa e falavam de amor, nada além d» amor. Elas faziam sua respiração voltar a ser leve e faziam sarar o que a morte havia causado. Ele as sentia ecoar em sua pele e no fundo do seu coração. Cada vez mais altas e claras, elas chegavam através da escuridão que ameaçava engoli-lo e, de repente, ele reconheceu a voz que pronunciava as palavras: era a voz de sua filha. E as Damas Brancas retiraram suas mãos pálidas, como se tivessem se queimado naquele amor.*

Meggie cobriu o rosto com as mãos. O pergaminho enrolou-se novamente em seu colo, como se tivesse cumprido seu dever. A palha pinicava através do vestido, como naquela vez, no cubículo em que Capricórnio mandara trancá-la, junto com Mo. Ela sentiu como se alguém acariciasse seus cabelos e, por um momento, um louco momento, pensou que as palavras de Fenoglio haviam trazido Mo de volta, para dentro da caverna, são e salvo, e tudo tivesse voltado a ficar bem. Mas ela ergueu a cabeça, e era apenas Farid que estava ao seu lado.

— Foi maravilhoso — ele disse. — Com certeza ajudou. Você vai ver.

Meggie, porém, sacudiu a cabeça.

— Não! — ela sussurrou. — Não. Foram somente palavras bonitas. Só que o meu pai não é feito das palavras de Fenoglio, e sim de carne e osso.

— E daí? O que isso tem a ver? — Farid puxou sua mão do rosto molhado de lágrimas. — Talvez tudo seja feito de palavras. Olhe para mim. Belisque-me. Por acaso sou de papel?

Não, ele não era. E, embora ainda estivesse chorando, Meggie teve que sorrir quando ele a beijou.

Não fazia muito tempo que Dedo Empoeirado partira quando ouviram passos entre as árvores. Farid havia feito fogo, como Dedo Empoeirado recomendara, e Meggie estava junto dele, a cabeça da menina em seu colo, Urtiga não disse uma palavra quando despontou da escuridão e viu o acampamento destruído. Em silêncio, andou de um morto para o outro, buscando vida onde não havia mais, enquanto Bailarino das Nuvens escutava com o rosto petrificado o que Dedo Empoeirado mandara lhe dizer. Farid somente percebeu que Meggie também planejava não voltar para Ombra quando ela pediu a Bailarino das Nuvens que transmitisse um recado, não somente a Roxane e aos saltimbancos, mas também a Fenoglio.

— Escrevi um bilhete para Fenoglio! — Para isso, Meggie arrancara, com o coração apertado, uma página do caderno que Mo havia lhe dado. Por outro lado, para que coisa melhor ele poderia servir do que para salvá-lo? Se é que ela ainda poderia salvá-lo... — Você encontrará Fenoglio na rua dos sapateiros, na casa de Minerva. E é muito importante que somente ele leia a mensagem.

— Eu conheço o Tecelão da Tinta! — Bailarino das Nuvens observou como Urtiga cobria o rosto de mais um morto com um cobertor esfarrapado. Então, com o cenho franzido, ele olhou para a folha de papel escrita. — Já houve mensageiros que foram enforcados por causa das letras que transportavam. Espero que estas não sejam desse tipo! Não fale nada! — Ele fez um gesto de recusa quando Meggie quis responder. — Na verdade, sempre peço que me digam as palavras que devo transmitir, mas nesse caso tenho a sensação de que é melhor não saber.

— Mas o que ela pode ter escrito? — perguntou Urtiga com amargura. —

Provavelmente agradeceu ao velho pelas canções que levarão o pai dela à forca! Ou então ela lhe pediu que escreva uma canção fúnebre, a última canção de Gaio! Senti a desgraça no momento em que vi a cicatriz em seu braço. Sempre pensei que Gaio fosse fruto da imaginação, como todos os príncipes e princesas nobres, de que tanto falavam outras canções. "Pois é, mas você estava redondamente enganada, Urtiga!", eu disse a mim mesma. "E com certeza você não foi a primeira a notar a cicatriz." Mas Tecelão da Tinta deve tê-la descrito muito bem. Malditos sejam aquele velho tolo e suas canções idiotas! Alguns já acabaram na forca porque foram tomados por Gaio, mas agora Cabeça de Víbora deve ter apanhado o homem certo e a brincadeira de herói chegou ao fim. Proteger os fracos, roubar dos ricos... Sim, isso soa realmente magnífico, mas os heróis só são imortais nas canções, e o seu pai muito em breve também compreenderá que máscara alguma protege da morte.

Meggie apenas ficou sentada, o olhar fixo na velha mulher. Do que ela estava falando?

— Por que me olha assim tão assombrada? — Urtiga perguntou em tom rude. — Você acha que Cabeça de Víbora mandou seus homens até aqui por causa de uns saltimbancos velhos e algumas mulheres grávidas ou por causa do Príncipe Negro? Nada disso. O Príncipe Negro nunca se escondeu de Víbora. Não. Alguém, sem se fazer notar, saiu daqui e foi até o Castelo da Noite para soprar no ouvido de Cabeça de Víbora que Gaio se encontrava ferido no Abrigo Secreto dos saltimbancos e que somente era preciso recolhê-lo, junto com os pobres saltimbancos que os esconderam. Quem fez isso é alguém que conhece o abrigo e, com certeza, foi pago com boa prata pela sua traição. Cabeça de Víbora fará da execução um grande espetáculo, Tecelão da Tinta escreverá uma canção comovente sobre ela, e talvez não demore para que um outro comece a usar a máscara de penas, pois continuarão a cantar as canções, ainda que seu pai já esteja morto e enterrado nas profundezas do Castelo da Noite. Meggie ouviu o próprio sangue correr em sua cabeça.

— De que cicatriz você está falando? — Sua voz era pouco mais do que um

sussurro.

— Ora, da cicatriz em seu braço esquerdo, você deve conhecê-la! As canções dizem que os cães de Cabeça de Víbora o morderam ali, quando ele caçava um cervo branco...

Fenoglio. O que ele fizera?

Meggie tapou a boca com a mão. Ela ouviu a voz de Fenoglio na escada em espiral da oficina de Balbulus. "Você sabe, gosto de usar pessoas reais como modelos para as minhas personagens. Não são todos os escritores que fazem isso, mas sei por experiência que isso simplesmente as torna mais vivas! Fisionomias, gestos, uma atitude corporal, a voz, talvez uma marca de nascença ou uma cicatriz. Roubo um pouco daqui, um tanto dali, e logo elas começam a respirar, até que qualquer um que ouça ou leia sobre elas possa acreditar poder tocá-las com a mão!" Para Gaio não havia muitos em cogitação...

Mo. Fenoglio usara seu pai como modelo. Meggie olhou para a menina que dormia. Ela também dormira muitas vezes daquela maneira, a cabeça no colo de Mo.

— O pai de Meggie, Gaio? — Ao seu lado, Farid soltou uma gargalhada de incredulidade. — Mas que besteira. Língua Encantada sequer tem coragem de matar um coelho. Pode ter certeza, Meggie. Logo Cabeça de Víbora também perceberá e o deixará ir. Agora venha! — ele se pôs de pé e estendeu-lhe a mão. — Temos que ir, senão nunca alcançaremos Dedo Empoeirado!

— Vocês pretendem ir atrás dele? — Urtiga sacudiu a cabeça para tamanha insensatez, enquanto Meggie ajeitava a cabeça da menina na grama.

— Mantenham-se na direção sul, caso não encontrem o rastro dele na escuridão — disse Bailarino das Nuvens. — Sempre para o sul e, em algum momento, vocês darão na estrada. Mas tomem cuidado com os lobos, há muitos deles nessa região.

Farid apenas assentiu com a cabeça.

— Eu tenho o fogo comigo! — ele disse e fez uma fagulha dançar na palma da sua mão.

Bailarino das Nuvens sorriu.

— Caramba! Será que você não é mesmo filho de Dedo Empoeirado, como suspeita Roxane?

— Quem sabe? — respondeu Farid, e puxou Meggie consigo.

Como que anestesiada, ela o seguiu sob as árvores escuras. Um salteador! Ela não conseguia pensar em mais nada. Ele fez de Mo um salteador, parte de sua história! Naquele momento, Meggie odiou Fenoglio, tanto quanto Dedo Empoeirado o odiava.



38. Audiência para Fenoglio

— Lady Cora— ele disse —, às vezes simplesmente precisamos Jazer coisas que não são muito agradáveis. Quando se trata de grandes questões, não é possível tratar a situação com luvas de seda. Não. Estamos fazendo história.

Mervyn Peake, *Titus, o herdeiro de Gormenghast*

Fenoglio andava para lá e para cá em sua câmara. Sete passos até a janela, sete de volta para a porta. Meggie se fora, e não havia ninguém que pudesse lhe dizer se ela encontrara seu pai ainda com vida. Mas que confusão atroz! Sempre que ele começava a ter esperanças de retomar o controle, acontecia algo que não combinava nem o mais remotamente com seus planos. Talvez ele de fato existisse em algum lugar, o narrador diabólico que expandia sua história, fazendo-a dar novas viradas, reviravoltas ardilosamente imprevisíveis, movendo suas personagens como peças de um jogo de xadrez ou mesmo apenas colocando sobre o tabuleiro novas figuras, que nada tinham que buscar em sua história.

E Cosme ainda não enviara um mensageiro! "Tudo bem, um pouco mais de paciência!", disse Fenoglio a si mesmo. "Ele acabou de subir ao trono e certamente tem muita coisa a fazer. Todos os súditos querem vê-lo, solicitantes, viúvas, órfãos, seus administradores, guarda-caças, seu filho, sua esposa..."

— Ah, que nada! Um desaforo! A mim ele deveria ter chamado antes de todos. — Fenoglio proferiu essas palavras tão furioso que ficou assustado com o som da própria voz. — A mim! O homem que o trouxe de volta à vida, que até mesmo o criou!

Ele foi até a janela e olhou para o castelo no alto. Na torre esquerda, tremulava a bandeira de Víbora. Sim, Cabeça de Víbora estava em Ombra, devia ter cavalgado feito o diabo para ver pessoalmente seu genro ressuscitado. Dessa vez ele não estava com Raposa Vermelha, que provavelmente saqueava e matava para seu senhor em outras paragens, mas em compensação Pífaro circulava pelas ruas de Ombra, sempre com alguns encouraçados a reboque. O que ainda queriam ali? Cabeça de Víbora continuava contando seriamente com entronizar seu neto? Não, isso Cosme não admitiria.

Por um momento Fenoglio esqueceu seu mau humor, e um sorriso se abriu em seu rosto. Ah, se ao menos ele pudesse dizer a Cabeça de Víbora *quem* acabara com seus lindos planos! Um escritor! Como isso o teria aborrecido! Alguém havia lhe preparado uma má surpresa, com suas palavras e a voz de Meggie...

Pobre Meggie. Pobre Mortimer.

Como ela olhara suplicante para ele. E que farsa encenara para ela! Mas como a pobre criatura pudera pensar que ele conseguiria ajudar seu pai com algumas palavras, se ele nem ao menos o trouxera! Isso sem mencionar que Mortimer não era uma das suas criações. Mas o olhar de Meggie! Ele simplesmente não tivera coragem de deixá-la partir sem esperanças!

Quartzo Rosa estava sentado na escrivaninha, as pernas transparentes cruzadas, jogando migalhas de pão nas fadas.

— Pare com isso! — Fenoglio ralhou com ele. — Você quer que elas o peguem pelas pernas e tentem jogá-lo pela janela novamente? Acredite, desta vez não tentarei salvá-lo. Nem ao menos recolherei os seus cacos quando você estiver lá embaixo no meio da bosta dos porcos. Por mim, o lixeiro pode tranquilamente levá-lo em sua carroça.

— Isso mesmo, descarregue sua raiva em mim! — O homenzinho de vidro lhe deu as costas. — Mas isso não fará Cosme chamá-lo mais depressa!

Quanto a isso, infelizmente ele tinha razão. Fenoglio foi até a janela. Lá embaixo a agitação com o retorno de Cosme se arrefecera, talvez a presença de Cabeça de Víbora também a tivesse abafado. As pessoas voltavam aos seus afazeres, os porcos chafurdavam nos montes de lixo, crianças corriam entre as casas coladas umas às outras e, de vez em quando, um soldado a cavalo abria caminho pela rua cheia de gente. Havia claramente mais soldados do que antes; ao que tudo indicava, Cosme mandara patrulhar a cidade, talvez para impedir que os encouraçados pisoteassem seus súditos mais uma vez somente porque estavam em seu caminho. "Sim, Cosme irá endireitar tudo!", pensou Fenoglio. "Ele será um bom soberano, na medida em que isso pode existir. Quem sabe, talvez até mesmo ele permita que saltimbancos recomecem a vir para a cidade nos dias habituais de mercado."

— Isso mesmo. Este será o meu primeiro conselho — murmurou Fenoglio. — E, se ele não mandar me chamar até esta noite, irei ao seu encontro mesmo sem ter sido convidado. O que esse ingrato está pensando? Que é a toda hora que alguém é resgatado da morte?

— Pensei que ele nunca tivesse morrido! — Quartzo Rosa escalou seu ninho. Ali ele ficava fora de alcance, e sabia muito bem disso. — E o pai de Meggie? Você acha que ele ainda está vivo?

— Como vou saber? — retrucou Fenoglio irritado. Ele não queria que o lembrassem de Mortimer. — Bem, pelo menos não posso ser responsabilizado por *esta* calamidade! — resmungou. — O que posso fazer se todos metem o bedelho na minha história como se ela fosse uma árvore frutífera, que é apenas preciso podar para que dê frutos?

— Podar? — exclamou Quartzo Rosa. — Eles acrescentam coisas. Sua história está crescendo, está crescendo como uma verdadeira erva daninha! E não está ficando propriamente bonita, se quer saber minha opinião.

Fenoglio estava justamente pensando se valia a pena arremessar o tinteiro em cima dele, quando a cabeça de Minerva assomou na porta.

— Um mensageiro, Fenoglio! — Seu rosto estava vermelho, como se ela tivesse corrido depressa demais. — Um mensageiro do castelo! Ele quer vê-lo! Cosme quer vê-lo!

Fenoglio precipitou-se em direção à porta. Ele alisou a túnica que Minerva havia costurado. Havia dias que ele a usava e ela estava bastante amarrotada, mas isso não podia mais ser corrigido. Quando quisera pagar a Minerva, ela apenas sacudira a cabeça e dissera que ele já havia pagado, com as histórias que contava dia após dia, noite após noite para seus filhos. Apesar disso, mesmo tendo sido paga com histórias infantis, a túnica era magnífica.

O mensageiro esperava diante da casa, com ares de importância e rugas de impaciência na testa. Usava o manto negro de luto, como se fosse ainda o Príncipe dos Suspiros quem ocupava o trono.

"Mas que nada. Tudo vai mudar!", pensou Fenoglio. "Sem dúvida alguma! A partir de agora voltarei a narrar esta história." Seu guia não olhou para trás nem uma vez enquanto ele se esforçava para segui-lo. "Brutamontes rabugento!", pensou Fenoglio. Mas provavelmente ele também provinha de sua pena, um dos muitos anônimos com os quais ele povoara aquele mundo para que seus protagonistas não vagassem muito solitários.

No Pátio Externo do castelo, um bando de encouraçados perambulava em frente aos estábulos. No alto, entre as ameias, os homens de Cosme andavam para lá e para cá, como cães que precisassem vigiar toda uma alcateia de lobos ferozes. Com olhar hostil, os soldados encouraçados olhavam para cima. "Sim, podem olhar!", pensou Fenoglio. "Para o seu lúgubre senhor não haverá mais um papel importante em minha história, apenas uma boa retirada como cabe a um vilão decente." Talvez ele inventasse um novo patife, as histórias logo ficam tediosas sem um bom vilão, mas certamente Meggie não gostaria de emprestar sua voz para dar vida a um deles.

Os guardas do portão interno ergueram as lanças.

— O que significa isso?

Mal Fenoglio havia pisado no Pátio Interno, a voz de Cabeça de Víbora ecoou em sua direção.

— Você está querendo dizer que ele vai me fazer esperar? Hein, seu piolhento de cara peluda?

Uma voz mais baixa respondeu, intimidada, temerosa. Fenoglio viu Tullio, o criado anão do Príncipe Porcino, diante de Cabeça de Víbora. Sua cabeça chegava exatamente à altura do cinto de prata de seu interlocutor. Ele era

escoltado por três dos guardas do Príncipe Porcino, mas atrás de Cabeça de Víbora havia pelo menos vinte homens fortemente armados, uma visão inquietante, ainda que Raposa Vermelha não estivesse entre eles nem se visse sinal de Pífaro.

— Sua filha o receberá. — A voz de Tullio tremia como uma folha ao vento.

— Minha filha? Se eu desejar a companhia de Violante, faço-a ir até o meu castelo. Quero finalmente ver esse morto que voltou ao mundo dos vivos! E por isso você vai me levar imediatamente à presença de Cosme, seu duende fedorento duma figa!

O pobre Tullio começou a tremer.

— O príncipe de Ombra — ele recomeçou com voz fina — não o receberá!

Como um golpe no peito, as palavras fizeram Fenoglio recuar cambaleante até parar bem no meio de um roseiral, cujos espinhos engancharam em sua túnica nova. Mas o que significava aquilo? Não receber? Aquilo estava em seus planos?

Cabeça de Víbora fez uma careta como se sentisse um gosto ruim na língua. As veias saltaram em suas têmporas, escuras em sua pele com manchas avermelhadas. Ele olhou para Tullio com seus olhos de lagarto. Então pegou a besta da mão do soldado mais próximo e apontou para um pássaro no céu, enquanto Tullio se encolhia como um coelho assustado. Foi um tiro certeiro. O pássaro caiu bem aos pés de Cabeça de Víbora. Um burlão dourado, Fenoglio o havia inventado especialmente para o castelo do Príncipe Porcino. Cabeça de Víbora abaixou-se e tirou a flecha do peito diminuto.

— Tome! — ele disse e pós o pássaro morto na mão de Tullio. — E diga ao seu amo que ele parece ter deixado o juízo no Reino dos Mortos. Desta vez, isso deve servir como desculpa, mas, se o enviar com uma mensagem insolente como esta numa próxima visita, ele receberá como resposta não um pássaro, mas o mensageiro, com uma flecha no peito. Você dirá isso a ele?

Tullio olhou para o pássaro ensanguentado em sua mão, e assentiu com a cabeça.

Cabeça de Víbora, porém, virou-se bruscamente e fez um sinal a seus homens para que o seguissem. O guia de Fenoglio abaixou a cabeça temeroso quando a comitiva passou por eles. "Olhe para ele!", pensou Fenoglio quando Cabeça de Víbora passou tão perto que ele supôs sentir o cheiro de seu suor. "Foi você que o inventou!" Mas, em vez disso, encolheu a cabeça entre os ombros, como uma tartaruga que farejava perigo, e não se moveu até o portão se fechar atrás do último soldado.

Diante do portal que permanecera fechado a Cabeça de Víbora, Tullio ainda olhava para o pássaro morto em sua mão.

— Devo mostrar isso a Cosme? — perguntou com uma expressão transtornada quando eles se aproximaram.

— Mande fritá-lo na cozinha se quiser! — disse rudemente o guia de Fenoglio. — Mas saia do caminho.

A sala do trono não mudara desde a última visita de Fenoglio. As janelas ainda estavam cobertas por panos negros. Velas despendiam a única luz e as

estátuas olhavam com olhos vazios para os que se dirigiam ao trono. Agora, porém, seu modelo vivo estava sentado ali. Tão semelhante às suas efígies de pedra que a sala escura pareceu a Fenoglio um salão de espelhos.

Cosme estava sozinho. Não se podia ver nem a Feia nem seu filho. Apenas seis guardas estavam no fundo da sala, quase invisíveis na penumbra.

Fenoglio parou a uma distância conveniente dos degraus que conduziam ao trono e fez uma mesura. Embora fosse da opinião de que não havia ninguém, naquele ou em outro mundo, diante do qual devesse curvar a cabeça, muito menos de alguém que somente ganhara vida por suas palavras, ele precisava seguir as regras que ele mesmo havia criado, e ali uma reverência diante daqueles que se vestiam de veludo e seda era tão natural quanto um aperto de mão em seu antigo mundo.

"Vamos lá, curve-se, velho, mesmo que suas costas doam!", pensou ao abaixar a cabeça ainda mais humildemente. "Foi você mesmo quem organizou as coisas assim."

Cosme olhou para ele como se não estivesse muito certo de se lembrar de seu rosto. Ele estava vestido de branco, da cabeça aos pés, como se quisesse acentuar ainda mais a semelhança com as estátuas.

— Você é Fenoglio, o escritor, a quem chamam de Tecelão da Tinta, não é? — Fenoglio havia imaginado a voz um pouco mais cheia. Cosme olhou para as estátuas, correu o olhar de uma para a outra. — Alguém me recomendou que mandasse chamá-lo. Acho que foi minha esposa. Ela afirma que você é a cabeça mais sagaz que se pode encontrar neste castelo e no de Cabeça de Víbora, e precisarei de cabeças sagazes. Mas não foi por isso que o mandei chamar...

Violante? Violante o recomendara? Fenoglio tentou esconder sua surpresa.

— Não? Por que então, Alteza? — ele perguntou.

Cosme olhou para ele com ar ausente, como se enxergasse através dele. Então olhou para si próprio, deu uns puxões na esplêndida túnica que vestia e ajeitou o cinto.

— Minhas roupas não me servem mais — observou. — Tudo está um pouco comprido ou largo demais, como se tivesse sido feito para as estátuas e não para mim.

Ele sorriu para Fenoglio com um ar um tanto perplexo. Era o sorriso de um anjo.

— Vossa Alteza... hum... hã... passou por maus bocados — disse Fenoglio.

— Sim, sim, é o que contam. Mas, sabe, não me lembro. Eu me lembro de muito pouco. Tenho uma estranha sensação de vazio na cabeça. — Ele passou a mão na testa e olhou novamente para as estátuas. — Por isso mandei chamá-lo — disse. — Dizem que o senhor é um mestre das palavras, e quero que me ajude a lembrar. Assim, quero que se incumba da tarefa de escrever o que há para contar sobre Cosme. Ouça os relatos dos meus soldados, meus servos, minhas amas, minha... esposa. — Hesitou um momento antes de pronunciar a palavra. — Balbulus copiará e iluminará as suas histórias, e então farei com que as leiam para mim, para que o vazio em minha cabeça e em meu coração seja preenchido novamente com imagens e palavras. O senhor se acha à altura dessa tarefa?

Fenoglio assentiu rapidamente.

— Oh, sim, claro, Alteza. Anotarei tudo. Histórias da sua infância, quando o seu honorável pai ainda vivia, histórias sobre suas cavalgadas na Floresta Sem Caminhos, tudo sobre o dia em que sua esposa veio para este castelo e sobre o dia em que seu filho nasceu.

Cosme assentiu.

— Sim. Sim! — Disse com uma voz que soou aliviada. — Vejo que o senhor entendeu. E não se esqueça da minha vitória sobre os incendiários e de meu tempo com as Damas Brancas.

— De forma alguma. — Fenoglio observou o belo rosto tão discretamente quanto possível. Como aquilo pudera acontecer? Evidentemente ele deveria não apenas pensar que era o verdadeiro Cosme, como também compartilhar todas as recordações com o morto...

Cosme ergueu-se do trono, no qual não havia ainda muito tempo seu pai se sentara, e começou a andar de um lado para o outro.

— Algumas histórias eu mesmo já ouvi. Da minha esposa. A Feia. Ela novamente. Fenoglio olhou à sua procura.

— Onde está sua esposa?

— Está procurando meu filho. Ele fugiu daqui, porque não recebi o avô dele.

— Permita-me uma pergunta, Alteza. Por que não o recebeu?

Atrás de Fenoglio, a pesada porta se abriu e Tullio entrou esbaforido. Não segurava mais o pássaro morto na mão quando se agachou na escada aos pés de Cosme, mas ainda se podia ver o medo em seu rosto.

— Pretendo nunca mais recebê-lo novamente. — Cosme parou diante do trono e passou a mão no brasão de sua casa. — Dei ordens aos guardas do portão para que nunca mais deixem entrar neste castelo nem meu sogro nem os que o servem.

Tullio ergueu o olhar para Cosme, tão pasmo quanto incrédulo, como se já sentisse a flecha de Cabeça de Víbora em seu peito peludo. Cosme, porém, prosseguiu impassível.

— Ouvi relatos sobre o que se passou em meu reino enquanto eu — mais uma vez hesitou antes de prosseguir —, digamos, estive ausente. Sim, enquanto estive ausente. Ouvi meus administradores, guarda-caças, comerciantes, camponeses, meus soldados e minha mulher. Assim, soube de coisas extremamente interessantes, coisas inquietantes. E, imagine só, poeta, quase tudo de ruim que me foi relatado tinha a ver com o meu sogro! Agora me diga, já que o senhor tem acesso, por assim dizer, aos saltimbancos, o que o Povo Colorido fala sobre Cabeça de Víbora?

— O Povo Colorido? — Fenoglio pigarreou. — Bem, o que todos dizem. Que é poderoso, talvez poderoso demais?

Cosme deu uma risada sem alegria.

— Oh, sim. Isso com certeza ele é. E o que mais?

O que ele queria insinuar? "Você deveria saber", pensou Fenoglio apreensivo. "Se você não sabe o que se passa na cabeça dele, quem saberá?"

— Bem, dizem que Cabeça de Víbora governa com mão de ferro — ele prosseguiu com voz hesitante. — Não existe lei em seu reino a não ser sua palavra e seu lacre. Ele é vingativo e vaidoso, arrocha tanto seus camponeses que passam fome; e envia súditos rebeldes, até mesmo crianças, para as suas minas de prata, e os deixa lá embaixo até cuspirem sangue. Caçadores encontrados em sua parte da floresta são cegados. Ladrões têm a mão direita decepada (o que o seu pai já havia abolido faz tempo), e o único saltimbanco que pode chegar perto do Castelo da Noite sem correr perigo, quando não está saqueando aldeias junto com Raposa Vermelha, é Pífaro. "Céus, escrevi essas coisas?", pensou Fenoglio. Provavelmente.

— Sim, já ouvi tudo isso. O que mais? — Cosme cruzou os braços no peito e começou a andar para baixo e para cima, para cima e para baixo.

Era realmente belo como um anjo. "Talvez eu devesse tê-lo feito um pouco menos bonito", pensou Fenoglio. "Chega a parecer um pouco falso."

— E então? Sim... o que mais? — Cosme franziu o cenho. — Cabeça de Víbora sempre teve medo da morte, mas, com a idade, isso foi se tornando uma obsessão. Dizem que à noite ele se ajoelha, chora e vocifera, trêmulo, com medo de que as Damas Brancas venham buscá-lo. Dizem que ele se banha várias vezes por dia de medo de doenças e contaminações, que manda mensageiros com caixas cheias de prata a países distantes para comprar elixires contra a velhice. Além disso, sempre se casa com mulheres mais jovens, na esperança de que finalmente lhe deem um filho.

Cosme parara.

— Sim! — disse ele com voz baixa. — Sim, tudo isso já me foi relatado. Mas existem histórias ainda piores. Quando o senhor vai chegar nelas, ou devo eu mesmo contá-las? — Antes que Fenoglio pudesse responder, ele prosseguiu em seu lugar. — Dizem que Cabeça de Víbora envia Raposa Vermelha à noite para o outro lado da fronteira, para extorquir meus camponeses. Dizem que reivindica toda a Floresta Sem Caminhos só para ele, manda saquear meus comerciantes quando entram em seus portos, extorque taxas quando usam suas estradas e pontes e paga salteadores para que tornem as minhas estradas inseguras. Dizem que manda derrubar a madeira para os seus navios na minha parte da floresta e que tem espiões até mesmo neste castelo e em todas as ruas de Ombra. Que pagou ao meu próprio filho para que lhe contasse tudo o que meu pai discutia nesta sala com seus conselheiros. E para culminar — Cosme fez uma pausa de efeito antes de prosseguir — houve quem me garantisse que o mensageiro que advertiu os incendiários do meu ataque iminente foi enviado por meu sogro. Dizem que, para festejar minha morte, ele comeu codornas empanadas com prata e enviou ao meu pai uma carta de pêsames cujo pergaminho estava habilidosamente untado com veneno, que cada letra grafada nele era mortal como peçonha de serpente. Bem, o senhor ainda pergunta por que não o recebi?

"Pergaminho envenenado? Céus, quem pôde ter uma ideia dessas?", pensou Fenoglio. "Eu é que não fui."

— As palavras o abandonaram, poeta? — perguntou Cosme. — Bem, acredite, isso também aconteceu comigo quando me contaram todas essas atrocidades. O que se diz para um vizinho desses? O que o senhor diz sobre o boato de que Cabeça de Víbora teria envenenado a mãe da minha esposa, porque ela gostava muito de ouvir um trovador? O que o senhor diz de ele mandar seus soldados encouraçados como reforço para Raposa Vermelha, para ter certeza de que eu não retornaria da fortaleza dos incendiários? Meu sogro tentou me

eliminar, poeta! Esqueci por completo um ano da minha vida, e o tempo antes dele é tão indefinido como se outra pessoa o tivesse vivido. Dizem que eu estava morto, que as Damas Brancas haviam me buscado. Perguntam: "Onde você estava, Cosme?". E não sei a resposta! Mas agora sei quem desejou a minha morte e é culpado de eu me sentir como um peixe eviscerado, mais jovem do que meu próprio filho. Diga-me, qual é a punição adequada para ações tão monstruosas contra mim e contra os outros?

Fenoglio, porém, só conseguia olhar para ele. "Quem é este homem?", ele se perguntava. "Por todos os céus, Fenoglio, você o conhece por fora, mas quem é ele?"

— Diga-me, Vossa Alteza! — ele finalmente respondeu com voz rouca.

E Cosme sorriu para ele com seu sorriso angelical.

— Existe apenas uma pena adequada, poeta! — ele disse. — Farei uma guerra, uma guerra contra o meu sogro, até que o Castelo da Noite seja derrubado e seu nome seja esquecido para sempre.

Fenoglio estava em pé, na sala obscurecida, e ouvia o próprio sangue correr. "Guerra? Devo ter ouvido mal!", pensou. "Não escrevi nada sobre guerra." Mas algo começou a sussurrar em seus ouvidos: "Uma grande era, Fenoglio! Você não escreveu algo sobre uma grande era?".

— Ele teve a insolência de cavalgar até meu castelo com incendiários de Capricórnio em sua comitiva. Nomeou seu arauto Raposa Vermelha, contra quem parti em guerra, enviou Pífaro como protetor do meu filho! Imagine só a petulância! Talvez com isso ele conseguisse debochar do meu pai, mas não de mim. Vou mostrar a ele que não está mais lidando com um príncipe que só chora

ou come demais.

O rosto de Cosme enrubesceu suavemente. A ira o tornava ainda mais belo.

"Guerra. Pense, Fenoglio. Pense. Guerra! Era isso que você queria?" Ele sentiu seus velhos joelhos começarem a tremer.

Cosme, porém, pousou a mão em sua espada num gesto quase carinhoso. Lentamente, ele a tirou da bainha.

— Somente para isso a morte me deixou partir, poeta! — ele disse ao cortar o ar com a lâmina longa e delgada. — Para que eu traga justiça a este mundo e expulse do trono o diabo em pessoa. Por isso vale a pena lutar, não é? Por isso até mesmo vale a pena morrer.

Era uma bela visão, ele ali em pé, a espada em punho. E por que não? Ele não tinha razão? De fato, talvez a guerra fosse o único meio de dar um basta a Cabeça de Víbora.

— O senhor precisa me ajudar, Tecelão da Tinta! É assim que o chamam, não? Gosto do nome! — Cosme pôs graciosamente a espada de volta na bainha. Tullio, que ainda estava aos seus pés na escada, estremeceu quando a lâmina afiada raspou o couro. — O senhor escreverá a conclamação aos meus súditos. O senhor lhes explicará nossa causa, semeará o entusiasmo em seus corações e a aversão por nosso inimigo. Também precisaremos dos saltimbancos, o senhor é amigo deles. Escreva canções inflamadas para eles, poeta! Canções que deem gana de lutar. O senhor forjará palavras, e eu mandarei forjar espadas, muitas, muitas espadas.

Como um anjo irado, ao qual só faltavam as asas, ele estava ali diante de Fenoglio, que, pela primeira vez em sua vida, sentia algo como afeição por uma de suas criaturas de tinta. "Eu lhe darei asas", pensou. "Sim, eu lhe darei. Com as minhas palavras."

— Alteza!

Dessa vez não foi difícil curvar a cabeça e, por um instante precioso, quase lhe pareceu que ele havia escrito o filho que não tivera. "Agora, depois de velho, você deu para ficar sentimental!", disse a si mesmo, mas essa censura em nada alterou a ternura inusitada em seu coração.

"Eu deveria ir com ele!", pensou. "Sim, eu deveria. Partirei com ele contra Cabeça de Víbora... Apesar de ser um homem velho. Fenoglio, herói em seu próprio mundo, poeta e guerreiro ao mesmo tempo." Era um papel que lhe agradava. E lhe caía como uma luva. Cosme sorriu mais uma vez. Fenoglio teria apostado todos os seus dedos que não havia sorriso mais belo, nem naquele nem no outro mundo.

Tullio também parecia dominado pelos encantos de Cosme, apesar do medo que Cabeça de Víbora havia plantado em seu coração. Extasiado, olhava para o amo que havia recuperado, as pequenas mãos em concha como se ainda segurassem o pássaro com o peito perfurado.

— Já as ouço, as palavras! — disse Cosme ao voltar para o seu trono.

— Sabe, minha esposa ama as palavras escritas. Palavras que ficam grudadas no pergaminho como moscas mortas, dizem que o meu pai também era assim, mas quero ouvir palavras e não as ler! Pense nisso ao procurar as palavras certas: como soarão, isso é o que o senhor deve se perguntar! Contagiantes de paixão,

sombrias de tristeza, doces de amor, assim é que devem ser. Escreva palavras nas quais vibre toda nossa justificada ira pelas atrocidades cometidas por Cabeça de Víbora, e logo essa ira estará no coração de todos. O senhor escreverá a acusação, a acusação inflamada, nós a anunciaremos em todas as praças do mercado e a faremos ser divulgada pelos saltimbancos. *Cuidado, Cabeça de Víbora!*, isso é o que se ouvirá até em seu lado da floresta. *Seus dias criminosos estão contados!* E logo todos os camponeses lutarão sob as minhas armas, jovens e velhos acorrerão ao castelo movidos por suas palavras! Ouvi dizer que Cabeça de Víbora agora queima nas lareiras de seu castelo os livros cujo conteúdo não lhe agrada, mas como fará para queimar as palavras que todos cantam ou falam?

"Ele poderia queimar o homem que as pronuncia", pensou Fenoglio. "Ou aquele que as escreveu." Um pensamento inquietante, que resfriou um tanto seu coração que batia tão ardentemente, porém Cosme pareceu tê-lo ouvido.

— Evidentemente, tomarei de imediato o senhor sob minha proteção pessoal — disse. — A partir de agora, o senhor passará a viver no castelo, em aposentos adequados, condizentes a um poeta da corte.

— No castelo? — Fenoglio pigarreou, de tão encabulado que ficou com a oferta. — É... muito generoso de sua parte, Alteza. Sim, realmente.

— Novos dias se iniciavam, totalmente novos, magníficos. Grandes dias...

— Vossa Alteza será um bom príncipe. E as canções que farei serão cantadas por séculos, mesmo depois que Cabeça de Víbora já tenha sido esquecido. Eu lhe prometo.

Atrás dele, soaram passos. Fenoglio virou-se irritado por ser perturbado num momento tão comovente. Violante entrou apressada na sala, trazendo seu filho

pela mão; atrás dela, a aia.

— Cosme! — ela exclamou. — Ouça-o. Seu filho quer se desculpar!

Fenoglio não achou que Jacopo parecesse muito inclinado a fazer isso. Violante precisava arrastá-lo atrás de si e ele fazia cara de poucos amigos. Não, ele não parecia estar muito feliz com o retorno de seu pai. Sua mãe, ao contrário, estava radiante, como Fenoglio nunca vira antes, e a mancha em seu rosto não era mais escura do que uma sombra que o sol tivesse desenhado em sua pele.

A mancha no rosto da Feia empalideceu. "Oh, Meggie, muito obrigado", ele pensou. "Pena que você não está aqui..."

— Não vou me desculpar! — bradou Jacopo quando sua mãe o empurrou bruscamente pelos degraus que subiam ao trono. — Ele é que precisa pedir desculpas para o meu avô!

Fenoglio deu um passo para trás discretamente. Estava na hora de ir.

— Você se lembra de mim? — ele ouviu Cosme perguntar. — Eu era um pai austero?

Jacopo somente sacudiu os ombros.

— Oh, sim, você era austero — respondeu a Feia em seu lugar. — Você tirava os seus cães quando ele se comportava como agora. E o seu cavalo.

Oh, ela era esperta, mais esperta do que Fenoglio havia pensado. De mansinho, ele se dirigiu à porta. Ainda bem que logo moraria no castelo. Precisava ficar de olho em Violante, senão logo a memória vazia de Cosme seria preenchida bem ao gosto dela, como um peru eviscerado. Quando os criados abriram as portas, viu Cosme sorrir com ar ausente para sua mulher. "Ele está grato a ela", pensou Fenoglio. "Está grato por ela preencher seu vazio com palavras, mas não a ama."

"E agora? Nisso evidentemente você também não pensou, Fenoglio!", ele se censurou ao atravessar o Pátio Interno. "Por que não escreveu nenhuma palavra dizendo que Cosme ama sua mulher? Não foi você mesmo quem contou há algum tempo para Meggie a história da mulher feita de flores que entregou seu coração à pessoa errada? Afinal, para que servem as histórias se não se aprende algo com elas? Bem, pelo menos Violante ama Cosme." Bastava olhar para ela... Isso já era alguma coisa...

Por outro lado, a aia de Violante, com seus cabelos exuberantes, Brianna, que Meggie afirmava ser a filha de Dedo Empoeirado, também não olhara para Cosme igualmente encantada? E Cosme? Não olhara mais para a aia do que para sua mulher? "Tanto faz!", pensou Fenoglio. Logo estarão em jogo coisas mais importantes do que o amor. Coisas muito mais importantes...



39. Mais um mensageiro

Mais vale a mais pálida tinta do que a melhor das memórias.

Provérbio chinês

Cabeça de Víbora havia desaparecido com seus encouraçados quando Fenoglio passou pelo portão do Pátio Interno. "Muito bom!", pensou Fenoglio. "Ele vai espumar de raiva durante todo o longo caminho de volta para casa." A imagem o fez sorrir. No Pátio Externo, havia um ajuntamento de homens. As mãos enegrecidas deixavam perceber sem dificuldades qual era sua profissão, embora certamente eles as tivessem esfregado com esmero para o seu príncipe. Toda a rua dos ferreiros de Ombra parecia ter se juntado no castelo. O *senhor forjará palavras, mandarei forjar espadas, muitas, muitas espadas.* Cosme já iniciara os preparativos para sua guerra? "Bem, então está na hora de eu começar com as palavras", pensou Fenoglio.

Quando entrou na viela dos sapateiros, por um momento pensou ouvir passos atrás de si, mas quando se virou apenas um mendigo perneta passou custosamente por ele. A cada dois passos, a muleta escorregava na sujeira que havia entre as casas: bosta de porcos, restos de legumes, poças fétidas do lixo jogado pelas janelas. "Logo haverá muitos aleijados", pensou Fenoglio enquanto se dirigia à casa de Minerva. "Uma guerra dessas é quase uma fábrica deles..." Que pensamento era aquele? Por acaso estavam surgindo dúvidas sobre os planos de Cosme em sua alma alegre e esperançosa? Que ideia...

"Por todas as letras do alfabeto! Dessas escaladas com certeza não sentirei falta quando estiver morando no castelo!", pensou ao se arrastar pela escada que subia para sua câmara. "Preciso pedir a Cosme que não me hospede numa das torres em hipótese alguma." Afinal de contas, até a oficina de Balbulus já era uma escalada infernal! "Você acha demais subir alguns degraus, mas se atreve a ir para a guerra na sua idade", zombou em seu interior uma voz baixa que sempre se manifestava nas horas mais inadequadas. Mas Fenoglio era mestre em ignorá-la.

Quartzo Rosa não estava lá. Provavelmente saíra pela janela novamente, para visitar o homem de vidro do escriba que morava em cima da casa do padeiro. Também as fadas pareciam ter saído todas. Estava quieto, extraordinariamente quieto na câmara de Fenoglio. Com um suspiro, ele se sentou na cama. Ele mesmo não sabia por quê, mas se lembrou de seus netos, do barulho das risadas com que enchiam sua casa. "Bem, e daí?", pensou irritado consigo mesmo. "Os filhos de Minerva fazem o mesmo barulho, e quantas vezes você não os mandou para o pátio lá embaixo porque o incomodavam?"

Passos subiam a escada. Aí está! Falando no diabo... Ele não estava com vontade de contar histórias. Tinha que preparar sua bagagem, e escolher bem as palavras para contar a Minerva que ela precisaria procurar um novo inquilino.

— Podem ir dando o fora! — exclamou na direção da porta. — Vão perturbar os porcos no pátio ou então as galinhas, agora o Tecelão da Tinta não tem tempo, pois vai se mudar para o castelo!

Apesar disso, a porta se abriu, mas não foram dois rostos de crianças que assomaram pela abertura. Havia um homem ali, com o rosto manchado e olhos ligeiramente salientes; Fenoglio nunca o vira e, contudo, ele lhe parecia estranhamente familiar. Suas calças de couro estavam remendadas e sujas, mas

as cores de seu manto fez o coração de Fenoglio bater mais depressa. Era o cinza prateado de Cabeça de Víbora.

— Mas o que é isso? — perguntou em tom rude e se levantou, porém o estranho já havia entrado. Com as pernas abertas, ele parou, o sorriso tão feio quanto o rosto, mas a visão de seu acompanhante foi suficiente para fazer os velhos joelhos de Fenoglio amolecerem. Basta sorria para ele como para um amigo que não via de longa data. Ele também usava o cinza da Víbora.

— Mas que azar, outra vez, que azar! — disse enquanto vistoriava a câmara. — A garota não está aqui. E nós que o seguimos com a maior discrição do castelo até aqui porque queríamos capturar os dois pássaros de uma vez, e agora só o velho corvo caiu na armadilha. Bem, um é melhor do que nada. Não se deve esperar demais da sorte, afinal ela nos mandou você no momento certo para o castelo, não é? Reconheci na hora esse seu rosto feio de tartaruga, mas você nem ao menos notou minha presença, não é?

Não, Fenoglio não havia notado. Ele deveria ter observado cada homem que ia atrás de Cabeça de Víbora? "Se você fosse inteligente", disse para si mesmo, "teria feito exatamente isso, Fenoglio! Como pôde esquecer que Basta está de volta? O que aconteceu com Mortimer não foi advertência suficiente?"

— Olhe só, mas que surpresa! Basta! Como escapou de Sombra?

— ele disse em voz alta, e recuou discretamente, até sentir a cama atrás de si. Depois que, na casa vizinha, haviam degolado um homem enquanto ele dormia, Fenoglio pusera uma faca debaixo de seu travesseiro, mas não tinha certeza se ela ainda estava lá.

— Sinto muito, mas não deve ter me visto na jaula em que eu estava —

ronronou Basta com sua voz de gato. — Capricórnio teve menos sorte, mas Mortola ainda existe, e ela contou ao nosso velho amigo, Cabeça de Víbora, sobre os três pássaros que estamos procurando, bruxos perigosos que matam com a ajuda de palavras. — Basta andou lentamente até Fenoglio. — Consegue imaginar quem são esses três pássaros?

O outro homem fechou a porta com um pontapé.

— Mortola? — Fenoglio tentou dar um tom sarcástico e superior à sua voz, mas ela soou mais como o crocitar de um corvo moribundo.

— Não foi Mortola quem mandou prendê-lo na jaula para alimentar Sombra?

Basta apenas sacudiu os ombros e jogou para trás o manto cinza prateado. Evidentemente ali estava ela, sua navalha. Um exemplar novinho em folha, como parecia, maior e mais pesada do que todas que já tivera no outro mundo, e com certeza igualmente afiada.

— Sim, isso não foi muito gentil — disse enquanto seus dedos acariciavam o cabo da navalha. — Mas ela realmente se arrependeu. E então, sabe quais são os pássaros que estamos procurando? Vou ajudar um pouquinho. De um deles já torcemos o pescoço, aquele que cantava mais alto.

Fenoglio sentou-se na cama com o rosto impassível, pelo menos assim esperava que fosse.

— Suponho que esteja falando de Mortimer — disse ao enfiar lentamente a mão embaixo do travesseiro.

— Exato! — Basta sorriu. — Você tinha que ter visto quando Mortola atirou nele. Um tiro no peito, como ela costumava fazer com os corvos que comiam as sementes de seus canteiros.

A lembrança tomou seu sorriso ainda mais perverso. Oh, como Fenoglio sabia o que se passava em seu coração negro! Afinal, ele o inventara, assim como a Cosme com seu sorriso angelical. Basta sempre gostara de narrar com detalhes as infâmias e barbaridades que cometia.

O acompanhante de Basta não parecia tão loquaz. Entediado, corria os olhos pela câmara de Fenoglio. Que bom que o homenzinho de vidro não estava lá. Seria tão fácil matá-lo.

— Em você é provável que não atiremos. — Basta aproximou-se um pouco mais de Fenoglio, espreitando seu rosto como um gato a sua presa. — Você provavelmente será estrangulado, até que sua língua fique pendurada para fora.

— Que original! — disse Fenoglio ao enfiar ainda mais os dedos sob o travesseiro. — Mas você sabe o que acontecerá então. Você também morrerá.

O sorriso de Basta desapareceu tão subitamente como um rato em sua toca.

— Ah, é? Não diga! — ele exclamou, enquanto sua mão involuntariamente segurava o amuleto em seu pescoço. — Quase havia me esquecido disso. Você acha que me inventou. E quanto a ele? — Basta apontou para o outro homem. — Este é Estripador. Você também o inventou? Afinal, ele também já trabalhou para Capricórnio. Muitos dos Dedos de Fogo agora usam a prata de Víbora, embora alguns de nós achem que nos tempos de Capricórnio era mais divertido.

Toda aquela parafernália refinada do Castelo da Noite... — Ele cuspiu com desprezo no chão de Fenoglio. — Não é por acaso que Cabeça de Víbora tem uma serpente em seu brasão. Diante dele, é preciso rastejar, é assim que ele gosta, o nobre senhor. Mas e daí? Ele paga bem. Ei, Estripador? — perguntou para seu acompanhante, que permanecia calado. — O que você acha? O velho tem cara de quem inventou você?

Estripador franziu seu rosto feio.

— Se foi ele quem me inventou, acho que não fez direito o raio do serviço!

— É verdade! — Basta riu. — Na verdade, só pelo rosto que lhe deu, ele mereceria sentir a nossa navalha, não é verdade?

Estripador. Sim, era verdade, ele havia inventado aquele também. O estômago de Fenoglio se revoltou quando lembrou por que o havia batizado assim.

— Agora diga, velho! — Basta inclinou-se tanto sobre Fenoglio que ele sentiu no rosto o seu hálito de hortelã. — Onde está a garota? Se nos disser, talvez possamos deixá-lo viver mais um pouco e mandar primeiro a menina encontrar seu pai. Os dois eram loucos um pelo outro. Vamos, onde ela está? Desembuche!

Ele tirou a navalha do cinto e abriu-a lentamente até acionar a trava. A lâmina era longa e curva numa extremidade. Fenoglio soluçou, como se pudesse engolir seu medo. Ele enfiou a mão um pouco mais fundo sob o travesseiro, mas as pontas de seus dedos encostaram apenas num pedaço de pão, que provavelmente Quartzo Rosa escondera ali. "Melhor assim", pensou! "De que me adiantaria uma faca? Basta já teria me apunhalado antes que eu conseguisse

segurá-la direito na mão, isso sem falar de Estripador." Ele sentiu o suor escorrer dentre seus olhos.

— Ei, Basta! Sei que você gosta de ouvir a própria voz, mas vamos levá-lo de uma vez. — A voz de Estripador soou grave, como os sapos que coaxavam à noite na colina. Claro, Fenoglio a descrevera assim. — Podemos interrogá-lo mais tarde, agora temos que ir atrás do outro! — insistiu. — Sabe-se lá a próxima que esse príncipe morto vai aprontar! E se ele não nos deixar mais passar por esse seu maldito portão? E se mandar os soldados atrás de nós? Os outros já devem estar algumas milhas na nossa frente!

Com um suspiro de tristeza, Basta fechou a navalha e guardou-a no cinto.

— Está bem, está bem, você tem razão — disse mal-humorado. — Essas coisas devem ser feitas com calma. Interrogar é uma arte, uma verdadeira arte. — Pegou o braço de Fenoglio com brutalidade, ergueu-o e empurrou-o em direção à porta. — Como nos velhos tempos, não é mesmo? — sussurrou em seu ouvido. — Já o levei de sua casa uma vez, lembra? Comporte-se tão bem quanto naquele dia e poderá respirar por mais um tempinho. E, quando passarmos pela mulher que está alimentando os porcos no pátio, diga que vamos levá-lo para ver uma velha amiga, entendido?

Fenoglio apenas assentiu com a cabeça. Minerva não acreditaria numa só palavra, mas quem sabe não buscaria ajuda?

A mão de Basta já estava na maçaneta, quando soaram passos na escada novamente. A madeira velha chiava e rangia. As crianças. Oh, céus. Mas não foi a voz de uma criança que soou através da porta.

— Tecelão da Tinta?

Basta lançou um olhar preocupado para Estripador, mas Fenoglio havia reconhecido a voz: Bailarino das Nuvens, o velho equilibrista, que já lhe trouxera mensagens do Príncipe Negro. Com sua perna dura, ele não seria de grande ajuda! Mas que notícias ele trazia? O Príncipe Negro teria ouvido alguma coisa sobre Meggie?

Com um aceno, Basta mandou Estripador ocupar o lado esquerdo, e postou-se do lado direito da porta. Então ele fez um sinal para Fenoglio e retirou novamente a navalha do cinto.

Fenoglio abriu a porta. Ela era tão baixa que toda vez que passava ele batia a cabeça. Bailarino das Nuvens estava à sua frente e esfregava o joelho.

— Maldita escada! — ele praguejou, — íngreme e podre. Só estou contente porque você está aqui e não terei que subir mais uma vez. Aqui está. — Ele olhou ao seu redor como se a velha casa tivesse ouvidos e pôs a mão na bolsa de couro dentro da qual tantas cartas já haviam viajado.

— A garota que mora com você lhe mandou isto aqui. — Estendeu a Fenoglio um pedaço de papel, dobrado vários vezes, que parecia uma página do caderno de Meggie. Meggie odiava arrancar páginas de um caderno, e especialmente daquele, pois seu pai o havia confeccionado. Portanto, a notícia devia ser importante, e logo Basta a tomaria dele.

— Tome, pegue de uma vez! — Impaciente, Bailarino das Nuvens segurava a carta diante de seu nariz. — Você não sabe o quanto corri para lhe trazer isso.

Relutante, Fenoglio pegou o papel, e só pensou numa coisa. Basta não podia

receber a notícia de Meggie. Nunca. Seus dedos envolveram de tal forma o papel, que não se via nem uma pontinha dele.

— Escute! — prosseguiu Bailarino das Nuvens, com voz baixa.

— Cabeça de Víbora mandou atacar o Abrigo Secreto. Dedo Empoeirado...

Fenoglio sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente.

— Ótimo, muito obrigado, agora estou com visitas — disse e tentou, desesperadamente, dizer com os olhos a Bailarino das Nuvens o que sua boca não podia falar. Ele os movia para a esquerda e para a direita como se pudessem apontar, como dedos, para onde, atrás da porta, Basta e Estripador esperavam.

Bailarino das Nuvens deu um passo para trás.

— Corra! — exclamou Fenoglio e deu um salto para fora da câmara. Bailarino das Nuvens quase despencou escada abaixo quando ele passou, mas logo o seguiu. Fenoglio mais escorregava do que andava pelos degraus. Não se virou antes de chegar embaixo, ouviu Basta praguejando atrás dele e a voz de sapo de Estripador. Ouviu as crianças gritarem assustadas no pátio e a voz de Minerva vindo de algum lugar. Mas a essa altura ele já corria entre as barracas do pátio e as cordas em que estava pendurada a roupa recém-lavada. Um porco passou entre suas pernas fazendo-o tropeçar e cair na sujeira e, quando se ergueu, viu que Bailarino das Nuvens não fora tão rápido. Também como poderia, com sua perna dura? Basta o agarrara pelo colarinho, enquanto Estripador empurrava Minerva, que se pusera em seu caminho, com um ancinho. Fenoglio abaixou-se, primeiro atrás de um barril vazio, depois atrás do cocho dos porcos, e foi engatinhando em direção a uma das barracas.

Despina.

Com os olhos arregalados, Despina olhava para ele. Fenoglio pôs o dedos nos lábios, continuou a se arrastar, enfiou-se pelo meio de algumas tábuas, em direção ao lugar que os filhos de Minerva usavam como esconderijo. Ele quase não cabia ali, o esconderijo não fora pensado para velhos, cujos quadris pouco a pouco acabam engrossando. As duas crianças iam para lá quando não queriam dormir ou serem pegas para trabalhar. Somente para Fenoglio elas haviam mostrado o esconderijo, como prova de amizade, e em troca de uma boa história de fantasmas.

Ele ouviu Bailarino das Nuvens gritar, Basta vociferar e Minerva começar a chorar. Esteve a ponto de rastejar de volta, mas o medo o paralisou. Além disso, o que ele poderia fazer contra a navalha de Basta e a espada que estava pendurada no cinto de Estripador? Ele se apoiou nas tábuas, ouviu o porco grunhir e enfiar o nariz na terra. O bilhete de Meggie estava borrado diante de seus olhos, a folha de papel suja da lama pela qual ele se arrastara, mas ainda era possível decifrar o que ela escrevera.

— Não sei! — ouviu Bailarino das Nuvens gritar. — Não sei o que ela escreveu! Não sei ler! — Que valente o Bailarino das Nuvens! Era provável que soubesse, sim. Em geral ele pedia que também lhe dissessem a mensagem que transportava.

— Mas você sabe me dizer onde ela está, não é? — era a voz de Basta. — Desembucha. Dedo Empoeirado está com ela? Você soprou o nome dele para o velho!

— Eu não sei! — gritou novamente, e Minerva começou a chorar ainda mais

alto e a gritar por ajuda, tão alto que ecoou nas casas estreitas.

"Os homens de Cabeça de Víbora levaram todos, meus pais e os saltimbancos", leu Fenoglio. "Dedo Empoeirado seguiu... Moinho dos Ratos..." As letras estavam borradas. Novamente ele ouviu os gritos do lado de fora. Mordeu os nós dos dedos, tão forte que começou a sangrar. "Escreva algo. Salve-os! Escreva." Parecia que estava ouvindo a voz de Meggie. No pátio, mais um grito. Não. Não, não podia ficar ali. Ele se arrastou para fora, mais e mais, até que conseguiu se pôr de pé.

Basta ainda segurava Bailarino das Nuvens e o pressionava contra a parede da casa. A túnica do antigo equilibrista estava ensanguentada e rasgada, e Estripador estava na frente dele, um punhal na mão. Onde estava Minerva? Ele não conseguiu vê-la em parte alguma, mas Despina e Ivo estavam escondidos entre os galpões e assistiam ao que um homem era capaz de fazer a outro. Com um sorriso nos lábios.

— Basta! — Fenoglio deu um passo a frente. Ele pôs toda sua ira e todo seu medo na voz, e segurou no alto a folha de papel preenchida por letras.

Basta virou-se fingindo surpresa.

— Ah, aí está você! — exclamou. — Com os porcos. Eu já sabia. É melhor nos trazer a carta antes que Estripador corte seu amigo em tiras.

— Vocês terão que vir buscá-la!

— Para quê? — Estripador riu. — Afinal você pode ler a carta para nós!

Sim. Ele podia. Fenoglio estava ali parado e não sabia como continuar. Onde estavam todas as mentiras, todas as mentiras práticas que sempre saíam tão facilmente de sua boca? Bailarino das Nuvens olhava para ele, o rosto desfigurado pela dor e pelo medo e, de repente, como se não suportasse o medo nem por mais um instante, ele se soltou de Basta e correu até Fenoglio. Correu depressa, apesar do joelho duro, mas a navalha de Basta foi mais rápida, muito mais. Ela penetrou nas costas de Bailarino das Nuvens, como a flecha de Cabeça de Víbora no peito do burlão dourado. O saltimbanco caiu na lama, e Fenoglio começou a tremer, sem sair do lugar. Tremeu tanto que o bilhete de Meggie escorregou de sua mão e voou para o chão. Bailarino das Nuvens, porém, ficou deitado ali e não se mexeu mais, o rosto na lama suja. Despina saiu de seu esconderijo, por mais que Ivo tentasse puxá-la de volta, e, com os olhos arregalados, olhou para a figura imóvel aos pés de Fenoglio. Estava tudo quieto, tão quieto no pátio.

— Leia, escrevinhador!

Fenoglio ergueu a cabeça. Basta estava na frente dele; na mão, a navalha que até pouco antes estava fincada nas costas de Bailarino das Nuvens. Fenoglio olhou para o sangue na lâmina brilhante, e para as palavras de Meggie na mão de Basta. Sem refletir, cerrou os punhos e investiu contra o peito de Basta, como se não existisse a navalha, como se não existisse Estripador. Basta cambaleou para trás, raiva e espanto no rosto. Caiu em cima de um balde cheio das ervas daninhas que Minerva havia arrancado de seus canteiros. Praguejando, ele se pôs de pé novamente.

— Não faça isso de novo, velho! — vociferou. — Pela última vez: leia!

Mas Fenoglio havia pegado o forcado que estava junto da palha suja amontoada na frente do chiqueiro.

— Assassino! — sussurrou apontando para Basta os dentes de ferro grosseiramente forjados. Onde estava a sua voz? — Assassino! Assassino! Ele repetiu cada vez mais alto, e investiu com o forcado contra o peito de Basta, no ponto em que pulsava seu coração negro.

Basta recuou, o rosto transtornado de fúria.

— Estripador! — ele gritou. — Estripador, venha aqui e tire esse maldito garfo das mãos dele!

Estripador, porém, se pusera entre as casas, a espada na mão, e escutava. O barulho de cascos soava na rua lá fora.

— Temos que ir, Basta! — exclamou. — Os guardas de Cosme estão chegando!

Basta olhou para Fenoglio, os olhos pequenos cheios de ódio.

— Voltaremos a nos ver, velho! — sussurrou. — Mas então você estará na minha frente, deitado na sujeira como ele. — Sem cuidado, passou por cima do inerte Bailarino das Nuvens. — E isso aqui — ele disse enquanto punha o bilhete de Meggie sob o cinto — Mortola lerá para mim. Quem imaginaria que o terceiro passarinho escreveria para a gente de próprio punho contando onde se encontra? E ainda receberemos o devorador de fogo sem custo extra!

— Basta, venha de uma vez! — Estripador acenou impaciente.

— Já vou, já vou, mas para que toda essa pressa? Você acha que vão nos enforcar porque agora existe um saltimbanco a menos? — respondeu Basta com voz tranquila, mas foi se afastando de Fenoglio. Ele acenou uma última vez antes de desaparecer entre as casas.

Fenoglio pensou ouvir vozes, retinir de armas, mas talvez fosse outra coisa. Ele se ajoelhou ao lado de Bailarino das Nuvens, virou-o de costas com cuidado e encostou o ouvido em seu peito, como se já não tivesse visto a morte em seus olhos. Sentiu as duas crianças se aproximarem por trás. Despina pôs a mão em seu ombro, pequena e leve como uma folha.

— Ele está morto? — sussurrou.

— Você está vendo que sim — disse seu irmão.

— Agora as Damas Brancas virão buscá-lo? Fenoglio sacudiu a cabeça.

— Não, ele vai sozinho até elas — respondeu em voz baixa. — Você está vendo, ele já se foi. Mas elas o receberão em seu Palácio Branco, que é feito de ossos, mas é belíssimo. Nele há um pátio, um pátio cheio de flores perfumadas e uma corda tecida de luar, estendida somente para Bailarino das Nuvens...

As palavras vinham como que naturalmente, palavras belas, de consolo, mas era assim realmente? Fenoglio não sabia. Nunca se interessara pelo que vinha depois da morte, nem naquele, nem no outro mundo. Provavelmente silêncio, silêncio sem uma única palavra de consolo.

Minerva surgiu desabalada da rua, um arranhão sangrando na testa. O barbeiro que morava na esquina estava com ela, além de duas outras mulheres, os rostos pálidos de medo. Despina correu em direção à sua mãe, mas Ivo ficou ao lado de Fenoglio.

— Ninguém quis vir. — Minerva soluçava ao se ajoelhar ao lado do morto. — Todos ficaram com medo. Todos!

— Bailarino das Nuvens — murmurou o barbeiro cirurgião, a quem chamavam de remendador de ossos, ou cortador de pedras, profeta da urina e, às vezes, quando um paciente seu morria, anjo exterminador. — Ainda na semana passada, ele me perguntou se eu tinha algo contra as dores em seu joelho.

Fenoglio lembrou-se de que vira o barbeiro junto com o Príncipe Negro. Ele deveria lhe contar o que Bailarino das Nuvens dissera sobre o Abrigo Secreto? Podia confiar nele? Não, era melhor não confiar em ninguém. Em nada e em ninguém. Cabeça de Víbora tinha muitos espiões.

Fenoglio levantou-se. Nunca antes se sentira tão velho, tão velho que lhe parecia que não resistiria a mais um só dia. O moinho sobre o qual Meggie escrevera, onde diabos ficava mesmo? O nome soara familiar... Claro, porque ele o descrevera, num dos últimos capítulos de *Coração de tinta.* O moleiro não era nada amigo de Cabeça de Víbora, embora seu moinho ficasse bem perto do Castelo da Noite, num vale escuro ao sul da Floresta Sem Caminhos.

— Minerva, quanto tempo se leva a cavalo daqui até o Castelo da Noite? — perguntou.

— Uns dois dias, se não quiser estropiar seu cavalo — respondeu Minerva em voz baixa.

Dois dias ou um pouco menos, até Basta saber o que Meggie escrevera em sua carta. Isso se ele cavalgasse até o Castelo da Noite. "Certamente é o que ele fará!", pensou Fenoglio. "Basta não sabe ler, portanto, levará a carta para Mortola, e a gralha certamente já fez seu ninho no Castelo da Noite. Portanto, restam supostamente ainda dois dias até que Mortola leia a mensagem de Meggie e envie Basta para o Moinho dos Ratos. Onde Meggie talvez já esteja esperando..." Fenoglio suspirou. Dois dias. Talvez fossem suficientes para adverti-la, mas não para as palavras que ela esperava dele. Palavras que poderiam salvar seus pais.

"Escreva algo, Fenoglio. Escreva..."

Como se fosse assim tão fácil! Meggie, Cosme, todos queriam palavras, mas para eles era fácil falar. Encontrar as palavras certas levava tempo, e era justamente o que lhe faltava!

— Minerva, diga a Quartzo Rosa que precisei ir ao castelo — disse Fenoglio. De repente ele estava terrivelmente cansado. — Diga-lhe que mais tarde venho buscá-lo.

Minerva acariciou os cabelos de Despina, que chorava agarrada à sua saia, e assentiu com a cabeça.

— Sim, vá para o castelo! — ela disse com voz embargada. — Vá e diga a Cosme para mandar soldados atrás dos dois assassinos. Por Deus, estarei nas primeiras fileiras quando os enforcarem!

— Enforcar? Do que está falando? — O barbeiro passou os dedos em seus

cabelos escassos e olhou com ar sombrio para o morto a seus pés. — Bailarino das Nuvens era um saltimbanco. Ninguém é enforcado por matar um saltimbanco. As penas são mais severas por abater uma lebre na floresta.

Ivo olhou para Fenoglio incrédulo. — Não vão puni-los?

O que deveria responder? Não. Ninguém puniria Basta e Estripador. Talvez o Príncipe Negro o fizesse em algum momento ou quem sabe o homem que havia usado a máscara de Gaio. Mas Cosme não mandaria um único soldado atrás dos dois. O Povo Colorido era livre como um pássaro, naquele e no outro lado da floresta. Sem eira nem beira, sem senhor nem protetor. Mas um cavaleiro Cosme me dará se eu lhe pedir, um cavaleiro veloz que possa advertir Meggie contra Basta, e lhe transmitir que estou trabalhando nas palavras certas. "Escreva algo, Fenoglio. Salve-os! Escreva algo que liberte a todos e mate Cabeça de Víbora..." Sim, sem dúvida, ele faria isso. Escreveria canções inflamadas para Cosme e palavras poderosas para Meggie. E então sua voz finalmente conduziria aquela história para um bom final.

40. Sem esperanças

O pote de mostarda ergueu-se em seus finos pés de prata e, gingando como uma coruja, andou até o seu prato [...]. — Uau, o pote de mostarda é mesmo encantador! — disse Wart. — Onde o senhor o arranjou?

T. H. White, *O único e eterno rei, volume 1*

Felizmente Darius sabia cozinhar, do contrário Orfeu teria trancado Elinor de novo no porão já depois da primeira refeição e lido o que desejava comer dos livros de sua biblioteca. Graças à arte culinária de Darius, porém, tinham permissão para subir com frequência cada vez maior e sempre por mais tempo, ainda que sob a vigilância de Açúcar. Orfeu comia com prazer e em grandes quantidades, e gostava do que Darius cozinhava.

Por receio de que, não sendo assim, Orfeu permitisse apenas que Darius subisse, agiam como se fosse Elinor a autora de todas aquelas delícias aromáticas, e Darius fazia as vezes do assistente que assumia, incansável, a tarefa de picar, mexer e provar. Porém, assim que Açúcar começava a se arrastar diante da porta e a olhar entediado para as estantes de livros, Darius assumia a

colher de pau e Elinor picava os legumes, embora fosse quase tão pouco dotada para isso quanto para cozinhar.

De vez em quando, aparecia na cozinha uma figura perdida investigando o ambiente, ora humana, ora peluda ou alada, e uma vez apareceu até mesmo um pote de mostarda falante. Quase sempre Elinor conseguia deduzir qual de seus pobres livros Orfeu estava segurando em suas mãos pálidas naquele momento. Homenzinhos minúsculos com penteados antigos: *Viagens de Gulliver* provavelmente. O pote de mostarda? Devia ser da cabana de Merlin, e o fauno encantador e extremamente perturbado, que uma vez apareceu na hora do almoço, saltitando em seus graciosos cascos de cabra certamente provinha de *Narnia*.

Elinor evidentemente se perguntava, preocupada, se todas aquelas criaturas estariam perambulando em sua biblioteca quando não estavam perdidas na cozinha com o olhar vidrado, até que finalmente pediu a Darius que, com o pretexto de fazer uma consulta sobre o cardápio do jantar, fosse até lá espionar. Ele voltou com a resposta tranquilizadora de que, embora seu santuário ainda tivesse um aspecto terrível, com exceção de Orfeu, seu abominável cão e um senhor um tanto pálido, que suspeitosamente lembrou Darius do fantasma de Canterville, mais ninguém pegava, sujava, cheirava nem molestava de qualquer outra maneira os livros de Elinor.

— Graças a Deus! — ela suspirou aliviada. — Ao que tudo indica, ele faz todos desaparecerem novamente. Esse sujeitinho repugnante realmente entende do seu ofício. E, pelo jeito, realmente consegue tirá-los dos livros sem que alguém de fora desapareça dentro deles!

— Sem dúvida — observou Darius, e Elinor pensou ter ouvido uma ponta de inveja em sua voz suave.

— Mas, em compensação, ele é um monstro — ela disse, numa tentativa desajeitada de consolá-lo. — Só lamento que esta casa esteja tão abundantemente abastecida de víveres, senão ele já teria mandado o homem-armário fazer compras e então teria que se virar sozinho com nós dois.

E assim se passavam os dias, sem que pudessem alterar alguma coisa, nem em seu próprio cativeiro nem no risco de morte em que Mortimer e Resa se encontravam. Em Meggie, Elinor tentava nem pensar. E Orfeu, o único para quem aparentemente seria fácil endireitar tudo novamente, estava sentado em sua biblioteca como uma aranha branca e gorda, brincando com seus livros e seus moradores como se fossem brinquedos que tirava e punha de volta numa caixa.

— Por quanto tempo ele ainda pretende levar isso adiante é o que eu gostaria de saber! — ela esbravejou em algum momento pela centésima vez, enquanto Darius servia o arroz numa tigela, cozido apenas o suficiente para ficar solto e macio ao mesmo tempo. — Será que ele pretende nos manter como empregados não remunerados pelo resto da vida, cozinhando e lavando, enquanto ele se diverte com meus pobres livros? Na *minha* casa?

Darius não respondeu. Em vez disso, sem dizer uma palavra, encheu quatro pratos, com uma comida que certamente não espantaria Orfeu da casa.

— Darius! — sussurrou Elinor e pôs a mão em seu ombro estreito.

— Você não quer mesmo tentar? Ele fica o tempo todo com o livro ao seu lado, mas talvez consigamos pôr as mãos nele de alguma maneira. Você poderia levar alguma coisa para ele comer...

— Ele manda Açúcar experimentar.

— Sim, sei. Bem, então precisamos tentar outra coisa, alguma coisa, e então você nos lerá também para dentro do livro, atrás deles! Se esse sujeitinho asqueroso não quer trazê-los para nós, nós iremos atrás deles!

Mas Darius sacudiu a cabeça, como todas as vezes que Elinor lhe fizera aquela mesma proposta, com palavras um pouco diferentes.

— Não posso, Elinor! — sussurrou, e seus óculos embaçaram, se do vapor da comida ou das lágrimas que lhe vieram aos olhos, Elinor achou melhor não saber. — Nunca li alguém para dentro de um livro, sempre para fora, e você sabe no que deu.

— Tudo bem, então traga alguém de um livro, alguém forte, heróico, que expulse os dois da minha casa! Não importa se ele tiver um nariz achatado ou perder a voz, como Resa, o que interessa é que tenha muitos músculos!

Como se tivesse esperado pela deixa, Açúcar enfiou a cabeça pela porta. Sua cabeça não era muito mais larga do que seu pescoço, o que sempre deixava Elinor admirada.

— Orfeu está perguntando onde está a comida.

— Acabou de ficar pronta — respondeu Darius e pôs um prato fumegante na mão de Açúcar.

— Arroz de novo? — ele resmungou.

— Sim, lamento — disse Darius enquanto passava por ele com um prato para Orfeu.

— Primeiro apronte a sobremesa! — Açúcar repreendeu Elinor quando ela ia pôr a primeira garfada na boca.

Não. Assim simplesmente não podia continuar. Empregada em sua própria casa, e, em sua biblioteca, um sujeito repugnante, que jogava os livros no chão e os tratava como caixas de bombons, de dentro das quais tirava ora isto, ora aquilo.

"Tem que haver um jeito!", ela pensou ao servir sorvete de nozes em duas tigelas. "Tem que haver. Tem que haver." Por que sua cabeça boba não queria ter nenhuma ideia?

41. O comboio dos prisioneiros

— Então não acredita que ele está morto?

Ele pôs o chapéu.

— Naturalmente posso estar enganado, mas acho que ele está vivo.

Todos os sintomas indicam isso.

Vá, dê uma olhada nele e, quando eu voltar, tomaremos juntos uma decisão.

Harper Lee, *O sol é para todos*

Já estava escuro quando Meggie e Farid partiram atrás de Dedo Empoeirado. Para o sul, sempre para o sul, dissera Bailarino das Nuvens, mas como podiam saber se estavam indo para o sul, se não havia sol para se orientarem, nem estrelas brilhando entre as folhas negras? A escuridão parecia ter engolido tudo, as árvores e até o chão sob seus pés. Mariposas voavam em seus rostos, atraídas pelo fogo que Farid segurava entre os dedos como um animalzinho. As árvores pareciam ter olhos e mãos, e o vento soprava vozes em seus ouvidos, vozes suaves, que sussurravam palavras incompreensíveis para Meggie. Em qualquer outra noite, ela já teria parado em algum lugar ou voltado para a fogueira, onde provavelmente encontraria Bailarino das Nuvens e Urtiga, mas naquela noite Meggie só pensava numa coisa: precisava encontrar Dedo Empoeirado e seus pais, pois a floresta não poderia lhe pregar um susto maior do que o que se

alojara em seu coração quando vira o sangue de Mo na palha.

No começo, com a ajuda do fogo, Farid encontrava aqui e ali um rastro da bota de Dedo Empoeirado, um galho quebrado, uma pegada de marta, mas, em algum momento, ele havia parado e não sabia mais que direção tomar. Para qualquer lado que olhasse, árvores enfileiravam-se sob a pálida luz do luar, e a floresta era tão densa que não se via passagem entre os troncos; e Meggie via olhos ao seu redor, olhos furiosos, tantos que desejou que a lua não brilhasse entre as folhas.

— Farid! — ela sussurrou. — Vamos subir numa árvore e esperar o sol nascer. Nunca reencontraremos o rastro de Dedo Empoeirado se simplesmente prosseguirmos.

— Também acho! — Dedo Empoeirado apareceu silenciosamente entre as árvores, como se estivesse ali havia algum tempo. — Já faz uma hora que estou ouvindo vocês atrás de mim pisando a terra como uma vara de porcos selvagens — ele disse, enquanto Sorrateiro enfiava a cabeça entre suas pernas. — Esta aqui é a Floresta Sem Caminhos, e este não é nem mesmo um dos seus pedaços mais hospitaleiros. Vocês devem ficar felizes por eu ter convencido as dríades naquele freixo ali de que vocês não quebraram seus galhos de propósito. E os demônios noturnos? Acham que não sentem o cheiro de vocês? Se eu não tivesse espantado alguns deles, agora vocês estariam petrificados entre as árvores, feito madeira morta, enredados em sonhos ruins como duas moscas na teia de aranha.

— Demônios noturnos? — sussurrou Farid enquanto as fagulhas na ponta de seus dedos se apagavam.

Demônios noturnos. Meggie aproximou-se mais dele. Ela se lembrou de uma história que Resa havia lhe contado. Ainda bem que ela não se lembrara antes...

— Sim, ainda não lhe contei sobre eles? — Sorrateiro pulou ao encontro de Dedo Empoeirado e cumprimentou Gwin com um chiado de alegria. — Talvez não o devorem vivo como esses espíritos do deserto dos quais me falou, mas estão muito longe de serem amistosos.

— Não vou voltar — disse Meggie e olhou firmemente para ele. — Não vou voltar, não importa o que você diga.

Dedo Empoeirado apenas olhou para ela.

— Não, eu sei — ele disse. — Igualzinha à sua mãe. — Nada mais. Durante toda a noite, seguiram o largo rastro que os encouraçados haviam deixado na floresta, toda a noite e o dia seguinte. Apenas quando via que Meggie já cambaleava de cansaço, Dedo Empoeirado permitia que descansassem um pouco. Quando o sol estava novamente tão baixo que tocava as copas das árvores, alcançaram o topo de uma colina, e Meggie avistou a seus pés a fita escura de uma estrada no verde da floresta. Ali, numa das margens, uma série de edificações espalhava-se ao redor de um pátio, estábulos, uma casa ampla.

— A única estalagem perto da fronteira — sussurrou Dedo Empoeirado. — Provavelmente deixaram seus cavalos aqui. Na floresta, a pé se avança muito mais rápido. Nessa estalagem, pousam todos os que vão para o sul e para o mar: mensageiros, comerciantes, até mesmo alguns saltimbancos, embora todo mundo saiba que o estalajadeiro é um espião de Cabeça de Víbora. Se tivermos sorte, chegaremos lá antes daqueles que estamos perseguindo, pois é impossível descer a encosta com a carroça e com prisioneiros. Terão que fazer um desvio, mas podemos descer por aqui e esperar na estalagem.

— E depois? — Por um momento Meggie pensou ver nos olhos de Dedo

Empoeirado a mesma preocupação que a havia impelido para a floresta à noite. Mas com quem ele estava preocupado? Com o Príncipe Negro, os outros saltimbancos?... Resa? Ela se lembrava ainda muito bem daquele dia na cripta de Capricórnio, quando ele implorara a Resa que fugisse com ele e deixasse sua filha para trás...

Talvez Dedo Empoeirado também se lembrasse desse dia.

— Por que está me olhando assim? — ele perguntou.

— Nada, absolutamente nada — ela murmurou e abaixou a cabeça.

— Só estou preocupada.

— Bem, para isso não lhe faltam motivos — ele disse e virou-se bruscamente.

— Mas o que faremos quando os alcançarmos? — Farid apressou-se em segui-lo.

— Não sei — limitou-se a responder Dedo Empoeirado, enquanto começava a procurar um caminho para descer a encosta, sempre sob a proteção das árvores. — Achei que um de vocês dois tivesse alguma ideia, já que quiseram vir de qualquer jeito.

O caminho que ele escolheu era tão íngreme que Meggie quase não conseguia segui-lo, mas então, de repente, ela viu a estrada, pedregosa e

entremeada pelos arroios que escorriam de alguns pontos da colina. Do outro lado, estavam os estábulos c a casa que haviam avistado do alto. Dedo Empoeirado fez um sinal apontando para um lugar na beira da estrada em que a mata os protegia de olhos curiosos.

— Eles realmente parecem não estar aqui, mas devem chegar logo! — ele disse baixinho. — Talvez até mesmo pernoitem aqui, encham a barriga e se embebedem, para esquecer o medo que passaram na floresta. Não posso dar as caras por lá, enquanto ainda estiver claro. Com a sorte que tenho, é provável que me encontre com um dos incendiários que agora trabalham para Cabeça de Víbora. Mas você... — ele pôs a mão no ombro de Farid — você pode ir até lá e espiar discretamente. Se perguntarem de onde vem, diga apenas que o seu amo está na estalagem se embriagando. E assim que chegarem, conte os soldados, conte os prisioneiros e quantas crianças estão com eles. Entendido? Enquanto isso, vou continuar vigiando a estrada de cima, acho que tive uma ideia. Farid assentiu e atraiu Gwin para o seu lado.

— Vou com ele! — Meggie esperava que Dedo Empoeirado ficasse zangado, que lhe proibisse de ir também, mas ele apenas sacudiu os ombros.

— Como queira. Seria realmente difícil segurá-la. Apenas espero que sua mãe não se denuncie quando reconhecê-la. E tem mais uma coisa! — ele segurou o braço de Meggie, quando ela fez menção de seguir Farid.

— Não ponha na sua cabeça que pode fazer algo por seus pais. Talvez consigamos libertar as crianças, talvez até mesmo mais alguns, se conseguirem correr o suficiente. Mas o seu pai não conseguirá correr, e a sua mãe ficará com ele. Ela não o deixará sozinho, assim como não fez isso com você daquela vez. Nós dois nos lembramos disso, não é?

Meggie assentiu e virou a cabeça para que ele não visse suas lágrimas. Dedo

Empoeirado, porém, virou-a delicadamente e enxugou as lágrimas de seu rosto.

— Você é realmente muito parecida com sua mãe — disse baixinho, — Ela também nunca queria que a vissem chorar, mesmo quando tinha bons motivos para fazer isso. — O rosto dele estava tenso quando olhou para os dois mais uma vez. — Então vamos lá. Sujos o suficiente vocês já estão — observou. — Todos irão tomá-los por um estribeiro e uma empregada da cozinha. Nos encontraremos atrás dos estábulos, assim que escurecer. Agora vão.

Não foi preciso esperar muito.

Não fazia ainda uma hora que Meggie e Farid rondavam os estábulos, quando viram o comboio dos prisioneiros descer pela estrada: mulheres, crianças, velhos, as mãos atadas às costas, soldados de ambos os lados. Não eram encouraçados, não havia elmo escondendo seus rostos carrancudos, mas traziam a serpente de seu senhor no peito, o manto cinza prateado e uma espada na cintura. Meggie reconheceu imediatamente o seu líder, Era Raposa Vermelha. A julgar pela expressão de seu rosto, não parecia muito contente por andar a pé.

— Não olhe fixamente para eles! — Farid sussurrou quando Meggie parou como se tivesse criado raízes e puxou-a para trás de uma das carroças estacionadas no pátio. — Sua mãe não está ferida. Você a viu?

Meggie assentiu. Sim, Resa ia entre duas outras mulheres, uma delas estava grávida. Mas onde estava Mo?

— Ei! — berrou Raposa Vermelha, enquanto seus homens empurravam os prisioneiros para o pátio. — De quem são essas carroças aqui? Precisamos de mais espaço.

Os soldados empurraram as carroças para o lado, uma delas tão brutalmente que os sacos em cima dela começaram a escorregar. Um homem precipitou-se para fora da estalagem, supostamente o proprietário, o protesto já na ponta da língua, mas, quando viu os soldados, engoliu-o e gritou com os criados, que reergueram a carroça bem depressa. Comerciantes, camponeses, criados, cada vez mais homens saíam dos estábulos e da casa principal para ver que barulho era aquele no pátio. Um homem gordo coberto de suor abriu caminho no meio de toda a gente em direção a Raposa Vermelha, parou na sua frente com ar acusador e despejou em cima dele uma torrente de palavras pouco gentis.

— Está bem, está bem! — Meggie ouviu Raposa Vermelha rosnar. — Só que precisamos de espaço. Não está vendo que temos prisioneiros? Ou prefere que os levemos para os seus estábulos?

— Sim, sim, pegue um dos estábulos! — exclamou o homem gordo aliviado e acenou para alguns de seus criados que estavam parados ali perto, olhando para os prisioneiros, alguns dos quais estavam ajoelhados no lugar onde haviam parado, os rostos pálidos de exaustão e medo.

— Venha! — Farid sussurrou para Meggie, e passaram, lado a lado, entre camponeses e comerciantes que vociferavam, criados que recolhiam os sacos arrebentados do pátio e soldados que lançavam olhares cobiçosos para a estalagem. Ninguém parecia dar atenção especial aos prisioneiros, mas isso também não era necessário. Nenhum deles parecia ter forças para fugir. Até mesmo as crianças, cujas pernas talvez fossem rápidas o suficiente, somente conseguiam se agarrar com olhos vazios às saias de suas mães ou olhavam, paralisadas de medo, para os homens armados que as haviam trazido para aquele lugar. Resa apoiava a mulher grávida. Sim, sua mãe não estava ferida, tanto quanto Meggie conseguia ver, embora evitasse chegar perto demais de Resa, com medo de que Dedo Empoeirado estivesse certo em sua preocupação de que ela poderia se denunciar pelo olhar. Quão desesperada olhava ao seu redor. Ela pegou o braço de um soldado, ele parecia um menino com seu rosto imberbe, e

então...

— Farid.

Meggie não acreditou no que viu. Resa falava. Não com as mãos, mas com a boca. Quase não se ouvia sua voz em meio a todo o barulho, mas era sua voz. Como era possível? O soldado não lhe deu ouvidos, empurrou-a de volta com brutalidade, e Resa se virou. O Príncipe Negro e seu urso puxavam uma carroça para o pátio, os dois estavam atrelados como bois. Uma corrente estava amarrada em volta do focinho preto do urso, uma outra ao redor de seu pescoço e de seu peito. Mas Resa não tinha olhos para o urso nem para o Príncipe Negro, ela olhava apenas para a carroça, e Meggie compreendeu imediatamente o que isso significava.

Sem dizer uma palavra, ela correu.

— Meggie! — Farid gritou, mas ela não o ouviu.

Ninguém a deteve. Era uma carroça frágil e bamba. Primeiro, viu somente o saltimbanco com a perna ferida e a criança no colo. Mas então viu Mo.

Seu coração não queria mais bater. Mo jazia ali, de olhos fechados, debaixo de um cobertor sujo, mas assim mesmo Meggie viu o sangue. Toda a sua camisa estava cheia de sangue, a camisa que ele gostava tanto de usar, embora as mangas já estivessem puídas. Meggie esqueceu-se de tudo, Farid, soldados, a advertência de Dedo Empoeirado, que lugar era aquele, por que estava ali... Apenas via seu pai e seu rosto imóvel. O mundo de repente era um lugar vazio, tão vazio, e seu coração uma coisa morta e fria.

— Meggie! — Farid segurou seu braço.

Ele a arrastou consigo e, por mais que ela relutasse, estreitou-a junto a si quando começou a chorar.

— Ele está morto, Farid! Você o viu? Mo... está morto! — ela balbuciou várias vezes a terrível palavra. Morto. Ele se fora. Para sempre.

Então ela se soltou dos braços de Farid.

— Preciso ir até ele. — "Este livro só atrai desgraças, Meggie, nada além de desgraças. Mesmo que você não queira acreditar em mim." Ele não havia dito isso a ela na biblioteca de Elinor? Como cada palavra doía agora. A morte esperara no livro, a morte de Mo.

— Meggie! — Farid ainda a segurava. Ele a sacudia como se precisasse acordá-la. — Meggie, escute. Ele não está morto! Você acha que iriam carregá-lo se estivesse?

Iriam? Ela não sabia mais nada.

— Venha comigo. Vamos, venha! — Farid puxou-a consigo. Ele enfiou-se pela multidão como que ao acaso, como se não estivesse interessado em toda aquela agitação. Finalmente, parou com uma expressão de tédio em frente ao estábulo para dentro do qual os soldados empurravam os prisioneiros. Meggie enxugou as lágrimas dos olhos e fez um esforço para parecer igualmente indiferente, mas como poderia com o coração que de repente doía como se alguém o tivesse partido em dois?

— Você tem comida suficiente aí? — ela ouviu Raposa Vermelha perguntar. — Essa maldita floresta nos deixou com uma fome de gigante.

Meggie viu como empurravam Resa para dentro do estábulo escuro, junto com as outras mulheres, e dois soldados soltavam o Príncipe Negro e o urso das correntes.

— É claro que tenho o suficiente! — disse o estalajadeiro com voz indignada. — E quanto aos seus cavalos, você não os reconhecerá de tanto que estarão brilhando.

— Bem, quero acreditar nisso — respondeu Raposa Vermelha. — Senão, Cabeça de Víbora cuidará para que você seja o ex-proprietário desta espelunca. Partiremos a cavalo amanhã ao romper do dia. Meus homens e os prisioneiros ficarão no estábulo, mas quero uma cama, uma cama só para mim, e não uma que eu tenha que dividir com um monte de estranhos roncadores e peidorreiros.

— É claro, é claro! — O estalajadeiro assentiu solícito. — Mas e aquela besta ali? — Apontou preocupado para o urso. — Vai assustar os cavalos. Por que não o mataram e o deixaram na floresta?

— Porque Cabeça de Víbora quer enforcá-lo junto com o seu dono — respondeu Raposa Vermelha. — E porque os meus homens acreditam nas besteiras que contam sobre ele, que é um demônio noturno, que gosta de andar por aí na figura dc um urso e que, por isso, não é uma boa ideia disparar uma flecha em seu pelo.

— Um demônio noturno? — O estalajadeiro deu uma risadinha nervosa.

Pelo jeito, não achava impossíveis aquelas histórias. — Não importa quem ele seja, no estábulo não entra. Por mim, podem prendê-lo atrás da casa do forno. Ali talvez os cavalos não sintam o seu cheiro.

O urso deu um rugido abafado quando um dos soldados o arrastou atrás de si pela corrente, mas o Príncipe Negro falou com ele em tom tranquilizador, com voz baixa, como se consolasse uma criança, enquanto os dois foram levados para trás da casa principal.

A carroça com Mo e o velho ainda estava no pátio. Alguns criados perambulavam ao redor e cochichavam, na certa tentando adivinhar quem exatamente Cabeça de Víbora mandara prender. Será que já corria o boato de que o homem que jazia feito morto na carroça era Gaio? O soldado com o rosto imberbe expulsou os criados, arrancou a criança da carroça e empurrou-a para o estábulo como os outros.

— E os feridos? — ele gritou para Raposa Vermelha. — Devemos simplesmente deixar os dois na carroça?

— Para que amanhã estejam mortos ou desaparecidos? Que ideia é essa, seu idiota? Afinal de contas, um deles é o motivo pelo qual tivemos que nos enfiar nessa maldita floresta, não? — Raposa Vermelha voltou-se novamente para o estalajadeiro. — Há algum barbeiro entre os seus hóspedes? — perguntou. — Tenho um prisioneiro que precisa ser mantido vivo, porque Cabeça de Víbora planeja para ele uma execução magnífica. Com um morto não tem a mesma graça, se é que você me entende. ... ser mantido vivo... Farid apertou a mão de Meggie e sorriu triunfante para ela.

— Oh, sim, claro, claro! — O estalajadeiro lançou um olhar curioso para a carroça. — É realmente um transtorno quando um condenado morre antes da execução. Parece que isso já aconteceu duas vezes este ano, segundo ouvi contar.

Apesar disso, não posso ajudar com um barbeiro. Mas tenho uma mulher do musgo que ajuda nos serviços da cozinha. Ela já curou alguns hóspedes.

— Ótimo! Mande-a vir!

O estalajadeiro acenou impaciente para um menino que estava ao lado da porta do estábulo. Raposa Vermelha, porém, chamou dois de seus soldados: — Vamos, levem também os feridos para o estábulo — Meggie o ouviu dizer. — Quero dois guardas na porta e quatro de vocês para vigiar Gaio esta noite, entendido? Nada de vinho e hidromel, e ai de quem dormir!

— Gaio? — O estalajadeiro arregalou os olhos. — Vocês estão com Gaio na carroça? — Quando Raposa Vermelha lançou-lhe um olhar de advertência, ele levou rapidamente os dedos gordos à boca. — Nenhuma palavra! — exclamou. — Nenhuma palavra. Por mim ninguém saberá.

— É o que eu ia lhe recomendar também — rosnou Raposa Vermelha e olhou ao seu redor, como se quisesse se assegurar de que mais ninguém ouvira suas palavras.

Quando os soldados ergueram Mo da carroça, Meggie deu involuntariamente um passo para a frente, mas Farid a puxou de volta.

— Meggie, o que há com você? — sussurrou em tom zangado. — Se continuar assim, logo a prenderão também. Você acha que está ajudando?

Meggie sacudiu a cabeça.

— Ele realmente está vivo, Farid, não é? — ela sussurrou. Quase tinha medo de acreditar.

— Está, sim, com certeza. Eu já tinha lhe dito. E agora não faça essa cara tão triste. Tudo vai ficar bem, você vai ver! — Farid passou a mão em sua cabeça, beijou as lágrimas de seus cílios.

— Ei, vocês dois, pombinhos, afastem-se dos cavalos!

Pífaro estava diante deles. Meggie abaixou a cabeça, embora tivesse certeza de que não a reconheceria. Ela era apenas uma menina com um vestido sujo que ele quase havia pisoteado no mercado de Ombra. Também ali, na estalagem, ele estava vestido com mais luxo do que qualquer saltimbanco que Meggie já vira. Suas roupas de seda brilhavam como a cauda de um pavão, e os anéis em seus dedos eram da mesma prata que o nariz em seu rosto. Ao que parecia, Cabeça de Víbora pagava bem pelas canções que apreciava.

Pífaro piscou para eles mais uma vez, então se pôs a andar lentamente em direção a Raposa Vermelha.

— Mas olhe só, então você voltou da floresta! — ele exclamou ainda de longe. — E com presas gordas. Isso significa que, para variar, um dos seus espiões não contou lorotas. Finalmente uma boa notícia para Cabeça de Víbora.

Raposa Vermelha respondeu, mas Meggie não escutou. O garoto voltou com a mulher do musgo, uma anãzinha que mal chegava à altura do seu ombro. Sua pele era acinzentada como o tronco da faia e seu rosto encarquilhado como uma maçã ressecada. Mulher do musgo, curandeira... Antes que Farid compreendesse o que ela pretendia, Meggie já não estava mais ao seu lado. A mulher do musgo saberia como Mo estava... Meggie se aproximou cada vez mais da pequena

mulher, até que entre as duas havia apenas o garoto. O avental da anãzinha estava manchado de molho de carne e seus pés estavam descalços, mas ela olhava para os homens que a cercavam com olhos corajosos.

— De fato, uma autêntica mulher do musgo — grunhiu Raposa Vermelha enquanto seus soldados se afastavam da pequena mulher, como se ela fosse tão perigosa quanto o urso do Príncipe Negro. — Pensei que nunca saíssem da floresta. Mas é melhor assim, pelo que dizem, elas realmente entendem alguma coisa de cura. A mãe dessa bruxa velha, Urtiga, não era uma mulher do musgo?

— Era, mas o pai não valia nada. — A pequena mulher lançou um olhar tão penetrante para Raposa Vermelha, como se quisesse descobrir que sangue corria em suas veias. — Você bebe demais! — ela observou. — Olhe só para o seu rosto. Se continuar assim, logo o seu fígado vai arrebentar como uma abóbora madura.

As gargalhadas se espalharam entre os que estavam em volta, porém um olhar de Raposa Vermelha fez todas silenciarem.

— Escute bem, você não está aqui para me dar conselhos, sua nanica! — ele ralhou com a mulher do musgo. — Quero que veja um de meus prisioneiros, pois ele precisa chegar com vida ao castelo de Cabeça de Víbora.

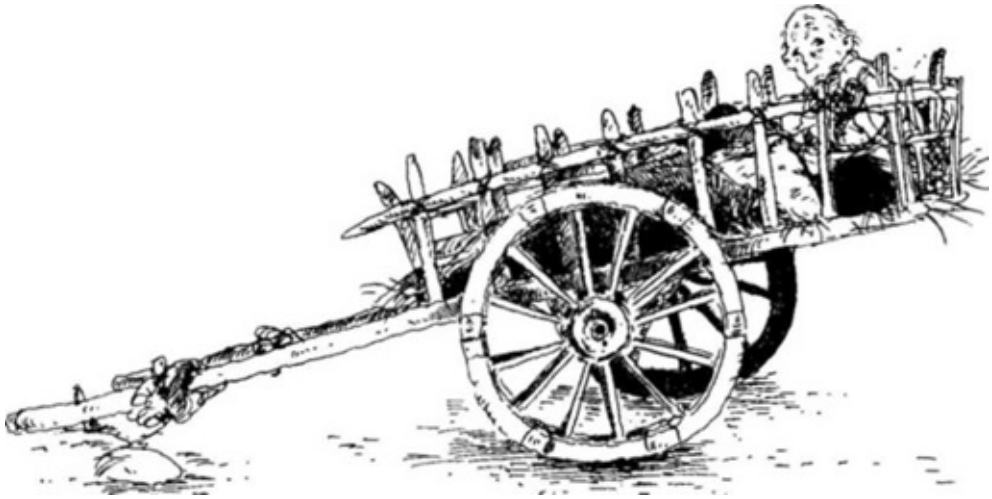
— Sim, sim, já sei — retrucou mal-humorada a mulher do musgo ainda examinando seu rosto. — Para que o seu amo possa matá-lo de acordo com todas as regras da arte. Traga-me água, água morna e panos limpos. E também preciso de alguém para me ajudar.

Raposa Vermelha fez um sinal para o menino.

— Se quer um ajudante, escolha um — ele grunhiu e deu uma apalpadela em sua barriga, provavelmente por presumir que seu fígado se encontrasse nela.

— Um dos seus homens? Não, obrigada. — A mulher do musgo torceu seu pequeno nariz com desprezo e olhou ao seu redor, até que seu olhar parou em Meggie. — Aquela ali — disse a mulherzinha. — Ela não parece ser muito boba.

E antes que Meggie soubesse como isso acontecera, um soldado pegou-a pelos ombros. A última coisa que viu antes de entrar aos tropeções dentro do estábulo atrás da mulher do musgo foi o rosto apavorado de Farid.



42. Um rosto familiar

— Acredite em mim. As vezes, quando a vida parece estar mostrando o seu lado mais implacável, há uma luz, escondida na essência das coisas.

Clive Barker, *Abarat*

Mo estava consciente quando a mulher de musgo se ajoelhou ao seu lado. Com as costas apoiadas na parede úmida, ele procurava o rosto de Resa em meio a todos os prisioneiros encolhidos na penumbra do estábulo. Somente notou a presença de Meggie quando a anãzinha fez um gesto impaciente para que viesse ajudá-la. Evidentemente, logo compreendeu que um sorriso os denunciaria, mas era tão difícil não estreitá-la junto a si, tão difícil esconder a alegria e o medo que disputavam seu coração.

— O que está fazendo aí parada? — a velha ralhou com Meggie. — Venha até aqui, sua tontinha. Mo poderia tê-la sacudido, mas Meggie ajoelhou-se depressa ao seu lado e segurou as ataduras ensanguentadas que a velha tirou de seu peito sem delicadeza. "Não olhe assim para ela!", pensou Mo e obrigou seus olhos a se voltarem para outras coisas, as mãos da velha, outros prisioneiros, qualquer coisa que não fosse sua filha. Resa já a teria visto também? "Ela está bem", pensou. Não havia dúvida. Ela não estava mais magra, nem parecia ter qualquer doença ou ferimento. Se pelo menos ele pudesse trocar uma palavra com ela.

— Pelo cuspe das fadas, o que há com você? — perguntou a anãzinha rispidamente, quando Meggie quase derramou a água que passava para ela. — Desse jeito, eu poderia ter ficado com um dos soldados. — Com seus dedos ásperos, começou a tatear o ferimento de Mo. Doía, mas ele apertou os dentes com força para que Meggie não percebesse.

— Você é sempre tão severa com ela? — ele perguntou para a velha.

A anãzinha murmurou algo incompreensível sem olhar para Mo, mas Meggie arriscou um breve olhar, e ele sorriu de volta na esperança de que ela não visse a preocupação em seus olhos, o horror por reencontrá-la justamente naquele lugar, entre todos aqueles soldados. "Cuidado, Meggie!", tentou dizer-lhe com os olhos. Como os lábios dela tremiam, provavelmente por todas as palavras que ela, assim como ele, não podia pronunciar. Como era bom vê-la. Mesmo naquele lugar. Quantas vezes, em todos aqueles dias e noites de febre, ele não tivera a certeza de que nunca voltaria a ver seu rosto?

— Um pouco mais depressa, hein! — Raposa Vermelha de repente estava atrás de Meggie, e ela rapidamente abaixou a cabeça quando ouviu sua voz e estendeu novamente a vasilha com água para a velha.

— É uma ferida muito feia! — observou a mulher do musgo. — Muito me admira que ele ainda esteja vivo.

— Pois é, estranho, não é mesmo? — Mo sentiu o olhar de Meggie como se fosse sua mão. — Talvez as fadas tenham sussurrado algumas palavras benéficas em meu ouvido.

— Palavras benéficas? — A mulherzinha torceu o nariz. — E que palavras seriam essas? A conversa das fadas é tão tola e inútil quanto elas próprias.

— Bem, então alguém que não elas deve ter sussurrado essas palavras.

Mo viu como Meggie empalideceu quando ajudava a mulherzinha a fazer novas ataduras para o seu ferimento, o ferimento que não o matara. "Não foi nada, Meggie", ele queria dizer, "estou bem", mas tudo o que ele pôde fazer foi olhar para ela mais uma vez, como que ao acaso, como se o rosto dela não significasse para ele mais do que qualquer outro.

— Você pode não acreditar — ele disse para a velha. — Mas ouvi essas palavras, eram palavras belíssimas. Primeiro, pensei que fosse a voz da minha mulher que as pronunciava, mas então notei que era a minha filha. Eu ouvia as palavras tão claramente, como se ela estivesse sentada ao meu lado.

— Sei, sei, com febre a pessoa ouve coisas desse tipo! — retrucou a mulher de musgo. — Já ouvi pessoas jurarem que os mortos haviam falado com elas. Mortos, anjos, demônios... A febre chama essas criaturas aos bandos... — Ela se virou para Raposa Vermelha. — Tenho um unguento que vai ajudar — ela disse — e vou preparar algo para ele beber. Mais não posso fazer.

Quando ela virou as costas, Meggie pôs rapidamente a mão nos dedos de Mo. Ninguém percebeu isso, nem o discreto aperto com que ele recebeu a mão dela. Ele sorriu mais uma vez. Somente quando a mulher do musgo se virou novamente, ele desviou o olhar bem depressa.

— Você deveria também dar uma olhada na perna dele! — ele disse e apontou com a cabeça para o saltimbanco que dormia, exausto, na palha ao seu lado.

— Não, ela não deve! — interrompeu Raposa Vermelha. — Para mim, tanto faz se ele está vivo ou morto. Já com você a coisa é diferente.

— Ah, entendo! Vocês ainda acham que sou esse salteador. — Mo encostou a cabeça na parede e fechou os olhos por um momento. — Adianta alguma coisa se eu disser mais uma vez que não sou esse homem?

Como resposta. Raposa Vermelha lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Fale isso a Cabeça de Víbora, talvez ele acredite em você — ele disse. Então ergueu Meggie com brutalidade e a pôs de pé. — Vamos, fora daqui! Já chega! — gritou para ela e para a mulher do musgo.

Seus homens empurraram as duas para a porta do estábulo, Meggie olhou ao seu redor mais uma vez à procura da mãe, que estava em algum lugar junto com os outros prisioneiros; tentou olhar para Mo mais uma vez, mas Raposa Vermelha pegou-a pelo braço e empurrou-a para fora. E Mo desejou ter palavras como as que haviam matado Capricórnio. Sua língua queria sentir seu gosto, queria dirigi-las a Raposa Vermelha e reduzi-lo a pó como fizera com seu antigo amo. Mas não havia ninguém ali para escrever para ele. Apenas a história de Fenoglio estava por toda parte, envolvendo-os com pavor e trevas e, provavelmente, já previra sua morte para um dos próximos capítulos.

43. Papel e Fogo

— Bem, então está decidido — disse uma voz impaciente do outro lado da masmorra. Era a voz do duende Schniff, que ainda estava acorrentado. Twig se esquecera completamente dele. — Será que alguém poderia, por favor, abrir a minha corrente também?

Paul Stewart, *Midnight over Sanctaphrax [Meia-noite em Sanctaphrax]*

As janelas da estalagem brilhavam diante de Dedo Empoeirado como olhos amarelos sujos quando ele atravessou a estrada. Sorrateiro pulou à sua frente, pouco mais do que uma sombra na escuridão. Era uma noite sem lua e, no pátio e entre os estábulos, estava tão escuro que seu rosto marcado por cicatrizes também não seria mais do que uma mancha pálida.

Diante do estábulo onde haviam trancado os prisioneiros, havia guardas, quatro deles, mas não o notaram. Entediados, fitavam a noite, as mãos nas espadas, e a todo momento lançavam olhares cobiçosos para as janelas iluminadas. Da estalagem chegavam vozes, vozes altas, bêbadas, e em algum momento o som de um alaúde, dedilhado com habilidade, acompanhado por um canto estranhamente abafado. Ah, então Pífaro voltara de Ombra e entretinha os hóspedes com uma de suas canções, ébrias de sangue e da exaltação da morte. A presença de Nariz de Prata ali era mais um motivo para continuar invisível. Meggie e Farid esperavam como combinado atrás dos estábulos, mas estavam discutindo, tão alto que Dedo Empoeirado chegou por trás do garoto e tapou sua

boca com a mão.

— O que é isso? — sussurrou em tom de censura. — Querem ser levados para junto dos outros?

Meggie abaixou a cabeça. Ela tinha lágrimas nos olhos novamente.

— Ela quer entrar no estábulo! — sussurrou Farid. — Acha que todos estão dormindo! Como se...

Dedo Empoeirado pôs de novo a mão em sua boca. Vozes soavam no pátio. Aparentemente alguém trazia comida para os guardas que estavam diante do estábulo.

— Onde está o Príncipe Negro? — ele sussurrou quando as vozes silenciaram.

— Com o urso, entre a casa do forno e a casa principal. Diga a Meggie que ela não pode entrar no estábulo! Há pelo menos quinze soldados lá dentro.

— E quantos com Príncipe Negro?

— Três.

Três. Dedo Empoeirado olhou para o céu. A lua estava escondida atrás das nuvens e a escuridão era negra como um manto.

— Quer libertá-lo? Três não é muito! — a voz de Farid soou animada. Nenhum sinal de medo. Algum dia ela ainda o mataria, aquela ousadia. — Cortamos as gargantas antes que possam dar um pio. Será muito fácil.

Ele falava assim com frequência. Dedo Empoeirado se perguntava se apenas falava ou se de fato já havia feito aquelas coisas.

— Céus, você é um sujeito durão! — ele disse baixinho. — Mas não sou muito bom em cortar gargantas, você sabe. São quantos prisioneiros?

— Onze mulheres, três crianças, nove homens, sem contar Língua Encantada!

— Como vai ele? — Dedo Empoeirado olhou para Meggie. — Você o viu? Ele pode andar?

Ela sacudiu a cabeça.

— E a sua mãe?

Meggie lançou-lhe um breve olhar. Ela não gostava quando ele falava de Resa.

— Diga logo, ela está bem?

— Acho que sim! — Ela pôs uma mão na parede do estábulo, como se pudesse sentir seus pais do outro lado. — Mas não consegui falar com ela. Por favor! — Que olhar suplicante ela lançara para ele. — Todos devem estar dormindo. Tomarei muito cuidado!

Farid lançou um olhar desesperado para as estrelas, como se elas devessem quebrar seu silêncio eterno diante de tamanha insensatez.

— Os guardas não dormirão — disse Dedo Empoeirado. — Portanto, invente uma boa mentira para contar a eles. Você tem alguma coisa para escrever?

Meggie olhou para ele incrédula, com os olhos de sua mãe. Então pôs a mão na sacola que tinha consigo.

— Tenho papel aqui — ela sussurrou enquanto arrancava depressa uma folha de um pequeno caderno. — E um lápis também!

Tal mãe, tal filha. Sempre com algo para escrever.

— Você vai deixá-la ir?

— Vou!

Meggie olhou para ele com grande expectativa.

— Escreva: "Amanhã, na estrada que tomarão, haverá uma árvore tombada.

Quando ela pegar fogo, todos os que tiverem forças e forem jovens o suficiente devem correr para a esquerda na floresta. Para a esquerda, isso é importante!". Escreva: "Nós os esperaremos e os esconderemos". Anotou tudo?

Meggie fez que sim. Seu lápis corria depressa sobre o papel. Só lhe restava esperar que Resa conseguisse decifrar a letra miúda no estábulo escuro, pois ele não estaria lá para fazer fogo.

— Já pensou no que vai dizer aos guardas? — ele perguntou. Meggie fez que sim. Por um momento, ela pareceu novamente a garotinha que fora havia pouco mais de um ano, e Dedo Empoeirado se perguntou se na verdade não era um erro deixá-la ir, mas, antes que pudesse mudar de ideia, ela já havia partido. Com passos rápidos, atravessou o pátio e desapareceu dentro da estalagem. Quando saiu, Meggie segurava um jarro na mão.

— Por favor! A mulher de musgo me mandou! — eles a ouviram dizer com uma voz infantil. — Ela me mandou levar leite para as crianças.

— Olhe só. É esperta como um chacal! — sussurrou Farid quando os guardas se afastaram para o lado. — E corajosa como uma leoa.

Havia tanta admiração em sua voz que Dedo Empoeirado teve que sorrir. O garoto estava realmente apaixonado.

— Sim, provavelmente ela é mais esperta do que nós dois juntos — ele sussurrou. — Mais corajosa, de qualquer forma, ela é, pelo menos no que me diz respeito.

Farid apenas assentiu com a cabeça. Fixou o olhar na porta aberta do

estábulo, e sorriu aliviado quando Meggie saiu novamente.

— Você viu? — ela sussurrou para Farid quando estava ao seu lado novamente. — Foi muito fácil.

— Ótimo! — disse Dedo Empoeirado e fez um sinal chamando Farid. — Agora vamos torcer para que o que vamos fazer também seja tão fácil. Que tal, Farid? Está com vontade de brincar um pouco com o fogo?

Farid executou sua tarefa com o mesmo sangue frio que Meggie. Aparentemente entretido consigo mesmo, mas bem visível para os homens que vigiavam o Príncipe Negro, ele começou a fazer o fogo dançar, tão despreocupadamente como se estivesse em alguma pacífica praça de mercado e não diante de uma estalagem onde se encontravam Raposa Vermelha e Pífaro. Os guardas cutucaram uns aos outros, riram, gratos pela distração naquela noite sem sono. "Parece que sou o único aqui cujo coração quer sair pela boca", pensou Dedo Empoeirado ao se esgueirar entre restos de carne malcheirosos e legumes podres. Pelo jeito, os cozinheiros do gordo estalajadeiro simplesmente jogavam atrás da casa tudo o que não podiam servir à mesa para seus hóspedes. Algumas ratazanas fugiram correndo quando ouviram os passos de Dedo Empoeirado e, entre os arbustos, brilhavam os olhos famintos de um duende.

O Príncipe Negro estava preso bem ao lado de uma pilha de ossos, e seu urso fora amarrado a uma distância exata para não poder alcançá-los. Acorrentado, estava sentado, bufando infeliz pelo focinho atado e, de vez em quando, emitia um gemido abafado de lamento.

Não muito longe, os guardas haviam fincado uma tocha no chão, mas a chama apagou-se instantaneamente quando o vento levou a voz suave de Dedo Empoeirado até ela. Agora havia apenas um braseiro ali, e o Príncipe Negro logo compreendeu quem devia estar se esgueirando na escuridão, para o fogo ter

ficado tão sonolento de repente. Mais alguns passos rápidos, silenciosos, e Dedo Empoeirado abaixou-se atrás das costas peludas do urso.

— O garoto é realmente bom! — sussurrou o Príncipe Negro, sem se virar.

Para as cordas que o prendiam, bastaria uma lâmina afiada.

— Oh, sim, é muito bom. E não tem medo de nada, ao contrário de mim. — Dedo Empoeirado examinou os cadeados na corrente do urso. Estavam enferrujados, nada muito difícil de abrir. — O que acha de um passeio pela floresta? Mas o urso precisa ser silencioso, silencioso como uma coruja. Ele consegue?

Dedo Empoeirado abaixou-se quando um dos guardas se virou, mas o que chamara sua atenção havia sido a criada que saíra da cozinha para jogar um balde de lixo atrás da casa. Depois de lançar um olhar curioso para o Príncipe Negro, ela desapareceu novamente. E levou consigo o barulho que saíra pela porta.

— E os outros?

— Quatro guardas na porta do estábulo, uns quatro que Raposa Vermelha escalou exclusivamente para Língua Encantada, e mais uns dez vigiando os outros prisioneiros. É improvável que consigamos distrair todos eles, e com certeza não pelo tempo suficiente para pôr feridos e aleijados em segurança.

— Língua Encantada?

— O homem que foram buscar no Abrigo Secreto. Como você o chama?

Um dos cadeados arrebentou. O urso grunhiu. Talvez Sorrateiro o perturbasse. A segunda corrente ainda estava firme, melhor assim, do contrário talvez ele devorasse a marta. Dedo Empoeirado começou a cortar a corda que amarrava o Príncipe Negro. Ele precisava se apressar, tinham que sair dali antes que os braços de Farid ficassem cansados. O segundo cadeado fez um clique. Mais um rápido olhar para o garoto... "Pelo fogo dos elfos!", pensou Dedo Empoeirado. "Ele já sabe lançar os archotes quase tão alto quanto eu!" Mas justamente quando Príncipe Negro acabava de afrouxar as amarras, um homem gordo andou até Farid, atrás dele vinham uma criada e um soldado. Ele gritou com o garoto, apontou indignado para o fogo. Farid apenas sorriu, gingou para trás, com Gwin pulando em suas pernas, e continuou a jogar os archotes em chamas. Oh, sim, era tão esperto quanto Meggie! Dedo Empoeirado chamou o Príncipe Negro com um gesto. O urso arrastou-se atrás deles, de quatro, seguindo a voz suave de seu dono. Infelizmente, ele era apenas um urso e não um demônio da noite. A um desses não seria necessário explicar que deveria ficar quieto. Mas pelo menos era negro, negro como seu dono, e a noite os engoliu como se fossem parte dela.

— Nos encontraremos lá embaixo na estrada, na árvore tombada!

O Príncipe Negro assentiu e fundiu-se com a noite. Dedo Empoeirado, porém, se pôs à procura do garoto e da filha de Resa. No pátio, soldados gritavam atarantados, a fuga do Príncipe Negro e seu urso fora descoberta. O próprio Pífaro saíra da casa. Mas Dedo Empoeirado não conseguiu ver a garota nem Farid.

Os soldados começaram a vasculhar com archotes a beira da floresta e a encosta. Dedo Empoeirado sussurrou na noite até que o fogo ficou sonolento e uma tocha após a outra se apagou, como se um fraco vento as tivesse soprado. Inquietos, os homens pararam na estrada, olharam ao redor, os olhos cheios de

medo, medo da escuridão, medo do urso e de tudo o mais que vagava à noite na floresta.

Nenhum deles se arriscou até o ponto em que a árvore tombada bloqueava a estrada, onde a floresta e as colinas estavam tão silenciosas como se nunca antes alguém tivesse pisado ali. Gwin estava sentado no tronco da árvore, Farid e Meggie esperavam do outro lado, sob as árvores. O garoto estava com o lábio sangrando; e a garota, de cansaço, encostara a cabeça em seu peito. Encabulada, endireitou-se quando Dedo Empoeirado apareceu na frente deles.

— Ele está livre? — perguntou Farid.

Dedo Empoeirado pôs a mão debaixo de seu queixo e examinou o lábio machucado.

— Sim, não importa o que aconteça amanhã, o Príncipe Negro e seu urso nos ajudarão. Como isso aconteceu?

As duas martas passaram por ele e desapareceram, lado a lado, na floresta.

— Ah, não é nada, um dos soldados queria me prender, mas escapei. Agora diga! Fui bem?

Como se ele não soubesse a resposta.

— Tão bem que estou começando a ficar preocupado. Se você continuar, logo terei que trocar de ramo.

Farid sorriu.

Meggie, por sua vez, como parecia triste... Parecia tão perdida quanto a menina que haviam encontrado no abrigo assaltado. Não era difícil imaginar como ela estava por dentro, ainda que ele próprio nunca tivesse conhecido os pais. Artistas ambulantes, mulheres saltimbancos, um barbeiro cirurgião itinerante... Dedo Empoeirado tivera muitos pais... quem, entre o Povo Colorido, estivesse no momento tomando conta das crianças que, por uma razão ou por outra, haviam sobrado. "Vamos lá, diga alguma coisa a ela, Dedo Empoeirado, qualquer coisa!", pensou. "Afinal você já espantou a tristeza da mãe dela algumas vezes. Ainda que na maior parte das vezes por pouco tempo... tempo roubado."

— Escute. — Ele se ajoelhou na frente de Meggie. — Amanhã, se realmente conseguirmos libertar alguns prisioneiros, o Príncipe Negro os colocará em segurança. Mas nós três seguiremos os outros.

Ela o fitou desconfiada, como se ele fosse uma corda frágil, estendida no ar, em que ela tivesse que pisar.

— Por quê? — perguntou baixinho. Quando ela falava baixo não se percebia nada da força que sua voz podia desenvolver. — Por que você quer ajudá-los?

Ela não disse: "Afinal, da última vez, você não fez isso. Aquela vez, na aldeia de Capricórnio".

O que ele deveria responder? Que era mais fácil ser apenas um espectador num mundo estranho do que em seu próprio mundo?

— Digamos que talvez eu tenha algo a reparar — ele disse finalmente.

Dedo Empoeirado sabia que não precisava explicar o que queria dizer. Os dois se lembravam da noite em que ele os delatara para Capricórnio. E ele poderia ter acrescentado mais uma coisa: "Acho que sua mãe já foi prisioneira por tempo suficiente". Mas não pronunciou as palavras. Sabia que elas não teriam agradado a Meggie.

Pouco mais de uma hora depois, o Príncipe Negro juntou-se a eles, são e salvo, com seu urso.



44. A árvore em chamas

Vês como as chamas chispam, chiam, as labaredas atiçam; Como o fogo dança, cicia, as achas sorvem e assobiam?

James Krüss, O fogo

Os pés de Resa sangravam. A estrada era pedregosa e estava úmida do orvalho. Haviam amarrado as mãos de todos novamente, com exceção apenas das crianças. Que medo que haviam tido de os soldados não as deixarem andar entre os prisioneiros e de as carregarem na carroça! "Chorem se quiserem obrigar vocês!", os adultos haviam sussurrado para os pequenos. "Chorem e gritem, até que deixem vocês andarem ao nosso lado." Mas felizmente isso não fora necessário. Que amedrontados pareciam três meninas e um menino, sem contar a criança na barriga de Mina.

A menina mais velha acabara de fazer seis anos, e ia entre Resa e Mina. Cada vez que olhava para ela, Resa se perguntava como Meggie teria sido nessa idade. Mo havia lhe mostrado fotos, muitas fotos de todos os anos que ela perdera, mas aquelas não eram as lembranças dela, e sim as dele. E de Meggie.

Corajosa a Meggie. Resa ainda sentia o coração apertado quando se lembrava de como a filha lhe entregara a folha de papel às escondidas. Onde ela estaria agora? Será que os observava da floresta?

Somente quando lá fora havia começado a gritaria por causa do Príncipe

Negro, ela pudera ler as letras, à luz do archote que ardia no estábulo durante a noite. Nenhum dos outros sabia ler, portanto, ela apenas pudera sussurrar a mensagem de Dedo Empoeirado para as mulheres que estavam sentadas perto dela. Depois disso, não houvera oportunidade de transmiti-la também aos homens, mas os que podiam correr também o fariam. A maior preocupação de Resa eram as crianças, e estas agora sabiam o que deviam fazer.

A outra menina e o menino andavam entre sua mãe e a mulher de dedos curvos que queria levar Mo de volta para a fortaleza de Capricórnio. Também para eles Resa nada dissera sobre a mensagem de Dedo Empoeirado. Cada olhar que aquela mulher lhe lançava dizia: "Eu tinha razão!". Mina, porém, sorria quando olhava para ela, Mina com a barriga redonda, que tinha tantas razões para odiá-la pelo que estava acontecendo. Talvez as flores que ela levara para a caverna tivessem realmente trazido sorte. Mo estava melhor, muito melhor, depois de infinitas horas em que ela pensara tantas vezes que ele estava respirando pela última vez. Desde que Príncipe Negro fugira, um cavalo puxava a carroça em que Mo estava. Os outros sussurravam que o urso havia libertado Príncipe Negro, o que seria a prova cabal de que ele era um demônio da noite. Com seu olhar fantasmagórico, diziam, fizera as correntes desaparecerem, transformara-se em homem e libertara seu dono das amarras. Resa pensou se acaso esse homem não teria cicatrizes no rosto. Quando irrompeu o tumulto na noite, ela teve muito medo por Dedo Empoeirado, Meggie e o garoto, mas na manhã seguinte o mau humor no rosto dos soldados denunciava que haviam escapado.

Mas onde estava a árvore tombada sobre a qual Meggie escrevera?

A menina ao seu lado agarrou-se em seu vestido. Resa sorriu para ela, e sentiu como Pífaro a observava de cima de seu cavalo. Depressa, virou a cabeça para o outro lado. Felizmente, nem ele nem Raposa Vermelha a haviam reconhecido. Quantas vezes, na fortaleza de Capricórnio, ela não tivera que ouvir as canções sangrentas de Pífaro, quando ele ainda tinha um nariz humano no rosto? E quantas vezes não limpara as botas de Raposa Vermelha? Mas

felizmente ele não era um dos que a perseguiam e às demais criadas.

Acima da cabeça de todos, os soldados imaginavam em voz alta o que seu amo faria com o Príncipe Negro quando o aprisionasse novamente junto com seu urso enfeitiçado. O humor geral melhorara sensivelmente desde que haviam voltado a montar seus cavalos. De vez em quando. Pífaro virava-se na sela e contribuía com uma crueldade bastante especial. Resa gostaria de ter tapado os ouvidos da menina ao seu lado. Sua mãe, completamente desavisada, viajava com alguns atores, na crença de que sua filha estava segura no Abrigo Secreto.

A menina correria. Assim como as duas outras crianças, junto com sua mãe. Dedos Tortos certamente também tentaria, Pássaro Tisnado e a maior parte dos outros homens... O saltimbanco com a perna ferida, que estava sentado na carroça com Mo, ficaria, assim como Dois Dedos, porque tinha medo das flechas das bestas, e o velho artista das pernas de pau, que não confiava mais nas suas pernas de verdade. Benedicta, que quase não enxergava mais por onde andava, ficaria, Mina, cujo filho logo viria ao mundo... e Mo.

A estrada descia cada vez mais. Acima de suas cabeças, os galhos das árvores entrelaçavam-se. Era uma manhã sem vento, nublada e chuvosa, mas os fogos de Dedo Empoeirado ardiam mesmo na chuva. Resa olhava através das patas dos cavalos. A floresta era densa, só havia escuridão entre as árvores, mesmo à luz clara do dia. Deveriam correr para a esquerda. Meggie esperava que ela também tentasse? Quantas vezes já se perguntara isso... e sempre se dera a mesma resposta: "Não, ela sabe que não deixarei seu pai sozinho, afinal também o ama muito".

Resa diminuiu o passo. Ali estava ela, a árvore tombada, atravessando a estrada, o tronco verde de musgos. A menina olhou para ela com olhos grandes. Tivera medo de que uma das crianças falasse, mas todas tinham ficado mudas como peixes, a manhã inteira.

Raposa Vermelha praguejou quando avistou a árvore. Freou seu cavalo, ordenou aos primeiros quatro cavaleiros que apeassem e removessem o obstáculo do caminho. Carrancudos, puseram as rédeas de seus cavalos nas mãos de outros e andaram em direção ao tronco. Resa não ousou olhar para a beira da estrada com medo de denunciar Dedo Empoeirado ou Meggie. Ela pensou ouvir um estalido e então, quase inaudível, um sussurro. Não eram palavras humanas. Eram palavras de fogo. Dedo Empoeirado as havia pronunciado para ela uma vez, no outro mundo, onde elas não funcionavam e o fogo era surdo e mudo. "Soa muito melhor quando faço isso lá", ele dissera e contara-lhe sobre o mel que pegava dos elfos de fogo. Ainda assim, ela se lembrava muito bem do som, como chamas mordendo o carvão negro, devorando ávidas o papel branco. Ninguém, além dela, ouviu os sussurros em meio ao crepitar das folhas, ao murmurar da chuva, entre gorjeios e o estrilar dos grilos.

O fogo subiu de debaixo do tronco como um ninho de serpentes. Não notaram. Somente quando a primeira labareda se ergueu voraz e quente, tão alta que quase chamuscou as folhas das árvores, recuaram, cambaleantes de susto e incredulidade. Os cavalos que estavam sem seus cavaleiros empinaram e tentaram se soltar, enquanto o fogo assobiava e dançava.

— Corra! — sussurrou Resa, e a menina começou a correr, ágil como uma corça. Crianças, mulheres e homens correram para a árvore, passaram pelos cavalos assustados e penetraram na proteção da floresta escura. Dois soldados dispararam as bestas atrás deles, mas seus cavalos também empinaram por causa do fogo, e as flechas perfuraram o tronco das árvores em vez da carne humana. Resa viu um atrás do outro desaparecer entre as árvores, os soldados gritando. Doía ficar, doía tanto...

A árvore continuou a arder, seu tronco tingiu-se de preto... "Corra", pensou Resa, "corra!", enquanto permanecia ali parada, embora tudo que seus pés quisessem fosse correr, correr dali, para junto de sua filha, que esperava em algum lugar entre as árvores. Mas ela ficou. Ficou e tentou evitar um só

pensamento: que a prenderiam novamente. Do contrário, teria corrido, apesar de Mo. Correria e correria, sem nunca mais parar. Por tempo demais fora prisioneira, por tempo demais vivera de lembranças, lembranças de Mo, lembranças de Meggie... Delas se alimentara durante todos os anos em que precisara servir a Mortola e depois a Capricórnio.

— Não vá ter ideias erradas. Gaio! — ela ouviu um dos soldados gritar. — Senão o espetarei!

— De que ideias está falando? — respondeu Mo. — Pareço tão estúpido assim para sair correndo na frente da sua besta?

Ela quase riu. Ele sempre a fizera rir com facilidade.

— O que estão esperando? Tragam-nos de volta! — berrou Pífaro.

O nariz de prata havia entortado em seu rosto, e seu cavalo continuava a empinar, por mais que ele puxasse as rédeas. Alguns homens obedeceram, entraram timidamente na floresta, e recuaram quando viram uma sombra se mover na mata e rugir.

— O demônio noturno! — gritou um deles, e imediatamente já estavam todos de volta à estrada, com os rostos pálidos e as mãos trêmulas, como se as espadas que carregavam nada pudessem contra o pavor que espreitava entre as árvores.

— Demônio noturno? É dia claro, seus idiotas! — ralhou Raposa Vermelha. — É um urso, nada além de um urso!

Hesitantes, arrastaram-se novamente até a floresta, apinhados como uma ninhada de cucos escondendo-se atrás de sua mãe. Resa ouviu como abriam caminho com suas espadas entre cipós-chumbo e amoras silvestres, enquanto seus cavalos ficavam para trás, trêmulos e resfolegantes. Raposa Vermelha e Pífaro cochichavam, e os soldados que ainda estavam na estrada, para vigiar os prisioneiros restantes, olhavam para a floresta com olhos arregalados, como se no próximo instante o demônio noturno que tanto se confundia com um urso fosse saltar de dentro dela para engolir todos juntos, com cabelo e o que mais encontrasse.

Resa viu como Mo olhou para ela, viu o alívio em seu rosto quando a enxergou e a decepção por ela ainda estar ali. Ele ainda estava pálido, com se a morte tivesse acariciado seu rosto. Ela deu um passo em direção à carroça, quis ir para junto dele, pegar sua mão, ver se Mo ainda estava quente de febre, mas um soldado empurrou-a de volta brutalmente.

A árvore ainda ardia em chamas. As labaredas crepitavam como se entoassem uma cantiga de escárnio a Cabeça de Víbora e, quando os homens voltaram da floresta, não traziam de volta um só fugitivo.

45. Pobre Meggie

— Olá — soou uma voz suave, musical, e Leonardo ergueu o olhar. Diante dele estava a garota mais bonita que ele já vira, uma garota que talvez o tivesse assustado, não fosse a expressão triste em seus olhos azuis; de tristeza ele entendia.

Eva Ibbotson, *Puxa, qual bruxa?*

Meggie não dizia uma palavra. Por mais que Farid tentasse animá-la, ela apenas ficava sentada entre as árvores, os braços em volta das pernas, calada. Sim, haviam libertado muitos, mas seus pais não estavam entre eles.

Ninguém entre os que haviam conseguido correr se ferira na fuga. Apenas uma das crianças torcera o pé, mas era tão pequena que os adultos puderam carregá-la. A floresta os engolira a todos tão rapidamente que já depois de poucos passos os homens de Cabeça de Víbora apenas caçavam sombras. Dedo Empoeirado enfiara as crianças dentro de uma árvore oca, as mulheres se esconderam sob uma touceira de cipó-chumbo e urtigas selvagens, e o urso do Príncipe Negro mantinha os soldados afastados. Os homens haviam trepado nas árvores, até o alto, entre as folhas. Dedo Empoeirado e Príncipe Negro foram os últimos a se esconder depois de terem confundido os soldados, atraindo-os ora para cá, ora para lá.

Príncipe Negro aconselhou aos libertos a retornarem a Ombra e a se juntarem provisoriamente aos saltimbancos que ainda estavam acampados lá. Ele próprio tinha outros planos. Antes de partir, ainda falou com Meggie, e depois disso ela não parecia mais tão desesperada.

— Ele disse que não vai deixar que enforquem meu pai — ela contou a Farid. — Disse que sabe que Mo não é Gaio e que ele e seus homens farão Cabeça de Víbora perceber que prenderam o homem errado.

Ela parecia tão esperançosa quando disse isso que Farid apenas assentiu com a cabeça e murmurou: "Maravilha!", embora tivesse pensado que Cabeça de Víbora enforcaria Língua Encantada assim mesmo.

— E o espião do qual Pífaro falou? — ele perguntou para Dedo Empoeirado quando os três se puseram a caminho novamente. — Príncipe Negro irá procurá-lo?

— Ele não precisará procurar por muito tempo — respondeu Dedo Empoeirado. — Basta esperar que algum saltimbanco de repente apareça com os bolsos cheios de prata.

Prata. Farid tinha que admitir: ele estava curioso para ver as torrei de prata do Castelo da Noite. Dizia-se que até as ameias eram cobertas de prata. Mas escolheriam um outro caminho, diferente do que Raposa Vermelha tomara.

— Sabemos para onde vão — afirmou Dedo Empoeirado. — E existem caminhos mais seguros para o Castelo da Noite do que a estrada.

— E o Moinho dos Ratos? — perguntou Meggie. — O moinho do qual você

falou na floresta? Não vamos primeiro para lá?

— Não necessariamente. Por quê?

Meggie calou-se. Parecia que ela sabia que Dedo Empoeirado não gostaria muito da resposta.

— Enviei uma carta a Fenoglio por Bailarino das Nuvens — ela disse finalmente. — Pedi a ele que escrevesse algo para salvar meus pais, e que enviasse as palavras para o moinho.

— Uma carta? — a voz de Dedo Empoeirado soou tão cortante que involuntariamente Farid pôs a mão no ombro de Meggie. — Maravilhai E se ela for lida pelos olhos errados?

Farid encolheu a cabeça, mas Meggie não. Não. Ela devolveu o olhar a Dedo Empoeirado.

— Ninguém além de Fenoglio pode ajudá-los agora — ela disse. — E você sabe disso. Sabe muito bem.



46. Batidas na porta

Lancelote olhou para o seu copo: — Ele não é humano — disse finalmente.

— Mas por que deveria ser? Acaso vocês esperam de anjos que eles sejam humanos?

T. H. White, *O único e eterno rei, volume II*

Já havia dias que o cavaleiro enviado por Fenoglio atrás de Meggie partira. "Você precisa ser veloz como o vento", ele lhe dissera, e também que se tratava da vida ou da morte de uma jovem garota, obviamente muito bonita. (Afinal de contas, ele queria que o sujeito desse o melhor de si!) "Infelizmente você não a convencerá a acompanhá-lo na volta, ela é muito cabeça dura", ainda acrescentara. "Portanto, marque um novo ponto de encontro, desta vez mais seguro, e diga a ela que, assim que possível, você retornará com uma carta minha. Consegue guardar isso?"

O soldado, ainda um verdadeiro frangote, repetira as palavras sem dificuldades e saíra a galope, deixando a garantia de que estaria de volta o mais tardar em três dias. Mas Fenoglio ainda não teria carta alguma para enviar a Meggie. Pois as palavras que deveriam endireitar toda aquela história, salvar os bons, punir os maus, como as coisas deveriam ser, essas palavras simplesmente não queriam dar as caras!

Noite e dia, Fenoglio sentava-se na câmara que Cosme lhe destinara e olhava para as folhas de pergaminho que Minerva lhe trouxera, junto com Quartzo

Rosa, em completo estado de choque. Mas Fenoglio estava como que enfeitiçado: o que quer que começasse lhe escapava como tinta no papel úmido. Mas afinal onde elas estavam, as malditas palavras? Por que permaneciam mortas como folhas secas? Ele discutia com Quartzo Rosa, ordenava-lhe que trouxesse vinho, carne assada, doces, outras tintas, pena nova... Enquanto lá fora, nos pátios do castelo, o ferro era derretido e moldado, o portão do castelo reforçado, os caldeirões de piche lavados, as lanças afiadas. Gerava barulho preparar uma guerra. Sobretudo quando se tinha pressa. E Cosme tinha muita pressa.

As palavras para a guerra haviam, por assim dizer, sido escritas por si mesmas: palavras cheias de ira justificada. Os pregoeiros de Cosme já as haviam levado para as praças dos mercados e aldeias. Desde então, os voluntários afluíam a Ombra, soldados para a guerra contra Cabeça de Víbora. Mas onde estavam as palavras para ganhar a guerra de Cosme e ao mesmo tempo salvar o pai de Meggie da forca?

Oh, como ele quebrava sua velha cabeça! Mas simplesmente não saía ideia alguma! Os dias se passavam e o desespero se espalhava no coração de Fenoglio. E se entrementes Cabeça de Víbora tivesse enforcado Mortimer? Meggie iria querer ler mesmo assim? Ela não estaria totalmente indiferente ao que acontecia com Cosme e aquele mundo, se seu pai estivesse morto?

— Bobagem, Fenoglio — ele murmurou, quando, depois de horas, novamente começou a riscar frase após frase. — E sabe de uma coisa? Se as palavras não vierem, desta vez as coisas terão que se arranjar sem você. E será justamente Cosme quem salvará Mortimer!

"Ah é? E se assaltarem o castelo de Cabeça de Víbora e todos morrerem nas masmorras do castelo em chamas?", sussurrou uma voz dentro dele. "Ou se as tropas de Cosme se espatifarem nos muros altos e escarpados do Castelo da Noite?"

Fenoglio pôs a pena de lado e enterrou o rosto nas mãos. Logo já estaria escuro novamente lá fora e sua cabeça estava tão vazia quanto o pergaminho à sua frente. Cosme mandara chamá-lo à sua mesa por Tullio, mas ele não estava com nenhum apetite, ainda que gostasse tanto de admirar o soberano, o brilho de seus olhos quando escutava as canções que Fenoglio escrevera sobre ele. Ainda que a Feia tivesse afirmado dez vezes que as palavras entediavam seu marido, aquele Cosme amava o que Fenoglio lhe fornecia: contos belíssimos sobre seus feitos heroicos do passado, sobre o seu tempo junto às Damas Brancas e sobre a batalha na fortaleza de Capricórnio.

Sim, ele caíra nas graças do belo príncipe, exatamente como ele próprio escrevera, enquanto a Feia reivindicava em vão a primazia junto a seu marido. Assim, Violante passava na biblioteca ainda mais tempo do que antes do regresso de Cosme. Desde a morte de seu sogro, ela não precisava mais entrar lá de maneira furtiva e clandestina ou subornar Balbulus com suas joias, pois Cosme não se importava se ela lia ou não. Ele apenas se interessava em saber se Violante escrevia cartas a seu pai ou se tentava estabelecer contato com Cabeça de Víbora de outra maneira. Como se antes ela tivesse feito isso alguma vez!

Em sua solidão, Violante causava pena a Fenoglio, mas ele se consolava com a ideia de que ela sempre fora sozinha. Até mesmo seu filho nada alterara nisso. Contudo, era provável que nunca antes ela tivesse desejado a companhia de uma pessoa como agora desejava a de Cosme. A mancha em seu rosto empalidecera, mas agora outra coisa ardia nela: o amor, igualmente inútil como fora a mancha, pois Cosme não correspondia. Ao contrário, mandava vigiar sua esposa. Havia algum tempo, Violante era seguida por um homem corpulento de cabeça raspada, que antigamente adestrava os cães do Príncipe Porcino. Ele seguia a Feia, como se ele próprio tivesse se transformado num cão, um cão farejador, que tentava decifrar todos os seus pensamentos. Dizia-se que Violante mandava Balbulus escrever cartas a Cosme, cartas suplicantes, nas quais garantia sua fidelidade e dedicação, mas que seu marido não as lia. Um de seus administradores até mesmo afirmava que Cosme desaprendera a ler.

Fenoglio tirou as mãos do rosto e olhou cheio de inveja para Quartzo Rosa, que dormia ao lado do tinteiro, roncando pacificamente. Ele estava justamente pegando a pena mais uma vez quando bateram à porta.

Quem poderia ser tão tarde da noite? Àquela hora, Cosme costumava cavalgar.

Era a mulher dele que esperava diante da porta. Violante estava com um dos vestidos pretos que deixara de usar com a volta de Cosme. Seus olhos estavam vermelhos, como se estivessem machucados de tanto chorar, mas talvez ela somente estivesse usando o berilo em demasia.

Fenoglio ergueu-se de sua cadeira.

— Entre! — disse. — Onde está a sua sombra?

— Comprei uma ninhada de cachorrinhos e disse-lhe para adestrá-los, como surpresa para Cosme. Desde então, ele desaparece de vez em quando.

Ela era esperta, oh, sim, muito esperta mesmo. Fenoglio sabia disso? Não, mal se lembrava de tê-la criado.

— Mas sente-se! — ele estendeu para ela sua própria cadeira (não havia outra) e sentou-se na arca sob a janela, na qual guardava suas roupas, não as velhas, comidas pelas traças, mas as que Cosme havia mandado confeccionar para ele, roupas suntuosas, feitas sob medida para um poeta da corte.

— Cosme levou Brianna consigo novamente! — disse Violante com voz entrecortada. — Ela pode cavalgar com ele, comer com ele, até mesmo passa as noites com ele. Agora é para ele, e não para mim, que ela conta histórias, lê para ele, canta para ele, dança para ele, como fazia para mim antigamente. E eu estou sozinha. O senhor não poderia falar com ela? — Violante alisou o vestido preto com suas mãos nervosas. — Brianna adora suas canções, talvez ela lhe dê ouvidos! Preciso dela. Não tenho mais ninguém nesse castelo a não ser Balbulus, e de mim ele quer apenas dinheiro para novas tintas.

— E o seu filho?

— Não gosta de mim.

Fenoglio calou-se, pois ela tinha razão. Jacopo não gostava de ninguém, exceto de seu lúgubre avô, e ninguém gostava de Jacopo. Não era fácil gostar dele. A noite lá fora invadia a câmara com as marteladas dos ferreiros.

— Cosme planeja reforçar os muros da cidade — prosseguiu Violante. — Pretende mandar derrubar todas as árvores daqui até o rio. Urtiga deve tê-lo amaldiçoado por isso. Corre por aí que ela disse que pedirá às Damas Brancas que o levem de volta.

— Não se preocupe. As Damas Brancas não fazem o que Urtiga pede.

— O senhor tem certeza? — ela esfregou os olhos feridos. — Brianna é minha leitora! Ele não tem o direito de tirá-la de mim. Quero que o senhor escreva para a mãe dela. Cosme controla todas as minhas cartas, mas o senhor pode pedir que ela venha até aqui. Ele confia no senhor. Escreva para a mãe de

Brianna dizendo que Jacopo quer brincar com o filho dela e que deve trazê-lo ao castelo por volta de meio-dia. Sei que antigamente ela era uma mulher saltimbanco e que agora cultiva ervas. Todos os barbeiros cirurgiões da cidade vão até ela. Tenho algumas plantas raras em meu jardim. Escreva-lhe que ela pode pegar o que quiser, sementes, brotos, mudas, tudo o que desejar, somente precisa vir.

Roxane. Ela queria que Roxane fosse ao castelo.

— Por que a senhora quer falar com a mãe e não com a própria Brianna? Ela não é mais uma menininha.

— Já tentei! Ela não me escuta. Apenas me olha sem dizer nada, murmura desculpas, e volta para ele. Preciso falar com a mãe dela.

Fenoglio calou-se. Não estava certo de que Roxane viria, a julgar pelo que sabia sobre ela. Afinal de contas, fora ele próprio que escrevera em seu coração o orgulho e a repulsa ao sangue nobre. Por outro lado, ele não prometera a Meggie ficar de olho na filha de Dedo Empoeirado? Se já não estava conseguindo cumprir suas outras promessas porque as palavras o abandonavam vergonhosamente, talvez devesse tentar cumprir pelo menos essa... "Céus!", pensou. "Eu não gostaria de estar perto de Dedo Empoeirado quando ele souber que a sua filha passa as noites com Cosme!"

— Está bem, enviarei um mensageiro a Roxane — disse. — Mas não crie grandes expectativas. Ouvi dizer que ela não está muito contente com o fato de sua filha viver na corte.

— Eu sei! — Violante ergueu-se e lançou um olhar para o papel que esperava por Fenoglio em sua escrivaninha. — O senhor está trabalhando numa

nova história? Mais uma sobre Gaio? O senhor primeiro precisa mostrá-la a mim.

Por um instante, ela era totalmente a filha de Cabeça de Víbora.

— Claro, claro — Fenoglio apressou-se em garantir. — A senhora a receberá ainda antes dos saltimbancos. E a escreverei como a senhora prefere: sombria, desesperada, sinistra... — "e cruel", acrescentou em pensamento. Sim, a Feia gostava de histórias tétricas. Ela não queria que lhe contassem sobre felicidade e beleza, e sim queria ouvir sobre morte, infortúnio, feiura e segredos lacrimosos. Queria seu próprio mundo, um mundo bem próprio, e este nunca falara de beleza e felicidade.

Ela ainda olhava para ele, com o mesmo olhar arrogante que seu pai lançava para o mundo. Fenoglio lembrava-se das palavras com que, na época, descrevera sua família: "Sangue nobre — havia centenas de anos a estirpe de Cabeça de Víbora acreditava firmemente que o sangue que corria em suas veias os tomava mais fortes, corajosos e inteligentes do que todos os seus súditos". Centenas e centenas de anos, o mesmo olhar, até mesmo nos olhos da Feia, que essa mesma estirpe teria preferido afogar no fosso do castelo logo após seu nascimento, como a um cão que nascera aleijado.

— Os criados dizem que a mãe de Brianna sabe cantar ainda melhor do que a filha. Dizem que ela é capaz de fazer as pedras chorarem e as rosas florirem. — Violante passou a mão em seu rosto, bem onde havia pouco tempo ardera a mancha tão vermelha.

— Sim, também já ouvi dizer algo assim — Fenoglio acompanhou-a até a porta.

— Dizem que, há muito tempo, ela cantou no castelo do meu pai, mas nisso não acredito. Meu pai nunca admitiu saltimbancos do lado de dentro do seu portão, no máximo do lado de fora, na forca.

"Sim, porque diziam que a sua mãe o havia enganado com um saltimbanco", pensou Fenoglio ao abrir a porta.

— Brianna disse que sua mãe não canta mais porque acredita que a sua voz traz grande infelicidade a todos que ama. E que esse foi o caso do pai dela.

— É, também já ouvi dizer isso.

Violante saiu para o corredor. Mesmo de perto quase não se via mais a mancha em seu rosto.

— O senhor enviará o mensageiro amanhã cedo?

— Se é o seu desejo.

Ela olhou para o corredor escuro.

— Brianna nunca quer falar sobre o seu pai. Uma das cozinheiras afirma que é um cuspidor de fogo. Ela diz que a mãe de Brianna era muito apaixonada por ele, mas então um dos incendiários também se apaixonou por ela e cortou o rosto do cuspidor de fogo.

— Também ouvi essa história! — Fenoglio olhou para ela pensativo. A história de Dedo Empoeirado, amarga e doce, era do gosto de Violante, sem dúvida alguma.

.....E que ela o levou para um barbeiro cirurgião e ficou com ele até o seu rosto sarar. — Como sua voz soava distante, como se tivesse se perdido entre as palavras, as palavras de Fenoglio. — Mesmo assim ele a abandonou. — Violante virou o rosto para o outro lado. — Escreva a carta! — disse rispidamente. — Escreva ainda esta noite.

Então saiu apressada em seu vestido negro, tão depressa como se sentisse vergonha por tê-lo procurado.

— Quartzo Rosa — disse Fenoglio ao fechar a porta atrás dela. — Você acha que só sei criar personagens más ou tristes?

Mas o homenzinho de vidro ainda dormia, e ao seu lado a tinta da pena pingava no pergaminho em branco.

47. Roxane

O olhar da amada sol não é pois brilha menos; Mais rubro que sua boca é o rubro do coral; a neve é branca mas seus seios são morenos, E seus cabelos, fios de algum negro metal.

William Shakespeare, *Soneto*

Fenoglio esperava por Roxane numa sala do castelo na qual antigamente eram atendidos solicitantes, gente do povo simples que ali apresentava suas queixas aos administradores de Cosme, enquanto ao lado um escriba fixava as palavras em papel (o pergaminho era, de longe, valioso demais para essa finalidade). Depois disso, eram enviados de volta com a esperança de que algum dia o príncipe se manifestasse a respeito de seus interesses. No reinado do Príncipe Porcino, isso acontecia raramente, no máximo por empenho de Violante, e, dessa forma, na maior parte das vezes os súditos resolviam entre si suas contendas, com ou sem derramamento de sangue, de acordo com o temperamento e a influência das partes. Esperava-se que Cosme também alterasse isso em breve...

— O que estou fazendo aqui? — murmurou Fenoglio ao olhar ao seu redor na sala estreita e de teto alto. Ele ainda estava deitado na cama (substancialmente mais confortável do que na casa de Minerva) quando o mensageiro da Feia aparecera. Violante mandava se desculpar e pedia, a ele que melhor entendia daquilo do que qualquer outro, que encontrasse as palavras certas para falar com Roxane em seu lugar. Maravilha. Era assim que faziam os poderosos: empurravam as coisas desagradáveis da vida para os outros. Mas por outro lado... ele sempre quisera encontrar a mulher de Dedo Empoeirado. Ela seria de fato tão bela quanto ele descrevera?

Com um suspiro, ele se sentou na poltrona em que, em outras ocasiões, sentava-se o administrador de Cosme. Desde o retomo de Cosme, os solicitantes haviam aparecido no castelo em tão grande número que no futuro somente lhes seria permitido apresentar seus pedidos em dois dias da semana. Seu príncipe tinha a mente ocupada com outras coisas que não os problemas de um camponês cujo vizinho lhe roubara um porco, as queixas de um sapateiro a quem um comerciante vendera um couro ruim ou os lamentos de uma costureira cujo marido lhe batia todas as noites em que chegava em casa bêbado. Evidentemente, em todas as cidades maiores havia um juiz para resolver aquelas disputas, mas a maioria desses homens tinha má fama. Justiça, como se dizia nos dois lados da Floresta Sem Caminhos, só se obtém depois de encher de ouro os bolsos do juiz. Assim, os que não possuíam ouro dirigiam-se ao castelo, ao seu príncipe angelical, sem entender que ele estava mais do que ocupado em preparar sua guerra.

Quando Roxane entrou na sala, duas crianças a acompanhavam: uma menina de talvez cinco anos e um menino mais velho, que provavelmente era Jehan, o irmão de Brianna, o menino que de vez em quando tinha a duvidosa honra de brincar com Jacopo. Com o cenho franzido, ela examinou as tapeçarias nas paredes, que narravam os feitos do jovem Príncipe Porcino. Unicórnios, dragões, cervos brancos... aparentemente nada estava a salvo da lança principesca.

— Hum, por que simplesmente não vamos para o jardim? — propôs Fenoglio quando notou o olhar desaprovador de Roxane e levantou-se rapidamente da cadeira principesca. Talvez ela fosse até mesmo mais bonita do que ele descrevera. Mas também, afinal de contas, ele garimpara as palavras mais belas quando escrevera, em *Coração de tinta*, a cena em que Dedo Empoeirado a vira pela primeira vez. Contudo, agora que de repente ela estava à sua frente, tão real, ele se apaixonara à primeira vista como um garotinho embasbacado. "Que diabos, Fenoglio!", amaldiçoou a si mesmo. "Você a inventou e agora fica olhando para ela como se fosse a primeira vez na sua vida que vê uma mulher!" E o pior de tudo era que Roxane parecia perceber o que se passava.

— Sim, vamos para o jardim! Já ouvi falar muito dele, mas nunca o vi — ela disse com um sorriso que perturbou Fenoglio profundamente.

Ou o senhor gostaria de me dizer primeiro por que quer falar comigo? Em sua carta, o senhor apenas menciona que se trata de Brianna.

Por que ele queria falar com ela, ah. Ele amaldiçoou o ciúme de Violante, o coração infiel de Cosme e ainda a si mesmo para completar. Vamos primeiro até o jardim — ele disse.

Talvez ao ar livre fosse mais fácil para ele dizer aquilo de que a Feia o havia encarregado. Mas obviamente não foi assim.

O menino se pôs em busca de Jacopo, assim que pisaram o chão do lado de fora, mas a menina ficou com Roxane. Ela se agarrava à sua mão, e a linda mulher ia de planta em planta... e Fenoglio não pronunciava uma só palavra.

— Sei por que precisei vir — disse Roxane quando ele tentava encontrar as palavras certas pela décima vez. — Não foi a própria Brianna que me contou, jamais faria isso. Mas a criada que leva o café da manhã para Cosme, e que costuma ouvir meus conselhos sobre sua mãe doente, ela me contou que Brianna quase não sai da câmara dele. Até mesmo à noite.

— Sim, sim, é isso... Violante está preocupada com isso. E espera que a senhora... — Diabos, como ele dera para gaguejar. Não sabia como prosseguir. Mas que pandemônio! Aquela história tinha claramente personagens demais. Como poderia prever tudo o que passava na cabeça deles? Totalmente impossível, sobretudo quando se tratava do coração de uma jovem garota.

Ninguém podia esperar que ele entendesse alguma coisa disso.

Roxane olhou para o seu rosto como se ainda esperasse pelo final da sua frase. "Maldito seja, seu velho tolo, agora você não vai enrubescer!", pensou Fenoglio, e sentiu o sangue correr pela pele enrugada de seu rosto, como se quisesse expulsar a idade.

— O garoto me falou do senhor — disse Roxane. — Farid. Ele está apaixonado pela menina que mora com o senhor, Meggie, não é? Quando ele fala o nome dela parece que tem pérolas dentro da boca.

— Sim, e quase chego a recear que Meggie goste dele também. "O que exatamente o garoto falou de mim para ela?", pensou Fenoglio inquieto. "Que a inventei e ao homem que ela ama, apenas para depois deixar que o assassinem?"

A menina ainda segurava a mão de Roxane. Com um sorriso, Roxane pôs uma flor em seus cabelos longos e escuros. "Sabe de uma coisa, Fenoglio?", ele pensou. "Isso tudo é um absurdo! Como você pode pretender tê-la inventado? Ela já devia existir antes das suas palavras. É impossível que alguém como ela seja feita apenas de palavras! Você estava enganado, o tempo todo! Todos já estavam aqui, Dedo Empoeirado e Capricórnio, Basta e Roxane, Minerva, Violante, Cabeça de Víbora... Você simplesmente escreveu a história deles, mas não gostaram e agora a estão escrevendo do seu jeito."

A menina tateou a flor e sorriu.

— Ela é filha de Dedo Empoeirado? — perguntou Fenoglio. Surpresa, Roxane olhou para ele.

— Não — ela disse. — Nossa segunda filha está morta, já faz tempo. Mas de onde conhece Dedo Empoeirado? Ele nunca me falou do senhor.

"Fenoglio, seu cabeça de vento maldito."

— Oh, sim, sim, conheço Dedo Empoeirado! — ele gaguejou. — Eu até mesmo o conheço muito bem. A senhora sabe, costumo visitar os saltimbancos quando armam suas tendas, lá diante dos muros da cidade. Foi lá, hum, que o conheci...

— É mesmo? — Roxane passou a mão num bulbo sob algumas folhas em forma de penas. — Eu não fazia ideia de que ele já havia aparecido por lá. — Com uma expressão pensativa, ela se aproximou de outro canteiro. — Malva selvagem. Esta também tenho nos meus canteiros. Não é bonita? E tão útil... — Ela não olhou para Fenoglio quando prosseguiu. — Dedo Empoeirado partiu. Mais uma vez. Somente recebi a notícia de que ele está seguindo os homens de Cabeça de Víbora, que raptaram alguns saltimbancos. A mãe dela — ela pôs o braço em volta da menina — também está lá. E Príncipe Negro, um bom amigo dele.

Também haviam prendido Príncipe Negro? Fenoglio tentou esconder sua perplexidade. Aparentemente tudo estava muito pior do que ele pensava. E o que ele escrevera continuava sem valer nada.

Roxane passou a mão nas flores de um pé de lavanda. Imediatamente o aroma doce se espalhou pelo ar.

— Dizem que o senhor estava presente quando Bailarino das Nuvens foi morto. O senhor conhece seu assassino? Ouvi dizer que foi Basta, um dos incendiários da floresta.

— Infelizmente a senhora ouviu certo.

Não se passava uma noite sem que Fenoglio não visse a navalha de Basta voando pelo ar, em todos os sonhos, ela o perseguia.

— O garoto contou para Dedo Empoeirado que Basta está de volta. Mas eu tinha esperanças de que ele estivesse mentindo. Estou preocupada.

— Ela falava tão baixo que Fenoglio mal ouvia suas palavras. — Tão preocupada que muitas vezes simplesmente me apanho parada olhando na direção da floresta, como se ele pudesse reaparecer entre as árvores no instante seguinte, como naquela manhã em que voltou. — Ela colheu uma baga de sementes e despejou algumas sementes minúsculas em sua mão.

— Posso levá-las?

— Tudo o que quiser — retrucou Fenoglio. — Sementes, brotos, mudas, é o que Violante me pediu que lhe transmitisse, caso convença sua filha a voltar a fazer companhia para ela, e não para o seu marido.

Roxane olhou para as sementes em sua mão... e esparramou-as no canteiro.

— Isso não é possível. Já faz anos que minha filha não me escuta. Ela ama a vida aqui, embora saiba que não é o meu caso, e ama Cosme desde a primeira vez que o viu passar a cavalo pelo portão do castelo, no dia do seu casamento. Ela ainda ia fazer sete anos, e desde então tudo o que sempre quis foi vir para cá, para o castelo, mesmo que para isso precisasse ser uma criada. Se Violante não a

tivesse ouvido cantar lá embaixo na cozinha, provavelmente ela ainda estaria esvaziando penicos, levando os restos da cozinha para os porcos e, de vez em quando, subindo furtivamente para admirar as estátuas de Cosme. Em vez disso, ela se tornou a queridinha de Violante... veste suas roupas, protege seu filho, canta e dança para ela e se tornou uma mulher saltimbanco, como era sua mãe. Mas não uma de saias coloridas e pés sujos, com um leito à beira da estrada e uma faca contra os salteadores, mas uma com roupas de seda e cama macia para dormir. Os cabelos, apesar de tudo, ela mantém soltos, como eu fazia, e também ama demais, como eu amava. Não! — ela disse e pôs a baga com as sementes na mão de Fenoglio. — Diga a Violante que eu gostaria de ajudá-la, mas não posso.

A menininha olhou para Fenoglio. Onde estava sua mãe agora?

— Escute! — ele disse para Roxane. Sua beleza o deixava tonto.

— Pegue quantas sementes quiser. Vingarão melhor em seus canteiros, muito melhor do que entre estes muros. Dedo Empoeirado partiu com Meggie. Eu mandei um mensageiro atrás deles. Assim que ele voltar, a senhora saberá de tudo o que ele contar, onde estão agora, quanto tempo ficarão fora, tudo!

Roxane pegou a baga de sementes de volta da mão dele, colheu mais até encher outra mão e colocou-as cuidadosamente na sacola que trazia em seu cinto.

— Eu agradeço — ela disse. — Mas, se não ouvir logo uma notícia de Dedo Empoeirado, eu mesma partirei à sua procura. Simplesmente já esperei que ele voltasse são e salvo por vezes demais, e não consigo pensar em outra coisa a não ser que Basta está de volta!

— Mas como pretende encontrá-lo? A última notícia que tive de Meggie foi

que pretendiam ir para um moinho, o Moinho dos Ratos. Ele fica do outro lado da floresta, na região de Cabeça de Víbora! Lá é perigoso!

Roxane sorriu para ele como uma mulher que explica a uma criança como é o mundo.

— Logo aqui também estará perigoso — ela disse. — Ou o senhor acha que ainda não chegou aos ouvidos de Cabeça de Víbora que Cosme manda forjar espadas dia e noite? Talvez o senhor também devesse procurar outro lugar para escrever. Antes que chovam setas em chamas em sua escrivaninha.

O cavalo de Roxane esperava no Pátio Externo do castelo. Era um velho zaino, magro e com manchas cinzentas em volta do nariz.

— Conheço o Moinho dos Ratos — ela disse ao montar a menina no lombo do cavalo. — Irei na frente e, se não encontrar os dois lá, tentarei Mocho. Ele é o melhor barbeiro cirurgião que conheço, deste e do outro lado da floresta, e cuidou de Dedo Empoeirado quando ele ainda era um menino. Talvez Mocho tenha notícias dele.

"Claro, Mocho!" Como Fenoglio pudera se esquecer dele. Se Dedo Empoeirado tivera algo como um pai, fora Mocho. Ele era um dos barbeiros cirurgiões que viajavam com os saltimbancos, de cidade em cidade, de mercado em mercado. Infelizmente ele não sabia muito mais que isso. "Mas que droga, Fenoglio!", pensou. "Como alguém pode se esquecer da sua própria história? E não venha com a desculpa da idade."

— Quando vir Jehan, mande-o para casa — disse Roxane ao montar no cavalo, atrás da menina. — Ele conhece o caminho.

— A senhora pretende cavalgar pela Floresta Sem Caminhos nesse velho pangaré?

— Este velho pangaré ainda me leva aonde quero — disse. A menina encostou a cabeça em seu peito quando ela segurou as rédeas. — Adeus! — disse, mas Fenoglio segurou suas rédeas.

Ele tivera uma ideia, uma ideia desesperada, mas o que devia fazer? Esperar até que fosse tarde demais pelo cavaleiro que enviara?

— Roxane — sussurrou para o alto. — Preciso fazer chegar uma carta até Meggie. Já enviei atrás dela um cavaleiro que deveria me contar onde e como ela está, mas ele ainda não voltou, e até que o envie novamente com a carta ("Não fale nada sobre Basta e Estripador, Fenoglio, isso apenas irá inquietá-la desnecessariamente!")... bem... o que quero dizer ("Céus, Fenoglio, não olhe assim para ela e não comece a gaguejar como um velho caquético!"): a senhora levaria a carta para Meggie caso realmente saia em busca de Dedo Empoeirado? A senhora provavelmente a encontraria antes de qualquer mensageiro que eu enviasse até ela! — "Que carta?", algo zombou dentro dele. "Uma carta na qual você conta a ela que não teve ideia alguma?" Mas, como de costume, ele ignorou a voz.

— É uma carta muito importante! — Se conseguisse falar mais baixo, ele o teria feito.

Roxane franziu a testa. Até isso era bonito nela.

— A última carta que o senhor recebeu custou a vida a Bailarino das Nuvens.

Mas tudo bem, leve-a para mim se quiser. Como lhe disse, não vou mais esperar muito tempo.

O pátio do castelo pareceu estranhamente vazio a Fenoglio quando ela se foi. Em sua câmara, Quartzo Rosa esperava com um olhar de censura ao lado do pergaminho ainda em branco.

— Sabe de uma coisa, Quartzo Rosa? — disse Fenoglio ao homenzinho de vidro, quando se sentou novamente em sua poltrona com um suspiro. — Acho que Dedo Empoeirado torceria meu pescoço se soubesse como olhei para sua mulher. Mas que diferença faz? Ele gostaria de torcer meu pescoço de qualquer maneira, não é um motivo a mais ou a menos que vai mudar isso. Ele não merecia Roxane, por tê-la deixado tantas vezes sozinha!

— Lá vem ele novamente com seu humor verdadeiramente principesco! — observou Quartzo Rosa.

— Fique quieto! — resmungou Fenoglio — Agora este pergaminho será preenchido com palavras. Só espero que tenha misturado bem a tinta.

— Não é por causa da tinta que esse pergaminho ainda está em branco! — respondeu mordaz o homenzinho de vidro.

Fenoglio não jogou a pena em cima dele, embora seus dedos comichassem de vontade. Fora a pura verdade que saíra dos lábios pálidos de Quartzo Rosa. O que podia fazer o homenzinho de vidro se ela era tão feia?



48. O castelo à beira-mar

E às vezes numa velha faia está pintado um negro incompreensível.

Ali estavas outrora. Para onde te foste?

Rainer Maria Rilke, *Improvisações de um inverno em Capri (III)*

Mo imaginara o Castelo da Noite exatamente daquela maneira: torres imponentes, maciço e redondo, as seteiras como vãos entre dentes sob os telhados de prata. Enquanto os prisioneiros exaustos cambaleavam pelo portão do castelo, Mo pensou ver as palavras de Fenoglio diante de si, pretas sobre o papel branco como leite: "... o Castelo da Noite, lúgubre excrescência à beira-mar, cada pedra polida por gritos, os muros escorregadios de lágrimas e sangue...". Sim, Fenoglio era um bom contador de histórias. A prata orlava as ameias e os portais e espalhava-se sobre os muros como gosma de caracol. Cabeça de Víbora adorava o metal que seus súditos chamavam de cuspe da lua, talvez porque um dia um alquimista lhe revelara que ele espantava as Damas Brancas, que detestavam ver seus rostos pálidos refletidos nele.

Entre todos os lugares do Mundo de Tinta, aquele era o último que Mo teria escolhido. Mas não era ele quem escolhia seu caminho naquela história, isso estava claro. Até mesmo um novo nome lhe haviam dado. Às vezes, já lhe parecia ser realmente o seu. Como se ele tivesse carregado o nome *Gaio* dentro de si, como uma semente, que agora brotava naquele mundo de palavras.

Ele se sentia melhor. A febre ainda estava lá, como um vidro leitoso diante de seus olhos, mas a dor era um gatinho manso em comparação com a fera que o dilacerava na caverna dos saltimbancos. Ele conseguia se erguer se apertasse bem os dentes, conseguia olhar ao seu redor e ver Resa. Quase não tirava os olhos dela, como se dessa maneira pudesse protegê-la dos olhares dos soldados, de suas pisadas e de seus golpes. Ver o estado de Resa doía mais do que o ferimento. Quando o portão do Castelo da Noite se fechara atrás dela e dos outros prisioneiros, ela mal conseguia se manter em pé de tão exausta. Olhara para o muro alto que os cercava como um ratinho que examinasse a armadilha em que caíra. Um dos soldados a empurrara para a frente com o cabo da lança, e Mo sentira vontade de pôr as mãos em volta de seu pescoço e apertar. Sentira o gosto do ódio na língua e no coração, como um tremor, e amaldiçoara a própria fraqueza.

Resa olhou para ele e tentou sorrir, mas estava cansada demais, e ele viu o medo dela. Os soldados frearam os cavalos, cercaram os prisioneiros como se houvesse alguma possibilidade de escaparem pelos muros altos e escarpados. As cabeças de víbora que apoiavam os telhados e as cornijas não deixavam dúvidas sobre quem era o senhor daquele castelo. Do alto, em toda parte, elas olhavam para o grupo perdido, as línguas bipartidas nas bocas estreitas, os olhos de gemas vermelhas, as escamas de prata brilhando como pele de peixe à luz da lua.

— Levem Gaio para a torre! — A voz de Raposa Vermelha quase se perdeu no amplo pátio do castelo. — Os outros, todos para as masmorras.

Queriam separá-los. Mo viu como Resa começou a andar em direção a Raposa Vermelha, penosamente, com seus pés doloridos. Um dos soldados montados a empurrou tão brutalmente de volta com suas botas, que ela caiu no chão. E Mo sentiu um aperto no peito, como se o ódio tivesse feito nascer alguma coisa. Um novo coração, frio e duro, que queria matar.

Uma arma. Se tivesse uma única arma, uma das horríveis espadas que todos

eles carregavam no cinto, ou um de seus punhais. Nada parecia ser mais desejável no mundo do que um pedaço de metal afiado, nem mesmo todas as palavras que Fenoglio pudesse escrever.

Eles o arrastaram para fora da carroça. Quase não podia ficar em pé, mas se manteve ereto de alguma maneira. Logo quatro soldados estavam em volta dele e o seguravam, Mo imaginou como os mataria, um por um. Enquanto o novo e frio coração em seu peito marcava o ritmo.

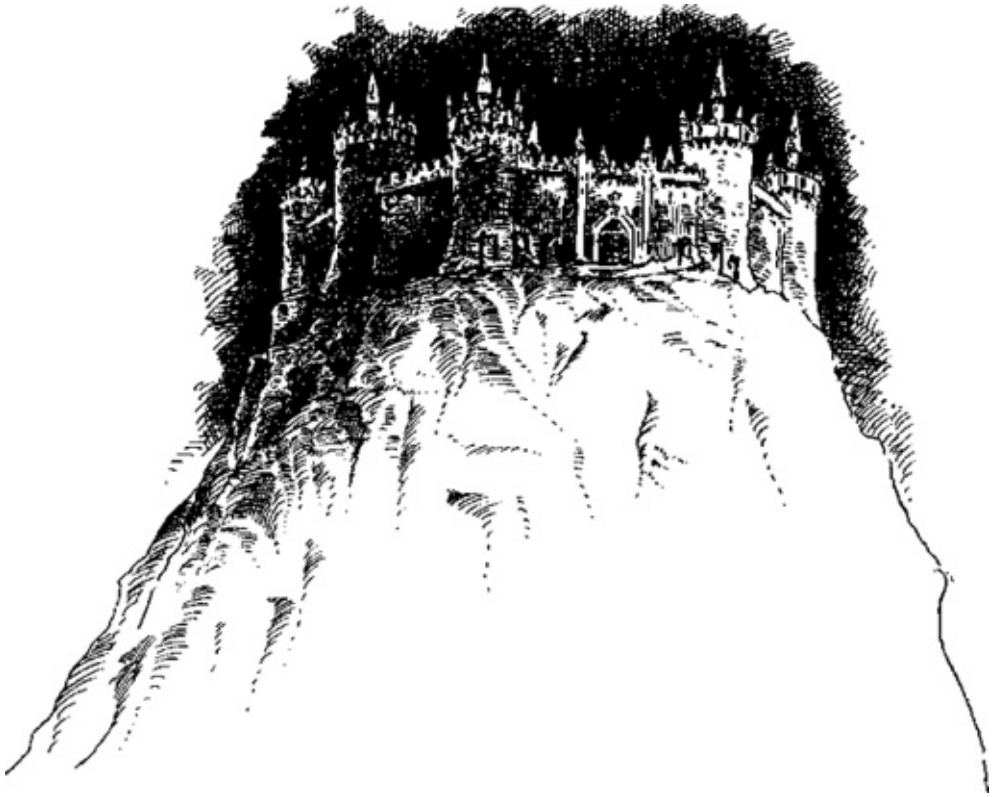
— Ei, tomem um pouco mais de cuidado com ele! — Raposa Vermelha gritou com seus homens. — Entenderam, suas toupeiras? Ou acham que o trouxeram por todo o maldito caminho até aqui para matá-lo agora?

Resa começou a chorar. Mo ouviu-a chamar seu nome, várias vezes. Ele se virou, mas não conseguiu vê-la em parte alguma, apenas ouvia sua voz. Ele gritou o nome dela, tentou se soltar, ficou para trás dos soldados, que então o puxaram novamente, em direção a uma das torres.

— Ei, não tente fazer isso de novo! — um deles gritou com Mo. — Afinal, por que está tão agitado? Logo os dois estarão juntos de novo. Cabeça de Víbora adora quando as mulheres assistem à execução.

— É verdade, ele nunca se cansa de vê-las chorando e gritando — zombou o outro. — Você vai ver, ele a deixará viver mais um pouco só para isso. E você terá uma execução magnífica. Gaio, pode ter certeza.

Gaio. Um novo nome. Um novo coração. Como gelo no peito, as pontas afiadas como uma lâmina.



49. O moinho

Cavalgamos e cavalgamos, e nada aconteceu. Estava tudo tão calmo, sereno e bonito em todos os lugares por onde passamos. Um tranquilo anoitecer nas montanhas, pode-se dizer, pensei. Nossa, como eu estava errado!

Astrid Lindgren, *Os irmãos Coração de Leão*

Dedo Empoeirado levou mais de três dias para chegar ao Moinho dos Ratos com Meggie e Farid. Três dias longos e cinzentos, nos quais Meggie não disse uma palavra, embora Farid fizesse todo o esforço para animá-la. A maior parte do tempo caía do céu uma chuvinha fina, e logo nenhum deles sabia mais como era a sensação de dormir com roupas secas. Apenas quando, certa tarde, o escuro vale em que ficava o moinho finalmente se abriu diante deles, o sol rompeu entre as nuvens. Já baixo sobre as colinas, ele derramava ouro no rio e sobre os telhados de madeira. Tão longe quanto a vista alcançasse, não havia outra construção, somente a casa do moleiro, alguns estábulos e o próprio moinho, a grande roda de madeira mergulhada no fundo da água. Salgueiros, álamos e uma mata de eucaliptos orlavam a margem do rio em que ela estava, além de amieiros e pereiras selvagens. Diante da escada que levava ao moinho havia uma carroça. Um homem de ombros largos e salpicado de farinha a carregava em sacos. Além dele, não havia mais ninguém à vista, exceto um garoto que, quando os viu chegar, correu para a casa. Tudo parecia pacífico, pacífico e silencioso, não fosse pelo barulho da água que encobria até mesmo os zunidos das cigarras.

— Você vai ver! — Farid sussurrou para Meggie. — Fenoglio escreveu alguma coisa. Com certeza. Se não, vamos esperar até que...

— Não vamos fazer absolutamente nada — interrompeu-o asperamente Dedo Empoeirado enquanto olhava ao seu redor com ar desconfiado. — Vamos perguntar pela carta e seguir adiante. Aqui passa muita gente e, depois do que aconteceu na estrada, logo chegarão os primeiros soldados. Se fosse por mim, teríamos vindo aqui somente depois que tudo tivesse se acalmado, mas agora...

— E se a carta ainda não estiver aqui? — Meggie olhou para ele com uma expressão preocupada. — Escrevi a Fenoglio que iria esperar aqui!

— Sim, e eu me lembro perfeitamente de nunca ter permitido que você escrevesse qualquer coisa para ele, certo?

Meggie ficou calada como resposta, e Dedo Empoeirado olhou novamente para o moinho.

— Só espero que Bailarino das Nuvens tenha trazido a carta com segurança e que o velho não tenha mostrado o papel por aí. Acho que não preciso lhe explicar do que algumas letras são capazes.

Olhou ao redor mais uma vez antes de abandonar a proteção das árvores. Então fez um sinal para Farid e Meggie o seguirem e se pôs a andar em direção às construções. O menino que correra para a casa estava novamente sentado na escada diante do moinho, e algumas galinhas fugiram dali cacarejando quando Gwin se lançou para cima delas.

— Farid, segure essa maldita marta! — ordenou Dedo Empoeirado ao chamar Sorrateiro com um assobio. Mas Gwin rosnou para Farid. Não o mordeu (nunca mordia Farid), mas também não se deixou apanhar. Em vez disso, escapou por entre as pernas de Farid e disparou atrás de uma das galinhas. Cacarejando, ela subiu os degraus do moinho, mas a marta não se intimidou com

isso. Passou chispando pelo garoto, que ainda estava sentado na escada como se nada no mundo fosse da sua conta, e desapareceu atrás da galinha pela porta aberta. No instante seguinte, os cacarejos silenciaram, e Meggie lançou um olhar inquieto para Dedo Empoeirado.

— Maravilha! — ele murmurou ao fazer Sorrateiro pular para dentro de sua mochila. — Uma marta na farinha e uma galinha morta, isso vai nos fazer muito benquistos por aqui! Falando no diabo...

O homem que estava carregando a carroça limpou as mãos enfarinhadas nas calças e se pôs a andar em direção a eles.

— Desculpe! — exclamou Dedo Empoeirado. — Onde está o moleiro? Evidentemente pagarei pela galinha. Mas na verdade estamos aqui para buscar uma coisa. Uma carta.

O homem parou diante dele. Era bem uma cabeça mais alto do que Dedo Empoeirado.

— Sou o moleiro agora — ele disse. — Meu pai morreu. Uma carta, você disse?

Mediu todos eles com o olhar, um após o outro, e se deteve mais no rosto de Dedo Empoeirado.

— Sim, uma carta de Ombra! — respondeu Dedo Empoeirado olhando para o alto do moinho. — Por que não está moendo? Os camponeses não trouxeram grão ou seus criados foram embora?

O moleiro deu de ombros.

— O trigo que trouxeram ontem estava úmido. O farelo grudou na mó. Meu criado está há horas lá em cima limpando. Que carta seria essa? E para quem? Você não tem nome?

Dedo Empoeirado olhou para ele pensativo.

— Há uma carta aqui?

— Ela é para mim — disse Meggie e se pôs ao seu lado. — Meggie Folchart. E esse o meu nome.

O moleiro examinou-a detidamente: seu vestido sujo, seus cabelos despenteados; mas então assentiu com a cabeça.

— Está lá dentro — disse. — Faço tantas perguntas porque uma carta em mãos erradas é uma coisa perigosa, não é verdade? Entrem, só vou carregar mais aquele saco ali.

— Encha os cantis — sussurrou Dedo Empoeirado para Farid ao pôr sua mochila nas costas dele. — Vou prender essa maldita marta, pagar a galinha e, assim que Meggie estiver com a carta, seguiremos adiante.

Antes que Farid pudesse protestar, ele desapareceu dentro do moinho. Com Meggie. O garoto passou o braço no rosto sujo e seguiu-os com o olhar.

— Encha os cantis! — Farid murmurou ao descer pela mata que margeava o rio. Segure a marta. O que ele está pensando? Que agora virei seu criado?

O garoto ainda estava na escada quando Farid chegou ao rio e pressionou as cabaças dentro da água fria. Alguma coisa no garoto incomodou Farid. Alguma coisa em seu rosto. Medo. Sim, era isso. Estava com medo. De quê? "De mim é que não deve ser", pensou Farid e olhou ao seu redor. Havia alguma coisa errada ali, ele sentia no cheiro do ar. Sempre conseguia sentir o cheiro, já naquela época, na outra vida, em que precisava vigiar, espionar, perseguir, explorar... Oh, sim, sentia o cheiro do perigo. Levou os cantis até a mochila onde estava Sorrateiro e coçou a cabeça sonolenta da marta.

Somente viu o morto quando voltava para o rio. Era um homem ainda jovem, e Farid teve a sensação de já ter visto seu rosto alguma vez. Não fora ele quem jogara uma moeda de cobre em seu pote na festa do castelo de Ombra? O cadáver estava preso entre os galhos que caíam sobre o rio, mas dava para ver claramente a ferida em seu peito. Apunhalado. O coração de Farid começou a bater mais depressa, tão forte que ele quase não conseguia mais respirar. Olhou para o moinho. O garoto ainda estava sentado ali e abraçava firmemente os próprios ombros, como se temesse desmoronar. O moleiro, porém, não estava à vista.

Não se ouvia qualquer ruído no moinho, mas isso não significava nada. O rumorejar da água encobria tudo: gritos, tilintar de espadas... "Vamos, Farid!", ralhou consigo mesmo. "Aproxime-se de mansinho, descubra o que está acontecendo lá. Você já fez isso mil vezes, ah, que nada, muito mais."

Abaixado, andou pelo rio e subiu pela margem atrás da roda do moinho. O coração parecia querer saltar de seu peito quando se encostou na parede do moinho, mas isso ele também já conhecia. Mil vezes havia se esgueirado ao

longo de uma construção com o coração aos pulos, por uma janela, uma porta fechada. Apoiou na parede a mochila de Dedo Empoeirado com a marta adormecida.

Gwin. Gwin entrara no moinho. E Dedo Empoeirado fora atrás dele. Isso não era bom. Não era nada bom. E Meggie também estava com ele. Farid olhou para o moinho. A janela mais próxima era um bocado mais alta do que a sua cabeça, mas felizmente a parede fora assentada grosseiramente. "Silencioso como uma serpente", sussurrou enquanto escalava a parede. O batente da janela estava branco de farinha. Farid prendeu a respiração e espiou. A primeira coisa que viu foi um sujeito grandalhão com o rosto abobalhado, provavelmente o criado do moinho. Ao seu lado, havia um homem que Farid nunca vira, mas do outro homem, ao lado desse, ele não podia dizer o mesmo.

Basta. O mesmo rosto estreito, o mesmo sorriso malévolo. Apenas as roupas eram diferentes. Basta não usava mais sua camisa branca e o terno preto com a flor na lapela. Não, agora Basta usava o cinza prateado de Cabeça de Víbora, e uma espada embainhada na cintura. Evidentemente tinha também uma navalha escondida no cinto. Em sua mão esquerda, porém, segurava uma galinha morta.

Havia apenas a mó entre ele e Dedo Empoeirado — e Gwin, que estava sentado na pedra redonda e olhava cobiçoso para a galinha, enquanto sua cauda balançava inquieta para lá e para cá. Meggie estava junto de Dedo Empoeirado. Será que ela estava pensando no mesmo que Farid? Nas palavras mortais de Fenoglio? Provavelmente, pois ela tentava atrair Gwin, mas a marta não lhe dava atenção.

"O que devo fazer?", pensou Farid. "E agora, o que devo fazer?" Entrar? Besteira! De que isso adiantaria? Sua pequena e reles faquinha não poderia fazer nada contra duas espadas, e também estavam lá o criado e o moleiro. Este bem na porta.

— São estas as pessoas pelas quais estava esperando? — ele perguntou a Basta.

Como parecia satisfeito consigo mesmo, satisfeito consigo e com sua mentira. Farid sentiu vontade de remover com sua faca aquele sorriso hipócrita de seus lábios.

— Sim, são eles! — ronronou Basta. — A pequena bruxa e o devorador de fogo de lambuja. Realmente valeu a pena esperar. Mesmo que talvez eu nunca mais consiga tirar essa maldita farinha do pulmão.

"Pense, Farid. Vamos." Ele olhou ao seu redor, fez seus olhos percorrerem todo o lugar, como se pudessem lhe indicar um caminho de fuga através das paredes firmes. Havia mais uma janela, mas o criado estava na frente dela, e uma escada de madeira, que conduzia ao sótão, onde provavelmente os grãos ficavam armazenados. Através do funil de madeira que saía do teto, eram despejados sobre a mó. O funil! Claro! Ele saía do teto bem em cima da pedra, como uma grande boca de madeira. E se...

Farid olhou para o alto. Havia mais uma janela lá em cima? Sim, havia uma, um pouco mais do que um buraco na parede, mas ele já se enfiara por aberturas menores. O coração ainda batia acelerado quando retomou a subida. À sua esquerda, corria o rio espumoso e, de cima de um salgueiro, um corvo olhava para ele desconfiado, como se quisesse denunciá-lo ao moleiro no instante seguinte. A respiração de Farid ficou pesada quando ele espremeu os ombros pela estreita abertura na parede. Quando pôs os pés sobre o assoalho coberto de farinha, as tábuas rangeram denunciadoras, mas o rumorejar das águas encobriu o barulho. De bruços.

Ele se arrastou até o funil e espiou. Ali estava ele, ao lado da mó, bem embaixo de Farid: Basta... e na frente dele, do outro lado da pedra, devia estar Dedo Empoeirado com Meggie. Farid não podia vê-lo, mas podia imaginar muito bem em que pensava Dedo Empoeirado: nas palavras de Fenoglio que narravam a sua morte.

— Pegue a marta, Estripador! — disse Basta para o homem ao seu lado. — Vá logo.

— Pegue você mesmo. Você acha que eu quero pegar raiva?

— Gwin, venha aqui!

Era a voz de Dedo Empoeirado. O que ele estava fazendo? Estava querendo zombar de seu próprio medo como fazia algumas vezes quando o fogo mordia sua pele? Gwin pulou da pedra. Iria se sentar no ombro de Dedo Empoeirado e olhar para Basta. Gwin bobo. Não sabia nada das palavras...

— Bonitas as suas roupas novas, Basta! — disse Dedo Empoeirado. — Quando o criado tem um novo patrão, precisa usar roupas novas, não é mesmo?

— Criado? Quem é criado aqui? Olhem só para ele. Tão insolente! Como se nunca tivesse sentido a minha navalha. Já se esqueceu do quanto gritou quando ela cortou o seu rosto? — Basta pôs um pé na pedra do moinho. — Atreva-se a mexer um só dedo. Mãos para cima. Vamos, estique-as! Sei do que você é capaz de aprontar com o fogo neste mundo. Um sussurro, um estalar de dedos, e a minha navalha vai para o peito da pequena bruxa.

Um estalar de dedos. "Vamos, Farid, ao trabalho!" Ele olhou ao seu redor,

enrolou apressadamente um pouco de palha até formar uma mecha e começou a sussurrar.

— Ora, venha! — chamou, assobiou e estalou com a língua, como Dedo Empoeirado havia lhe mostrado quando pusera um pouco de mel de fogo em sua boca pela primeira vez. Todas as noites ele treinara, atrás da casa de Roxane, a língua do fogo, palavras crepitantes... Farid sussurrou todas elas, até que uma pequena chama subiu da palha.

— Buuu! Está vendo como a pequena bruxa olha para mim, Estripador? — exclamou Basta embaixo dele, fingindo estar apavorado. — Só é uma pena que ela precise de palavras para suas bruxarias. Mas por aqui não há livros, onde quer que você procure. Não foi muita gentileza dela nos escrever de próprio punho onde poderíamos encontrá-los? Basta falseou a voz, até soar aguda como a voz de uma menina: "Os homens de Cabeça de Víbora levaram todos, meus país e os saltimbancos. Escreva alguma coisa, Fenoglio!". Bem, algo assim... Sabe, fiquei realmente surpreso em saber que o seu pai ainda está vivo. Sim, não me olhe assim tão espantada, pequena bruxa, continuo sem saber ler, tampouco pretendo aprender, mas existem idiotas suficientes por aí que sabem, também neste mundo. Já diante do portão de Ombra demos de cara com um escrevinhadorzinho. Demorou um pouco até ele conseguir decifrar os seus garranchos, mas foi mais do que suficiente para chegar aqui antes de vocês. Chegamos até mesmo a tempo de matar o mensageiro enviado pelo velho para adverti-los.

— Você está ainda mais tagarela do que antes. Basta! — A voz de Dedo Empoeirado soou entediada.

Como ele sabia esconder bem o seu medo! A cada vez, Farid admirava-o por isso como se fosse a primeira, quase mais do que por sua habilidade com o fogo.

Lentamente, muito lentamente, Basta tirou sua navalha do cinto. Dedo Empoeirado não gostava de armas. Sua faca quase sempre ficava dentro da mochila, que agora estava lá fora encostada na parede. Quantas vezes Farid não lhe pedira que a carregasse no cinto, mas não, ele nem lhe dava atenção!

— Tagarela, é, pode ser. — Basta observou seu reflexo na lâmina robusta e reluzente. — Pois é, não se pode dizer o mesmo de você. Mas sabe de uma coisa? Como nos conhecemos há tanto tempo, darei pessoalmente a notícia da sua morte à sua mulher! O que acha disso, Devorador de Fogo? Você acha que Roxane vai gostar de me ver novamente? — Passou carinhosamente dois dedos ao longo do fio da navalha. — E quanto a você, pequena bruxa... achei muito gentil da sua parte ter confiado sua carta a um velho equilibrista, que com sua perna dura não era nem a metade tão rápido quanto a minha navalha.

— Bailarino das Nuvens? Você matou Bailarino das Nuvens? — A voz de Dedo Empoeirado não soou mais entediada.

— Fique parado, por favor — sussurrou Farid. — Fique parado. — Depressa, alimentou a chama com mais palha.

— Ah, você ainda não sabia? — A voz de Basta ficou melosa de satisfação. — Pois é, seu velho amigo passou desta para melhor. Pergunte a Estripador, ele estava lá.

— Mentira! — A voz de Meggie estava trêmula.

Farid inclinou-se para a frente com cautela. Viu Dedo Empoeirado puxá-la bruscamente para trás dele e procurar um caminho de fuga com os olhos, mas não havia nenhum. Atrás dele e de Meggie, estavam empilhados os sacos de farinha; à direita, Estripador bloqueava a saída; à esquerda, o criado com o

sorriso idiota e, diante da janela por onde Farid espiara, estava o moleiro. A seus pés, porém, havia palha, muita palha, e ela iria queimar quase tão bem quanto papel.

Basta deu uma gargalhada. Com um salto, subiu na pedra do moinho e olhou para Dedo Empoeirado. Agora estava exatamente ao lado da calha.

— Depressa, vamos logo — sussurrou Farid, acendeu mais uma mecha de palha na primeira e segurou as duas sobre a calha.

Torceu para a madeira do funil não pegar fogo. E para que a palha deslizasse. Queimou os dedos quando enfiou o feixe em chamas pelo funil, mas não deu atenção a isso. Dedo Empoeirado estava encurralado, e Meggie estava com ele. O que eram alguns dedos queimados nessa hora?

— Sim, o pobre Bailarino das Nuvens era lento demais — rosnou Basta, jogando a navalha de uma mão para a outra. — Você é mais rápido, Devorador de Fogo, eu sei, mas apesar disso não vai escapar. E desta vez não vou cortar apenas o seu rosto, desta vez vou cortar a sua pele em tiras, da cabeça até os pés.

Agora! Farid soltou a palha em chamas. O funil a engoliu como se fosse um saco de grão e a cuspiu nas botas de Basta.

— Fogo! De onde vem esse fogo? — Era a voz do moleiro.

O criado começou a gritar como um boi que viu o cutelo do abatedor.

Os dedos de Farid doíam, já haviam aparecido bolhas na pele, mas o fogo dançava — ele subia pelas pernas de Basta, dançava, lambia seus braços. Apavorado, ele cambaleou para trás, caiu de costas em cima da mó e feriu a cabeça ao bater numa quina. Sim, Basta tinha medo do fogo, ele o temia mais do que o azar do qual seus amuletos podiam protegê-lo.

Farid, porém, desceu a escada, empurrou da sua frente o criado, que olhou para ele como se estivesse vendo um fantasma, correu até Meggie c arrastou-a consigo em direção à janela.

— Pule! — exclamou. — Pule para fora! Depressa!

Meggie tremia, seus cabelos estavam cheios de farinha e ela fechou os olhos antes de pular. Mas pulou.

Farid procurou Dedo Empoeirado com o olhar. Falava com o fogo, enquanto o moleiro e o criado batiam desesperados na palha em chamas com sacos vazios, mas o fogo continuava a dançar. Dançava para Dedo Empoeirado.

Farid agachou-se na janela aberta.

— Venha! — chamou Dedo Empoeirado. — Venha de uma vez! Onde estava Basta?

Dedo Empoeirado empurrou o moleiro para o lado e correu, atravessando a fumaça e as chamas, em sua direção. Farid lançou-se pela janela e já estava do lado de fora, na cornija, quando viu Basta se erguer da mó confuso. Sua mão ficou cheia de sangue quando a passou em sua nuca.

— Agarre-o! — gritou para Estripador. — Agarre o Devorador de Fogo!

— Depressa! — exclamou Farid, enquanto os dedos de seu pé procuravam apoio na parede do lado de fora, mas Dedo Empoeirado tropeçou num saco vazio. Gwin pulou de seu ombro e disparou em direção a Farid e, quando Dedo Empoeirado se ergueu novamente, Estripador estava entre ele e a janela, tossindo, a espada na mão.

— Venha logo! — Farid ouviu Meggie chamar, ela estava bem embaixo da janela, e olhava para ele. Mas Farid se içou novamente para dentro do moinho em chamas.

— O que está fazendo? Vá embora — Dedo Empoeirado exclamou enquanto investia com um saco em chamas contra Estripador fazendo o fogo pegar em suas calças. Cambaleante, ele brandia a espada para todos os lados, ora contra as chamas, ora contra Dedo Empoeirado, e acertou-o na perna com a lâmina afiada exatamente no instante em que Farid pulava outra vez na palha cheia de fogo. Dedo Empoeirado cambaleou, pressionou a mão contra a coxa, enquanto Estripador erguia novamente a espada, enlouquecido de ira e dor.

— Não! — A voz de Farid soou estridente em seus próprios ouvidos quando ele pulou para cima de Estripador. Farid mordeu-o no ombro e chutou-o até fazê-lo soltar a espada com que investia contra o peito de Dedo Empoeirado. Empurrou-o para as chamas, embora Estripador fosse uma cabeça mais alto do que ele, mas o desespero traz a força. Farid também queria se lançar para cima de Basta, que surgiu tossindo, mas Dedo Empoeirado puxou-o de volta e sussurrou para as chamas, até que elas espantaram Basta como víboras furiosas. Farid o ouviu gritar, mas não se virou. Apenas cambaleou em direção à janela; ao seu lado, Dedo Empoeirado praguejava ao mesmo tempo que pressionava os dedos contra a perna, que sangrava. Mas estava vivo.



50. A melhor de todas as noites

— Coma — disse Merlot.

— Não posso fazer isso em hipótese alguma — disse Despereaux e afastou-se do livro.

— Por que não?

— Destruiria a história — disse Despereaux.

Kate DiCamillo, *A história de Despereaux*

Mais tarde, nenhum deles saberia dizer como haviam escapado do moinho. Farid apenas se lembraria de imagens, do rosto de Meggie quando cambalearam em direção ao rio, do sangue que se espalhou quando Dedo Empoeirado entrou na água, da fumaça que ainda viam se erguer no céu quando já avançavam na água fria havia mais de uma hora. Mas ninguém foi atrás deles, nem Estripador, nem o moleiro ou seu criado, nem mesmo Basta. Apenas Gwin de vez em quando aparecia na margem. Tolo Gwin.

Era noite profunda quando Dedo Empoeirado saiu da água, o rosto pálido de exaustão. Então ele se deitou na grama, e Farid escutou preocupado na escuridão, mas tudo o que ouviu foi um rumorejar, alto e constante, como a respiração de um animal gigantesco.

— O que é isso? — perguntou.

— O mar. Já esqueceu como ele soa?

O mar. Gwin pulou nas costas de Farid quando ele se abaixou para examinar a perna de Dedo Empoeirado, mas o garoto o espantou.

— Suma daqui — ralhou com a marta. — Vá caçar! Você já aprontou o suficiente por hoje.

Então ele deixou Sorrateiro sair da mochila e procurou por algo com que pudesse atar a ferida. Meggie torceu seu vestido molhado e agachou-se ao lado dele.

— É grave?

— Ah, que nada! — disse Dedo Empoeirado, mas estremeceu quando Farid limpou o corte profundo. — Pobre Bailarino das Nuvens! — murmurou. — Escapou da morte uma vez, e agora a Senhora Fria acabou apanhando-o. Quem sabe. Vai ver que as Damas Brancas não gostam quando alguém escapa dos seus dedos por tão pouco.

— Sinto muito — Meggie falou tão baixo que Farid mal entendeu. — Sinto muito mesmo. É tudo culpa minha, e ele morreu em vão. Afinal, como Fenoglio vai nos encontrar agora, mesmo que tenha escrito alguma coisa?

— Fenoglio — Dedo Empoeirado pronunciou o nome como o de uma doença.

— Você também sentiu? — Meggie olhou para ele. — Tive a impressão de sentir as palavras dele na pele. Pensei: "Agora vão matar Dedo Empoeirado e não podemos fazer nada".

— Só que fizemos — disse Farid orgulhoso.

Dedo Empoeirado, porém, deitou-se de novo e olhou para as estrelas.

— Será mesmo? Veremos. Talvez, nesse meio-tempo, o velho tenha previsto algo diferente para mim. Talvez a morte já esteja esperando em algum outro canto.

— Ela que espere! — limitou-se a dizer Farid e tirou um saquinho de dentro da mochila de Dedo Empoeirado. — Um pouco de pó de fada não faz mal a ninguém — ele murmurou ao salpicar o pó brilhante sobre a ferida. Depois tirou a camisa, cortou uma faixa com sua faca e enrolou-a cuidadosamente em volta da perna de Dedo Empoeirado. Com dedos queimados, não era fácil fazer isso, mas ele fez o melhor que pôde. Mesmo quando a dor fazia seu rosto se contorcer.

Dedo Empoeirado segurou sua mão e examinou-a com o cenho franzido.

— Céus, os seus dedos estão com tantas bolhas como se os elfos de fogo tivessem dançado em cima deles — observou. — Acho que nós dois aqui precisamos de um barbeiro. Infelizmente Roxane não está aqui. — Com um suspiro, ele se deixou cair de costas novamente e olhou para o céu escuro. —

Sabe de uma coisa, Farid? — disse como se falasse com as estrelas. — Tem uma coisa realmente estranha. Se o pai de Meggie não tivesse me arrancado da minha história, eu não teria ganhado um cão de guarda tão fabuloso como você. — piscou para Meggie. — Você viu como ele atacou Estripador? Aposto que ele pensou que era o urso do Príncipe Negro que estava mordendo o seu ombro.

— Ah, pare com isso! — Farid não sabia para onde olhar. Encabulado, pegou um tufo de relva com os dedos do pé.

— Só que Farid é mais esperto do que o urso! — disse Meggie. — Muito mais esperto.

— É verdade. É até mais esperto do que eu! — observou Dedo Empoeirado. — E aos poucos estou começando a ficar realmente preocupado com o que ele é capaz de fazer com o fogo.

Farid não pôde evitar, teve que sorrir. Enrubesceu até as orelhas de orgulho, mas felizmente no escuro ninguém notaria.

Dedo Empoeirado apalpou sua perna e se pôs em pé com cuidado. No primeiro passo, fez uma careta, mas então continuou mancando para lá e para cá na margem do rio.

— Até que não está mal! — disse. — Um pouco mais devagar do que antes, mas vai dar. Tem que dar. — Então parou diante de Farid. — Como posso lhe pagar? Talvez lhe mostrando algo novo? Uma brincadeira com o fogo que ninguém além de mim conhece? Que tal?

Farid prendeu a respiração.

— Que brincadeira é essa? — perguntou.

— Só posso mostrá-la na beira do mar — respondeu Dedo Empoeirado. — Mas é para lá que precisamos ir de qualquer forma, pois nós dois precisamos de um barbeiro. E o melhor de todos mora ali. Na sombra do Castelo da Noite.

Decidiram fazer turnos de vigia. Farid assumiu o primeiro, e, enquanto Meggie e Dedo Empoeirado dormiam atrás dele sob os galhos baixos de um carvalho, Farid ficou sentado na relva olhando para o céu, no qual brilhavam mais estrelas do que os vaga-lumes que voavam sobre o rio. Farid tentou se lembrar de uma noite em que tivesse se sentido tão completamente satisfeito consigo mesmo como naquela, mas não se lembrou de nenhuma. Aquela era a melhor, apesar de todo o pavor que ficara para trás, apesar de seus dedos queimados que ainda doíam, embora Dedo Empoeirado os tivesse untado com pó de fadas e uma pasta refrescante que Roxane havia preparado para ele.

Ele se sentia tão vivo. Vivo como o fogo.

Salvara Dedo Empoeirado. Fora mais forte do que as palavras. Tudo ia bem.

Atrás dele, as duas martas brigavam, provavelmente por alguma presa. "Quando a lua estiver sobre aquela colina ali, você me acordai", dissera Dedo Empoeirado, mas, quando Farid foi até ele, Dedo Empoeirado dormia profundamente, o rosto tão apaziguado que o garoto decidiu deixá-lo dormir, e retornou a seu posto sob as estrelas.

Pouco depois, quando ouviu passos atrás de si, não era Dedo Empoeirado, e sim Meggie que estava ali.

— Já acordei várias vezes — ela disse. — Simplesmente não consigo parar de pensar.

— Em como Fenoglio vai encontrá-la agora? Ela confirmou com a cabeça.

Como ela continuava acreditando nas palavras! Farid acreditava em outras coisas. Em sua faca, em astúcia, coragem. E em amizade.

Meggie encostou a cabeça em seu ombro, e os dois ficaram em silêncio, como as estrelas sobre eles. Em algum momento, soprou um vento, frio e com rajadas, salgado como a água do mar. Meggie sentou-se, tintando de frio, e pôs os braços em volta dos joelhos.

— Este mundo — ela disse. — Você gosta dele de verdade?

Que pergunta. Farid nunca se fazia esse tipo de pergunta. Gostava de estar novamente com Dedo Empoeirado. Onde estivessem era indiferente.

— Ele é cruel, você não acha? — prosseguiu Meggie. — Quantas vezes Mo me disse que esqueço muito depressa o quanto ele é cruel.

Farid passou seus dedos queimados nos cabelos claros de Meggie. Mesmo no escuro brilhavam.

— Todos eles são cruéis — ele disse. — O mundo de onde venho, o seu mundo e este aqui. No seu mundo talvez não se veja a crueldade logo de cara,

ela está mais escondida, mas está lá mesmo assim.

Pôs o braço em volta dela, sentiu seu medo, as preocupações, a raiva... era quase como se ouvisse o coração dela sussurrar, claramente, como a voz do fogo.

— Sabe o que é estranho? — ela perguntou. — Mesmo se eu pudesse, agora mesmo, eu não voltaria. Isso é louco, não é? É quase como se eu sempre tivesse desejado vir para cá, para um lugar como este. Por quê? É assustador!

— Assustador e bonito — disse Farid e beijou-a. O gosto do beijo era bom. Muito melhor do que o mel dos elfos de Dedo Empoeirado. Muito melhor do que todos os gostos que ele já havia sentido. — De qualquer forma, você não pode voltar — sussurrou para ela. — Assim que encontrarmos seu pai, vou explicar isso para ele.

— Explicar o quê?

— Bem. Que infelizmente precisa deixá-la ficar aqui. Porque agora você pertence a mim, e vou ficar com Dedo Empoeirado.

Ela riu encabulada e pressionou o rosto contra o peito dele.

— Com certeza Mo não vai querer saber disso.

— E daí? Diga a ele que aqui as meninas se casam quando têm a sua idade.

Ela riu mais uma vez, mas então seu rosto ficou sério novamente.

— Talvez Mo também fique — ela disse baixinho. — Talvez todos fiquem... Resa e Fenoglio. E também traremos Elinor e Darius. E então viveremos felizes para sempre. — A tristeza voltara de mansinho para a voz dela. — Não podem enforcar Mo, Farid! — ela sussurrou. — Vamos salvá-lo, não é? E a minha mãe e os outros. Nas histórias é sempre assim: acontecem coisas ruins, mas depois tudo fica bem. E isso aqui é uma história.

— Claro que é! — disse Farid, embora com toda a sua boa vontade não conseguisse enxergar esse final. Mesmo assim estava feliz.

Em algum momento, Meggie dormiu ao seu lado. E ele ficou sentado ali velando, a ela e a Dedo Empoeirado, durante toda a noite. A melhor de todas as noites.



51. As palavras certas

Nada de mau pode residir nesse templo, Pois se o mal tivesse tão bela morada, O bem certamente iria querer morar nela.

William Shakespeare, *A tempestade*

O estribeiro era um sujeito burro, precisou de uma eternidade para selar o maldito cavalo. "Eu jamais teria inventado um tipo assim!", pensou Fenoglio. "Uma sorte que eu esteja muito bem-humorado." Oh, sim, ele estava em seu melhor humor. Havia horas assobiava baixinho, pois havia conseguido. Havia encontrado a solução! As palavras fluíram para o papel, como se estivessem esperando que ele finalmente as pescasse do mar de palavras. As palavras certas. As únicas. Agora a história poderia continuar e haveria uma virada para o bem. Ele era um mago, um mago das palavras, um mago de primeira. Ninguém podia se igualar a ele, bem, uns poucos talvez, mas não naquele mundo, no seu mundo. Se pelo menos aquele criado estúpido se apressasse um pouco. Afinal de contas, já estava mais do que na hora de ele ir até Roxane, senão ela partiria mesmo sem a carta — e então como Meggie poderia recebê-la? Afinal de contas, o jovem fogoso que ele havia mandado atrás dela ainda não dera sinal de vida. Devia ter se perdido na Floresta Sem Caminhos, o frangote...

Apalpou a carta sob o manto. Que bom que as palavras eram leves como plumas, mesmo as chamadas palavras de peso. Roxane carregaria sem problemas a sentença de morte de Cabeça de Víbora até Meggie. E ela ainda levaria algo mais para o principado à beira-mar: a vitória certa de Cosme. Caso ele não partisse para a guerra antes mesmo que Meggie recebesse as palavras!

Cosme ardia de impaciência, ansiava febrilmente pelo dia em que conduziria seus soldados para o outro lado da floresta. "Porque quer descobrir quem ele é!", sussurrou a vozinha suave na cabeça de Fenoglio (ou ela estava em seu coração?). "Porque ele é vazio como uma caixa sem conteúdo, esse meu belo anjo vingador. Algumas lembranças emprestadas, alguns retratos de pedra, isso é tudo que o jovem tem, e as minhas histórias sobre os seus feitos heroicos, cujo eco ele procura tão desesperadamente em seu coração vazio. Eu deveria ter tentado trazer de volta o verdadeiro Cosme, diretamente do Reino dos Mortos, mas a tanto não me atrevi!"

Chega! Fenoglio sacudiu a cabeça mal-humorado. Por que aqueles pensamentos inoportunos sempre se repetiam? Tudo ficaria bem, assim que Cosme se sentasse no trono de Cabeça de Víbora. Então teria suas próprias lembranças e a cada dia se acrescentariam novas. E logo o vazio estaria esquecido.

Finalmente. Seu cavalo estava selado. Com um sorriso sarcástico nos lábios, o estribeiro ajudou-o a montar. Mas que idiota! Fenoglio sabia muito bem que não fazia uma figura especialmente elegante em cima de um cavalo. E daí? Bestas infernais é o que eram aqueles cavalos, fortes demais para o seu gosto, mas um poeta que vivia no castelo de seu príncipe não andava a pé como um camponês. Além do mais, dessa maneira iria mais depressa. Se a besta quisesse ir na mesma direção que ele. E que revolução era preciso fazer para colocá-la em movimento...

Os cascos do cavalo bateram com estrépito no chão de pedras do pátio quando ele passou pelos barris de piche e pelas lanças de ferro que Cosme mandara plantar nos muros. À noite, no castelo, ainda soavam os malhos dos ferreiros e, nos alojamentos de madeira ao longo dos muros, dormiam os soldados de Cosme, apinhados como larvas num formigueiro. Realmente, ele havia criado um anjo guerreiro, mas os anjos não eram sempre guerreiros? "Ah, na verdade, não sou muito bom em criar figuras pacíficas!", pensou Fenoglio ao trotar pelo pátio. "As minhas melhores são perseguidas pelo azar, como Dedo

Empoeirado, ou se juntam aos salteadores, como o Príncipe Negro." Será que ele poderia ter criado alguém como Mortimer? Provavelmente não.

O Portão Externo logo se ergueu quando Fenoglio se aproximou, de forma que, no primeiro momento, ele chegou a pensar que os guardas finalmente manifestavam alguma deferência ao poeta de seu príncipe. Mas, ao curvarem profundamente a cabeça, ficou claro que nada daquilo podia ser para ele.

Cosme vinha ao seu encontro através do portão escancarado, montado num cavalo branco, tão branco que quase parecia irreal. No escuro, ficava ainda mais bonito do que à luz do dia, mas não era assim com todos os anjos? Apenas sete soldados iam atrás dele; Cosme nunca levava mais que isso em suas cavalgadas noturnas. Ao seu lado, porém, havia mais alguém: Brianna, a filha de Dedo Empoeirado, não mais com um vestido de sua senhora, a pobre Violante, como em tantas outras vezes, mas com um dos vestidos que Cosme lhe presenteara. Ele a cobria de presentes, ao passo que à sua mulher nem ao menos permitia que deixasse o castelo, da mesma forma que ao seu filho. Contudo, apesar de todas as provas de amor, Brianna não parecia muito feliz. Mas quem ficaria contente com o amado pretendendo partir para a guerra?

Essa perspectiva não parecia turvar o humor de Cosme. Ao contrário. Ele parecia tão alegre como se o futuro pudesse trazer somente coisas boas. O príncipe saía todas as noites, parecia não precisar de sono e, segundo haviam contado a Fenoglio, cavalgava tão audaciosamente que quase nenhum de seus guarda-costas conseguia acompanhá-lo — como um homem a quem tivessem contado que a morte não poderia apanhá-lo. E qual era o problema se não se lembrava nem da sua vida, nem da sua morte?

Noite e dia, Balbulus dotava textos sobre essa vida perdida de imagens magníficas. Mais de uma dúzia de copistas forneciam-lhe as páginas manuscritas. "Entrar na biblioteca é uma coisa que meu marido contínua sem fazer", observara Violante com amargura quando Fenoglio a vira pela última vez.

"Mas enche todos os púlpitos, com livros sobre si mesmo."

Sim, infelizmente estava claro: as palavras a partir das quais Fenoglio e Meggie o haviam criado não bastavam para Cosme. Simplesmente não eram suficientes. E tudo o que ele ouvia sobre si próprio parecia ser de uma outra pessoa. Talvez por isso amasse tanto a filha de Dedo Empoeirado: porque ela não pertencera ao homem que ele supostamente fora antes de sua morte. Fenoglio sempre tinha que compor novos e ardorosos poemas de amor para Brianna. A maior parte, ele roubava de outros poetas. Sempre fora capaz de decorar versos, e Meggie não estava lá para apanhá-lo nesses roubos. Brianna ficava com lágrimas nos olhos a cada vez que um dos saltimbancos, que agora haviam voltado a ser benquistos no castelo, executava uma das canções.

— Fenoglio! — Cosme freou seu cavalo, e Fenoglio inclinou a cabeça de forma tão natural como apenas fazia diante do jovem príncipe. — Aonde vai, poeta? Está tudo pronto para a partida! — Ele soou tão impetuoso quanto seu cavalo, que dançava para lá e para cá e ameaçava contagiar o cavalo de Fenoglio com sua inquietação. — Ou prefere ficar e afiar a sua pena para todas as canções que escreverá sobre a minha vitória?

Partida? Tudo pronto?

Fenoglio olhou para os lados, confuso, mas Cosme riu.

— Você acha que estou reunindo as tropas no castelo? Já faz tempo que elas são numerosas demais para isso. Não, elas estão acampadas lá embaixo no rio. Espero somente uma legião de mercenários, que mandei recrutar no norte. Talvez cheguem amanhã!

Amanhã? Fenoglio lançou um rápido olhar para Brianna. Então por isso ela

parecia tão triste.

— Eu lhe suplico, Alteza! — Fenoglio não conseguiu esconder a preocupação em sua voz. — É cedo demais! Espere mais um pouco!

Mas Cosme apenas sorriu.

— A lua está vermelha, poeta! Os adivinhos consideram isso um bom sinal. Um sinal que não se pode deixar passar, senão sobrevirá o infortúnio.

Mas que besteira! Fenoglio baixou a cabeça para que Cosme não percebesse em seu rosto a raiva. De qualquer forma, o jovem príncipe sabia que seu pendor para videntes e cartomantes era um aborrecimento para Fenoglio, que considerava todos um bando de charlatães gananciosos.

— Ouça-me mais uma vez, Alteza! — Quantas vezes Fenoglio já não repetira sua advertência? Pouco a pouco ela ia ficando insossa. — A única coisa que pode lhe causar infortúnio é precipitar a partida!

Cosme, porém, limitou-se a balançar a cabeça com ar complacente.

— Você é um homem velho, Fenoglio — ele disse. — Seu sangue corre devagar, mas eu sou jovem! O que ainda devo esperar? Que Cabeça de Víbora também contrate mercenários e monte suas barricadas no Castelo da Noite?

"É provável que ele já tenha feito isso", pensou Fenoglio. "E por isso você precisa esperar pelas palavras. Pelas minhas palavras, e que Meggie as leia,

como as que ela leu para você existir. Espere a voz dela!"

— Apenas mais uma, duas semanas, Alteza! — ele insistiu. — Os seus camponeses precisam fazer a colheita. Se não do que viverão no inverno?

Mas Cosme não queria ouvir nada daquilo.

— Esta é realmente a conversa de um homem velho! — ele disse irritado. — Onde foram parar suas palavras inflamadas? Eles viverão das provisões de Cabeça de Víbora, da felicidade de nossa vitória, da prata do Castelo da Noite que mandarei distribuir nas aldeias!

"Não podem comer a prata, Alteza", pensou Fenoglio, mas não pronunciou as palavras. Em vez disso, olhou para o céu. Como a lua já estava alta! Mas Cosme ainda tinha algo em seu coração.

— Há tempo queria lhe perguntar uma coisa — ele disse justamente quando Fenoglio ia se despedir com alguma desculpa esfarrapada. — Você tem boas relações com os saltimbancos. Todos falam desse cuspidor de fogo, que dizem saber falar com as chamas...

De esguelha, Fenoglio viu como Brianna baixou a cabeça.

— Está falando de Dedo Empoeirado, Alteza?

— Sim, é esse o nome dele. Sei que é o pai de Brianna. — Cosme lançou um olhar de ternura para ela. — Mas ela não quer falar sobre ele. Além disso, diz

que não sabe onde ele está. Mas talvez você saiba. — Cosme acariciou o pescoço de seu cavalo. Seu rosto parecia arder de beleza.

— Por quê? O que deseja dele?

— Bem, não é evidente? Ele é capaz de falar com o fogo! Dizem que pode fazer as chamas subirem muitos metros sem que o queimem.

Fenoglio entendeu antes que Cosme o dissesse.

— Vossa Alteza quer Dedo Empoeirado para vossa guerra — ele não conseguiu conter o riso.

— O que há de engraçado nisso? — Cosme franziu a testa.

Dedo Empoeirado, Dançarino do Fogo, como arma! Fenoglio sacudiu a cabeça.

— Bem, conheço Dedo Empoeirado muito bem. — Fenoglio viu como Brianna olhava espantada para ele. — E ele pode ser muitas coisas, mas um guerreiro certamente não é. Ele rirá de Vossa Alteza.

— É melhor não fazer isso. — Era impossível não ouvir a contrariedade na voz de Cosme.

Brianna, porém, olhava para Fenoglio como se tivesse mil perguntas na

ponta da língua. Como se agora fosse a hora para isso!

— Vossa Alteza! — ele apressou-se em dizer. — Por favor, queira me desculpar! Um dos filhos de Minerva está doente, e prometi a ela buscar algumas ervas na casa da mãe de Brianna.

— Ah, sim. Claro. Claro, vá, falaremos mais tarde. — Ele pegou as rédeas novamente. — Se não melhorar, mande me avisar, que lhe enviarei um barbeiro.

— Eu agradeço — disse Fenoglio, mas, antes de se pôr finalmente a caminho, ele próprio teve que fazer uma pergunta.

— Ouvi dizer que sua mulher também não está bem, é verdade? Fora Balbulus quem lhe contara. Atualmente era a única pessoa que tinha permissão para falar com Violante.

— Oh, não, ela está apenas com raiva! — Cosme segurou a mão de Brianna como se precisasse consolá-la porque o assunto era sua mulher. — Violante fica com raiva muito depressa. Puxou isso ao seu pai. Ela simplesmente não quer entender por que não permito que saia do castelo. No entanto está bastante evidente que os espiões de seu pai estão por toda parte, e quem procurarão escutar primeiro? Violante e Jacopo.

Era difícil não acreditar nas palavras que saíam daqueles belos lábios, sobretudo quando eram pronunciadas com tão sincera convicção.

— Bem, talvez Vossa Alteza tenha razão! Mas, por favor, não se esqueça de que sua esposa odeia o pai dela.

— É possível odiar alguém e ao mesmo tempo obedecer-lhe. Não é assim?

Cosme olhou para Fenoglio com aquele brilho nos olhos, o brilho dos olhos de um garotinho.

— Sim, sim, provavelmente — respondeu perturbado.

Sempre que Cosme olhava para ele daquela maneira, Fenoglio tinha uma sensação como se ele houvesse descoberto uma página em branco num livro, um buraco feito por uma traça no tapete de palavras finamente tecido.

— Alteza! — disse, inclinou mais uma vez a cabeça e, de uma forma não muito elegante, fez seu cavalo finalmente trotar para o portão.

Brianna descrevera bem o caminho para a gleba de sua mãe. Logo após a visita de Roxane, ele perguntara a ela, com toda a inocência, alegando ser afligido por um reumatismo. Era uma criança estranha a filha de Dedo Empoeirado. Não queria saber nada de seu pai e, pelo jeito, também nada de sua mãe. Felizmente, ela lhe advertira sobre o ganso, assim Fenoglio segurou firmemente as rédeas de seu cavalo quando ele veio grasnando ao seu encontro.

Roxane estava na frente da casa pobre. A beleza dela não combinava com o lugar, assim como uma joia no chapéu de um mendigo. Seu filho dormia ao seu lado no batente da porta, encolhido como um cachorrinho, a cabeça no colo da mãe.

— Ele quer vir junto — ela disse enquanto Fenoglio descia do cavalo com

dificuldades. — A pequena também chorou quando eu disse que precisava partir. Mas não posso levá-los, não para Cabeça de Víbora. Ele também já mandou enforcar crianças. Uma amiga vai tomar conta deles, dela, dele, das plantas e dos animais...

Ela acariciou os cabelos escuros de seu filho e, por um momento, Fenoglio não quis que ela partisse. Mas então o que seria das suas palavras? Quem mais poderia encontrar Meggie? Ele deveria pedir a Cosme mais uma vez um cavaleiro, que mais uma vez não voltaria? "Bem, talvez Roxane também não volte", a voz sussurrou maldosamente dentro dele outra vez. "E as suas preciosas palavras estarão perdidas."

— Besteira! — disse irritado. — Obviamente fiz uma cópia.

— O que disse? — Roxane olhou para ele espantada.

— Ah, nada, nada! — "Céus, agora você deu para falar sozinho." Preciso lhe contar mais uma coisa. Não vá para o moinho! Um saltimbanco que canta para Cosme trouxe-me notícias do Príncipe Negro.

Roxane pôs a mão na boca.

— Não, não, não é tão ruim! — tranquilizou-a Fenoglio rapidamente. — Bem, ao que tudo indica, o pai de Meggie é prisioneiro de Cabeça de Víbora, mas isso, para ser sincero, eu já temia. E Dedo Empoeirado e Meggie, bem, para encurtar a história: parece que o moinho onde Meggie pretendia esperar minha carta foi incendiado. Dizem que o moleiro andou espalhando que uma marta fez chover fogo do teto, enquanto um bruxo com cicatrizes no rosto falava com as chamas. Dizem que havia com ele um demônio na figura de um garoto de pele escura, que o salvou quando foi ferido, e uma menina.

Roxane olhou para ele com um ar ausente, como se precisasse primeiro procurar o sentido das suas palavras. Ferido?

— Sim, mas escaparam! Isso é o principal! Roxane, você acha que pode realmente encontrá-los?

Roxane passou a mão em sua testa.

— Vou tentar.

— Não se preocupe! — disse Fenoglio. — Você ouviu. Agora Dedo Empoeirado possui um demônio que o protege. Além disso, sempre se virou bem sozinho, não é?

— Oh, sim! Sem dúvida.

Fenoglio amaldiçoou cada ruga em seu rosto, de tão linda que ela era. Por que ele não tinha o rosto de Cosme? Se bem que... será que ela gostaria disso? Ela gostava de Dedo Empoeirado, que já deveria estar morto se as coisas tivessem acontecido conforme ele escrevera. "Fenoglio!", ele pensou. "Isso está indo longe demais. Você está se comportando como um amante enciumado!"

De qualquer forma, Roxane não lhe dava atenção. Ela olhou para o menino que dormia em seu colo.

— Brianna ficou furiosíssima quando soube que partirei atrás de seu pai —

ela disse. — Só espero que Cosme cuide dela e que não comece a sua guerra antes de eu voltar.

Sobre isso, Fenoglio nada falou. Por que ele lhe contaria sobre os planos de Cosme? Para que ela ficasse ainda mais preocupada? Não. Tirou a carta para Meggie de debaixo do manto. Letras que podiam se transformar em som, em um som poderoso... Nunca antes ele recomendara tanto cuidado a Quartzo Rosa para lacrar uma carta.

— Esta carta pode salvar os pais de Meggie — disse enfaticamente. — Pode salvar o pai dela. Pode nos salvar a todos, portanto, cuide bem dela!

Roxane virou-se e girou o pergaminho lacrado, como se parecesse pequeno demais para palavras tão grandes.

— Nunca ouvi falar de uma carta que abra os calabouços do Castelo da Noite — ela disse. — Você acha certo dar falsas esperanças à garota?

— Não são falsas esperanças — disse Fenoglio, um pouco ofendido com o fato de ela dar tão pouco crédito às suas palavras.

— Muito bem. Se eu encontrar Dedo Empoeirado e a garota ainda estiver com ele, ela receberá a sua carta. — Roxane acariciou mais uma vez os cabelos do filho, tão suavemente como se fosse retirar uma folhinha presa no meio deles. — Ela ama o pai dela?

— Ah, sim, ela o ama muito.

— A minha filha também. Brianna ama tanto Dedo Empoeirado que não troca uma palavra com ele. Antigamente, quando ele partia para a floresta, para o mar, para onde o fogo ou o vento o atraísse, ela tentava correr atrás dele com seus pezinhos pequenos. Acho que ele nem mesmo percebia, de tão depressa que sempre desaparecia, rápido como uma raposa que roubou uma galinha. Mas ela sempre o amou apesar disso. Por quê? Esse menino também o ama. Ele até mesmo acha que precisa dele, mas Dedo Empoeirado não precisa de ninguém, somente do fogo.

Fenoglio olhou para ela pensativo.

— A senhora está enganada! — disse. — Ele se sentia absolutamente miserável quando ficou tanto tempo longe da senhora. A senhora precisava ver.

Ela olhou espantada para ele.

— O senhor sabe onde ele estava?

E essa agora? "Oh, seu velho caduco, o que você foi dizer?"

— Pois é — ele balbuciou. — Sei, sei sim. Eu também estava lá. — "Vamos lá, uma boa mentira. Onde estavam? A verdade nesse caso não vai ajudar nada. Agora, algumas belas mentiras que expliquem tudo." Por que, para variar, ele não podia encontrar boas palavras para Dedo Empoeirado, mesmo que o invejasse por sua mulher?

— Ele disse que não podia voltar. — Roxane não acreditava, mas se podia ouvir em sua voz como ela gostaria de fazê-lo.

— Foi isso mesmo! Passou por maus bocados! Capricórnio mandou Basta persegui-lo e eles o levaram para muito, muito longe... tentaram arrancar dele como se fala com o fogo. — Ali estavam elas, as mentiras. E quem poderia dizer se estavam longe da verdade... — Acredite, Basta vingou-se dele com todos os requintes de crueldade pelo fato de você ter preferido Dedo Empoeirado a ele! Eles o encarceraram durante anos, finalmente ele escapou, mas o encontraram novamente. E o espancaram quase até à morte. — Isso Meggie lhe contara. Um pouco de verdade não podia fazer mal, e Roxane não precisava saber que havia sido por causa de Resa. — Foi terrível, realmente terrível! — Fenoglio sentiu como era tomado pelo prazer de narrar, o prazer de observar como os olhos de Roxane se arregalavam, como ela prestava atenção em seus lábios e esperava ansiosa pelas próximas palavras. Será que ele deveria fazer mais alguma coisa ruim para Dedo Empoeirado? Não, já o havia matado, hoje ele lhe faria um favor. Hoje faria sua mulher perdoá-lo de uma vez por todas por ele ter ficado dez anos fora. "Às vezes realmente consigo ser uma pessoa legal!", pensou Fenoglio.

— Ele pensou que fosse morrer. Pensou que nunca fosse revê-la, isso era o pior de tudo para ele. — Fenoglio teve que pigarrear. Estava comovido com as próprias palavras. E Roxane também estava. Ele via como a desconfiança desaparecia de seus olhos e cedia, cedia ao amor. — Depois disso, vagueou por terras desconhecidas, como um cão posto na porta da rua, à procura de um caminho, em cujo final nem Basta nem Capricórnio, e sim você esperasse por ele. — Agora as palavras vinham como que por si só, como se ele realmente soubesse o que Dedo Empoeirado sentira todos aqueles anos. — Estava perdido, realmente perdido, seu coração estava frio como pedra por toda aquela solidão. Nele não havia lugar para nada além de saudades, saudades de você. E de sua filha.

— Ele tinha duas filhas — Quase não se ouvia a voz de Roxane. Droga, ele havia esquecido. É claro, duas! Mas Roxane estava tão enredada em suas palavras que seu erro não rompeu a trama.

— Como você sabe de tudo isso? — ela perguntou. — Ele nunca me disse que você o conhecia tão bem.

"Oh, ninguém o conhece melhor!", pensou Fenoglio. "Isso eu lhe garanto, minha bela."

Roxane tirou os cabelos negros do rosto. Fenoglio notou um toque de cinza neles, como se ela os tivesse penteado com um pente empoeirado.

— Partirei amanhã bem cedo — ela disse.

— Ótimo. — Fenoglio puxou o cavalo para o seu lado. Por que era tão difícil montar com um mínimo de decoro naquelas bestas? Roxane devia pensar que ele era realmente um velho decrépito. — Cuide-se! — ele disse, quando finalmente estava montado. — Cuide de si mesma e da carta. E dê lembranças a Meggie. Diga a ela que tudo ficará bem. Eu prometo!

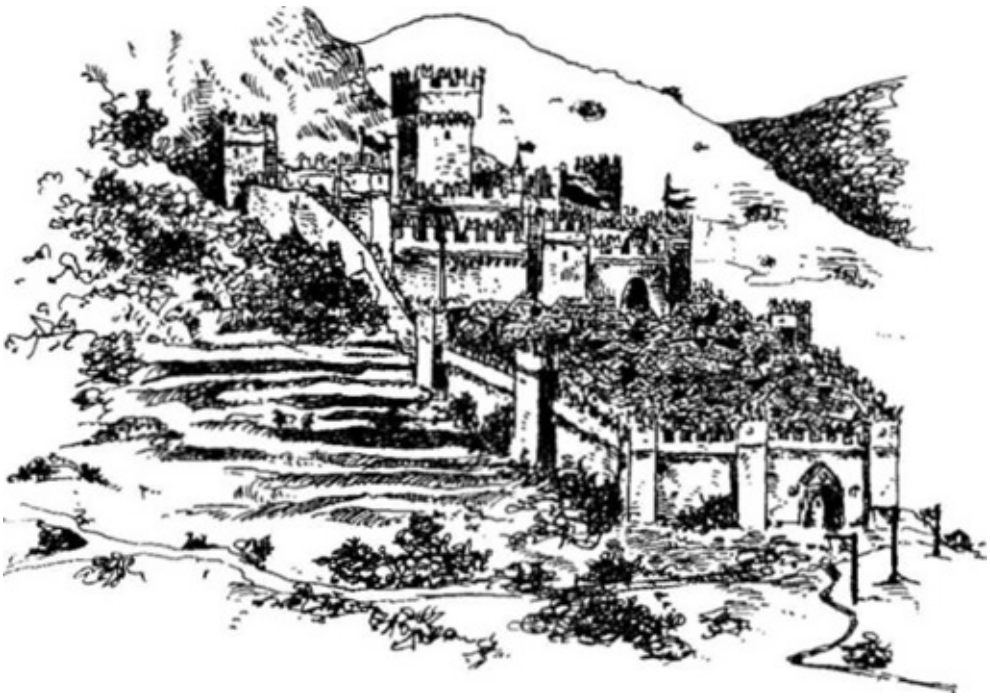
Quando ele se foi, Roxane ficou em pé ao lado do filho adormecido com uma expressão pensativa e seguiu-o com o olhar.

Fenoglio realmente tinha esperanças de que ela encontrasse Dedo Empoeirado não apenas para que Meggie recebesse suas palavras. Não. Um pouco de felicidade não podia prejudicar aquela história. E Roxane não estava feliz sem Dedo Empoeirado. Assim ele estabelecera.

"Apesar de tudo, ele não a merece!", pensou Fenoglio enquanto cavalgava em direção às luzes de Ombra, que não iluminavam tão claramente e não eram

tão numerosas como em seu velho mundo, mas pelo menos eram convidativas. Logo as casas atrás dos muros protetores estariam sem homens. Sim, todos partiriam com Cosme: o marido de Minerva, embora ela tivesse lhe pedido para ficar, e o sapateiro que tinha sua oficina ao lado dele. Até o catador de trapos, que passava pelo local todas as terças-feiras, queria lutar contra Cabeça de Víbora. "Será que seguiriam Cosme com a mesma disposição se eu o tivesse feito feio?", pensou Fenoglio. Feio como Cabeça de Víbora com sua cara de carniceiro... É muito mais fácil acreditar em intenções nobres num rosto bonito, e por isso ele fora astuto ao colocar no trono um anjo. Sim, muito astuto, extremamente. Fenoglio surpreendeu-se cantarolando baixinho enquanto o cavalo o conduzia em direção aos guardas. Sem uma palavra, eles o deixaram passar, o poeta do príncipe, o homem que apreendia seu mundo em palavras, e que o criara com palavras. Sim, inclinem suas cabeças diante de Fenoglio.

Os guardas também partiriam com Cosme, e os soldados lá de cima do castelo, os criados, que ainda nem mesmo tinham a idade do garoto que andava com Dedo Empoeirado. O próprio Ivo, o filho de Minerva, iria se o deixassem. "Regressarão todos", pensou Fenoglio ao conduzir o cavalo para o estábulo. "Pelo menos a maior parte deles. Tudo vai ficar bem, sim, tudo vai ficar bem. Que nada, vai ficar excelente!"



52. Orfeu furioso

Todas as palavras são escritas com a mesma tinta, Flor e dor são quase iguais E posso escrever sangue em toda uma página De cima a baixo, que isso não irá manchá-la Tampouco me ferir.

Philippe Jaccottet, *Falar*

Elinor estava deitada no colchão de ar e olhava para o teto. Ela havia discutido com Orfeu novamente. Embora soubesse que a punição para isso fosse o porão. "Hoje vamos cedo para a cama, Elinor!", pensou amargurada. "Assim o meu pai me castigava antigamente, quando me apanhava com um livro que, na sua opinião, não correspondia à minha idade." Sim, para a cama cedo, algumas vezes às cinco da tarde. Isso era ruim, especialmente no verão, quando os pássaros cantavam lá fora e sua irmã corria, pulava e ria embaixo da sua janela — sua irmã, que não ligava a mínima para os livros, mas que gostava, mais que tudo, de denunciar Elinor, quando ela não aceitava seu convite para brincar e enfiava a cabeça num livro que seu pai lhe proibira.

"Elinor, não brigue com Orfeu!" Quantas vezes Darius não lhe advertira, mas não! Ela não conseguia se dominar! Como se dominar, se o seu cão miserável babava em cima de seus livros mais preciosos, porque seu dono não se dignava a colocá-los de volta na estante depois de ter se divertido com eles?

Ultimamente, porém, ele não tirara mais um único livro das estantes, o que era um pequeno consolo. "O único que ele lê é *Coração de tinta!"*, Darius cochichara em seu ouvido quando lavavam a louça juntos lá em cima na cozinha. A máquina de lavar pratos estava quebrada. Como se já não bastasse ter que

trabalhar como empregada em sua própria casa, agora suas mãos estavam inchadas de tanto lavar louça!

— Ele parece procurar palavras — Darius lhe dissera —, palavras que depois ele junta novamente, anota num papel, escreve, escreve, o cesto de lixo já está cheio. Ele sempre tenta de novo, então lê em voz alta o que escreveu e quando nada acontece...

— O quê?

— Ah, nada! — respondera Darius evasivamente e se pusera a raspar com afinco a crosta de gordura de uma frigideira, mas Elinor sabia que se fosse mesmo "nada" ele não ficaria tão constrangido e calado.

— E aí, o que ele faz? — ela insistira e Darius finalmente lhe contara, enrubescido até as orelhas: Orfeu jogava os livros de Elinor contra a parede, os seus maravilhosos livros! Ele os jogava no chão de raiva, sim, de vez em quando até mesmo um voava pela janela, e isso tudo somente porque ele não conseguia fazer o que Meggie conseguira: *Coração de tinta* continuava fechado para ele, por mais que sussurrasse e suplicasse com sua voz aveludada e por mais vezes que lesse as linhas através das quais desejava tão ardentemente passar.

Evidentemente, ela correra quando o ouvira gritar. Para salvar seus filhos de papel impresso!

— Não! — gritara Orfeu, tão alto que pôde ser ouvido até na cozinha. — Não, não, não! Deixe-me entrar de uma vez, maldito livro dos infernos! Fui eu quem enviou Dedo Empoeirado de volta! Entenda isso de uma vez! O que você faria sem ele? Também lhe mandei Basta e Mortola de volta! Mereço uma recompensa por isso, não acha?

O homem-armário não estava na porta da biblioteca para deter Elinor. Devia estar andando pela casa para ver se finalmente encontrava alguma coisa para roubar (nem mesmo em cem anos teria percebido que os livros eram de longe os objetos mais valiosos daquela casa). Mais tarde, Elinor não saberia dizer que insultos disparara contra Orfeu. Apenas se lembraria de que ele tinha na mão erguida uma magnífica edição de poemas de William Blake. E que, apesar dos pesados xingamentos de Elinor, ele o jogou pela janela, enquanto o homem-armário a segurava por trás e a arrastava para o porão.

"Oh, Meggie", pensou Elinor quando estava deitada no colchão inflável olhando para o reboco rachado do teto de seu porão. Por que você não me levou com você? Por que pelo menos não me perguntou?



53. Mocho

E isto qualquer médico deve saber: que Deus colocou um grande arcano na erva, somente por causa dos espíritos e das fantasias loucas que levam os homens ao desespero, e essa ajuda não ocorre a partir do Diabo, mas da própria natureza.

Paracelso, *Escritos médicos*

O mar. Meggie não o vira mais desde o dia em que haviam viajado da aldeia de Capricórnio para a casa de Elinor, junto com fadas e duendes, que agora eram cinzas.

— Aqui vive o barbeiro do qual falei — disse Dedo Empoeirado quando a baía surgiu entre as árvores. Ela era tão bonita. O sol fazia a água cintilar como um vidro verde, um vidro espumante, que o vento sempre franzia novamente. Era um vento forte, que soprava véus de nuvens no céu azul e cheirava a sal e a ilhas distantes. Ele teria aliviado o coração, não fosse o cimo descalvado que se erguia ao longe, além das colinas verdejantes da floresta, sobre o qual ficava o castelo, pesado e disforme como o rosto de seu dono, apesar dos telhados e ameias de prata.

— Sim, é ele — disse Dedo Empoeirado quando percebeu o olhar assustado de Meggie. — O Castelo da Noite. E o monte sobre o qual ele fica é chamado de

Montanha da Víbora, que outro nome poderia ter? Careca como a cabeça de um velho para que ninguém possa contar com a proteção das árvores ao se aproximar. Mas não se preocupe, ele não está tão perto quanto parece.

— As torres — disse Farid. — São todas de prata de verdade?

— Oh, sim — respondeu Dedo Empoeirado. — Escavada da montanha, desta e de outras. Passarinhos fritos, mulheres jovens, terras férteis... e prata: Cabeça de Víbora tem fome de muitas coisas.

Uma ampla praia arenosa orlava a baía. No ponto em que ela subia em direção às arvores, erguiam-se um longo muro e uma torre. Não se via ninguém na praia, nem um barco na areia, apenas aquela construção — a torre baixa, os extensos telhados de barro, quase invisíveis atrás do muro. Havia um caminho sinuoso para lá, como o rastro de uma serpente, mas Dedo Empoeirado conduziu-os sob a proteção das árvores até os fundos da construção. Impaciente, acenou para que o seguissem antes de desaparecer na sombra do muro. A madeira do portão diante do qual os esperava estava carcomida; e o sino pendurado em cima dele, enferrujado pela maresia. Flores selvagens cresciam ao lado da porta, florescências murchas e bagas marrons nas quais uma fada bebericava. Sua pele era mais clara do que a de suas irmãs da floresta.

Tudo parecia tão pacífico. O zunido de uma vespa penetrou no ouvido de Meggie e misturou-se ao barulho do mar, mas ela se lembrava muito bem como o moinho também lhe parecera pacífico. Dedo Empoeirado também não esquecera. Ele escutou por um tempo antes de estender a mão e puxar a corrente do sino enferrujado. Sua perna voltara a sangrar, Meggie vira como ele pressionava a mão sobre ela, mas, apesar disso, durante todo o caminho, ele os incitara a se apressar.

— Não há barbeiro melhor — limitara-se a responder quando Farid lhe

perguntou para onde os estava levando — e nenhum em que possamos confiar mais. Além disso, de lá, o Castelo da Noite não fica muito longe, e é para lá que Meggie quer ir, não é?

Ele lhes dera folhas para comer, felpudas e amargas.

— Engulam! — dissera quando fizeram caretas de nojo. — No lugar para onde vamos vocês somente podem ficar se tiverem pelo menos cinco delas no estômago.

Uma fresta se abriu na porta de madeira e uma mulher espiou através dela.

— Por todos os bons espíritos! — Meggie a ouviu sussurrar, então a porta se abriu, e uma mão pequena e enrugada fez um sinal para que entrassem.

A mulher que trancou depressa a porta atrás deles era tão magra e enrugada como sua mão e olhou para Dedo Empoeirado como se ele tivesse caído diretamente do céu.

— Ontem! Ontem mesmo ele ainda disse! — ela exclamou. — "Você vai ver, Bella, ele está de volta, quem mais teria incendiado o moinho? Quem mais fala com o fogo?" Ele não pregou o olho a noite inteira. Ficamos preocupados, mas você está bem, não está? O que houve com a sua perna?

Dedo Empoeirado pôs o dedo diante dos lábios, mas Meggie viu que ele sorria.

— Ela podia estar melhor — disse baixinho. — E você continua falando tão depressa quanto antigamente, Bella, mas agora você poderia nos levar até Mocho?

— Sim. Sim, claro! — Bella soou um pouco ofendida. — Suponho que você está com aquela marta horrorosa aí dentro, não é mesmo? — perguntou com um olhar desconfiado sobre a mochila de Dedo Empoeirado. — Ai de você se deixá-la sair.

— É claro que não deixarei — Dedo Empoeirado assegurou e lançou para Farid um olhar que claramente o desaconselhava a mencionar a segunda marta, que dormia na outra mochila.

Sem dizer mais uma palavra, a velha fez um sinal para que a seguissem por uma galeria de colunas escuras e sem ornamentos. Andava com passos curtos e ligeiros, como se fosse um esquilo com um vestido longo, de tecido rústico.

— Foi bom você ter chegado pelos fundos — disse em voz baixa enquanto conduzia seus hóspedes ao longo de uma série de portas fechadas. — Receio que Cabeça de Víbora agora tenha ouvidos até aqui, mas felizmente ele não paga seus espiões tão bem a ponto de fazê-los querer trabalhar nas alas em que tratamos os contaminados. Espero que você tenha dado folhas suficientes aos dois.

— Claro! — Dedo Empoeirado confirmou com a cabeça, mas Meggie viu como ele olhou ao seu redor com desconforto e pôs discretamente na boca mais uma das folhas que dera também a ela e a Farid.

Foi somente ao passarem pelas frágeis figuras sentadas ao sol no pátio circundado pela galeria de colunas que Meggie compreendeu para onde Dedo

Empoeirado os havia trazido. Era um sanatório. Farid pôs a mão na boca estarrecido quando passaram por um homem velho, tão pálido como se a morte já o tivesse levado, e respondeu ao seu sorriso desdentado apenas inclinando a cabeça, sem conseguir disfarçar sua perplexidade.

— Não olhe assim, como se você fosse cair morto daqui a um instante! — sussurrou-lhe Dedo Empoeirado, embora ele próprio também não parecesse estar se sentindo especialmente bem. — Aqui os seus dedos receberão o melhor tratamento possível e, além disso, estamos relativamente seguros, o que não se pode dizer de muitos lugares deste lado da floresta.

— Sim, pois se existe algo que Cabeça de Víbora teme — acrescentou Bella com um tom de sabedoria — é a morte e as doenças que levam a ela. Assim mesmo, vocês devem ser vistos o menos possível, tanto pelos doentes quanto pelos enfermeiros. Se aprendi alguma coisa na minha vida foi que não se pode confiar em ninguém. Com exceção de Mocho, é claro!

— E quanto a mim, Bella?! — perguntou Dedo Empoeirado.

— Em você, menos ainda! — ela respondeu, e parou diante de uma porta simples de madeira. — É realmente uma pena que o seu rosto seja tão inconfundível — ela sussurrou para Dedo Empoeirado. — Senão você poderia fazer uma apresentação para os doentes. Não há cura melhor do que um pouco de alegria. — Então ela bateu na porta, afastou-se para o lado e fez um sinal com a cabeça para que entrassem.

A sala estava escura, pois a única janela desaparecera atrás de pilhas de livros. Era um lugar do qual Mo teria gostado. Ele gostava quando os livros ficavam como se alguém tivesse acabado de largá-los. Bem ao contrário de Elinor, ele não se importava que ficassem abertos, à espera do próximo leitor. Para Mocho parecia ser assim também. Era quase impossível distingui-lo entre

todas aquelas pilhas: um homem baixo com olhos míopes e mãos largas. Para Meggie, ele lembrou uma toupeira, com a diferença de que seus cabelos eram grisalhos.

— Eu não disse? — Ele derrubou dois livros de suas pilhas, de tão depressa que se ergueu para ir ao encontro de Dedo Empoeirado. — Ele voltou, mas ela não queria acreditar. Pelo jeito, as Damas Brancas estão deixando cada vez mais mortos voltarem à vida!

Os dois homens se abraçaram, então Mocho deu um passo para trás e examinou Dedo Empoeirado minuciosamente. O barbeiro já era um homem velho, mais velho do que Fenoglio, mas seus olhos pareciam tão jovens quanto os de Farid.

— Parece que você está bem — observou satisfeito. — A não ser pela perna. O que foi isso? Você arranjou isso no moinho? Ontem levaram uma das minhas curandeiras até o castelo para que cuidasse de dois homens que foram atingidos pelo fogo. Ela voltou com uma história estranha sobre uma cilada e uma marta de chifres que cuspia fogo...

— No castelo? — Meggie deu involuntariamente um passo em direção ao barbeiro. — Ela viu os prisioneiros? — interrompeu. — Só agora devem ter sido levados para lá, saltimbancos, mulheres, crianças... Meu pai e minha mãe estão lá.

Mocho olhou para ela com simpatia.

— Você é a garota da qual os homens do Príncipe Negro falaram? Seu pai...

— ... é o homem que tomam por Gaio — Dedo Empoeirado terminou a frase. — Você sabe como estão os outros prisioneiros?

Antes que Mocho pudesse responder, uma menina enfiou a cabeça pela abertura da porta. Olhou assustada para os estranhos. Em Meggie, seu olhar deteve-se tão longamente que Mocho pigarreou.

— O que foi, Carla? — ele perguntou.

A menina mordeu nervosamente os lábios pálidos.

— Mandaram perguntar se ainda temos consolo-da-vista — disse com voz tímida.

— Claro. Fale com Bella, ela lhe dará um pouco, agora nos deixe sozinhos.

A menina inclinou apressadamente a cabeça e saiu, mas deixou a porta aberta. Com um suspiro, Mocho fechou-a e, além disso, cerrou o trinco.

— Onde estávamos? Ah, sim, os prisioneiros. O barbeiro que cuida das masmorras está preocupado com eles. Ele é um tremendo incompetente, mas quem agüentaria ficar lá embaixo? Em vez de curar, supervisiona as surras e os açoites. Felizmente, não o deixam ver o seu pai, e o barbeiro que cuida de Cabeça de Víbora não suja suas mãos com um prisioneiro. Assim, todos os dias minha melhor curandeira vai até o castelo para vê-lo.

— E como está o meu pai? — Meggie tentou não soar como uma menininha

que só conseguia conter as lágrimas a muito custo, mas não teve muito êxito.

— Tem uma ferida grave, mas acho que você já sabia, não é? Meggie fez que sim. Ali estavam elas outra vez, as lágrimas, e não paravam de escorrer, como se quisessem lavar tudo o que havia em seu coração, a preocupação, a tristeza, o medo... Farid pôs o braço em seu ombro, mas com isso só a fez lembrar ainda mais de Mo, de todos os anos em que ele a tinha protegido e amparado. E agora, que ele estava mal, ela não estava ao seu lado.

— Ele perdeu muito sangue e ainda está fraco, mas está indo bem, de qualquer forma bem melhor do que fazemos Cabeça de Víbora acreditar. — Era possível perceber que Mocho devia falar com frequência com pessoas que temiam por aquelas a que amavam. — Minha curandeira aconselhou-o a não deixar ninguém perceber isso, para ganharmos tempo. Assim, por enquanto, você realmente não precisa se preocupar.

O coração de Meggie ficou leve, muito leve. Tudo ia ficar bem, disse alguma coisa nela, pela primeira vez desde que Dedo Empoeirado lhe mostrara o bilhete de Resa. Tudo vai ficar bem. Envergonhada, enxugou as lágrimas do seu rosto.

— A arma com a qual o seu pai foi ferido, disse a minha curandeira, deve ser uma coisa medonha — prosseguiu Mocho. — Tomara que não seja uma invenção demoníaca na qual os ferreiros de Cabeça de Víbora estejam trabalhando secretamente!

— Não, essa arma veio de um lugar totalmente diferente. — "De lá não vem nada bom", dizia o rosto de Dedo Empoeirado, mas Meggie não quis pensar nos danos que a espingarda seria capaz de fazer naquele mundo. Seus pensamentos estavam em Mo.

— Meu pai — disse para Mocho — gostaria muito desta sala. Ele adora livros, e os seus são realmente muito bonitos. Provavelmente ele lhe diria que alguns precisam ser reencadernados, que aquele ali não vai mais viver muito tempo se o senhor não fizer logo alguma coisa contra os carunchos que estão devorando suas páginas.

Mocho pegou o livro para o qual ela havia apontado e passou a mão sobre suas páginas, da mesma maneira que Mo sempre fazia.

— Gaio gosta de livros? — perguntou. — Isso não é nada comum num salteador.

— Ele não é um salteador — disse Meggie. — É um médico como o senhor, só que não cura pessoas, e sim livros.

— É mesmo? Então também é verdade que Cabeça de Víbora prendeu o homem errado? Provavelmente também é falso o que se diz por aí sobre o seu pai: que ele matou Capricórnio.

— Ah, isso sim é verdade — Dedo Empoeirado olhou pela janela, como se a praça de festas de Capricórnio fosse lá fora. — E tudo de que ele precisou para isso foi sua voz. Algum dia você deveria ouvir algo lido por ele ou por sua filha. Acredite, depois disso, você verá os seus livros de maneira totalmente diferente. É provável que você mande pôr cadeados neles.

— E mesmo? — Mocho olhou interessado para Meggie como se quisesse saber mais sobre a morte de Capricórnio, mas alguém bateu novamente à porta.

Dessa vez era uma voz de homem, que tentava abrir a porta trancada.

— Mestre, o senhor vem? Já preparamos tudo, mas é melhor que o senhor corte.

Meggie viu como Farid empalideceu.

— Já vou! — disse Mocho. — Vá na frente.

— Espero poder um dia cumprimentar o seu pai nesta sala — disse para Meggie ao se dirigir à porta. — Você tem razão: meus livros realmente podem estar precisando de um médico. O Príncipe Negro tem algum plano quanto aos prisioneiros? — Ele olhou para Dedo Empoeirado.

— Não. Acho que não. Você ouviu alguma coisa sobre os outros prisioneiros? A mãe de Meggie está entre eles.

Meggie sentiu uma pontada por não ser ela, mas era Dedo Empoeirado quem perguntava por Resa.

— Não, sobre os outros nada sei — respondeu Mocho. — Mas agora vocês precisam me desculpar. Bella já deve ter dito a vocês que é melhor ficarem hospedados neste lado da casa. Cabeça de Víbora está gastando cada vez mais prata com seus espiões. Nenhum lugar está seguro contra eles, nem mesmo este.

— Eu sei. — Dedo Empoeirado pegou um dos livros que estavam sobre a mesa do barbeiro cirurgião. Era um livro sobre ervas. Meggie podia imaginar o olhar que Elinor teria lançado para ele, cheio de cobiça, e Mo teria passado o dedo sobre as páginas como se dessa maneira pudesse sentir o pincel que as

havia fixado tão delicadamente no papel. Mas e Dedo Empoeirado, em que pensava? Nas ervas dos canteiros de Roxane? — Acredite, eu não teria vindo, se não fosse pelo que aconteceu no moinho — ele disse. — Este não é um lugar para o qual se queira trazer perigo, e iremos embora ainda hoje.

Mas Mocho não quis saber.

— Nada disso, vocês ficam até que a sua perna e os dedos do garoto estejam curados — disse. — Você sabe muito bem como estou feliz que esteja aqui. E fico contente que o garoto esteja com você. Ele nunca teve um aprendiz, sabia? — disse para Farid. — Eu sempre lhe disse que precisava transmitir a sua arte, mas ele nunca me deu ouvidos. Transmito a minha a muitos, e por isso preciso deixar vocês agora. Preciso mostrar a um aluno como se amputa um pé sem matar o homem em que ele está pendurado.

Farid olhou para ele com uma expressão aterrorizada.

— Amputar? — sussurrou. — Como assim amputar? Mas Mocho já havia fechado a porta atrás de si.

— Não lhe contei? — disse Dedo Empoeirado enquanto passava a mão em sua coxa ferida. — Mocho é um excelente serrador de ossos. Mas creio que poderemos ficar com nossos dedos e nossos pés.

Depois que Bella tratou das bolhas da queimadura de Farid e da perna de Dedo Empoeirado, ela levou os três para uma câmara isolada, bem junto ao portão pelo qual haviam entrado. Meggie gostou da perspectiva de voltar a dormir sob um teto, mas a ideia não agradou a Farid. Com uma expressão de infelicidade, ele se agachou no chão forrado de lavanda e começou a mastigar agitadamente uma das folhas amargas.

— Não podemos dormir na praia esta noite? Com certeza, a areia é mais macia — perguntou para Dedo Empoeirado enquanto este se estendia num dos colchões de palha. — Ou na floresta?

— Por mim... — respondeu Dedo Empoeirado. — Mas agora me deixe dormir. E pare de fazer essa cara como se eu o tivesse trazido para perto de canibais, senão amanhã não lhe mostro aquilo que lhe prometi.

— Amanhã? — Farid cuspiu a folha na mão. — Por que só amanhã?

— Por que hoje está ventando muito — disse Dedo Empoeirado e deu-lhe as costas — e porque esta maldita perna está doendo... você ainda precisa de alguma outra razão?

Farid sacudiu a cabeça envergonhado, pôs a folha de volta na boca e ficou olhando para a porta, como se no próximo instante a morte em pessoa fosse entrar por ali.

Meggie, porém, ficou sentada na câmara fria e repetia a si mesma várias vezes o que Mocho havia dito sobre Mo: "Ele está indo bem, de qualquer forma bem melhor do que fazemos Cabeça de Víbora acreditar.... Assim, por enquanto, você realmente não precisa se preocupar".

Quando escureceu, Dedo Empoeirado arrastou-se até o lado de fora. Ele se encostou numa coluna e olhou para o cimo sobre o qual ficava o Castelo da Noite. Imóvel, ficou observando as torres de prata. Meggie perguntou-se, certamente pela centésima vez, se a ajudava somente por causa de sua mãe. Talvez o próprio Dedo Empoeirado não soubesse a resposta.

54. Nas masmorras do Castelo da Noite

Na minha testa pisa metal frio Aranhas procuram meu coração Há uma luz, que se apaga na minha boca George Trakl, De profundis

Mina começou a chorar novamente. Resa pegou-a nos braços, como se a mulher grávida fosse ela mesma uma criança, cantarolou uma cantiga e embalou-a, como às vezes ainda fazia com Meggie, embora ela já estivesse quase do tamanho de Resa.

Duas vezes por dia, vinha uma garota, uma criança magra e arisca, mais nova do que Meggie, trazendo pão e água. Às vezes, havia um mingau de cereais, pegajoso e frio, mas que matava a fome, e fazia Resa lembrar-se dos tempos em que Mortola a aprisionara, por alguma coisa que ela havia ou não havia feito. O mingau tinha exatamente o mesmo gosto.

Quando perguntou à menina sobre Gaio, ela apenas encolheu a cabeça assustada, deixando Resa sozinha com o medo, o medo de que Mo já estivesse morto, de que o tivessem enforcado lá em cima nas forcas gigantescas e de que a última coisa que ele houvesse visto neste mundo tivesse sido não o rosto dela, mas as cabeças de víbora moldadas em prata que olhavam de cima dos muros. Às vezes, ela as via tão claramente diante de si que tapava os olhos com as mãos, mas as imagens ficavam.

E a escuridão que a cercava a fazia pensar que todo o resto fora somente um sonho: o instante na praça de festas de Capricórnio no qual ela vira Mo ao lado de Meggie, o ano na casa de Elinor, toda a felicidade... apenas um sonho.

Pelo menos ela não estava sozinha. Mesmo que os olhares dos outros fossem quase sempre hostis, suas vozes a arrancavam de seus pensamentos sombrios por breves momentos...

De vez em quando, alguém contava uma história, para não ouvirem o choro das celas vizinhas, o rastejar dos ratos, os gritos, os balbucios que já não faziam mais sentido. Quase sempre eram as mulheres. Contavam sobre amor e morte, sobre traição e amizade, mas todas as histórias acabavam bem, eram luzes na escuridão, como as velas no bolso de Resa, cujos pavios estavam úmidos.

Resa contava histórias fantásticas, que Mo havia lido para ela havia muito, muito tempo, quando os dedinhos de Meggie ainda eram frágeis e pequeninos e as letras ainda não lhe infundiam medo.

Os saltimbancos, porém, contavam sobre o mundo que os cercava: sobre Cosme, o Belo, e sua luta contra os incendiários, sobre Príncipe Negro, como ele havia encontrado seu urso e seu amigo. Dançarino do Fogo, que fazia choverem faíscas e nascerem flores de fogo na noite mais escura.

Benedicta cantou uma canção sobre Dançarino do Fogo, com voz baixa, uma canção maravilhosa, em cujo final até mesmo aparecia Dois Dedos, até que o guarda bateu com o bastão na grade e mandou-a se calar.

— Eu o vi uma vez! — sussurrou Benedicta, quando o guarda se afastara novamente. — Foi maravilhoso. O fogo brilhava tanto que até os meus olhos podiam ver. Dizem que está morto.

— Não está — disse Resa em voz baixa. — Ou quem vocês acham que pôs fogo na árvore da estrada?

Quão incrédulos todos olharam para ela! Mas Resa estava muito cansada para contar mais. Estava cansada demais para explicar qualquer coisa. "Deixem-me ver meu marido", era tudo o que ela queria dizer. "Deixem-me ver minha filha. Não me contem mais histórias, contem-me como ela está. Por favor."

Finalmente alguém lhe falou de Meggie e Mo, mas Resa preferia ter ouvido as notícias de outra boca. Os outros dormiam quando Mortola chegou. Dois soldados estavam com ela. Resa não conseguia dormir, porque via as imagens novamente, imagens de Mo, de como o levavam para o pátio, de como punham a corda em volta de seu pescoço... "Ele está morto, e ela veio para me dizer!" Esse foi seu primeiro pensamento quando a gralha parou diante dela com um sorriso triunfante.

— Vejam só, a criada infiel! — disse Mortola enquanto Resa se punha de pé com dificuldade. — Você me parece ser uma bruxa da mesma categoria de sua filha. Como o manteve vivo? Bem, talvez eu tenha sido um pouco apressada ao fazer pontaria. Mas que importa? Mais algumas semanas e ele estará forte suficiente para a sua execução!

Vivo.

Resa virou a cabeça para que Mortola não visse o sorriso que se esboçava em seus lábios, mas a gralha não olhou para seu rosto. Cheia de satisfação, examinou o vestido rasgado, os pé descalços e ensanguentados.

— Gaio! — Mortola baixou a voz. — Evidentemente não expliquei a Cabeça de Víbora que ele vai executar o homem errado, por que o faria? Tudo está acontecendo como eu queria. E a sua filha eu ainda vou pegar.

Meggie. A sensação de felicidade que por um momento aqueceu o coração de Resa desapareceu da mesma forma repentina que chegara. Ao seu lado, Mina sentara-se, acordada pela voz de Mortola.

— Sim, tenho amigos poderosos neste mundo — prosseguiu a gralha com um sorriso de satisfação consigo mesma. — Cabeça de Víbora prendeu seu marido para mim, por que não faria o mesmo com a sua filhinha bruxa? Sabe como o convenci de que ela é uma bruxa? Mostrando uma loto dela. Sim, Resa, mandei Basta trazer as fotos dela, todas as lindas fotos em molduras de prata que havia na casa da devoradora de livros. Cabeça de Víbora acha que são imagens enfeitiçadas, reflexos de espelho, fixados no papel por obra de bruxaria. Os soldados têm medo de segurá-las, mas receberam ordens de mostrá-las por toda parte. Uma pena que não possamos mandar reproduzi-las como seria possível no seu mundo! Mas a sua filha felizmente se uniu a Dedo Empoeirado, e dele não é preciso nenhuma imagem enfeitiçada. Todos os camponeses ouviram falar dele, dele e de suas cicatrizes.

— Ele vai protegê-la! — disse Resa. Ela precisava dizer alguma coisa.

— Ah, é? Assim como protegeu *você* daquela vez em que a cobra a picou?

Resa agarrou com as duas mãos o seu vestido sujo. Não havia ninguém, naquele ou no outro mundo, a quem ela odiasse tanto quanto a gralha. Nem mesmo Basta. Fora Mortola quem lhe ensinara a odiar.

— Aqui é diferente — disse com esforço. — Aqui o fogo obedece a Dedo

Empoeirado, e ele não está sozinho como no outro mundo. Tem amigos.

— Amigos! Ah, você se refere aos outros saltimbancos, o Príncipe Negro, como ele se autodenomina, e todas aquelas outras figuras esfarrapadas! — A gralha olhou com desprezo para os demais prisioneiros. Quase todos haviam acordado. — Olhe você mesma, Resa! — disse Mortola cheia de maldade. — Como farão para tirá-la daqui? Com algumas bolas coloridas ou algumas canções sentimentais? Foi um deles que denunciou vocês, sabia? E Dedo Empoeirado, o que ele pode fazer? Vai mandar o fogo para salvá-la? Você também seria queimada, e certamente isso ele não vai arriscar, tão apaixonado que sempre foi por você. — Ela se curvou com um sorriso. — Você contou ao seu marido como vocês dois eram bons amigos?

Resa não respondeu. Conhecia os jogos de Mortola. Ela os conhecia muito bem.

— E então? O que você acha? Devo contar a ele? — cochichou Mortola em seu ouvido, como um gato à espreita na toca do rato.

— Com certeza — sussurrou Resa em resposta. — Conte. Você não poderá dizer nada que ele já não saiba. Devolvi a ele todos os anos que vocês nos roubaram, palavra por palavra, dia a dia. Mo também sabe que o seu próprio filho a obrigou a morar em seu porão, fazendo todos acreditarem que você era a governanta.

Mortola tentou bater nela, como havia feito tantas vezes, como havia feito com todas as criadas, no rosto, em cheio no rosto, mas Resa segurou sua mão.

— Ele está vivo, Mortola! — sussurrou para a gralha. — Esta história ainda não chegou ao fim, e a morte dele não está escrita em lugar algum, mas a sua

morte, Mortola, a minha filha sussurrará nos seus ouvidos para compensar o que você fez ao pai dela. Você verá. Um dia. Então assistirei a *sua* morte.

Dessa vez ela não conseguiu segurar a mão de Mortola, e sua face ainda ficou ardendo por um bom tempo depois que Mortola se foi. Sentiu os olhares dos outros prisioneiros como dedos em seu rosto quando se sentou novamente no chão frio. Mina foi a primeira que disse alguma coisa.

— De onde você conhece a velha? Era ela quem preparava as poções venenosas para Capricórnio.

— Eu sei! — respondeu Resa quase sem voz. — Pertenci a ela. Durante muitos anos.



55. Uma carta de Fenoglio

Existe então um mundo cujo destino soberano eu determino?

Um tempo que ato com cadeias de sinais?

Uma existência que se afirma por minha disposição?

Wislawa Szymborska, *A alegria de escrever*

Dedo Empoeirado dormia quando Roxane chegou. Lá fora já estava escuro. Farid e Meggie tinham ido à praia, mas ele se deitara porque sua perna estava doendo. Quando viu Roxane parada na porta, por um momento pensou que sua imaginação lhe pregava uma peça, como gostava de fazer à noite. Afinal de contas, muito tempo antes, ele estivera com ela ali uma vez. A câmara naquela ocasião era quase igual àquela, e ele se deitara num colchão de palha como aquele, o rosto cortado e grudento do próprio sangue.

Os cabelos de Roxane estavam soltos. Talvez por isso trouxessem a lembrança daquela outra noite. Seu coração ainda começava a falhar só de pensar. Dominado pela dor lancinante e pelo medo, ele se escondera como um animal ferido, até que Roxane o encontrara e o levara para ali. No início, Mocho quase não o reconhecera. Ele lhe ministrara algo que o havia feito dormir e, quando despertara, Roxane estava na porta, exatamente como naquele momento. Ela fora com ele para a floresta, quando os cortes, apesar da arte do barbeiro, não queriam sarar, cada vez mais fundo na floresta, até as fadas. E ficara com ele até seu rosto sarar o suficiente para que tivesse coragem de estar novamente entre

pessoas. Não devia haver muitos homens em cujo rosto alguém tivesse escrito o amor por uma mulher com uma lâmina.

Mas como ele a recebeu quando ela apareceu ali de repente?

— O que está fazendo aqui? — perguntou, e teve vontade de arrancar a própria língua. Por que não disse que sentira tanto a falta dela, que por dezenas de vezes quase retornara?

— Pois é, o que estou fazendo aqui? — perguntou Roxane de volta. Antigamente, a pergunta a teria feito dar as costas, mas agora ela apenas sorria, tão zombeteira que ele ficou encabulado como um garotinho.

— Onde você deixou Jehan?

— Com uma amiga. — Ela o beijou. — Como está a perna? Fenoglio me disse que você está ferido.

— Está melhorando. O que você tem a ver com Fenoglio?

— Você não gosta dele. Por quê? — Roxane passou a mão no rosto dele.

Como ela era bonita. Tão bonita.

— Digamos que ele tem planos para mim dos quais não gosto nem um pouco. Por acaso o velho lhe entregou alguma coisa para Meggie? Uma carta

talvez?

Sem dizer uma palavra, ela a tirou de debaixo de seu manto. Ali estavam elas, as palavras. Palavras que queriam se tomar realidade. Roxane estendeu-lhe o pergaminho lacrado, mas Dedo Empoeirado recusou com a cabeça.

— É melhor você entregar a Meggie — disse. — Ela está na praia. Roxane olhou para ele espantada.

— Você quase me dá a impressão de que está com medo de um pedaço de pergaminho.

— E estou — disse Dedo Empoeirado e pegou a mão dela. — Sim, estou com medo. Sobretudo se foi Fenoglio quem escreveu nele. Venha, vamos procurar Meggie.

Meggie deu um sorriso encabulado para Roxane quando ela lhe entregou a carta, e por um momento olhou curiosa para ela e para Dedo Empoeirado, mas logo só tinha olhos para a carta de Fenoglio. Ela rompeu o lacre tão afoita que quase rasgou o pergaminho. Eram três folhas, totalmente preenchidas. A primeira era uma carta para ela, Meggie enfiou-a descuidadamente sob o cinto depois de lê-la. As palavras pelas quais ela esperara tão ansiosamente enchiam as duas outras folhas. Os olhos de Meggie passeavam tão depressa entre as linhas que Dedo Empoeirado não podia acreditar que ela estava lendo de verdade. Finalmente, ela ergueu a cabeça, olhou para o Castelo da Noite e sorriu.

— E então, o que o velho demônio escreveu? — perguntou Dedo Empoeirado.

Meggie estendeu-lhe as duas folhas.

— E diferente do que eu esperava. Bem diferente, mas é bom. Veja você mesmo.

Hesitante, ele pegou o pergaminho, com as pontas dos dedos, como se ali pudessem se queimar mais facilmente do que numa chama.

— Desde quando você sabe ler? — a voz de Roxane soou tão espantada que Dedo Empoeirado teve que sorrir.

— A mãe de Meggie me ensinou. — "Idiota. Por que está contando isso a ela?"

Roxane lançou um longo olhar para Meggie enquanto ele se esforçava para decifrar a letra de Fenoglio. Resa costumava escrever em letra de forma para que ficasse mais fácil.

— Podia acontecer, não é? — Meggie olhou para ele por cima dos ombros.

O mar murmurava como se concordasse com ela. Sim, talvez pudesse acontecer assim realmente... Dedo Empoeirado seguia as letras como se andasse por um caminho perigoso. Mas era um caminho que levava diretamente ao coração de Cabeça de Víbora. O papel que o velho imaginara para Meggie, contudo, não lhe agradou nem um pouco. Afinal sua mãe lhe pedira que cuidasse dela.

Farid olhou para as letras com um olhar infeliz. Ainda não sabia ler. Às vezes, Dedo Empoeirado tinha a impressão de que ele suspeitava que os minúsculos sinaizinhos pretos fossem obra de bruxaria. O que mais poderia pensar sobre eles depois de tudo o que havia passado?

— Conte de uma vez! — Impaciente, Farid pulava de um pé para o outro. — O que ele escreveu?

— Meggie vai ter que ir ao Castelo. Dentro do ninho da víbora.

— O quê? — Atônito, o garoto olhou para ele e depois para Meggie.

— Mas isso não pode ser! — Ele pôs a mão no ombro de Meggie e virou-a bruscamente. — Você não pode ir lá! É muito perigoso!

Pobre Farid! É claro que ela iria.

— Fenoglio escreveu assim — Ela tirou a mão dele de seu ombro.

— Deixe-a — disse Dedo Empoeirado e devolveu as folhas para Meggie. — Quando pretende ler?

— Agora mesmo.

Claro. Não queriam perder tempo. Afinal, para quê? Quanto antes a história desse uma virada, melhor. Pior é que não poderia ficar. Poderia?

— O que significa tudo isso? — Roxane olhou perplexa para todos, um por um. O olhar menos amistoso foi para Farid, ela ainda não gostava dele. Provavelmente isso se alteraria apenas quando alguma coisa a convencesse de que ele não era filho de Dedo Empoeirado. — Explique-me! — ela disse. — Fenoglio falou que essa carta poderia salvar os pais dela. O que uma carta é capaz de fazer por alguém que está nas masmorras do Castelo da Noite?

Dedo Empoeirado ajeitou os cabelos dela pra trás. Gostava que ela tivesse voltado a usá-los soltos.

— Escute — ele disse. — Sei que é difícil acreditar, mas, se existe alguma coisa que é capaz de abrir as portas das masmorras do Castelo da Noite, são as palavras nesta carta. E a língua de Meggie. Ela é capaz de fazer a tinta respirar, como você faz com uma canção. O pai dela tem esse dom. Se Cabeça de Víbora soubesse disso, já teria mandado enforcá-lo. As palavras com as quais o pai de Meggie matou Capricórnio pareciam tão inofensivas quanto estas.

O modo como ela olhou para ele! Tão incrédula como antigamente, quando ele tentava explicar onde estivera durante semanas.

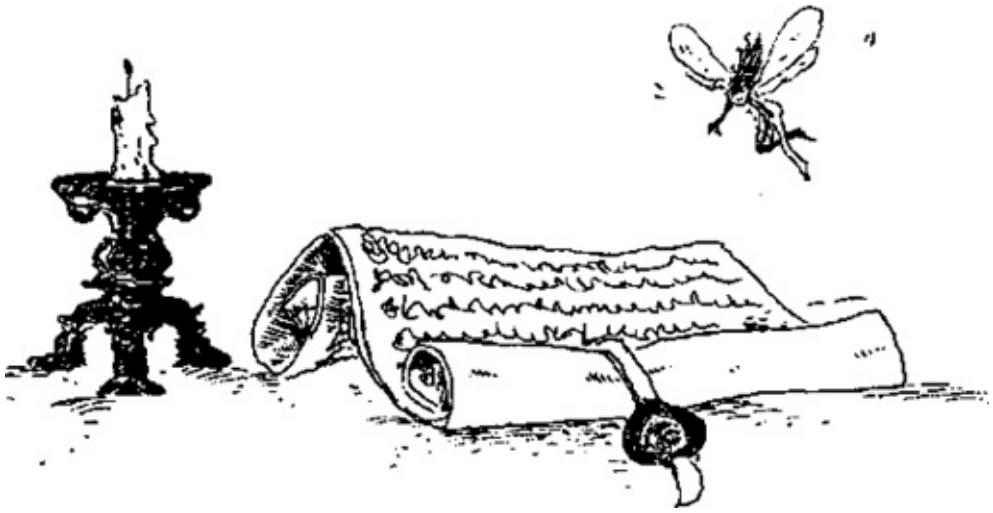
— Você está falando de magia! — ela sussurrou.

— Não. Estou falando de leitura.

Evidentemente ela não entendeu uma palavra. E como poderia? Talvez entendesse quando ouvisse Meggie ler, quando de repente visse as palavras tremularem no ar, as cheirasse e as sentisse na pele...

— Quero estar sozinha quando ler — disse Meggie e olhou para Farid. Então ela se virou e voltou ao sanatório, a carta de Fenoglio na mão. Farid quis segui-la, mas Dedo Empoeirado o segurou.

— Deixe-a! — disse. — Você acha que ela vai desaparecer entre as letras? Isso é besteira. De qualquer forma estamos todos enfiados até o pescoço na história que ela vai ler. Meggie apenas pretende garantir que o vento mude, e ele vai mudar, se o velho tiver escrito as palavras certas!



56. Os ouvidos errados

Uma canção dorme em cada coisa E elas sempre estão a sonhar.

O mundo começará a cantar, Basta encontrares a palavra mágica Joseph von Eichendorff, Wünschelrute [Varinha de condão]

Roxane levou um lampião para Meggie antes de deixá-la sozinha na câmara em que dormiam.

— As letras precisam de luz, isso nelas não é prático — disse. — Mas, se estas são realmente tão importantes como vocês todos dizem, posso entender que queira lê-las sozinha. Também sempre achei que o momento em que a minha voz soa mais bonita é quando estou sozinha. — Ela já estava na porta quando acrescentou: — A sua mãe, ela e Dedo Empoeirado se conheciam bem?

"Não sei", Meggie quase respondeu. "Nunca perguntei à minha mãe."

— Eram amigos — disse finalmente. E nada sobre o rancor que sentia quando pensava que, durante todos aqueles anos, Dedo Empoeirado soubera onde Resa se encontrava e não contara a Mo...

Mas Roxane não fez mais perguntas.

— Se precisar de ajuda — disse antes de ir — estarei com Mocho. Meggie esperou até que os passos silenciassem lá fora no corredor escuro. Então se sentou num dos colchões de palha e pôs o pergaminho no colo. "Como seria", teve que pensar enquanto as linhas se estendiam à sua frente, "se eu o fizesse só por prazer, somente uma única vez?" Como seria sentir a magia das palavras na língua sem que disso dependesse a vida ou a morte, a felicidade ou a desgraça?... Uma vez, na casa de Elinor, quase não pudera resistir à tentação. Ela vira um livro do qual gostava muito quando era pequena, um livro com ratinhos em vestidos de babados e terninhos minúsculos, que faziam geleias e organizavam piqueniques. Ela já sentira a primeira palavra nos lábios quando decidira fechar outra vez o livro, porque de repente vira imagens horríveis: um dos ratinhos vestidos no jardim de Elinor, cercado por seus parentes selvagens, que nunca teriam a ideia de fazer geleia, a imagem de um dos vestidinhos junto com a cauda cinzenta entre os dentes de um dos gatos que costumavam perambular entre as azaléias de Elinor... Não, Meggie nunca atraíra nada das palavras por diversão, e naquela noite também não o faria.

"A respiração, Meggie", Mo lhe dissera uma vez, "é o grande segredo. Ela dá força à sua voz e a enche de vida. Mas não só da sua. Às vezes, quase tenho a sensação de que, quando inspiramos, absorvemos tudo o que está ao nosso redor, tudo o que faz o mundo e o movimenta, então tudo isso também flui nas palavras."

Ela tentou fazer isso. Tentou respirar tão calma e profundamente como o mar, cujo rumorejar vinha de fora e entrava na câmara, inspirar e expirar, inspirar e expirar, como se dessa maneira pudesse captar a força dele para a sua voz. O lampião que Roxane trouxera espalhava uma luz tépida na câmara e, do lado de fora, uma das curandeiras passou pisando de mansinho.

— Eu somente continuarei a contá-la! — sussurrou Meggie. — Somente

continuarei a contar a história, ela já espera por isso. Então vamos!

Ela imaginou a figura corpulenta de Cabeça de Víbora, que não fazia ideia de que uma garota pretendia sussurrar seu nome no ouvido da Morte justamente naquela noite.

Ela tirou do cinto a carta de Fenoglio. Ainda bem que Dedo Empoeirado não a lera.

Querida Meggie, espero que não se decepcione com o que estou lhe enviando. É estranho, mas verifiquei que é bem provável que apenas possa escrever o que não contradiga o que já escrevi até agora sobre o Mundo de Tinta. Preciso seguir as regras que eu mesmo estabeleci, mesmo que tenha feito isso de forma totalmente inconsciente.

Espero que seu pai esteja bem. Segundo o que ouvi, ele agora é prisioneiro no Castelo da Noite — e sou um pouco culpado disso. Sim, admito. Afinal, eu o usei, e a essa altura você já deve ter notado isso, como modelo vivo para criar Gaio. Sinto muito, mas eu tinha achado que era realmente uma boa ideia. Seu pai dava um salteador bastante nobre na minha fantasia e como eu poderia imaginar que alguma vez ele de fato viesse parar na minha história? De qualquer forma, ele está aqui, e Cabeça de Víbora não o libertará simplesmente por eu escrever isto. Não foi assim que o criei, Meggie. A história precisa continuar fiel a si mesma, este é o único caminho e, por isso, estas são as únicas palavras que posso lhe enviar, palavras que num primeiro momento somente retardarão a execução do seu pai, mas que no final deverão levar à sua libertação. Confie em mim. Creio que as palavras que estou enviando são as únicas possíveis para ajudar esta história a se encaminhar para seu final verdadeiramente feliz, e você gosta de histórias com final feliz, não é?

Continue a contar minha história, Meggie! Antes que ela o faça sozinha!

Eu gostaria de lhe entregar pessoalmente estas palavras, mas preciso cuidar de Cosme. Chego a temer que, em seu caso, tenhamos facilitado demais. Cuide-se bem, mande lembranças a seu pai quando reencontrá-lo (o que deve acontecer logo) e ao garoto que venera o chão que você pisa. Ah, e diga a Dedo Empoeirado, embora ele certamente não queira ouvir, que sua mulher é bonita demais para ele.

Um abraço!

Fenoglio

P.S.: como seu pai está vivo, perguntei-me se as palavras que escrevi para ele na floresta de fato não surtiram efeito. Se for assim, Meggie, então é porque, de certa maneira, o transformei numa das minhas personagens, e assim em toda essa história com Gaio afinal há alguma coisa boa, não é?

Fenoglio. Ele era realmente mestre em fazer com que tudo lhe parecesse favorável. Uma lufada de vento entrou pela janela e fez tremerem as folhas de pergaminho, como se a história estivesse impaciente, como se ela quisesse finalmente ouvir as novas palavras.

— Está bem, está bem. Já vou começar — sussurrou Meggie.

Ela não ouvira muitas vezes seu pai ler, mas se lembrava perfeitamente de como Mo dava o tom certo a cada palavra. Na câmara fazia silêncio, tanto silêncio. Todo o Mundo de Tinta, cada fada, cada árvore, até o próprio mar parecia esperar por sua voz.

— *Havia já muitas noites* — começou Meggie— *que Cabeça de Víbora não conseguia encontrar sossego. Sua esposa dormia profundamente. Era a quinta, mais jovem do que suas três filhas mais velhas. Seu corpo abaulava-se embaixo do cobertor, grávida de seu bebê. Daquela vez tinha que ser um menino, ela já dera à luz duas meninas. Se fosse mais uma, ele a repudiaria, assim como já repudiara três outras mulheres. Ela seria devolvida ao pai ou enviada para algum castelo isolado nas montanhas.*

Por que ela conseguia dormir, embora tivesse medo dele, enquanto ele andava de um lado para o outro na luxuosa câmara como um velho urso dançarino em sua jaula?

Porque o grande medo cabia apenas a ele. O medo da morte.

Ela esperava lá fora sob as janelas, diante das folhas de vidro, que ele havia pagado com seus mais fortes camponeses. Encostava seu feio rosto ali, assim que a escuridão envolvia seu castelo como uma serpente a um rato. A cada noite, ele mandava acender mais tochas, mais velas, e mesmo assim o medo chegava — f*azia-o tiritar e cair sobre os joelhos, que tremiam demais, fazia-o ver seu futuro: como a carne murchava ao redor de seus ossos, os vermes o devoravam e as Damas Brancas o arrastavam dali.*

Cabeça de Víbora pôs as mãos na boca, para que o guarda do outro lado da porta não ouvisse seus soluços. Medo. Medo do fim de todos os dias, medo do nada, medo, medo, medo. Medo de que a morte se alojasse em seu corpo, invisível, em algum lugar, e crescesse e se espalhasse e o devorasse! — O único inimigo que ele não podia trucidar, incendiar, apunhalar, enforcar, o único do qual não havia como escapar.

Uma noite, escura e interminável como nenhuma antes, o medo era especialmente ruim e ele mandou acordar a todos, como fazia com tanta frequência, todos os que dormiam pacificamente em suas camas, em vez de tremer e suar como ele — sua mulher, os inúteis barbeiros, requerentes, escribas, administradores, seu arauto e o trovador de nariz de prata. Mandou os cozinheiros para a cozinha, afim de lhe prepararem um banquete, mas, quando se sentou à mesa, os dedos enfiados na carne gorda recém-assada, uma garota chegou ao Castelo da Noite. Destemida, ela passou pelos guardas e lhe propôs um pacto, um pacto com a morte...

É assim que seria. Porque ela assim o lia. É assim que as palavras abriam seu caminho pelos lábios de Meggie. Como se tecessem o futuro. Cada som, cada letra, um fio... Meggie esqueceu-se de tudo ao seu redor: o sanatório, o colchão de palha no qual estava sentada, até mesmo Farid e seu rosto infeliz enquanto a vira se afastar... Ela continuava a tecer a história de Fenoglio, somente para isso ainda estava ali, com sua respiração e com sua voz, ela a tecia com fios de som — para salvar seu pai e sua mãe. E todo aquele mundo estranho que a havia enfeitiçado.

Quando ouviu as vozes agitadas, Meggie pensou que viessem das palavras. Relutante, ergueu a cabeça. Ainda não lera tudo. Algumas frases ainda esperavam, esperavam que ela as fizesse respirar. "Olhe para as letras, Meggie!", pensou. "Concentre-se", e assustou-se quando ouviu batidas abafadas soarem pelo sanatório. As vozes ficaram mais altas, passos apressados se aproximaram e Roxane apareceu na porta.

— Estão vindo do Castelo da Noite! — ela sussurrou. — Têm um retrato seu, um retrato estranho. Depressa, venha comigo!

Meggie tentou pôr o pergaminho com as últimas frases dentro de sua manga, mas então mudou de ideia e enfiou-o pelo decote de seu vestido. Sob o tecido firme ele não apareceria. Ela ainda sentia o gosto das palavras na boca, ainda se

via diante de Cabeça de Víbora, como havia lido, mas Roxane pegou-a pela mão e levou-a consigo. Uma voz de mulher ecoou pelas arcadas, a voz de Bella, e depois a de um homem, alta e autoritária. Roxane não soltou a mão de Meggie, e continuou a puxá-la, passando por portas atrás das quais os doentes dormiam ou escutavam acordados a própria respiração pesada. A câmara de Mocho estava vazia. Roxane entrou na câmara, fechou o trinco e olhou ao seu redor. A janela tinha grades, e os passos se aproximavam. Meggie pensou ouvir a voz de Mocho e uma outra voz rude e ameaçadora. Então, de repente, tudo silenciou. Haviam parado diante da porta. Roxane pôs o braço no ombro de Meggie.

— Vão levá-la! — ela sussurrou, e lá fora Mocho tentava convencer os invasores. — Falaremos com Príncipe Negro, ele tem espiões no castelo. Tentaremos ajudá-la, está ouvindo?

Meggie apenas assentiu com a cabeça. Alguém martelava na porta.

— Abra, sua bruxinha, ou prefere que a busquemos aí?

Livros, nada além de livros. Meggie recuou para trás das pilhas, nenhum livro no qual ela pudesse buscar ajuda, mesmo que quisesse. O saber que guardavam não podia ajudá-la. Ela olhou para Roxane em busca de ajuda e viu a mesma perplexidade em seu olhar.

O que aconteceria se a levassem? Quantas frases ainda faltava ler?

Desesperada, Meggie tentou se lembrar onde exatamente fora interrompida...

Mais batidas na porta. A madeira rangia, logo ela se romperia e se estilhaçaria. Meggie foi até a porta, soltou o trinco e abriu. Ela não conseguiu

contar quantos soldados havia no estreito corredor. Eram muitos, realmente muitos. Seu líder era Raposa Vermelha. Meggie reconheceu-o apesar do lenço que havia amarrado diante da boca e do nariz. Todos usavam lenços no rosto, e seus olhos à mostra estavam cheios de medo. "Tomara que todos vocês peguem a peste aqui", pensou Meggie. "Tomara que morram como moscas." O soldado ao lado de Raposa Vermelha recuou cambaleante, como se tivesse ouvido seus pensamentos.

— Bruxa! — exclamou e olhou para o objeto que Raposa Vermelha tinha nas mãos. Meggie reconheceu imediatamente a estreita moldura de prata. Era uma foto sua, da biblioteca de Elinor.

Um burburinho espalhou-se entre os homens armados. Raposa Vermelha, porém, segurou-a brutalmente pelo queixo fazendo-a virar o rosto para ele.

— Eu já sabia. Você é a garota do estábulo — disse. — Confesso que lá você não me pareceu uma bruxa.

Meggie tentou virar a cabeça, mas a mão de Raposa Vermelha não a largou.

— Muito bem! — disse para uma menina que estava perdida no meio de tantos soldados, com os pés descalços e a túnica simples que usavam todos que trabalhavam no sanatório. Carla. Não era esse o seu nome?

Ela estava com a cabeça abaixada e examinava a moeda de prata que o soldado pusera em sua mão, como se nunca tivesse visto uma moeda tão bonita e reluzente.

— Ele disse que ia me dar trabalho — ela sussurrou quase inaudível. — Na

cozinha do castelo. Foi o homem com o nariz de prata quem disse.

Raposa Vermelha apenas sacudiu os ombros com ar sarcástico.

— Então você está falando com o homem errado — ele disse, virou-se de costas e não lhe deu mais atenção. — Desta vez terei que levá-lo também, cortador de pedras — disse para Mocho. — Você já abriu seu portão por vezes demais para os hóspedes errados. Eu já disse a Cabeça de Víbora que está na hora da fazermos um fogo aqui, mas ele não quer me ouvir. Alguém lhe disse que a morte dele virá do fogo. Desde então só nos deixa acender velas. — Era impossível não perceber seu desprezo pela condescendência de seu senhor.

Mocho olhou para Meggie. "Sinto muito", dizia o seu olhar. E ela também leu nele uma pergunta: "Onde está Dedo Empoeirado? Sim, onde?".

— Deixe-me ir com ela. — Roxane se pôs ao lado de Meggie, e tentou pôr o braço em seu ombro, mas Raposa Vermelha empurrou-a para trás com brutalidade.

— Somente a garota do retrato enfeitiçado — disse. — E o barbeiro.

Roxane, Bella e algumas das outras mulheres os seguiram até o portão que dava para o mar. A espuma das ondas brilhava ao luar e a praia estava abandonada, com exceção de algumas pegadas, que felizmente ninguém examinou de perto. Os soldados haviam trazido cavalos para seus prisioneiros, o de Meggie abaixou as orelhas quando um dos soldados a pôs sobre seu lombo magro. Somente quando começaram a trotar em direção às montanhas, ela ousou olhar discretamente à sua volta. Mas não viu nenhum sinal de Dedo Empoeirado e Farid. A não ser as pegadas na areia.



57. Fogo e água

O que é o saber em palavras senão uma sombra do saber sem palavras?

Khalil Gibran, *O profeta*

Fazia silêncio atrás dos muros do sanatório, quando Dedo Empoeirado chamou Farid entre as árvores. Ninguém chorava, nem praguejava contra os que tinham vindo do Castelo da Noite. A maior parte das mulheres retomara aos doentes e moribundos. Apenas Roxane estava na praia e olhava para a direção em que os soldados haviam desaparecido.

Com passos cansados, Dedo Empoeirado foi até ela.

— Vou atrás deles! — balbuciou Farid ao seu lado, os punhos morenos fechados. — Afinal, não há como errar o caminho para esse maldito castelo!

— Pela milésima vez, o que você está dizendo? — ralhou Dedo Empoeirado. — Acha que conseguirá passar pelo portão como se estivesse passeando? Estamos falando do Castelo da Noite. Ali eles enfeitam as ameias com as cabeças dos decapitados.

Farid encolheu a cabeça e olhou para as torres de prata. Elas se lançavam no céu como se quisessem perfurar as nuvens.

— Mas, mas Meggie... — ele balbuciou.

— Está bem, está bem, iremos atrás dela — disse Dedo Empoeirado com voz irritada. — Mesmo que a minha perna esteja morrendo de vontade de subir a maldita montanha. Mas não vamos simplesmente sair por aí ao deus-dará. Antes você precisa aprender uma coisa.

Como o garoto parecia aliviado, como se não visse a hora de se enfiar no ninho da serpente. Dedo Empoeirado apenas sacudiu a cabeça para tamanha insensatez.

— Aprender? O quê?

— Aquilo que de qualquer forma eu queria lhe mostrar.

Dedo Empoeirado foi até a água. Se pelo menos aquela maldita perna finalmente sarasse... Roxane foi atrás dele.

— Do que você está falando? — Raiva e medo misturavam-se em seu rosto quando ela se pôs entre ele e o garoto. — Você não pode ir ao castelo! Está tudo perdido. Sua fabulosa carta não fez nada virar para o bem, absolutamente nada.

— Isso nós vamos ver — limitou-se a responder Dedo Empoeirado.

— Tudo depende de Meggie ter lido ou não, ou do quanto ela leu.

Ele tentou empurrá-la para o lado, mas Roxane repeliu suas mãos.

— Vamos avisar Príncipe Negro! — Como ela parecia desesperada.

— Já esqueceu todos os incendiários que estão lá em cima no castelo? Você estará morto antes do nascer do sol! E Basta? E Raposa Vermelha e Pífaro? Alguém vai reconhecer o seu rosto!

— E quem disse que pretendo mostrá-lo? — retrucou Dedo Empoeirado.

Roxane recuou. Ela lançou um olhar tão hostil para Farid que o garoto virou a cara.

— Este é o nosso segredo, até hoje você só mostrou para mim. E você disse que, além de nós, ninguém mais sabe!

O garoto também saberá! A areia rangia sob seus pés quando ele andou até as ondas, e ele somente parou quando a arrebentação começou a lamber suas botas.

Do que ela está falando? — perguntou Farid. — O que você vai me mostrar? E difícil?

Dedo Empoeirado olhou ao seu redor. Roxane voltava com passos lentos para o sanatório. Sem se virar, ela desapareceu atrás do portão sem ornamentos.

O que é? — Farid puxava-o pela manga impaciente. — Fale de uma vez.

Dedo Empoeirado virou-se para ele.

A água e o fogo — ele disse — não se entendem especialmente bem. Poderíamos dizer que os dois não combinam, mas, quando se amam, fazem isso com paixão.

Fazia muito tempo que ele não empregava as palavras que precisou sussurrar. Mas o fogo entendeu. Uma chama se ergueu no meio do pedregulho molhado que o mar havia arrastado para a areia. Dedo Empoeirado abaixou-se e atraiu-a para a sua mão em forma de concha, como a um filhote de passarinho, sussurrou-lhe o que queria dela, prometeu-lhe um jogo noturno como ela nunca havia tido e, quando ela respondeu crepitando e ardendo mais alta e tão quente que lhe queimou a pele, ele a jogou nas ondas espumantes, os dedos estendidos, como se ainda segurasse o fogo com fios invisíveis. A água tentava pegar a chama como um peixe a uma mosca, mas ela queimava ainda mais clara, e Dedo Empoeirado abria os braços na margem.

Com chiados e labaredas, o fogo imitou-o, alastrou-se para a esquerda e para a direita ao longo da onda, espalhou-se mais e mais, até que a espuma, cercada pelas chamas, rolou até a praia carregando uma faixa de fogo até os pés de Dedo Empoeirado, como se lhe oferecesse um penhor de amor. Com as duas mãos, ele pegou a espuma incandescente e, quando se ergueu novamente, uma fada batia as asas entre os seus dedos. Ela era azul como suas irmãs da floresta, porém uma aura de fogo a envolvia, e seus olhos eram vermelhos como as chamas de onde nascera. Dedo Empoeirado envolveu-a com as mãos, como se fosse uma borboleta rara, esperou pela ardência na pele, o calor que subia por seus braços,

como se de repente não corresse mais sangue e sim fogo em suas veias. Somente quando sentiu o ardor sob as espáduas, ele deixou voar novamente a criaturinha, que esbravejava e soltava palavrões, como as fadas sempre faziam quando eram atraídas para o jogo entre o mar e o fogo.

— O que é isso? — perguntou Farid assustado, quando viu as mãos e os braços enegrecidos de Dedo Empoeirado.

Dedo Empoeirado tirou um lenço do cinto e raspou cuidadosamente a fuligem da pele.

— Isso — ele disse — é o que vai nos levar ao castelo. Mas a fuligem só funciona quando você mesmo a pega com as fadas. Portanto, ao trabalho!

Farid olhou para ele incrédulo.

— Não sei fazer isso! — balbuciou. — Não sei como você fez.

— Besteira! Dedo Empoeirado saiu da água e agachou-se. — E claro que sabe! Simplesmente pense em Meggie!

Farid olhou indeciso para o castelo, enquanto as ondas lambiam seus dedos nus como se o desafiassem para um jogo.

— Não veem o fogo lá de cima?

— O castelo está mais longe do que parece. Pode acreditar, os seus pés confirmarão isso quando subirmos. E, caso os guardas vejam alguma coisa, pensarão que está relampejando ou que os elfos de fogo estão dançando sobre a água. Mas desde quando você pensa tanto assim antes de começar um jogo? Eu só sei de uma coisa: se você pensar por mais tempo, vou me dar conta da loucura que é subir até lá.

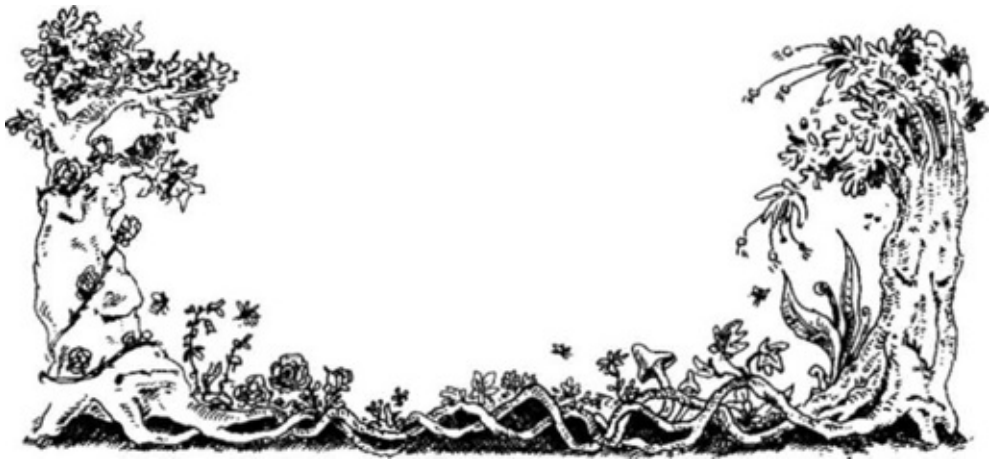
Isso convenceu Farid.

A chama apagou três vezes quando ele a lançou na água. Mas, na quarta vez, ela se espalhou pelas ondas como Farid queria que ela fizesse — talvez não com labaredas tão vivas como para Dedo Empoeirado, mas o mar ardeu também para Farid. E naquela noite o fogo brincou mais uma vez com a água.

— Muito bem — disse Dedo Empoeirado quando o garoto observava orgulhoso a fuligem em seus braços. — Espalhe-a bem no peito, nas pernas, no rosto.

— Por quê? — Farid olhou para ele espantado.

— Por que isso vai nos tornar invisíveis — respondeu Dedo Empoeirado, e ele próprio esfregava a fuligem no rosto. — Até o sol nascer.



58. Invisíveis como o vento

— Desculpe, sua Sanguinidade, sr. Barão, cavalheiro — disse untuoso. — Falha minha, falha minha, não o vi, claro que não, o senhor está invisível. Perdoe ao velho Pirraça essa piadinha — cavalheiro.

J. K. Rowling, *Harry Potter e a pedra filosofal*

Era uma sensação estranha estar invisível. Farid sentia-se todo-poderoso e perdido ao mesmo tempo. Como se estivesse em toda parte e em lugar algum. O pior de tudo era que ele não podia ver Dedo Empoeirado. Somente podia confiar em seus ouvidos. "Dedo Empoeirado?", sussurrava de tempos em tempos enquanto o seguia pela noite, e a toda vez a resposta vinha em voz baixa: "Estou bem na sua frente".

Os soldados que haviam levado Meggie e Mocho teriam que seguir por uma estrada, uma estrada ruim, em muitos pontos quase coberta pela vegetação, que serpenteava em largas voltas para subir a montanha. Dedo Empoeirado, porém, cortou o caminho subindo em linha reta a encosta, que era íngreme demais para um cavalo, sobretudo quando precisava carregar um cavaleiro com armadura. Farid tentou não pensar no quanto a perna de Dedo Empoeirado devia estar doendo. De vez em quando, ele o ouvia praguejar baixinho e, outras vezes, parar, invisível, nada além de uma respiração na noite.

O castelo de fato ficava mais longe da praia do que parecia, mas finalmente seus muros despontaram no céu diante deles. Perante aquela fortaleza, o castelo de Ombra parecia a Farid um brinquedo construído por um príncipe que gostava de comer e beber, mas jamais pensava em guerrear. No Castelo da Noite, cada pedra parecia ter sido assentada com o pensamento na guerra e, enquanto seguia a respiração ofegante de Dedo Empoeirado, Farid pensava horrorizado como deveria ser subir a encosta íngreme num ataque enquanto lá em cima as setas disparavam dos arcos e o piche quente jorrava das ameias.

A manhã ainda estava longe quando chegaram ao portão do castelo. Sua invisibilidade ainda duraria algumas preciosas horas, mas o portão estava fechado, e Farid sentiu as lágrimas de decepção subirem aos seus olhos.

— Está fechado! — balbuciou. — Já a levaram para dentro. E agora?

Cada vez que inspirava o ar, seu peito doía, de tão depressa que haviam subido. Mas agora de que adiantava serem transparentes como o vidro, invisíveis como o vento?

Sentiu o corpo de Dedo Empoeirado ao seu lado, quente na noite ventosa.

— Sim, é óbvio que está fechado! — sua voz sussurrou. — O que você pensou? Que nós os alcançaríamos? Não teríamos conseguido, mesmo que eu não mancasse como uma velha! Mas você verá, com certeza o portão se abrirá para alguém esta noite. Mesmo que seja para um de seus espiões.

— Será que não poderíamos escalar? — Farid olhou sem esperanças para os muros cinzentos. Viu as sentinelas armadas com lanças, entre as ameias.

— Escalar? Você realmente deve estar muito apaixonado. Não está vendo como estes muros são altos e lisos? Esqueça. Vamos esperar.

Diante deles, erguiam-se seis forcas. Em quatro delas, havia mortos, e Farid estava grato de que a noite os fizesse parecer apenas trouxas de roupa velha.

— Droga! — ele ouviu Dedo Empoeirado murmurar. — Por que essa poção das fadas não faz o medo desaparecer como o corpo?

Sim, Farid já havia pensado nisso. Mas não tinha medo dos guardas, de Basta ou de Raposa Vermelha. Tinha medo por Meggie, um medo terrível. O fato de estar invisível apenas o tornava menos ruim. Nada parecia restar dele além da dor em seu coração.

Soprava um vento frio, e Farid aquecia os dedos em seu próprio hálito, quando o barulho de cascos ecoou na noite.

— Está vendo! — sussurrou Dedo Empoeirado. — Parece que estamos com sorte, pelo menos uma vez, para variar! Aconteça o que acontecer, não se esqueça: temos que sair daqui antes de raiar o dia. O sol vai nos tornar visíveis quase tão depressa quanto você consegue chamar o fogo.

O tropel ficou mais alto e um cavaleiro surgiu da escuridão, não com o pálido prateado de Cabeça de Víbora, e sim vestido de vermelho e negro.

— Ora, veja! — sussurrou Dedo Empoeirado. — Se não é Pássaro Tisnado...

Um dos guardas exclamou algo de cima das ameias e Pássaro Tisnado respondeu.

— Venha! — sussurrou Dedo Empoeirado para Farid, quando o portão começou a subir com rangidos.

Eles seguiram Pássaro Tisnado tão de perto que Farid poderia tocar o rabo do seu cavalo. "Traidor!", pensou. "Traidor sujo." Ele gostaria de arrancá-lo da sela, encostar a faca em seu pescoço e perguntar que notícias trazia para o Castelo da Noite, mas Dedo Empoeirado o empurrou para a frente, através do gigantesco portão, para dentro do pátio. Arrastou-o consigo, enquanto Pássaro de Carvão cavalgava em direção aos estábulos. Pelo jeito, o Castelo da Noite também sofria de insônia, como se afirmava ser o caso de seu senhor.

— Escute! — sussurrou Dedo Empoeirado puxando Farid para baixo de um portal. — Este castelo é grande como uma cidade e intrincado como um labirinto. Marque o seu caminho com fuligem, assim depois não precisarei procurá-lo como a uma criança perdida na floresta, entendeu?

— Mas e Pássaro Tisnado? Foi ele quem denunciou o Abrigo Secreto, não foi?

— Provavelmente! Esqueça-o agora. Pense em Meggie.

— Mas ele estava entre os prisioneiros!

Uma pequena tropa de soldados em marcha passou por eles. Farid recuou assustado. Ainda não conseguia acreditar que os outros realmente não os enxergavam.

— E daí? — A voz de Dedo Empoeirado soou como se o próprio vento estivesse falando. — É o disfarce mais antigo do mundo usado pelos traidores. Onde você esconde seus espiões? Entre as suas vítimas. Provavelmente Pífaro lhe disse algumas vezes que ele era um cuspidor de fogo fabuloso, e com isso se tornou o seu melhor amigo. Pássaro Tisnado sempre teve um gosto estranho para amizades. Mas agora vamos ou ainda estaremos aqui quando o sol vier lamber a invisibilidade dos nossos membros.

Suas palavras fizeram Farid olhar involuntariamente para o céu. A noite estava escura. Até mesmo a lua parecia perdida em meio a todo aquele negror, e ele não conseguiu desviar o olhar das torres de prata.

— O ninho da víbora! — sussurrou.

Então sentiu a mão invisível de Dedo Empoeirado o puxando bruscamente mais uma vez.

59. Cabeça de Víbora

Pensamentos de morte Juntam-se sobre a minha felicidade Como nuvens negras Sobre a foice prateada da lua Sterling A. Brown, Pensamentos de morte

Cabeça de Víbora estava sentado à mesa quando Raposa Vermelha levou Meggie até ele. Exatamente como ela lera. O salão em que ele fazia suas refeições era tão suntuoso que, comparada a ele, a sala do trono do Príncipe Porcino parecia simples como a casa de um camponês. Os ladrilhos sobre os quais Raposa Vermelha impelia Meggie em direção ao seu senhor estavam salpicados com pétalas de rosas brancas. Um mar de velas ardia em candelabros com pés em formas de garras e as colunas que havia entre eles eram revestidas com escamas de prata. A luz das velas, elas brilhavam como pele de serpente. Numerosos criados deslizavam entre essas colunas escamosas, silenciosos, as cabeças abaixadas. Criadas esperavam, humildemente enfileiradas, por um sinal de seu amo. Todas pareciam cansadas, arrancadas do sono, como Fenoglio descrevera. Algumas encostavam-se discretamente na parede adornada com tapeçarias.

Ao lado de Cabeça de Víbora, numa mesa que parecia posta para uma centena de convidados, estava sentada uma mulher, pálida como uma boneca de porcelana, com um rosto tão infantil que Meggie a teria tomado pela filha de Cabeça de Víbora se não soubesse de quem se tratava. O Príncipe de Prata, por sua vez, comia com voracidade, como se, com a comida que havia em incontáveis travessas sobre a mesa coberta com uma toalha preta, pudesse devorar também seu medo. Sua esposa, porém, não mexera em nada. Meggie

teve a impressão de que a visão de seu marido comendo com tamanha voracidade lhe causava náuseas, a toda hora ela passava a mão cheia de anéis em seu ventre abaulado. Estranhamente, a gravidez a fazia parecer ainda mais criança, uma criança com olhos frios e uma boca estreita e amarga.

Atrás de Cabeça de Víbora, com o pé num banquinho, o alaúde apoiado na coxa, estava Pífaro com seu nariz de prata, cantando com voz baixa, enquanto seus dedos entediados tangiam as cordas. Mas o olhar de Meggie não se deteve nele. No final da mesa, ele encontrara alguém que ela conhecia muito bem. Seu coração fraquejou como as pernas de uma velha quando Mortola devolveu o olhar com um sorriso tão cheio de triunfo que os joelhos de Meggie tremeram. Ao lado de Mortola, estava sentado o homem que ferira Dedo Empoeirado no moinho. Suas mãos estavam enfaixadas e, na cabeleira, acima da testa, o fogo havia aberto uma clareira. Basta fora atingido de maneira ainda pior. Estava sentado ao lado de Mortola, o rosto tão vermelho e inchado que Meggie quase não o reconheceu. Mas ele escapara da morte mais uma vez. Talvez os amuletos que sempre tinha consigo servissem para alguma coisa...

Raposa Vermelha segurava apertado o braço de Meggie enquanto andava com seu manto de pele de raposa em direção a Cabeça de Víbora, como se dessa maneira quisesse mostrar que capturara pessoalmente o pássaro. Com um gesto bruto, ele a empurrou diante da mesa posta e jogou a foto emoldurada entre as travessas.

Cabeça de Víbora ergueu a cabeça e olhou para ela, com seus olhos vermelhos, nos quais Meggie percebeu os sinais da noite ruim que as palavras de Fenoglio lhe destinaram. Quando ele ergueu a mão gorda. Pífaro silenciou atrás dele e encostou o alaúde na parede.

— Aqui está ela! — anunciou Raposa Vermelha, enquanto seu amo limpava a gordura dos dedos e dos lábios com um guardanapo bordado. — Eu gostaria que tivéssemos um retrato enfeitiçado de todos os que procuramos, assim os

espiões deixariam de trazer as pessoas erradas a toda hora.

Cabeça de Víbora havia pegado a foto. Com um ar desdenhoso, ele a comparou com Meggie. Ela tentou baixar a cabeça, mas Raposa Vermelha a obrigou a erguê-la.

— Espantoso! — observou Cabeça de Víbora. — Nem mesmo meus melhores pintores teriam conseguido fazer um retrato tão bom da garota. Entediado, pegou um palito de prata e começou a palitar os dentes. — Mortola disse que você é uma bruxa, é verdade?

— É! — respondeu Meggie e olhou-o diretamente nos olhos. Agora ela veria se as palavras de Fenoglio se tornariam realidade mais uma vez. Se pudesse ter lido até o final! Ela lera bastante, mas sentia sob seu vestido as palavras que ainda estavam à espera. "Esqueça-as, Meggie", pensou. "Agora você precisa tornar verdadeiras as palavras que já leu, e esperar que Cabeça de Víbora também faça o seu papel."

— É verdade? — repetiu Cabeça de Víbora. — Então você admite? Não sabe o que costumo fazer com bruxas e com magos? Mando queimá-los.

As palavras. Ele falava as palavras de Fenoglio. Exatamente como ele as pusera em sua boca. Exatamente como ela lera algumas horas antes no sanatório.

Meggie sabia o que deveria responder. As palavras lhe vinham à mente de forma totalmente natural, como se fossem palavras dela e não de Fenoglio. Meggie olhou para Basta e para o outro homem, Fenoglio nada escrevera sobre eles, mas assim mesmo a resposta combinava perfeitamente.

— Os últimos que foram queimados — ela disse com voz calma — foram os seus homens. Neste mundo, só existe um homem que dá ordens ao fogo, e não é você.

Cabeça de Víbora fitou-a, espreitando como um gato gordo que ainda não sabia como tornar mais divertida a brincadeira com o rato que acabara de pegar.

— Ah! — disse com sua voz pesada e pegajosa. — Você deve estar falando de Dançarino do Fogo. Ele gosta de andar com salteadores e caçadores clandestinos. Você acha que ele virá para tentar salvá-la? Então eu poderia finalmente alimentar com ele o fogo que supostamente o obedece tão bem.

— Ninguém precisa me salvar — retrucou Meggie. — Eu viria até aqui de qualquer forma. Mesmo que você não tivesse mandado me buscar.

Gargalhadas ecoaram entre as colunas de prata. Cabeça de Víbora, porém, apoiou-se na mesa e examinou-a sem dissimular sua curiosidade.

— Não diga! — ele disse. — É mesmo? Por quê? Para me implorar que liberte o seu pai? Pois esse salteador é o seu pai, não é? Pelo menos é o que afirma Mortola. Ela até mesmo afirma que prendemos também a sua mãe.

Mortola! Fenoglio não pensara nela. Não a mencionara com uma só palavra, mas ela estava ali, com seu olhar de gralha. "Não pense nisso, Meggie. Fique fria! Fique fria até no coração, como naquela noite em que você evocou Sombra." Mas de onde tirar a resposta certa agora? "Improvise, Meggie, como uma atriz que esqueceu o texto", ela pensou. "Vamos! Procure suas próprias palavras e simplesmente as misture entre as que Fenoglio escreveu, como um novo tempero."

— A gralha tem razão — ela retrucou a Cabeça de Víbora. — E de fato sua voz soou tranquila e firme, e não como se seu coração batesse em seu peito como um animalzinho acuado. — Você prendeu o meu pai depois que ela quase o matou, e a minha mãe é prisioneira em suas masmorras. Apesar disso, não estou aqui para lhe pedir clemência. Quero lhe propor um pacto.

— Ora, vejam só o que está dizendo a pequena bruxa! — a voz de Basta estava trêmula de ódio. — Por que simplesmente não a corto em fatias finas para o senhor alimentar os seus cães?

Mas Cabeça de Víbora não lhe deu atenção. Não tirava os olhos do rosto de Meggie, como se buscasse nele aquilo que ela não dizia. "Pense em Dedo Empoeirado", ela pensava. "Ele não deixa os outros perceberem o que está pensando ou sentindo. Tente! Não pode ser tão difícil."

— Um pacto? — Cabeça de Víbora pegou a mão de sua esposa, como se acabasse de tê-la descoberto ao lado de seu prato. — O que você quer negociar que eu simplesmente não possa tomar para mim?

Seus homens riram. E Meggie tentou não dar atenção ao fato de seus dedos estarem dormentes de medo. Eram novamente as palavras de Fenoglio que saíam de seus lábios. Palavras que ela lera em voz alta.

— Meu pai — ela prosseguiu com voz a muito custo controlada — não é um salteador. É um encadernador de livros e um mago. E o único que não teme a morte. Os barbeiros não lhe disseram que o seu ferimento era mortal? Nada pode matá-lo. Mortola tentou, e ele morreu? Não. Trouxe Cosme, o Belo, de volta, embora as Damas Brancas já o tivessem entregado para a Morte e, se você libertá-lo e a minha mãe, também não precisará mais ter medo delas, pois meu

pai — Meggie não teve pressa em dizer as últimas palavras — meu pai pode tomá-lo imortal.

Um grande silêncio se espalhou pelo salão.

Até que a voz de Mortola cortou o silêncio.

É mentira! — exclamou. — A pequena bruxa está mentindo! Não acreditem numa palavra do que ela diz. É a sua língua, a sua língua enfeitiçada. É a sua única arma. Seu pai pode muito bem morrer, oh, se pode! Tragam-no aqui e lhes provarei. Eu mesma o matarei, diante dos seus olhos, e desta vez não falharei!

Não! O coração de Meggie bateu acelerado como se quisesse pular para fora de seu peito. O que ela fizera? Cabeça de Víbora olhou para ela, mas, quando finalmente falou, parecia sequer ter ouvido as palavras de Mortola.

— Como? Como o seu pai cumpriria o que você está prometendo? Ele já estava pensando na próxima noite. Meggie viu em seus olhos.

Pensava no medo que esperava por ele: ainda maior do que na noite anterior, ainda mais implacável.

Meggie inclinou-se sobre a mesa cheia de travessas. Ela pronunciava as palavras como se as lesse mais uma vez.

— Meu pai confeccionará um livro para você! — Meggie falou tão baixo que, além de Cabeça de Víbora, no máximo sua frágil esposa pôde ouvir. —

Confeccionará um livro com a minha ajuda, um livro com quinhentas páginas em branco. Ele será encadernado com madeira e couro e receberá um fecho de latão. Na primeira página, você escreverá o seu próprio nome. Em agradecimento, porém, você deixará meu pai partir assim que ele lhe entregar o livro e, junto com ele, libertará todos aqueles cuja vida ele exigir, e você esconderá o livro num lugar que apenas você conhece, pois, enquanto esse livro existir, você será imortal. Nada poderá matá-lo, nenhuma doença, nenhuma arma, contanto que o livro permaneça intacto.

— Não diga! — Cabeça de Víbora fitou-a com seus olhos injetados. Seu hálito tinha um cheiro doce, como de um vinho muito forte. — E se alguém queimá-lo ou rasgá-lo? O papel não é tão resistente como a prata.

— Você terá que cuidar bem dele — respondeu Meggie em voz baixa. "E assim mesmo ele o matará", acrescentou em pensamento. Era como se ela ouvisse sua própria voz ler mais uma vez as palavras de Fenoglio (como havia sido bom saboreá-las em sua língua!): *Mas uma coisa a garota não contou a Cabeça de Víbora: que o livro poderia torná-lo imortal, mas também matá-lo, bastando para isso que alguém escrevesse três palavras em suas páginas brancas: coração, sangue, morte.*

— O que ela está cochichando aí? — Mortola havia se levantado e apoiava seus punhos nodosos sobre a mesa. — Não lhe dê ouvidos! — ela disse rispidamente para Cabeça de Víbora. — Ela é uma bruxa e uma mentirosa! Quantas vezes terei que lhe dizer? Mate-a, a ela e ao pai dela, antes que o matem! Provavelmente o velho escreveu todas as palavras, o velho do qual lhe contei!

Pela primeira vez, Cabeça de Víbora virou-se para ela e, por um momento, Meggie temeu que ele acreditasse em Mortola. Então ela viu a ira em seu rosto.

— Fique quieta! — ele ralhou com a gralha. — Talvez Capricórnio a escutasse, mas ele se foi, assim como Sombra, que o tornava poderoso, e você somente é tolerada nesta corte porque me prestou alguns serviços! Mas não quero ouvir sua ladainha sobre feitiços e velhos que dão vida às palavras. Mais uma palavra e você volta para o lugar de onde veio: junto com as criadas na cozinha.

Mortola ficou branca como se não tivesse mais sangue nas veias.

— Eu o adverti! — ela disse com voz rouca. — Não se esqueça disso!

Então, com o rosto petrificado, ela se sentou de novo em seu lugar. Basta lançou-lhe um olhar apreensivo, mas Mortola não lhe deu atenção. Somente fitava Meggie, tão cheia de ódio que ela teve a sensação de que o olhar da gralha queimaria seu rosto.

Cabeça de Víbora, porém, espetou com a faca um dos passarinhos fritos que estavam diante dele numa travessa de prata e enfiou-o prazerosamente entre os lábios. Pelo jeito, a briga com Mortola estimulara seu apetite.

— Será que a entendi bem? Você ajudará o seu pai no trabalho? — ele perguntou ao cuspir os ossinhos na mão de um criado que se aproximara apressadamente. — Isso significa que ele ensinou sua arte a sua filha, como um mestre costuma fazer com seu filho? Você deve saber que isso é proibido em meu reino, ou não?

Meggie olhou para ele sem medo. Também essas palavras haviam saído da pena de Fenoglio, cada uma delas, e ela sabia o que Cabeça de Víbora diria a seguir, pois ela também lera...

— A pena que costumo impingir aos artesãos que violam essa lei, minha linda criança — ele prosseguiu — é mandar cortar sua mão direita. Mas está bem. Neste caso, farei uma exceção. Porque será em meu próprio proveito.

"Ele está consentindo", pensou Meggie. "Vai me deixar ver Mo, como Fenoglio planejou." A felicidade a encorajou.

— A minha mãe — ela disse, embora Fenoglio nada tivesse escrito a respeito. — Ela também pode ajudar, assim terminaríamos mais depressa.

— Não, não! — Cabeça de Víbora riu tão prazerosamente como se a decepção nos olhos de Meggie lhe desse mais prazer do que tudo o que esperava por ele nas travessas de prata. — A sua mãe continuará na masmorra, como um pequeno estímulo para vocês dois trabalharem depressa. — Impaciente, ele fez um sinal para Raposa Vermelha. — O que está esperando? Leve-a até o pai dela! E diga ao bibliotecário que deve providenciar ainda esta noite tudo o que um encadernador precisa para o seu trabalho.

— Até o pai dela? — Raposa Vermelha segurou o braço de Meggie, mas não saiu do lugar. — Mas o senhor não acreditou nessa baboseira de bruxa, não é?

Meggie quase se esqueceu de respirar. O que estava acontecendo? Nada do que ela lera. Nenhum pé mais se movia no salão, os próprios criados permaneciam onde estavam, era como se fosse possível pegar o silêncio com a mão. Mas Raposa Vermelha prosseguiu: — Um livro no qual se prende a morte! Só uma criança acreditaria numa história dessas, e foi uma criança que a inventou para salvar o seu pai. Mortola tem razão. Enforque-o de uma vez antes que os camponeses comecem a debochar de nós! Capricórnio já o teria feito.

— Capricórnio? — Cabeça de Víbora cuspiu o nome como fizera com os ossinhos na mão do criado. Ele não olhou para Raposa Vermelha ao falar, mas seus dedos gordos fecharam-se em punho sobre a mesa. — Desde que Mortola voltou tenho ouvido muito esse nome. Mas, que eu saiba. Capricórnio está morto. Até mesmo sua bruxa preferida não conseguiu impedir. E você, Raposa Vermelha, parece ter esquecido quem é o seu senhor. Eu sou Cabeça de Víbora! Minha família reina sobre estas terras há mais de sete gerações, e o seu antigo senhor era apenas o filho bastardo de um ferreiro coberto de fuligem! Você era um incendiário, um assassino, nada mais, e eu o tornei meu arauto. Um pouco de gratidão cairia bem, penso eu, ou gostaria de procurar um novo senhor?

O rosto de Raposa Vermelha ficou quase tão vermelho quanto seus cabelos.

— Não, Alteza — disse em tom quase inaudível. — Não, não gostaria.

— Muito bem! — Cabeça de Víbora espetou mais um passarinho.

Aos montes, como castanhas, esperavam na travessa de prata. — Então faça o que eu disse. Leve a menina até o pai dela e providencie para que logo comecem a trabalhar. Vocês trouxeram esse barbeiro, Mocho, como ordenei?

Raposa Vermelha fez que sim com a cabeça sem olhar para o seu senhor.

— Muito bem. Mande-o ver o pai dela duas vezes por dia. Queremos que o nosso prisioneiro seja bem cuidado, entendido?

— Entendido — respondeu Raposa Vermelha com voz rouca.

Ele não olhou para a esquerda nem para a direita quando arrastou Meggie para fora do salão. Todos os olhares a seguiam, e se esquivavam quando ela devolvia o olhar. Bruxa. Ela já havia sido chamada assim uma vez, na aldeia de Capricórnio. Talvez fosse verdade. Naquele momento, Meggie se sentia poderosa, tão poderosa como se todo o Mundo de Tinta obedecesse à sua língua. "Estão me levando até Mo", pensou. "Estão me levando até ele. E para Cabeça de Víbora isso será o começo do fim." Mas, quando o criado fechou as portas do salão atrás deles, um soldado se pôs no caminho de Raposa Vermelha.

— Mortola mandou um recado! — disse. — É para revistar a garota e procurar por uma folha de papel ou alguma coisa escrita. Ela disse para procurar primeiro nas mangas, onde ela já escondeu alguma coisa uma vez.

Antes que Meggie entendesse tudo, Raposa Vermelha já a havia segurado e erguido grosseiramente suas mangas. Como ali nada encontrou, ele quis pôr a mão em seu vestido, mas ela empurrou suas mãos de volta e tirou ela mesma o pergaminho. Raposa Vermelha arrancou-o de seus dedos, por um momento olhou para as letras com o olhar desentendido de um homem que não sabia ler e, sem dizer uma palavra, entregou o pergaminho ao soldado.

Meggie estava tonta de medo quando ele continuou a arrastá-la. O que aconteceria se Mortola mostrasse a folha para Cabeça de Víbora? O quê, se... o quê, se...?

— Agora ande! — rosnou Raposa Vermelha e empurrou-a escada acima. Como que entorpecida, Meggie cambaleou pelos degraus íngremes. "Fenoglio", pensou, "Fenoglio, ajude-me. Mortola sabe do nosso plano."

— Pare! — Raposa Vermelha puxou brutalmente seus cabelos. Quatro

soldados, em armaduras, vigiavam a porta trancada com três fechaduras. Com a cabeça, Raposa Vermelha fez um sinal ordenando-lhes que abrissem.

"Mo!", pensou Meggie. "Estão me levando até ele de verdade." E este pensamento apagou todos os outros. Até mesmo aquele sobre Mortola.

60. Fogo na parede

E vede! Eis que na branca parede Uma mão de forma humana surgiu E escreveu, escreveu na branca parede Letras de fogo, e escreveu e sumiu.

Heinrich Heine, *Belsazar*

Estava silencioso nos corredores largos e escuros quando Dedo Empoeirado e Farid penetraram no Castelo da Noite. Apenas a cera de milhares de velas pingava nos ladrilhos de pedra, cada um dos quais exibia o brasão de Cabeça de Víbora. Criados passavam por eles com passos leves, cabeça abaixada. Vigias estavam postados ao longo de corredores intermináveis e diante de portas tão altas que pareciam ter sido construídas para gigantes e não para pessoas. Todas ostentavam, em escamas de prata, o animal do brasão de Cabeça de Víbora, a cobra preparando o bote, e ao lado das portas havia espelhos enormes, diante dos quais Farid sempre parava para se certificar no metal polido de que estava de fato invisível.

Dedo Empoeirado fez uma chama do tamanho de uma bolota de carvalho dançar em sua mão para que o garoto pudesse segui-lo. Numa das salas pelas quais passaram, criados carregavam iguarias cujo aroma fez Dedo Empoeirado lembrar-se dolorosamente de seu estômago invisível e quando, silencioso como a serpente de Cabeça de Víbora, avançou entre os homens, ouviu que falavam com voz abafada de uma jovem bruxa e de um pacto que salvaria Gaio da forca. Invisível como suas vozes, Dedo Empoeirado escutou-os e não sabia ao certo que sentimento era mais forte dentro dele: o alívio por saber que as palavras de Fenoglio se tornavam realidade mais uma vez ou o medo das palavras e dos fios invisíveis que o velho tramava, fios que deveriam capturar o próprio Cabeça de Víbora e fazê-lo sonhar com a imortalidade, quando Fenoglio já havia escrito

sua morte. Mas Meggie teria lido realmente as palavras mortais antes de ser levada?

— E agora? — sussurrou Farid. — Você ouviu? Trancaram Meggie com Língua Encantada numa torre! Como vou chegar lá? Como sua voz tremia. Céus, o amor era uma praga. Quem afirmava algo diferente nunca sentira o maldito tremor no coração.

— Esqueça! — sussurrou Dedo Empoeirado para o garoto. As masmorras na torre têm portas firmes pelas quais você não pode passar, nem mesmo invisível. Além disso, lá em cima deve estar fervilhando de guardas. Afinal, ainda acreditam que prenderam Gaio. É melhor você se enfiar na cozinha e escutar os criados e as empregadas, é sempre ali que se fica sabendo das coisas mais interessantes. Mas tenha cuidado! Vou repetir mais uma vez: invisível não significa imortal.

— E você?

— Vou me arriscar nas masmorras, nos subterrâneos do castelo, onde estão Mocho e a mãe de Meggie. Está vendo aquele balofo de mármore ali? Deve ser algum antepassado de Víbora. Vamos nos reencontrar ali. E não pense em me seguir! Farid?

Mas o garoto não estava mais ali. Dedo Empoeirado reprimiu um palavrão. Que pelo menos ninguém ouvisse seu coração apaixonado bater!

Era um longo e escuro caminho até a masmorra. Uma das curandeiras que trabalhavam para Mocho lhe descrevera onde ficava a entrada. Nenhum dos vigias postados no caminho sequer virou a cabeça quando Dedo Empoeirado se esgueirou entre eles. Dois deles montavam guarda diante do corredor em cujo

final ficava a porta que dava passagem para os subterrâneos, para as entranhas mortais do Castelo da Noite, que digeriam pessoas como um estômago de pedra e, de vez em quando, expeliam alguns mortos. Também diante da porta pela qual ninguém queria passar, destacava-se a figura de uma víbora, porém ali a serpente de prata enroscava-se numa caveira.

Os guardas discutiam entre si, o motivo era Raposa Vermelha, mas Dedo Empoeirado não teve tempo de escutar. Ficou contente que os dois estivessem ocupados um com o outro quando passou furtivamente por eles. A porta rangeu baixinho quando ele a abriu, justamente o necessário para passar apertado, e seu coração quase parou, mas os guardas não se viraram. O que ele não daria para ter um coração destemido como Farid, mesmo que isso o tornasse imprudente.

Atrás da porta estava tão escuro e tenebroso que ele evocou o fogo, bem a tempo de evitar que seus pés invisíveis tropeçassem pela escada íngreme de degraus gastos. Desespero e medo vieram ao seu encontro como uma névoa subindo das profundezas. Diziam que a escada descia tão fundo na montanha quanto as torres se erguiam no céu, mas Dedo Empoeirado nunca havia encontrado alguém que pudesse confirmar a história. De seus conhecidos que haviam sido levados para lá, ele não voltara a ver nenhum com vida.

"Dedo Empoeirado, Dedo Empoeirado", pensou antes de iniciar a descida, "este é um caminho muito perigoso só para cumprimentar dois velhos amigos, ainda mais que a sua visita não vai lhes servir de muita coisa." Mas tudo bem, durante muitos anos ele andara atrás de Mocho, como Farid agora fazia com ele, e quanto a Resa... talvez tivesse pensado em seu nome por último para convencer a si mesmo de que não era por causa dela que descia aquela escada mil vezes amaldiçoada.

Infelizmente, passos invisíveis também faziam barulho, mas por sorte apenas uma vez veio alguém ao seu encontro. Eram três guardas e passaram tão perto que ele sentiu no rosto seu bafo de alho e por um triz não deu um encontrão no

mais gordo antes de conseguir se encolher contra a parede. No restante da escura descida, não encontrou ninguém. Nas paredes de pedras grosseiramente assentadas, tão diferentes das paredes lisas lá em cima do lado de fora do castelo, ardiam tochas a uma distância de alguns metros umas das outras. Por duas vezes Dedo Empoeirado passou por uma câmara em que havia guardas sentados, mas nem ao menos ergueram a cabeça quando ele passou, furtivo, mais silencioso do que uma lufada de ar e igualmente invisível.

Quando por fim a escada acabou, ele quase topou com um carcereiro que ia e voltava, com uma expressão entediada, pelo corredor iluminado por velas. Passou silenciosamente, espiou dentro de celas que quase não eram mais do que um buraco, baixas demais para alguém ficar em pé, e outras grandes o suficiente para encarcerar cinquenta homens. Não devia ser difícil simplesmente esquecer um prisioneiro ali embaixo, e o coração de Dedo Empoeirado ficou apertado quando imaginou como Resa deveria se sentir naquela escuridão. Durante tantos anos, ela fora prisioneira repetidas vezes, e também daquela vez sua liberdade mal durara um ano.

Ele ouviu vozes e foi atrás delas, desceu mais uma passagem, então elas ficaram mais altas. Um homem veio ao seu encontro, baixo e calvo. Ele passou tão perto que Dedo Empoeirado prendeu a respiração, mas o outro não o notou, murmurou alguma coisa sobre mulheres idiotas e desapareceu numa virada do corredor. Dedo Empoeirado pressionou as costas contra a parede úmida e escutou. Alguém chorava... uma mulher, e uma outra falava com ela tentando tranquilizá-la. Havia apenas uma cela no final do corredor, um buraco escuro com grades, ao lado do qual ardia uma tocha. Como passaria pelas malditas grades? Ele se aproximou ao máximo das barras. Ali estava Resa, acariciando os cabelos de uma outra mulher num gesto de consolo, e Dois Dedos, sentado ao lado, tocava uma melodia triste numa pequena flauta. Nenhum homem com dez dedos sabia fazer isso tão bem quanto ele com seus sete. Os demais, Dedo Empoeirado não conhecia, nem as mulheres que estavam sentadas com Resa, nem os outros homens. De Mocho, nem sinal. Para onde o teriam levado? Acaso o teriam trancado junto com Língua Encantada?

Ele olhou ao redor, escutou. Em algum lugar, um homem ria, provavelmente um dos carcereiros. Dedo Empoeirado pôs um dedo na tocha ardente, sussurrou palavras de fogo, até que uma chama pulou na ponta de seus dedos como um pardal bicando migalhas. Quando mostrara a Farid como podia escrever seu nome com fogo numa parede, os olhos negros do garoto quase haviam saltado das órbitas. Mas era muito fácil. Dedo Empoeirado enfiou a mão através da grade e passou o dedo pela pedra áspera. Quando terminou de escrever *Resa*, viu como Dois Dedos deixou a flauta cair e ficou olhando para as letras de fogo. Resa virou-se. Céus, como ela estava triste! Ele deveria ter chegado antes. Era bom que sua filha não a visse naquele estado.

Ela se levantou, deu um passo em direção ao seu nome e hesitou. Dedo Empoeirado traçou com o dedo uma linha de fogo, como uma seta, que apontava para ele. Ela se aproximou da grade, olhou para o ar vazio, perplexa.

— Sinto muito — ele sussurrou. — Hoje não vai dar para você ver o meu rosto. Mas continua com as mesmas cicatrizes.

— Dedo Empoeirado?

Ela estendeu a mão no ar vazio e ele a segurou com seus dedos invisíveis. Era verdade, ela falava! Príncipe Negro havia lhe contado que ela podia falar, mas ele não havia acreditado.

— Que voz bonita! — sussurrou. — Sempre a imaginei de uma forma parecida. Quando você a recuperou?

— Quando Mortola atirou em Mo.

Dois Dedos continuava a olhar em sua direção. A mulher que Resa estava consolando também se virou para eles. Enquanto ela não dissesse nada...

— Como você está? — ela sussurrou. — Como está Meggie?

— Bem. Com certeza, melhor do que você. Ela e o escritor se juntaram para fazer esta história virar para o bem.

Com uma mão, Resa segurou a barra da grade e, com a outra, a mão dele.

— Onde ela está agora?

— Provavelmente com o pai dela. — Ele viu o horror no rosto dela. — Sim, sei, ele está lá em cima na torre, mas ela quis assim. Tudo faz parte do plano que Fenoglio tramou.

— Como ele está? Como está Mo?

O ciúme ainda mordia, o coração era mesmo uma coisa muito boba.

— Parece que está melhor e, graças a Meggie, não será enforcado por enquanto, portanto, não fique tão triste. Sua filha e Fenoglio planejaram algo realmente inteligente para salvá-lo. A ele, a você e aos outros...

Passos se aproximavam. Dedo Empoeirado soltou a mão de Resa e recuou, mas os passos distanciaram-se novamente.

— Você ainda está aqui? — Os olhos de Resa procuraram na escuridão.

— Estou — Ele envolveu novamente os dedos dela com sua mão. — Ultimamente temos nos encontrado apenas em masmorras! De quanto tempo seu marido precisa para encadernar um livro?

— Um livro?

Ele ouviu passos novamente, mas desta vez desapareceram mais depressa.

— Sim, um livro. É uma história maluca, mas como Fenoglio a escreveu e sua filha a leu, certamente vai acontecer de verdade.

Ela estendeu a mão pela grade até que seus dedos encontraram o rosto de Dedo Empoeirado.

— Você está realmente invisível! Como faz isso? — ela soou curiosa como uma menininha. Resa sentia curiosidade por tudo o que não conhecia. Ele sempre amara isso nela.

— É só um velho truque de fadas!

Ela passou os dedos na face marcada por cicatrizes. "Por que você não pode ajudá-la, Dedo Empoeirado? Ela ainda vai enlouquecer aqui embaixo!" E se ele dominasse um dos guardas? Mas ainda havia a escada, a escada infindável, e depois o castelo, o pátio enorme e o cimo descalvado da montanha, sem um

lugar para se esconder, sem uma árvore para ocultá-los. Apenas pedras e soldados.

— E a sua mulher? — A voz dela era realmente bonita. — Você a reencontrou?

— Sim.

— O que contou para ela?

— Sobre o quê?

— Sobre o tempo em que esteve fora.

— Nada.

— Eu contei tudo a Mo.

Sim, ele supunha que ela o tivesse feito.

— Bem, Língua Encantada sabe do que você está falando, mas Roxane dificilmente teria acreditado, não é?

— Não, provavelmente não. — Por um momento, ela abaixou a cabeça como se rememorasse, como se rememorasse o tempo sobre o qual ele não podia

contar. — Príncipe Negro me disse que você também tem uma filha — ela sussurrou. — Por que nunca me falou sobre ela?

Dois Dedos e a mulher com o rosto choroso continuavam a olhar na direção deles. Dedo Empoeirado torceu para que pensassem ter imaginado as letras de fogo. Na parede, via-se apenas uma suave marca de fuligem e, afinal, nas masmorras era comum que as pessoas começassem a falar com o ar.

— Eu tinha duas filhas. — Dedo Empoeirado sobressaltou-se quando em algum lugar alguém gritou. — A mais velha tem a idade de Meggie, mas está de mal comigo. Ela quer ouvir onde estive durante esses dez anos. Talvez você conheça uma história bonita que eu possa contar a ela.

— E a segunda?

— Está morta.

Resa ficou calada e apertou a mão dele.

— Sinto muito.

— Também sinto.

Ele se virou. Um dos carcereiros estava na entrada do corredor, gritou algo para o outro e continuou arrastando os pés com cara mal-humorada.

— Três, talvez quatro semanas! — sussurrou Resa. — É o tempo de que Mo precisaria, dependendo da espessura do livro.

— Que bom, não é tão ruim assim. — Ele passou a mão pela grade e acariciou os cabelos dela. — Algumas semanas não são nada em comparação com todos os anos na casa de Capricórnio, Resa! Pense nisso toda a vez que tiver vontade de bater a cabeça contra a grade. Prometa-me.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Diga a Meggie que estou bem! — ela sussurrou. — E diga a Mo, está bem? Você ainda vai falar com ele, não é?

— Claro! — mentiu Dedo Empoeirado.

Que mal poderia fazer prometer isso a ela? O que mais ele podia fazer para ajudá-la? A outra mulher começou a soluçar novamente. Seu choro ecoou nas paredes mofadas, mais e mais alto.

— Mas de novo! Silêncio! Pela última vez, cale essa maldita boca! Dedo Empoeirado encostou-se na parede quando o carcereiro se aproximou. Era um sujeito gordo, um verdadeiro brutamontes, e Dedo Empoeirado prendeu a respiração quando ele parou bem ao seu lado. Por um instante terrível, Dois Dedos olhou diretamente em sua direção, como se pudesse vê-lo, mas então seus olhos se moveram novamente e vasculharam a escuridão, talvez em busca de outras letras de fogo na parede.

— Cale a boca!

Resa tentou acalmar a mulher quando o vigia bateu com o bastão na grade.

Dedo Empoeirado quase não tinha mais para onde se encolher. A mulher que chorava pressionou o rosto na saia de Resa, e o vigia virou-se com um grunhido e foi embora novamente arrastando os pés. Dedo Empoeirado esperou até que seus passos silenciassem antes de voltar para a grade. Resa estava ajoelhada ao lado da mulher, que continuava com o rosto em sua saia, e falava baixinho com ela.

— Resa! — ele sussurrou. — Preciso ir. Trouxeram um homem velho para cá esta noite? Um barbeiro, Mocho é como ele se chama.

Ele se aproximou da grade mais uma vez.

— Não — ela sussurrou. — Mas os carcereiros falaram de um barbeiro que está preso e que precisa tratar de alguém no castelo antes de o prenderem junto conosco.

— Deve ser Mocho. Mande lembranças a ele.

Era difícil deixá-la sozinha na escuridão. Ele gostaria de tê-la libertado de sua gaiola, como fazia com as fadas nos mercados, mas Resa não poderia fugir dali voando.

No pé da escada, dois carcereiros zombavam do carrasco de quem Raposa Vermelha gostava de tomar o trabalho. Dedo Empoeirado passou por eles ágil como um lagarto, mas assim mesmo um deles virou-se com uma expressão

perturbada. Talvez tivesse sentido o cheiro do fogo que Dedo Empoeirado trazia como um segundo manto.

61. Na torre do Castelo da Noite

Você nunca sairá da mesma maneira que entrou.

Francis Spufford, *A criança que os livros construíram*

Mo estava dormindo quando trouxeram Meggie. Somente a febre o fazia dormir, ela embotava os pensamentos que o mantinham acordado horas a fio, dia após dia, enquanto escutava as batidas de seu próprio coração na cela ventilada em que o haviam trancafiado no alto de uma torre de prata. A lua ainda brilhava através das grades das janelas quando ele foi despertado por passos se aproximando.

— Acorde, Gaio!

O clarão de uma tocha iluminou a cela, e Raposa Vermelha empurrou uma figura magra pela porta.

Resa? Que sonho era aquele? Um sonho bom, para variar?

Mas não era sua mulher quem haviam trazido. Era sua filha. Mo sentou-se com dificuldade. Ele sentiu o gosto das lágrimas de Meggie quando ela o abraçou tão forte que o fez perder o fôlego de dor. Meggie. Eles a haviam pegado também.

— Mo? Diga alguma coisa! — ela pegou a mão dele, olhou preocupada para o seu rosto. — Como você está? — sussurrou.

— Olha só, quem diria! — disse Raposa Vermelha em tom de deboche. — Gaio tem realmente uma filha. Evidentemente logo ela lhe contará que está aqui por livre vontade, como já quis fazer Cabeça de Víbora acreditar. Ela fez um pacto com ele, um pacto para salvar o seu pescoço. Você precisava ter ouvido a história que ela contou. Com essa lábia, poderia vendê-la aos saltimbancos.

Mo nem ao menos perguntou do que ele estava falando. Estreitou Meggie junto a si quando o guarda trancou a porta atrás de Raposa Vermelha, beijou seus cabelos, sua testa, segurou entre as mãos o rosto que estava tão certo de ter visto pela última vez no estábulo na floresta.

— Meggie, pelo amor de Deus — ele disse enquanto apoiava as costas na parede fria, pois ainda mal agüentava consigo. Ele estava tão contente de que ela estivesse ali. Tão contente e tão desesperado. — Como você foi presa?

— Isso não tem importância. Tudo vai ficar bem, acredite! — Ela passou a mão por cima da camisa dele, onde ainda havia sangue seco. — No estábulo, você parecia tão doente... pensei que não fosse vê-lo nunca mais...

— Pensei isso quando encontrei a carta no seu travesseiro. — Ele enxugou as lágrimas dos cílios dela, como já fizera tantas vezes, durante tantos anos. Como ela estava grande, quase não era mais criança, embora ele ainda visse claramente a menininha. — Meu Deus, como é bom ver você, Meggie. Sei que não deveria dizer isso. Um bom pai diria: querida filha, será que você precisa se deixar prender a cada vez que isso acontece comigo?

Ela teve que rir. Mas ele viu a preocupação em seus olhos. Ela passou os

dedos no rosto dele, como se visse ali uma sombra que não havia antes. Talvez as Damas Brancas tivessem deixado nele a marca de seus dedos, mesmo não o tendo levado consigo.

— Não me olhe assim tão preocupada! Estou melhor, muito melhor, e você sabe por quê. — Ele tirou o cabelo da testa de Meggie, o cabelo que era tão parecido com o de sua mãe. Pensar em Resa doía como um espinho. — Foram palavras poderosas. Foi Fenoglio quem as escreveu para você?

Meggie assentiu com a cabeça.

— Ele escreveu ainda mais! — ela sussurrou em seu ouvido. — Palavras que irão salvá-lo. Você, Resa e todos os outros.

Palavras. Toda a sua vida parecia tecida por elas, sua vida e sua morte.

— Levaram sua mãe e os outros para as masmorras nos subterrâneos do castelo.

Ele se lembrava muito bem das palavras de Fenoglio: *As masmorras do Castelo da Noite, onde o medo aderia como mofo nas paredes e nenhum raio de sol aquecia as pedras negras...* Que palavras poderiam tirar Resa de lá? E ele daquela torre de prata?

— Mo? — Meggie pôs a mão em seu ombro. — Você acha que pode trabalhar?

— Trabalhar? Por quê? — Ele teve que rir. Pela primeira vez havia muito, muito tempo. — Você acha que Cabeça de Víbora esquecerá que pretende me enforcar se eu restaurar os seus livros?

Ele não a interrompeu uma única vez quando ela lhe contou, em voz baixa, o que Fenoglio planejara para a sua libertação. Ele se sentou no colchão de palha, no qual passara deitado as últimas noites e dias contando as marcas que outros infelizes haviam feito nas paredes, e ouviu Meggie. E quanto mais ela contava, mais louco lhe parecia o plano de Fenoglio, mas, quando ela terminou, Mo sacudiu a cabeça — e sorriu.

— Nada bobo! — disse baixinho. — Não, aquela raposa velha realmente não é boba, Fenoglio conhece a sua história.

"Pena que agora Mortola também conheça a versão modificada", acrescentou em pensamento. "E que você tenha sido interrompida antes de terminar de ler." Meggie pareceu, como tantas outras vezes, ler os pensamentos em sua testa. Ele viu em seus olhos. Passou o dedo indicador em seu nariz, como sempre fazia quando ela era pequena, tão pequena que sua mão mal podia envolver o dedo dele. Pequena Meggie, grande Meggie, valente Meggie...

— Céus, você é muito mais corajosa do que eu — disse. — Negociar com Cabeça de Víbora. Isso eu realmente gostaria de ter visto.

Ela o abraçou, acariciou seu rosto cansado.

— Você vai ver, Mo! — sussurrou. — As palavras de Fenoglio sempre se realizam, neste mundo ainda mais do que no nosso. Afinal elas fizeram você sarar, não foi?

Ele apenas concordou com a cabeça. Se tivesse dito alguma coisa, ela teria percebido em sua voz que ele achava difícil acreditar num final feliz. Mesmo quando era mais nova, Meggie sempre percebia imediatamente quando algo o afligia, mas antes era mais fácil distraí-lo com uma brincadeira, um trocadilho, uma história. Ninguém conseguia ver tão facilmente o que se passava no coração de Mo quanto Meggie, com exceção de sua mãe. Resa tinha o mesmo jeito de olhar para ele.

— Você deve ter ouvido por que me trouxeram para cá, não? Dizem que sou um salteador famoso. Você se lembra que sempre brincávamos de Robin Hood?

Meggie fez que sim.

— Você sempre queria ser Robin Hood.

— E você o xerife de Nottingham. Os maus são mais fortes, você sempre dizia. Criança esperta. Sabe como eles me chamam? Você vai gostar do nome.

— Gaio — Meggie quase sussurrou o nome.

— Isso mesmo. O que você acha? Não devo ter muitas esperanças de que o verdadeiro Gaio reivindique o seu nome de volta ainda antes da minha execução, não é?

Com que olhar sério ela o fitou. Como se soubesse de algo que ele não sabia.

— Não existe um outro, Mo — ela disse baixinho. — *Você* é Gaio. — Sem dizer outra palavra, ela pegou o braço dele, ergueu a manga e passou o dedo na cicatriz que Basta havia deixado. — A ferida estava sarando quando estivemos na casa de Fenoglio. Ele lhe deu um unguento para fechar mais depressa, lembra?

Ele não entendeu. Nem uma só palavra.

— Sim, e daí?

— *Você* é Gaio! — ela disse mais uma vez. — Ninguém mais. Fenoglio escreveu as canções sobre ele. São todas inventadas, porque ele achou que faltava um salteador no seu mundo. E usou você como modelo! "Ele dava um salteador bastante nobre em minha fantasia", ele me escreveu.

Levou um bom tempo até que Mo entendesse realmente o sentido dessas palavras. E, de repente, teve que rir. Tão alto que o guarda abriu a janelinha gradeada da porta e olhou para dentro desconfiado. Mo limpou a risada do rosto e olhou fixamente de volta, até que o guarda desapareceu praguejando novamente. Então encostou a cabeça na parede em suas costas e fechou os olhos.

— Sinto muito, Mo — Meggie sussurrou. — Muito. As vezes, Fenoglio é um velho realmente terrível.

— Oh, sim. Isso ele é.

Talvez por isso Orfeu não tivesse tido dificuldades em lê-lo para dentro da história. Porque, de qualquer forma, já estava dentro dela.

— O que você acha? — ele disse. — Devo me sentir honrado ou torcer o velho pescoço de Fenoglio?

Meggie pôs a mão em sua testa.

— Você está muito quente. Deite-se. Precisa descansar. Quantas vezes ele dissera isso para ela, quantas noites se sentara em sua cama: sarampo, catapora, escarlatina... "Meu Deus, Meggie", ele gemera quando ela tivera coqueluche. "Você não poderia deixar de pegar pelo menos uma doença infantil?"

A febre vertia chumbo quente em suas veias e, quando Meggie se inclinou sobre ele, por um momento Mo pensou que Resa estivesse ao seu lado. Mas os cabelos de Meggie eram mais claros.

— Onde estão Dedo Empoeirado e Farid? Estavam com você, não estavam? Também os prenderam? — a febre deixava sua língua pesada.

— Não. Acho que não. Você sabia que Dedo Empoeirado tem uma mulher?

— Sim. Por causa dela é que Basta cortou o rosto dele. Você a viu? Meggie fez que sim.

— Ela é muito bonita. Farid tem ciúmes dela.

— É mesmo? Eu pensei que ele fosse apaixonado por você. Meggie ficou vermelha. Muito vermelha.

— Meggie? — Mo se ergueu. Céus, quando aquela febre desapareceria definitivamente? Ela o deixava fraco como um velho. — Oh, não! — disse baixinho. — Acho que perdi alguma coisa. Minha filha está apaixonada e eu perdi! Mais uma razão para amaldiçoar este maldito livro. Você devia ter ficado com Farid! Eu teria me virado.

— Não teria! Teriam enforcado você.

— Isso ainda pode acontecer. O garoto agora deve estar morrendo de preocupação por sua causa. Coitado. Ele beijou você?

— Mo! — ela virou o rosto envergonhada, mas estava sorrindo.

— Preciso saber. Acho que até mesmo preciso dar minha permissão, não?

— Mo, pare! — Ela deu uma cotovelada nas suas costelas, como sempre fazia quando ele a provocava. E ficou apavorada quando seu rosto se contorceu de dor. — Desculpe — sussurrou.

— Tudo bem, enquanto doer, estou vivo.

O vento trouxe o barulho de cascos. Armas tilintaram e vozes ecoaram pela noite.

— Sabe de uma coisa? — disse Mo baixinho. — Vamos jogar nosso velho jogo. Vamos imaginar que estamos numa outra história. Talvez no condado, onde

é bastante sossegado, ou entre os gansos selvagens, com Wart. O que você acha?

Ela não respondeu. Por um bom tempo. Então pegou a mão de Mo e sussurrou: — Eu gostaria de imaginar que estamos juntos na Floresta Sem Caminhos. Você e eu e Resa. Então eu poderia lhe mostrar as fadas, os elfos de fogo, as Arvores Sussurrantes e... não, espere! A oficina de Balbulus! Sim, é lá que eu gostaria de estar com você. Ele é um iluminador, Mo! No castelo de Ombra! O melhor de todos. Você poderia ver os pincéis e as tintas...

Como ela soou agitada de repente, ainda era capaz de esquecer tudo como uma criança: a porta trancada e as forcas no pátio. Bastava pensar em alguns pincéis muito finos.

— Muito bem — disse Mo e passou mais uma vez a mão em seus cabelos claros. — Como você quiser. Vamos imaginar que estamos no castelo de Ombra. Eu realmente gostaria de ver esses pincéis.



62. E agora?

Sonhei um livro sem limites, Um livro irrestrito, De folhas espalhadas em fantástica abundância. Em cada linha um novo horizonte foi traçado, Novos céus foram especulados; Novos estados, novas almas.

Clive Barker, *Abarat*

Farid já esperava junto à estátua como combinado. Ele se escondera atrás dela, ainda era difícil acreditar que estava invisível, e não conseguira pôr os olhos em Meggie. Dedo Empoeirado percebeu em sua voz. Soou rouca de decepção.

— Consegui entrar na torre. Cheguei a ver a cela, mas ela está simplesmente vigiada demais. E na cozinha disseram que ela é uma bruxa e que irão matá-la junto com seu pai!

— E daí? O que você pensou que diriam? Mais alguma coisa?

— Sim, alguma coisa sobre Raposa Vermelha. Que ele mandará Cosme de volta para a morte.

— Hum. Nada sobre Príncipe Negro?

— Apenas que estão à sua procura, mas ainda não o acharam. Disseram que o urso e ele podem trocar de figura, de forma e que, às vezes, o urso é o príncipe e o príncipe é o urso. E que ele pode voar, ficar invisível e que salvará Gaio.

— E mesmo? — Dedo Empoeirado riu baixinho. — Príncipe Negro vai gostar disso. Muito bem. Venha, hora de dar no pé.

— Dar no pé? — Dedo Empoeirado sentiu como os dedos de Farid agarraram seu braço. — Por quê? Poderíamos nos esconder, o castelo é tão grande, ninguém nos encontraria.

— Ah, é? E o que você quer fazer aqui? Meggie jamais sairia, mesmo que você conseguisse atravessar as grades num passe de mágica. Você se esqueceu do pacto que ela fez com Cabeça de Víbora? Resa disse que demora semanas para fazer um livro. E Cabeça de Víbora não deixará ninguém tocar num fio de cabelo dos dois até ter o livro, certo? Então venha de uma vez! Está na hora de procurar Príncipe Negro. Precisamos contar para ele sobre Pássaro Tisnado.

Lá fora ainda estava tão escuro como se nunca mais fosse voltar a ser dia. Dessa vez saíram pelo portão do castelo junto com um bando de encouraçados. Dedo Empoeirado ficou se perguntando com que destino partiam tão tarde da noite. "Tomara que não seja para caçar Príncipe Negro", pensou e amaldiçoou Pássaro Tisnado por seu coração traidor.

Os cavaleiros partiram a galope, pela estrada que levava da Montanha da Víbora até a floresta. Dedo Empoeirado observou-os se afastar, até que de

repente algo peludo pulou em cima dele. O susto o fez tropeçar numa das forcas. Dois pés balançaram em cima dele. Mas, em seu braço, quem se agarrava era Gwin, tão naturalmente como se o seu dono sempre tivesse sido invisível.

— Mas que droga! — O coração parecia querer sair de seu peito. — Você ainda vai me matar, hein, sua besta-fera? — ele sussurrou entre dentes. — De onde surgiu?

Como resposta, Roxane saiu da sombra do muro do castelo.

— Dedo Empoeirado? — ela sussurrou e buscou seu rosto invisível com os olhos. Sorrateiro apareceu atrás de suas pernas e ergueu o nariz farejador.

— Sim, quem mais? — Ele a arrastou consigo e a pressionou junto ao muro, para que as sentinelas nas ameias não pudessem vê-la. Dessa vez não perguntou por que ela o seguira, tão feliz que estava por tê-la ali. Mesmo que o rosto aliviado de Roxane por um momento o lembrasse do rosto de Resa e da tristeza que havia nele. — Por enquanto não podemos fazer nada aqui — ele sussurrou. — Mas você sabia que Pássaro Tisnado é um visitante bem-vindo no Castelo da Noite?

— Pássaro Tisnado?

— Sim. Más notícias. Volte para Ombra e cuide de Jehan e Brianna. Vou procurar Príncipe Negro e contar-lhe sobre o estranho no ninho.

— E como pretende encontrá-lo? — Roxane sorriu como se pudesse ver seu rosto perplexo. — Não gostaria que eu o levasse até ele?

— Você?

— Sim — No alto, as sentinelas gritaram alguma coisa entre elas. Roxane puxou Dedo Empoeirado para mais perto do muro. — Príncipe Negro se preocupa muito com seu Povo Colorido — ela sussurrou. — E você pode muito bem imaginar que o dinheiro que ele precisa para os velhos e os aleijados, para as viúvas e os órfãos simplesmente não venha das suas apresentações nos mercados. Seus homens são habilidosos caçadores clandestinos e o horror dos coletores de impostos, têm esconderijos por toda a floresta e, muitas vezes, estão doentes ou feridos... Mas Urtiga não quer saber de salteadores, as mulheres do musgo também não, e os salteadores não confiam na maior parte dos barbeiros. Assim, em algum momento, acabam me procurando. Não tenho medo da floresta, já estive nos seus cantos mais sombrios. Feridas de flecha, ossos quebrados, uma tosse ruim, sei como curar tudo isso, e Príncipe Negro confia em mim. Para ele, sempre fui a mulher de Dedo Empoeirado, mesmo quando estava casada com outro. Talvez ele tivesse razão.

— E tinha? — Dedo Empoeirado virou-se sobressaltado. Um pigarro soara na noite.

— Você não disse que precisávamos estar longe daqui antes do nascer do sol? — A voz de Farid tinha um tom de censura.

Com todos os fogos e fadas! Ele se esquecera do garoto. E Farid tinha razão. A manhã não podia mais estar longe, e a sombra do Castelo da Noite certamente não era o melhor lugar para falar sobre maridos falecidos.

— Muito bem. Pegue a marta! — sussurrou Dedo Empoeirado. — Mas tome cuidado e não me dê outro susto destes. Senão nunca mais permitirei que você se

torne invisível novamente.

63. A Toca do Texugo

— Oh, Sara. Isso soa como uma história.

— Isso é uma história. Todos nós estamos numa história. Você, eu, Miss Minchin!

Frances Hodgson Burnett, *A princesinha*

Farid seguiu Dedo Empoeirado e Roxane pela noite com uma expressão no rosto que certamente era tão sombria quanto o céu sobre eles. Doía deixar Meggie no castelo, não importava o quão sensato fosse. E, ainda por cima, agora havia Roxane com eles. Embora ele tivesse que admitir que ela parecia saber exatamente para onde pretendia ir. Logo chegaram ao primeiro esconderijo, bem disfarçado atrás de arbustos espinhentos. Mas estava abandonado. No seguinte, encontraram dois homens. Desconfiados, sacaram os punhais e somente os puseram de volta no cinto depois de Roxane ter falado um bom tempo com eles. Talvez sentissem a presença de Dedo Empoeirado e de Farid apesar da invisibilidade. Felizmente, Roxane havia curado um feio furúnculo de um dos dois, que finalmente lhe disse onde poderia encontrar Príncipe Negro.

Toca do Texugo. Farid pensou ter ouvido duas vezes a palavra.

— Seu esconderijo principal — foi só o que disse Roxane. — Deveremos estar lá quando o dia clarear. Mas eles me advertiram. Deve haver soldados no caminho, muitos soldados.

Desde então Farid pensou ouvir por diversas vezes o retinir de espadas à distância, o resfolegar dos cavalos, vozes, passos em marcha, mas talvez fosse somente sua imaginação. Logo os primeiros raios de sol atravessaram o teto de folhas acima deles, e seus corpos pouco a pouco voltaram a ficar visíveis, como imagens refletidas na água escura. Era bom não ter mais que procurar as próprias mãos e os pés e ver de novo Dedo Empoeirado diante de si. Mesmo que andasse ao lado de Roxane.

De vez em quando, Farid sentia como ela olhava para ele, como se ainda buscasse em seu rosto escuro alguma semelhança com Dedo Empoeirado. Em sua gleba, ela lhe perguntara umas duas vezes sobre sua mãe. Farid teve vontade de lhe dizer que sua mãe havia sido uma princesa, muito, mas muito mais bonita do que Roxane, por quem Dedo Empoeirado havia se apaixonado tanto que ficara com ela dez anos, até que a morte a arrancou de seu lado, deixando-lhe apenas um filho, o filho de pele escura e olhos negros que o seguia como uma sombra. Mas a história não combinava com a idade dele e, além disso, Dedo Empoeirado teria ficado tão terrivelmente furioso se Roxane lhe perguntasse se a história era verdadeira que no final simplesmente respondeu que sua mãe estava morta, o que provavelmente não era mentira. Se Roxane fosse tão boba a ponto de acreditar que Dedo Empoeirado apenas voltara para ela porque perdera sua outra mulher... melhor ainda. Cada olhar que Dedo Empoeirado lançava para Roxane enchia de ciúmes o coração de Farid, até a borda. E se um dia ele ficasse definitivamente com ela, na gleba com os canteiros perfumados? E se não tivesse mais vontade de perambular de mercado em mercado e preferisse ficar com ela, beijá-la e rir com ela, como agora fazia tantas vezes, e ainda por cima esquecesse o fogo e Farid?

A floresta se fechava mais, e o Castelo da Noite parecia apenas um sonho ruim, quando de repente uma dúzia de homens os cercou entre as árvores, homens armados em trajes andrajosos. Surgiram tão silenciosamente que o próprio Dedo Empoeirado não ouviu. Com expressões hostis, empunhavam espadas e punhais e olhavam para os dois corpos ainda quase invisíveis no peito e nos braços.

Ei, Ferrolho, não se lembra de mim? — perguntou Roxane e deu um passo em direção aos homens. — Como vão os seus dedos?

O rosto do homem desanuviou-se. Era um sujeito rude com uma cicatriz no pescoço.

Ah, a feiticeira das ervas. Claro que lembro — ele disse. — O que veio fazer tão cedo na floresta? E que espíritos são esses aí?

Não somos espíritos. Estamos procurando o Príncipe Negro.

Quando Dedo Empoeirado se pôs ao lado de Roxane, todas as armas apontaram para ele.

O que é isso? — Roxane disse em tom áspero. — Olhem para o seu rosto. Nunca ouviram falar de Dançarino do Fogo? Príncipe Negro vai soltar seu urso em cima de vocês quando souber que o ameaçaram.

Os homens cochicharam uns com os outros e examinaram preocupados o rosto de Dedo Empoeirado.

— Três cicatrizes, claras como teias de aranha — sussurrou Ferrolho.

— Sim, já ouvimos falar dele, mas só em canções...

— E quem disse que não se pode acreditar em canções? — Dedo Empoeirado soprou o ar na fria manhã e sussurrou palavras de fogo até que uma chama devorou seu hálito vaporoso. Os salteadores recuaram e olharam para ele como se agora tivessem ainda mais certeza de que era um espírito. Dedo Empoeirado, porém, ergueu as mãos no ar e comprimiu a chama como se não houvesse nada mais fácil. Então se abaixou e esfriou as palmas das mãos na relva úmida de orvalho.

— Viram isso? — Ferrolho olhou para os outros. — Exatamente como Príncipe Negro sempre nos contou. Ele captura o fogo, como vocês capturam um coelho, e fala com ele como se fosse uma amante.

Os salteadores os escoltaram. Farid observou seus rostos com grande desconforto enquanto andava no meio deles. Faziam-no lembrar-se de outros rostos, rostos de uma vida anterior, de um mundo do qual não gostava de se lembrar, e manteve-se o mais perto que pôde de Dedo Empoeirado.

— Tem certeza de que esses sujeitos são homens do Príncipe Negro?

— Dedo Empoeirado perguntou a Roxane em voz baixa.

— Oh, tenho sim — sussurrou em resposta. — Nem sempre ele pode escolher os homens que o seguem.

Farid não achou a resposta muito tranquilizadora.

Os salteadores com os quais Farid vivera tinham cavernas cheias de tesouros, mais suntuosas do que os salões do Castelo da Noite. O esconderijo para onde Ferrolho os levou em nada podia se comparar àquelas cavernas. A entrada,

escondida numa fenda na terra entre altas faias, era tão estreita que quem quisesse entrar ali precisava se encolher e, no corredor atrás dela, até o próprio Farid teve que abaixar a cabeça. A caverna onde ela dava não era muito melhor. Dali saíam outros corredores, que aparentemente levavam para ainda mais fundo no seio da terra.

— Bem-vindos à Toca do Texugo! — disse Ferrolho, enquanto os homens que estavam sentados no chão da caverna os observavam com desconfiança. — Quem disse que apenas Cabeça de Víbora pode escavar a terra? Aqui temos alguns homens que deram duro em suas minas por anos a fio. Desde então, sabem muito bem como se instalar no seio da terra sem que ela caia na nossa cabeça.

Príncipe Negro estava numa caverna afastada das outras, somente na companhia de seu urso, e parecia cansado. Ao ver Dedo Empoeirado, porém, seu rosto se alegrou, e as notícias que traziam não eram tão novas para ele quanto haviam pensado.

— Ah, sim, Pássaro Tisnado — ele disse, enquanto Ferrolho, à menção do nome, fez com o dedo o gesto de cortar o pescoço. — Eu deveria ter me perguntado muito antes como ele conseguia ter aquele pozinho dos alquimistas que usa para seus jogos com o fogo. Com certeza não era com as poucas moedas que ganhava nos mercados. Mas infelizmente só mandei observá-lo após o ataque ao Abrigo Secreto. Ele já se separou dos outros que libertamos e se encontrou com os espiões de Cabeça de Víbora na fronteira. Enquanto as vítimas da sua traição estão nas masmorras do Castelo da Noite. E não posso fazer nada por elas! Estou preso aqui numa floresta fervilhando de soldados. Lá em cima da estrada, Cabeça de Víbora está reunindo as tropas, na estrada para Ombra.

Cosme? — Roxane pronunciou o nome e Príncipe Negro confirmou com a cabeça.

Sim. Já lhe enviei três mensageiros, três avisos. Um voltou para contar que Cosme riu na sua cara. Eu não me lembrava de que ele fosse tão ingênuo. O ano em que ficou fora parece ter lhe roubado o bom senso. Quer fazer guerra contra Cabeça de Víbora com um exército de camponeses. Isso é quase como se nós fôssemos para o campo de batalha. Teríamos melhores chances — disse Ferrolho. Provavelmente. — Príncipe Negro soou tão desanimado que Farid sentiu um aperto no coração. Secretamente, o garoto depositava nele muitas esperanças, muito mais do que nas palavras de Fenoglio, mas o que aquele bando de maltrapilhos entocados feito coelhos na floresta poderia lazer contra o Castelo da Noite?

Levaram comida, e Roxane examinou a perna de Dedo Empoeirado. Ela untou a ferida com uma pasta que, por um momento, fez a caverna cheirar a primavera. E Farid pensar em Meggie. Ele se lembrou de uma história que ouvira ao redor de uma fogueira numa noite fria no deserto. Era sobre um ladrão que havia se apaixonado por uma princesa, ele ainda se lembrava muito bem. Os dois se amavam tanto que podiam falar um com o outro a milhas de distância. Um podia ouvir o pensamento do outro mesmo quando estavam separados por muros, um podia sentir se o outro estava triste ou alegre... mas, por mais que Farid tentasse ouvir dentro de si mesmo, não sentia nada. Na verdade, nem ao menos saberia dizer se Meggie estava viva. Ela parecia estar longe, simplesmente longe, do seu coração, do mundo. Quando enxugou as lágrimas de seu rosto, percebeu que Dedo Empoeirado olhava para ele.

— Preciso descansar esta maldita perna, senão ela não vai sarar nunca — disse em voz baixa. — Mas voltaremos, quando chegar a hora...

Roxane franziu a testa, mas não disse nada. Príncipe Negro e Dedo Empoeirado começaram a falar, tão baixo que Farid precisou se aproximar mais dos dois para entender alguma coisa. Roxane deitou a cabeça no colo de Dedo Empoeirado e logo adormeceu. Farid, porém, enrodilhou-se ao seu lado como um cão, fechou os olhos e escutou os dois homens.

Príncipe Negro queria saber tudo sobre Língua Encantada, se a execução já havia sido marcada, onde ele era mantido preso, como estava seu ferimento...

Dedo Empoeirado contou o que sabia. Também contou sobre o livro que Meggie havia oferecido a Cabeça de Víbora como resgate para o seu pai.

— Um livro que prende a morte? — o Príncipe Negro riu incrédulo. — Agora você deu para acreditar em conto de fadas?

Dedo Empoeirado não respondeu. Nada sobre Fenoglio, nada sobre serem todos eles parte de uma história que um velho homem escrevera. Em seu lugar, Farid também não teria contado. Príncipe Negro certamente não acreditaria que existem palavras que podem definir um destino, palavras que eram como caminhos invisíveis dos quais não havia como escapar.

O urso grunhiu durante o sono, e Roxane virou a cabeça inquieta. Ela segurou a mão de Dedo Empoeirado como se quisesse levá-lo consigo em seus sonhos.

— Você disse ao garoto que voltarão ao castelo — disse Príncipe Negro. — Podem ir conosco.

— Vocês pretendem ir ao Castelo da Noite? Para quê? Acaso pretendem assaltá-lo com alguns homens? Ou contar para Cabeça de Víbora que ele pegou o homem errado? Com isto aqui no nariz? — Dedo Empoeirado pôs a mão sob os cobertores que estavam no chão e segurou uma máscara de pássaro na mão. Penas de gaio costuradas num couro puído. Ele vestiu a máscara em seu rosto marcado por cicatrizes.

— Muitos de nós já usamos essa máscara — disse Príncipe Negro. — E agora querem enforcar um inocente pelos crimes que cometemos. Isso eu não posso permitir! Desta vez é um encadernador de livros. Da última vez, depois que assaltamos um carregamento de prata, enforcaram um carvoeiro somente porque ele tinha uma cicatriz no braço! Sua esposa ainda deve estar chorando.

— Não são apenas os crimes de vocês, a maior parte deles Fenoglio tirou do nada! — a voz de Dedo Empoeirado soou exaltada. — Com os raios. Príncipe Negro, você não pode salvar Língua Encantada. Você morrerá também. Ou acredita seriamente que Cabeça de Víbora o deixará ir caso se apresente como culpado?

— Não, tão bobo assim também não sou. Mas alguma coisa eu preciso fazer.

Príncipe Negro enfiou a mão na boca do urso, como ele fazia tantas vezes, e como sempre, como que por milagre, a mão negra saiu inteira de entre os dentes do urso.

— Sei, sei — suspirou Dedo Empoeirado. — Você e as suas regras não escritas. Nem ao menos conhece Língua Encantada! Como pode morrer por alguém que não conhece?

Por quem você morreria? — rebateu Príncipe Negro. Farid viu como Dedo Empoeirado observou o rosto adormecido de Roxane, e virou-se para ele. Depressa, Farid fechou os olhos.

Você morreria por Roxane — ele ouviu Príncipe Negro dizer.

Talvez sim — disse Dedo Empoeirado e Farid viu através de suas pestanas fechadas como ele passava o dedo nas sobrancelhas castanhas de Roxane. - Mas talvez não. Você tem muitos espiões no Castelo da Noite?

É claro. Criadas da cozinha, estribeiros, alguns guardas, embora sejam muito caros, e, o que é mais útil de tudo, um dos falcoeiros de vez em quando me manda uma notícia por um de seus pássaros espertos. Saberei imediatamente quando o dia de execução for marcado. Desde que você estragou tão completamente a minha punição, Cabeça de Víbora não faz mais essas coisas acontecerem nas praças de mercado ou publicamente no pátio do castelo. De qualquer forma, nunca foi chegado em tais espetáculos. Uma execução é uma ocasião séria para ele. Para um pobre saltimbanco basta a forca diante do portão, isso não causa sensação, mas Gaio morrerá atrás do portão.

— Sim, se a filha dele não abrir esse portão com sua voz — retrucou Dedo Empoeirado. — Com sua voz ou com um livro preenchido com imortalidade.

Farid ouviu Príncipe Negro rir.

— Isso já soa como uma nova canção do Tecelão da Tinta!

— É verdade — respondeu Dedo Empoeirado com voz rouca. Soa totalmente como coisa dele, não é?



64. Tudo perdido

É guerra! É guerra! Oh, anjo de Deus, oponha-te e faça-a cessar!

Infelizmente é guerra — e eu desejo não ser culpado por ela.

Matthias Claudius, *Canção de guerra*

Após alguns dias de repouso, a perna de Dedo Empoeirado estava bem melhor, e Farid contava às duas martas como em breve todos entrariam no Castelo da Noite e salvariam Meggie e seus pais, quando a má notícia chegou à Toca do Texugo. Ela foi levada por um dos homens que observavam a estrada para Ombra. O sangue escorria em seu rosto e ele mal conseguia ficar em pé.

— Estão matando! — ele balbuciava repetidamente. — Estão matando todos.

— Onde? — perguntou Príncipe Negro. — Onde exatamente?

— A menos de duas horas daqui — disse o mensageiro. — Sempre na direção norte.

Príncipe Negro deixou dez homens da Toca do Texugo. Roxane tentou convencer Dedo Empoeirado a ficar também.

— Sua perna nunca vai sarar se você não poupá-la — disse.

Mas ele não lhe deu ouvidos, e assim também ela se juntou à marcha acelerada e silenciosa pela floresta.

Já ouviam o clamor da batalha havia algum tempo, mas ainda não tinham visto nada. Gritos penetravam nos ouvidos de Farid, gritos de dor e os relinchos dos cavalos, estridentes de medo. Em certo momento, Príncipe Negro fez um sinal para que andassem mais devagar. Alguns passos com o corpo abaixado, e diante deles a terra descia íngreme até a estrada que, em algum momento, após muitas milhas, terminava diante dos portões de Ombra. Dedo Empoeirado puxou Farid e Roxane para o chão, embora ninguém estivesse olhando em sua direção. Abaixo deles, centenas de homens lutavam entre as árvores, mas não havia salteadores ali. Salteadores não usavam cotas de malha, armaduras no peito, elmos enfeitados com penas de pavão, raramente tinham cavalos e nunca brasões bordados em mantos de seda.

Dedo Empoeirado estreitou firmemente Roxane junto a si quando ela começou a soluçar. O sol caía atrás das colinas, enquanto os soldados de Cabeça de Víbora matavam os homens de Cosme, um após o outro. Aparentemente a batalha já durava algum tempo. A estrada estava coberta de mortos. Bem perto uns dos outros. Apenas um pequeno grupo ainda se mantinha montado em meio à grande mortandade. O próprio Cosme estava entre eles, o belo rosto desfigurado pela fúria e pelo medo. Por um momento, quase pareceu que esses poucos cavaleiros conseguiriam abrir uma brecha no ataque, mas então Raposa Vermelha passou por eles com um bando de encouraçados, brilhantes como escaravelhos mortíferos. Ceifaram Cosme e sua comitiva como a relva seca, enquanto o sol caía atrás das colinas, tão vermelho como se o sangue derramado se espalhasse no céu. O próprio Raposa Vermelha derrubou Cosme do cavalo com um golpe de sua lança, e Dedo Empoeirado escondeu o rosto nos cabelos de Roxane, como se estivesse cansado de assistir à morte trabalhar. Farid, porém, não virou a cabeça. Com o rosto imóvel, assistia ao massacre e não pôde deixar de pensar em Meggie. Meggie, que provavelmente ainda acreditava que tudo

naquele mundo podia se ajeitar com um pouco de tinta. Ela continuaria a acreditar nisso se seus olhos vissem o que os dele estavam vendo?

Apenas poucos homens de Cosme sobreviveram ao seu príncipe. Não mais de uma dúzia deles fugiu por entre as árvores. Os soldados de Cabeça de Víbora irromperam em brados triunfantes e começaram a pilhar os cadáveres como um bando de abutres em forma de homens. Somente não tiveram o cadáver de Cosme. O próprio Raposa Vermelha enxotou seus soldados, mandou carregarem o belo morto num cavalo e levá-lo dali.

— Por que estão fazendo isso? — sussurrou Farid.

— Por quê? Por que seu corpo é a prova de que, desta vez, está realmente morto! — respondeu Dedo Empoeirado com amargura.

— Sim, com certeza ele está — sussurrou Príncipe Negro. — É provável que alguém que voltou da morte acabe se considerando imortal!

Mas ele não era, nem ele nem seus homens, e agora em quase toda Ombra só há viúvas e órfãos.

Demorou muitas horas até que os soldados de Cabeça de Víbora finalmente partissem dali, carregados com o que haviam conseguido roubar dos mortos. Já estava escuro outra vez quando finalmente se fez silêncio entre as árvores, um silêncio tão grande como somente acontece na presença da morte.

Roxane foi a primeira a buscar um caminho para descer a encosta. Ela não chorava mais. Seu rosto estava petrificado, Farid não saberia dizer se de cólera ou dor. Os salteadores seguiram-na apenas com hesitação, pois entre os mortos já

se encontravam as primeiras Damas Brancas.

65. O dono da história

Eia! Da morte o risco não reduz De ferro o soberbo capuz, E no sangue dos heróis se banha O pior homem, a batalha ganha.

Heinrich Heine, *Valquírias*

Fenoglio vagava entre os mortos quando os salteadores o encontraram. A noite veio, mas ele não sabia qual. Também não sabia quantos dias haviam se passado desde que atravessara os portões de Ombra com Cosme. Só de uma coisa sabia: estavam todos mortos, o marido de Minerva, seu vizinho e o pai do menino que vivia lhe pedindo uma história... Todos mortos. E Fenoglio certamente também estaria, se o seu cavalo não tivesse empinado e o derrubado. Ele rastejara, escondera-se entre as árvores, feito um animal, e assistira à matança.

Desde que os soldados de Cabeça de Víbora haviam partido, ele cambaleava de um cadáver para outro, amaldiçoava a si mesmo, amaldiçoava sua história, amaldiçoava o mundo que havia criado. Quando sentiu a mão em seu ombro, pensou por um momento que Cosme realmente havia ressuscitado, mas era

Príncipe Negro que estava atrás dele.

— O que você quer aqui? — perguntou em tom rude, para Príncipe Negro e os homens que estavam com ele. — Você também quer morrer? Sumam, escondam-se e deixem-me em paz.

Ele bateu em sua testa. Maldita cabeça, que os havia inventado a todos e, com eles, toda a desgraça em que estavam afundados, como num poço escuro e fétido! Ajoelhou-se ao lado de um morto, os olhos abertos voltados para o céu, amaldiçoou terrivelmente a si próprio, Cabeça de Víbora, Cosme e sua pressa... e calou-se abruptamente quando viu Dedo Empoeirado em pé ao lado de Príncipe Negro.

— Você! — balbuciou e ergueu-se cambaleante. — Você está vivo!

Ainda não morreu, embora eu tenha escrito isso — ele segurou o braço de Dedo Empoeirado e agarrou-se firme a ele.

— Pois é, decepcionante, não? — retrucou Dedo Empoeirado ao repelir bruscamente a mão de Fenoglio. — Consola-o saber que, se não fosse Farid, eu provavelmente estaria esticado aqui, tão frio como eles? Afinal, você não previu Farid.

Farid. Ah, sim, o garoto que Mortimer havia tirado da história no deserto. Ele estava ao lado de Dedo Empoeirado e olhava para Fenoglio como se quisesse matá-lo com o olhar. Não, o garoto realmente não fazia parte daquela história. Se alguém o havia enviado para proteger Dedo Empoeirado, ele, Fenoglio, é que não havia sido! Mas isso é que era a tristeza de tudo aquilo! Todo mundo se intrometia em sua história. Desse jeito, como as coisas podiam acabar bem?

— Não estou achando Cosme! — murmurou. — Estou procurando há horas. Algum de vocês o viu?

— Raposa Vermelha mandou levá-lo daqui — respondeu Príncipe Negro. — Provavelmente exibirão o cadáver em público, para que desta vez ninguém possa afirmar que Cosme ainda está vivo.

Fenoglio olhou para ele, até que o urso começou a rugir. Então sacudiu a cabeça repetidas vezes.

— Não entendo! — balbuciou. — Como isso pôde acontecer? Meggie não leu o que escrevi? Roxane não a encontrou?

Desesperado, Fenoglio olhou para Dedo Empoeirado. Ele ainda se lembrava muito bem do dia em que escrevera sua morte. Uma cena muito boa, uma das melhores que já havia inventado.

— Encontrou sim, Roxane entregou a carta a Meggie. Pergunte a ela se não acredita em mim. Embora no momento talvez ela não esteja com muita vontade de falar.

Dedo Empoeirado apontou para a mulher que andava entre os cadáveres. Roxane. Belíssima Roxane. Ela se curvava sobre os mortos, olhava para seus rostos petrificados, até que finalmente se ajoelhou ao lado de um homem do qual uma Dama Branca se aproximava. Rapidamente, ela tapou os ouvidos dele, debruçou-se sobre o seu rosto e acenou para dois salteadores que a seguiam com tochas nas mãos. Não, com certeza, não estava com vontade de falar.

Dedo Empoeirado olhou para Fenoglio. "Por que está olhando para mim com esse olhar de censura?", o escritor quis retrucar. "Afinal, também fui eu que criei a sua mulher!" Mas engoliu as palavras.

— Que bom, então Roxane entregou a carta a Meggie — ele disse em lugar delas. — Mas ela chegou a lê-la em voz alta?

Dedo Empoeirado olhou para ele com repulsa.

— Ela tentou, mas na mesma noite Cabeça de Víbora mandou levá-la ao Castelo da Noite.

— Oh, meu Deus! — Fenoglio olhou ao seu redor. O rosto morto dos homens de Cosme olhavam para ele. — Mas então foi isso! — exclamou. — Pensei que tudo isso tivesse acontecido porque Cosme decidiu partir cedo demais, mas não! As palavras, as minhas belas palavras... Meggie não deve ter lido, senão tudo teria ficado bem!

— Nada teria ficado bem! — a voz de Dedo Empoeirado soou tão cortante que Fenoglio involuntariamente deu um passo para trás. — Nenhum dos que jazem aqui estaria morto se você não tivesse trazido Cosme de volta!

Príncipe Negro e seus homens olharam incrédulos para Dedo Empoeirado. Evidentemente não entendiam do que ele estava falando. Mas Dedo Empoeirado parecia estar bem informado. Meggie havia lhe contado sobre Cosme ou fora o garoto?

— Por que estão olhando assim para ele? — perguntou Farid rispidamente para os salteadores e se pôs ao lado de Dedo Empoeirado. — É exatamente como ele está dizendo! Fenoglio trouxe Cosme de volta da morte. Eu estava lá!

Como os idiotas recuaram! Apenas Príncipe Negro olhou para Fenoglio pensativo.

— Mas que besteira! — exclamou o velho. — Ninguém volta da morte neste mundo! Já imaginou a confusão que seria? Criei um novo Cosme, um Cosme totalmente novo, e tudo teria acabado bem se Meggie não tivesse sido interrompida quando lia! O meu Cosme teria sido um príncipe maravilhoso, um...

Antes que pudesse prosseguir, Príncipe Negro pôs sua mão negra na boca de Fenoglio.

— Agora chega! — ele disse. — Chega de conversa enquanto os mortos estão largados à nossa volta. O seu Cosme está morto, não importa de onde veio, e o homem que pensam ser Gaio por causa de suas histórias talvez em breve também esteja. Você parece gostar de brincar com a morte, Tecelão da Tinta.

Fenoglio quis protestar, mas Príncipe Negro já havia se virado para seus homens.

— Continuem procurando por feridos! — ordenou. — Apressem-se! já está na hora de sairmos desta estrada.

Os sobreviventes não chegavam a duas dúzias, duas dúzias entre centenas de mortos. Quando os salteadores partiram dali com os feridos, Fenoglio seguiu-os

em silêncio, cambaleante, sem perguntar para onde iam.

— O velho está nos seguindo — ouviu Dedo Empoeirado dizer a Príncipe Negro.

— E para onde mais ele poderia ir? — retrucou Príncipe Negro, e Dedo Empoeirado calou-se. Mas manteve distância de Fenoglio. Como se ele fosse a Morte em pessoa.



66. Papel Branco

Fazemos objetos de perene duração, Livros completos que jamais findarão.
Nosso tipógrafo em imprimir absorto Traz à vida o que era papel morto.

Michael Kongehl, *Poema sobre a magia branca*

Quando Mortola mandou abrir a cela de Mo, Meggie contava sobre a festa do Príncipe Porcino, o Príncipe Negro e os malabarismos de Farid com as tochas. Mo pôs a mão no ombro de Meggie num gesto protetor quando os guardas fecharam os trincos do lado de fora e Mortola entrou na cela, ladeada por Basta e Pífaro. A luz do sol poente fazia o rosto de Basta parecer carne de lagosta cozida.

— Vejam só! Que idílio! Pai e filha juntos novamente — zombou Mortola. — Realmente comovente!

— Apressem-se! — sussurrou o guarda através da porta. — Se Cabeça de Víbora souber que deixei vocês entrarem, vou para a canga por três dias.

— Bem, nesse caso, lembre que foi bem pago por isso, não foi? — retrucou Mortola enquanto Basta se aproximava de Mo com um sorriso malévolo.

— Então, Língua Encantada — ele ronronou. — Eu não disse que vocês todos ainda cairiam na nossa rede?

— Você é que parece ter caído na rede de Dedo Empoeirado — retrucou Mo e empurrou depressa Meggie para trás de si, quando Basta em resposta sacou sua navalha.

— Basta! Pare com isso! — ralhou Mortola. — Não temos tempo para seus joguinhos.

Meggie saiu de trás de Mo quando Mortola se aproximou deles. Ela queria mostrar que não tinha medo da gralha (mesmo que isso fosse obviamente apenas uma mentira do orgulho).

— Interessantes as palavras que você escondeu debaixo do vestido — Mortola sussurrou. — Cabeça de Víbora ficou especialmente interessado na parte que fala de três palavras muito especiais. Oh, vejam só como ela está empalidecendo em volta do seu lindo nariz! Sim, sim, Cabeça de Víbora sabe dos seus planos, pombinha, e também sabe que Mortola não é tão boba quanto ele pensava. O livro que você prometeu, porém, infelizmente ele ainda quer ter. O tolo acredita seriamente que vocês dois são capazes de trancar a morte dele num livro. — A gralha torceu o nariz para tamanha idiotice de seu príncipe e chegou mais perto de Meggie.

— Pois é, ele é um cabeça de vento ingênuo, como todos os príncipes!

— sussurrou para Meggie. — Nós duas sabemos disso, não é? Pois as palavras que estavam com você também diziam que Cosme, o Belo, conquistaria este castelo e mataria Cabeça de Víbora. Com a ajuda do livro que o seu pai vai confeccionar para ele. Mas como? Cosme está morto e, desta vez, definitivamente. Agora você me olha assustada, não é, sua bruxa? — Seus dedos beliscaram rudemente as bochechas de Meggie.

Mo quis empurrar sua mão de volta, mas Basta o ameaçou com a navalha.

— A sua língua perdeu o poder mágico, querida! — sussurrou a gralha. — As palavras continuam sendo nada além de palavras. O livro que o seu pai fará para Cabeça de Víbora será apenas um livro vazio. E, quando o Príncipe de Prata finalmente entender isso, nada mais os salvará do carrasco. E Mortola terá finalmente a sua vingança.

Deixe-a em paz, Mortola! — Mo segurou a mão de Mortola, apesar da navalha de Basta. Meggie envolveu seus dedos com firmeza nos dele enquanto os pensamentos se atropelavam em sua cabeça. Cosme estava morto? Pela segunda vez? O que significava aquilo? "Absolutamente nada", ela pensou. "Absolutamente nada, Meggie. Foi apenas porque você não leu as palavras que o protegeriam!"

Mortola pareceu perceber o seu alívio, os olhos da gralha ficaram estreitos como seus lábios.

Ora, ora, isso a preocupa, não é? Você acha que estou mentindo para você? Ou por acaso acredita nesse livro da imortalidade? Sabe de uma coisa? a gralha cravou seus dedos magros no ombro de Meggie. — É apenas um livro, e você e seu pai devem se lembrar do que meu filho costumava fazer com livros! Capricórnio nunca teria sido tão tolo a ponto de confiar sua vida a um livro, mesmo que para isso você tivesse lhe oferecido a imortalidade! Além disso... as três palavras, que supostamente não deveriam ser escritas nele... agora também sei quais são...

— O que isso significa, Mortola? — Mo perguntou baixinho. — Por acaso você sonha em sentar Basta no trono de Cabeça de Víbora? Ou você mesma?

A gralha lançou um breve olhar para o guarda na porta da cela, mas ele virou de costas, e ela voltou-se para Mo com ar impassível.

— Seja lá o que pretendo, Língua Encantada — Mortola sussurrou —, você não estará mais aqui para ver. Para você esta história chegou ao fim. Por que ele não está acorrentado? — ela ralhou com Pífaro. — Ele ainda é um prisioneiro, não? Pelo menos acorrente suas mãos agora que ele será deslocado.

Meggie quis protestar, mas Mo lançou-lhe um olhar de advertência.

— Acredite, Língua Encantada! — sussurrou Mortola enquanto Pífaro amarrava as mãos de Mo nas costas com brutalidade. — Mesmo que Cabeça de Víbora o liberte depois que tiver feito o livro, você não irá longe. E nas palavras de Mortola você pode confiar mais do que nas palavras do escritor. Levem os dois para a Velha Câmara! — ela ordenou ao se dirigir novamente para a porta. — Mas os vigiem muito bem enquanto fazem o livro.

A Velha Câmara ficava na ala mais isolada do Castelo da Noite, longe dos salões em que Cabeça de Víbora residia com sua corte. Os corredores pelos quais Basta e Pífaro os conduziam estavam abandonados e cobertos de poeira. Não havia prata adornando colunas ou portas, não havia vidros fechando as janelas, sempre expostas ao vento.

A câmara cuja porta Pífaro finalmente abriu diante de Mo, com uma reverência sarcástica, parecia inabitada havia muito tempo. O tecido vermelho desbotado que cobria a cama estava devorado pelas traças. Os ramalhetes dentro dos jarros nos nichos das janelas estavam secos. O pó caía das flores pálidas e cobria de um branco sujo as arcas que havia diante das janelas. No meio do aposento, fora montada uma mesa, um tampo de madeira comprido apoiado em

cavaletes. Atrás dela, havia um homem, pálido como papel, de cabelos brancos e manchas de tinta nos dedos. Ele passou os olhos em Meggie, porém examinou Mo tão detidamente como se alguém lhe tivesse encomendado um parecer.

— É esse aí? — ele perguntou a Pífaro. — Esse homem nunca deve ter segurado um livro nas mãos, sem falar de que não deve ter a mínima noção de como encaderná-los.

Meggie percebeu um sorriso furtivo no rosto de Mo. Sem dizer uma palavra, ele se aproximou da mesa e olhou para as ferramentas em cima dela.

— Meu nome é Taddeo. Sou o bibliotecário — prosseguiu o estranho com voz irritada. — Suponho que nem mesmo um único destes objetos lhe diga alguma coisa, mas posso lhe assegurar que só o papel que está vendo vale mais do que a sua vida miserável de salteador. Ele é resultado da finíssima depuração da melhor fábrica num raio de mil milhas e é suficiente para encadernar mais de dois livros de quinhentas páginas. Embora obviamente um verdadeiro encadernador prefira o pergaminho a qualquer papel, por melhor que seja.

Mo estendeu as mãos acorrentadas a Pífaro.

— Essa é uma questão controversa — ele disse, enquanto Nariz de Prata soltava a corrente com gestos mal-humorados. — Fique feliz por eu ter pedido papel. O pergaminho para este livro custaria uma fortuna. Isso sem falar nas centenas de cabras que teriam que dar sua vida para isso. E quanto à qualidade destas folhas, não são tão boas assim como você afirma. O papel foi depurado grosseiramente, mas, se não há nada melhor, teremos que nos virar com este mesmo. Espero que pelo menos esteja bem colado. Quanto ao resto — Mo passou seus dedos de especialista nas ferramentas fornecidas —, parece que vai dar para o gasto.

Estiletes e dobradeiras, cânhamo, retroses e agulhas para alinhavar as folhas, cola e um pote onde era possível esquentá-la, madeira de faia para a capa, couro para a cobertura. Mo examinou tudo com as mãos, como fazia em sua oficina antes de começar a trabalhar. Então olhou ao redor. — E a prensa? E com o que devo aquecer a cola?

— Você... receberá tudo de que precisa ainda durante o dia — respondeu Taddeo perturbado.

— Os fechos estão em ordem, mas preciso de mais uma lima e também de pergaminho e couro para as pastas.

— Claro, claro. Tudo o que você disser. — O bibliotecário inclinou a cabeça solícito enquanto um sorriso de incredulidade surgiu em seu rosto pálido.

— Muito bem. — Mo apoiou-se com as duas mãos na mesa. — Desculpe, mas ainda estou com as pernas um pouco fracas. Espero que o couro seja mais maleável do que o papel e, quanto à cola — pegou o tacho e cheirou dentro dele —, bem, vamos ver se é boa o suficiente. Traga-me também goma. Usarei a cola apenas para a encadernação. As traças gostam demais dela.

Meggie divertia-se com a surpresa estampada nos rostos. Até mesmo Pífaro ficou olhando espantado para Mo. Apenas a expressão de Basta permaneceu imutável. Ele sabia que havia levado um encadernador e não um salteador para o bibliotecário.

— Meu pai precisa de uma cadeira — disse Meggie com um olhar desafiador para o bibliotecário. — O senhor não vê que ele está ferido? Quer que ele

trabalhe em pé?

— Em pé? Não... não, claro que não! De forma alguma. Mandarei trazer uma poltrona imediatamente — respondeu o bibliotecário com voz ausente enquanto continuava a examinar Mo com o olhar. — O senhor... hã... sabe espantosamente muito sobre a arte da encadernação para um bandoleiro.

Meggie sorriu para ele.

— Pois é — ele disse. — Talvez o bandoleiro algum dia tenha sido um encadernador, não é mesmo? Não se diz por aí que entre os fora da lei se encontram as mais diversas profissões? Camponeses, sapateiros, barbeiros, saltimbancos.

— Não importa o que ele foi — intrometeu-se Pífaro. — Continua sendo um assassino, portanto não se deixe enganar por sua voz macia, seu rato de biblioteca. Ele mata sem pestanejar. Pergunte a Basta se não acredita em mim.

— Sim, é verdade! — Basta coçou sua pele queimada. — É mais perigoso do que um ninho de serpentes. E sua filha não é nem um tiquinho melhor. Espero que esses estiletes aqui não lhe deem ideias estúpidas — disse para Mo. — Os guardas contarão regularmente quantos são e, para cada um que sumir, cortarão um dedo da sua filha. Para cada besteira que você tentar fazer, farão o mesmo com você. Entendeu?

Mo não respondeu, mas olhou para os estiletes como se quisesse contá-los por precaução.

— Agora mande trazer de uma vez essa cadeira! — disse Meggie impaciente

para o bibliotecário, quando Mo se apoiou na mesa novamente.

— Sim, é claro! Imediatamente! — Taddeo saiu apressado. Pífaro, porém, deu uma risada sarcástica.

— Vejam só a pequena bruxa! Dando ordens por aí como uma princesinha mimada! Também, não admira! Afinal de contas, ela afirma ser filha de um homem que pode prender a morte entre duas chapas! E você, Basta? Acredita na história dela?

Basta pegou o amuleto que trazia em volta do pescoço. Não era um pé de coelho, como usava quando servia a Capricórnio, mas um osso, suspeitosamente semelhante ao de um dedo humano.

— Quem sabe! — murmurou.

— Sim, quem sabe? — repetiu Mo sem se voltar para os dois. — Em todo caso, sou capaz de evocar a morte, não é, Basta? E Meggie também.

Pífaro lançou um rápido olhar para Basta. Sua pele queimada adquirira manchas brancas.

— Só sei de uma coisa — ele rosnou, a mão ainda em seu amuleto. — Que você já devia estar morto e enterrado, Língua Encantada. E que Cabeça de Víbora deveria ouvir Mortola e não sua filha feiticeira. Ele comeu na mão dela, ele, o Príncipe de Prata. Caiu em todas as suas mentiras.

Pífaro empertigou-se, belicoso como a serpente no brasão de seu senhor.

— Caiu em suas mentiras? — perguntou com sua voz estranhamente abafada. Ele era uma cabeça mais alto do que Basta. — Cabeça de Víbora não se deixa engambelar por ninguém. É um grande príncipe, maior do que todos os outros. Raposa Vermelha às vezes se esquece disso, assim como Mortola. Não cometa o mesmo erro. E agora sumam daqui. Cabeça de Víbora ordenou que ninguém que trabalhava para Capricórnio vigiasse este aposento. Será que isso pode significar que ele não confia em você?

A voz de Basta diminuiu num sussurro.

— Você mesmo já trabalhou para Capricórnio, Pífaro! — disse. — Sem ele você não seria nada.

— Ah, é? Está vendo este nariz? — Pífaro passou o dedo no nariz de prata. — Antigamente, eu tinha um como o seu, uma coisa grosseira, comum. Foi dolorido perdê-lo, mas Cabeça de Víbora mandou fazer um melhor para mim e, desde então, não canto mais para incendiários bêbados, mas somente para ele, um autêntico príncipe, cuja família é mais antiga do que as torres deste castelo. Se você não quiser servir a ele, volte para a fortaleza de Capricórnio. Talvez o fantasma dele ainda esteja perambulando entre os muros queimados. Mas você tem medo de fantasmas, não é, Basta?

Os dois homens estavam tão perto um do outro que quase não havia lugar entre eles para a lâmina da navalha de Basta.

— Tenho, tenho medo deles — disse entre os dentes. — Mas, pelo menos, não fico ajoelhado todas as noites, gemendo com medo de que as Damas Brancas venham me buscar, como seu digníssimo novo patrão.

Pífaro deu um soco tão forte no rosto de Basta, que sua cabeça bateu no batente da porta. O sangue escorreu vermelho pelas bochechas queimadas. Ele o limpou com as costas da mão.

— Tome cuidado quando passar por corredores escuros, Pífaro! — ele sussurrou. — Você já não tem mais o nariz, mas sempre se pode achar alguma coisa para cortar fora.

Quando o bibliotecário voltou com a poltrona, Basta já não estava mais lá e, depois de postar dois guardas na porta, Pífaro também se foi.

— Ninguém entra e ninguém sai, com exceção do bibliotecário! — Meggie o ouviu ordenar em tom rude antes de ir. — E verifiquem regularmente se Gaio está trabalhando.

Taddeo sorriu encabulado para Mo, enquanto os passos de Pífaro se distanciavam lá fora, como se precisasse se desculpar pelos soldados na porta.

— Desculpe! — disse baixinho e arrastou a cadeira até a mesa para Mo. — Mas tenho aqui alguns livros que têm uns estragos estranhos. Será que o senhor poderia dar uma olhada neles?

Meggie teve que reprimir um sorriso, mas Mo agiu como se o bibliotecário lhe tivesse feito a pergunta mais óbvia do mundo.

— Claro — disse.

Taddeo inclinou a cabeça e lançou um olhar para a porta, diante da qual um dos guardas andava impaciente de um lado para o outro.

— Mortola não pode saber nada sobre isso, portanto voltarei quando escurecer — segredou para Mo. — Ainda bem que ela costuma dormir cedo. Há livros maravilhosos neste castelo, mas infelizmente ninguém que saiba apreciá-los. Antigamente era diferente, mas o que passou passou. Ouvi dizer que no castelo do Príncipe Porcino agora as coisas também não estão muito melhores, mas pelo menos há Balbulus por lá. Na época, todos nós ficamos revoltados quando Cabeça de Víbora deu justamente o nosso melhor iluminador como dote de sua filha. Desde então só tenho permissão para contratar dois copistas e um iluminador para lá de medíocre. As únicas cópias que tenho permissão para encomendar são manuscritos que se ocupam dos antepassados de Cabeça de Víbora, a extração ou o processamento da prata ou a arte da guerra. No ano passado, quando houve escassez de madeira mais uma vez, Raposa Vermelha chegou até a usar alguns dos meus livros mais bonitos para aquecer o pequeno salão de festas. Lágrimas subiram aos olhos turvos de Taddeo.

— Traga os livros quando o senhor quiser — disse Mo.

O velho bibliotecário secou os olhos com a barra de sua túnica azul-escura.

— Sim! — balbuciou. — Sim, farei isso. Eu agradeço.

Então se foi. E Mo sentou-se com um suspiro na poltrona que ele lhe trouxera.

— Muito bem — suspirou. — Acho que está na hora de pegar no batente.

Um livro que mantém afastada a morte, que ideia. Uma pena que seja para esse facínora. Você vai precisar me ajudar, Meggie, a dobrar e alinhavar, com a prensa...

Ela somente fez que sim com a cabeça. É claro que o ajudaria. Não havia nada que gostasse mais de fazer.

Parecia tão familiar ver Mo trabalhar de novo, como ele estendia o papel, dobrava, cortava, costurava. Ele trabalhava mais devagar do que de costume, e constantemente punha sua mão no peito, no lugar onde Mortola o havia ferido. Mas Meggie sentia que lhe fazia bem executar os movimentos costumeiros com a mão, embora algumas ferramentas fossem diferentes daquelas às quais estava acostumado. Os movimentos da mão eram os mesmos, havia centenas de anos, naquele e no outro mundo...

Já depois de algumas horas, a Velha Câmara adquiriu um aspecto estranhamente familiar, como se fosse um refúgio, e não apenas mais uma prisão. Quando lá fora anoiteceu, o bibliotecário chegou com um criado carregando alguns lampiões. A luz quente quase fez parecer que o quarto empoeirado sempre estivera cheio de vida.

— Já faz tempo que os últimos lampiões foram acesos nesta câmara! — disse Taddeo ao pôr um segundo deles sobre a mesa para Mo.

— Quem foi a última pessoa que habitou este quarto? — perguntou Mo.

— Nossa primeira princesa — respondeu Taddeo. — Sua filha casou com o filho do Príncipe Porcino. Eu me pergunto se Violante sabe que Cosme morreu pela segunda vez. — Ele olhou pela janela com um olhar triste. Um vento úmido entrou no aposento, Mo usou um pedaço de madeira como peso para o papel. —

Violante veio ao mundo com uma mancha de nascimento que desfigurou seu rosto — prosseguiu o bibliotecário, com uma voz tão ausente como se não contasse a história para eles, e sim para ouvintes distantes. — Todos diziam que era uma punição, uma praga das fadas, porque sua mãe havia se apaixonado por um músico. Cabeça de Víbora baniu-a para esta parte do castelo logo após o nascimento, e ela viveu aqui sozinha com a criança até a sua morte... uma morte bastante repentina.

— É uma história triste — disse Mo.

— Pode acreditar, se todas as histórias tristes que estes muros já viram fossem escritas em livros — retrucou Taddeo com amargura —, cada aposento deste castelo estaria repleto deles.

Meggie olhou ao seu redor, como se pudesse ver os livros, todos os tristes livros.

— Que idade tinha Violante quando ficou noiva de Cosme e foi enviada para Ombra?

— Sete. As filhas da nossa atual princesa até mesmo tinham seis quando ficaram noivas e foram enviadas para outros reinos. Todos temos esperança de que desta vez ela tenha um filho! — Taddeo deixou seu olhar vagar pelo papel que havia cortado, as ferramentas... — É bom novamente ver vida nesta câmara! — disse baixinho. — Voltarei com os livros assim que tiver certeza de que Mortola está dormindo.

— Seis anos de idade, sete anos, meus Deus, Meggie — disse Mo quando ele se foi. — Você já fez treze, e eu ainda não a mandei para fora de casa, imagine um noivado!

Fazia bem rir. Mesmo que ecoasse de forma estranha naquele quarto vazio.

Taddeo voltou somente depois de algumas horas. Mo ainda trabalhava, embora pusesse a mão no peito com uma frequência cada vez maior e Meggie tivesse algumas vezes tentado convencê-lo de finalmente se deitar.

— Dormir? — ele disse. — Não dormi direito uma só noite neste castelo. Além disso, quero rever sua mãe, e isso só vai acontecer quando eu tiver terminado este livro.

O bibliotecário chegou com dois livros.

— Dê uma olhada nisso! — sussurrou quando estendeu o primeiro a Mo. — Esses pontos comidos na capa! E quase dá a impressão de que a tinta enferrujou. O pergaminho está ficando cheio de furos. Algumas palavras estão quase ilegíveis! O que pode ser isso? Traças? Carunchos? Nunca me preocupei com essas coisas. Eu tinha um ajudante que conhecia bem todas essas doenças de livros, mas uma manhã ele desapareceu, dizem que se juntou aos salteadores na floresta.

Mo pegou o primeiro livro na mão, abriu-o e passou a mão em suas páginas.

— Céus! — disse. — Quem pintou isso? Nunca vi iluminuras tão bonitas.

— Balbulus — respondeu Taddeo. — O iluminador que foi enviado para Ombra com Violante. Ainda era muito jovem quando pintou isso. Vejam, a escrita ainda está um pouco imatura, mas agora sua maestria é impecável.

— Como o senhor sabe disso? — perguntou Meggie. O bibliotecário abaixou a voz.

— De vez em quando Violante me manda um livro. Ela sabe o quanto admiro a arte de Balbulus e que, no Castelo da Noite, além de mim, ninguém gosta de livros. Desde que sua mãe morreu. Estão vendo aquelas arcas ali? — ele apontou para os pesados baús de madeira ao lado da porta e sob as janelas. — Era ali que a mãe de Violante escondia seus livros. Ela os enfiava entre seus vestidos. Somente à noite ela os pegava e mostrava à menina, embora Violante não devesse entender uma palavra do que sua mãe lia. Contudo, logo após o desaparecimento de Capricórnio, chegou Mortola, pois Cabeça de Víbora lhe pedira para ensinar as criadas da cozinha, ninguém sabia o quê. Logo depois a mãe de Violante me pediu que escondesse seus livros na biblioteca, pois Mortola mandava revistar sua câmara pelo menos uma vez por dia, em busca de algo que ela nunca soube o que era. Esse — ele apontou para o livro que Meggie ainda folheava — era um dos seus livros favoritos. A pequena apontava para uma figura, e sua mãe lhe contava uma história sobre ela. Eu quis dá-lo a Violante quando eles a enviaram para Cosme, mas ela o deixou nesta câmara. Talvez porque não quisesse levar nenhuma recordação deste lugar triste para sua nova vida. Mas, apesar disso, eu gostaria de salvá-lo, como lembrança de sua mãe. Sabe, acredito que um livro sempre guarda algo de seu dono entre as páginas.

— Oh, sim, também acredito nisso — disse Mo. — É assim com certeza.

— E então? — O velho homem olhou para ele cheio de esperanças.

— O senhor sabe como posso preservá-los de outros danos?

Mo fechou o livro com cuidado.

— Sim, mas não será fácil. Carunchos de madeira, traças, quem sabe o que mais... O segundo livro também está assim?

— Oh, este! — O bibliotecário lançou novamente um olhar nervoso para a porta. — Este não está tão ruim. Mas pensei que talvez o senhor gostasse de vê-lo. Balbulus terminou-o não faz muito tempo, por encomenda de Violante. Ele — Taddeo olhou inseguro para Mo — contém todas as canções que os músicos cantam sobre Gaio. Que eu saiba só existem dois exemplares. Um está com Violante, o outro está na sua frente e é uma cópia que ela mandou fazer especialmente para mim. Dizem que o autor das canções não quer que elas sejam escritas, mas por algumas moedas podem ser ouvidas de qualquer músico. Foi assim que Violante as reuniu, e depois mandou Balbulus desenhar. Sim, os saltimbancos... são livros ambulantes neste mundo de tão poucos livros! Sabe — ele sussurrou para Mo ao abrir o livro —, às vezes penso que este mundo já teria perdido a sua memória se não existisse o Povo Colorido. Infelizmente, Cabeça de Víbora manda enforcá-los com muita frequência! Eu mesmo já propus várias vezes que fossem mandados para um escriba antes da execução. Que fixaria no papel todas as belas canções antes que as palavras morressem com eles, mas neste castelo ninguém escuta um velho bibliotecário.

— Não, provavelmente não — murmurou Mo, mas Meggie percebeu em sua voz que ele não ouvira nada do que Taddeo havia dito. Mo estava profundamente mergulhado nas letras, as maravilhosas letras, que fluíam diante dele no pergaminho, como um fino riacho de tinta.

— Desculpe minha curiosidade — Taddeo pigarreou encabulado.

— Ouvi dizer que o senhor nega ser Gaio, mas se me permite — ele pegou o livro das mãos de Mo e abriu numa página ricamente iluminada por Balbulus. Entre duas árvores, tão magnificamente pintadas, que Meggie pensou ouvir as

folhas farfalharem, havia um homem, em pé, com uma máscara de pássaro no rosto. — Balbulus pintou Gaio — sussurrou Taddeo — como as canções o descrevem: os cabelos negros, a estatura alta... Não se parece com o senhor?

— Não sei — disse Mo. — Ele usa uma máscara, não é?

— Sim, sim, claro. — Taddeo lançou um olhar ainda mais penetrante para Mo. — Mas o senhor sabe que ainda dizem outra coisa de Gaio. Que ele tem uma voz muito bonita, ao contrário do pássaro de cujo nome se apropriou. Dizem que é capaz de acalmar ursos e lobos com poucas palavras. Desculpe a impertinência, mas — ele baixou a voz em tom de cumplicidade — o senhor tem uma voz muito bonita, Mortola conta coisas extraordinárias a seu respeito. E se o senhor também tem a cicatriz.. . — ele olhou para o braço de Mo.

— Oh, o senhor está falando desta aqui? — Mo apontou para uma linha, ao lado da qual Balbulus havia pintado uma matilha de cães brancos.

— *No braço esquerdo, bem no alto, traz a cicatriz...* E verdade, tenho uma cicatriz como esta, só que foram outros cães os responsáveis e não estes de que fala a canção — ele segurou seu próprio braço, como se lembrasse do dia em que Basta os encontrara na cabana, a cabana em ruínas cheia de cacos de telha e ripas quebradas.

O velho bibliotecário, porém, deu um passo para trás.

— Então é o senhor! — sussurrou. — A esperança dos pobres, o terror dos matadores, vingadores e salteadores, tão à vontade na floresta como os ursos e os lobos.

Mo fechou o livro e prendeu o fecho de metal na capa revestida de couro.

— Não — disse. — Não, não sou ele, mas agradeço muito pelo livro assim mesmo. Fazia tempo que não segurava um nas mãos, e vai ser bom finalmente voltar a ter alguma coisa para ler. Não é, Meggie?

— É — ela disse apenas, ao pegar o livro da mão dele.

As canções sobre Gaio. O que Fenoglio diria se soubesse que Violante as mandara copiar secretamente, e que espécie de ajuda poderia vir dali? Seu coração sobressaltou-se quando ela pensou nas possibilidades, mas Taddeo acabou com todas suas esperanças de uma só vez. — Lamento muito — disse e, de maneira delicada porém decidida, tirou o livro de sua mão.— Mas não posso deixar nenhum dos dois aqui com vocês. Mortola esteve comigo, esteve com todos os que lidam com a biblioteca. Ameaçou a todos nós de mandar cegar a quem trouxesse um só livro para esta câmara. Cegar, imagine o senhor! Que ameaça, quando são os olhos, e mais nada, que nos abrem o mundo das letras. Já arrisquei demais só por ter vindo até aqui, mas tenho tanto apreço por estes livros que simplesmente precisava lhe pedir um conselho. Diga-me o que preciso fazer para salvá-los!

Meggie estava tão decepcionada que teria negado o pedido, mas evidentemente seu pai via as coisas de um modo diferente. Mo só pensava nos livros doentes.

— É claro — disse para Taddeo. — É melhor eu anotar para o senhor. Será necessário tempo, semanas, meses, e não sei se poderá obter todos os materiais de que precisará, mas vale a pena tentar. Não gosto muito de dar este conselho, mas pelo menos este livro aqui deverá ser desmontado, pois para salvá-lo as páginas precisam ser alvejadas no sol. Se não souber como se deve fazê-lo, farei isso para o senhor com prazer. Mortola poderá até mesmo verificar, como

certamente desejará, que não se trata de nada perigoso.

— Oh, agradeço! — O velho homem fez uma mesura profunda ao prender firmemente os dois livros sob seu fino braço. — Agradeço muito. Espero realmente de coração que Cabeça de Víbora o deixe viver e, caso não o faça, que lhe proporcione uma morte rápida.

Meggie teria dado uma resposta adequada, mas Taddeo saiu dali muito depressa em suas pernas de louva-a-deus.

— Mo, não o ajude! — ela disse quando o guarda lá fora trancou novamente a porta. — Por que você quer fazer isso? Ele é um tremendo covarde!

— Oh, eu o entendo muito bem. Eu também não gostaria de ficar sem meus olhos, mesmo que exista em nosso mundo algo tão útil como o sistema braile.

— Mesmo assim! Eu não o ajudaria. — Meggie amava seu pai por seu coração excepcionalmente bom, mas o dela não demonstrava nenhuma compaixão por Taddeo. Ela imitou a voz dele: — "Espero que ele lhe proporcione uma morte rápida!" Como alguém pode dizer uma coisa dessas?

Mo, porém, não a escutou.

— Alguma vez você já viu livros tão bonitos? — ele perguntou ao se estender na cama.

— Sim, claro! — ela respondeu em tom provocativo. — Qualquer um que eu

possa ler é mais bonito, certo?

Mas Mo não respondeu. Ele lhe dera as costas e respirava profunda e calmamente. Pelo jeito, finalmente conciliara o sono.



67. Bondade e misericórdia

Aqui nos vede presos, cinco, seis: Quanto era carne viva que comia Foi devorado e em pouco apodrecia ficamos, cinza e pó, os ossos, só.

François Villon, *A balada dos enforcados*

— Quando voltaremos? — Farid fazia a pergunta mais de uma vez por dia e, todas as vezes, obtinha a mesma resposta.

— Ainda não.

— Mas já faz tanto tempo que estamos aqui.

Haviam se passado quase duas semanas desde o massacre na floresta, e era chato, muito chato, ficar na Toca do Texugo.

— E Meggie? Você prometeu que voltaríamos!

— Se você continuar a insistir, vou esquecer a promessa — limitou-se a responder Dedo Empoeirado, e foi procurar Roxane.

Dia e noite, ela cuidava dos feridos que haviam encontrado entre os mortos, com a esperança de que pelo menos aqueles homens regressassem a Ombra, mas também com alguns deles os cuidados foram em vão. "Ele vai ficar com ela", pensava Farid todas as vezes que via Dedo Empoeirado sentado ao lado de Roxane. "E terei que voltar sozinho para o Castelo da Noite." O pensamento lhe doía tanto como se o fogo o queimasse.

No décimo quinto dia, quando Farid já estava com a sensação de que nunca mais conseguiria lavar da pele o cheiro de cocô de rato e de cogumelos brancos, dois espiões de Príncipe Negro chegaram com a mesma notícia: nascera o filho varão de Cabeça de Víbora. E, para celebrar esse acontecimento, conforme anunciaram seus pregoeiros em todas as praças dos mercados, dali a exatamente duas semanas, como prova de sua grande bondade e misericórdia, ele libertaria todos os prisioneiros que estavam encarcerados no Castelo da Noite, inclusive Gaio.

— Conversa! — disse Dedo Empoeirado quando Farid lhe contou.

— Cabeça de Víbora tem uma codorna frita onde os outros têm um coração. Jamais libertaria alguém por piedade, mesmo que tivesse muitos filhos. Não, caso realmente pretenda libertá-los, é porque Fenoglio escreveu assim. Por nenhuma outra razão.

Fenoglio parecia ser da mesma opinião. Desde o massacre, passara os dias com um olhar melancólico em algum canto escuro da Toca do Texugo quase sem dizer uma palavra, mas agora anunciara em tom desafiador a quem quisesse ouvir que as boas notícias se deviam unicamente a ele.

Ninguém lhe dava atenção, ninguém sabia do que ele falava, com exceção de Dedo Empoeirado, que continuava a evitá-lo como a peste em pessoa.

— Ouça só o velho! Como se gaba e se pavoneia! — disse para Farid.

— Os cadáveres de Cosme e de seus homens mal esfriaram e ele já os esqueceu. Tomara que ele morra!

Príncipe Negro, assim como Dedo Empoeirado, também não acreditava na clemência de Cabeça de Víbora, apesar das garantias de Fenoglio de que aconteceria exatamente o que os espiões haviam relatado. Os salteadores ficaram juntos até de madrugada para deliberar sobre o que fariam. Farid não teve permissão para participar, mas Dedo Empoeirado sim.

— O que vocês pretendem fazer? Diga de uma vez! — Farid perguntou quando ele finalmente saiu da caverna onde os salteadores confabularam durante horas.

— Partirão daqui a uma semana.

— Para onde? Para o Castelo da Noite?

— Sim — Dedo Empoeirado parecia tão contente quanto Farid.

— Pelo amor de Deus, você está irrequieto como o fogo quando bate o vento — disse rispidamente. — Vamos ver se você vai ficar tão alegre quando estivermos lá. Teremos que rastejar pela terra como vermes, e muito mais fundo do que aqui...

— Mais fundo?

Era óbvio. Farid viu o Castelo da Noite diante de si: nenhum lugar para se esconder, nenhuma moita, nenhuma árvore.

— Existe uma mina abandonada, ao pé da encosta norte. — Dedo Empoeirado fez uma careta, como se sentisse náuseas só de pensar naquele lugar. — Algum antepassado de Cabeça de Víbora deve ter mandado escavar fundo demais ali e muitas galerias desabaram, mas isso já faz tanto tempo que até mesmo Cabeça de Víbora parece não se lembrar mais da mina. Não é um lugar agradável, mas é um bom esconderijo, o único na Montanha da Víbora. Foi o urso quem descobriu a entrada.

Uma mina. Farid engoliu a saliva. Só de pensar ele se sentia sufocado.

— E depois? — perguntou. — Quando estivermos lá, o que faremos?

— Vamos esperar. Esperar para ver se Cabeça de Víbora vai realmente cumprir a promessa.

— Esperar? Só isso?

— O resto você saberá a tempo.

— Então iremos juntos?

— Você tem alguma outra ideia?

Farid abraçou-o com força, como havia muito tempo não fazia. Mesmo sabendo que Dedo Empoeirado não gostava muito de abraços.

— Não! — disse Roxane quando, antes da partida, Príncipe Negro lhe propôs que voltasse para Ombra escoltada por um de seus homens. — Irei com vocês. Se você pode dispensar um dos seus homens, envie-o até os meus filhos e peça que lhes diga que logo voltarei para casa.

Logo! Farid perguntou-se quando seria isso, mas não disse nada. Embora a data da partida estivesse decidida, os dias continuavam a passar torturantemente devagar e, quase todas as noites, ele sonhava com Meggie — sonhos ruins, cheios de escuridão e medo. Quando finalmente o tão esperado dia chegou, meia dúzia de homens ficou na Toca do Texugo para cuidar dos feridos. Todos os demais se puseram a caminho da Montanha da Víbora: trinta homens, maltrapilhos, mas bem armados. E Roxane. E Fenoglio.

— Vocês vão levar o velho? — perguntou Dedo Empoeirado ao Príncipe com ar de decepção quando viu Fenoglio entre os homens. — Vocês enlouqueceram? Mandem-no de volta pra Ombra. Mandem-no para qualquer outro lugar, de preferência diretamente para as Damas Brancas, mas mandem-no embora!

Príncipe Negro não quis ouvi-lo.

— Afinal, o que você tem contra ele? — perguntou. — E não me venha de novo com a história de que ele ressuscita mortos! Fenoglio é um velho inofensivo. Até o meu urso gosta dele. Ele escreveu algumas belas canções para nós, e sabe contar histórias maravilhosas, ainda que atualmente tenha perdido a

vontade de fazer isso. Além disso, não quer voltar para Ombra.

— Bem, isso não me admira, com tantas viúvas e órfãos que existem lá por causa dele — respondeu Dedo Empoeirado com amargura e, quando Fenoglio olhou em sua direção, retribuiu com um olhar tão gélido que o velho virou depressa a cabeça para o outro lado.

Foi uma marcha silenciosa. Sobre a cabeça, as árvores sussurravam como se quisessem adverti-los de que não deveriam dar nem mais um passo em direção ao sul, e algumas vezes Dedo Empoeirado precisou chamar o fogo para espantar seres que nenhum deles via, embora todos sentissem. Farid estava cansado, exausto, o rosto e os braços arranhados pelos espinhos, quando finalmente as torres de prata despontaram acima das copas das árvores.

— Como uma coroa numa cabeça calva — sussurrou um dos salteadores, e por um momento Farid pensou poder apalpar o medo que cada um daqueles homens andrajosos sentiu ao avistar a imponente fortaleza.

Certamente todos ficaram contentes quando Príncipe Negro os conduziu para a encosta norte da Montanha da Víbora e as extremidades das torres desapareceram da vista de todos. Naquele lado, a terra formava dobras como um tecido amarrotado, e as poucas árvores curvavam-se como se ouvissem demais o som dos machados. Farid nunca vira árvores como aquelas. Suas folhas pareciam negras como a própria noite e seu tronco era espinhoso como o pelo de um ouriço. Frutinhas vermelhas cresciam nos galhos.

— As frutas de Mortola! — Dedo Empoeirado sussurrou para Farid quando este encheu uma mão delas. — Ela deve tê-las espalhado pelo pé da montanha até a terra ficar toda forrada. As árvores crescem muito depressa, brotam da terra feito cogumelos e mantêm afastadas todas as outras árvores. São chamadas de árvores ácidas, pois tudo nelas é venenoso, frutas, folhas, e a sua casca queima a

pele mais do que o fogo.

Farid largou as frutas no chão e limpou a mão na calça.

Pouco depois, já estava escuro como o breu. Quase toparam com uma das patrulhas que Cabeça de Víbora enviava regularmente, mas o urso os advertiu. Como escaravelhos de prata, os cavaleiros surgiram entre as árvores. O luar refletia-se nas armaduras, e Farid mal se atrevia a respirar, enquanto, abaixado ao lado de Dedo Empoeirado e Roxane numa fenda, esperava que o tropel silenciasse. Como ratos sob os olhos de um gato, prosseguiram esgueirando-se pela floresta, até que finalmente chegaram ao seu destino.

Cipó-chumbo e pedras escondiam a entrada, através da qual Príncipe Negro foi o primeiro a penetrar no seio da terra. Farid hesitou quando viu quão íngreme era o caminho que descia na escuridão.

— Vá logo! — sussurrou Dedo Empoeirado impaciente. — O sol já vai nascer e os soldados de Víbora com certeza não pensarão que você é um esquilo.

— Mas tem cheiro de sepultura — disse Farid e olhou para o céu com ar triste de despedida.

— Ah, o garoto tem nariz apurado! — disse Ferrolho. — É verdade, há muitos mortos lá embaixo. A montanha os engoliu, porque cavaram fundo demais. Não os vemos, mas sentimos seu cheiro. Dizem que entupiram as galerias como uma carrada de peixes mortos.

Farid olhou para ele horrorizado, mas Dedo Empoeirado apenas lhe deu um empurrão nas costas.

— Quantas vezes ainda vou precisar repetir que você não deve ter medo dos mortos e sim dos vivos. Vamos, faça umas faíscas dançarem na sua mão para termos um pouco de luz.

Os salteadores instalaram-se nas galerias que não haviam desabado. Haviam reforçado as escoras do teto e das paredes, mas Farid não confiava nas vigas que se apoiavam na pedra e na terra. Como poderiam sustentar toda uma montanha? Ele pensou ouvi-la gemer e suspirar e, ao se ajeitar precariamente no cobertor sujo que os salteadores haviam estendido no chão duro, de repente, lembrou-se de Pássaro Tisnado. Mas Príncipe Negro apenas riu quando Farid perguntou por ele preocupado.

— Não, Pássaro Tisnado não conhece este lugar. Não conhece nenhum dos nossos esconderijos. Ele já tentou muitas vezes nos convencer a trazê-lo conosco, mas quem confiaria num cuspidor de fogo tão ruim? Ele só conhecia o Abrigo Secreto porque é um saltimbanco.

Assim mesmo, Farid não se sentia seguro. Faltava ainda quase uma semana para o dia em que Cabeça de Víbora afirmara que libertaria os prisioneiros! Seria uma longa espera. Ele já sentia saudades do cheiro de cocô de rato da Toca do Texugo. A noite, olhava para as pedras que fechavam a galeria onde dormiam e pensava ouvir dedos brancos arranhando o outro lado da barreira.

— Tape os ouvidos, então! — foi tudo o que lhe disse Dedo Empoeirado quando ele o acordou, e pôs outra vez o braço em volta de Roxane.

Dedo Empoeirado continuava a ter sonhos ruins, como muitas vezes acontecia no outro mundo, mas agora era Roxane quem o acalmava e o fazia dormir novamente com palavras sussurradas. Sua voz suave, delicada e cheia de

ternura fazia Farid lembrar-se da voz de Meggie, e ele sentia tanta falta dela que se envergonhava disso. Naquela escuridão, cercado de mortos, era difícil acreditar que ela também sentia a falta dele. E se ela o tivesse esquecido, assim como Dedo Empoeirado muitas vezes se esquecia dele desde que Roxane chegara?... Apenas Meggie o fazia deixar o ciúme de lado, mas ela não estava lá.

Na segunda noite, aproximou-se da mina um garoto que trabalhava nas estrebarias do Castelo da Noite e espionava para Príncipe Negro desde que Pífaro mandara enforcar seu irmão. Ele contou que Cabeça de Víbora pretendia soltar os prisioneiros na estrada para o porto com a condição de que lá embarcassem num navio e nunca mais retornassem.

— A estrada para o porto, sei, sei! — limitou-se a dizer Príncipe Negro depois que o espião se foi.

Ainda na mesma noite, ele saiu com Dedo Empoeirado. Farid nem ao menos perguntou se poderia acompanhá-los. Simplesmente foi atrás deles.

A estrada quase não passava de uma trilha entre as árvores. Vinha da Montanha da Víbora em linha reta, como se tivesse pressa de finalmente se esconder sob um teto de folhas.

— Cabeça de Víbora já anistiou um grupo de prisioneiros uma vez e libertou-os aqui — disse Príncipe Negro quando estavam sob as árvores na beira da estrada. — Realmente chegaram até o mar sem incidentes, como ele havia prometido, mas o navio que os esperava era um navio de escravos, e há quem afirme que Cabeça de Víbora recebeu um belo jogo de arreios de prata em troca de quase uma dúzia de pessoas.

Escravos? Farid lembrou-se dos mercados onde homens e mulheres eram

vendidos, examinados e apalpados como gado. Meninas com cabelos loiros eram muito cobiçadas.

— Não faça essa cara como se Meggie já tivesse sido vendida! — disse Dedo Empoeirado. — Príncipe Negro vai pensar em alguma coisa, não é?

Príncipe Negro tentou sorrir, mas não conseguiu disfarçar o olhar de preocupação que lançava para a estrada.

— Eles não podem chegar a esse navio, nunca — ele disse. — E nós apenas podemos esperar que Cabeça de Víbora não mande muitos soldados como escolta. Teremos que escondê-los bem depressa; o melhor será na mina, para começar, até que tudo tenha se acalmado. Provavelmente — acrescentou como que ao acaso — precisaremos de fogo.

Dedo Empoeirado soprou em seus dedos até que as chamas dançaram sobre eles como asas de borboletas.

— Por que você acha que ainda estou aqui? — ele perguntou. — O fogo estará presente. Mas não empunharei nenhuma espada. Você sabe que não sou muito habilidoso com essas coisas.



68. Visita

"Se eu não conseguir escapar desta casa", ele pensou, "sou um homem morto!"

Robert L. Stevenson, *A flecha preta*

Quando despertou do sono, Meggie não sabia onde estava. "Elinor?", ela pensou. "Fenoglio?" Mas então viu Mo, debruçado sobre a grande mesa, encadernando um livro. "O" livro. Quinhentas páginas em branco. Um relâmpago iluminou o teto negro de fuligem, e o trovão que se seguiu soou ameaçadoramente alto, mas não havia sido a tempestade que acordara Meggie. Ela ouvira vozes. As sentinelas. Havia alguém à porta. Mo também ouvira.

— Meggie, ele não pode trabalhar tanto. Isso faz a febre voltar! — havia dito Mocho na manhã daquele mesmo dia, antes que o levassem de volta para as masmorras nos porões do castelo.

Mas o que ela podia fazer? Mo a mandava para a cama quando ela bocejava com muita frequência. ("Foi a vigésima terceira vez, Meggie. Vamos, para a cama! Ou você ainda vai cair morta de tanto sono antes que este maldito livro esteja pronto.") Mas ele próprio ainda demorava para ir dormir. Cortava, dobrava e alinhavava até clarear o dia. Como naquela noite.

Quando um dos guardas abriu a porta, por um terrível momento Meggie pensou que Mortola tivesse chegado, para matar Mo antes que Cabeça de Víbora o libertasse. Mas não era a gralha. Cabeça de Víbora estava na porta, ofegante,

atrás dele dois criados, pálidos de sono, segurando castiçais de prata, dos quais a cera escorria e pingava no assoalho. Com passos pesados, seu amo aproximou-se da mesa em que Mo trabalhava e olhou para o livro quase pronto.

— O que o senhor quer aqui? — Mo ainda estava com o estilete na mão.

Cabeça de Víbora olhou para ele. Seus olhos estavam ainda mais vermelhos do que na noite em que Meggie havia feito o pacto com ele.

— Quanto tempo falta? — ele perguntou de repente. — Meu filho chora. Chora a noite inteira. Sente a presença das Damas Brancas, exatamente como eu. Agora querem levá-lo também, a ele e logo depois a mim. Nas noites de tempestade, elas ficam especialmente famintas.

Mo pôs de lado o estilete.

— Amanhã estará pronto, conforme o combinado. Eu teria terminado antes, mas o couro para a cobertura tinha rasgos e furos de espinhos, o que me atrasou, e o papel também não era dos melhores.

— Já sei, já sei, o bibliotecário transmitiu as suas queixas! — A voz de Cabeça de Víbora soou como se ele estivesse rouco de tanto gritar. — Se dependesse de Taddeo, você passaria o resto da sua vida nesta câmara reencadernando os meus livros. Mas manterei a minha palavra! Eu os deixarei ir, você, sua filha, sua mulher e toda a corja de saltimbancos... Vocês podem ir, quero apenas o livro! Mortola me falou das três palavras que sua filha insidiosamente omitiu, mas não me importa. Cuidarei para que ninguém as escreva! Quero finalmente poder rir da Fria Senhora e de suas pálidas ajudantes! Mais uma noite, e baterei a minha cabeça contra a parede, matarei minha mulher, matarei meu filho, matarei todos vocês. Entendeu, Gaio, ou seja lá qual for o seu

nome. Você precisa terminar antes que caia a noite novamente!

Mo passou a mão sobre a capa de madeira que havia coberto com couro somente no dia anterior.

— Terminarei assim que o sol nascer novamente. Mas o senhor jurará pela vida do seu filho que nos deixará partir imediatamente?

Cabeça de Víbora olhou ao seu redor como se as Damas Brancas já estivessem atrás dele.

— Sim, sim, juro por quem e por aquilo que quiser! Ao nascer do sol, isso me parece bom! — Ele deu um passo em direção a Mo e olhou para o seu peito. — Mostre-me! — sussurrou. — Mostre-me onde Mortola o feriu. Com essa arma mágica que meu mestre armeiro desmontou tão completamente, que ninguém consegue remontá-la. Mandarei enforcar o imbecil por causa disso.

Mo hesitou, mas finalmente abriu a camisa.

— Tão perto do coração! — Cabeça de Víbora pressionou sua mão contra o peito de Mo como se assim quisesse se assegurar de que seu coração ainda batia dentro dele. — Sim! — disse. — Sim, realmente você deve conhecer uma receita contra a morte, do contrário não estaria vivo.

De repente ele se virou e fez um sinal para os dois criados.

— Bem, logo após o nascer do sol, mandarei buscá-lo. A você e ao livro —

disse por cima dos ombros. — Levem-me algo para comer no salão! — Meggie o ouviu latir do outro lado da porta, enquanto os guardas fechavam o trinco novamente. — Acordem os cozinheiros, as criadas e Pífaro. Acordem todos! Quero comer e ouvir algumas canções melancólicas. Digam a Pífaro para cantá-las tão alto que eu não ouça o menino chorar.

Então seus passos se distanciaram e ficaram apenas os estrondos dos trovões. Um relâmpago iluminou as páginas do livro quase pronto, como se elas tivessem vida própria. Mo foi até a janela. Sem se mover, olhou para fora.

— Até o nascer do sol? Você vai conseguir? — perguntou Meggie preocupada.

— É claro — disse sem se virar.

Sobre o mar, os relâmpagos tremulavam como uma luz distante que alguém ligava e desligava. Só que não existia esse tipo de luz naquele mundo. Meggie se pôs ao lado de Mo e envolveu-o com seu braço. Ele sabia que ela tinha medo de tempestades. Quando era ainda bem pequena e ia para a sua cama no meio na noite, ele lhe contava sempre a mesma história: que o céu sentia saudades da terra e que, nas noites de tempestade, estendia seus dedos de fogo para tocá-la.

Naquela noite, porém, Mo não contou a história.

— Você viu o medo no rosto dele? — Meggie sussurrou-lhe. — Exatamente como Fenoglio escreveu.

— Pois é, até mesmo Cabeça de Víbora precisa representar o papel que Fenoglio escreveu para ele — respondeu Mo. — E nós também, Meggie. Você

gosta dessa ideia?

69. A véspera

£ verdade. Falo de sonhos, filhos de uma mente ociosa. Jeitos de bolhas de vã fantasia, uma substância tão tênue como o ar...

William Shakespeare, *Romeu e Julieta*

Era a última noite antes do dia em que Cabeça de Víbora pretendia demonstrar sua misericórdia. Dali a algumas horas, ainda antes do amanhecer, todos se deitariam à beira da estrada. Nenhum dos espiões soubera dizer quando exatamente os prisioneiros deveriam passar, apenas era certo que aquele seria o dia. Os salteadores estavam reunidos e contavam uns aos outros suas velhas aventuras. Talvez fosse sua maneira de espantar o medo, mas Dedo Empoeirado não tinha vontade de falar nem de ouvir. Ele acordara várias vezes, mas não fora por causa das vozes altas que chegavam até ele. Ele fora despertado por imagens, imagens ruins, que já havia dias lhe roubavam o sono.

Dessa vez, haviam sido especialmente ruins, tão reais que ele se erguera sobressaltado como se Gwin tivesse pulado em seu peito. O coração parecia querer pular para fora de seu peito, enquanto ele ficava sentado fitando a escuridão. Sonhos. Já no outro mundo roubavam o seu sono, mas Dedo Empoeirado não conseguia se lembrar de nenhum que tivesse sido tão ruim quanto aquele.

— São os mortos. Trazem sonhos ruins — Farid sempre dizia. — Sussurram coisas horripilantes em seu ouvido e então deitam-se em seu peito para sentir seu coração disparar. Isso lhes dá a sensação de estarem vivos!

Dedo Empoeirado gostou da explicação. Ele temia a morte, mas não os mortos. Mas e se não fosse assim, e se os sonhos mostrassem uma história que já esperava por ele em algum lugar? A realidade era algo frágil, isso a voz de Língua Encantada lhe ensinara definitivamente.

Ao seu lado, Roxane mexeu-se durante o sono. Ela virou a cabeça e murmurou o nome de seus filhos, dos vivos e da morta. Não havia notícias de Ombra. O próprio Príncipe Negro não ouvira nada, nem do castelo nem da cidade, nenhuma palavra sobre o que havia se passado depois que Cabeça de Víbora enviara o cadáver de Cosme à sua filha, junto com a notícia de que quase nenhum dos homens que o acompanhavam voltaria com vida.

Roxane sussurrou novamente o nome de Brianna. Cada dia que passava ali com ele cortava seu coração, Dedo Empoeirado sabia muito bem. Por que então ele não ia com ela simplesmente? Não dava as costas para aquela maldita montanha, para finalmente voltar a estar num lugar em que não precisasse se esconder debaixo da terra como um animal... Ou como um morto, ele ainda acrescentou em seus pensamentos.

"Você sabe por quê!", pensou. "São apenas os sonhos. Os malditos sonhos." Ele sussurrou palavras de fogo. Para dar um fim à escuridão na qual os sonhos davam flores tão horripilantes. Sonolenta, uma chama ergueu-se do chão ao seu lado. Ele estendeu a mão e a deixou dançar e subir pelo seu braço, lamber seus dedos e sua testa na esperança de que ela pudesse reduzir a cinzas as imagens ruins. Mas nem mesmo a dor ela levou embora, e Dedo Empoeirado apagou a chama com a palma da mão. Depois disso, sua pele ficou quente e coberta de fuligem, como se o fogo tivesse deixado a marca de seu hálito negro, porém o sonho ainda estava lá, um horror para o seu coração, negro e forte demais até mesmo para o fogo.

Como ele poderia ir simplesmente, se à noite ele via imagens como aquelas — imagens de mortos, sempre se repetindo, nada além de sangue e morte? Os rostos mudavam. As vezes, era o rosto de Resa que ele via, às vezes o de Meggie, então o de Mocho novamente. Até mesmo Príncipe Negro ele vira em sonho, com sangue em seu peito. E aquela noite — aquela noite havia sido Farid. Exatamente como na noite anterior. Dedo Empoeirado fechou os olhos quando as imagens voltaram, tão nítidas, tão claras... Evidentemente ele tentara convencer o garoto a ficar com Roxane na mina. Mas fora em vão.

Dedo Empoeirado encostou-se na pedra fria em que mãos, havia muito desaparecidas, haviam aberto estreitas galerias, e olhou para o garoto. Farid havia se enrodilhado como um bebê, os joelhos junto ao peito, ao seu lado as duas martas. Era cada vez mais frequente elas dormirem ao lado de Farid quando voltavam da caça, talvez porque soubessem que Roxane não gostava delas.

O garoto estava tranquilo ali deitado, muito diferente de como Dedo Empoeirado o vira em seus sonhos. Até mesmo um sorriso esboçara-se furtivamente em seu rosto. Talvez ele estivesse sonhando com Meggie, Meggie de Resa, tão parecida com sua mãe como uma chama é parecida com outra, e ao mesmo tempo tão diferente.

— Você também acha que ela está bem, ou não?

Quantas vezes por dia ele perguntava! Dedo Empoeirado lembrava-se ainda muito bem da sensação de estar apaixonado pela primeira vez. Ele não era muito mais velho do que Farid. Que indefeso de repente estava seu coração, uma coisa tão trêmula e instável, feliz e terrivelmente infeliz ao mesmo tempo.

Uma fria lufada de vento entrou na galeria, e Dedo Empoeirado viu como o garoto estremeceu no sono. Gwin ergueu a cabeça quando ele se levantou, tirou seu manto das costas e cobriu Farid.

— Por que está me olhando assim? — sussurrou para a marta. — Ele se instalou de mansinho em seu coração do mesmo jeito que no meu. Como isso foi nos acontecer, Gwin?

A marta lambeu a pata e olhou para ele com seus olhos escuros. Se ela sonhava, com certeza era com caçadas e não com garotos mortos.

E se o velho estivesse enviando os sonhos? O pensamento fez Dedo Empoeirado sentir arrepios quando se estendeu novamente no chão duro ao lado de Roxane. Sim, talvez Fenoglio estivesse sentado em algum canto, como fizera muitas vezes nos últimos dias, tecendo alguns sonhos ruins para ele. Afinal, havia sido assim que ele fizera com o medo de Cabeça de Víbora! "Besteira!", pensou Dedo Empoeirado irritado e estendeu seu braço em volta de Roxane. "Meggie não está aqui. Sem ela, as palavras do velho não passam de tinta. E agora tente dormir de uma vez, ou você vai pegar no sono quando estiver esperando junto com os outros na floresta."

Mas ainda demorou um bom tempo até fechar os olhos.

Ele ficou ali deitado, escutando a respiração do garoto.

70. Pena e espada

— Claro que não — disse Hermione. — Tudo de que precisamos está aqui neste papel.

J. K. Rowling, *Harry Potter e a pedra filosofal*

Mo trabalhou a noite inteira, enquanto lá fora a tempestade caía furiosa, como se o mundo de Fenoglio não quisesse aceitar que a imortalidade estivesse entrando em seus domínios. Meggie tentara ficar acordada, mas acabara adormecendo, a cabeça sobre a mesa, e Mo levou-a para a cama, como já fizera incontáveis vezes. E mais uma vez ficou admirado com o quanto ela havia crescido. Meggie já era quase adulta. Quase.

Meggie acordou quando ele encaixou os fechos.

— Bom dia! — ele disse quando ela ergueu a cabeça do travesseiro, com a esperança de que aquele fosse realmente um bom dia.

Lá fora o céu se avermelhava como um rosto no qual o sangue tivesse voltado a correr. Os fechos estavam bem firmes. Mo os havia limado até que nada mais neles espetasse ou furasse. Eles prendiam as páginas em branco com se a morte já estivesse entre elas. O couro que fora fornecido para a encadernação tinha um brilho avermelhado e envolvia a capa de madeira como uma pele natural. O dorso suavemente arredondado, a costura firme, os blocos cuidadosamente tosquiados. Mas nada disso faria diferença nesse livro. Ninguém o leria. Ninguém o poria ao lado de sua cama, para folhear suas páginas, muitas

e muitas vezes. Era um livro sinistro em toda sua beleza, o próprio Mo sentia isso. Ele parecia ter uma voz que, de forma quase inaudível, sussurrava palavras que não se encontravam em suas páginas. Mas elas existiam. Fenoglio as escrevera, num lugar distante, no qual mulheres e crianças sozinhas choravam por seus maridos e pais mortos. Sim, os fechos eram importantes.

Passos pesados ecoaram no corredor diante da porta. Passos de soldados. Estavam cada vez mais próximos. Lá fora, a noite desbotava. Cabeça de Víbora havia levado ao pé da letra: *Assim que o sol nascer...*

Meggie desceu depressa da cama, ajeitou os cabelos e alisou o vestido.

— Está pronto? — ela sussurrou.

Ele confirmou com a cabeça e pegou o livro de cima da mesa.

— Você acha que Cabeça de Víbora vai gostar?

Pífaro bateu à porta, quatro soldados em sua comitiva. O nariz de prata repousava em seu rosto como se lhe tivesse nascido na carne.

— E então, Gaio? Está pronto?

Mo examinou o livro por todos os lados.

— Sim, sim, acho que sim! — ele disse, mas quando Pífaro estendeu a mão

ele o escondeu nas costas. — Não, não — disse. — Ficarei com ele até que seu amo cumpra a parte dele do trato.

— Ah, é? — Pífaro deu um sorriso sarcástico. — Você não acha que conheço alguns meios de tirá-lo das suas mãos? Mas por enquanto segure-se firme nele. O medo fará seus joelhos tremerem bastante.

Foi um longo caminho da ala do Castelo da Noite em que viviam os espíritos de mulheres já esquecidas até os salões em que Cabeça de Víbora vivia e reinava. Durante todo o caminho, Pífaro foi atrás de Mo, com seu andar estranhamente altivo, afetado como uma cegonha, tão perto que Mo sentia seu hálito na nuca. Mo nunca pisara na maior parte dos corredores pelos quais passavam, e mesmo assim parecia que já havia andado por eles, muito tempo antes, com o livro de Fenoglio, quando o lera tantas e tantas vezes, tentando trazer Resa de volta. Era uma sensação estranha passar ali, do outro lado das letras, para procurar por ela novamente.

Mo também lera sobre o salão cujas portas imponentes finalmente se abriram para eles e, quando viu o olhar apavorado de Meggie, ele entendeu muito bem de que outro lugar ruim ela se lembrava. A igreja vermelha de Capricórnio não era nem de longe tão suntuosa como a sala do trono de Cabeça de Víbora, mas, graças à descrição de Fenoglio, Meggie reconheceu imediatamente qual fora seu modelo. Paredes pintadas de vermelho, colunas de ambos os lados, estas, porém, diferentemente das da igreja de Capricórnio, haviam sido revestidas com escamas de prata. Até mesmo a estátua Capricórnio copiara de Cabeça de Víbora, mas o escultor que havia eternizado o Príncipe de Prata, sem dúvida, entendia mais de seu ofício.

O trono, Capricórnio não tentara copiar de Cabeça de Víbora. Este tinha a forma de um ninho de víboras de prata, duas das quais se esticavam para cima com as bocas escancaradas, para que as mãos de Cabeça de Víbora pudessem repousar em suas cabeças.

O senhor do Castelo da Noite estava vestido suntuosamente apesar da hora matutina, como se quisesse saudar sua imortalidade de maneira apropriada. Ele usava um manto de penas brancas de garças reais sobre trajes de seda preta. Atrás dele, como um bando de pássaros de penas coloridas, esperava Sua corte: administradores, pajens, criados e, entre eles, vestidos em cinza, como cabia ao seu ofício, um grupo de barbeiros.

Evidentemente Mortola também estava presente. Ela estava no fundo, quase invisível em seu vestido preto. Se Meggie não tivesse procurado por ela, não a teria visto. De Basta não havia sinal, mas Raposa Vermelha estava bem ao lado do trono, os braços cruzados sob o manto de pele de raposa. Com ar hostil, olhava para os recém-chegados, mas, para surpresa de Meggie e de Mo, seus olhares sombrios não se dirigiam a eles, e sim a Pífaro.

"É tudo um jogo, um jogo inventado por Fenoglio", pensou Mo ao andar ao longo das colunas de prata. Se pelo menos ele não desse a sensação tão clara de autenticidade. Que silêncio fazia, apesar de tanta gente que havia ali! Meggie olhou para ele, o rosto pálido sob os cabelos claros. Ele sorriu para ela da forma mais encorajadora que seus lábios conseguiram, e ficou feliz pela filha não ouvir o quão depressa batia seu coração.

Ao lado de Cabeça de Víbora estava sua esposa. Meggie a descrevera de forma acertada: uma boneca de porcelana cor de marfim. Atrás dela estava a ama com o tão esperado filho. O choro da criança soou estranhamente perdido no grande salão.

"Um jogo", pensou Mo mais uma vez quando parou diante dos degraus do trono, "nada além de um jogo." Se pelo menos ele conhecesse um pouco mais sobre suas regras. Estava presente mais alguém que conheciam. Taddeo, o bibliotecário, estava com a cabeça humildemente abaixada atrás do trono de

Víbora e olhou para eles com um sorriso preocupado.

Cabeça de Víbora parecia mais maldormido do que em seu último encontro. Seu rosto estava manchado e cheio de sombras, seus lábios sem cor, somente o rubi em sua narina brilhava vermelho. Havia quantas noites ele não dormia?

— Muito bem, você então finalmente terminou — ele disse. — Evidentemente está com pressa de reencontrar sua mulher, não é verdade? Isso deve ser amor, não é?

"Um jogo, apenas um jogo.." Não era a sensação que dava. Nunca algo lhe dera uma sensação mais real do que o ódio que Mo sentiu quando olhou para aquele rosto grosseiro e arrogante. E novamente sentiu as batidas em seu peito: seu novo coração, tão frio.

Cabeça de Víbora fez um sinal para Pífaro e o trovador de nariz de prata aproximou-se dele com ar desafiador. Foi difícil entregar o livro àquelas mãos enluvadas. Afinal, era a única coisa que poderia salvá-los. Pífaro sentiu sua resistência, sorriu para ele com sarcasmo e levou o livro para seu amo. Então, com um breve olhar para Raposa Vermelha, ele se pôs ao lado do trono, com ar tão altivo como se não houvesse um homem mais importante do que ele no salão.

— Belíssimo. Verdadeiramente! — Cabeça de Víbora passou a mão na capa de couro. — Ele pode ser um salteador, mas de encadernação entende alguma coisa. Você também não acha, Raposa Vermelha?

— Existem muitas profissões entre os salteadores — respondeu Raposa Vermelha. — Por que não haveria um maldito encadernador?

— É verdade, é verdade. Vocês ouviram? — Cabeça de Víbora virou-se com ar provocador para o seu séquito de roupas coloridas. — Tenho a impressão de que o meu arauto ainda acha que me deixei enganar por essa garota. Sim, ele acha que sou um simplório sem malícia em comparação com Capricórnio, seu antigo amo.

Raposa Vermelha quis protestar, mas Cabeça de Víbora fez um gesto ordenando que se calasse.

— Muito bem — disse bem alto para que todos pudessem ouvir. — Imagine só, apesar de toda a minha aparente estupidez, encontrei um modo de demonstrar qual de nós dois está enganado.

Com um aceno de cabeça, chamou Taddeo ao seu lado. Solícito, o bibliotecário aproximou-se e tirou pena e tinta de debaixo de seu largo traje.

— É muito fácil, Raposa Vermelha! — Era perceptível que Cabeça de Víbora gostava de ouvir a própria voz. — Não serei eu, mas você quem primeiro escreverá o próprio nome neste livro! Taddeo aqui me assegurou que, com um raspador que o próprio Balbulus desenvolveu, é possível remover tão completamente as letras que depois ninguém descobrirá nem mesmo a sombra de seu nome nas páginas. Portanto, você escreverá o seu nome, e sei que você sabe escrever, depois poremos uma espada na mão de Gaio e ele transpassará seu corpo com ela! Não é uma ideia fabulosa? Assim ficará inequivocamente comprovado se este livro de fato torna imortal aquele cujo nome está escrito em suas páginas.

"Um jogo." Mo viu o medo se espalhar no rosto de Raposa Vermelha como urticária.

— Ora, venha cá! — zombou Cabeça de Víbora ao passar o dedo nos fechos do livro com ar ausente. — Por que ficou tão pálido de repente? Venha e escreva o seu nome aqui. Não o nome que você deu a si mesmo, mas o nome que lhe deram em seu nascimento.

Raposa Vermelha olhou ao seu redor como se buscasse um rosto que indicasse ajuda, mas ninguém se manifestou, nem mesmo Mortola. Com os lábios apertados tão firme que estavam quase brancos, ela estava ali em pé, e seu olhar poderia matar, da mesma maneira que seu veneno muitas vezes fazia, e nesse caso talvez nem mesmo o livro pudesse ajudar Cabeça de Víbora. Mas agora ele apenas sorriu para ela, e pôs a pena na mão de seu arauto. Raposa Vermelha olhou fixamente para a ponta afilada como se não soubesse o que fazer com ela. Então a mergulhou na tinta com um gesto afetado e escreveu.

"E agora, Mortimer?", pensou Mo enquanto o soldado ao seu lado punha a espada em sua mão. "O que você vai fazer? O quê?" Ele sentiu o olhar apavorado de Meggie, sentiu o medo dela como frio ao seu lado.

— Excelente! — Pífaro tirou o livro da mão de Raposa Vermelha mal ele havia terminado. Cabeça de Víbora, porém, fez um sinal para um dos criados que esperavam junto às colunas de prata com travessas cheias de frutas e bolos. O mel pingou de seus dedos quando ele pôs um dos bolos na boca.

— E então, o que está esperando, Raposa Vermelha? — disse com a boca cheia. — Tente a sua sorte! Vá logo.

Raposa Vermelha estava parado olhando para Pífaro, que abraçava o livro com seus longos braços, como se segurasse uma criança. Pífaro retribuiu o olhar com um sorriso malévolo. Raposa Vermelha deu-lhe as costas abruptamente, e

desceu a escada em cujo pé Mo esperava.

Rapidamente, Mo tirou a mão de Meggie de seu braço e empurrou-a para o lado, apesar de sua relutância. Os encouraçados que estavam à sua volta recuaram como se esvaziassem um palco, com exceção de um, que, a um sinal de Cabeça de Víbora, pôs-se no caminho de Raposa Vermelha, tirou sua espada da bainha e estendeu o cabo de prata para Mo. Era ainda o jogo de Fenoglio?

Para Mo não fazia diferença. Quando entrara no salão, ele teria dado um braço por uma espada, mas aquela ele não queria. Muito menos o papel que alguém estava lhe atribuindo, fosse Fenoglio, fosse Cabeça de Víbora.

— Pegue logo, Gaio. — O soldado que estendeu a espada estava impaciente, e Mo não pôde deixar dc pensar na noite em que brandira a espada de Basta e o expulsara, a ele e a Capricórnio, de sua casa. Ainda se lembrava exatamente de como a espada pesara em sua mão, como a luz se refletira em sua lâmina...

— Não, obrigado — disse e deu um passo para trás. — Mas espadas não fazem parte das ferramentas do meu ofício. Acho que comprovei isso com o livro, não é?

Cabeça de Víbora limpou o mel de seus dedos e examinou-o dos pés a cabeça.

— Mas, Gaio! — disse com a voz ligeiramente espantada. — Você ouviu muito bem. Não estamos exigindo nenhuma habilidade especial. Apenas precisa transpassá-lo com ela. Não é tão difícil!

Raposa Vermelha olhava para Mo. Seus olhos pareciam turvos de ódio.

"Olhe só para ele, seu bobo!", pensou Mo. "Ele não vacilaria em cravar a espada em seu corpo, portanto, por que você não faz o mesmo?" Meggie entendia por que não. Ele viu em seus olhos. Talvez Gaio pegasse a espada, mas seu pai, não.

— Esqueça, Víbora! — disse em voz alta. — Se você tem uma conta em aberto com o seu cão de guarda, acerte-a você mesmo. Nós temos um outro trato.

Cabeça de Víbora olhou para ele com tal interesse como se um animal exótico tivesse se extraviado em seu salão. Então riu.

— Gostei da resposta! — exclamou. — Sim, realmente. E sabe de uma coisa? Comprova definitivamente que prendi o homem certo. Você é Gaio, com toda a certeza é ele, que dizem ser uma raposa astuta. Mas, apesar disso, cumprirei minha parte.

E, com essas palavras, acenou com a cabeça para o soldado que ainda estendia a espada para Mo. Sem hesitar, ele se virou e enfiou a longa lâmina no corpo do arauto de seu senhor, tão depressa que Raposa Vermelha nem mesmo chegou a recuar.

Meggie gritou. Mo puxou-a para junto de si e escondeu o rosto dela em seu peito. Raposa Vermelha, porém, estava ali em pé e olhava estupefato para a espada que despontava do seu corpo como se fosse uma parte dele.

Com um sorriso de satisfação consigo mesmo, Cabeça de Víbora olhou ao seu redor, deleitando-se com o pavor silencioso que o cercava. Raposa Vermelha, porém, pegou a espada que o transpassava e, com o rosto desfigurado, puxou a lâmina de novo para fora lentamente, sem cambalear.

E o grande salão ficou tão silencioso como se todos os presentes tivessem parado de respirar.

Cabeça de Víbora, porém, bateu palmas.

— Então! Olhem bem para ele! — exclamou. — Alguém aqui nesta sala é da opinião de que ele poderia ter sobrevivido a esse golpe? Mas está apenas um pouco pálido, nada mais. Certo, Raposa Vermelha?

Seu arauto não respondeu, apenas olhava para a espada ensanguentada em sua mão.

Cabeça de Víbora, porém, prosseguiu com voz alegre: — Bem, acho que está comprovado! A garota não mentiu e Cabeça de Víbora não é nenhum bobo ingênuo que acredita em historinhas de crianças, não é mesmo? — Como um predador faz com suas patas, organizava cuidadosamente suas palavras. Nada além de silêncio veio em resposta. E também Raposa Vermelha, o rosto pálido de dor, continuou calado, enquanto limpava o sangue da espada com a barra de seu manto.

— Muito bem! — observou Cabeça de Víbora. — Isso parece estar liquidado, e agora tenho um arauto imortal! Já está na hora de eu poder dizer isso de mim mesmo. Pífaro! — disse e voltou-se para o homem com nariz de prata. — Esvazie o salão! Tire todos daqui. Criados, mulheres, barbeiros, administradores, todos. Apenas dez soldados ficam, você. Raposa Vermelha, o bibliotecário e os dois prisioneiros. Você também sai! disse em tom rude para Mortola quando ela quis protestar. — Fique com minha mulher e trate de fazer essa criança parar de chorar.

— Mo, o que ele pretende? — sussurrou Meggie, enquanto ao seu redor os soldados expulsavam as pessoas da sala. Mas Mo só pôde sacudir a cabeça. Não sabia a resposta. Apenas sentia que o jogo ainda não havia acabado.

— E quanto a nós? — ele exclamou para Cabeça de Víbora. — Minha filha e eu fizemos nossa parte do trato, portanto, mande buscar os prisioneiros das masmorras e deixe-nos ir.

Mas Cabeça de Víbora apenas ergueu a mão num gesto apaziguador.

— Claro, claro, Gaio — respondeu com uma voz condescendente. — Como você cumpriu sua promessa, cumprirei a minha palavra de víbora. Já mandei alguns homens até as masmorras, mas é um longo caminho de lá até o portão, portanto, faça-nos um pouco de companhia. Acredite, cuidaremos de entretê-lo.

Um jogo, Mo olhou ao seu redor e observou como as portas enormes se fechavam atrás dos últimos criados. Vazio, o grande salão parecia ainda maior.

— Como se sente, Raposa Vermelha? — Cabeça de Víbora mediu seu arauto com um olhar frio. — Como é ser imortal? Fabuloso? Tranquilizador?

Raposa Vermelha calou-se. Ainda segurava na mão a espada que o havia transpassado.

— Gostaria de ter de volta a minha própria espada — disse com voz rouca, sem tirar os olhos de seu amo. — Esta não vale nada.

— Ah, que nada. Mandarei forjar uma espada nova para você, como agradecimento pelos serviços que me prestou! — retrucou Cabeça de Víbora. — Mas, antes disso, resta ainda um detalhe a resolver para que possamos remover o seu nome do meu livro sem causar danos.

— Remover? — O olhar de Raposa Vermelha voltou-se para Pífaro, que ainda segurava o livro nos braços.

— Remover, sim. Você deve lembrar que este livro foi feito para tornar imortal a mim e não a você. E, para que isso possa acontecer, o escriba deve escrever nele mais três palavras.

— Para quê? — Raposa Vermelha limpou o suor da testa com a manga.

Três palavras. Pobre diabo. Ele não tinha ouvido a armadilha se fechar? Meggie segurou a mão de Mo.

— Para dar lugar, digamos, para dar lugar a mim — respondeu Cabeça de Víbora. — E sabe de uma coisa? — prosseguiu quando Raposa Vermelha olhou para ele assombrado. — Como recompensa pelo fato de você ter provado de forma tão desinteressada o quanto esse livro protege contra a morte, assim que o escriba tiver escrito essas três palavras, você poderá matar Gaio. Caso seja possível matá-lo. Que tal essa oferta?

— O quê? O que você está dizendo? — A voz de Meggie soou estridente de medo. Mas Mo tapou depressa sua boca com a mão.

— Meggie, por favor — ele sussurrou-lhe. — Você se esqueceu do que me disse sobre as palavras de Fenoglio? Não vai acontecer nada comigo.

Mas Meggie não quis ouvir. Chorando, ela se agarrou a ele, até que dois soldados a arrancaram brutalmente.

— Três palavras! — Raposa Vermelha andou em sua direção. — Três palavras, conte bem, Gaio — Raposa Vermelha ergueu a espada — Na quarta, eu ataco. E vai doer, garanto, embora talvez não o mate. Sei do que estou falando.

À luz das velas, a lâmina da espada parecia ser feita de gelo e longa o suficiente para transpassar três homens. Em alguns pontos, ainda havia sangue de Raposa Vermelha, como ferrugem sobre o metal brilhante.

— Vamos lá, Taddeo — disse Cabeça de Víbora. — Você se lembra das palavras que mencionei? Escreva-as, uma após outra, mas não as pronuncie. Enumere-as simplesmente.

Pífaro abriu o livro e entregou-o ao velho homem. Com os dedos trêmulos, Taddeo mergulhou a pena no tinteiro.

— Uma — ele disse e a pena arranhou o papel.

— Duas.

Com um sorriso, Raposa Vermelha encostou a ponta da espada no peito de Mo.

Taddeo ergueu a cabeça, mergulhou novamente a pena na tinta e olhou inseguro para Cabeça de Víbora.

— Não sabe mais contar, velho? — perguntou.

Taddeo apenas sacudiu a cabeça e pousou novamente a pena sobre o papel.

— Três — murmurou.

Mo ouviu Meggie chamar seu nome e olhou para a ponta da espada. Palavras, nada além de palavras o protegiam contra a lâmina brilhante e afiada...

Mas, no mundo de Fenoglio, isso era suficiente. Os olhos de Raposa Vermelha arregalaram-se, espantados e horrorizados ao mesmo tempo. Mo viu como ele ainda tentou investir com sua última respiração, para levar a ele. Mo, aonde a pena e a tinta já o haviam enviado, mas a espada caiu da sua mão. Então ele perdeu as forças e tombou aos pés de Mo.

Pífaro olhou para o morto sem dizer nada, enquanto Taddeo deixava a pena cair e se afastava do livro no qual acabara de escrever, como se pudesse matá-lo também no próximo instante, com uma voz suave, com uma única palavra.

— Levem-no daqui! — ordenou Cabeça de Víbora. — Antes que as Damas Brancas venham buscá-lo no meu castelo. Andem logo!

Três soldados levaram Raposa Vermelha para fora. As caudas de raposa de

seu manto varreram os ladrilhos quando o arrastaram, e Mo ficou parado olhando para a espada a seus pés. Ele sentiu o braço de Meggie envolvê-lo. Seu coração batia forte como o de um pássaro assustado.

— Pois é, quem quer um arauto imortal? — exclamou Cabeça de Víbora na direção do morto. — Se fosse um pouco mais esperto, teria entendido isso. — Mais do que nunca, o rubi que adornava sua narina lembrava uma gota de sangue.

— Devo então cancelar o nome dele, Alteza? — A voz de Taddeo soou tão tímida que quase não foi ouvida.

— É claro. O nome e as três palavras, obviamente. Mas seja rigoroso. Quero essas páginas novamente brancas como a neve que acabou de cair.

O bibliotecário pôs-se a trabalhar obedientemente. O ruído do raspador sobre o papel soou estranhamente alto no salão vazio. Quando Taddeo terminou, passou a palma da mão sobre o papel, agora novamente em branco. Então, Pífaro tirou o livro de suas mãos e entregou-o a Cabeça de Víbora.

Mo viu como os dedos gordos tremiam quando mergulharam a pena na tinta. E, antes de começar a escrever, Cabeça de Víbora ergueu os olhos mais uma vez.

— Certamente você não foi tão estúpido para acrescentar mais algum feitiço neste livro, não é, Gaio? — ele perguntou com um ar perscrutador. — Existem formas de matar um homem, e não só um homem, mas também sua mulher e sua filha, que tornam a morte uma coisa muito demorada e torturante. Pode durar dias, muitos dias e noites.

— Um feitiço? Não — retrucou Mo, sempre olhando para a espada a seus pés. — Não entendo de feitiços. Como já disse, a encadernação é o meu ofício, nada além disso. E tudo o que sei passei para esse livro. Nada mais e nada menos.

— Muito bem, então. — Cabeça de Víbora embebeu a pena na tinta novamente, e parou mais uma vez. — Brancas! — ele murmurou enquanto olhava para as páginas vazias. — Vejam só como são brancas. Brancas como as mulheres que trazem a morte, brancas como os ossos que a Fria Senhora deixa depois de ter se saciado de carne e sangue.

Então escreveu. Escreveu seu nome no livro em branco. E fechou-o.

— Pronto! — exclamou triunfante. — Pronto, Taddeo! Tranque-o, a sugadora de almas, a inimiga que não podemos matar. Agora ela também não pode mais me matar. Agora estamos quites. Uma Fria Senhora e um Príncipe Frio que juntos governam este mundo. Por toda a eternidade.

O bibliotecário obedeceu e, enquanto encaixava os fechos, olhou para Mo. "Quem é você?", seus olhos pareciam perguntar. "Qual é o seu papel neste jogo?" Mas, mesmo se quisesse, Mo não poderia lhe dar uma resposta.

Cabeça de Víbora, porém, parecia acreditar que a conhecia.

— Sabia que gosto de você, Gaio? — ele perguntou sem tirar dele seu olhar de lagarto. — Sim, você com certeza daria um bom arauto, mas os papéis foram atribuídos de outra forma, não é?

— Sim, foram — disse Mo. "Mas você não sabe por quem", ele acrescentou

em pensamento.

Cabeça de Víbora acenou com a cabeça para os soldados.

— Deixem-no ir — ordenou, — Ele, a garota e quem mais ele quiser levar.

Os soldados se afastaram, ainda que relutantes.

— Venha, Mo! — sussurrou Meggie e apertou sua mão.

Como ele estava pálido. Pálido de medo e tão indefeso. Mo olhou para os soldados, pensou no pátio cercado de muros que os esperava lá embaixo, as víboras de prata que os fitavam do alto, as portinholas sobre o portão, de onde jorrava o piche. Pensou nas bestas nas ameias, nas lanças dos porteiros, e nos soldados que haviam levado Resa para a sujeira. Sem dizer uma palavra, ele se abaixou... e ergueu a espada que havia caído da mão de Raposa Vermelha.

— Mo! — Meggie soltou sua mão e olhou para ele horrorizada. — O que você está fazendo?

Mas ele apenas a puxou para junto de si sem dizer uma palavra, enquanto os soldados sacavam suas armas como se fossem um homem só. A espada de Raposa Vermelha era pesada, mais pesada do que aquela com a qual ele expulsara Capricórnio de sua casa.

— Ora, ora! — disse Cabeça de Víbora. — Você parece não querer confiar na minha palavra, Gaio!

— Oh, não, confio nela! — disse Mo sem largar a espada. — Mas aqui todos têm uma arma menos eu, então acho que posso ficar com essa espada sem dono. Você fica com o livro e, se tivermos sorte, depois desta manhã não nos veremos nunca mais.

Até mesmo a risada de Cabeça de Víbora soava como se fosse de prata, como prata enegrecida.

— Mas como assim? — ele exclamou. — Acho divertido jogar com você, Gaio. Você é um bom adversário. É por isso que ainda mantenho a minha palavra. Deixem-no ir! — ordenou mais uma vez para os soldados. — Avisem também os guardas no portão. Cabeça de Víbora deixará Gaio partir, porque não precisa mais temê-lo, pois Cabeça de Víbora é imortal!

As palavras ecoavam nos ouvidos de Mo quando pegou a mão de Meggie. Taddeo ainda segurava o livro como se pudesse mordê-lo. Mo tinha a sensação de ainda ter o papel entre os dedos, a madeira da capa, o couro, os fios da costura. Então percebeu o olhar de Meggie. Ela olhava para a espada em sua mão como se o tornasse um estranho.

— Venha — ele disse e puxou-a. — Vamos encontrar sua mãe!

— Sim, vá, Gaio, leve sua filha, sua mulher e todos os outros! — exclamou Cabeça de Víbora atrás dele. — Vá antes que Mortola me lembre da estupidez que é deixá-lo ir!

Apenas dois soldados seguiram-nos pelo longo caminho dentro do castelo. O pátio estava quase deserto naquele início de manhã. O céu sobre o Castelo da

Noite estava cinzento, e caía uma chuva fina, como um véu diante do dia que principiava. Os poucos servos que já estavam trabalhando recuaram assustados quando viram a espada na mão de Mo, e os soldados apenas fizeram sinal para que se afastassem.

Os outros prisioneiros já esperavam diante do portão, um bando perdido, vigiado por uma dúzia de soldados. No começo, Mo não conseguiu ver Resa, mas de repente uma figura se separou das outras e começou a andar depressa na direção dele e de Meggie. Ninguém a deteve.

Talvez os soldados já tivessem ouvido sobre o que acontecera a Raposa Vermelha. Mo sentiu como olhavam para ele, cheios de repulsa e ódio pelo homem que trancafiara a morte entre páginas em branco e, além disso, era um salteador! A espada em sua mão não era a prova definitiva disso? Mo não se importava com o que pensavam. Podiam muito bem ter medo dele. Ele tivera mais medo do que era cabível numa vida, todos os dias e as noites em que acreditara ter perdido tudo, sua mulher, sua filha, e que nada lhe restaria além de uma morte solitária naquele mundo de palavras.

Resa abraçava ora Mo, ora Meggie, ela quase os sufocou, e, quando finalmente os soltou, o rosto dele estava molhado de suas lágrimas.

— Venha, vamos atravessar este portão, Resa! — ele sussurrou. — Antes que o senhor deste castelo mude de ideia! Todos temos muito o que contar, mas agora vamos!

Os outros prisioneiros juntaram-se a eles, calados. Pasmos, viram o portão se abrir diante deles, as folhas revestidas de ferro se erguerem e os deixarem passar em liberdade. Alguns, com a pressa, tropeçaram nos próprios pés quando se precipitaram para fora. Mas também ali ninguém foi atrás deles.

Os guardas ficaram simplesmente parados, espadas e lanças nas mãos, olhando para eles, vendo-os se afastar com passos inseguros, as pernas endurecidas depois das semanas nas masmorras. Apenas um soldado acompanhou-os pelo portão e apontou-lhes, sem dizer uma palavra, a estrada que deveriam tomar.

"E se lançarem flechas das ameias contra nós?", pensou Mo quando viu que nenhum arbusto ou árvore poderia lhes proteger, enquanto seguiam pela estrada que descia a encosta descalvada. Ele se sentia como uma mosca na parede, tão fácil de ser atingido.

Mas nada aconteceu. Andaram pela manhã cinzenta, sob a chuva que caía ininterruptamente, às suas costas o castelo ameaçador como um grande monstro... e nada aconteceu.

— Ele cumpriu sua promessa! — cada vez mais essas palavras eram sussurradas entre os prisioneiros. — Cabeça de Víbora manteve sua palavra.

Preocupada, Resa perguntou a Mo pelo seu ferimento, e ele respondeu, em voz baixa, que estava bem, enquanto esperava ouvir passos atrás deles, passos de soldados... Mas o silêncio permaneceu. Parecia que desciam a encosta descalvada havia um tempo infinitamente longo quando de repente apareceram árvores na sua frente. A sombra que os galhos lançavam na estrada era tão escura como se a própria noite tivesse se refugiado ali.

71. Apenas um sonho

Um dia, disse um jovem rapaz: — Não gosto dessa história de que todos vamos morrer. Quero partir e procurar a terra onde ninguém morre.

"A terra em que ninguém morre", conto popular italiano

Dedo Empoeirado estava deitado entre as árvores, a pele molhada de chuva. Ao seu lado, Farid tiritava de frio, os cabelos pretos grudados na testa. Os demais não se encontravam em melhor situação, haviam se estendido ao longo de toda a estrada, invisíveis na mata fechada. Esperavam havia horas, ainda antes do nascer do sol tinham ocupado seus postos, e desde então não parara de chover. Debaixo das árvores estava escuro como se nunca houvesse amanhecido. E quieto. Tão quieto como se os que estavam ali não fossem os únicos a suspender a respiração. Apenas a chuva lambia os galhos e as folhas, caía e caía. Farid passou a manga no nariz molhado e alguém espirrou. "Maldito idiota, tape esse nariz!", pensou Dedo Empoeirado e estremeceu quando ouviu um farfalhar no outro lado da estrada, mas apenas um coelho saltou de uma touceira. Farejando, parou no meio da estrada com as orelhas trêmulas e os olhos arregalados. "Ele não deve estar nem com a metade do meu medo", pensou Dedo Empoeirado e desejou voltar para Roxane, para as galerias escuras no fundo da terra, que cheiravam como uma cripta, mas pelo menos eram secas.

Já devia ser a centésima vez que ele tirava o cabelo ensopado da testa quando, ao seu lado, Farid levantou a cabeça de repente. O coelho pulou para o meio das árvores, e o barulho de passos atravessou o rumorejar da chuva. Eram eles, finalmente, um pequeno bando perdido, quase tão encharcados quanto os salteadores que esperavam por eles. Farid quis saltar dali, mas Dedo Empoeirado segurou-o e empurrou-o bruscamente de volta.

— Fique onde está, entendeu? — ralhou. — Não deixei as martas com Roxane para ter que prender você!

Língua Encantada vinha na frente, ao seu lado, Meggie e Resa. Ele segurava uma espada na mão como naquela noite em que expulsara Capricórnio e Basta de sua casa. Ao lado de Resa, cambaleante, vinha a mulher grávida que ele vira na masmorra. Ela se virava a todo instante para o Castelo da Noite, que ainda se erguia ameaçadoramente grande atrás deles, embora já estivessem bem longe. Havia ali mais pessoas do que haviam precisado deixar para trás no local da árvore tombada. Aparentemente, Cabeça de Víbora havia esvaziado suas masmorras. Trôpegos, alguns mal conseguiam se manter em pé, outros piscavam como se mesmo a penumbra daquele dia escuro fosse demais para os seus olhos. Língua Encantada parecia estar bem, apesar da camisa ensanguentada, e Resa não parecia mais tão pálida como na masmorra, mas talvez ele apenas estivesse imaginando.

Ele acabara de avistar Mocho entre os outros — como parecia velho e fraco! —, quando Farid segurou seu braço apavorado e apontou para os homens que de repente apareceram mais abaixo na estrada. Pareciam vir da chuva, mais e mais, e eram tão silenciosos que no começo Dedo Empoeirado pensou que Príncipe Negro recebera reforços. Mas então viu Basta.

Ele segurava uma espada com uma mão e, com a outra, a navalha; a sede de sangue estava estampada em seu rosto queimado. Entre os homens que o acompanhavam, nenhum trazia o brasão de Cabeça de Víbora, mas o que isso significava? Talvez Mortola os tivesse mandado, talvez Cabeça de Víbora quisesse se inocentar quando seus prisioneiros libertados fossem encontrados mortos na estrada. Eram muitos homens, e era o que importava. Muito mais do que os que estavam com Príncipe Negro sob as árvores. Basta ergueu a mão com um sorriso, e eles começaram a subir a estrada, as espadas em punho, sem pressa, como se quisessem saborear mais um pouco o medo no rosto dos libertos antes de massacrá-los.

Príncipe Negro foi o primeiro a sair de entre as árvores, o urso ao seu lado. Os dois postaram-se na estrada como se pudessem impedir o massacre sozinhos. Mas seus homens seguiram-no rapidamente. Silenciosos, formaram uma muralha de corpos entre os libertos e os que tinham se aproximado para matá-los. Dedo Empoeirado praguejou baixinho e se levantou. Oh, sim, seria uma manhã sangrenta. A chuva não escorreria depressa o suficiente para lavar todo o sangue, e ele teria que deixar o fogo muito furioso, pois este não gostava da chuva. A umidade tornava-o sonolento — e ele teria que ser atiçado, muito atiçado.

— Farid! — Dedo Empoeirado sussurrou o nome do garoto e ainda conseguiu puxá-lo de volta pelo braço.

Ele queria ir para Meggie, obviamente, mas precisava levar o fogo. Precisavam formar um anel, um anel de chamas, em torno daqueles que nada tinham além de suas mãos contra todas aquelas espadas. Dedo Empoeirado catou um bom galho, atraiu as chamas para fora da casca úmida, e jogou a madeira silvando e soltando fumaça para o garoto. A muralha de carne humana não agüentaria por muito tempo, o fogo precisava salvá-los, o fogo. A voz de Basta soou no crepúsculo matutino, sarcástica e sanguinária, enquanto Farid fazia chover fagulhas sobre a terra. Ele as salpicava sobre o solo úmido como um camponês espalha sementes, ao passo que Dedo Empoeirado ia atrás dele e as fazia crescer. As chamas subiram alto quando os homens de Basta atacaram. Espada contra espada, gritos enchiam o ar, corpos chocavam-se, e Dedo Empoeirado e Farid despertavam e atiçavam o fogo, até que envolvesse quase completamente o bando de prisioneiros.

Dedo Empoeirado deixou apenas um estreito caminho livre, um escape para a floresta caso as chamas não o obedecessem mais, caso, ao final, sua fúria o levasse a atacar a ambos, amigos e inimigos.

Viu o rosto de Resa e o medo estampado nele, viu como Farid saltava as chamas até os libertos, como haviam combinado. Que sorte haver Meggie, do contrário Farid provavelmente não teria saído de seu lado. O próprio Dedo Empoeirado parou diante do fogo. Pegou sua faca (sempre que Basta estava por perto era melhor ter uma na mão) e sussurrou para o fogo, insistente, quase carinhoso, para que não fizesse o que queria, para que de amigo não se tornasse inimigo. Os salteadores eram cada vez mais obrigados a recuar, estavam cada vez mais próximos do bando dos libertos, dos quais apenas Língua Encantada tinha uma arma. Príncipe Negro foi atacado por três dos homens de Basta ao mesmo tempo, mas o urso protegia o seu dono com unhas e dentes. Dedo Empoeirado quase sentiu náuseas com a visão das feridas causadas por suas garras pretas.

O fogo crepitava para ele, queria brincar, dançar, nada entendia do medo que o cercava, não sentia o seu cheiro, o seu gosto. Dedo Empoeirado ouviu um grito, alguém soara tão límpido como uma voz de garoto.

Onde estava Farid?

Ali. Dando golpes ao seu redor com a faca, ágil como uma cobra. Dedo Empoeirado pegou-o pelo braço, sussurrou para as chamas que os deixassem passar, e arrastou-o consigo.

— Mas que droga! Eu devia tê-lo deixado com Roxane — esbravejou arrastando Farid através do fogo. — Não lhe disse para ficar com Meggie? — Ele teria torcido aquele pescoço delgado se não estivesse tão aliviado por vê-lo são e salvo.

Meggie correu ao encontro de Farid, pegou sua mão. Assim ficaram, lado a lado, o olhar fixo no combate sangrento. Dedo Empoeirado, porém, tentou não ouvir, não ver... O fogo deveria ser sua única preocupação. O resto ficava por

conta de Príncipe Negro.

Língua Encantada estava se saindo bem com a espada, muito melhor do que ele próprio teria conseguido, mas parecia exausto. Resa estava com Meggie, também sã e salva. A mil vezes maldita chuva escorria por sua nuca, encobria sua voz com seus rumorejos. A água cantava uma cantiga de ninar para as chamas, uma velha cantiga, e Dedo Empoeirado elevou a voz, gritou mais e mais alto, para despertá-las novamente, para fazê-las rugir e morder. Ele chegou mais perto do anel de fogo, viu os corpos em combate se aproximarem mais e mais. Alguns quase tropeçavam nas chamas.

Farid também notara o quanto a chuva estava atrapalhando. Depressa, correu em direção às labaredas sonolentas. Meggie seguiu-o. Um morto caiu perto dele no círculo de fogo, sufocou as chamas com seu corpo inerte, um segundo tropeçou nele. Dedo Empoeirado praguejou enquanto corria para a brecha mortal, chamou Língua Encantada para ajudar e viu Basta surgir entre as chamas, Basta, o rosto queimado, ódio nos olhos, ódio e o medo do fogo. Qual dos dois seria mais forte? Ele olhou através das chamas, os olhos piscando com a fumaça, como se procurasse por um rosto. Dedo Empoeirado podia imaginar qual. Involuntariamente deu um passo para trás. Mais um morto caiu nas chamas. Dois homens, brandindo suas espadas, pularam sobre os corpos e atacaram os prisioneiros. Os gritos ecoaram estridentes nos ouvidos de Dedo Empoeirado, ele viu Língua Encantada se pôr diante de Resa e Basta pisar nos mortos como que sobre uma ponte. Era preciso reanimar as chamas! Dedo Empoeirado quis voltar até o fogo para que este o pudesse ouvir melhor, mas alguém segurou seu braço e virou-o bruscamente. Dois Dedos.

— Vão nos matar! — balbuciou com olhos arregalados de medo.

Desde o começo, queriam nos matar! E, se não conseguirem, seremos torrados pelas chamas!

— Solte-me! — disse Dedo Empoeirado.

A fumaça ardia em seus olhos, fazia-o tossir. Basta. Ele olhava para Dedo Empoeirado, através da fumaça, como se uma fita invisível os atasse. As chamas ergueram-se em vão em sua direção, ele ergueu a navalha. Quem Basta tinha na mira? E por que sorria daquela maneira?

O garoto.

Dedo Empoeirado livrou-se de Dois Dedos. Gritou o nome de Farid, mas o barulho ao redor engoliu sua voz. O garoto ainda segurava a mão de Meggie, enquanto a outra segurava a faca que Dedo Empoeirado havia lhe dado, numa outra vida, numa outra história.

— Farid!

Ele não o ouviu. E Basta arremessou.

Dedo Empoeirado viu como a lâmina penetrou nas costas estreitas. Correu e amparou o garoto antes que caísse no chão, mas Farid já estava morto. Basta estava ali, o pé em cima de um outro morto, e sorria. E por que não? Ele havia atingido seu alvo, o alvo que sempre tivera em mente: o coração de Dedo Empoeirado, seu tolo coração. Ele se partiu quando segurou Farid nos braços, simplesmente se despedaçou, embora Dedo Empoeirado tivesse cuidado tanto dele durante todos aqueles anos. Ele viu o rosto de Meggie, ouviu-a gritar o nome de Farid e deixou-o nos braços dela. Suas pernas tremiam tanto que ele teve dificuldades de se levantar. Tudo nele tremia, até mesmo a mão com a qual segurava a navalha que havia tirado das costas do garoto. Quis partir para cima

de Basta, através do fogo e dos corpos em combate, mas Língua Encantada foi mais rápido, Língua Encantada, que havia tirado Farid de sua história e cuja filha estava ali no chão e chorava, como se o seu coração tivesse sido apunhalado como o garoto...

Língua Encantada não deu atenção às chamas que ardiam em sua direção. Cravou a espada no corpo de Basta, como se nunca tivesse feito outra coisa, como se desde sempre fosse aquele o seu ofício: matar. Basta morreu, a surpresa ainda em seu rosto. Caiu no fogo, e Dedo Empoeirado cambaleou de volta para Farid, que Meggie ainda segurava em seus braços.

O que ele havia pensado? Que o garoto voltara a viver somente porque seu assassino estava morto? Não, seus olhos negros ainda olhavam para o nada, vazios como uma casa abandonada. Não havia neles nada mais da alegria que antes era tão difícil de espantar. E Dedo Empoeirado ajoelhou-se ali, na terra pisada, enquanto Resa consolava o pranto de sua filha e ao seu redor homens lutavam e morriam, e não sabia mais, absolutamente não sabia mais o que afinal fazia ali, o que acontecia à sua volta, por que fora para aquele lugar, debaixo daquelas árvores, as mesmas árvores que vira em sonho.

No pior de todos os sonhos.

Que se tornara realidade.



72. A troca

O azul de meus olhos se apagou esta noite, O ouro vermelho de meu coração.

Georg Trakl, *A noite*

Quase todos escaparam. O fogo os salvou, a fúria do urso, os homens de Príncipe Negro e Mo, que naquela manhã cinzenta praticava a morte como se quisesse se tornar um mestre no ofício. Basta ficou para trás, morto sob as árvores, assim como Estripador e tantos outros de seus homens, e o chão ficou coberto de cadáveres como que por folhas secas. Dois saltimbancos também foram mortos. E Farid.

Farid.

O próprio Dedo Empoeirado estava pálido como a morte quando o levou de volta para a mina. Meggie foi ao seu lado, por todo o caminho escuro. Ela segurava a mão de Farid, como se isso pudesse ajudar, e sentia-se tão ferida em seu interior como se nunca mais fosse sarar.

Ela foi a única que Dedo Empoeirado não mandou embora quando acomodou Farid sobre seu manto na mais afastada das galerias. Ninguém ousou lhe dirigir a palavra quando ele se debruçou sobre o garoto morto e limpou a fuligem de sua testa. Roxane tentou falar com ele, mas, quando viu a expressão de seu rosto, deixou-o sozinho. Assim, estavam os dois ali, nas entranhas da Montanha da Víbora, como ao final de todas as histórias. Sem mais uma única

palavra para ser dita.

Talvez já tivesse caído a noite lá fora quando Meggie ouviu a voz de Dedo Empoeirado. Ela a ouviu como se chegasse de longe, através da névoa de dor que a envolvia, como se jamais fosse encontrar a saída.

— Você também gostaria de tê-lo de volta, não é?

Era difícil para ela desviar o olhar de Farid.

— Ele não vai voltar nunca mais — ela sussurrou e olhou para Dedo Empoeirado.

Ela não tinha forças para falar mais alto. Todas as suas forças tinham ido embora, como se Farid as tivesse levado. Ele havia levado tudo.

— Existe uma história — Dedo Empoeirado olhou para suas mãos como se nelas estivesse escrito o que ele falava — uma história sobre as Damas Brancas.

— Que história? — Meggie não queria mais ouvir histórias, nunca mais.

Aquela história já lhe partira o coração para sempre. Assim mesmo, havia algo na voz de Dedo Empoeirado...

Ele se debruçou sobre Farid e tirou um pouco de fuligem de sua testa.

— Roxane conhece a história — ele disse. — Ela vai contar para você. Vá até ela simplesmente... e diga-lhe que precisei partir. Diga a ela que quero descobrir se a história é verdadeira. — Ele falava de uma forma estranhamente entrecortada, como se fosse infinitamente difícil encontrar as palavras certas. — E lembre-a da minha promessa, de que sempre encontrarei um caminho para voltar para ela, não importa onde eu esteja. Você dirá isso a ela?

Do que ele estava falando?

— Descobrir? — A voz de Meggie estava sufocada pelas lágrimas.

— O quê?

— Oh, as pessoas contam coisas sobre as Damas Brancas. Muitas delas não passam de superstição, mas alguma coisa com certeza é verdade. É assim com todas as histórias, não é? Fenoglio provavelmente saberia me dizer mais sobre isso, mas para falar a verdade não tenho vontade de perguntar a ele. Não, é melhor eu perguntar às próprias Damas Brancas.

Dedo Empoeirado levantou-se. Ficou em pé e olhou a seu redor, como se tivesse esquecido onde estava. As Damas Brancas.

— Elas chegarão logo, não é? — perguntou Meggie preocupada.

— Virão buscar Farid.

Mas Dedo Empoeirado sacudiu a cabeça, e pela primeira vez ele sorriu, o sorriso misterioso e triste que Meggie só conhecia nele e que ela nunca havia entendido completamente.

— Não, para que viriam? Elas sabem o que querem. Apenas vêm quando você ainda está com vida, quando precisam atraí-lo com um olhar ou com sussurros. Todo o resto é superstição. Vêm quando você ainda respira, mas a morte já está bem próxima. Quando o seu coração bate cada vez mais fraco, quando elas farejam o seu medo ou o sangue, como aconteceu com o seu pai. Se morrer tão depressa como Farid, você vai por conta própria até elas.

Meggie passou a mão nos dedos de Farid. Estavam mais frios do que a pedra sobre a qual ela estava sentada.

— Mas então não entendo — ela sussurrou. — Se não virão, como você vai perguntar a elas?

— Vou chamá-las. Mas é melhor você não estar aqui quando eu fizer isso. Vá, então, até Roxane e diga a ela o que lhe pedi, está bem? — Ele pôs o dedo nos lábios dela quando ela quis fazer mais perguntas. — Por favor, Meggie! — Não era frequente que ele a chamasse pelo nome. — Diga a Roxane o que lhe pedi, e que sinto muito. Agora vá.

Meggie sentiu que ele estava com medo, mas não perguntou de quê, porque seu coração fez outra pergunta: como era possível que Farid estivesse morto, c como seria tê-lo morto em seu coração para sempre? Ela acariciou mais uma vez o rosto endurecido antes de se levantar. Quando se virou de novo na entrada da galeria, Dedo Empoeirado olhava para Farid. E pela primeira vez desde que ela o conhecera, seu rosto mostrava tudo o que em geral escondia: ternura, amor e dor.

Meggie sabia onde procurar Roxane, mas errou duas vezes o caminho nas galerias escuras antes de finalmente encontrá-la. Roxane cuidava das mulheres feridas, enquanto Mocho tratava dos homens. Muitos haviam sofrido ferimentos e, embora tivesse salvado a todos, o fogo queimara severamente alguns deles. Mo não estava à vista, nem Príncipe Negro, provavelmente os dois vigiavam a entrada da mina lá em cima, mas Resa estava com Roxane. Ela enfaixava um braço queimado, e, num corte na testa de uma velha mulher, Roxane aplicava a mesma pasta que utilizara na perna de Dedo Empoeirado. O cheiro de primavera não combinava nada com lugar.

Quando Meggie saiu do corredor escuro, Roxane ergueu a cabeça. Talvez ela tivesse esperança de que fossem de Dedo Empoeirado os passos que ouvira. Meggie encostou-se na parede fria da galeria. "Tudo isso é um sonho", pensou, um sonho ruim, muito ruim." Estava tonta de tanto chorar.

— Que história é esta? — ela perguntou a Roxane. — Uma história sobre as Damas Brancas... Dedo Empoeirado disse para você me contar. E que ele precisa partir porque quer descobrir se ela é verdadeira...

— Partir? — Roxane largou o unguento. — Do que você está falando?

Meggie enxugou os olhos, mas não havia mais lágrimas. Provavelmente já gastara todas. De onde vinham todas aquelas lágrimas?

— Ele disse que quer chamá-las — ela murmurou. — E que é para você pensar em sua promessa. De que ele sempre voltará, de que vai encontrar um caminho, não importa onde esteja...

As palavras continuavam sem sentido quando ela as repetiu. Mas aparentemente não para Roxane.

Ela se ergueu, assim como Resa.

— Do que você está falando, Meggie? — perguntou sua mãe com voz preocupada. — Onde está Dedo Empoeirado?

— Com Farid. Ainda está com Farid.

Doía tanto pronunciar seu nome. Resa envolveu-a com seu braço. Roxane, porém, ficou parada olhando para a escura galeria de onde Meggie viera. Então, de repente, ela a tirou do caminho, saiu andando apressada e desapareceu na escuridão. Resa foi atrás dela, sem soltar a mão de Meggie. Roxane estava apenas alguns passos à frente. Ela pisou na barra de seu vestido, caiu, ergueu-se depressa novamente e continuou a correr. Cada vez mais depressa. Mas assim mesmo chegou tarde demais.

Resa quase tropeçou em Roxane, de tão petrificada que ela parara na entrada da galeria em que jazia Farid. Na parede, seu nome ardia em letras de fogo, e as Damas Brancas ainda estavam lá. Tiravam suas mãos pálidas do peito de Dedo Empoeirado como se tivessem arrancado o seu coração. Talvez Roxane tivesse sido a última coisa que Dedo Empoeirado vira. Talvez ele ainda tivesse visto como Farid se mexeu antes de ele próprio tombar, em silêncio, da mesma forma que as Damas Brancas desapareceram.

Sim. Farid se mexia, como alguém que dormira um sono longo e profundo demais. Com o olhar embaçado, ele se sentou, sem fazer ideia de quem estava deitado atrás dele repentinamente tão inerte. Mesmo quando Roxane passou por ele apressada, não se virou. Ele apenas olhava o vazio, como se ali houvesse imagens que ninguém mais via.

Meggie aproximou-se dele hesitante, como que de um estranho. Ela não sabia o que deveria sentir. Não sabia o que deveria pensar. Roxane estava em pé ao lado de Dedo Empoeirado, a mão tapando tão firmemente a boca como se precisasse conter sua dor. Na parede da galeria, seu nome ainda ardia, com se tivesse sempre estado lá, mas ela não deu atenção às letras de fogo. Sem dizer uma palavra, caiu de joelhos, acomodou a cabeça de Dedo Empoeirado em seu colo e debruçou-se sobre ele, até que seus cabelos negros envolveram o rosto dele como um véu.

Farid, porém, ainda estava sentado ali como que entorpecido. Somente quando Meggie apareceu em sua frente, ele pareceu notar sua presença.

— Meggie? — murmurou com a língua pesada.

Não podia ser. Ele realmente voltara. Farid. De repente, seu nome não tinha mais gosto de dor. Ele estendeu a mão para ela, e ela a pegou tão depressa como se precisasse segurá-lo para que não partisse novamente para tão longe. Dedo Empoeirado estava lá agora? Como seu rosto estava quente outra vez. Ela se ajoelhou ao seu lado e o abraçou, muito firme, sentiu o coração dele bater contra o seu, tão forte.

— Meggie! — Ele parecia tão aliviado com se tivesse acordado de um sonho ruim. Até mesmo um sorriso se esboçou em seus lábios.

Mas então, atrás dele, Roxane começou a soluçar, bem baixinho, tão baixinho que quase não se ouvia atrás de seus cabelos soltos — e Farid virou-se.

Por um momento, ele pareceu não compreender o que via.

Então ele se soltou de Meggie, levantou-se, tropeçou no manto, como se suas pernas estivessem fracas demais para andar. De joelhos, arrastou-se até o lado de Dedo Empoeirado e, incrédulo e horrorizado, acariciou seu rosto imóvel.

— O que aconteceu? — gritou com Roxane como se fosse ela a causa de toda a desgraça. — O que você fez? O que fez com ele?

Meggie ajoelhou-se ao seu lado, tentou acalmá-lo, mas ele não permitiu. Empurrou as mãos dela de volta e se debruçou novamente sobre Dedo Empoeirado, pôs o ouvido em seu peito, escutou — e pressionou o rosto coberto de lágrimas sobre o coração que não batia mais.

Príncipe Negro entrou na galeria, Mo estava com ele, e atrás deles apareceram mais rostos, cada vez mais.

— Saiam! — gritou Farid para eles. — Saiam todos! O que vocês fizeram com ele? Por que ele não está respirando? Não há sangue em lugar nenhum, não há sangue algum.

— Ninguém fez nada com ele, Farid! — sussurrou Meggie. "Você também gostaria de tê-lo de volta, não é?", ela ouviu Dedo Empoeirado dizer. As palavras ecoavam em sua cabeça. — Foram as Damas Brancas. Nós as vimos. Ele mesmo as chamou.

— Você está mentindo! — Farid disse em tom ríspido. — Por que ele faria uma coisa dessas?

Roxane, porém, passou o dedo nas cicatrizes de Dedo Empoeirado, tão pálidas, como se não tivesse sido uma lâmina, e sim a pena de um homem de vidro que as traçara.

— Existe uma história que os saltimbancos contam para suas crianças — ela disse sem olhar para ninguém. — Ela fala sobre um cuspidor de fogo, a quem as Damas Brancas levaram o filho. Em seu desespero, ele se lembrou do que se costumava contar sobre as Damas Brancas: que temiam o fogo e, ao mesmo tempo, se alimentavam de seu calor. Assim, decidiu evocá-las com sua arte e pedir-lhes que lhe devolvessem seu filho. Deu certo. Ele as chamou com o fogo, fez o fogo dançar e cantar para elas, e elas não levaram seu filho para a morte, e sim lhe devolveram a vida. Porém levaram o cuspidor de fogo e ele jamais regressou. Dizem que ele teria que viver para sempre com elas, até o fim de todos os tempos, e fazer o fogo dançar para elas. — Roxane pegou a mão sem vida de Dedo Empoeirado e beijou as pontas dos dedos cobertos de fuligem. — É só uma história — prosseguiu. — Mas ele adorava ouvi-la. Sempre dizia que era uma história tão bonita que devia haver um fundo de verdade nela. Agora ele mesmo a tornou verdadeira, e nunca mais vai voltar. Mesmo que tenha prometido. Não desta vez.

Foi uma longa noite.

Roxane e Príncipe Negro fizeram guarda ao lado de Dedo Empoeirado, mas Farid subiu para fora da mina, lá onde a lua passava entre as nuvens escuras e a névoa subia da terra molhada de chuva. Empurrou os guardas que queriam detê-lo e se jogou no musgo. AH ficou, deitado entre as árvores venenosas de Mortola, e chorou, enquanto as duas martas lutavam na escuridão com se ainda tivessem um dono pelo qual precisassem brigar.

Evidentemente Meggie foi até ele, mas Farid a mandou embora, e ela foi em busca de Mo. Resa dormia ao seu lado, mas Mo estava acorda do. Estava sentado olhando a escuridão, como se nela estivesse escrita uma história que ele

não entendia. Havia algo estranho, fechado em seu rosto, duro como a casca de uma ferida, mas, quando ele notou sua presença e sorriu para ela, toda a estranheza sumiu.

— Venha aqui — ele disse baixinho, e ela se sentou ao seu lado e pressionou o rosto em seu ombro.

— Quero ir para casa, Mo! — ela sussurrou.

— Não, você não quer — ele sussurrou em resposta, e Meggie chorou em sua camisa, como fizera tantas vezes quando pequena. Ela conseguia deixar toda a tristeza com ele, sempre, por mais pesada que fosse. Mo sabia removê-la completamente, apenas passando a mão em seus cabelos, pondo a mão em sua testa e sussurrando seu nome, e assim ele fez também naquele momento, naquele lugar triste, naquela noite triste. Mo não podia levar embora toda aquela dor, era simplesmente demais, mas conseguia aliviá-la segurando-a firmemente. Ninguém fazia isso melhor do que ele. Nem Resa. Nem mesmo Farid.

Sim. Foi uma longa noite, tão longa como mil noites e mais escura do que todas as noites que Meggie já tivera. E ela não sabia quanto tempo havia dormido ao lado de Mo quando, de repente, Farid a sacudiu. Ele a arrastou consigo, para longe de seus pais, que dormiam, até um canto escuro que tinha o cheiro do urso de Príncipe Negro.

— Meggie! — ele sussurrou e segurou a mão dela com tanta força que doeu. — Agora sei como tudo ficará bem novamente. Você vai falar com Fenoglio! Diga a ele para escrever alguma coisa que faça Dedo Empoeirado viver de novo! A você ele vai escutar!

Claro. Ela devia ter imaginado que ele teria essa ideia. Seu olhar era tão

suplicante que ela sentiu pena, mas sacudiu a cabeça.

— Não, Farid. Dedo Empoeirado está morto. Fenoglio não pode fazer nada por ele. E mesmo se pudesse... Você não ouviu o que ele resmunga o tempo todo? Que nunca mais vai escrever uma palavra depois do que aconteceu com Cosme?

Sim, Fenoglio havia mudado. Meggie quase não o reconhecera quando o reencontrara. Antes seus olhos lembravam o tempo todo os de um garotinho. Agora eram os olhos de um velho. Seu olhar estava inseguro, como se não confiasse mais no chão onde pisava e, pelo jeito, desde que Cosme morrera, ele não dava mais nenhuma importância a se barbear, pentear ou lavar. Apenas perguntara pelo livro, o livro que Mo confeccionara. Mas nem mesmo a informação dada por Meggie de que suas páginas vazias realmente protegiam contra a morte dissipara a amargura de seu rosto.

— Formidável! — ele apenas murmurara. — Então Cabeça de Víbora agora é imortal, e Cosme está morto e enterrado. Nesta história realmente não tem nada certo!

Não, Fenoglio não queria mais ajudar ninguém, nem a si próprio, mas assim mesmo Meggie acompanhou Farid quando ele saiu à sua procura.

Fenoglio passava a maior parte do tempo numa das galerias mais profundas, na parte da mina que estava quase completamente desmoronada e até a qual, além dele, ninguém descia. Ele estava dormindo quando Meggie e Farid desceram as íngremes escadas de madeira, com a pele que os salteadores lhe haviam dado estendida até o queixo, a testa franzida como se pensasse intensamente até mesmo no sono.

— Fenoglio! — Farid despertou-o com sacudidas nada delicadas. O velho homem rolou de costas com um grunhido que teria feito jus ao urso do Príncipe, abriu os olhos e fitou Farid como se visse seu rosto moreno pela primeira vez.

— Ah, é você! — disse grogue de sono. — O garoto que voltou da morte. Mais uma coisa que não escrevi! O que você quer? Sabe que acabei de ter meu primeiro sonho bom em muitos dias?

— Você precisa escrever alguma coisa!

— Escrever? Não escrevo mais. Tive essa ideia fabulosa com o livro da imortalidade, que levaria à libertação dos bons e à morte de Cabeça de Víbora. E o que aconteceu? Agora a víbora é imortal e a floresta está cheia de cadáveres! Salteadores, saltimbancos. Dois Dedos! Morto! Por que continuo inventando se essa história simplesmente os mata a todos?

— Mas você precisa trazê-lo de volta! — Os lábios de Farid tremiam. — Você tornou Cabeça de Víbora imortal, por que não ele?

— Ah, você está falando de Dedo Empoeirado, não é? — Fenoglio sentou-se e esfregou o rosto com um suspiro profundo. — Pois é, ele também está morto agora, mortinho da silva, de fato, eu já havia planejado isso para ele, não sei se vocês se lembram. De qualquer forma, Dedo Empoeirado está morto, você estava morto... O marido de Minerva, Cosme, todos os jovens que partiram com ele para a guerra... mortos! Esta história não pensa em outra coisa? Vou lhe dizer uma coisa, meu rapaz. Já não sou mais o seu autor. Não! A morte é que é, a Velha da Foice, a Rainha Fria, chame-a como quiser. A dança é dela, e não importa o que eu escreva, ela toma as palavras e as põe a seu serviço! Faz delas suas criadas!

— Nada disso! — Farid enxugou mais uma vez as lágrimas que escorriam em seu rosto. — Você precisa trazê-lo de volta. Não era a morte dele, era a minha! Faça-o respirar novamente! São só algumas palavras, afinal você fez isso para Cosme e para Língua Encantada.

— Espere aí, o pai de Meggie não estava morto — observou Fenoglio com seriedade. — E, quanto a Cosme, ele apenas tinha a aparência de Cosme, quantas vezes ainda vou ter que lhe explicar isso? Meggie e eu criamos um Cosme novinho em folha, o que por desgraça deu completamente errado. Não! — Ele pôs a mão em seu cinto, tirou algo que se assemelhava a um lenço de bolso e assoou ruidosamente o nariz. — Esta não é uma história em que os mortos ressuscitam! Está bem, admito, pus a imortalidade em jogo, mas isso ainda é bem diferente de trazer os mortos de volta! Não! As coisas ficam como estão! Quando alguém aqui estiver morto, continuará morto! Isso vale neste mundo da mesma forma que naquele de onde vim. Dedo Empoeirado foi muito hábil em burlar essa regra por você. Talvez eu próprio tenha escrito aquela história sentimental que lhe deu a ideia... Não me lembro, mas tudo bem. Sempre há falhas, e ele pagou pela sua vida com a dele. Esse é tradicionalmente o único pacto que a morte aceita. Pois é, quem teria imaginado? Justamente Dedo Empoeirado foi se afeiçoar tanto a um garoto errante, que no final morre por ele. Admito que a ideia é muito melhor do que a da marta, mas não foi minha! Oh, não! Se estiver procurando alguém em quem pôr a culpa, pegue o seu próprio nariz, pois uma coisa é certa, meu rapaz — e com essas palavras ele cutucou Farid grosseiramente em seu peito estreito —, *você* não faz parte desta história! E, se não tivesse posto na cabeça que precisava se intrometer nela, certamente Dedo Empoeirado ainda estaria vivo...

Farid acertou seu punho moreno em cheio no rosto de Fenoglio.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? — Meggie censurou Fenoglio rispidamente, enquanto Farid a abraçava sem parar de chorar. — Ele salvou Dedo Empoeirado no moinho! Desde que chegou, Farid o protegeu.

— Está bem, está bem, já chega! — resmungou Fenoglio e apalpou seu nariz dolorido. — Sou um velho sem coração, eu sei. Mas, mesmo que não acredite em mim, eu me senti miserável quando vi Dedo Empoeirado ali deitado. E então o choro de Roxane, terrível, realmente terrível. Todos os feridos, todos os mortos... Não, Meggie, as palavras não me obedecem mais. Apenas obedecem quando lhes convém. Como serpentes, elas se voltaram contra mim.

— Isso mesmo. Você é um incompetente, um charlatão miserável! — Farid soltou-se de Meggie. — Não entende nada do seu ofício! Mas existe um outro que entende! O que mandou Dedo Empoeirado para cá. Orfeu. Ele vai trazê-lo de volta, você vai ver. Escreva-o para cá! Pelo menos disso você deve ser capaz! Sim, escreva a vinda de Orfeu, agora mesmo, senão... senão... conto a Cabeça de Víbora que você queria matá-lo. .. digo a todas as mulheres em Ombra que elas não têm mais maridos por sua causa... eu, eu...

Com os punhos cerrados, Farid ficou parado, trêmulo de raiva e desespero. O velho homem apenas olhava para ele. Então, com muito custo, ele se levantou.

— Sabe de uma coisa, meu rapaz? — ele disse e aproximou bastante o seu rosto do de Farid. — Se você tivesse me pedido gentilmente, talvez eu tivesse tentado, mas desse jeito não. Não mesmo! Fenoglio quer que lhe peçam, não que o ameacem. Orgulho para isso ainda me restou.

Farid quis partir para cima dele novamente, mas Meggie o segurou.

— Fenoglio, pare com isso! — ela censurou o velho homem. — Ele está desesperado, você não está vendo?

— Desesperado? E daí? Eu também estou desesperado! — retrucou Fenoglio. — Minha história se afunda em desgraças e estas aqui — mostrou suas

mãos para ela — não querem mais escrever! Tenho medo das palavras, Meggie! Antes elas eram mel, agora são veneno, puro veneno! Mas o que é um escritor que não ama mais as palavras? O que ainda sou? Esta história me devora, ela me esmaga, a mim, o seu criador!

— Traga Orfeu! — Meggie percebeu como Farid se esforçava por controlar sua voz, expulsar a fúria delas. — Traga-o e faça-o escrever por você! Ensine o que você sabe, assim como Dedo Empoeirado me ensinou! Deixe-o encontrar as palavras certas para você. Ele ama a sua história, ele mesmo contou isso a Dedo Empoeirado! Até mesmo lhe escreveu uma carta quando era menino.

— É mesmo? — Por um momento a voz de Fenoglio quase voltou a soar como seu velho e curioso eu.

— Sim, ele o admira! Considera a sua história a melhor de todas, ele mesmo disse isso!

— Ele disso isso? — Fenoglio soou lisonjeado. — Bem, ela realmente não é ruim. Isto é, não era ruim. — Pensativo, olhou para Farid. — Um discípulo. Um discípulo para Fenoglio — murmurou. — Um aprendiz de poeta. Hum. Orfeu... — Ele pronunciou o nome como se primeiro precisasse saboreá-lo. — O único poeta que já enfrentou a morte... Combina.

Farid olhou para ele tão esperançoso que cortou o coração de Meggie novamente.

Mas Fenoglio sorriu, ainda que fosse um sorriso triste.

— Veja só, Meggie! — disse. — O garoto domina o mesmo olhar suplicante

com que meus netos conseguiam tudo de mim. Também olha assim para você quando quer alguma coisa?

Meggie sentiu como ficou vermelha. Fenoglio poupou-lhe a resposta.

— Você sabe que precisaremos da ajuda de Meggie, certo? — perguntou a Farid.

— Se você escrever, eu lerei — ela disse. "E trarei para esta história o homem que ajudou Mortola a enviar meu pai para cá e a quase matá-lo", Meggie acrescentou em pensamento. Ela tentou não pensar no que Mo diria sobre esse pacto.

Fenoglio, porém, já parecia procurar pelas palavras, as palavras certas, as palavras que não o trairiam nem o enganariam.

— Muito bem — disse com ar ausente. — Vamos nos lançar ao trabalho uma vez mais, mas onde vou arranjar papel e tinta? Isso sem falar de uma pena e um prestativo homem de vidro. Afinal, o pobre Quartzo Rosa ainda está lá em Ombra.

— Eu tenho papel — disse Meggie — e um lápis.

— Que bonito — disse Fenoglio quando ela pôs o caderno em seu colo. — Foi seu pai quem encadernou?

Meggie fez que sim.

— Algumas páginas foram arrancadas!

— Sim, para um bilhete para a minha mãe e para a carta que lhe enviei. A carta que Bailarino das Nuvens lhe entregou.

— Oh. Sim. Ele. — Por um instante Fenoglio pareceu terrivelmente cansado. — Livros com páginas em branco — murmurou. — Eles parecem ter um papel cada vez maior nesta história, não é? — Então pediu a Meggie que o deixasse sozinho com Farid, para que este lhe contasse sobre Orfeu. — Para dizer a verdade — sussurrou para Meggie —, acho que ele superestima enormemente a sua capacidade! O que esse Orfeu já fez? Simplesmente pegou as minhas palavras e pôs numa outra ordem, nada mais. Apesar disso, admito que estou curioso a respeito dele. Tem um bom tanto de megalomania em chamar a si mesmo de Orfeu, e a megalomania é um traço interessante numa personagem.

Meggie não era da mesma opinião, mas era tarde demais para retirar sua promessa. Ela leria novamente. Desta vez por Farid. Ela voltou de mansinho para seus pais, pousou a cabeça no ombro de Mo e adormeceu, ouvindo o seu coração. As palavras haviam salvado Mo, por que não poderiam fazer o mesmo por Dedo Empoeirado? Mesmo que ele estivesse longe, muito longe... Afinal as palavras naquele mundo não reinavam também sobre a terra do silêncio?



73. Gaio

O mundo existe para ser lido. E eu o leio.

Lynn Sharon Schwartz, *Arruinado pela leitura*

Resa e Meggie dormiam quando Mo despertou, mas ele tinha a sensação de que não conseguiria respirar mais um só minuto entre todas aquelas pedras e os mortos. Os homens que vigiavam a entrada da mina cumprimentaram-no com a cabeça quando ele subiu até lá. Pálida, a manhã se infiltrava pela fenda que dava para fora, e o ar tinha cheiro de alecrim, tomilho e das frutinhas que cresciam nas árvores venenosas de Mortola. A cada vez, os sentidos de Mo se confundiam com a mistura que havia no mundo de Fenoglio entre o familiar e o estranho e, muitas vezes, o estranho até mesmo lhe parecia o mais verdadeiro.

As sentinelas não foram as únicas que Mo encontrou na entrada da mina. Mais cinco homens estavam encostados na parede da galeria, entre eles Ferrolho e o próprio Príncipe Negro.

— Ora, vejam, o salteador mais procurado entre Ombra e o mar! — sussurrou Ferrolho quando Mo se aproximou deles.

Eles o fitavam como a um bicho estranho sobre o qual já tinham ouvido as histórias mais esquisitas e, mais do que nunca, Mo sentiu-se como um ator que subia num palco, com a incômoda sensação de não conhecer a peça nem seu papel.

— Não sei como é para vocês — disse Ferrolho com um olhar para o grupo de homens. — Mas sempre pensei que Gaio tivesse sido inventado por algum poeta. E que talvez o único que pudesse ter a pretensão de usar a máscara de penas fosse o nosso Príncipe Negro, embora ele não corresponda muito bem à descrição das canções. Quando disseram que Gaio estava preso no Castelo da Noite, pensei que somente quisessem enforcar mais um pobre diabo que por acaso tinha uma cicatriz no braço. Mas então — examinou Mo tão detidamente como se o comparasse com cada verso que já ouvira sobre Gaio — eu o vi lutar na floresta... *E vai cravando a sua espada entre eles como uma agulha...* Não é isso que diz uma das canções? Uma boa descrição realmente!

"Realmente, Ferrolho?", pensou Mo. "E se eu lhe dissesse que Gaio na verdade foi inventado por um poeta, assim como você?"

Com que olhares furtivos todos o observavam.

— Temos que ir embora — disse Príncipe Negro no silêncio. — Estão vasculhando a floresta até o mar. Já desbarataram dois dos nossos esconderijos, e provavelmente só não chegaram até a mina porque não supõem que estejamos tão debaixo do seu nariz. — O urso grunhiu, como se achasse graça da ingenuidade dos encouraçados. O focinho cinza no rosto de pelo preto, os olhos cor de âmbar, estreitos e espertos, já no livro Mo gostara muito do urso, apenas o imaginara um pouco maior.

— Hoje à noite, metade de nós levará os feridos para a Toca do Texugo — prosseguiu Príncipe Negro. — Os outros irão comigo e Roxane para Ombra.

— E para onde *ele* vai? — Ferrolho olhou para Mo.

Todos olharam para ele. Mo sentiu seus olhares como dedos em sua pele. Olhares cheios de esperanças, mas de quê? O que teriam ouvido sobre ele? Já corriam as histórias sobre o que acontecera no Castelo da Noite?

— Ele precisa ir embora, é claro. Para bem longe — Príncipe Negro tirou uma folha murcha do pelo do urso. — Cabeça de Víbora o perseguirá, embora vá espalhar aos quatro ventos que Mortola foi a responsável pelo ataque na floresta. — Ele acenou com a cabeça para um menino magro, ao menos uma cabeça mais baixo do que Meggie, que estava ali entre os homens. — Repita o que os pregoeiros proclamaram na sua aldeia.

— Esta é — começou o menino — a palavra de Cabeça de Víbora: "Caso Gaio seja visto novamente neste lado da floresta, sofrerá a morte mais lenta que os carrascos do Castelo da Noite já executaram. E aquele que o prender receberá seu peso em prata como pagamento".

— Bem, então, é bom começar logo a jejuar, Gaio — gracejou Ferrolho, mas os outros não riram.

— É verdade que você o tornou imortal? — Era o menino quem perguntava.

Ferrolho deu uma gargalhada.

— Olhem só o pirralho. Na certa você também acha que o Príncipe Negro pode voar, não é mesmo?

Mas o menino não lhe deu atenção. Continuou a olhar para Mo.

— Dizem que você também não pode ser morto — disse baixinho. — Dizem que você também fez um livro daqueles para você mesmo, um livro com páginas em branco no qual a morte está guardada.

Mo teve que rir. Quantas vezes Meggie não olhara para ele com olhos arregalados daquele jeito. "Essa história é verdadeira, Mo? Diga logo." Todos esperavam pela resposta, até mesmo Príncipe Negro. Ele viu isso em seus rostos.

— Posso, e como! — ele disse. — Posso morrer, sim. Podem acreditar, senti isso com muita clareza. Mas, quanto a Cabeça de Víbora, é verdade. Eu o tornei imortal, sim. Contudo, não para sempre.

— O que você quer dizer com isso? — O sorriso já congelara no rosto grosseiro de Ferrolho.

Mas Mo não olhou para ele, e sim para Príncipe Negro, quando respondeu: — Quero dizer com isso que atualmente nada pode matar Cabeça de Víbora. Nenhuma espada, nenhum punhal, nenhuma doença. O livro que confeccionei o protege. Mas esse livro também será sua desgraça. Pois sua alegria com ele durará apenas algumas semanas.

— Como assim? — era o menino novamente.

Mo baixou a voz quando respondeu, como fazia com Meggie quando compartilhava um segredo.

— Bem, não é tão difícil assim dar um jeito para que um livro não tenha uma

vida muito longa, você sabe. Sobretudo para um encadernador. E este é o meu ofício, embora alguns pensem outras coisas a meu respeito. Em geral, não é minha tarefa matar um livro, ao contrário, as pessoas costumam me chamar para prolongar sua vida, mas nesse caso, infelizmente, tive que fazer o que fiz. Afinal, não queria ser o responsável por deixar Cabeça de Víbora sentado em seu trono por toda a eternidade, tendo como passatempo o enforcamento de saltimbancos.

Então você não é um bruxo! — A voz de Ferrolho soou rouca.

— Não, realmente não — retrucou Mo. — Pela última vez: sou um encadernador.

Todos olhavam para ele. Mo não estava muito certo se dessa vez também não havia um pouco de medo misturado ao respeito.

— Agora vão! — a voz de Príncipe Negro rompeu o silêncio. — Vão e improvisem as macas para os feridos.

Eles obedeceram, mas todos lançaram um último olhar para Mo antes de se porem em movimento. Apenas o menino lhe deu um sorriso encabulado.

Príncipe Negro, porém, fez um sinal para que Mo o acompanhasse.

— Algumas semanas — ele repetiu quando os dois estavam afastados dos outros, na galeria em que Príncipe Negro dormia com o urso. — Quantas exatamente?

Quantas? O próprio Mo não sabia dizer ao certo. Se não percebessem o que ele havia feito, seria rápido.

— Não muitas — respondeu.

— E não poderão salvar o livro?

— Não.

Príncipe Negro sorriu. Era o primeiro sorriso que Mo via em seu rosto negro.

— Esta é uma notícia consoladora. Gaio. É desanimador lutar contra um inimigo imortal. Mas você sabe que ele vai caçá-lo ainda mais impiedosamente quando notar que você o enganou, não é?

Assim seria. Por essa razão, Mo não contara nada a Meggie e fizera em segredo o que tinha que fazer enquanto ela dormia. Porque não queria que Cabeça de Víbora visse o medo no rosto dela.

— Não tenho intenção de voltar para este lado da floresta — disse para Príncipe Negro. — Talvez haja um bom esconderijo para nós nos arredores de Ombra.

Príncipe Negro sorriu novamente.

— Isso se arranja — disse e lançou para Mo um olhar tão penetrante como se

quisesse olhar diretamente em seu coração. "Tente!", pensou Mo. "Olhe em meu coração e diga-me o que encontrou lá, pois eu mesmo já não sei." Ele se lembrou da primeira vez em que havia lido sobre Príncipe Negro. "Que figura magnífica", pensara, porém o homem que estava diante dele era ainda mais impressionante do que a imagem que as palavras haviam evocado. Talvez fosse um pouco mais baixo. E triste.

— Sua mulher afirma que você não é a pessoa por quem o tomamos — disse Príncipe Negro. — Dedo Empoeirado afirmou o mesmo. Ele contou que você vem das mesmas terras na qual ele esteve durante todos os anos em que o demos por morto. Lá é muito diferente daqui?

Mo teve que sorrir.

— Oh, sim. Acho que sim.

— Como? As pessoas são mais felizes?

— Talvez.

— Talvez? Sei. — Príncipe Negro abaixou-se e pegou algo que estava em cima do cobertor sob o qual ele dormia. — Esqueci como sua mulher o chama. Dedo Empoeirado tinha um estranho nome para você: Língua Encantada. Mas Dedo Empoeirado está morto e, para todos os outros, a partir de agora você será Gaio. Até mesmo para mim será difícil chamá-lo de outro nome, depois que o vi combater na floresta. E, por isso, a partir de agora, isto aqui é seu.

Mo ainda não vira a máscara que Príncipe Negro lhe estendia. O couro era escuro e cheio de rachaduras, mas as penas eram brilhantes, brancas, pretas, ocre

e azuis. Penas azuis de gaio.

— Esta máscara foi cantada em muitas canções — disse Príncipe Negro. — Eu me permiti usá-la por um tempo. Alguns de nós fizeram isso, mas agora ela pertence a você.

Mo girou a máscara nas mãos em silêncio. Por um estranho momento, quis vesti-la, como se já tivesse feito isso diversas vezes. Sim, as palavras de Fenoglio eram poderosas, mas eram palavras, nada além de palavras, mesmo que tivessem sido escritas para ele... Mas cada ator podia escolher o papel que desempenharia, não era assim?

— Não — disse Mo e estendeu a máscara de volta para Príncipe Negro. — Ferrolho tem razão, Gaio é uma fantasia, o produto da imaginação de um velho homem. O meu ofício não é lutar, acredite.

Príncipe Negro olhou para ele pensativo, mas não pegou a máscara de volta.

— Fique com ela mesmo assim — disse. — Usá-la ficou perigoso demais. E, quanto ao seu ofício, nenhum de nós nasceu salteador.

Mo não respondeu. Apenas olhou para seus dedos. Fora demorado lavar deles todo o sangue da batalha na floresta. Ele ainda estava ali parado, a máscara na mão, totalmente sozinho na galeria escura, que cheirava a mortos já esquecidos, quando ouviu a voz de Meggie atrás de si.

— Mo? — ela olhou para o seu rosto preocupada. — Onde você estava? Roxane quer partir logo e Resa quer saber se iremos com ela. O que você diz?

Sim, o que ele dizia? Para onde queria ir? "De volta para a minha oficina", pensou. De volta para a casa de Elinor. Ou não? O que Meggie queria? Ele só precisou olhar para ela para saber a resposta. Estava claro. Ela queria ficar. Queria ficar, por causa do garoto, mas não só por isso. Resa também queria ficar, apesar da masmorra em que havia sido trancafiada, apesar de toda a dor e toda a escuridão. O que havia no mundo de Fenoglio que enchia o seu coração de nostalgia? Ele próprio não sentia? Como um doce veneno de efeito rápido...

— O que você diz, Mo? — Meggie pegou sua mão. Como sua filha crescera!

— O que digo? — Ele afinou os ouvidos como se pudesse, caso escutasse atentamente, ouvir as letras sussurrarem nas paredes da galeria ou no tecido do cobertor sob o qual o Príncipe Negro dormia. Mas tudo o que ouviu foi sua própria voz. — O que você acharia se eu dissesse... Mostre-me as fadas, Meggie. E as ninfas. E o iluminador no castelo de Ombra. Vamos descobrir quão finos seus pincéis realmente são.

Palavras perigosas. Mas Meggie o abraçou tão forte, como havia feito pela última vez quando ainda era uma menininha.

74. A esperança de Farid

E agora ele estava morto, e sua alma se refugiara na Terra Sombria.

Philip Reeve, *Máquinas mortais*

Quando os vigias deram alarme pela segunda vez, logo depois do pôr do sol, Príncipe Negro ordenou a todos que descessem às galerias mais profundas, onde havia água nos estreitos corredores e parecia que se podia ouvir a terra respirar. Mas houve alguém que não foi. Fenoglio. Quando Príncipe Negro anunciou o fim do alerta e Meggie subiu com os outros, os pés molhados, o coração ainda cheio de medo, Fenoglio foi até ela e puxou a. Por sorte, nesse momento, Mo falava com Resa e não percebeu.

— Aqui está. Mas não garanto nada — sussurrou Fenoglio ao pôr o caderno de volta em sua mão. — Provavelmente este será mais um erro, preto no branco, como outros, mas estou cansado demais para refletir sobre isso. Alimente-a, a história amaldiçoada, alimente-a com novas palavras, eu não ouvirei. Vou me deitar e dormir. Isso foi definitivamente a última coisa que escrevi em minha vida.

Alimente-as.

Farid propôs que Meggie lesse onde Dedo Empoeirado e ele dormiam. A mochila de Dedo Empoeirado ainda estava ao lado de seu cobertor, as duas martas haviam se enrodilhado ali, uma de cada lado. Farid sentou-se entre elas e

apertou a mochila contra o peito, como se o coração de Dedo Empoeirado batesse dentro dela. Ele olhou para Meggie esperançoso, mas se calou. Olhou para as letras e calou-se. A letra de Fenoglio estava embaçada diante de seus olhos, como se pela primeira vez resistisse a ser lida por ela.

— Meggie? — Farid ainda olhava para ela. Havia tanta tristeza em seus olhos, tanto desespero. "Por ele", ela pensou. "Somente por ele", e ajoelhou-se no cobertor, sob o qual dormira Dedo Empoeirado.

Já nas primeiras palavras, ela sentiu que Fenoglio novamente havia feito bem seu trabalho. Sentiu isso como um sopro cm seu rosto. As letras viviam. A história vivia. Ela queria crescer com aquelas palavras. Ela queria! Fenoglio teria sentido o mesmo ao escrevê-las?

— *Um dia, quando a morte mais uma vez fizera fartas presas* — Meggie começou e tinha a impressão de ler um livro conhecido, que ela pusera de lado não fazia muito tempo —, *Fenoglio, o grande escritor, decidiu que nunca mais escreveria. Estava cansado das palavras e de seu poder de sedução. Não agüentava mais que o enganassem e ridicularizassem, e se calassem quando deveriam falar. Então chamou um outro, mais novo do que ele, de nome Orfeu* — h*ábil com as letras, embora não soubesse compô-las deforma magistral como o próprio Fenoglio —, e decidiu iniciá-lo em sua arte, como todo mestre em algum momento acaba por fazer. Por um tempo, Orfeu deveria brincar com as palavras em seu lugar, mentir e seduzir com elas, criar e destruir, expulsar e resgatar — enquanto Fenoglio esperava que o cansaço se fosse, que o prazer com as palavras despertasse nele novamente. Então enviaria Orfeu de volta para o mundo de onde o chamara, para manter viva sua história com palavras novas e ainda não usadas.*

A voz de Meggie silenciou. Ecoou sob a terra, como se tivesse uma sombra. E, quando o silêncio se espalhou, ouviram-se passos.

Passos na rocha úmida.

75. Sozinha novamente

A esperança é a coisa com plumas...

Emily Dickinson, *Esperança*

Orfeu desapareceu diante dos olhos de Elinor. Ela estava a apenas alguns passos dele, a garrafa de vinho que ele exigira na mão, quando Orfeu simplesmente se desfez no ar. Que nada, em menos do que ar, em absolutamente nada! Como se nunca tivesse estado ali, como se ela apenas o tivesse sonhado. A garrafa escorregou de sua mão, caiu no assoalho da biblioteca e espatifou-se entre os livros abertos que Orfeu deixara ali.

O cão começou a latir, de forma tão horrível que Darius veio correndo desabalado da cozinha. O homem-armário não se pôs em seu caminho. Continuou olhando para o lugar em que Orfeu estava no instante anterior. Com voz trêmula, lia uma folha de papel que havia posto diante de si numa das vitrines de Elinor e segurava *Coração de tinta* contra o peito como se dessa forma pudesse obrigar o livro a aceitá-lo finalmente. Elinor ficara ali parada como se tivesse criado raízes quando compreendeu o que ele tentava fazer pela centésima, ou melhor, pela milésima vez. Talvez voltem de lá em troca, ela pensou, ou pelo menos um deles! Meggie, Resa, Mortimer, todos os três nomes davam um sabor amargo na língua, amargo como tudo o que estava perdido... Mas agora Orfeu se fora, e nenhum dos três voltara. Apenas o maldito cão não parava de latir.

— Ele conseguiu — sussurrou Elinor. — Darius, ele conseguiu! Está lá... estão todos lá. Só nós que não!

Por um instante ela foi tomada por uma infinita autocompaixão. Ali estava ela, Elinor Loredan, cercada por todos os seus livros, e eles não a deixavam entrar, nenhum deles. Portas fechadas, que atraíam, enchiam seu coração de desejos e então só a deixavam chegar até a soleira. Malditos, mil vezes malditos! Cheios de promessas vazias, cheios de falsos atrativos, provocando eternamente a fome, mas jamais a saciando, jamais!

"Elinor, você já viu isso de maneira muito diferente!", ela pensou ao enxugar as lágrimas dos olhos. "Bem, e daí?" Ela não tinha idade suficiente para mudar de opinião, para enterrar um velho amor que a enganara miseravelmente? Fora barrada. Todos os demais estavam entre as suas páginas, apenas ela não! Pobre Elinor, pobre e solitária Elinor! Ela começou a soluçar tão alto que tapou a boca com a mão.

Darius lançou-lhe um olhar compassivo e se pôs ao seu lado, hesitante. Pelo menos, ele estava com ela. Mas ele também não podia ajudar. "Quero me encontrar com eles!", pensou desesperada. "Eles são a minha família: Resa e Meggie e Mortimer. Quero ver a Floresta Sem Caminhos e sentir novamente uma fada na minha mão, quero encontrar Príncipe Negro, mesmo que para isso precise sentir o cheiro de seu urso, quero ouvir como Dedo Empoeirado fala com as fadas, mesmo que eu ainda não consiga suportá-lo! Eu quero, eu quero, eu quero..."

— Oh, Darius! — soluçou Elinor. — Por que aquele sujeito maldito não me levou com ele?

Mas Darius apenas olhou para ela com seus olhos sábios de coruja.

— Ei, para onde ele foi? Aquele patife ainda tem dívidas comigo! — O

homem-armário foi até o lugar de onde Orfeu havia desaparecido e olhou ao redor, como se ele pudesse ter se escondido em algum lugar entre as prateleiras. — Droga, o que ele está pensando, acha que pode simplesmente desaparecer?

O homem-armário abaixou-se e pegou uma folha de papel do chão.

A folha que Orfeu havia lido! Ele havia levado o livro, mas deixara as palavras que lhe abriram as portas? Nesse caso, nem tudo estava perdido...

Decidida, Elinor arrancou a folha de papel das mãos do homem-armário.

— Dê-me isso aqui! — ela disse rispidamente e segurou a folha contra o peito, assim como Orfeu havia feito com o livro. O rosto do homem-armário fechou-se numa carranca. Dois sentimentos distintos pareciam lutar um contra o outro dentro dele: raiva pela arrogância de Elinor e medo das letras que ela apertava tão fervorosamente contra o peito. Por um momento, Elinor não estava certa sobre qual dos dois teria a primazia. Darius pôs-se atrás dela, como se pretendesse seriamente defendê-la caso necessário, mas, felizmente, a cara de Açúcar se abriu novamente e ele começou a rir.

— Olhe só para ela! — zombou. — O que você quer com esse trapo de papel, sua devoradora de livros? Também quer se dissolver no ar como Orfeu e a gralha com os seus dois amigos? Por favor, fique à vontade, mas antes quero o salário que Orfeu e a velha ainda me devem! — Com essas palavras, correu os olhos pela biblioteca de Elinor, como se ali talvez houvesse algo que pudesse servir como pagamento.

— O seu salário, claro, entendo — disse Elinor depressa e puxou-o até a porta. — Ainda tenho algum dinheiro escondido no meu quarto. Darius, você sabe onde está. Dê-lhe tudo o que ainda há. O que importa é que ele suma.

Darius parecia pouco entusiasmado, mas Açúcar deu um sorriso tão largo que se podiam ver todos os seus dentes ruins.

— Agora sim! Agora sim, finalmente algo que soa razoável — grunhiu e foi atrás de Darius, que o conduziu resignado para o quarto de Elinor.

Elinor, porém, ficou em sua biblioteca.

Como estava silencioso ali de repente. De fato, Orfeu mandara de volta todas as figuras que lera dos livros dela. Apenas seu cão ainda estava lá e cheirava, com o rabo caído, o ponto em que, até poucos instantes antes, estava o seu dono.

— Tão vazia! — murmurou Elinor. — Tão vazia.

Ela se sentiu assustadoramente sozinha. Quase mais do que no dia em que a gralha levara Mortimer e Resa. O livro se fora quando todos desapareceram. Ele se fora. O que acontece com um livro que desaparece dentro da própria história?

"Ah, esqueça o livro, Elinor!", ela pensou enquanto uma lágrima escorria pelo seu nariz. "Como vai querer encontrá-los agora?"

As palavras de Orfeu. Elas ficaram borradas diante de seus olhos quando ela olhou para o papel. Sim, deviam tê-lo levado para lá, óbvio! O que mais poderia ter sido? Ela abriu com cuidado a vitrine sobre a qual o papel estava apoiado antes de Orfeu desaparecer, tirou o livro que estava dentro (uma maravilhosa edição ilustrada dos contos de Andersen, com dedicatória do autor!) e pôs a folha de papel em seu lugar.

76. Um novo poeta

Alegria de escrever, Possibilidade de preservar. Vingança da mão mortal.

Wislawa Szymborska, A alegria de escrever

No começo, era quase impossível enxergar Orfeu nas sombras que enchiam a galeria. Hesitante, ele se aproximou da luz do lampião, em cuja claridade Meggie havia lido. Ela teve a impressão de que ele pusera algo sob o seu casaco, mas não conseguiu distinguir o quê. Talvez um livro.

— Orfeu! — Farid correu em sua direção, ainda com a mochila de Dedo Empoeirado no braço.

Então era ele mesmo. Orfeu. Meggie o imaginara de outra maneira, mais... imponente. Aquele era apenas um homem ainda bastante jovem, um tanto atarracado, com um temo que lhe caía mal. Aturdido, ele ficou ali parado, como se tivesse engolido a própria língua, examinando Meggie com o olhar, a galeria pela qual viera, e finalmente Farid, que parecia ter se esquecido completamente de que, em seu último encontro, o homem que ele agora saudava com um sorriso tão radiante o roubara e denunciara a Basta. Orfeu não parecia sequer se lembrar de Farid, mas, quando finalmente o reconheceu, isso o fez recuperar a fala.

— Aprendiz de Dedo Empoeirado? Como veio parar aqui? — ele perguntou. E, agora sim, Meggie tinha que admitir: sua voz era impressionante, muito mais impressionante do que seu rosto. — Bem, tanto faz. Este deve ser o Mundo de Tinta! Eu sabia que era capaz! Sabia! — Um sorriso narcisista espalhou-se em

seu rosto. Gwin ergueu-se rosnando quando ele quase pisou em sua cauda, mas Orfeu sequer notou a marta. — Fantástico! — murmurou ao passar a palma da mão nas paredes da galeria. — Esta é provavelmente uma das passagens sob o castelo de Ombra que leva às tumbas dos príncipes.

— Não, não é — observou Meggie com voz fria. "Orfeu, cúmplice de Mortola, traidor de língua mágica. Como seu rosto redondo parecia vazio. Não era de se espantar", ela pensou cheia de repulsa ao se erguer do leito de Dedo Empoeirado. Ele não tinha consciência, nem compaixão, nem coração. Por que ela o trouxera? Como se já não houvesse gente suficiente de seu tipo por ali. Por Farid, respondeu seu coração, por Farid...

— Como estão Elinor e Darius? Se você fez alguma coisa a eles...! — Meggie não terminou a frase. Aconteceria o quê?

Orfeu virou-se tão surpreso, como se até então não a tivesse notado.

— Elinor e Darius? Ah, você deve ser a garota que dizem que leu a si mesma para dentro do livro. — Seu olhar ficou alerta. Pelo jeito, ele se lembrara do que havia feito com seus pais.

— Meu pai quase morreu por sua causa! — Meggie ficou irritada por sua voz ter tremido.

Orfeu enrubesceu como uma garotinha, se de raiva ou vergonha, Meggie não saberia dizer, de qualquer forma, ele se recompôs rapidamente.

— Bem, o que posso fazer se Mortola ainda tinha contas a acertar com ele? — retrucou. — Porém, pelo que depreendo de suas palavras, ainda está vivo.

Portanto, não há motivo para inquietação, não é? — Sacudiu os ombros e deu as costas para Meggie. — Estranho! — murmurou com um olhar para as pedras que havia no fim da galeria, a estreita escada de madeira, as vigas. — Esclareçam-me uma coisa, por favor. Onde vim parar? Isto aqui se parece quase com uma mina, e eu não estava lendo nada sobre uma mina...

— Não importa o que você estava lendo. Eu o trouxe para cá.

A voz de Meggie soou tão cortante que Farid lançou um olhar preocupado para ela.

— Você? — Orfeu virou-se e mediu-a com um olhar tão desdenhoso que o sangue subiu ao rosto de Meggie.

— Pelo jeito você não sabe com quem está falando. Mas o que estou fazendo aqui falando com vocês? Já cansei de olhar para esta triste galeria. Onde estão as fadas? Os encouraçados? Os saltimbancos?...

Ele empurrou Meggie para o lado bruscamente e, com passos apressados, dirigiu-se à escada que levava para cima, mas Farid foi mais rápido e se pôs em seu caminho.

— Você fica onde está, Cabeça de Queijo! — disse rispidamente. — Você quer saber por que está aqui? Por causa de Dedo Empoeirado.

— Ah, é? — Orfeu deu uma risada sarcástica. — Quer dizer que ainda não o encontrou? Bem, talvez ele não queira ser encontrado, muito menos por um sujeitinho tão cabeça dura quanto você...

— Ele está morto — Farid interrompeu-o rispidamente. — Dedo Empoeirado está morto, e Meggie leu você para cá apenas para que o escreva de volta!

— ELA NÃO ME LEU PARA CÁ! Quantas vezes vou ter que explicar? Orfeu quis novamente ir para a escada, mas Farid apenas segurou a mão dele sem dizer uma palavra e arrastou-o consigo. Para Dedo Empoeirado.

Roxane havia pendurado seu manto em frente à galeria onde ele jazia. Ela e Resa haviam acendido velas em volta dele, fogo dançante, em vez de flores, como se põem ao lado de outros mortos.

— Oh, meu Deus! — exclamou Orfeu. — Morto! Ele está realmente morto! Mas isso é terrível! — Meggie espantou-se ao ver as lágrimas em seus olhos. Com os dedos trêmulos, tirou do nariz os óculos embaçados e esfregou-os com uma ponta do seu casaco. Então, hesitante, ele se aproximou de Dedo Empoeirado, curvou-se e tocou sua mão.

— Frio! — sussurrou e recuou. Com o olhar marejado de lágrimas, olhou para Farid. — Foi Basta? Vamos, diga! Não, espere, como era mesmo? Basta estava lá mesmo? *Um bando de homens de Capricórnio,* sim, é assim que diz a história, queriam matar a marta, e ele tentou salvá-la! Chorei até secarem as lágrimas quando li esse capítulo, joguei o livro contra a parede! E agora vim para cá, finalmente vim para cá e... — Ele tomou fôlego. — Mas o mandei de volta somente porque acreditei que ele estaria seguro aqui! Oh, meu Deus. Meus Deus, meu Deus. Morto! — Orfeu começou a soluçar, e logo se calou. Ele se debruçou mais uma vez sobre o corpo de Dedo Empoeirado. — Um momento! *Apunhalado. Apunhalado* diz o livro! Onde está o ferimento? *Apunhalado por causa da marta*, sim, é assim que está no livro. — Ele se virou de repente e olhou fixamente para Gwin, que estava nas costas de Farid e rosnava para ele. —

Ele deixou a marta. Ele a deixou, assim como a você. Como é possível que...

Farid ficou calado. Meggie sentia pena dele, mas quando lhe estendeu a mão, ele se esquivou.

— O que a marta estava fazendo aqui? Vamos, diga. Você engoliu a língua? — A bela voz de Orfeu adquiriu um tom metálico.

— Ele não morreu por causa de Gwin — sussurrou Farid.

— Ah, não? Por que, então?

Dessa vez, Farid não tirou a mão, quando Meggie a pegou. Mas antes que pudesse responder a Orfeu, uma outra voz soou atrás deles.

— Quem é ele? O que um estranho está fazendo aqui?

Orfeu virou-se como que pego em flagrante. Roxane estava lá, Resa ao seu lado.

— Roxane! — sussurrou Orfeu. — A linda mulher saltimbanco. — Ele ajeitou os óculos encabulado e fez uma mesura. — Posso me apresentar? Eu era um... um amigo de Dedo Empoeirado. Sim, acho que podemos dizer assim.

— Meggie! — disse Resa com voz hesitante. — Como ele veio parar aqui?

Meggie escondeu involuntariamente o caderno com as palavras de Fenoglio atrás das costas.

— Como está Elinor? — Resa perguntou rispidamente para Orfeu. E Darius? O que você fez com eles?

— Absolutamente nada! — retrucou Orfeu, que, em sua perplexidade, parecia não ter se dado conta de que a mulher que somente podia falar com os dedos agora voltara a ter uma voz. — Ao contrário. Eu me empenhei fortemente para transmitir-lhes uma relação mais descontraída com os livros. Tratam livros como besouros espetados, cada um em seu lugar, de volta em suas celas! Só que os livros querem sentir um pouco de ar entre suas páginas e os dedos carinhosos de um leitor...

Roxane tirou o manto de Dedo Empoeirado da viga onde ela o havia pendurado.

— Você não se parece com um amigo de Dedo Empoeirado — ela interrompeu Orfeu. — Mas, se quer se despedir dele, faça isso agora, pois vou levá-lo.

— Levá-lo? O que você está dizendo? — Farid pôs-se em seu caminho. — Orfeu está aqui para trazê-lo de volta!

— Suma da minha vista! — disse Roxane. — Na primeira vez que o vi na minha gleba, eu soube que você traria azar. *Você* deveria estar morto, não ele. Assim é e assim permanecerá.

Farid recuou, como se Roxane tivesse batido nele. Sem oferecer resistência, ele se deixou empurrar para o lado e ali ficou, os ombros caídos, enquanto ela se debruçava sobre Dedo Empoeirado.

Meggie não conseguiu pensar em nada que pudesse consolá-lo, mas sua mãe ajoelhou-se ao lado de Roxane.

— Escute! — disse em voz baixa. — Dedo Empoeirado resgatou Farid de junto dos mortos, fazendo as palavras de uma história se tornarem verdadeiras. Palavras, Roxane! Elas fazem acontecer estranhas coisas neste mundo, e Orfeu entende muito delas!

— Oh, sim, muito! — Orfeu se pôs depressa ao lado de Roxane. — Construí para Dedo Empoeirado uma porta de palavras para que ele pudesse voltar para você, ele não lhe contou?

Roxane olhou para ele incrédula, mas o encanto da voz dele também tinha seus efeitos sobre ela.

— Sim, acredite, fui eu! — prosseguiu Orfeu. — E escreverei algo que o faça voltar de junto dos mortos. Encontrarei palavras tão sublimes e encantadoras como o perfume de um lírio, palavras que entorpeçam a morte e abram os dedos frios que agarraram seu tépido coração! — Um sorriso iluminou seu rosto como se já enlevado pela grandeza que alcançaria.

Roxane, porém, sacudiu a cabeça, com se quisesse libertar-se do encanto da voz de Orfeu, e soprou as velas que estavam em volta de Dedo Empoeirado.

— Agora entendo — ela disse ao estender o manto sobre Dedo Empoeirado. — Você é um mago. Procurei um mago uma única vez, depois que nossa filha mais nova morreu. Quem procura magos está desesperado, e eles sabem disso. Vivem de falsas esperanças, como os corvos de carne morta. As promessas dele soaram tão maravilhosas quanto a sua. Ele me prometeu aquilo que eu desejava mais desesperadamente. Todos fazem assim. Prometem trazer de volta aquilo que perdemos para sempre: um filho, um amigo ou um marido. — Ela cobriu o rosto quieto de Dedo Empoeirado com o manto. — Nunca mais acreditarei em tais promessas. Apenas tornam a dor ainda pior. Voltarei com ele para Ombra e encontrarei um lugar em que ninguém o perturbe, nem Cabeça de Víbora, nem os lobos, nem mesmo as fadas. E ele ainda parecerá estar dormindo quando meus cabelos já estiverem brancos, pois Urtiga me ensinou como se faz para preservar o corpo mesmo quando a alma já partiu.

— Você vai me dizer, não vai? — a voz de Farid tremia, como se soubesse a resposta de Roxane. — Você vai me dizer para onde vai levá-lo.

— Não — respondeu Roxane. — Você é o último a quem eu diria.

77. Para onde?

O gigante recostou-se em sua cadeira.

— Você ainda tem mais algumas histórias — ele disse.

— Posso senti-las em sua pele.

Brian Patten, *O gigante da história*

Farid viu os feridos sendo postos nas macas na calada da noite. Os feridos e os mortos. Seis salteadores estavam entre as árvores, atentos a qualquer ruído que pudesse significar perigo. Somente as pontas das torres de prata podiam ser vistas ao longe, como se Cabeça de Víbora pudesse vê-los. Lá em cima em seu castelo, ele podia sentir como se moviam sorrateiramente em sua montanha? Quem saberia dizer do que Cabeça de Víbora era capaz, agora que ele era imortal e invencível como a própria morte?

Mas a noite permaneceu quieta, quieta como Dedo Empoeirado, que o urso de Príncipe Negro deveria rebocar para Ombra. Meggie também voltaria, inicialmente, para o outro lado da floresta, com Língua Encantada e sua mãe. O Príncipe Negro falara de uma aldeia, pobre e longe demais de qualquer estrada

para interessar a qualquer príncipe. Ali, ou numa das glebas da região, Príncipe Negro pretendia escondê-los.

Farid iria com eles?

O garoto viu como Meggie olhava para ele. Ela estava com sua mãe e as outras mulheres. Língua Encantada estava com os salteadores, no cinto a espada com a qual diziam que matara Basta, e não apenas Basta. Diziam que quase uma dúzia de homens havia morrido pela sua mão, Farid ouvira isso de diversos salteadores. Difícil de acreditar. Naqueles dias, nas colinas perto da aldeia de Capricórnio, Língua Encantada não queria matar nem mesmo um melro quando haviam se escondido juntos, muito menos uma pessoa. Por outro lado, como ele próprio aprendera a matar? A resposta não era difícil. Com o medo e a raiva. Bem, e isso era o que não faltava naquela história.

Roxane também estava entre os salteadores. Deu as costas para Farid assim que notou seu olhar. Ela o tratava como se ele nunca tivesse voltado dos mortos, como se fosse apenas um espírito, um espírito mau, que havia devorado o coração do marido dela. "Como foi estar morto, Farid?", Meggie lhe perguntara, mas ele não lembrava. Talvez simplesmente não quisesse lembrar.

Orfeu estava a menos de dois passos de distância dele, tiritando de frio na fina camisa que vestia. Príncipe Negro aconselhara-o a trocar seu terno claro por uma capa escura e calças de lã. Mas, apesar das roupas, ele ainda parecia um cuco entre os pardais. Fenoglio observava-o tão desconfiado como um velho gato diante de um gato jovem que invadira seu território.

— Ele parece um retardado! — Fenoglio havia cochichado essas palavras tão alto que todos puderam ouvir. — Olhe só para ele. Um novato, nada sabe da vida, como vai poder escrever? Talvez seja melhor enviá-lo de volta imediatamente. Mas que diferença faz? Esta história triste de qualquer forma não

tem mais jeito.

Talvez ele tivesse razão. Mas por que ele mesmo não tentou escrever Dedo Empoeirado de volta? Não se importava mais com aqueles que havia criado? Ele os movia apenas como as figuras de um jogo de xadrez e se divertia com sua dor?

Farid fechou os punhos em sua raiva impotente. "Eu teria tentado!", ele pensou. "Cem vezes, mil vezes, pelo resto da minha vida." Mas nem ao menos sabia ler os estranhos sinaizinhos! O pouco que Dedo Empoeirado lhe ensinara jamais seria suficiente para trazê-lo de onde estava agora. Mesmo se escrevesse seu nome com letras de fogo nos muros do Castelo da Noite, o rosto de Dedo Empoeirado continuaria tão terrivelmente imóvel como da última vez que o vira.

Não. Somente Orfeu poderia tentar. Mas ele ainda não escrevera uma só palavra desde que Meggie o lera para aquele mundo. Ficava ali parado feito um bocó, ou então andava para lá e para cá, para cima e para baixo, enquanto os salteadores olhavam para ele desconfiados. Língua Encantada também lhe lançava olhares pouco amistosos. Empalidecera ao ver Orfeu. Por um momento, Farid pensara que ele atacaria Cabeça de Queijo e o mataria de pancada, mas Meggie o puxara pelo braço rapidamente e o levara consigo. E ela não lhe contara nada sobre o que os dois haviam conversado. Meggie sabia que seu pai não aprovaria se ela lesse Orfeu para ali, e mesmo assim o fizera. Por ele. Orfeu se importava com isso? Oh, não. Ainda agia como se tivesse vindo por sua própria voz, e não pela de Meggie. Pretensioso, mil vezes maldito filho de um cão!

— Farid? Você já se decidiu? — Ele despertou de seus pensamentos sombrios. Meggie estava diante dele. — Você vem conosco, não é? Resa disse que você pode ficar conosco pelo tempo que quiser, e Mo também não tem nada contra.

Língua Encantada ainda estava com os salteadores, falava com Príncipe Negro. Farid viu como Orfeu os observava. Então começou novamente a andar para lá e para cá, esfregou a testa, murmurou baixinho alguma coisa como se falasse consigo mesmo. Como um louco, pensou Farid. "Depositei minhas esperanças num louco!"

— Espere aqui. — Ele deixou Meggie e andou depressa até Orfeu. — Eu me decidi. Vou com Meggie! — disse rudemente. — E você pode ficar onde bem entender.

Cabeça de Queijo ajeitou os óculos.

— O que você está falando? É óbvio que vou com vocês! Quero ver Ombra, a Floresta Sem Caminhos, o castelo do Príncipe Porcino. — Ele olhou para o alto da montanha. — Evidentemente, também gostaria de ter visto o Castelo da Noite, mas, depois do que aconteceu aqui, não me parece o momento adequado. Bem. E ainda o meu primeiro dia aqui... Você já viu Cabeça de Víbora? É muito medonho? As tais colunas com escamas de prata, eu também gostaria de ver...

— Você não está aqui para ver coisa nenhuma! — a voz de Farid soava quase esganiçada de raiva. Em que Cabeça de Queijo estava pensando? Como ele podia ficar ali e olhar para tudo como se estivesse a passeio, enquanto Dedo Empoeirado logo estaria em alguma cripta escura ou não importava que outro lugar para onde Roxane o quisesse levar?!

— Ah, não? — o rosto redondo de Orfeu se fechou. — Que tom é esse em que está falando comigo? Faço o que bem entender. Você acha que estou finalmente no lugar em que sempre quis estar para receber ordens de um moleque? Trata-se da morte, seu pirralho! Pode demorar meses até que eu tenha

a ideia certa. Ideias certas não podem ser evocadas, nem mesmo com o fogo — e precisamos de uma ideia mais do que certa, de uma ideia genial, divina. O que significa.....Orfeu olhou para as suas unhas, estavam roídas até a carne de seus poderosos dedos — que preciso de um criado! Ou você quer que eu desperdice o meu tempo lavando minhas roupas e preparando algo para comer? Cão. Maldito cão.

— Está bem. Serei o seu criado — Farid pronunciou as palavras com esforço —, se você o trouxer de volta.

— Excelente! — Orfeu sorriu. — Então, para começar, arranje algo para eu comer. Ao que parece, temos uma longa e árdua marcha pela frente.

Algo para comer. Farid mordeu os lábios, mas obedeceu, obviamente. Ele teria esfregado a prata das torres do Castelo da Noite para fazer Dedo Empoeirado respirar novamente.

— Farid? E então? Você vem conosco? — Meggie se pôs em seu caminho quando ele passou apressado por ela, levando nos bolsos pão e carne seca para Cabeça de Queijo.

— Vamos, sim, vamos com vocês! — ele a abraçou, mas somente depois de ver Língua Encantada virar de costas. Com os pais, nunca se sabe. — Vou salvá-lo, Meggie! — sussurrou em seu ouvido. — Vou trazer Dedo Empoeirado de volta. Esta história vai acabar bem. Eu juro.

Quem é quem

Meggie Filha de Mo e Resa; tem, como seu pai, a capacidade de dar vida às personagens dos livros quando lê em voz alta, trazendo-as ou "lendo-as" de sua história. Meggie e seus pais vivem há algum tempo com Elinor, a tia-avó de Meggie.

Desde sua aventura na aldeia de Capricórnio, Meggie possui um desejo: gostaria de saber escrever como Fenoglio para poder continuar a ler as personagens dos livros, mas também enviá-las de volta com as palavras certas.

Mortimer Folchart, Mo ou Língua Encantada Encadernador, "médico de livros", como sua filha o chama. Mo é capaz, como diz Meggie, de "pintar imagens no ar com sua voz". Mo leu Capricórnio, Basta e Dedo Empoeirado de sua história; e sua mulher, Resa, desapareceu dentro do livro de onde saíram. Desde então ele evita ler em voz alta.

Resa (Theresa) Mulher de Mo, mãe de Meggie e sobrinha preferida de Elinor. Passou diversos anos no Mundo de Tinta. Foi lida de volta por Darius; ocasião em que perdeu sua voz. Depois disso, foi criada de Mortola e Capricórnio, conheceu Dedo Empoeirado e ensinou-o a ler e a escrever.

Elinor Loredan Tia de Resa, tia-avó de Meggie; colecionadora de livros — também chamada de Devoradora de Livros. Durante muitos anos, preferiu a companhia dos livros à das pessoas. Mas acabou por acolher em sua casa não apenas Meggie, Mo e Resa, como também o leitor Darius com um bando de fadas, duendes e homens de vidro.

Fenoglio Escritor, contador de histórias; escreveu o livro em torno do qual gira toda a história, Coração de tinta, e inventou o Mundo de Tinta, onde se passa a história. Basta, Dedo Empoeirado e Capricórnio provêm desse livro — e também as palavras com que Mo matou Capricórnio c Meggie leu Sombra foram escritas por Fenoglio. Em troca, na mesma noite, o autor desapareceu em sua própria história.

Dedo Empoeirado E também chamado de Dançarino do Fogo, viveu durante dez anos contra sua vontade em nosso mundo, porque Mo o leu de sua história. Tem três grandes cicatrizes no rosto, provenientes de cortes feitos por Basta. Jamais é encontrado sem sua marta domesticada. No final de Coração de tinta, rouba de Mo o livro do qual provém e para o qual tenta desesperadamente voltar. Por causa desse desejo, até mesmo uniu-se a Capricórnio, seu velho inimigo, a quem entregou Mo e Meggie. Além disso, durante anos, ocultou de Mo onde estava sua esposa desaparecida e também não contou a Resa sobre Meggie e Mo — como vingança por aquilo que a voz de Mo havia tirado dele (e talvez também por estar apaixonado por Resa).

Gwin Marta de chifres, companheira de Dedo Empoeirado. Na verdade, Fenoglio lhe atribuíra um papel funesto: na versão original de Coração de tinta, Dedo Empoeirado morreria ao tentar salvar Gwin dos homens de Capricórnio.

Farid Esse garoto árabe foi lido sem querer por Mo do Livro das mil e uma noites; experiente em ocultar, roubar, espionar, amarrar e outras artes de salteadores. Mas é também um discípulo aplicado de Dedo Empoeirado e fielmente dedicado a ele.

Capricórnio Chefe de um bando de malfeitores e incendiários, foi lido de Coração de tinta por Mo. Procurou-o durante dez anos, para expandir seu poder e sua riqueza através da arte de Mo. Além disso, queria destruir todos os

exemplares de Coração de tinta para impedir que algum leitor o pudesse ler de volta para o Mundo de Tinta. Por essa razão, também manteve Meggie prisioneira e a obrigou a ler Sombra, antigo matador a seu serviço, para o nosso mundo. Capricórnio finalmente foi morto, devido a Sombra, às palavras de Fenoglio e à voz de Mo.

Mortola Também chamada de Gralha. Mãe de Capricórnio, preparadora de venenos, que, durante anos, escravizou a mãe de Meggie. Sempre foi apresentada por seu filho como governanta, porque este se envergonhava de sua (e dele também) origem inferior. Mortola, porém, é mais inteligente — e infelizmente também mais maldosa — do que certo vilão principesco desta história.

Basta Um dos mais dedicados capangas de Capricórnio. Extremamente supersticioso e apaixonado por sua navalha, sem a qual nunca é encontrado. Basta cortou o rosto de Dedo Empoeirado quando ainda estavam em seu mundo. Capricórnio mandou levá-lo para ser dado como comida para Sombra por ter deixado Dedo Empoeirado escapar de suas catacumbas. A morte de Capricórnio acabou por salvá-lo de Sombra. Escapou até mesmo das novas palavras de Fenoglio, que fizeram desaparecer muitos homens de Capricórnio — talvez porque na época fosse prisioneiro de seu senhor, mas talvez também porque (como ele próprio acredita) sua antiga história sentia tanto a sua falta que simplesmente não o deixou morrer.

Darius Antigo leitor de Capricórnio, chamado de Língua Travada por Basta. Ele ajuda Elinor com sua biblioteca. Como costuma sentir muito medo ao ler, as personagens que retira dos livros quase sempre sofrem alguma deformação (por exemplo, Resa, que fica muda).

Em Sangue de tinta, aparecem também:

DO NOSSO MUNDO

Orfeu	escritor e leitor, chamado de Cabeça de Queijo por Farid.
Cérbero	cão de Orfeu
Açúcar	o homem-armário, serve a Mortola e depois a Orfeu

DO MUNDO DE TINTA

SALTIMBANCOS	Povo Colorido)
Bailarino das Nuvens	ex-equilibrista, agora mensageiro, amigo de

Dedo
Empoeirado

Príncipe Negro	atirador de facas, amigo dos ursos, rei dos saltimbancos, melhor amigo de Dedo Empoeirado
0 urso	urso negro, libertado da vida de urso dançarino por Príncipe Negro
Pássaro Tisnado	cuspidor de fogo
Baptista	ator, confecciona máscaras, tem o rosto desfigurado por marcas de varíola
0 homem de ferro	saltimbanco que entorta barras de ferro e é capaz de erguer vários homens de uma vez

NA FLORESTA SEM CAMINHOS

ninfas	vivem nas lagoas da Floresta Sem Caminhos
fadas azuis	delas, Dedo Empoeirado sentiu grande falta durante todos os anos de seu exílio
elfos de fogo	produzem o mel, através do qual se pode aprender a linguagem do fogo
as Damas Brancas	servidoras da Morte
Gaio	salteador legendário inventado por Fenoglio, que, como Robin Hood, ameaça os príncipes e ajuda o povo simples

EM OMBRA

Minerva	senhoria de Fenoglio
Despina	filha de Minerva
Ivo	filho de Minerva
Quartzo Rosa	homem de vidro de Fenoglio

NO CASTELO DE OMBRA

Príncipe Porcino	senhor do castelo e da cidade de Ombra; desde a morte de seu filho Cosme, também chamado de Príncipe dos Suspiros
Cosme	também chamado Cosme, o Belo; falecido filho do Príncipe Porcino
Tullio	pajem de rosto peludo do Príncipe Porcino
Violante	também chamada de Violante, a Feia; filha de Cabeça de Víbora e viúva de Cosme, o Belo
Jacopo	filho de Cosme e Violante
Balbulus	iluminador de livros; levado para Ombra como "dote" de Violante
Brianna	aia de Violante, filha de Roxane e Dedo Empoeirado
Anselmo	guarda do portão

NA GLEBA DE ROXANE

Roxane	mulher de Dedo Empoeirado; ex-saltimbanco e ambulante; cultiva ervas curativas e é uma curandeira respeitada
Jehan	filho de Roxane e de seu segundo marido, falecido
Sorrateiro	marta de chifres
Rosanna	filha mais nova dc Dedo Empoeirado e Roxane

NO ABRIGO SECRETO

Dois Dedos	saltimbanco, excelente flautista, embora só tenha dois dedos numa das mãos
a mulher de dedos curvos	ex-mulher saltimbanco, é contra os saltimbancos esconderem Mo e Resa no Abrigo

Secreto

Benedicta	mulher saltimbanco quase cega
Mina	mulher saltimbanco que está grávida
Urtiga	curandeira

além de muitos outros saltimbancos sem nome

NA ESTALAGEM NA FLORESTA SEM CAMINHOS

O *estalajadeiro*	famoso por sua arte culinária e conhecido como espião de Cabeça de Víbora
a mulher do musgo	curandeira

NO MOINHO DOS RATOS

O moleiro	sucessor do moleiro que era um opositor, de Cabeça de Víbora
O filho do moleiro	aparece pálido de medo. Mas por quê?

NO SANATÓRIO

Mocho	barbeiro cirurgião; cuidou de Dedo Empoeirado quando ainda era menino
Bella	velha curandeira, conhece Dedo Empoeirado há quase tanto tempo quanto Mocho
Carla	garota que ajuda no sanatório

NO CASTELO DA NOITE

Cabeça de Víbora	também chamado de Príncipe de Prata, o príncipe mais cruel do Mundo de Tinta
a quinta esposa de Cabeça de Víbora	já deu duas filhas a Cabeça de Víbora, está grávida de novo, desta vez, como espera Cabeça de Víbora, finalmente de um menino
Estripador	um dos incendiários de Capricórnio; agora trabalha para Cabeça de Víbora
Pífaro	também chamado de Nariz dc Prata; antigo trovador de Capricórnio que canta suas canções sombrias para Cabeça de Víbora
Raposa Vermelha	sucessor de Capricórnio, o arauto de Cabeça de Víbora
Taddeo	bibliotecário do Castelo da Noite
os encouraçados	soldados de Cabeça de Víbora

NA TOCA DO TEXUGO

Ferrolho	salteador, seguidor de Príncipe Negro